

Fernanda Pinto de Aragão Quintino  
Arminda Rachel Botelho Mourão  
(Organizadoras)

# DESAFIOS AMAZÔNICOS E A (TRANS)FORMAÇÃO DE PROFESSORES: HISTÓRIAS DE VIDA DA PRIMEIRA TURMA DE PEDAGOGOS DE ITAMARATI-AM



**DESAFIOS AMAZÔNICOS E A (TRANS)FORMAÇÃO DE PROFESSORES:  
HISTÓRIAS DE VIDA DA PRIMEIRA TURMA DE PEDAGOGOS DE ITAMARATI-AM**





Fernanda Pinto de Aragão Quintino  
Arminda Rachel Botelho Mourão  
(Organizadoras)

**DESAFIOS AMAZÔNICOS E A (TRANS)FORMAÇÃO DE PROFESSORES:  
HISTÓRIAS DE VIDA DA PRIMEIRA TURMA DE PEDAGOGOS DE ITAMARATI-AM**

1ª Edição

Quipá Editora  
2022

Copyright © dos autores e autoras. Todos os direitos reservados.

Esta obra é publicada em acesso aberto. O conteúdo dos capítulos, os dados apresentados, bem como a revisão ortográfica e gramatical são de responsabilidade de seus autores, detentores de todos os Direitos Autorais, que permitem o download e o compartilhamento, com a devida atribuição de crédito, mas sem que seja possível alterar a obra, de nenhuma forma, ou utilizá-la para fins comerciais.

Arte da capa: Pedro Diego Pinto

Direção de arte: Pedro Diego Pinto

Fotografia da capa: Antônio Alcenir de Azevedo Gestruide

Revisão: Elizane Maciel da Silva

**Conselho Editorial:** Me. Adriano Monteiro de Oliveira, Quipá Editora / Me. Antoniele Silvana de Melo Souza, Secretaria de Educação de Pernambuco / Dra. Francione Charapa Alves, Universidade Federal do Cariri / Me. Jarles Lopes de Medeiros, Universidade Estadual do Ceará / Dra. Maria Iracema Pinho de Sousa, Universidade Federal do Cariri / Dra. Mônica Maria Siqueira Damasceno, Instituto Federal do Ceará.

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

D441 Desafios amazônicos e a (trans)formação de professores : histórias de vida da primeira turma de pedagogos de Itamarati-AM / Organizado por Fernanda Pinto de Aragão Quintino e Arminda Rachel Botelho Mourão. — Iguatu, CE : Quipá Editora, 2022.

452 p.

ISBN 978-65-5376-043-1 [e-book/PDF]

ISBN 978-65-5376-044-8 [Físico/papel]

DOI 10.36599/qped-ed1.154

1. Formação de professores - Itamarati (AM). 2. Pedagogia - Itamarati (AM).  
I. Quintino, Fernanda Pinto de Aragão. II. Mourão, Arminda Rachel Botelho. III. Título.

CDD 370.71

---

Elaborada por Rosana de Vasconcelos Sousa — CRB-3/1409

Obra publicada pela Quipá Editora em maio de 2022.

Quipá Editora  
www.quipaeditora.com.br  
@quipaeditora

Esse livro é dedicado a todas as professoras e professores que já atuaram e também aos que atuam nas zonas rurais e comunidades indígenas do estado do Amazonas. Vocês merecem homenagens e muito respeito.





## **AGRADECIMENTOS**

A Deus e aos seres espirituais que habitam e protegem os rios e a floresta, por dar forças e proteção aos autores dessa obra para que não desistissem e também que os preservassem vivos, mesmo diante de tantas aflições e de uma pandemia.

Aos 42 professores da primeira turma de pedagogos de Itamarati que conseguiram chegar ao final do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), no município de Itamarati. Vocês conseguiram vencer desafios pessoais, econômicos, sociais e culturais que os transformaram em seres humanos exemplares. As palavras são muito pouco para expressar todo o nosso respeito, carinho, admiração e orgulho que as organizadoras do livro e os moradores do município tem de vocês.

Aos familiares dos discentes da primeira turma de pedagogos de Itamarati, por tê-los apoiados e compreendido as ausências, incentivando-os a não desistir do sonho de ter uma formação superior para a docência.

À Universidade do Estado do Amazonas pelo incrível trabalho realizado em prol da educação do estado, por ser uma instituição séria e comprometida com a melhoria do povo amazonense, também ao excelente corpo de professores que faz parte dos seus quadros institucionais.

À coordenação geral do PARFOR na UEA pela luta na manutenção e execução dessa política de formação de professores que tem trazido inúmeras melhorias às realidades educacionais do Amazonas.

À coordenação do curso de Pedagogia do PARFOR na UEA por nunca medirem esforços para que os discentes pudessem realizar o curso, mesmo sem condições adequadas, mesmo em tempos e espaços diferenciados, lutando pela formação de tantos pedagogos no estado. Com destaque especial ao trabalho das primeiras coordenadoras do curso, as professoras Jane Lindoso, Meire Terezinha de Oliveira e Nataliana Paiva.

À coordenadora local do PARFOR da UEA no município de Itamarati, professora Maria Meire Pinheiro, pela sua doação e lutas em busca da formação de toda a turma, tendo como resultado de seu trabalho um dos menores índices de abandono e reprovação no curso de Pedagogia PARFOR/UEA entre as 12 turmas que iniciaram no mesmo período. Que sua dedicação seja sempre reconhecida.

Ao professor Francisco Cosmo, Coordenador Pedagógico do Centro de Educação Tecnológica do Amazonas (CETAM), por sua sempre presente prestatividade com os discentes durante o curso, pelo apoio com inúmeras impressões e digitações. O senhor fez a diferença na vida de cada um formando dessa turma.

À todos os professores que foram ao município de Itamarati ministrar aula a turma que acabou de se formar. A contribuição de cada um de vocês, com a entrega e o trabalho (muitas vezes realizado para além do previsto) faz parte dessa história de transformação da realidade educacional do Amazonas.

À professora Áurea Maria Ester Marques, por ter acreditado, lutado e por fim, conseguido realizar o sonho dos professores leigos da zona rural do município em cursar um curso superior numa universidade pública sem precisar sair de Itamarati.

À Secretaria Municipal de Educação de Itamarati (SEDUC/Itamarati) por ter firmado a colaboração junto ao Ministério da Educação e à UEA para a realização do curso de Pedagogia pelo PARFOR no município no ano de 2016.

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas (FAPEAM), pelo financiamento de parte da obra e principalmente pela defesa da pesquisa no estado, financiando



programas de pós-graduação, pesquisas e pesquisadores com o objetivo de desenvolver e preservar o Amazonas.

À coordenação e aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas (UFAM/PPGE), por incentivarem pesquisas que auxiliam no desenvolvimento da educação do estado.

*Defendo, portanto, a unidade da profissão docente do pré-escolar à universidade. Seremos reconhecidos socialmente como sujeitos do conhecimento e verdadeiros atores sociais quando começarmos a reconhecer-nos uns aos outros como pessoas competentes, pares iguais que podem aprender uns com os outros. Diante de outro professor, seja ele do pré-escolar ou da universidade, nada tenho a mostrar ou provar - mas posso aprender com ele como realizar melhor nosso ofício comum.*

*(Maurice Tardif)*



## PREFÁCIO

Rosimario de Aragão Quintino<sup>1</sup>

Itamarati é um dos 61 municípios do interior do Amazonas, e junto com a capital do estado, Manaus, compõem o maior estado do Brasil. Com área de mais de 25 mil km<sup>2</sup> (maior que o estado de Sergipe), Itamarati é situado no sudoeste do Amazonas, às margens do rio Juruá, distante de Manaus quase mil quilômetros, sendo a segunda cidade menos populosa do estado, com aproximadamente 8 mil habitantes.

Falar sobre essa obra, onde generosamente os autores expõem suas histórias de vida e também educacionais, é um prazer inenarrável, devido a relação de carinho, respeito e admiração desenvolvida por mim com todos os membros dessa turma.

Os relatos presentes nessa obra devem ser lidos levando em consideração que efetivamente eles explicitam as realidades vividas nos interiores amazônicos, a partir de suas particularidades e especificidades, onde as noções de tempo e espaço são diferentes dos grandes centros, menos aceleradas, e a organização da vida social possui uma íntima relação com a natureza, como as cheias e secas dos rios, com o período da pesca, do plantio e de colheita, determinando o período de desenvolvimento de certas atividades, como a atividade escolar, cujo períodos de início, recesso e encerramento são determinados pelos fenômenos climáticos.

Conhecer a história de vida das pessoas que vivem essas realidades amazônicas nos possibilita conhecer um pouco da história da vida na própria floresta amazônica. Histórias de pessoas simples, que ao longo de suas vidas passaram por situações de desalento, desesperança, frustração e derrotas, porém conseguiram, a base de muita perseverança e força de vontade, realizar sonhos que pareciam inatingíveis, mas se tornaram realidade. O existir e os desafios da sobrevivência em territórios amazônicos se fazem presentes ao longo das páginas dessa obra, com relatos de pessoas que sentem na pele essas realidades, sem a presença de interlocutores ou de outras pessoas que poderiam modificar ou abrandar esses relatos. Essa obra pode e deve (!) servir de referência para que se conheça a realidade educacional e social do interior do Amazonas e também da Região Amazônica.

A realidade descrita nos mais diferentes capítulos dessa obra, com histórias de vida bastante semelhantes no que diz respeito as condições de existência, mas

---

<sup>1</sup> Licenciado em História e Pedagogia, especialista em História Social e Econômica do Brasil, e em Gestão Educacional: Direção, Coordenação e Supervisão. Mestre em História (UNEB) e doutorando em Educação (UFAM), é professor na Secretaria de Estado de Educação e Desporto do Amazonas (SEDUC).

diferentes no que diz respeito às formas de ser e existir, trazem à tona situações e experiências bastante dolorosas, como a fome extrema, ocorrida antes e durante a realização do curso, o que me deixou estarrecido, uma vez que é sabido que o Estado brasileiro deveria cumprir com a sua obrigação de assegurar os direitos mínimos de sobrevivência não apenas para os autores, mas para toda a população do nosso país.

As narrativas memorialísticas presentes nessa obra, demonstram a luta pela sobrevivência e pela existência, nos possibilitando a percepção de como as pessoas vivem no interior do estado, nas zonas rurais do Amazonas e no meio da floresta amazônica. Não é um texto romantizado por terceiros, mas que tem seus protagonistas como interlocutores, trazendo a “fala” de quem vive a Região Amazônica, e, ao rememorar as suas vidas, nos mostram situações marcantes que demonstram o que é ser um cidadão (ou não) que vive no interior do Amazonas. Longe de encarar esses relatos de forma generalizante, como se tivessem ocorrido de forma igual em locais diferentes, deve-se ter a compreensão de que eles possuem semelhança com situações vividas e presenciadas em outros locais do interior do Estado e da região.

A importância da educação formal, a dificuldade de acesso e permanência nas escolas de educação básica, onde situações como a impossibilidade de ir para a escola por falta de vestimenta, de material didático, ou mesmo de se deslocar até a escola, são descritas como um retrato de uma realidade que não se restringe a Itamarati, ou mesmo aos autores dos textos aqui presentes, mas que se faz presente em boa parte dos interiores e ruralidades do Amazonas. Desse modo, é de suma importância conhecer os relatos dessas pessoas, buscando compreender as suas percepções, sensações e sentimentos, de modo que o leitor possa conhecer um pouco desse universo que é irreal para quem nunca se aproximou dele.

Tendo em vista que a educação muda as pessoas e pessoas mudam o mundo, como escreveu o professor Paulo Freire, patrono da educação brasileira, esses 42 professores estão mudando o mundo, pois quando nos transformamos, acabamos por transformar o mundo ao nosso redor e essas pessoas, ao modificarem suas realidades, entrando na história como os professores da primeira turma de pedagogos formados no município de Itamarati, passaram a carregar também uma responsabilidade, um compromisso com a sociedade: continuar transformando as suas vidas e contribuir para o processo de transformação de outras vidas a partir da educação.

## APRESENTAÇÃO

Esse livro é parte da pesquisa de doutorado, intitulada “Educação do Campo, Trabalho e Desenvolvimento: o curso superior de Licenciatura em Pedagogia-PARFOR (UEA) e suas implicações no trabalho docente no interior do Amazonas”, realizada por mim, a pesquisadora Fernanda Pinto de Aragão Quintino, sob a orientação da professora doutora Arminda Rachel Botelho Mourão, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas (PPGE/UFAM).

No ano de 2017, ao ser convidada a ministrar uma disciplina no Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), fui para o município de Itamarati e tive contato com a uma turma que estava no segundo período do curso. Eram discentes que já lecionavam nas zonas rurais do município há algum tempo e não tinham formação em nível superior. Me deparei com realidades docentes e não docentes que eu jamais poderia imaginar que existiam. Na verdade, eu pouco conhecia o interior do Amazonas.

Voltei outras vezes ao município na condição de professora do curso e ao mesmo tempo que lecionava, também aprendia muito. Esses aprendizados me fizeram pensar no impacto que um curso superior cursado na própria cidade - que para muitas pessoas pode soar como comum, mas que nas realidades amazônicas não é -, pode trazer aos professores, tanto na prática profissional, como na vida social, nas relações familiares e na autoimagem dos cursistas.

O trabalho de conclusão de curso foi um Memorial Descritivo-Analítico que versasse sobre: as primeiras lembranças educacionais, as experiências profissionais antes e durante o curso, a motivação para iniciar o trabalho docente, as experiências no curso de Pedagogia, com as disciplinas, colegas, familiares, estágios, conciliação do trabalho com o estudo e seus planos para o futuro. Com a pandemia de covid-19, foi solicitado que eles também escrevessem sobre suas experiências enquanto docentes e discentes nos anos de 2019 e 2020.

A escrita do memorial foi dividida em duas disciplinas, Pesquisa e Prática Pedagógica I, que ocorreu no início de 2019, onde eles escreveram a maior parte do memorial, tendo como professores orientadores eu e o professor Rosimario de Aragão Quintino. A disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica II, que ocorreu no segundo semestre de 2021 para a sistematização da primeira parte do memorial, a organização dos relatórios dos três estágios docentes e a conclusão do memorial. A disciplina

ocorreu de forma virtual devido à pandemia, e teve como orientadores eu, o professor Rosimario de Aragão Quintino e a professora Maria de Fátima Dantas de Figueiredo.

Os textos finais, entregues a UEA para a conclusão do curso de Pedagogia da turma em questão, ficaram com extensão de 30 até 46 laudas e para a construção desse livro, eu, enquanto organizadora da coletânea e com a autorização de todos os discentes, realizei a adaptação e redução dos textos de cada memorial, transformando-os em textos curtos para que pudessem ser publicados num único livro.

Foi um trabalho com muitas idas e vindas, baseado no conteúdo que expõe a vida dos discentes e que também cita outras pessoas que vivem no município. Buscamos, eu e os discentes, não mencionar lembranças que podem de alguma forma comprometer outras pessoas ou ofendê-las. Então, esses textos são fruto de muitas negociações e análises entre os autores e a coautora/orientadora/organizadora.

A publicação desse livro é um marco para a história da educação no Amazonas, sendo o primeiro livro publicado sobre docentes de Itamarati, com suas histórias de vida e profissão, o primeiro sobre o município, que tem apenas 38 anos de (re)fundação, e também o primeiro sobre uma turma do PARFOR da UEA. Mas, sem dúvidas, ele é para os seus autores, incluindo a organizadora, um troféu. As narrações aqui presentes eternizam as histórias de vida, com alegrias, tristezas e força do povo amazônida, pois são um retrato feito pelas mãos dos seus protagonistas.

As especificidades de um estado que tem a área territorial (1.571.000 km<sup>2</sup>) maior que toda a Região Nordeste do país (1.558.000 km<sup>2</sup>) - completamente recortada por rios e afluentes -, em meio a uma floresta densa e úmida, mas que, ao mesmo tempo, possui um dos menores índices de densidade demográfica do Brasil (2,23 habitantes por m<sup>2</sup>), faz com que as histórias aqui narradas por quem viveu a pobreza extrema, a fome, a falta de instituições públicas básicas para o atendimento e garantia de direitos básicos, sejam o norte das lembranças que marcaram a infância e adolescência desses docentes.

Hoje, todos são professores formados em Pedagogia, infelizmente 2 dos discentes que iniciaram o curso ficaram pelo caminho, mas os que seguiram firme, entregam aos leitores 42 artigos repletos de desafios amazônicos e realidades educacionais amazônicas, todas vivenciadas por quem já foi aluno e hoje leciona nas zonas rurais e urbanas do município de Itamarati. Tenham uma ótima experiência com a leitura dos textos!

*Fernanda Pinto de Aragão Quintino*



## SUMÁRIO

PREFÁCIO

APRESENTAÇÃO

CAPÍTULO 1 VIVENDO E SUPERANDO OS MEUS DESAFIOS	19
CAPÍTULO 2 UM PEQUENO TRECHO DE UMA GRANDE HISTÓRIA	31
CAPÍTULO 3 MEMÓRIAS DE UM EDUCADOR VITORIOSO	43
CAPÍTULO 4 A EDUCAÇÃO MUDOU A MINHA HISTÓRIA	51
CAPÍTULO 5 MINHA VIDA E A EDUCAÇÃO	61
CAPÍTULO 6 SONHOS, LUTAS E DESAFIOS NA VIDA DE UM PROFESSOR	69
CAPÍTULO 7 MINHAS MEMÓRIAS COM A EDUCAÇÃO	81
CAPÍTULO 8 UVATIZEDE UVAPEDENI UHADE UVI BAVA DENI KHAUHANI	93
CAPÍTULO 9 A EDUCAÇÃO E SEUS DESAFIOS	101
CAPÍTULO 10 O FILHO DO EPIFÂNIO	111
CAPÍTULO 11 SOBREVIVENDO AOS DESAFIOS DA VIDA E VENCENDO PELA EDUCAÇÃO	121
CAPÍTULO 12 EDUCAÇÃO, LUTAS E CONQUISTAS: A HISTÓRIA DA MINHA VIDA	131
CAPÍTULO 13 A PERSISTÊNCIA DE UM ACADÊMICO	141
CAPÍTULO 14 A EDUCAÇÃO RESSIGNIFICOU MINHA HISTÓRIA E MUDOU A MINHA VIDA	153
CAPÍTULO 15 MINHA EVOLUÇÃO ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA	167
CAPÍTULO 16 A LEITURA E A ESCRITA TRANSFORMAM VIDAS	175

CAPÍTULO 17 EDUCAÇÃO: UM CAMINHO DE TRANSFORMAÇÃO	183
CAPÍTULO 18 A PEDAGOGIA MUDOU A MINHA HISTÓRIA	193
CAPÍTULO 19 MINHAS MEMÓRIAS EDUCACIONAIS	203
CAPÍTULO 20 MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA	213
CAPÍTULO 21 MINHAS LUTAS E CONQUISTAS	223
CAPÍTULO 22 AS BATALHAS QUE LUTEI E VENCI ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO	233
CAPÍTULO 23 VATIUNIA DENI UHADE UHANUARU	243
CAPÍTULO 24 SONHO REALIZADO	253
CAPÍTULO 25 A EDUCAÇÃO ME DEU A CHANCE DE SONHAR	259
CAPÍTULO 26 UM POUCO SOBRE MINHA VIDA	273
CAPÍTULO 27 MEMÓRIAS DE UMA VIDA DE LUTAS E VITÓRIAS	283
CAPÍTULO 28 MEU CAMINHO ATÉ A ESCOLA	293
CAPÍTULO 29 A EDUCAÇÃO TRANSFORMOU MINHA VIDA	301
CAPÍTULO 30 A EDUCAÇÃO TRANSFORMA VIDAS	313
CAPÍTULO 31 MUDANÇAS E AVANÇOS QUE A EDUCAÇÃO ME PROPORCIONOU	323
CAPÍTULO 32 LUTAS, DESAFIOS E CONQUISTAS: MINHA VIDA E A EDUCAÇÃO	333
CAPÍTULO 33 TRANSFORMAÇÃO DE VIDA E EDUCAÇÃO: MINHA TRAJETÓRIA	343
CAPÍTULO 34 A EDUCAÇÃO TRANSFORMOU A MINHA VIDA PARA SEMPRE	353

CAPÍTULO 35 TRANSFORMAÇÕES NA MINHA VIDA E O CURSO DE PEDAGOGIA	363
CAPÍTULO 36 A IMPORTÂNCIA DO CURSO DE PEDAGOGIA PARA A TRANSFORMAÇÃO DA MINHA VIDA	369
CAPÍTULO 37 MEMÓRIAS EDUCACIONAIS DA MINHA VIDA	379
CAPÍTULO 38 EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA	391
CAPÍTULO 39 MINHA VIDA, A EDUCAÇÃO E O CURSO DE PEDAGOGIA	399
CAPÍTULO 40 HUHANIM IWATIKOK NIM AKANARUTOM	411
CAPÍTULO 41 DIAS DE LUTA, DIAS DE VITÓRIAS: MINHA VIDA E A EDUCAÇÃO	427
CAPÍTULO 42 UNATUA ZAMABUKHU UNARU HIBAMUTHAPE	435
POSFÁCIO	445
SOBRE OS AUTORES	447



## **CAPÍTULO 01**

### **VIVENDO E SUPERANDO OS MEUS DESAFIOS**

Antônia Rosane Viana de Paula  
Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### **Introdução**

Este memorial irá apresentar relatos relevantes da minha trajetória de vida estudantil, acadêmica e profissional, objetivando descrever recordações da infância, desde o primeiro contato com as experiências profissionais adquiridas no Curso de Licenciatura em Pedagogia PARFOR-UEA.

Ao ingressar no curso de Pedagogia, surgiram dificuldades e desafios que me desmotivavam, o pior deles era estudar desempregada, sem condições para comprar nem uma merenda, porém mediante dos obstáculos que me cercavam, os mesmos era motivo de persistir e buscar melhoria tanto para minha vida pessoal, quanto profissional.

#### **Meu caminho até a escola**

Nasci no dia 31 de outubro de 1991, na comunidade Cubú. Sou filha de Maria Suzete Correia Viana e Arnóbio da Silva de Paula. Tenho 7 irmãos, somos quatro mulheres e três homens, Maria Rosângela Inácio Cavalcante, Maria Alceniza Viana da Silva, Josiane Viana de Paula, José Carlos Viana de Paula, José de Jesus Viana de Paula e Matias Viana de Paula. A Maria Rosângela e a Maria Alceniza só são minhas irmãs por parte de mãe, elas não moravam conosco, moravam com meus avós maternos.

Nesta comunidade tive o prazer de desenvolver os melhores conhecimentos juntos com meus pais, irmãos e parentes, com meus pais aprendi a valorizar as pequenas coisas. Pois não nasci de uma família rica, minha família era muito humilde, a nossa renda era a agricultura e da pesca, quando meus pais iam exercer seu trabalho, eles muitas vezes nos levavam que era para eu e meus irmãos ajudar a plantar a melancia e a roça, entre outros alimentos.

Mesmo eles nos levando para ajudar, eu e meus irmãos tirávamos um tempo para brincar, brincávamos de rebolar barro um no outro, da corrida e do pega-pega, essas brincadeiras eram muito

divertidas, sendo que quando não íamos para o trabalho, nossa diversão era em casa, nossa mãe determinava a tarefa que deveríamos fazer, uns iam carregar água e outros iam arrumar a casa.

Na comunidade que eu morava vivia muitas famílias, a maioria era parente, eu e meus irmãos juntos com amiguinhos gostávamos muito de tomar banho dentro da água e brincar de tacar, a nossa bola era um coco de tucumã e gostávamos também de brincar de casinha.

A minha convivência com meus irmãos era boa em partes, porque tinha vezes que nós tínhamos aquelas briguinhas como todos os irmãos. Brigávamos por causa das nossas coisas, eu não gostava que minha irmã usasse minhas roupas e nem pegasse na minha boneca, pois tanto eu como ela, éramos desprevenidos de roupa e brinquedos, pois meu pai era quem conseguia o sustento, ele pescava e vendia o peixe para o dono da comunidade. Apesar de meus pais serem um pouco rígidos em certos momentos, eles sempre queriam que nós entrássemos na escola para que fossemos alfabetizados, pois eles não tiveram oportunidade de estudar, pois trabalhavam muito com seus pais na extração da borracha.

Em 1997 fiz a primeira série com 6 anos de idade, foi a partir desse ano que iniciei minha trajetória escolar, na escola Osório Cavalcante, com o professor José Roberto Brito de Oliveira. Minha escola era um lugar bem simples e além de simples era muito pequena, seus compartimentos eram só uma sala de aula e uma cozinha, a cozinha era onde o professor morava e onde era colocada a merenda, as cadeiras eram de madeira, não tinha ventilador e nem banheiro, só tinha uma mesa, um quadro negro e as cadeiras.

Na cozinha não tinha nada, só o espaço. Mesmo só com esses itens eu tinha orgulho de estudar, meu material não era meus pais que compravam, era a SEDUC que mandava, meu professor era um ser humano muito rígido com certos alunos, mas era ótimo ensinado. Quando eu comecei a estudar eu não sabia ler e nem escrever, eu e meus irmãos carregávamos nosso material escolar dentro de um saco de açúcar que nossa mãe colocava uma corda para ficar melhor de carregar.

Nossas roupas de usar em casa e ir para a escola eram a minha mãe que fazia, não era nova, mas dava para usar, muitas vezes íamos sem sandália para a escola, porque as que a gente tinha quebrava, a minha mãe colocava prego ou então ela costurava, que era para não irmos descalço para a escola, mas nem todas as vezes dava certo essa ideia dela, porque as vezes só dava para chegarmos na escola e já quebrava novamente.

Nosso professor não se importava com o jeito da nossa roupa ou calçado, a escola ficava não muito longe da minha casa, mas minha mãe não confiava que nós fôssemos sós, sempre ia deixar eu e meus irmãos na escola, pois estudávamos no mesmo horário, no turno matutino. As disciplinas que o professor mais administrava era português, matemática e educação física. Quando acabava as aulas de educação física, ele nos levava para a beira do igarapé para nós tomarmos banho, era muito divertido.

Na sala de aula ele não gostava que o aluno ficasse conversando, ele queria que prestasse atenção na aula, quando os meus colegas não obedeciam, ele ficava irritado. A nossa escola não tinha banheiro, para fazer nossas necessidades tínhamos que ir para mata. A merenda que ia para nossa escola era bolacha, mingau, e

leite. Cada dia era uma coisa, pois a merenda não dava para o ano letivo todo, sempre acabava antes das aulas terminarem.

No ano de 1998, eu tinha 7 anos e fiz a segunda série com o mesmo professor do ano anterior, pois foi no segundo ano que meu desenvolvimento de ler e escrever se abrangeu, mas, neste mesmo ano fui abençoada com um irmão, o José de Jesus que teve pneumonia, neste período toda nossa família passou momentos aterrorizantes por motivo da doença do meu irmão, tinha dia que meu irmão tinha a crise que a gente pensava que ele ia morrer, isso no dia seguinte tirava nossa concentração dentro da sala de aula, mas depois de muito sofrimento e aflição ele foi curado da tal pneumonia.

No ano de 1999, com 8 anos, meus pais decidiram experimentar a vida na cidade, nesse ano eu e meus irmãos ficamos sem estudar por motivo que a escola não aceitava alunos sem transferência e nem no meio do ano, nessa vinda à cidade, moramos na casa do meu avô João Rosalino, que nos acolheu por seis meses na sua casa.

Meu avô tinha um roçado de cana, foi então que meu pai, como não tinha trabalho, resolveu ajudar meu avô a fazer mel e rapadura de cana, ele vendia e comprava a nossa alimentação, meu pai viu que nossa vida não ia ser fácil na cidade, pensou em voltar para o seringal onde morávamos, porque nós não tínhamos nem uma casa, ele já estava se sentindo incomodado nas casas, ele queria mesmo era conseguir um lugar para a nossa família ficar. Até que meu avô conseguiu uma casa, ela não era muito grande, mas o que importava era que nós tínhamos uma casa, não importava o tamanho. Mesmo depois de ter saído da casa do meu avô, o meu pai continuou trabalhando com ele, pois não tinha outro trabalho. Passamos várias dificuldades financeiras, tinha dia que nós almoçávamos, mas não jantávamos.

No ano de 2000 eu tinha 10 anos, comecei a estudar a terceira série na escola Santos Dumont, com a professora Osmarina, foi um ano letivo muito difícil, pois eu não conhecia ninguém na minha turma. Meus irmãos ficaram em turma diferente, eu era tão tímida e vergonhosa que não conseguia me relacionar com meus colegas.

A escola tinha umas sete salas de aula, dois banheiros, um masculino e outro feminino e a sala do diretor, também tinha outros departamentos. A nossa merenda era muito boa, todo dia as merendeiras faziam merenda diferente, tinha dia que era sopa, o outro era arroz doce e assim seguia a rotina. Eu gostava sempre de levar um vaso que era para eu levar merenda para o meu irmão. Meus materiais não eram meus pais que compravam, eu que ganhava na escola, minha mochila não era mais um saco de açúcar, era minhas mãos, eu não levava mais meus materiais dentro do saco de açúcar porque tinha vergonha dos meus colegas.

Em 2001 fiz a 4ª série com 11 anos, na mesma escola com a professora Beleza, ela era uma pessoa muito atenciosa com seus alunos, administrava uma disciplina que não lembro exatamente qual era, mas uma vez ela nos passou um trabalho que era para a turma fazer um desenho com o caroço de milho, eu fiquei sem saber o que fazer, pois não tinha ideia como utilizar os caroços de milho no desenho, pedi orientação e ela me



disse: faça o que você quiser, a ideia é essa, então fiz uma flor e ela gostou. Esse aprendizado carregou comigo até hoje, porque não tinha esse conhecimento de como utilizar as sementes para fazer obra de arte.

Em 2002 fiz a 5ª série na mesma escola, com o professor Jorge Ivan. No decorrer dos anos meu desenvolvimento no ensino e aprendizagem evoluía, eu era muito esforçada para aprender, o professor Jorge era muito rígido, não tolerava conversinha dentro da sala. Ele gostava que nos prestássemos atenção na sua explicação, porque ele não explicava novamente, se entendesse da primeira vez tudo bem, se não entendesse ele não estava nem aí. Todos os professores que eu estudei nessa escola não gostavam de fazer brincadeiras, era somente os conteúdos.

Uma coisa que a escola fazia era a marcha do dia 7 de Setembro, para mim era novidade aquele evento, pois eu não tinha conhecimento e nem sabia o significado daquilo, mas eu gostava muito quando começava o período dos ensaios.

Em 2003 mudei para a escola Estadual Francidene Soares Barroso para estudar a 6ª série, nessa escola tinha várias salas, estudava uma quantidade enorme de alunos, a estrutura dessa escola aparentemente era muito boa, pois ela era de dois pisos, tinha sala no andar de baixo e de cima, tinha quatro banheiros dois masculinos e dois femininos, dois ficavam na área de baixo e dois no andar de cima. Eu estudava com nove professores, um para cada matéria, a matéria que eu não gostava era de matemática que era aplicada pelo o professor Magide Teixeira de Paula, ele era um professor muito rígido na sua forma de ensinar. Porém, sua explicação era entendedora e bem ampla, ele explicava quantas vezes fosse necessário.

O período que eu estudava era o turno vespertino, nossa escola obtinha regras que a gestora determinava, de maneira nenhuma ela aceitava que os alunos fossem de bermudas ou blusinha para a escola, tinha que ir todos fardados, se não fosse fardado ela não permitia que entrasse na escola, era uma rigidez tremenda, na hora da merenda as merendeiras vinha entregar a merenda na porta da sala, isso acontecia todos os dias.

Nesse mesmo ano eu comecei a trabalhar com minha irmã, eu tinha 12 anos, estudava no período da manhã e trabalhava à noite, porque minha irmã estudava a noite e não tinha quem ficasse com sua filha, pois seu marido viajava constantemente.

Estudei só um ano nesse colégio no período da manhã, quando foi no ano de 2004 eu fiz a 7ª série. No ano de 2005 eu comecei, mas não conclui a 8ª série, então fui estudar a oitava série somente no ano de 2006. Eu saí da tarde para o turno da noite, que era para mim trabalhar durante o dia com minha irmã, ela tem uma loja de confecção e não podia fazer as coisas na sua casa e nem cuidar da sua filha e me deu essa responsabilidade, fiquei trabalhando em sua casa no período da manhã e à tarde trabalhava na loja, minha rotina era trabalhar e estudar para ajudar meus pais.

No ano de 2005 eu desisti de estudar para ir para o seringal com uma conhecida, somente para passear e pedi o ano letivo. Quando estava no seringal recebi uma notícia que meu tio por parte de pai tinha morrido

afogado, ele chamava Alcenor, deixaram seus filhos todos pequenos sem condição financeira nenhuma, antes disso eu já tinha perdido outra tia que se chamava Áurea, e uma bisavó, essas perdas me deixaram muito abatida, não só a mim, mas como toda a minha família.

No ano de 2006 eu retornei a estudar, fazendo a oitava série, mas tinha muitas vezes que eu não ia para a escola e quando ia, eu não dava muita atenção, queria mesmo era ir passear na rua com minhas amigas. Passei o ano todo agindo assim, sem dar atenção para estudar, quando entrei na fase da adolescência meu comportamento mudou totalmente meu interesse em relação à escola, até mesmo na obediência com meus pais eu dificilmente obedecia às regras que eles falavam.

No ano de 2007 comecei a estudar, mas não concluí, pedi minha avó por parte de mãe, foi uma perda muito dolorida porque eu a amava intensamente, retornei a desisti da escola já quase no final do bimestre para ir a Manaus, passei o ano de 2008 e 2009 vivendo em Manaus, esse período que passei lá eu não estudava porque não tinha levado minha transferência, gostei muito de viver em Manaus, mesmo sendo uma cidade com algumas pessoas violentas, no entanto não deu certo viver lá, retornei a viver na cidade de Itamarati junto com meus pais, onde dei continuidade aos meus estudos.

No ano de 2010 eu iniciei o nono ano na mesma escola que iniciei o 6º ano, não pensava mais em desistir, queria mesmo era terminar, ia todos os dias, só faltava mesmo quando eu não aguentava. Pois foi nesse ano que eu engraidei do meu primeiro filho, chamado Anderson de Paula Oliveira, minha gravidez era complicada, sentia vários sintomas de mal estar, mesmo sentido esses sintomas eu não desisti de estudar e nem de trabalhar. Neste mesmo ano minha irmã me chamou para trabalhar novamente em sua loja, eu aceitei porque não queria depender dos meus pais para sustentar meu filho, porque mal eles conseguiam dinheiro para o rancho de casa, era muito cansativo exercer as atividades que meu trabalho tinha, como passar horas em pé.

Em 2011 e 2012 estudei por via tecnológica, com os professores virtuais de Manaus, tinha uma professora presencial que nos ajudava a entender alguns pontos, seu nome é Maria de Fátima Pinheiro, estudar por via tecnológica era bastante complicado, porque não dava tempo pegar os conteúdos devidos os professores passar o conteúdo muito rápido, para eu estudar no ano de 2011 foi bastante difícil, porque tinha dia que eu saía da escola para ir em casa amamenta meu filho.

Para eu trabalhar pagava minha irmã para poder ficar com meu filho, e para eu ir para a escola, minha mãe ficava com a minha filha. A minha casa ficava longe da escola, as vezes eu tirava o leite do meu peito e colocava dentro da geladeira. Foi depois que eu tive meu filho que passei a pensar e ver o mundo de outra maneira e pude perceber a importância do estudo para minha vida. Alguns dos meus colegas do ensino médio tiveram a oportunidade de fazer cursos formativos, outros casaram e ficaram só no ensino médio.

Em 2013 finalizei o 3º ano do ensino médio através do estudo tecnológico, com a professora presencial Fátima Pinheiro, a mesma dos dois anos anteriores, nossa professora era uma maravilhosa educadora, nos

ajudava no que podia, nunca foi de deixar problema na turma, a nossa relação tanto entre colegas e professora era muito satisfatória. Estudar no ensino médio foi uma experiência executada dia após dia, pensava que nunca ia conseguir terminar porque desistia muito, com o passar dos anos aprendi que desistir sempre na metade do caminho não ia munda meu mundo.

### **Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR**

Antes de trabalhar na docência, já trabalhei em casa de família como doméstica, sendo que eu não sabia fazer quase nada, sabia somente o básico, como fazer a limpeza em casa, comida eu não sabia fazer, também trabalhei como babá, depois trabalhei como vendedora em uma loja de confecção. Iniciei minha profissão como professora no ano de 2014, através do meu cunhado Antônio Taveira que me indicou para o secretário de educação.

Meus pais não aceitaram a minha decisão, porque meu filho tinha apenas 3 anos, passando-se alguns dias, fui chamada para fazer um treinamento com a equipe pedagógica da secretaria de educação. Esse treinamento era para criarmos nosso material, como cartaz de sílabas, vogais o alfabeto e os números naturais.

Uma semana depois do treinamento, fomos comunicados em qual localidade da comunidade que iríamos trabalhar, após essa reunião o secretário marcou o dia que cada supervisor ia se locomover com os professores para cada comunidade. A secretaria mandava deixar os professores só uma vez por ano, eles iam deixar para apresentar o professor para as pessoas da comunidade. Depois que eles deixam o professor na comunidade, nós vamos para cidade por contra própria.

Quando os supervisores foram nos deixar, passamos por uma aflição, quase próximo da comunidade Conceição tinha uma balsa encalhada que logo os cabos quebraram e o rebocado virou com algumas crianças e adultos, com a ajuda dos meus colegas, não morreu ninguém. Foi uma experiência difícil.

A comunidade que eu fui dar aula ficava localizada na área de baixo do município de Itamarati, é chamada de São Brás, para chegar nela gastávamos dois dias, devido à escala de paragem em cada comunidade. Quando parávamos para deixar o professor, passávamos mais de uma hora, porque tinha que esperar tirar todas as coisas do professor, nossa alimentação na viagem era por conta da prefeitura, era muito boa.

Na comunidade que eu fiquei era eu e outro colega chamado Leonardo Pereira, quando chegamos à comunidade não tinha casa para ficarmos, pois ele tinha levado sua família, ficava ainda mais difícil porque sua mulher estava com uma filha recém-nascida e estava doente da malária, nesse dia, dormimos na casa da dona da comunidade, chamada Celeste Taveira, que nos acolheu até o supervisor arrumar uma casa para nós ficarmos, outro dia o supervisor conseguiu alugar uma casa que era do filho da dona Celeste, pois ele não

morava mais na comunidade. A casa era muito pequena e o quarto que eu fiquei com meu filho era ainda mais.

Os supervisores deixavam os professores na comunidade e na volta era que eles viam fazendo reunião para apresentar o professor e iniciar o ano letivo, meu colega trabalhava dois horários, o turno matutino e o turno vespertino e eu trabalha junto com ele no turno vespertino, com alunos do sexto ao nono ano, dividimos a turma e eu fiquei com os alunos do sexto e sétimo ano e ele ficou com oitavo e nono ano. Meu primeiro dia de aula foi terrível, eu não sabia nem por onde começar, deu vontade de largar tudo e vir embora, mas como já tinha entrado nesse desafio, decidi enfrentar.

A estrutura da escola não era muito boa, pois não tinha itens adequados para exercer de uma aula, ela era pintada para esconder certos detalhes, pois as salas tinham somente cadeiras e um quadro negro, para as crianças fazerem suas necessidades elas tinham que ir para a mata por que o banheiro que tinha não podia ser utilizado, pois não tinha encanção de água para que pudessem fazer a limpeza após a utilização. A cozinha não tinha estrutura para ser feita a merenda dos alunos e a escola não tinha nenhum ventilador nem ar-condicionado, por não ter esses itens, tornava nossa forma de ensinar difícil, porque tinha dia que dentro da sala os alunos não aguentavam com calor, sendo que além de tudo não tinha bebedouro.

Meu colega era um pouco estressado em certos momentos, mas a nossa convivência não era ruim, minha relação com a comunidade era muito boa, não só com a comunidade, mas com meus alunos dentro da sala de aula, apesar de ser meu primeiro ano, eu tinha uma paciência enorme de ajudar meus alunos na hora das suas dificuldades.

Nesta comunidade descobri que estava grávida, está gravidez me deixou desorientada, pois não esperava ter uma gravidez no meio de tanto trabalho, essa gravidez ia me levando a morte, devido um desejo de comer ovos de quelônios. Tinha dia que ia ministrar as aulas quase sem vontade, mas era minha obrigação, tinha certos alunos que tinham dificuldade de ler e escrever, eles estavam no sétimo ano e isso me deixava muito desesperada porque não sabia exatamente como fazer para ajudá-los.

No ano de 2015 fui novamente para a mesma comunidade com mas dois colegas: o Leonardo Pereira e a Rosilene Lima. Nesse ano já tinha a casa do professor, mas só tinha dois quartos, uma cozinha e uma sala, não tinha banheiro, era bem pequena para três famílias, era bastante desconfortável conviver com várias pessoas no mesmo ambiente, pois tinha dia que a partir das 5 horas da manhã a gente não conseguia mais dormir com o barulho da colega brigando com seu filho, foi um ano intenso, com vários obstáculos que era apresentado no dia a dia.

A Rosilene exercia a sua aula no período da manhã, eu e o Leonardo trabalhávamos no período da tarde, cada um tinha seu horário, pois neste ano as aulas eram lecionadas por tempos. Neste ano enfrentei uma dificuldade muito grande com a minha filha Leticia, ela teve uma doença que deixou seu corpo todo

ferido, como na comunidade não tinha recurso para tratar aquelas feridas, tive que vir para a cidade atrás de recursos.

Devido um incidente no ano 2016 eu não fui para mesma comunidade, fui lotada na comunidade Conceição do Raimundo, com o professor Machione Lopes e a professora Ivanete Silva, eles já tinham trabalhado nos anos anteriores, mas eu não tinha conhecimento em relação à comunidade e nem com meus colegas, mas foi nesta comunidade que criei um laço de amizade com os dois.

A estrutura da casa do professor era muito complicada, porque era muito pequena e só tinha uma parede de divisão, não tinha quarto, como a casa era muito pequena eu e minha família ficamos no quarto da escola, que era uma sala de aula, mas não estava sendo utilizada, ela tinha uma estrutura quase igual à outra escola que eu tinha trabalhado, só um pouco mais velha, nela tinha muitos morcegos que me deixavam aterrorizada, a sala que era usada para dar aulas só tinha umas cadeiras, um quadro negro e uma mesa do professor.

A estrutura da cozinha não era boa para utilizar, para os alunos fazerem suas necessidades tinham que ir para o mato, nesse ano não foi merenda para a escola, os alunos reclamavam muito de fome, porque antes deles virem para escola não tomavam nem café, devido não ter em casa e essa falta de alimentação prejudicava muito seu desenvolvimento no ensino aprendizagem.

Quando cheguei nessa comunidade presenciei várias dificuldades nos moradores, eles eram pessoas muito humilde, tinha uma criança que marcou muito minha vida, pois sua mãe sofria de uma doença psicológica chamada “resguardo quebrado” e ela era cuidada por irmãos maiores que muitas vezes não cuidavam dela. Ela iniciou o pré-escolar nesse mesmo ano, tinha dia que ela ia descalça para a escola e um pouco suja, mas eu tinha um carinho enorme por ela.

Eu e o professor Machione exercíamos as aulas das crianças do pré ao quinto ano, e a tarde o professor exercia com a professora Ivanete, mas ela não estava lecionando porque estava de licença maternidade, nossa convivência era muito boa.

No ano de 2017 voltei para a comunidade São Brás, ganhando duas cadeiras, foi um desafio de tirar o folego porque quando saía do horário matutino, mal dava para almoçar e retornava para escola novamente com os alunos do sexto ao nono. Neste ano ao ensinar esta turma, descobri que tinha uma aluna que já estava na sétima série e não sabia ler, somente copiava o que eu passava no quadro, só descobrir que ela não sabia ler porque sempre gostava de fazer a leitura de algum texto, quando chegava à sua vez ela não lia, até que certo dia sua irmã falou que ela não lia na hora da leitura porque não sabia ler. Isso me chocou muito, foi então que resolvi colocar ela no período da manhã junto com as crianças do pré ao quinto ano, com essa dificuldade trabalhava sempre com uma metodologia diferenciada.

Eu procurava sempre trabalhar dentro da dificuldade de cada um, antes de conhecer o PARFOR, minha metodologia de educar era totalmente diferente, não exercitava nenhuma dinâmica que fosse atrativa para

os alunos. O que me ajudou a melhorar a minha forma de ensinar foram os cursos de formação continuada que eram promovidos pela secretaria de educação em parceria com a prefeitura municipal do município e cursos do PNAIC, que distribuía diversos materiais, como jogos, para aplicar em sala de aulas com as crianças, e o curso Escola da Terra que era realizado pela UFAM, com a professora Albelane. Esse curso me ajudou bastante no meu desenvolvimento educacional como professora, nós só estudávamos uma vez por ano e era só uma semana, estudávamos o dia inteiro, era muito cansativo.

Quando começamos esse curso já estávamos trabalhando no interior, porém, quando chegava a data que ia iniciar a aula, nós tínhamos que nos deslocar da comunidade para vir para a cidade, mas mesmo com certas dificuldades de transporte, foi muito proveitoso esse curso, eu tinha muita dificuldade e nervoso na hora de me expressar nas dinâmicas posta pela professora.

A palavra PARFOR para mim era desconhecida, pois não sabia seu significado, só tive conhecimento do que era PARFOR quando iniciei os estudos, quando foi para eu ser matriculada o secretário me mandou organizar meus documentos, eu não sabia para o que era, quando levei esses documentos ele falou que era para fazer a matricular dos professores da zona rural, para exercerem uma graduação, no momento eu não acreditava que ia ter a oportunidade de fazer uma faculdade.

Quando outras pessoas da cidade descobriram que vinha uma faculdade de Pedagogia para o município, foram atrás da secretaria Áurea Maria Ester para ela conseguir vagas para seus filhos, mas ela não aceitou, deixando bem claro que essa faculdade era prioridade dos professores da zona rural. Sendo que foi a dona Áurea Maria Ester, junto com seu esposo João Campelo que na época era prefeito, que conseguiram essa faculdade para nos ajudar a aprimorar nossos conhecimentos em sala de aula. As matrículas foram feitas no ano de 2014 e só começamos a estudar no ano de 2016, no dia 26 do mês de junho, no prédio municipal CETAM.

No primeiro período estudamos Informática Básica com o professor Rosinaldo neste período vieram outros professores, as aulas eram muito boas e ao mesmo tempo difíceis, porque eu tinha muita dificuldade e nervosismo ao me expressar nos seminários, com o decorrer dos períodos vieram vários outros mestres com doutorado e mestrado, cada um com experiências diferenciadas na sua forma de transmitir seus conhecimentos.

Nas atividades integradoras postas por todas as disciplinas adquirimos vários conhecimentos, essas atividades vieram agregar diversa aprendizagens, como nos ensinar a criar vários materiais didáticos para aplicar dentro do contexto escolar. As atividades integradoras eram aplicadas fora do horário de aula, cada disciplina tinha uma atividade diferente, umas em forma de palestra, outra em pesquisa de campo e assim sucessivamente, mas cada uma com seu objetivo.

No segundo ano do curso enfrentamos uma dificuldade imensa na questão financeira, pois ficamos sete meses sem receber um centavo, era muito triste chegar em casa e ver meus filhos pedindo dinheiro para

merenda e a gente não ter, neste período a minha renda era o Bolsa Família, só dava para compra a comida, quando o dinheiro acabava quem me ajudava a comprar comida era minha mãe e minha sogra.

### **Estudando, trabalhando e lutando: o percurso da minha formação**

Essa faculdade veio para melhorar meus conhecimentos e mudar minha forma de ensinar, depois que iniciei a faculdade minha atuação profissional mudou totalmente, antes eu não tinha métodos dinâmicos para ensinar meus alunos, era somente conteúdos e mais nada, eu mesma percebia que minha forma de ensinar não preenchia as expectativas dos alunos, com o aprendizado adquirido ao longo do curso, mudei constantemente a minha forma de transmitir os conteúdos para as crianças e os adolescentes. Com essa formação comecei a criar novas estratégias e métodos de ensino que antes eu não fazia planejamento. E dentro dos conteúdos comecei a criar brincadeiras para melhorar o ensino e a aprendizagem e incentivava as crianças para estudar, pois aprendi que é brincando que se aprende.

Quando o curso iniciou em 2016, eu trabalhava como docente na zona rural, na comunidade Conceição do Raimundo, em uma turma multisseriada. Tendo dois filhos, um menino de 6 anos e uma menina de 1 ano e 5 meses de nascida, e tendo que estudar o dia todo, não tendo dinheiro suficiente para pagar uma babá para cuidar dos dois, e os demais da família tinham suas ocupações, eu deixava o menino com minha mãe e minha sogra deixou de trabalhar para cuidar da sua neta, para eu poder estudar.

No ano de 2017, começamos o curso de Pedagogia em janeiro, todos desempregados, devido ser a posse do novo prefeito e o mesmo estava se engajando no seu novo cargo. Estudar desempregada era um desafio e tanto. Contudo não dava para procurar outro trabalho, pois as aulas do curso eram ministradas o dia inteiro, nesse meio tempo era a minha família que me ajudava com a despesa de casa.

Neste ano fui contratada para trabalhar na comunidade São Brás, na escola Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, onde fui contemplada com duas cadeiras, trabalhava no turno matutino com crianças do pré I ao 5º ano e no turno vespertino trabalhava com adolescentes do 6º ao 9º ano, foi uma experiência cheia de muitos obstáculos e aprendizado.

Em 2018, o prefeito atuante fez o seletivo da educação, eu fiz e passei para a mesma comunidade que tinha atuado no ano anterior, onde permaneci com minhas duas cadeiras de professora até 2019, pois trabalhava com um colega. A realidade do povo ribeirinho relacionada a educação é muito escassa, pois as aulas começam muito tarde e os mesmos não estudam o ano letivo completo, como manda o calendário escolar municipal. Com isso o aproveitamento do ensino-aprendizagem na zona rural é muito pouco.

Em 2020, fiquei desempregada devido à paralização das aulas em todas as instituições escolares, por causa da evolução do vírus da covid-19 no mundo. Neste período meu esposo pescava, tirava açaí para vender e dava diária de roçagem para conhecidos, eu confeccionava laços de cabelo para vender, para ajudar nas necessidades de casa.



Faltando apenas uns quatro meses para o final do ano, o prefeito fez outro seletivo da educação, fiz para mesma comunidade que já tinha trabalhado e passei, mas devido à covid-19 nenhum dos professores foi para comunidade lecionar.

### **A pandemia de Covid-19**

Minha vida em meio a pandemia não foi fácil, fiquei desempregada, recebendo 249 reais do Bolsa Família para pagar água, luz, supermercado e o botijão de gás, sendo que esse dinheiro não supria a necessidade da minha família para alimentação de forma geral, o dinheiro não dava para pagar os itens citados acima. De modo que recebia ajuda de meus familiares, com alimentos e dinheiro para pagar água, luz e comprar comida e algumas coisas mais necessárias. Melhorou quando o governo aprovou o Auxílio Emergencial que veio beneficiar e ajudar não só a minha família, mas milhões de família que estavam passando pela mesma dificuldade que eu.

Com o fechamento das escolas do município e de outros órgãos, tendo que ficar só em casa, quase fiquei depressiva, mas Deus me fortaleceu em todas as horas de medo e frustrações, mesmo com as dificuldades, conseguir uma forma de distrair meu pensamento, comecei a confeccionar laços para cabelo e vender para as vizinhas e as conhecidas, isso me ajudou a trazer um pouco de dinheiro para dentro de casa, pois o meu esposo fazia o que podia para ajudar na despesa de casa, saía para pescar, dava diária em roçagem, tirava açai para vender, etc. Não é fácil ficar desempregada tendo filhos.

Diante de tantas dificuldades, tendo que me adaptar aos novos desdobramentos de ensino que a universidade adotou para prevenção dos demais envolvidos e sem recurso para imprimir as apostilas e tendo que estudar por via WhatsApp, sem uma internet boa para baixar os materiais de estudo, não foi nada agradável, mesmo com as dificuldades presentes, consegui desenvolver os trabalhos propostos pelos professores em exercício.

### **Considerações Finais**

O curso de Pedagogia oferecido pela UEA-Parfor, teve o desdobramento em 10 períodos, com aulas presencias e não presencias, propiciando estudos enriquecedores para a inovação da ação docente.

Com o decorrer do curso minhas praticas pedagógica foram dando uma reviravolta importantíssima, tornando o meu trabalho docente mais facilitador para ambos os envolvidos, pois o grande profissional deve estar em constante evolução para saber lidar com as diferentes dificuldades apresentadas na sua caminhada profissional.

A realização desse memorial constituiu para mim um grande desafio, pois tivemos que resgatar acontecimentos passados, vividos na infância, adolescência e vida adulta, com momentos inesquecíveis em muitos aspectos. Essas construções que interliga o passado e o presente são ponte de grandes experiências e superação, onde somos agraciados com o conhecimento.

Antes da graduação eu me sentia intimidada e desmotivada em certas situações relacionada à minha profissão e nessa desmotivação eu tinha o anseio por algo que viesse suprir a minha necessidade de conhecimento, porém, com o curso de Pedagogia alcancei meus objetivos, o mesmo deu-me mais confiança para buscar mais conhecimento.

Foi uma escolha importantíssima ingressar no curso de Pedagogia, pois o mesmo foi gratuito, sem falar que eu não teria condições financeiras para arcar com a mensalidade de uma graduação. Estou concluído essa graduação, onde passei grandes dificuldades, mas todas vencidas e um sonho realizado, que irá somar na minha carreira profissional como professora.

Portanto, a realização desse trabalho me trouxe o entendimento de que o professor precisa se apropriar de novas concepções para a sua prática profissional. Os conhecimentos adquiridos ao longo do curso de Pedagogia e as trocas de experiências foram de fundamental importância para minha formação profissional.

## CAPÍTULO 02

### UM PEQUENO TRECHO DE UMA GRANDE HISTÓRIA

Antônio Carlos da Silva dos Santos

Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### **Introdução**

O presente texto tem como objetivo apresentar relatos de minhas experiências de vida, tanto no aspecto pessoal, como no profissional e no acadêmico, fazendo ainda um exame a partir dos relatos de como tais experiências me moldaram, para assim escolher a área da docência e o curso de Pedagogia, buscar resgatar os saberes adquiridos do decorrer da graduação, desde o primeiro contato com a universidade até o presente momento.

#### **Meu caminho até a escola**

Nasci no dia vinte e seis de dezembro de mil novecentos e oitenta e nove, no município de Itamarati, filho de dona Maria Terezinha Américo da Silva e seu Benedito Vieira dos Santos. Tenho quatro irmãos, Maria de Jesus, Maria de Lourdes, Júnior Carlos e José Carlos, sou pai de uma linda menina chamada Laura Ellen Neves Santos, porém, solteiro.

Como a maioria dos cidadãos Itamaratienses, vim também da zona rural do município, morei na comunidade Boa Esperança até os meus 6 anos de idade, como era muito pequeno, não tenho muitas lembranças desta localidade, a única coisa que nunca saiu da minha mente a respeito daquele lugar, era um balaço que havia em uma grande árvore atrás da casa onde morávamos, esta recordação sempre se faz pertinente em minha memória, porém, não sei o porquê.

Quando minha mãe engravidou do meu irmão mais novo, saímos daquela comunidade rural e viemos morar na zona urbana do município acima mencionado, pois sua gravidez era de risco, minhas irmãs já moravam na cidade com meus avós, para que pudessem estudar, de início moramos na casa de um irmão de criação de meu pai e de lá só saímos para nossa própria casa que meu pai construiu.

Meus avós moravam em uma casa as margens de um açude, gostava muito de ir para a casa deles, não via o tempo passar quando estava por lá, ficava fascinado com os peixes e quelônios que tinha no açude, sempre que podia, ia para a beira do açude ver os tracajás tomar banho de sol encima de uns galhos de árvores que tinham caído dentro da água.

Meu pai era carpinteiro, sempre teve habilidade para trabalhar com madeira, minha mãe fazia bicos como lavadeira e diarista para complementar a renda da família, e ainda trabalhavam na roça pois, eram agricultores. Quando não estávamos estudando eu e meus irmãos ajudávamos nosso pai a carpir a vazante e plantar a roça e auxiliá-lo no processamento da mandioca na casa de fazer farinha, confesso que não gostava muito de tal atividade, quando criança levava como brincadeira, já que estávamos sempre eu e meus dois irmãos, fazíamos o trabalho brincando, mas com o passar dos anos, passei a perceber que aquele tipo de atividade não era o que eu queria, achava digno ser agricultor, porém, via que podia fazer muito mais e esse mais só viria com os estudos.

Mas aprendi muito realizando essas atividades, meu pai sempre falava que um homem tinha que ter responsabilidades na vida, tinha que entender seu lugar no mundo, ele nunca me obrigou a ir com ele para a roça, eu ia por que tinha entendido o que ele falava: “um homem tinha que ter responsabilidades”, e, enquanto irmão mais velho, tinha que ser exemplo para meus dois irmãos mais novos que sempre me acompanhavam quando eu saía atrás de nosso pai para o roçado.

Sempre digo que vivi a infância que toda criança deveria viver, corri, pulei, soltei pipa, subi em árvores, joguei bola, dentre outras brincadeiras. Tínhamos um campinho no pé de um morro que era o encontro de toda molecada da rua, chamávamos ele de mijada, pois quando chovia a água que vinha do morro parecia uma cascata e vulgarmente transformada em mijada por nós. Como a rua Antônio de Sousa Brito onde eu morava não era asfaltada, em dia de chuva ficava intrafegável, porém, adorávamos quando caía uma chuva, podíamos nos sujar no campinho.

Como meu pai era carpinteiro eu usava seus instrumentos de trabalho como brinquedo, enquanto ele trabalhava eu observava, e juntamente com meus dois irmãos que também são habilidosos como carpinteiros, quando criança construímos um clubinho de dois andares com restos de madeira de demolição no quintal de nossa casa, só precisei ver meu pai fazendo para aprender, isso mostra que os atos e atitudes de um adulto sempre podem fazer a diferença na vida de uma criança, pois afinal, tem sempre uma criança a observar o que um adulto faz.

Nunca fui um jovem de multidões, sempre gostei do silêncio ao invés dos gritos, sempre fui uma pessoa tímida e isso me fez ter poucos amigos na adolescência, meus amigos mais próximos eram meus vizinhos com os quais saía para passeios, porém, nunca primei pela quantidade e sim pela qualidade, como sempre fui e sou até então uma pessoa reservada, meus amigos sempre me tinham como uma pessoa responsável, por isso sempre que saíamos eu era quem controlava e ficava de olho na turma. Hoje em dia sou evangélico e trabalho voluntariamente com jovens em uma igreja adventista, fazendo palestras, dinâmicas e estudos bíblicos.

Sobre a minha vida escolar, iniciei meus estudos em 1995 na pré-escola, com seis anos de idade, na escola Estadual Santos Dumont, onde estudei os sete anos seguintes: o pré-escolar I e II, a alfabetização, a

primeira, segunda, terceira e quarta séries. A referida escola era muito agradável e as salas confortáveis para ensinar crianças, a arquitetura da escola possibilitava uma formação de jardins no seu centro, onde podíamos correr durante o intervalo a sombra das plantas, só fazia um pouco de calor, já que não havia climatização no ambiente, sempre após o lanche jogávamos bola em um campinho de terra em frente da escola, e faço uma ressalva aqui para o arroz doce da escola que era uma maravilha.

Aprendi a ler e escrever com a ajuda da professora Rosilene, a qual tenho grande estima, lembro de suas aulas com saudades, ela sempre nos colocava em roda para cantarmos, ela me ensinava as vogais e famílias silábicas com uma cartilha que sempre lhe acompanhava. Hoje em dia atuando como docente, tive a honra de ser colega da professora Rosilene, quando substitui um professor em licença por um mês na Escola Santos Dumont.

Meus pais sempre se preocuparam com a minha educação e a dos meus irmãos, sempre tivemos o lápis, o caderno e a mochila para estudar, particularmente não tinha problema em usar a farda que o governo disponibilizava, achava até legal, eles sempre trabalharam para que nunca faltasse o alimento, para que não fôssemos para a escola de barriga vazia.

O professor Joaquim me dava aula de Matemática, ele era muito legal. A matemática com ele parecia fácil, como eu não me dava muito bem com os números, ele sempre repetia o conteúdo até todos aprenderem, abro um parêntese aqui para frisar que até hoje não tenho amor pelos números, prefiro a área de humanas. Como era um aluno tímido não lembro muito de colegas com os quais ia para a escola ou que éramos amigos, sempre fui só para a escola, já que minha casa ficava bem próximo da mesma, mas conheço até hoje alguns colegas do fundamental, uns continuaram morando em Itamarati.

Na quinta série mudei de escola, já que a escola Santos Dumont só ofertava aulas até a quarta série, fui então estudar na Escola Estadual Francidene Soares Barroso, no ano de 2002, onde permaneci até o ano de 2009, quando conclui o ensino médio. Essa escola era de dois pisos, suas salas eram climatizadas, havia corredores amplos e biblioteca, a qual sempre usava para ler assuntos de provas, estudava no piso térreo, já que o andar de cima era para a sexta, sétima e oitavas séries e para o ensino médio, era nova aquela experiência, assim como os professores e colegas, minha turma se uniu com outra e formou uma única turma.

A memória se faz um pouco falha nesse período da quinta à sétima série, porém, jamais esquecerei a oitava série, tanto por fatos alegres, tanto por recordações traumáticas. Até então sempre fui um bom aluno, mas na oitava série tudo iria mudar, sempre gostei de quase todas as disciplinas da grade curricular do fundamental, com destaque para a Arte, Geografia e Português, porém a Matemática um pouco menos do que as outras.

Naquele período o discurrer do ano escolar se dava de forma normal, menos as aulas de Matemática, tinha um pouco de dificuldade em entender o conteúdo, o professor que lecionava a disciplina era temido pela escola, por ser bravo, me reprimia em perguntar o que não entendia, tinha medo de ser espezinhado e

sempre em atividades e exercícios tirava nota baixa, com isso fui perdendo aquela afeição por estudar que tinha antes, comecei a brincar mais e estudar menos, e para isso tinha os parceiros ideais, meus colegas de turma: Karlene que é minha prima e o Bruno, porém, fazíamos as nossas sandices fora do horário das aulas, nas aulas ficávamos só de bobeira. Gostávamos muito quando os professores passavam trabalho em grupo, pois assim, podíamos ir para a casa do Bruno e comer goiabas, já que no quintal da casa dele tinha muitas goiabeiras. Sempre nos dávamos bem em trabalhos expositivos e eu preferia assim, achava mais fácil tirar nota boa em trabalho apresentado do que em provas ou teste escrito.

Nunca fui desrespeitoso com meus professores, buscava sempre tratá-los bem, porém, com o professor de Matemática não tinha esse respeito e afinidade, mas guardava para mim, nunca externei. Certa ocasião ele passou um exercício para casa, eram dez problemas para resolvermos, no dia seguinte voltei para a escola, mas não tinha conseguido resolver todos as questões, alguns colegas que também não tinham conseguido resolver pegaram as respostas de quem tinha feito, eu optei em não fazer o que os demais tinham feito.

Ele entrou na sala e começou a chamar e corrigir os cadernos sem olhar se as questões estavam corretas ou não, após corrigir os cadernos saiu da sala em silêncio e voltou com algumas folhas de papel almaço, deu-as para mim e alguns colegas que também não tinham conseguido responder as atividades, falou que era para nós fazermos cada conta vinte vezes e entregar.

No termino do trabalho entreguei para ele que simplesmente rasgou e jogou no lixo, confesso que até então nunca tinha me dado vontade de esganar alguém como naquele dia, mas não o fiz, voltei para a cadeira e depois daquela situação passei a odiar a Matemática, tanto quanto o professor.

Dias depois passou mais tarefas para casa e como da outra vez pediu os cadernos, quando chegou minha vez perguntou por que eu não tinha feito a atividade e eu respondi por não quis, agora faça como da outra vez, me mande fazer vinte vezes cada uma conta. Ele simplesmente não falou nada, todos os meus colegas ficaram se olhando em silêncio, já que eu quase não abria a boca dentro de sala e agora estava respondendo o professor.

No fim daquele ano letivo veio um dos meus maiores fracassos como aluno, fiquei reprovado em Matemática, optei por não fazer a recuperação não iria aprender em uma semana o que tinha negligenciado durante quatro bimestre de aula, como meus pais não sabiam o real motivo do porquê de não ter passado de ano simplesmente não me apoiaram, falaram que era para me esforçar mais do ano seguinte. Fiquei muito decepcionado e frustrado comigo mesmo, me perguntava: como pode uma pessoa não se importar com a aprendizagem de seu próprio aprendiz? E imagina que um dia eu iria estar do outro lado da mesa e com certeza buscaria fazer diferente.

Em 2006 a escola passou por uma reforma, todos os alunos foram alocados em um galpão da prefeitura que servia como depósito de borracha beneficiada pelos seringueiros do município, iniciei aquele

ano meio que receoso, já que aluno repetente não era bem visto, mas a turma que me era desconhecida me acolheu de braços abertos, me firmei no meio deles. Na primeira semana de aula fizemos um seminário de Geografia e tínhamos que apresentar para a turma, como gostava desse tipo de atividade, falei comigo mesmo: vou me dar bem. Uma menina me chamou para seu grupo, abro aqui um parêntese para destacar que aquela foi a turma onde tinha as meninas mais bonitas com quem já estudei. Após a apresentação já estava consolidado na turma, daí para frente foi só alegria.

Pela escola ser improvisada foi um dos locais que menos gostei de estudar, pelas paredes serem de madeira, escutávamos o professor da sala ao lado falar, bem como os outros alunos, além do infernal calor e do forte cheiro do látex. Aquele ano estudei no turno intermediário.

Concluí com êxito aquele ano e estava apito para o ensino médio. A princípio ficava triste ao ver meus colegas no segundo ano do ensino médio e eu um passo atrás, mas com o amadurecimento pessoal entendi que foi necessário dar um passo atrás para aprender a gostar de andar para a frente. Com a reforma da escola concluída, o ensino médio seria uma nova etapa para se conquistar, e eu estava na expectativa do novo ano.

Em 2007 iniciei o ensino médio na Escola Estadual Francidene Soares Barroso, a turma da qual fazia parte era uma turma pequena, éramos ao todo vinte e quatro alunos em sua maioria mulheres, com essa turma permaneci até o último ano. A diretora da escola a senhora Gleice Maria Menezes, tinha uma postura muito ética diante de nós alunos, ela sempre buscava fazer o que lhe competia de forma igualitária e respeitosa, tive ótimos professores durante aqueles três anos, destaco aqui as professoras Maúria, Lilian, Keila, Eliane e Amarides, os professores José Aldair, Ímar Paulo, Francisco Cosmo e Francisco Litomar.

Os colegas do ensino médio merecem uma ênfase à parte, como os homens da sala eram minoria, formávamos uma fila e meia, todos sentávamos perto uns dos outros, tal ato era estrategicamente planejado para quando houvesse prova. Éramos muito unidos em todos os aspectos, até na fila para merendar, um sempre guardava o lugar para o outro.

Eu costumava brincava com meus colegas que nossa sala parecia uma creche, já que durante os três anos de ensino médio metade das meninas engravidaram. Uma coisa que faltava na escola era mais atividade externas, eventos, isso era raro acontecer, até atividades como palestras, seminários, trabalhos expositivos, não tinha.

O último ano foi o mais intenso, porque teria desfile cívico do Sete de Setembro e os alunos do terceiro ano participavam da fanfarra da escola. Concluí o ensino médio em 2009, fiz a formatura no dia dezanove de dezembro do mesmo ano, quando recebi o certificado de conclusão do ensino médio, pensei: uma etapa já foi. Parecia-me que a caminhada rumo ao nível superior estava mais perto.

## **Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR**

A área docente sempre me encantou, desde de sempre achava nobre a arte de ensinar, desde de sempre ouvia meu pai dizer a mim e a meu irmão que tínhamos que estudar para ser alguém na vida, para não sermos como ele que não teve oportunidade de estudar, e o mesmo sempre frisava que achava a profissão de professor muito bonita, isso ficava ecoando em minha mente.

Quando minha irmã Maria de Lourdes iniciou sua carreira docente, disse para mim que era isso o que eu queria fazer, no meu percurso escolar tive muitos professores em quem também me inspirei para tomar a decisão de ser professor. No fundamental tive como referência o professor Joaquim, mas foi na graduação, especificamente na disciplina de Sociologia, ministrada pelo professor Doriedson, que foi o divisor de águas para consolidar a minha escolha pela profissão, isso se deu mais pela pessoa do professor do que pela matéria em si, até hoje o levo como referência na minha prática docente.

Até chegar no PARFOR eu já vinha trabalhando como professor, iniciei esse percurso do ano de 2011, agora em análise, percebo que a mesma mudou de forma significativa, como comecei a carreira docente sem uma formação para tal, o conhecimento sobre a área era muito suprimido, o que me respaldava era o apreço pela profissão e eu sempre estar lendo e me informando para buscar meios para melhorar minha prática enquanto professor. Quando iniciei em 2011, fui lotado na comunidade Conceição do Raimundo, aquela comunidade ficava cerca de 5 horas da sede do município, via fluvial.

Levei um tempo para me adaptar a comunidade, eu morava em um quartinho dentro da própria escola e meus outros dois colegas de trabalho, a professora Maria do Socorro e o seu esposo, o professor Kenedy, moravam na casa do irmão da professora, a escola tinha duas salas e uma das salas com computadores, mas raramente eram ligados, já que não tinha energia elétrica na comunidade.

Como a comunidade ficava a margem do rio, sempre havia o fluxo de canoas e motores rabetas, confesso que na primeira semana bateu vontade de voltar para casa, vontade que foi sanada dias depois, vinha na cidade no final de cada mês, e as vezes passava até dois meses sem vim na cidade, por falta de transporte.

Uma particularidade da comunidade que me chamava a atenção e eu gostava muito, era o tratamento que recebia dos comunitários, sempre respeitosos e solidários, me sentia como se estivesse em casa. Como era minha primeira experiência na docência tive algumas dificuldades já que a turma era multisseriada e as crianças não correspondiam, no sentido de conteúdo, a série que estudavam, mas em parceria com meus colegas professores, sempre fazíamos os nossos planos juntos para trocarmos ideias de como melhorar nossa prática e ajudar os nossos alunos. Juntamente com o professor Kenedy fizemos uma gincana na praia, fizemos também o projeto “comunidade limpa”, onde catamos o lixo da comunidade e ensinávamos o aluno a não sujar sua comunidade.



Além da distância da sede do município, outro ponto negativo naquele lugar era a escassez de alimentos, principalmente de peixe. E os porcos que durante a noite vinham se coçar nos barrotes da escola.

Nos quatros anos seguintes lecionei na comunidade Papagaio que ficava dentro de uma fazenda de gado, a mesma era mais próxima da cidade, cerca de 25 minutos via fluvial. A escola tinha o nome da Fazenda São Francisco do Canindé, era uma escola simples de sala única e já deteriorada pelo tempo. Trabalhei no primeiro ano com o professor Xavier, um cara muito engraçado e que gostava de malhar, e nos três anos seguintes com o professor Mário Jorge que é meu primo, o qual admiro como pessoa e profissional. Eu passava a semana na comunidade e o fim de semana em casa, na cidade, mas como eu não tinha canoa para ir e vir, meus amigos Carlos, Mateus, Anderson, Charles e Lucas, sempre se reversavam para me buscar.

No ano de 2015 ainda na comunidade Papagaio, relaxei um pouco e confesso que não trabalhei com tanto empenho e preocupação com a aprendizagem dos meus alunos, estava um pouco desmotivado, já que naquele ano tinha passado no vestibular da UEA em Licenciatura em Letras, mas tive que abrir mão para trabalhar, procurei os burocratas da época e eles não me deram emprego na cidade, e agora eu tinha uma boca a mais para alimentar, naquele ano iria ser pai. Hoje em dia não me arrependo da escolha que fiz, afinal foi em prol de uma causa que julgo valiosa, o cuidado com a família.

Até entrar para a docência, nunca tinha realizado outra atividade que não fosse a de trabalhos domésticos, sempre realizei as tarefas que me competiam fazer no dia a dia de uma casa, como descarte do lixo, lavar o prato do almoço, arrumar o quarto, entre outros, nunca fui empregado remunerado até me tornar professor.

Em 2011, eu estava estudando o Curso Técnico de Construção Civil ofertado pelo Centro Tecnológico do Estado do Amazonas-CETAM, quando soube que a SEMED local iria fazer uma capacitação para professores da zona rural, e que não havia a necessidade de ter nível superior, me escrevi, participei do treinamento, fiz todas as atividades propostas pela equipe pedagógica e no final da capacitação falaram que quem daria o resultado final seria a secretaria de educação, que na época era a então esposa do prefeito João Campelo, a professora Áurea Maria Ester.

Alguns dias depois estava em casa quando um funcionário da secretaria de educação bateu a porta e me comunicou que a secretária lhe havia mandado anunciar que era para mim passar em sua residência, pois a mesma queria falar comigo. Prontamente me vesti e fui, chegando lá havia outros colegas que tinham recebido o mesmo comunicado e estavam assim como eu ansiosos, em particular ela chamava um a um, quando chegou minha vez, ela falou que eu tinha me saído muito bem na capacitação e se eu quisesse trabalhar como professor tinha uma vaga para mim, prontamente aceitei e lá mesmo ela me lotou, fui designado para trabalhar na comunidade rural Conceição do Raimundo, e é aqui que começa minha vida na docência.

Após cinco anos de atuação na docência sem formação, a então secretaria de educação nos informa que todos os professores do quadro da SEMED em atuação na zona rural do município, iria fazer uma formação superior voltada para sua área de atuação e no dia 26 de junho de 2016 deu-se início ao curso de Pedagogia-PARFOR, pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA, para mim foi um momento ímpar, já que aquele curso poderia me ajudar muito na minha prática docente, no primeiro momento houve aquela confraternização com os colegas de profissão. A primeira matéria foi Informática Básica, a qual foi fácil de lidar, já que tenho facilidade com a matéria.

### **Estudando, trabalhando e lutando: o percurso da minha formação**

Desde 2016 quando iniciei a graduação, se faz notória a mudança em minha prática como educador, passei a ver meus alunos com um olhar mais investigativo e menos repreensor, entendi que eles têm seu tempo, suas fases de desenvolvimento, e inteligências, tudo isso me moldou para ser um profissional mais qualificado para lidar com os fundamentos que regem o processo de ensino e aprendizagem, tudo isso se deu pela aprendizagem no curso de Pedagogia.

Minha prática docente melhorou expressivamente, aprendi que a criança aprende mais brincando do que simplesmente sentada em uma carteira por quatro horas, levei essas metodologias aprendidas no curso para dentro da minha sala de aula e percebi o retorno positivo que a mesma teve em meus alunos, além de prazerosas, minhas aulas ficaram mais dinâmicas.

Durante esses quase cinco anos de curso, houve altos e baixos com relação a minha vida profissional. Quando iniciei o curso de Pedagogia, já estava em atuação na docência há cinco anos e todos estes anos foram trabalhados nas escolas da zona rural do município de Itamarati.

Quando começamos o primeiro período da graduação, lá em junho de 2016, eu estava saindo da comunidade Papagaio na qual trabalhei por quatro anos consecutivos e indo agora para a comunidade Dejedá, esta comunidade é a que fica mais próxima da sede do município, aqui lecionava juntamente com uma professora da própria comunidade dividindo a mesma turma, quando tinha que vir para a cidade para estudar, a mesma ficava como titular da turma.

No ano seguinte, em 2017, foi minha primeira experiência em uma escola da zona urbana, perto do início do ano letivo daquele ano, recebi um convite em casa, da então gestora da escola Municipal Professor Magide Teixeira de Paula, me convidando para uma reunião para tratarmos de assunto referente ao início do ano letivo daquele ano, fiquei surpreso, afinal, não tinha nenhuma sinalização por parte da SEMED que sairia da zona rural para lecionar em uma escola da sede do município. Na reunião me fora anunciado que eu iria ser lotado em uma turma do 5º ano e que a própria gestora tinha pedido para o secretário de educação que gostaria de me ter no quadro de professores daquele ano e o mesmo aceitara seu pedido.

Este ano fora um dos melhores anos como docente, primeiro porque estava muito animado com o curso e segundo a turma era maravilhosa, até hoje guardo boas e gratificantes lembranças daquele período. Como estava em formação e tudo o que aprendia no curso com relação a inovação de metodologias para contribuir no processo de ensino aprendizagem dos alunos, a escola e os próprios alunos eram muito flexíveis a novas metodologias de ensino.

Tínhamos muita autonomia para pôr em pratica projetos de ensino e planos de ação com foco no desenvolvimento dos alunos, as aulas passeios eram as melhores, a graduação me ajudou muito nesse período.

Já em 2018 voltei novamente para a comunidade Dejedá, houve um processo seletivo para contratar professores tanto para a zona urbana quanto para a zona rural, com pouca chance de passar neste seletivo e continuar lecionando na escola da sede do município, fiz o mesmo para a zona rural, passei e voltei a trabalhar na mesma comunidade que já estivera em 2016.

Em 2019 regressei novamente para a zona urbana, em pleno dia de aula do curso, a própria gestora da escola Municipal Francisca Gomes Lobo me procurou para anunciar que eu estava lotado em sua escola e que gostaria da minha presença na abertura do ano letivo, esse ano foi diferenciado para mim, pois foi o primeiro ano que trabalhei com duas cadeiras.

Já lotado nesta escola, recebi o convite de um vereador para comparecer em sua residência para tratarmos de assuntos profissionais, ao chegar no local o mesmo me ofereceu uma vaga para trabalhar em uma permuta de um professor parente seu, prontamente aceitei, aqui fora um desafio novo, afinal, iria trabalhar com alunos da educação de jovens e adultos em uma escola do estado, aquela nova realidade me encantou, trabalhar com aqueles jovens senhores e senhoras que estavam ali cada um com suas histórias de vida e vivencia, me fez dar mais veemência para a escolha da minha profissão. Gostei muito de trabalhar com a modalidade EJA, creio que essas pessoas que estudam nesse tipo de modalidade de ensino merecem um olhar diferenciado por conta de suas realidades.

No ano de 2020, que foi para todos atípico, iniciei na mesma escola do ano anterior, porém, em março deste ano, as aulas foram interrompidas por conta da pandemia do novo coronavírus, passando assim todo o restante deste ano sem lecionar, porém, ainda contratado pela prefeitura.

Chegando então em 2021, fui chamado pelo secretário de educação para lecionar novamente na EJA em uma escola estadual como permutado, iniciei trabalhando de forma remota por conta da pandemia, com a flexibilização das restrições sanitárias, voltamos as aulas de forma presenciais e atualmente estou lecionado para jovens e adultos.

Atualmente trabalho em uma escola estadual, iniciei trabalhando nessa escola desde o início do ano, porém, foi necessário fazer uma pausa para a realização de um processo seletivo para profissionais da área

da educação, passei e voltei para escola que já estava atuando, hoje trabalho com a modalidade de ensino EJA, educação de jovens e adultos.

### **A pandemia de Covid-19**

Neste período pandêmico houve a necessidade de adequar a prática docente com a atual situação vivida por todos, em pleno ano letivo de 2020 as aulas no município de Itamarati foram suspensas conforme a orientação do Ministério da Saúde, respaldado pela OMS. Durante todo o restante do ano de 2020 não tivemos mais aula no município, como trabalho em regime de contrato, a prefeitura manteve todos os professores do quadro da SEMED e isso manteve meu emprego, bem como, o sustendo de minha família. Sem aulas neste período, aproveitei para ler alguns livros que há tempos queria ler.

No final de 2020 tive que viajar para Manaus para tomar posse no concurso da SEDUC de 2018 que fiz para merendeiro, neste período de viagem não foi muito fácil no sentido financeiro, como trabalhamos com contrato, após o final do ano letivo somos demitidos, mas deu tudo certo e hoje trabalho de forma efetiva, enfrentando todas essas dificuldades, fiz isso visando uma estabilidade financeira.

Em fevereiro de 2021 fui convidado a trabalhar em uma escola estadual com a modalidade de ensino EJA, como não podíamos estar ainda em sala de aula com os alunos, a mesma se deu de forma online, através do WhatsApp. Como sabemos, a nossa região sofre por falta de uma internet de qualidade e isso foi um problema muito grande para se dar aula por meio dessa modalidade remota, atualmente com a volta das aulas presencias estamos dando seguimento aos trabalhos docentes.

Com relação aos colegas acadêmicos, por mais que não tivéssemos nos encontrado para estudar, sempre estávamos mantendo contato por telefone no grupo do curso, para assim, ajudar os colegas em quaisquer situações, seja de caráter pessoal ou financeiro, afinal, sabemos que a pandemia afetou não somente a saúde da população, mas também a economia.

Com relação ao nosso curso, o mesmo também teve que ser interrompido na modalidade presencial e isso nos preocupou bastante, a incerteza do retorno e a falta de resposta, tanto da coordenação local quanto da coordenação geral sobre tais indagações, fazia com que a ansiedade em relação ao término do curso aumentasse ainda mais.

As aulas paradas e a coordenação sem nos dar nenhum parecer, buscava-se no grupo dos acadêmicos no WhatsApp conversar sobre questões relevantes ao curso, para não ficarmos de um todo parado, além de compartilhar com mais cinco amigos acadêmicos um grupo pessoal, onde frequentemente estávamos em debate sobre alguma questão do curso e isso ajudou bastante nesses meses sem aulas. Busquei também fazer leituras de conteúdos já estudados, para assim relembrar matérias já estudadas, além de ler um livro que a um tempinho queria ler que é o do autor Franco Cambi, onde ele conta a História da Pedagogia.

## Considerações Finais

Ter a oportunidade de vivenciar as experiências que vivi durante esta graduação, foi muito significativo, tanto para a minha formação acadêmica, quanto para minha vida pessoal. Faz-se relevante ressaltar a importância do curso de Pedagogia para o meu crescimento enquanto professor. Diante do fato das aulas serem concentradas, contribuiu muito para que em pleno exercício da docência eu pudesse me formar, fica evidente que minha prática pedagógica fora aprimorada em níveis visíveis desde o início do curso, agora com seu término, tenho aportes teóricos necessários para subsidiar minha profissão.

Do ponto de vista experiencial, uma das coisas a ser destacadas é o quanto fora significativo regressar ao passado e diante de minhas memórias, escrever sobre minha vida, ao debruçar-me nessa jornada, pude perceber o quanto tudo que vivi até o presente momento da escrita deste texto, moldaram o ser humano que sou hoje, ao retroceder no passado e buscar lembrar minhas vivências, vieram à tona risos que já os tinha esquecido, choros engolidos para manter-me forte, dores superadas e principalmente, lembrei de que a mais de dez anos tomara a decisão certa ao escolher ser um professor.

Oportunizar que o professor tenha uma formação com aportes adequados é a base para se construir instituições de ensino, profissionais e cidadãos mais comprometidos com a sua sociedade, elevo ainda, que para o professor, enquanto instigador do senso crítico dos alunos, os mesmos são responsáveis por orientar as crianças na busca do conhecimento, e para isso, ter uma formação inicial é de suma importância.

Projetando aspirações daqui por diante com o terminado da graduação, vislumbro novas oportunidades para minha carreira e formação continuada, anseio especializar-me e até o último fôlego de vida que em me houver, estarei sempre em busca do conhecimento, afinal o mesmo é libertador.



## **CAPÍTULO 03**

### **MEMÓRIAS DE UM EDUCADOR VITORIOSO**

Antônio Francisco de Oliveira do Nascimento

Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### **Introdução**

Este memorial de formação tem como objetivo apresentar os acontecimentos marcantes ocorridos em minha trajetória estudantil, profissional e acadêmico. Escrevê-lo é trazer para o presente, momentos jamais esquecidos e vivenciados em diferentes situações e nas diversas etapas da minha vida. Este memorial resulta de uma análise de minha trajetória educativa de uma revisão das obras estudadas ao longo do curso.

#### **Meu caminho até a escola**

Nasci no dia 14 de julho de 1979, na comunidade Altamira, localizada na margem direita do Rio Juruá, no município de Itamarati-AM. Sou filho de Francisco José Morais do Nascimento e Maria Josira Alves de Oliveira. A comunidade Altamira na época era uma localidade pequena, com aproximadamente 70 habitantes, com realidade pacata, de famílias carentes e atualmente é um lugar que moram duas famílias por conta do êxodo rural. Quando saí da mesma vim com destino à cidade de Itamarati, onde continuei meus estudos juntamente com meu irmão mais velho.

Meus pais vendo que aquele lugar não oferecia uma educação de qualidade para seus filhos, decidiram vir morar na cidade de Itamarati. Chegando aqui se iniciou uma nova história, com uma realidade completamente diferente, pois tive que me adaptar com uma nova cultura popular do povo e a maneira de conviver, foi desafiador pelo fato de nunca ter vindo à cidade, minha vida e meu aprendizado me fizeram crescer numa cidade de aproximadamente 3.000 (três mil) habitantes.

A comunidade Altamira era uma localidade isolada e não havia escola, por essa razão, só iniciei minha vida escolar aos sete anos de idade, diante de muitas dificuldades. Éramos três irmãos, José Filho de Oliveira do Nascimento e Francisco Lázaro de Oliveira do Nascimento. Não sabíamos ler, nem escrever, ou seja, todos analfabetos e diante dessa situação meus pais decidiram nos matricular neste município, onde residimos até hoje.

Sem nunca ter vivenciado a experiência de estudar num ambiente escolar, não foi fácil acompanhar a primeira série do primário, por isso vários fatores dificultavam a assimilação dos conteúdos estudados. Dentre eles a distância entre nossa casa e a escola, por sermos duas crianças pequenas – meu irmão mais velho tinha 8 (oito) anos e eu 7 (sete) anos de idade. O trajeto percorrido até a escola era feito numa canoa pequena, sem saber nadar, todos os dias tínhamos que sair do nosso lar, por volta do meio dia, enfrentando o sol escaldante para chegarmos a tempo na escola, ou melhor, a casa que funcionava como escola. Todos os dias eu e meu irmão estávamos a mercê do perigo: cair na água e vir a ser um acidente fatal.

Meus pais autônomos plantavam e pescavam apenas para o sustento da família. Porém, quando saíamos para a escola, meu pai saía em busca de alimento para nossa sobrevivência e minha mãe ficava em casa cuidando dos afazeres domésticos. Ela também era quem preparava o nosso humilde lanche da merenda escolar para que nós pudéssemos merendar na casa de uma colega dela. Na época a escola era muito simples, não nos oferecia merenda e muitos menos materiais didáticos. Muitos das vezes no decorrer das aulas, era preciso sentarmos no chão por motivo de não haver cadeiras o suficiente para sentar.

As escolas ribeirinhas da época não possuíam uma infraestrutura de qualidade e cabia ao professor resolver todos os problemas e realizar todas as tarefas para o seu funcionamento do mesmo. O professor era filho do dono do seringal, devido ao fato dele ter estudado na cidade, o fazendo assim “preparado” para ministrar as aulas. Uma lembrança que me remeti sobre o material escolar era que os meus pais que comprovam eles, muitas vezes não tinha caderno, era folha de papel almaço e minha mãe cortava as folhas para fazer o meu caderno e do meu irmão.

Minha mochila na época era um saco de bolacha e sua alça eram duas cordas que serviam de apoio. Antes de sairmos para a escola nós tínhamos deveres a ser cumprido, eu como era menor ia passar pano em casa e meu irmão mais velho carregava água para nossa mãe fazer as coisas em casa.

Na comunidade Altamira tive minha primeira experiência com leitura e conseqüentemente com a escrita, através de um professor, lembro-me como se fosse hoje de um método muito usado por ele. Ele pedia para levantar a mão quem soubesse o que estava escrito no quadro, uma forma de manter seu autoritarismo em forma de castigo e quando o aluno não sabia responder, recebia castigo de joelhos em cima de caroços de milho, com tempo estimado entre cinco a dez minutos.

Quero ressaltar ainda que o uniforme na época não tinha, nossos pais, com dificuldades, conseguiam comprar, os mesmos se esforçavam dia e noite na agricultura, pesca e com a exploração do látex para fabricação da borracha, importante na economia do sustento na família.

As disciplinas trabalhadas na época eram a Língua Portuguesa, Matemática e as outras disciplinas eram difíceis ser aplicados até mesma por falta de conhecimento do professor. Dentre as matérias estudadas, a que gostei mais na época foi a Língua Portuguesa. Através do alfabeto passei a conhecer as primeiras letras do meu nome sendo também as vogais essenciais na formação das palavras. Gostei muito de estudar matemática,



logo no primeiro momento achei muito estranho todos aqueles números, parecia ser muito complicado, mas, com o passar do tempo, passei a entender melhor.

A minha permanência na comunidade Altamira como estudante durou apenas um ano. No início do ano 1986 meus pais resolveram sair da comunidade e virem para cidade em busca de melhorias. Ao chegar em Itamarati eles efetuaram minha matrícula na Escola Municipal Santos Dumont, onde continuei meus estudos na segunda série do Ensino Fundamental, deparando-me com outra realidade de ensino. Vale salientar que todo esse caminho percorrido despertou-me o interesse e vontade de continuar estudando.

A partir dali vieram as grandes conquistas e os desafios, como a mudança de professor e de escola que foi muito difícil para mim nos anos seguintes. Logo de início foi muito difícil. A metodologia usada por minha nova professora era completamente diferente do método aplicado pelo professor na zona rural.

A Escola Municipal Santos Dumont era bem maior do que a lá do interior, havia apenas quatro salas de aula, biblioteca, cozinha e um banheiro. As turmas eram unidas, sendo que a mesma professora atendia as vezes duas turmas, uma pela manhã e outra pela tarde. Na escola já havia faxineira, merendeira, administrador, entre outras funções que exerciam o corpo docente.

Iniciamos no ano de 1994 o Ensino Médio na escola Francidene Soares Barroso, já tínhamos ficado para trás e logo que iniciou foi muito difícil para nós compreendermos as metodologias usadas pelos professores no Ensino Médio, pois eram muito diferentes das do Ensino Fundamental. A maneira de ensinar nas turmas era muito mais difícil de entender, pois eles simplesmente aplicavam os conteúdos de maneira diferenciada e os alunos tinham que ir em busca do aprendizado sozinhos. Para compreendermos determinados assuntos neste período de minha vida escolar, pude perceber que um professor só é capaz de transmitir conhecimentos de forma clara e transparente quando ele tem amor no que faz. Foi nessa fase que comecei a entender que um professor não precisa ser prepotente e autoritário para ser respeitado em sala de aula, que nem todo o professor “bonzinho” é um ótimo professor e que um bom exemplo faz toda a diferença para a educação do aluno.

Em 1998 concluí o meu ensino médio, para minha alegria e a de minha família, tinha muitos objetivos para meu futuro com por exemplo: continuar os estudos e um dia me formar e conseguir um emprego para ajudar a minha família, isso era minha expectativa para o meu futuro.

### **Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR**

Meu primeiro ano de experiência como docente foi na comunidade Aurora, apesar da expectativa não ser muito positiva. O atual professor estava saindo e eu fui para substituí-lo. Ele alicerçou fortemente sua convivência com as famílias daquela comunidade e logo no primeiro momento fui rejeitado pela mesma, enfrentando ameaças dos moradores. Quando fui apresentado na reunião pelo supervisor retrucaram com a

seguinte frase: “se não prestar vai descer o rio em cima de uma tora de açacú”. Na verdade em algum momento fazia sentido dizer “tora de açacú”, no porto da comunidade havia muitas toras de açacú, era época em que a comunidade explorava e vendia a madeira em toras para os madeireiros. A comunidade Aurora fica na área de cima do município de Itamarati, margem direita, para chegar a essa localidade é preciso percorrer aproximadamente 03 (três) dias de barco. Quero ressaltar que as palavras de desconfiança daquele jovem só fizeram me motivar mais, mostrando competência no meu trabalho e realizando dentro da própria comunidade, ensinando de forma coerente.

Tive outra experiência, dessa vez vivida na comunidade Nova Olinda, também na área de cima do município de Itamarati. Nesta a comunidade tive uma recepção agradável, o povo era mais acolhedor, a escola ficava na margem de um lago, no meio de uma terra firme, muito distante da beira do rio, para se chegar a margem do rio era preciso percorrer um caminho de aproximadamente 01 (uma) hora de viagem a pé. Já as comunidades como: Canta Galo, Dejedá, São Tomé, Boa Vista, Igarapé Dona Neném e Buriti quero destacar outras lembranças.

Na comunidade Canta Galo trabalhei 07 (sete) anos como docente e saí de lá percebendo que meu trabalho não foi em vão, porque vi no olhar de cada criança a alegria e a felicidade de estar aprendendo a conhecer as primeiras letras, as primeiras palavras. Nesta, recentemente saiu um ex-aluno para lecionar em outra comunidade, isso me deixa realizado na minha docência, como também, hoje posso chama-lo de colega da profissão, de educador.

Logo de início de minha carreira como docente, comecei recebendo um valor que não chegava a ser um salário, mesmo assim contribuiu bastante com as dispersas de casa. Não demorou muito tempo e começou a atrasar o nosso pagamento e com isso os colegas professores que moravam nas comunidades sofriam muito, pois quando estavam estudando eles traziam suas famílias para cidade e, alguns professores já residiam na própria comunidade e, quando eles vinham à cidade aqueles que não tinham parentes eram obrigados alugar um local para ficarem com seu familiares e com atraso de pagamento tinha fome, porque no período de estudo a prefeitura arcava com as refeições do professor aluno e não a família. Causava-me tristeza em ver muitos colegas dividindo suas refeições com sua família: filhos e esposa comerem no refeitório com agente. Devido ao atraso de 01(um) mês e depois 02 (dois) meses e não teve mais controle chegando a atrasar até 04 (quatro) meses e quando íamos receber às vezes pagavam um mês e ficava 03 (três) sem pagar.

Até que um dia um professor resolveu ir à casa do prefeito em busca de alimento para sua família que estava passando fome. Ao chegar à casa do prefeito foi exatamente na hora em que o prefeito estava almoçando e ele se surpreendeu com aquela vista inesperada. O que deseja? - Perguntou o prefeito - respondeu simplesmente: o meu dinheiro para que eu possa comprar alimento para minha família que está sem almoço até agora por falta de recurso.

Hoje agradeço a Deus por ter feito um concurso público para professor e ter sido aprovado no ano de 2006 (dois mil e seis). Hoje tenho o meu sustento e da minha família no período em que estou estudando, mas vejo meus colegas que não tem renda fixa passar por dificuldades.

Segundo a Secretária de Educação da época Áurea Maria, vinha uma faculdade para o município, mas só iria participar os professores que estivesse atuando nas comunidades rurais, tinha uma esperança de entrar por ser professor já há alguns anos no interior, o tempo passou e só havia promessas. Eu queria sair do interior mais corria o risco de perder a vaga. Todo ano em nossas comemorações sempre a secretária falava em seus discursos sobre uma formação, mas só iria participar quem estivesse no interior em plena atividade docente, até que no ano de 2016 (dois mil e dezesseis) chegou o curso tão esperando por todos os professores.

Para a alegria de todos, realmente foi só para os professores que estavam atuando no interior. A matrícula foi feita pela a própria secretaria de educação do município, não decidi fazer Pedagogia, eles decidiram por mim, já que não tinha muita opção. E nesse vai e vem ainda permaneci dez anos no interior esperando PARFOR.

### **Estudando, trabalhando e lutando: a trajetória da minha formação**

Na primeira disciplina do PARFOR foi um pouco difícil, era Informática Básica, eu nunca tinha participado de um curso de informática e isso dificultou o desempenho na disciplina, mas com algumas práticas de ensino consegui superar a dificuldade, com a ajuda do professor Rosinaldo, professor ministrante da disciplina de Educação Básica, é como diz o ditado: é fazendo que se aprende. Esta informática marcou muito por ser a primeira disciplina do programa.

A primeira prova foi um pouco difícil por não saber sobre informática e isto dificultou o meu desempenho nas avaliações, mas consegui nota suficiente para ser aprovado na disciplina. Nos primeiros seminários não fui muito bem porque tinha dificuldade de interpretar o texto, isso dificultava o meu desempenho nos seminários, mas com o passar do tempo comecei a entender os textos com mais facilidade, isso ajudou o meu conhecimento nas disciplinas.

Atualmente não tenho muitas dificuldades de sustento no período da faculdade, desde dois mil e seis fiz o concurso municipal e fui aprovado na área de professor rural. Isso me mantém em pé no decorrer do período em que estou no PARFOR. Enquanto os meus colegas ainda sofrem por não ter uma renda fixa, isso faz com que muitos deles durante o período tenham que sair em busca de alimento para o seu sustento. Com a fé em Deus, logo todos eles estarão de volta nos seus empregos, já passei por isso, não é fácil! Chegar em casa e não ter o que comer, principalmente quem tem criança.

Com relação a minha família muitas vezes se tona muito complicado por que eles não entendem, a gente não dá a mesma atenção por motivo de cansaço, ou até por estar ocupado com os deveres do curso. E

isso a mulher muitas vezes reclama da falta de atenção para com ela e a criança e isso acaba gerando algumas desavenças no âmbito familiar.

Hoje me sinto mais bem preparado, já consigo ver-me como outras pessoas, totalmente diferentes, com outras posturas, conhecimento, didáticas, um ser mais crítico por ser professor com essas características, hoje sinto-me um profissional em termo de ter consciência de novas buscas pelo saber. O Parfor mudou totalmente minha maneira de ensino, hoje, quando voltar a lecionar, com certeza vou fazer diferente, não mais continuarei com o método tradicional. Contudo, consigo desenvolver minha atividade com mais influência educativa. Isso só engradece o meu conhecimento. Através da graduação, as oportunidades começaram a surgir, sou professor atuante com dezesseis anos na zona rural do município, hoje assumo o cargo de supervisor escolar rural da área de cima do rio Juruá.

A experiência de supervisor escolar atualmente me traz várias inquietações, entretanto a prática “pedagógica-docente” nas escolas da zona rural, faz um convite para adentrar os desafios que as mesmas trazem. Os desafios que estão evidentes em cada escola só aumentam em mim o desejo de querer estar mais próximo dos meus colegas, crianças e pais nas comunidades rurais do nosso município.

As escolas da zona rural, pedagogicamente falando, não estão desprezadas, porém precisam de mais complementos na estrutura física, como pequenos reparos, e em três comunidades necessitam de nova construção. Quanto ao material permanente e a merenda escolar, as mesmas estão em condições estáveis e o material didático pedagógico é fornecido o suficiente para a demanda de alunos.

O trabalho de supervisão escolar não é desenvolvido como eu gostaria que fosse, uma vez que durante o ano letivo se tem a previsão para três ou quatro viagens o que não acontece com precisão. Nossos colegas professores não tem a visita constante nas escolas do supervisor escolar. Isso acarreta um fardo maior na prática docente, sendo que a maioria dos professores nas escolas rurais estão em salas de aula com formação apenas do Ensino Médio e não em magistério, inclusive, trabalhando com turma multisseriada desde a Educação Infantil ao 9º ano do Ensino Fundamental. Por outro lado, o aluno, filho do agricultor, pescador, serrador e diarista de vez em quando se ausenta da escola para ajudar os pais nessas profissões. Esses fatos são vivenciados pelos discentes em cada comunidade nas nossas escolas.

Diante do exposto, a realidade enfrentada no meio rural do nosso município, requer que repensemos nossas práticas como articulador na função de supervisor escolar, essa percepção nos inquieta levando a mobilizar uma força tarefa, junto ao poder público, professores e comunidades a superar esses desafios.

Enquanto supervisor essa reflexão só aumenta a certeza que a educação deve ser colocada em primeiro lugar, pois quando a mesma é tida e trabalhada para todos no sentido concreto, todos colherão bons frutos, essa colheita será feita a médio e a longo prazo. Investir, realizar formação continuada e acompanhar o desenvolvimento do trabalho docente deve ser prioridade em qualquer esfera de governo.

Recebi o reconhecimento pelo trabalho que vinha desenvolvendo nas comunidades rurais. Acredito que foi o resultado dos trabalhos desenvolvidos pelos professores, porém uma árvore com bons frutos que percebe e consegue enxergar soluções futuras através do programa PARFOR, no decorrer do curso.

### **A pandemia de Covid-19**

Tudo parecia transcorrer bem, no último período do curso estávamos psicologicamente preparados para os últimos estágios da faculdade, trabalhando e interagindo com os colegas de uma outra turma de Licenciatura em Pedagogia que se iniciou pela UFAM, buscando me adaptar e adotar a uma nova forma de conviver, de me encontrar frente as minhas expectativas de professor formado pela UEA, não é para todos em uma cidade muito pacata, no interior do Amazonas. Nem muito menos para um coordenador da área de cima do rio Juruá, funcionário do quadro de trabalho da secretaria municipal de educação, não foi tarefa fácil. Nossa realidade é desafiadora, pois além de não haver uma internet de qualidade para os trabalhos acadêmicos.

Sentimentos e pensamentos relacionados ao negativismo da universidade e da vida pessoal vinham sempre, eu não estava conseguindo lidar muito bem com essa nova realidade. Mas isso aconteceu apenas nos primeiros momentos. A pandemia do coronavírus se espalhou rapidamente pelo Brasil. Por esta razão, o prazo para voltar aos estudos presencialmente acabou sendo prolongado mais e mais.

Durante o ápice da pandemia, sem estudar, apenas frequentando o trabalho com os cuidados necessários, nosso município por ser longe da capital não sofreu muitas percas humanas, mas infelizmente pelos anúncios na TV, os anúncios nos jornais assustavam psicologicamente as pessoas e parte da população ficou um pouco abalada e com algumas sequelas psíquicas.

A pandemia tem causado muito estresse, desespero e pensamentos negativos, incomodando a todos por conta dos acontecimentos terríveis. Todos estavam vivendo esse momento de caos, mas nunca perdi a fé de que tudo iria voltar à normalidade, como era antes.

### **Considerações Finais**

Como professor e acadêmico sempre busquei conhecimentos e formas para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. Os anos se passaram e as experiências adquiridas foram se multiplicando, fazendo com que o processo educativo fosse evoluindo, assim como as crianças, até mesmo a própria sociedade, com isso as dificuldades encontradas por todos os envolvidos no ato do fazer pedagógico, alunos, professores, pais e comunidade são atores dessa transformação de ensino e aprendizagem, é preciso saber conhecer e respeitar as diferenças e opiniões.

Ao concluir o curso de Pedagogia, a licenciatura plena com habilitação para o ensino da educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental, pela Universidade do Estado do Amazonas, posso afirmar que aprendi que o educador deve ser constantemente um pesquisador, buscando sempre soluções. Faz-se necessário que o educador se auto avalie para buscar embasamentos teóricos essenciais a reconstrução da sua prática pedagógica.

Portanto é necessário que os futuros educadores possam usar metodologias que facilitam nossas crianças aprender a construir um mundo mais fraterno o humano, possibilitando igualdade a todos. Precisamos que muitas coisas sejam feitas pela educação, principalmente no interior do município de Itamarati: tenho certeza que as lutas travadas, o cansaço, o desânimo e a ansiedade observados nessa trajetória acadêmica não foram em vão. Hoje me considero um homem vitorioso. Tudo que aprendi, os problemas que enfrentei, as dificuldades que passei, serviram de experiências para que eu possa dizer: é buscando que se aprende a ser investigador e pesquisador.

É importante ressaltar que, embora eu tenha alcançado essa conquista, tenho consciência de que é preciso prosseguir em busca de novos conhecimentos, a fim de aprimorar minha prática na profissão que escolhi, visto que esta fonte inesgotável chamada conhecimento, está sempre à disposição para saciarmos a nossa sede.

No entanto, é necessária a existência de uma estrutura compatível com as necessidades de cada realidade. E, para que haja uma educação de qualidade, é preciso que o educador e os educandos sejam tratados com o devido respeito pelos detentores do poder e pela comunidade em geral.

## **CAPÍTULO 04**

### **A EDUCAÇÃO MUDOU A MINHA HISTÓRIA**

Antônio Raimundo Melo dos Santos

Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### **Introdução**

O presente texto traz um recorte da minha experiência vivenciada durante o meu período educacional e também o acadêmico, sendo ele de muita importância para minha formação acadêmica e também para minha carreira profissional.

Durante o curso enfrentei vários desafios, um deles foi a falta de salário, desafios que por maior que fosse, não me fizeram desistir. Um dos maiores desafios foi compreender os conteúdos que eram ministrados pelos professores, pois tudo era novo e era algo que eu não estava acostumado a falar, a ouvir e a interagir com a turma. Também uns dos desafios que enfrentei foi concluir o curso de Pedagogia durante a pandemia, pois foi um desafio imenso, a falta de aparelhos tecnológicos e demais recursos, ainda mais no interior.

#### **Meu caminho até a escola**

Nasci no dia 12 de fevereiro de 1989, sou natural do município de Itamarati, no estado do Amazonas. Filho de Maria Ester Vânia Freitas de Melo e de Raimundo Nonato Vieira dos Santos. Devido meus pais serem agricultores e não terem estudado, porque tinham que trabalhar para nos sustentar e não ter uma estrutura de vida financeira fixa, me fez perceber da importância que tinha o estudar para um dia dar uma vida melhor para os meus pais.

A minha infância foi um dos momentos mais difíceis, porque fazia pouco tempo que tínhamos chegado à cidade, não conhecendo ninguém. Tornou-se mais difícil porque tinha medo e vergonha de falar com as pessoas. Ao entrar na escola no primeiro dia fui com muito medo e vergonha porque todos olhavam para mim e eu ficava me perguntando por que eles ficam me olhando? Mas, era porque eu era aluno novo naquela escola. Quando chegava no portão eu entrava e não dava confiança para ninguém, entrava e ia direto para a sala, sentava na minha cadeira bem no canto da sala.

Aos poucos fui fazendo amizade, ouvindo os colegas da sala conversando e foi quando percebi que como aluno na escola, tinha que saber ler e saber responder tabuada para ter amigos e não era só isso. Na

minha infância os alunos excluíaam você se você não tivesse uma bolsa bonita ou um calçado bonito. E na época, meus pais não tinham trabalho, nem as mesmas condições financeiras que outros pais tinham, porque os meus pais trabalhavam somente com agricultura. A gente era muito simples, éramos nove irmãos, mas antes de vim do interior para cidade, um dos meus irmãos veio a falecer e ainda no interior, foi um momento muito difícil para minha mãe.

Eu e meus irmãos íamos para escola, nos usávamos o que tinha de melhor, que era as roupas que a nossa mãe comprava quando dava, quando não dava, tinha que ir com a mesma roupa a semana toda, era uma camiseta, bermuda e chinelo, a bolsa era um saquinho de bolacha, mesmo assim não desistiam, porque via o interesse da minha mãe lutando e trabalhando para nos dar uma vida melhor. As minhas lembranças da escola são muitas, a gente brincava de várias brincadeiras, muitas vezes o professor interagia muito com as brincadeiras, era muito legal, com passar do tempo fui fazendo amigos e comecei a interagir mais com os meus estudos, porque na época os estudos eram mais rígidos, pois você tinha que ouvir o professor na hora que ele estava explicando, senão ficava de castigo e sem merenda. Na minha escola a merenda era variada, todo dia era diferente, tinha de tudo.

A minha alimentação em casa era diferente da escola, pois em casa eu tinha almoço e jantar, algumas vezes que tinha merenda, os meus pais me tratavam de maneira não muito diferente dos outros, pois tinha que obedecer aquilo que eles pediam para fazer, se você não fizesse você ficaria de castigo, ou levava uma surra, mas tinha o seu lado bom, quando você era um filho obediente, você tinha mais atenção e seus pais não brigavam tanto com você.

Lembro quando estava fazendo o 5ª ano, minha mãe me acordava cedo para ir para escola, ela escovava os meus dentes, me dava banho, passava a roupa para eu vestir, passava um perfume e logo depois me levava para escola, ia até a sala de aula e depois voltava para casa, quando eu chegava em casa ela perguntava se o professor tinha passado tarefa para eu fazer em casa e quando o professor passava, ela me falava que eu tinha que fazer. Eu e os meus irmãos tínhamos que estudar e também obedecer o professor, em casa sempre ela sentava com a gente e falava um pouco do mundo, como era, o que era certo e o que era errado.

Lembro que o colégio era feito de alvenaria e que era bem estruturado e bem arrumado, tinha cadeira, em todas as salas tinha bebedouro e o tratamento que tinha era muito bom, tanto por parte das merendeiras, como por parte dos professores. Esse foi o meu ponto de partida para o meu aprendizado, eles passavam o conteúdo, explicavam quando você não estava entendendo, eles iam até você e explicava novamente até você entender o conteúdo que ele tinha passado, eles eram ótimos professores.

Não me lembro de todos os meus primeiros professores, mas de alguns sim, a minha primeira professora que eu lembro foi uma mulher, o nome dela é CLEONE, era muito legal, tinha seus momentos de estresse, mas era uma boa professora. E o meu segundo professor foi o TIO NÊNÊ, que foi um excelente



educador, pois dominava os conteúdos com bastante clareza, ensinava da melhor forma possível para não ficar nenhuma dúvida para os alunos, era paciente com todos. E o terceiro professor era o Professor Mano, um excelente professor, era muito grande e muito forte, todos da sala tinham medo dele porque ele era muito sério no seu trabalho, mas era muito legal, ele interagia com os seus alunos, explicava muito bem seus conteúdos, perguntava se você estava entendendo, foi uns dos professores que eu tive, enquanto aluno aprendi bastante com ele, me ajudou a chegar ao ensino fundamental.

Nos primeiros dias na escola não dava para ter amigos, porque eu não conhecia ninguém, era preciso saber quem queria ser seu amigo, se era da mesma turma, tive alguns colegas da turma que eu estudava, mas foram muito poucos, era muito bom, a gente brincava na hora do recreio, a gente inventava as brincadeiras, era muito legal.

A merenda tinha um pouco de tudo: tinha sopa com bastante verdura e era muito bom, tinha arroz doce, Nescau com bolacha, farofa de jabá com arroz e macarrão, esses eram os tipos de merenda da escola que eu estudava.

Eu tinha uma vida bem simples, pois só usava um lápis, um caderno e uma borracha, que era comprado por minha mãe, ela tirava das suas economias para comprar os nossos materiais escolares, depois de algum tempo, foi que o governo do estado começou a mandar materiais para as escolas, como caderno, lápis, borracha, apontador, canetas, lápis de cores, massa de modelar, entre outros.

Já no ensino médio foi bastante diferente porque as aulas eram a distância, era por um programa tecnológico, no primeiro ano eu tive muita dificuldade, porque os conteúdos eram expressos e eu tinha que lê bastante para entender todo o conteúdo, era muito complicado, porque eu e os colegas de sala não tínhamos professores atuando dentro da sala de aula, eu e a turma toda tínhamos apenas um professor que era só orientador da turma, porém, ele nos ajudava quando era dia de provas, mas era somente naquilo que ele sabia, quando à matéria era uma que ele não tinha muito conhecimento, ficava muito difícil até pra ele nos ajudar.

O Ensino médio foi uma etapa da qual eu tive bastante dificuldade e a forma de aprendizagem foi muito pouca, porque os professores eram à distância e não presencial.

### **Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR**

Antes de atuar como professor, eu trabalhava na agricultura, ajudava os meus pais, com o passar do tempo, só trabalhando na agricultura, percebia que tinha que procura outros meios, comecei a trabalhar pela prefeitura nos serviços gerais, porém eu fazia de tudo um pouco, mas foi só por um ano, depois eu procurei me aperfeiçoar, aprendi a trabalhar como carpinteiro, com a experiência, trabalhava dando diária, assim

passei um bom tempo, porém trabalhava durante o dia e estudava à noite, foi assim até eu terminar os meus estudos.

O que me levou a trabalhar com a educação não foi uma escolha, mas por uma necessidade, eu tinha terminado o ensino médio já fazia três anos, quando teve um seletivo para professor a minha mãe pediu que eu fizesse a prova, eu fui acreditando que era impossível me chamarem, porque eu só tinha o ensino médio. Depois de alguns dias eu estava no interior quando minha mãe mandou um bilhete pedindo que eu voltasse para a cidade, porque eu tinha passado na prova e estavam me chamando para ir para o interior dar aula. Quando eu cheguei à cidade, fui até a secretaria de educação e eles me falaram que eu tinha passado no seletivo e que eu tinha que ir para o interior dar aula como professor, pedi a eles que me desse um dia para pensar, após pensar muito, fiz uma escolha, aceitei ir para o interior dar aula, mas era porque eu tinha uma necessidade, precisava do emprego para comprar aquilo que eu necessitava e depois ajudar a minha mãe e os meus irmãos. Eu não tinha muitas opções de trabalho, porque só era a prefeitura e os comércios que ofereciam emprego, mas era muito pouco o que você ganhava como funcionário da prefeitura e nos comércios.

Iniciei meu trabalho pela prefeitura no cargo de professor, no regime de contratado temporário no período de 15/05/2014, na comunidade Aracu, a mesma fica na parte de cima do município, trabalhei apenas um ano nessa comunidade.

Falar dos lugares onde já trabalhei é muito relevante, pois cada uma delas tem sua origem e sua realidade, no primeiro lugar onde trabalhei, falando do local, eram muito boas as pessoas que moravam na comunidade, eram simples, tinham suas casas, eram bem arrumadas, eles trabalhavam com pesca e na agricultura, na comunidade tinha uma área de preservação, era muito farto de peixes e de caça.

Um dos cursos da qual eu fiz foi um de Artesanato, durante o curso aprendi bastante, me fez aprender que poderia melhorar até na minha prática com a arte, outro curso que fiz foi de Arte, pois me ajudou bastante, como eu já tinha o domínio da arte, foi muito bom, o curso me ajudou bastante, me fez ter uma concepção muito diferente de como eu fazia antes para agora.

Outro curso que fiz foi de Informática, Linux Básico e Avançado wrait e calc, com o instrutor José Risomar, era muito bom o tempo que passei estudando, aprendi bastante, mas era apenas 80 horas de aula, ao terminar o curso eu não tinha computador para praticar e acabei esquecendo um pouco do que tinha aprendido no curso.

Referente ao meu salário, quando eu comecei a trabalhar eram um pouco baixo, ganhava apenas uma cadeira por mês, com o passar do tempo, sai prefeito e entra prefeito, consegui outra oportunidade de trabalhar em uma comunidade que ficava dentro de um igarapé, mas dessa vez com duas cadeiras por mês, o meu vínculo de trabalho com a prefeitura é apenas de contratado, quando chega o mês de dezembro o meu

contrato cai, mas sempre recebo o meu salário em dia, nunca atrasou um mês, sobre isso não tenho nada a reclamar.

No início da minha vida profissional eu me sentia incapaz de realizar o trabalho como profissional, porque era uma responsabilidade muito grande, mas fui aprendendo com os meus erros e hoje me sinto mais capaz de realizar as minhas atividades como profissional.

### **Estudando, trabalhando e lutando: a trajetória da minha formação**

No segundo ano que eu trabalhei na comunidade São Sebastião, em 2016, na parte de baixo do município, tinha outra realidade, a comunidade era bem pequena, mas as pessoas que moravam na comunidade eram muito legais, tinha poucas casas, tinha escola feita no modelo normal de casa, tinha apenas uma sala e um quarto que era onde eu ficava. As pessoas da comunidade trabalhavam apenas com pesca, era a única produção que eles tinham na comunidade. Nessa comunidade trabalhei com uma outra professora, era uma boa professora, procurava sempre dar o seu melhor em seu trabalho, porém, ela trabalhava pela manhã e eu lecionava a tarde, tivemos muitas experiências ao trabalhar juntos na mesma escola, porque a gente estava sempre interagindo um com outro.

As melhores lembranças do trabalho que eu tive foi em uma comunidade onde eu lecionava de segunda a sexta e quando era na sexta fazia atividade com os alunos, era muito legal, todos participavam das brincadeiras e quando eu não sabia das brincadeiras, eles mesmos faziam as brincadeiras que eles já sabiam, me chamavam e diziam: professor, vamos brincar, dessa daqui a gente sabe! Era muito gratificante para mim, porque ao mesmo tempo em que eu estava ensinando, eu estava aprendendo com eles e era muito bom porque me sentia como tivesse em casa com a minha família. As pessoas da comunidade eram muito amigas, conversavam com você e perguntavam as coisas, quando elas não sabiam, iam até você quando era para ler uma bula de remédio, foi uma experiência que até hoje sinto saudade.

Na terceira comunidade, Conceição do Raimundo, onde trabalhei, em um belo dia de aula um dos meus alunos teve as piores das ideias, querer furar o olho de uma colega e eu estava de costa para a turma, escrevendo atividade no quadro, a menina me chamou e disse: professor, o menino quer furar o meu olho! Sabendo eu que se acontecesse algo com ela a culpa não seria do menino e sim minha, porque era eu que estava lá com eles e os pais não iam pensar duas vezes, iam culpar o professor, porque ele estava lá não fez nada, porém, assustei o garoto dizendo que ia colocar de castigo se ele fizesse aquilo com a menina, mas depois que liberei eles para ir para casa, o garoto disse para o pai e para a mãe que eu tinha colocado ele de castigo e que tinha colocado uma cadeira em cima dele.

O pai acreditou no que o garoto tinha dito e não quis nem saber o que tinha acontecido de verdade, veio logo com agressões para cima de mim e eu tentei explicar o que tinha acontecido, mas o pai do menino

estava muito valente, dizendo que ia atrás dos direitos dele e que aquilo não ia ficar assim. Depois de um dia ele veio até a cidade com a sua esposa e foi na secretaria de educação conversar com o secretario e os meus supervisores e falou muitas mentiras ao meu respeito, para resumir mais a conversa, me ligaram da secretaria pedindo que eu fosse a cidade, chegando lá fui até a secretaria para saber o que estava acontecendo, sentei com os meus supervisores e o secretario, conversamos quase uma hora e eles perguntando o que tinha acontecido e eu expliquei a eles o que tinha acontecido e mesmo assim tive que ir em outra secretaria que era o CREAS, para conversar com uma psicóloga e a secretaria de assistência social.

Depois de tudo isso, voltei para a comunidade no outro dia, chegando lá pela manhã, uma lancha com dois supervisores, a psicóloga e assistente social do CREAS fizeram uma reunião com todos da comunidade, principalmente com os pais daqueles alunos que estavam estudando, essa reunião foi na escola com todos os presentes, tive que ouvir todos falando e depois tive que ainda pedir desculpa para o pai e a mãe do aluno na frente de todos que estavam ali, passei uma humilhação naquele momento, por uma coisa que eu não tinha feito, essa é uma lembrança que queria esquecer, mas não dá, porque foi uma experiência muito triste para mim como educador.

Sobre os alunos que já tive ao longo de minha experiência profissional tive alunos de todo jeito tinha aqueles que eram muito danados, que tiravam você do sério quando você chamava a sua atenção e eles não davam a mínima, por que você estava explicando a atividade e ele estava conversando com os colegas, mas também tinha aquele que conversava, mas que escutava você quando falava com ele e tinha os que prestavam atenção e escutavam, ficavam sentados no seu canto, se fossem sair eles pediam para você para ir beber água ou fazer xixi, esses eram assim, era muito bom porque eles aprendiam de verdade e a gente via o seu interesse quando eles queria aprender.

Uma situação que passei quando estava trabalhando, foi quando, eu e meu irmão que também é professor estávamos na cidade de Itamarati-AM, nós tínhamos vindo para receber o nosso dinheiro e ao voltarmos para a comunidade, eu trabalhava na comunidade São José, que fica dentro de um igarapé que se chama igarapé Canamã e meu irmão trabalhava na comunidade São Braz, que fica na margem direita do rio Juruá, ele tinha que me deixar na comunidade que eu trabalhava, que ficava acima de onde ele ia ficar, quando entramos no igarapé Canamã já era de tarde, quando estava com trinta minutos que agente andava, o motor parou e a gente começou a puxar a correia no motor e ele não queria pegar, a noite chegou e nada do motor pegar, quando começou a cair uma chuva e o cabo que ia para vela do motor molhou, agente teve a ideia de tirar a vela do motor para enxugar e na hora que íamos colocar a vela do motor, ela caiu na água, não podia mais funcionar o motor, aí então tivemos que remar aproximadamente uma hora, até chegar à comunidade São José que eu trabalhava e o meu irmão teve que passar a noite e no outro dia, ele viajou para a sua comunidade.

Em 2015 a 2016, permaneci nesta mesma comunidade, a do São Sebastião, que fica na parte de baixo do município. Em 2016, saindo da comunidade que passei dois anos, fui trabalhar em outra comunidade, passando a trabalhar apenas um ano nessa comunidade, que fica também na parte de baixo do município, a Escola Coronel Nilo Pinheiro.

Já estava trabalhando quando eu soube do curso de Pedagogia, através da primeira dama que era a nossa secretária, foi ela que nos informou que ia vir um curso para Itamarati e que esse curso era prioridade para aqueles professores que estavam trabalhando na zona rural, foi ela e o seu esposo, João Campelo, hoje atual prefeito, que nos ajudaram, o que me fez querer cursar Pedagogia e aproveitar essa oportunidade foi que eu já estava trabalhando e não tinha experiência na área, percebi que tinha que fazer uma formação pra melhorar os meus conhecimentos e aperfeiçoar minha prática profissional.

No começo das disciplinas foi bastante difícil porque era tudo novo para mim, tinha que prestar bastante atenção para entender e interpretar, eu ficava bastante tenso e ficava preocupado e nervoso porque eu tinha que estudar aquela disciplina e depois tinha que apresentar frente à turma e do professor, tinha disciplinas que eram bastante complicadas porque os conteúdos eram mais intensos, e eu tinha que ler bastante para entender e interpretar quando eu não conseguia entender ficava mais difícil explicar, quando tinha seminário eu não conseguia explicar completamente, porque não havia absorvido o suficientemente o conteúdo da disciplina, mas tinham aquelas que eu conseguia entender, eu me encontrava com os conteúdos que tinha em uma referida disciplina, na hora que eu ia apresentar o que eu tinha aprendido daquela disciplina, eu conseguia explicar muito bem e eu ficava muito satisfeito quando eu conseguia repassar o que eu tinha aprendido. Eu particularmente, não mudaria nada das disciplinas, até porque as mesmas serviram de experiência para mim e para a minha formação profissional, a respeito do tempo, gostaria que fosse um pouco mais por cada disciplina.

Em 2017, trabalhei em outra comunidade, a qual fica dentro de um Igarapé, chamado Canamã, a escola era a São José, que fica na parte de baixo do município. Em 2018, saí do interior e fui chamado pelo secretário de educação para ficar trabalhando na cidade, fiquei trabalhando em um prédio que era alugado para a prefeitura. Por que a escola estava em reforma, mas foi apenas por 9 meses. Por motivos que a prefeitura não vinha pagando o aluguel, tivemos que sair do prédio e tivemos que ir para outra escola. Mas a escola que eu trabalhava se chama escola Municipal Juraci Fernandes. Em 2019, permaneci trabalhando na cidade e na mesma escola.

Em 2020 não foi possível trabalhar por motivo da pandemia, pois os colégios tiveram que ser todos fechados por decreto da prefeitura, todos os órgãos que era de responsabilidade da prefeitura tiveram que ser fechados para manter o distanciamento social e para não ocorrer o risco de contaminação pelo vírus da COVID-19.

Em 2021, novamente tive o privilégio de ser chamado pelo secretário de educação para ficar trabalhando na cidade. Mas em outra escola que tem por nome de Escola Francisca Lobo.

### **A pandemia de Covid-19**

Fiquei desempregado por dois longos anos, não foi fácil, sem poder trabalhar tive que me virar como podia para trazer o sustento para os meus filhos, sem poder trabalhar ficou muito mais difícil, por que eu tinha que pagar água a luz que era consumida todos os meses, mas como não pode pagar, tiveram que cortar a luz da minha casa alguns vezes, sendo que o ganho que eu tinha era apenas do Bolsa Família e só dava para o sustento dos meus filhos, não era fácil ver os meus filhos pedirem para tomar café todos os dias pela manhã e você não saber o que fazer, eu tinha que dar um jeito de alguma forma para trazer comida para eles.

Sem trabalho no período da pandemia, fiz de tudo um pouco, eu pescava, quando eu podia eu fiz farinha, ajudei os meus pais a plantar roçados de tudo um pouco, quando a prefeitura levantou o meu contrato, lembro que já foi no mês de julho, chegando ao final do mês fui fazer a retirada do meu salário. Mas para o meu desespero ficar maior, uma pessoa não identificada fez um retiro do meu salário todo e faz um empréstimo na minha conta, passei mais um mês sem poder receber, foi aí que eu fiquei muito preocupado, por que eu tinha que pagar as minhas contas para poder comprar o que estava faltando em casa para os meus filhos.

Com tudo isso acontecendo na minha vida profissional e pessoal durante a pandemia, pensei em desistir do curso e procurar outros meios para tirar os meus filhos daquela situação que a gente estava vivendo. Mas a minha força de não querer desistir era maior, pensava: estou tão perto de terminar, já tive tão longe, porque desistir agora, tenho que terminar não só por mim, mas pelos meus filhos? Aqui estou com muita força de vontade de terminar a minha faculdade, estou chegando lá, só falta um pouco mais para eu terminar, eu vou conseguir chega lá, agradeço a Deus por tudo que eu tenho passando durante a pandemia e depois da pandemia de covid-19. A grande maioria das pessoas foi dispensada de seus trabalhos por causa das crises causadas por essa pandemia.

De acordo como a minha vivência, eu sei que não tem sido fácil viver nesse tempo. Iniciei meus estudos em agosto de 2021. Tudo parecia bem diferente, eu tentava interagir com os meus colegas porque não estava sendo nada fácil para mim, mas eu estava muito firme e confiante para essa nova vida. Eu não estava conseguindo lidar com essa nova realidade. Minha experiência não era para esse tipo de ensino, por meio da internet, mas tive que me adaptar a essa forma de ensino, com aulas e atividades digitais. Assim foi ficando cada vez mais fácil no decorrer desse período. Por fim, essa é a minha experiência vivida durante a pandemia.

### **Considerações Finais**

Ao concluirmos o curso de Pedagogia e a construção deste memorial, percebemos a natureza de sua relevância para posteriores estudos, à condução docente e a importância da formação continuada que propicia ao profissional estudos intensificados e contínuos, os quais são sempre enriquecedoras e inovadoras de sua ação docente.

De acordo com tudo que foi citado neste memorial, pode-se concluir que apesar das dificuldades encontradas e por mais complicadas que sejam é necessário que haja um bom desempenho na aprendizagem docente.

Este memorial foi realizado de forma pensada e organizada, vale lembrar ao coletivo de professores que a troca de experiências, a diversidade e a heterogeneidade trazem riqueza para todos, pois um trabalho dessa ordem engrandeceu-nos é serviu-nos para refletir sobre o meu papel de educador, tenho certeza da minha grande importância na construção da educação dentro da instituição a onde estou inserido, as experiências vivenciadas no decorrer deste curso servirão como suporte para reflexões e melhoria na minha prática pedagógica.





## **CAPÍTULO 05**

### **MINHA VIDA E A EDUCAÇÃO**

Antônio Rosalino Barros  
Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### **Introdução**

No presente memorial, procuro relatar algumas das minhas experiências de vida com a educação, seja como aluno, seja como professor. Também falo das minhas vivenciadas durante o curso de Pedagogia e o aprendizado do dia a dia. A parte final mostra um pouco como foi ser estudante e professor, como consegui realizar a minha formação em serviço.

#### **Meu caminho até a escola**

Nasci na comunidade conhecida como “Cubiu”, no dia 25 de maio de 1982, sob os cuidados de uma parteira, amiga de minha mãe, e recebi o nome de Antônio, devido ao fato de ter nascido laçado pelo cordão umbilical e segundo a crença popular, quando a criança nasce laçada deve receber o nome de Antônio(a), para que assim, evite da mesma morrer queimada ou afogada.

Passado um tempo, meus pais se mudaram para outra localidade chamada de “Tambaqui”, nesse período a família tinha sete integrantes, depois vieram para Itamarati onde a família cresceu mais ainda e passamos a ser quatorze membros, hoje apenas com dez vivos, e onde eu e meus irmãos pudemos concluir nossos estudos e resido aqui até hoje, meu pais decidiram vir para este município para que pudéssemos ter uma formação educativa adequada, sendo que na devida comunidade não tinha escola, sem falar que era muito difícil para meu pai conseguir o sustento da família, pois o pouco que ele ganhava com o seu trabalho não dava nem para suprir a necessidade de todos e algumas vezes ainda ficava devendo o seu patrão.

Durante a vida nas comunidades o acesso à escola era bem difícil, tínhamos que andar por entre a mata, muitas vezes em meio a lama quando chovia e muitas vezes tive que deixar de ir à escola para trabalhar na roça, levando o material escolar dentro de uma sacola, as salas eram bem precárias, sem iluminação ou qualquer ventilação.

Além de ter o objetivo de formar alunos e cidadãos, a escola também é responsável por promover o crescimento profissional dos seus docentes. Isso é muito importante, pois a formação de professores

representa um papel estratégico na qualidade da educação. Uma boa escola é formada por bons alunos, que são formados por bons professores.

Todos sabemos da importância inquestionável de contar com um educador competente dentro das escolas. Isso fica ainda mais claro se considerarmos que nossos jovens estão em constante mudança para acompanharem o ritmo do novo mundo, o que demonstra o quanto é necessário que os professores estejam sempre aprendendo e adaptando-se para seguirem essa realidade.

O Ensino Fundamental e Médio, concluí no município de Itamarati, na minha época as escolas não tinham ar condicionado, faltava merenda, a estrutura não era assim tão boa, mas apesar das dificuldades, meus professores faziam o que estava ao seu alcance deles para nos ensinar com qualidade. Hoje a estrutura melhorou, já se tem merenda escolar, ar condicionados, equipamentos tecnológicos, além de material didático de boa qualidade, sala de informática, além de professores com formação adequada e atualizada.

Nesse período do ensino fundamental eu tinha seis anos, mas não tenho muita lembrança com que idade comecei a estudar, apenas lembro a partir dos dez anos de idade na escola Padre Guilherme Burmanje, que na época tinha quatro salas de aula e uma secretaria, ao lado tinha também uma quadra poliesportiva onde nós alunos brincávamos nos dias de sexta feira. Atualmente essa escola tem sete salas de aula, onde se trabalha do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

No ano de 2007 foi quando eu concluí o Ensino Médio, para a minha pessoa foi uma alegria imensa por ter vindo do seringal onde não tinha escola, e naquele momento estava concluindo os estudos, era mais uma conquista na minha vida.

### **Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR**

No município que resido as opções de carreira e estudo no meu tempo de discente sempre foram muito limitadas, quando terminei o ensino médio a melhor opção de emprego que havia no município era a de professor, não que meu pensamento fosse o de que ser professor, sempre acreditei que essa deveria ser uma das mais respeitadas entre todas, pois o professor é quem forma todas as outras profissões, mas não pensava em seguir nessa profissão.

Antes do início nesta profissão, eu ajudava meu pai na agricultura, mas, consegui uma vaga de professor para atuar na zona rural, já com família, precisava ter uma renda maior, uma tarefa árdua e cansativa, pois tinha que me deslocar até a comunidade e todas as despesas que tinha com alimentação e combustível saiam do meu próprio bolso, não sobrava quase nada do pagamento.

O prefeito em exercício em 2016, trouxe para o município o PARFOR, com a intenção de qualificar os professores que atuavam na zona rural, para todos que tinham somente o Ensino Médio, mas agora somos Licenciados e alguns concluindo a Pós-Graduação.

A escolha da profissão se deu em face de ser uma das melhores opções que o município dispunha no momento, e também pelo fato de ter família e querer poder oferecer algo de melhor para eles, apenas com o Ensino Médio consegui uma vaga para lecionar na zona rural, uma tarefa bem difícil, pois lá tinha que me manter pescando, pois nem sempre o rancho que era levado dava para o período que iria passar na comunidade. Através da atuação do prefeito em 2016 que tinha o objetivo de qualificar os professores da zona rural e atuantes, o que proporcionou mais essa experiência para firmamento da profissão de docente.

Visando o futuro e também uma vaga no mercado de trabalho cada vez mais competitivo aceitei essa oportunidade de fazer o curso de Pedagogia e em paralelo ao mesmo, também fiz um curso de Pós-Graduação em Educação Infantil nos anos iniciais. No município de Itamarati concluí o Ensino Médio, formei família e passei a lecionar na zona rural em 2010.

Antes do PARFOR, trabalhava como professor leigo, tinha apenas o ensino médio, trabalhava na zona rural, onde é muito comum as escolas só terem uma única turma com salas multisseriadas, sob a orientação de um único professor, ministrando aulas de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental, e que desenvolvem seus estudos de acordo com planos semanais. Devido a essa falta de formação, os resultados do ensino nessas localidades são sempre os piores, mesmo tendo a boa vontade e esforço dos professores, pois lhe falta (faltava) o aperfeiçoamento e a maneira certa de ensinar, sem falar na falta de estrutura física adequada para o exercício dessa atividade.

Em 2008, minha esposa teve a oportunidade de conseguir uma vaga para lecionar na zona rural do município de Itamarati, a Secretaria de Educação convocou uma reunião para a lotação dos professores em suas devidas comunidades, e a comunidade na qual ela foi lotada fica no alto Rio Juruá, conhecido como Curinga, local muito distante, mas como precisávamos de emprego aceitamos. Ao chegar na comunidade nos deparamos com a ausência de escola e nem um local para o professor hospedar-se, então o supervisor conversou com as pessoas da comunidade para alguém disponibilizar sua casa para a professora trabalhar e morar durante o ano letivo e um morador cedeu sua casa, foi mais um obstáculo pois na casa não havia um lugar onde pudéssemos colocar nossas coisas, e as aulas eram ministradas na sala da moradia e os nossos objetos pessoais não tinham um lugar onde poderíamos ter privacidade, foi muito difícil, mas aos poucos nos adaptamos.

Passados alguns meses surgiu uma vaga para professor do Reescrevendo o Futuro, e uma equipe da secretaria de educação foi até a comunidade para falar com minha esposa e ofereceram para ela, mas ela não aceitou devido achar que iria ficar sobrecarregada, pois ela lecionava na parte da manhã e tarde, e foi então que me ofereceram e disseram que eu teria que vir para o município para fazer um treinamento. Essa foi a primeira experiência como professor, lecionando aos sábados durante o turno da manhã com o intervalo de 15 minutos, e ao meio dia com o almoço que era oferecido pelo programa, logo após, os estudantes iam para casa, e as 14 horas, retornávamos para a sala de aula, as 17 horas saíamos.

Com o encerramento do Programa Reescrevendo o Futuro, no ano seguinte fomos para outra comunidade, no baixo Rio Juruá, chamado Conceição do Raimundo, lá era só minha esposa, devido a um problema com a mãe de um dos alunos eu fiquei com a vaga.

No ano de 2010 eu fui para a comunidade que tem por nome “Pilão”, tivemos cinco dias de treinamento para professores, mas para mim não era o suficiente, estava me responsabilizando pela educação escolar dos filhos dos outros, no entanto procurei não mostrar essa insegurança, na devida comunidade aprendi a superar meus limites aos poucos.

No ano de 2011 fui para outra comunidade, o Soriano II, permanecendo até 2012 na mesma, mas, devido as pessoas da comunidade Pilão mudarem para a sede do município, não houve mais alunos suficiente para formar uma turma.

No ano de 2013, houve um processo seletivo para professores da zona rural, e minha esposa passou, foi então que fomos para a comunidade Tonantins, no baixo Rio Juruá, onde tinha ótimas pessoas e bons alunos.

No que se refere aos estudos todos tinham interesse de estudar e eram bem compreensíveis, já em 2014 não havia mais alunos na comunidade e fomos lotados para Boa Vista, no igarapé Canamã, no baixo rio Juruá e continuei no ano de 2015 e 2016 na referida comunidade. No ano de 2017, com algumas negociações, passei a trabalhar na sede do município de Itamarati, na Escola Municipal Francisca Gomes Lobo, como professor de Educação Física nas séries iniciais, de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

No ano de 2018 fui para a Creche Municipal Santa Luzia, depois de um processo seletivo realizado pela Secretaria Municipal de Educação, foi uma experiência bem complexa, devido ao fato do prédio não oferecer uma estrutura adequada para os alunos. Quem trabalha com a educação na zona rural, quem está na sala de aula lidando diariamente com as carências e as realidades das escolas e dos alunos dessa região, não se espantam com os resultados negativos no que diz respeito a avaliação da aprendizagem.

Diante dessa dura realidade, o prefeito e secretário de educação buscaram trazer para o município um programa que qualificasse os professores da zona rural, daí veio o PARFOR, que é um programa emergencial criado para permitir aos professores em exercício na rede pública de educação básica o acesso a formação superior exigida na lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDB<sup>1</sup>).

A LDB, apesar de exigir nível superior a partir de 2007 na contratação de professores, admite, em seu artigo nº 62, que os professores que estão na rede tenham formação em nível médio para dar aula na educação infantil e nos primeiros quatro anos do ensino fundamental, por isso pude dar aulas mesmo sem formação superior.

---

<sup>1</sup> BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996.

De acordo com a LDB (1996) formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal.

Com uma família formada vieram às incertezas, pensava como iria poder dar-lhes o melhor, e por isso nem hesitei em querer ou não a vaga de professor, pois precisava muito, como minha vida sempre foi de lutas, uma a mais não faria diferença.

Muitas dificuldades enfrentei, o acesso as comunidades, a habitação na mesma que não era lá essas coisas, o mantimento das necessidades básicas, os materiais didáticos eram precários, também não tínhamos acompanhamento pedagógico, e na época dos piuns, que são pequenos insetos que picavam a nossa pele, era impossível ficar sem roupas que não fossem compridas para me proteger, às vezes chegava a ferir de tanto coçar onde os mesmos ferravam, sem contar os carapanãs, que durante a noite, mesmo borrifado veneno, eram muitas e precisávamos dormir com cortinados, era uma verdadeira aventura, brincar de ensinar para aquelas crianças que tanto queriam aprender. Hoje reconheço que este contato com a zona rural foi uma experiência válida, depois de seis anos trabalhando na zona rural fui removido para trabalhar na cidade até o ano de 2019, em 2020 não teve trabalho devido a pandemia e em 2021 não conseguir vaga.

### **Estudando, trabalhando e lutando: o percurso da minha formação**

Durante o período em que eu estava trabalhando na zona rural, fiz alguns cursos como o Curso de Formação Continuada, promovido pela Secretaria Municipal de Educação-SEMED. Também o Curso de Formação Continuada de Professores Alfabetizadores, no âmbito do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa-PNAIC, o curso de Aperfeiçoamento em Educação do Campo oferecido pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM e o Curso de Informática Básica Linux.

Até 2016 trabalhei na comunidade boa vista e em 2017 fiz acordo para atuar na sede. No ano de 2016 teve início o PARFOR, fui contemplado pelo mesmo. Com o mesmo, percebi que o sucesso no processo de ensino e aprendizagem depende de vários fatores, como: estrutura da escola, capacitação do professor, planejamento da aula, comprometimento do aluno, entre tantos outros. Sendo assim, o professor exerce um papel de extrema importância, devendo realizar a sua função de forma eficaz.

Com o PARFOR, aprendi a ministrar nas aulas, novas técnicas e métodos que contribuem para a melhor aprendizagem dos alunos, comecei a rever novos conceitos. Meu trabalho ficou mais proveitoso, essa formação veio enriquecer o meu conhecimento e me proporcionou ver os alunos de maneira diferente, ter mais cuidado com os estudantes, principalmente na sua avaliação e ter mais atenção para lidar com eles.

Durante a minha formação, pude aprender a importância desses fatores e assim colocá-los em prática no meu ambiente de trabalho, passei a ter um olhar mais crítico sobre a educação e a buscar meios para

melhorar o trabalhando em grupo, auxiliando todo o corpo escolar e tentando conciliar com a realidade do aluno que muitas vezes é bem sofrida. Os obstáculos encontrados pelo professor no ambiente escolar são imensos, no entanto, eles devem ser superados através de atitudes e de um conjunto de saberes desse profissional, que são adquiridos em sua formação profissional.

Os professores deixaram valiosas lições como o respeito, o profissionalismo, a ética e os bons conselhos de sermos leitores informados, tanto dos livros de grandes autores, quanto de leis direcionadas a favor dos estudantes e dos professores em prol de uma sociedade em geral.

Em 2016 estava trabalhando na comunidade Boa Vista, uma das comunidades mais bem desenvolvidas do município e grande produtora de farinha, produção essa que é levada para vender na capital, Manaus. Além de ter uma bela vista, com um lindo igarapé, fiz muitas amizades por lá. A comunidade oferece uma das escolas com mais conforto para os alunos e professores, a escola São Mateus. Pelo fato de ter energia elétrica, tornava as aulas um pouco melhores, sendo que nas outras comunidades onde trabalhei não havia eletricidade e nas aulas no turno da tarde fazia um calor insuportável.

Em 2017, estava atuando na sede do município na Escola Municipal Francisca Gomes Lobo, como professor de Educação Física nas séries iniciais de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. A escola tem uma estrutura razoável e o que mais me chamou a atenção é o carinho e amor que a gestora tinha pela mesma, sempre com toda dedicação e muito bem elogiada pelos pais das crianças.

No ano de 2018 fui para a Creche Municipal Santa Luzia, depois de um processo seletivo realizado pela Secretaria Municipal de Educação, foi uma experiência importante, com momentos de alegria e ao mesmo tempo de sufoco, devido se tratar de crianças bem pequenas junto com crianças maiores, pois o prédio não oferece estrutura adequada para os alunos tem apenas uma sala onde as crianças ficam para suas atividades tanto recreativa quanto para lanche, não oferece um lugar onde as crianças possam dormir e os banheiros são inadequados para esses alunos.

No ano de 2019 continuei trabalhando na creche e em 2020 fiquei desempregado devido a pandemia, com as aulas suspensas o prefeito não contratou ninguém, somente pessoal da saúde que estiveram ativos, consegui manter o sustento através da pesca, agricultura e venda de picolés em casa, e também ajuda de pessoas próximas.

### **A pandemia de Covid-19**

Durante a pandemia não trabalhei, pois todas as atividades escolares foram suspensas e para o sustento de casa pescava com alguns colegas de turma, para arrecadar um dinheiro e com isso pagar algumas contas, como a energia, trabalhei na agricultura plantando, recebia ajuda de vizinhos e dos meus pais com alguns alimentos, e também o Auxílio Emergencial que ajudou muito, assim também como a venda de picolés, que me ajudou bastante.

O período de pandemia foi muito difícil, principalmente no que diz respeito ao sustento de casa, mas tivemos outros meios para suprir isso e com a ajuda de outras pessoas foi possível suportar essa fase, que graças a Deus e a Ciência, já estamos vencendo essa pandemia.

Durante a pandemia me preocupei sobre a continuidade do curso, se demoraria muito ao retorno das atividades e principalmente se estaria vivo para concluir a mesma, pois diante de uma pandemia e sem nenhuma vacina contra ela, a tensão aumentou. Graças aos esforços governamentais em se preocupar com a educação, usando da tecnologia, aulas EAD e aplicativos de mensagens, conseguimos levar adiante o curso. A coordenação local não me ajudou muito, as minhas dúvidas eram tiradas mais entre colegas e com os professores por meio do WhatsApp.

As leituras em casa eram tranquilas e de bom aproveitamento, os encontros com os colegas ajudavam a distrair e quebrar um pouco da tensão de ter que ficar direto dentro de casa, algo bem difícil para que tinha uma rotina antes da pandemia bem agitada. Preciso também reconhecer a boa vontade e a paciência da coordenação geral para conosco, pois as dúvidas foram muitas e percebeu-se a boa vontade de cada um em ajudar da melhor forma possível.

Os colegas que compartilhavam saberes e os questionários da entrevista para realização do relatório que foi de suma importância, já que não tivemos estágio presencial e também na ajuda dos colegas para quem não tem computador assim como eu, algo bem complicado para quem está fazendo um curso superior.

A pandemia mostrou que todos nós precisamos uns dos outros, independentemente de classe social ou formação, o critério de ser um bom ser humano, antes de ser um bom profissional foi o que prevaleceu durante o curso de Pedagogia.

### **Considerações finais**

A caminhada percorrida durante todo o curso, foi uma caminhada árdua com algumas dificuldades pelo caminho, mas dificuldades essas muito bem recompensadas, pois no que diz respeito a educação, o aprendizado nunca é demais.

Podemos afirmar que aprendemos e ensinamos ao mesmo tempo e a nós particularmente, foi uma experiência extremamente válida, pois compreendemos que o processo de ensino e aprendizagem exige envolvimento, discussões, reflexões, saber ouvir, respeitar as vivências e contribuições de todos os envolvidos.

Sáímos da nossa zona de conforto com a pandemia do covid-19 e aprendemos que educação e saúde andam juntas, que sempre precisamos uns dos outros, e ajudar ao próximo é o nosso maior gesto de amor, além de perceber a funcionalidade e importância da tecnologia em tempos de pandemia, algo que deve ser pensado e introduzido cada vez mais no ambiente escolar.

Destaco também que o PARFOR foi uma das alternativas possíveis para dar conta da formação dos docentes em serviço, algo pensado por uma gestão municipal que se preocupou em ter seus professores da zona rural qualificados, diante de tantas dificuldades existentes e que nos possibilitou não só uma formação de qualidade mas também conhecer professores que se importam com o aprendizado de seus alunos, que são gentis em sua prática pedagógica, atenciosos e que levam em consideração a realidade de seus alunos e buscam aproveitá-la ao máximo, tentando minimizar os desafios com ela trazidos.



## CAPÍTULO 06

### SONHOS, LUTAS E DESAFIOS NA VIDA DE UM PROFESSOR

Antônio Valdinei Mendes de Almeida

Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### **Introdução**

O presente texto tem como objetivo apresentar o meu caminho percorrido, meus passos e dificuldades durante toda a minha vida educacional. Terá também trago um pouco sobre a minha formação escolar, as experiências pessoais que me fizeram optar pela docência, minha vida profissional e acadêmica e os momentos marcantes, antes e durante a minha formação.

Escrever esse texto me possibilitou fazer um resgate da história, abordando os diversos aspectos do processo educativo, creio que até aqui nos ajudou o Senhor, foram anos de lutas e de glórias, mas persistir sempre foi o foco para conseguir alcançar meus objetivos, anos de estudos me permitiram adquirir diversos conhecimentos que foram fundamentais para as transformações no meu processo educacional.

#### **Meu caminho até a escola**

Nasci no dia 15 de maio 1993, no município de Itamarati, Estado do Amazonas. Sou filho de Maria Edmilsa Mendes e Valdir Perpétuo de Almeida, venho de uma família de onze irmãos, sendo eu o mais jovem e sou pai de duas meninas. Meus irmãos se chamam: Aldece Mendes de Almeida, Maria das Graças Mendes de Almeida, Edelson Mendes de Almeida, Aldecir Mendes de Almeida, Alfredo Mendes de Almeida, Dejacir Perpétuo Mendes de Almeida, Raimundo Nonato Mendes de Almeida, Jose Valdecio Mendes de Almeida, Maria de Fátima Mendes de Almeida, Claudecir Mendes de Almeida.

Lembro-me com satisfação das minhas primeiras lembranças educacionais, recebidas dos meus pais. Sempre tinha ensinamentos e grandes sermões por sermos muitos, meus pais se preocupavam bastante, principalmente em formar um caráter e uma personalidade boa diante da sociedade. Eles falavam muito em honestidade e respeito, minha mãe me fazia pedir a bênção às pessoas mais velhas, como uma forma de mostrar o respeito, meus pais sempre diziam que o que os olhos viam em casa alheia, a mão não poderia pegar, ou seja, tudo que não nos pertencia, não poderíamos pegar. Meus pais me educaram, mesmo sendo

leigos fizeram a parte deles, minha infância foi composta por regras e obrigações e foi isso que me fez ser um bom cidadão.

Iniciei minha jornada escolar aos seis anos de idade, relembro com muito orgulho como tudo começou, por ser o mais novo entre meus irmãos, todos que estudavam iam à escola, eu ficava a chorar, pois eu também queria ir, porém não era permitido, pois ainda não tinha a idade certa para ser matriculado, o tempo passou e completei então meus seis anos.

Minha mãe disse: agora você irá estudar. Fiquei muito feliz, mas essa felicidade passou rápido, nada na escola foi como imaginei. Minha primeira professora se chamava Rosilene, na escola Estadual Santos do Dumont, foi onde tive minha primeira educação formal. A professora era bem séria, mas muito inteligente, era vista como umas das melhores alfabetizadoras na época. A escola para mim de início, era um lugar desconhecido, estranho, tudo era diferente, não conhecia ninguém, lugar com regras, e principalmente com várias pessoas desconhecidas, tive muitas dificuldades, uma delas por não escrever com a mão direita, ficou ruim para a professora me ensinar a pegar no lápis.

Na leitura tive dificuldades, era incrível como não conseguia aprender a vogal “E”, e nem conseguia associar o elefante com a vogal, por não conseguir ler e acompanhar alguns colegas da turma, a professora fez uma seleção, os alunos que não acompanhavam a turma, iriam ao reforço, como era matutino, o reforço seria a tarde, justamente com a mesma professora.

Certo dia a professora passou muito dever para casa, e já era para levar na manhã seguinte, eu já não queria mais estudar, achava muito chato, e ainda tinha que obedecer a professora, que alguns professores a chamavam de gigante por ela ser grande, então eu decidí propor um acordo com minha mãe, de estudar um dia, e outro não, ela estava ocupada, mas me respondeu, mais tarde conversamos sobre isso, fiquei animado, ela vai aceitar, nem liguei mais para as atividades. Ela terminou seu trabalho e me chamou para conversamos. Ela me explicou a importância de estudar, me ensinou porque eu tinha que estudar. Depois da conversa ela me deu uma surra, e ainda me fazia dizer porque eu estava apanhando, mas não entendi de início a importância de estudar que minha mãe falava, mas compreendi que se eu faltasse, eu era sujeito a pegar uma surra.

Desde essa surra nunca mais quis faltar as aulas, passei a fazer meus deveres, passei até gostar de estudar, eu adorava merendar e ainda me sentia privilegiado por merendar duas vezes, uma pela manhã e outra à tarde. A merenda que eu mais gostava era sopa de feijão, quando a professora me deixava ir ao banheiro ou tomar água, sempre eu dava um jeitinho de passar pela cozinha para ver qual seria a merenda naquele dia, cada aluno tinha que levar seu vasilhinho e sua colher, pois a escola não tinha prato e nem colher o suficiente para a quantidade de alunos.

Quase sempre eu ficava ansioso para a hora da merenda, pois nem todos os dias tinha algo para acompanhar o café, às vezes só tomava o café sem nada, mas iria à escola, muitas vezes minha primeira

refeição era na escola, às nove horas. A merenda era servida por sala, cada aluno pegava sua merenda e voltava para a sala, a professora também permanência na sala, nos observando e pondo ordens, quando terminávamos de merendar, colocávamos os vasilhinhos em baixo da carteira ou na mochila.

As aulas eram sempre organizadas, a professora usava muito o quadro, fui alfabetizado no método tradicional, pela repetição de sílabas, usei muito as cartilhas, os cadernos de caligrafia, ditados e todos os dias tinham leitura e junções antes da saída. A lição era aplicada, só mudava de lição quando cada aluno conseguia chegar ao objetivo da professora que era ler para a turma inteira, meus pais me apoiaram e me incentivaram a ir à escola, lembro com muita gratidão que meus pais nunca deixaram faltar o material escolar, sempre tinha o dinheiro do material, da sandália e da roupinha para ir à escola.

Quando a professora passava textos para casa, minha mãe sempre me fazia ler para ela, as vezes ela estava ocupada, fazendo as tarefas de casa, mas mesmo assim ela mandava eu ler, queria ouvir o que tinha aprendido e como andava minha leitura. Todos os dias quando chegava da escola minha mãe pedia para ver o material, sempre olhava o que tinha estudado naquele dia, era uma técnica que ela usava para ver se realmente eu estava estudando. Sempre meus pais iam me deixar na escola, algumas vezes ia com minhas irmãs, eu não gostava quando minha mãe ia me deixar, ela sempre perguntava como andava meu comportamento e se estava fazendo as tarefas.

Quando eu já estava maior, na terceira série, tive um professor marcante em minha vida, o professor Jorgevan, ele morava uma casa distante da minha, éramos quase vizinhos, a gente copiava muito, mas também ele gostava muito de mandar ler, com ele aprendi a ler bem, então ele foi marcante pelo fato de ter me ensinado a ler, a primeira vez que eu li sem gaguejar... nossa, fiquei muito feliz, fui dormir tarde, lendo, mas lendo a cópia que o professor tinha passado. Ele sempre dizia, que a gente tinha que copiar lendo. Isso me fez ser um bom leitor. No outro ano mudou o professor, ganhamos novos colegas, o professor viajou e deixou sua irmã no lugar, ela não era tão dedicada, ela deixava a turma ficar bem à vontade.

A nossa escola, a Santos Dumont, era enorme aos meus olhos, sempre limpa, tinha um jardim no centro da escola, nenhum aluno podia mexer nas plantas, para não danificar o jardim, os professores e o gestor nos proibiam, caso alguém desobedecesse, ele mandava chamar a mãe, ou seja uma surra era certa, caso acontecesse comigo.

Escola Estadual Francidene Soares Barroso, era conhecida como colégio grande, por ser de dois pisos. A gestora se chamava de Gleice Menezes, de início estranhei bastante, na outra escola era somente um professor, já na escola nova era seis professores, cada matéria um professor, então conseguir entender que cada professor tinha uma matéria específica.

Nessa escola ganhei uma farda, uma calça e uma blusa, mas a gestora explicou que todos os alunos tinham por obrigação ir à escola de farda, o aluno que não tivesse de farda, não entraria na escola, e se entrasse, quando ela visse, mandava voltar para casa.

Os tempos de cada professor era dividido em 45 minutos, quando o sino tocava, mudava-se de professor, eu adorava quando era aula de língua portuguesa, a professora era a Mauria, professora cobrava muito, mas também ensinava bastante, ela tinha a letra muito bonita, e explicava e dominava os conteúdos muito bem. Lembro-me que ela gostava muito de pegar leitura, ela observava tudo na hora da leitura, olhava a postura, a altura da voz, ela sempre dizia que leitura era igual a sexo aprendia praticando. Meus colegas de aula era quase todo da mesma rua, então sempre íamos e voltávamos juntos, a professora Mauria foi minha professora desde a 5ª série, até minha conclusão do ensino médio.

Aos meus 12 anos tive uma tristeza enorme, uma dor e uma saudade que ficou para sempre em meu coração, a perda de meu pai, ele ficou doente, levaram ao hospital e ficou internado, não havendo melhoras reuniram a família para mandar buscar um avião, ele passou alguns dias no hospital de Itamarati, sem melhoras, ele se despediu da família e foi à Manaus, encaminhado para o hospital João Lúcio, lá foi diagnosticado um caroço na cabeça dele, os médicos pediram exames para ver qual o tipo de caroço e infelizmente era maligno, ele não resistiu muito tempo, logo a doença se agravou, e ele partiu nos deixando saudades.

Meus pais eram agricultores, mas também meu pai era vigia, trabalhava de carteira assinada, era o único que tinha emprego dentro de casa. Quando ele morreu o patrão dele liberou todo mês um rancho para minha casa. Com essa perda tudo mudou e mudou muito, minha mãe se tornou pai e mãe, nessa época ainda éramos muitos dentro de casa, mas ninguém trabalhava, minha mãe não baixou a cabeça e a gente continuou na agricultura, mamãe se virava de todo jeito para não faltar nada. E nunca nos tirou da escola para irmos trabalhar na roça, quando tinha trabalho para fazer e não dava para fazer a noite, ela não nos levava para ajudar na agricultura, mas ficava em casa, para fazer os trabalhos.

Meu irmão se tornou professor no interior, vivia na zona rural, se tornou profissional capacitado pelo Pro rural, e com o tempo ficou na sede do município, era um ótimo profissional, eu sempre reclamava dos trabalhos nos roçados e minha mãe sempre citava ele como exemplo, dizia que ele tinha estudado e hoje ganhava a vida fácil, sem precisar se sacrificar tanto.

O tempo foi passando e a gente continuo na agricultura, minha mãe já cansada, ela dizia: um dia quando conseguir me aposentar irei abandonar essa vida de agricultora. Então eu sonhava, pensava: tomara que minha mãe se aposente logo, e nada, um belo dia, um professor chamado Urbaldo, fez um projeto, onde iria escolher cinco alunos de cada turma para criar uma turma para ensinar informática básica, nessa seleção meu nome foi selecionado, fiquei muito feliz, nem tanto, por que iria fazer informática, mas pelo motivo que iria estudar pela manhã informática e a tarde iria a aula normal, assim não tinha como eu ir a roça, cheguei em casa, contei a novidade, mamãe ficou muito contente, mas meus irmãos não gostaram muito da ideia. Depois vieram outros cursos de informáticas e eu estava dentro, fiz o básico e o avançado, se algo fosse relacionado a educação e o bem-estar para futuramente uma vida melhor, a mamãe sempre apoiava. Foi uma fase muito

difícil, mas minha mãe sempre acreditou que o caminho para o sucesso era por meio da educação. Ela nunca mediu esforços para nos dar uma melhor qualidade de vida.

Nessa fase de minha vida dediquei-me aos estudos, minha vida toda foi estudando, o estudo se tornou uma coisa prazerosa, eu adorava trazer tarefas para casa, sempre brinquei muito de ser professor, nas minhas imaginações eu era um professor do ensino médio, um professor respeitado, cheio de conhecimentos.

Iniciei o ensino médio, aos 15 anos, foi uma etapa muito marcante em minha vida, pelas amizades, pela maturidade, nessa fase tive que tomar uma decisão muito difícil, o padre na época, padre Inácio, me achava inteligente e um bom rapaz, ele me fez uma proposta, ao meu ver muito difícil de tomar uma decisão, me fez o convite para me levar para Goiânia, para estudar por conta da igreja no seminário, fiquei animado, cheguei em casa contei a novidade a minha mãe, ela ficou mais feliz ainda.

Passei a receber estudos e orientações de como seria minha vida no seminário, a primeira proibição era tocar em mulher, desde desse dia já cai do cavalo e essa vontade de viajar e ser seminarista logo foi esfriando, conversei com o padre que seria melhor terminar o ensino médio, depois de concluir eu iria ao seminário, ele achou uma decisão sábia. Com tempo fui me afastando da igreja, o padre viajou e deixou o contato, pois, assim que eu concluísse o ensino médio eu deveria entrar em contato para ele agilizar a papelada e eu entrar ao seminário. Deixei até de frequentar a igreja católica, comecei a congregar a igreja Batista, logo fiz amizade com o pastor, até me batizei, fiz viagem para Eirunepé com o pastor, minha primeira viagem sem ninguém da família.

O ensino médio foi uma das melhores etapas de minha vida, eu adorava as novas matérias que tinham entrado para fazer parte de minha vida, nas aulas de sociologia sobre a sociedade, os comportamentos, as mudanças, as relações do homem com o meio, meu professor de Sociologia era o professor Cosmo, ele dava aulas de História e Sociologia, eu ficava intrigado, ele pouco usava o livro, nos líamos o texto e ele explicava tudo detalhadamente.

O material a escola fornecia, era difícil faltar merenda na escola, quando faltava as turmas saíam mais cedo, os tempos eram reduzidos de 45 minutos a 30 minutos, a merenda normalmente era sopa, suco com bolacha, farofa e minguais, essas merendas eram servidas no refeitório. Nessa época comecei a namorar, primeiro com uma menina da minha rua, com o tempo eu fiz amizade com uma menina de outra sala, começamos a conversar todos os dias, passamos a gostar um do outro, mas eu não poderia namorar, pois eu já tinha alguém, então resolvi romper meu namoro para tentar entrar em outro. Deu certo, ela estava apaixonada por mim.

Meu irmão que era professor, passou a trabalhar na mesma escola que eu estudava, ele tinha um casal de filhos e era separado e voltou a morar lá em casa, a gente dividia tudo, o mesmo quarto, a mesma cômoda de pôr as roupas, entre outras coisas.

E parecia bem, a gente sempre iria à escola juntos, ele era muito brincalhão, alegre, não tinha tempo ruim, no dia que estávamos comemorando o dia do estudante, ele passou o dia fora, se divertindo com seus colegas. Ao chegar em casa, ele perguntou pela mãe, ela estava do outro lado do rio, em uma terra que a gente cultivava, ele perguntou se ela iria demorar, eu respondi, não sei, ele foi ao banheiro tomou um banho, brincou, dançou dentro de casa. Um dia ele chegou em casa e tirou a própria vida com uma espingarda. Foi um choque muito grande, um homem com profissão, com nível superior, novo, cheio de vida, tirou a sua própria vida.

Não foi fácil superar, era difícil ir à escola sem ele, mas difícil ainda era não ver ele ali no lugar de sempre na escola. Pensei em desistir, parar de estudar, tudo estava muito difícil, dentro de casa, tínhamos um irmão que tinha hepatite, ele lutava para sobreviver, vivia muito tempo em Manaus em busca de tratamento, com a morte do Xande, um mês depois, meu outro irmão também morreu. Mãe sempre guerreira foi a que mais sofreu, mas passava forças e segurança para todos nós, nada mais fazia sentido para mim. Foi difícil passar por tudo isso, ficou marcas que ficaram eternizadas em meu coração.

Minha mãe, me motivou, aconselhou me fez entender que a vida nunca para diante das dores, das angústias e dificuldade. Temos sempre que seguir em frente. Eu consegui continuar estudando a fundo com o objetivo de ter uma vida melhor.

Sonhava em terminar os estudos e viajar, queria muito estudar direito e ser juiz, no terceiro ano, quando as aulas estavam perto de terminar, teve um painel de leitura. A professora pediu para cada aluno fazer uma redação sobre a vida escolar, mas somente os alunos do terceiro ano, a redação mais coerente e bem-feita, dos cinco primeiros alunos iriam ao painel escolar e os alunos iriam ler suas redações na praça para o público. Para a minha felicidade minha redação foi escolhida, tive que ir ler com outros colegas minha redação, minha mãe estava na plateia, cheia de orgulho. Ao fim das aulas, dois professores me perguntaram o que eu iria fazer depois do fim do ano letivo, eu fiquei sem resposta, o professor disse a seguinte frase, não pare de estudar, você não pode para agora.

Minha professora de Língua Portuguesa me chamou para conversar e disse quase igual ao outro professor, que eu devia continuar estudando, até me orientou a fazer o curso de Letras, em Itamarati não tinha como estudar depois do ensino médio.

Meus colegas de turma, aqueles com o pai com maior poder aquisitivo mandavam seus filhos para estudar oira, como minha mãe não tinha condições de me mandar estudar e nem tinha condições de pagar faculdade, minha única solução era realmente parar. No fim de 2011 concluir meus estudos, com 18 anos terminei o ensino médio, todos meus colegas com maiores condições viajaram e eu fiquei.

## **Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR**

Minha primeira experiência como professor atuante foi na comunidade Quiriru 1, na parte de baixo do rio Juruá, a comunidade se localiza dentro de um Igarapé, minha primeira escola se chamava escola Municipal Major Maia, estava muito ansioso para lecionar imaginando que seria fácil, mas ao chegar à comunidade minha visão mudou, primeiro minha turma era multisseriado, meus alunos todos adultos, pessoas todas mais velhas que eu e o que mais me desafiou: várias séries em uma única turma, na verdade eu estava na modalidade do EJA e por não ter uma formação, isso dificultou muito meu primeiro ano como professor.

A escola tinha apenas duas salas, era de madeira, não tinha banheiro, não tinha água e muito menos merenda escolar, foi um desafio imenso, os alunos faltavam muito, por todos serem pais de família e agricultores, eles passavam o dia todo trabalhando e à noite muitas vezes estavam cansados, isso influenciou bastante negativamente no processo de ensino e aprendizagem deles.

O período que dificilmente eles faltavam era quando a secretaria de educação mandava a merenda, a merenda chegava duas vezes por ano na comunidade e durava em média um mês e pronto. Minha experiência foi diretamente com os adultos e com realidades diferentes da minha, pessoas que não tiveram oportunidade de estudar na idade certa e com desafios muitos maiores do que o meu, quando eu era estudante no colegial. Essas experiências me levaram a ver e a compreender a vida de uma forma diferente, me abrindo os olhos, pois, enquanto muitos tiveram a oportunidade de apenas estudar, outras pessoas para estudar precisavam se sacrificar.

No ano de 2013 fui lotado para a comunidade Aracu, na parte de cima do rio Juruá na margem esquerda, dois dias de viagem, uma comunidade pouco popular, por ser muito distante da sede, por esse motivo meus familiares e amigos me aconselhavam a desistir de ir lecionar, eu estava tão focado na esperança de fazer uma faculdade que nada me fazia desistir.

Meus alunos no papel eram alunos da 3ª série até a 8ª série, arrumei os livros e então parti para mais uma jornada de trabalho, depois de dois dias cortando as águas do rio Juruá, chegamos a minha comunidade, o supervisor não me apresentou a comunidade e nem a escola, do barco mesmo apontou a escola, que na verdade era uma casa, e disse: lá você vai morar e dar suas aulas, na baixada paro aqui, para fazer uma reunião e deixar o material escolar.

Fiquei sem saber por onde começar, por não ter uma formação e nem um curso que me ajudasse a superar essa situação, quase entrei em pânico, mas isso me deu mais sede em continuar e alcançar uma formação para poder ajudar meus alunos e me sentir preparado para vencer as adversidades da vida.

Em 2014 fui lecionar novamente na parte de baixo do rio Juruá, na comunidade Igarapé Dona Nenê, juntamente com a professora Leciene Mota Vidal, ela já era veterana na comunidade, passei três anos

lecionando lá, morávamos na mesma casa do professor, uma casinha em más condições, éramos quatro pessoas, a casa era pequena, tinha um único quarto, sem cozinha nem banheiro.

Eu dormia na sala, como Leciene tinha família, ficava no quarto, ela foi uma excelente parceira de trabalho, uma profissional fora de série para trabalhar com crianças, assim que cheguei à comunidade, eles tinham terminado de fazer uma nova escola. Mas ainda não estava funcionando, por falta de carteiras, as carteiras velhas a secretaria tinha doado para outra escola. Os alunos estavam ansiosos para estudar, principalmente matemática, pois eles estavam há um ano sem estudar matemática, porque as professoras anteriores não se sentiam preparadas e firmes para ministrar matemática.

Era uma turma de 28 alunos, a escola se chamava Escola Municipal Helena Pereira de São Bento, tinha apenas uma sala, era de madeira, também não tinha banheiro, os alunos eram muito interessados em estudar, mas como estávamos sem carteiras, a secretaria mandou a gente esperar em torno de 15 dias que as carteiras iriam chegar, mas os alunos queriam logo estudar, então carregamos os bancos da igreja e começamos a dar aula, eles colocavam o cadernos em cima do banco e sentavam no chão, os alunos eram muito inteligentes, as famílias eram envolvidas na escola, eles também tinham suas parcelas nas aprendizagens dos alunos, tais alunos conseguiam pegar os conteúdos com enorme facilidade.

Em 28 de julho de 2015 nasceu minha primeira filha, Rosa Lavigne Lopes de Almeida, ela me motivou a ser um melhor professor, pois eu tinha que fazer um bom trabalho para garantir meu emprego, pois, mais do que nunca precisava do emprego para sustentá-la.

### **Estudando, trabalhando e lutando: a trajetória da minha formação**

Em 2016 então chegou a tão sonhada faculdade, iniciamos com a disciplina Informática Básica, com o professor Rosinaldo, minha primeira impressão era que o curso seria corrido, entrei por uma seleção, onde a faculdade era prioridade dos professores leigos que estavam atuando na zona rural, nunca tinha ouvido falar no Parfor, só vim conhecer depois que entrei na universidade.

No ano que comecei a estudar na universidade, era um ano político, sofri um grave acidente de moto. Me levaram ao hospital e o médico já estava esperando, disse que minha chance de vida era pouca, chamaram a UTI e fui ainda descordado com a equipe medica para Manaus, fui encaminhado para o hospital João Lúcio. Acordei alguns dias depois, não voltei mais a lecionar nesse ano, como já tinha iniciado a faculdade, eu tinha que estar em janeiro de 2017 para estudar, então ainda sobre o efeito de vários medicamentos, voltei à cidade, tudo me motivava a desistir das aulas do PARFOR, mas meu sonho de ser um doutor na educação era muito maior.

O período de aulas foi de janeiro a março, eu vivia mal, a cabeça doía, eu tinha recaídas e sangrava pelo nariz, minha família, especialmente minha irmã Maria de Fátima Mendes de Almeida, me aconselhavam



a deixar as aulas e ir a Manaus continuar meu tratamento, eu me fazia de forte e suportei as dores, mas quando terminou o período, na mesma semana retornei a Manaus, eu tinha uma fratura no rosto, no zigomático, e outras complicações relacionadas ao cérebro, nesse acidente só bati o rosto, tive vários cortes no rosto e algumas sequelas, recebi vários conselhos para deixar o curso e ir morar em Manaus, assim, quando eu ficasse bom entraria em outro curso, ainda tentei transferir meu curso para Manaus, mas foi busca sem sucesso.

Graças a Deus em junho eu já estava bem melhor e contra a vontade de alguns médicos, voltei a Itamarati para continuar minhas aulas, meus alunos e meus colegas de turma foram marcantes nesse período, eles me ligavam, me davam forças, me elogiavam e me faziam lembrar dos meus dias de professor, meu melhor remédio era a vontade de voltar a faculdade e rever meus maravilhosos colegas de turma e amigos.

Nesse período quando estava em Manaus a gestora da escola Municipal Magide Teixeira de Paula, Cristiana Veras entrou em contato comigo, perguntou se eu estava já recuperado para lecionar, logo disse que já estava 100%, as aulas já tinham iniciado, mas a ilustre gestora e excelente profissional tinha segurado uma vaga em sua escola pra mim, sou grato a ela, pois nesse ano cresci muito profissionalmente, minhas aulas mudaram muito depois que entrei no Parfor.

A escola era bem arrumada, tanto física como interiormente, trabalhei um ano nessa escola como professor, no próximo ano teve seletivo, fiz para auxiliar, pois queria garantir minha vaga, passei, mas não pude voltar à escola Magide, pois lá só eram professores titulares, eu adorei trabalhar com os alunos do quarto ano. Então fui desafiado a trabalhar na creche, foi um ano bastante difícil por conta de sermos 4 professores para em média 30 alunos, reclamamos e a gestão solicitou mais dois auxiliares, mesmo assim a demanda de alunos era grande, faltava recursos e organização da parte administrativa da creche.

Sou contratado, depois do mês de dezembro ficamos sem contrato, nosso salário é muito pouco diante da importância do meu trabalho, somos muito desvalorizados a única coisa boa é que nunca atrasam nosso salário. Na faculdade não tive muita dificuldade nos seminários, pois sempre me senti seguro, por ser um professor atuante, não encontrei dificuldade em falar em público, por ter passado muito tempo na igreja Batista, a frente de alguns trabalhos, consegui me sair sempre bem.

Uma das dificuldades para compreender os conteúdos era a falta de apostilas para acompanhar os textos, os professores sempre explicavam com clareza e nos ajudavam. Encontramos muitas dificuldades no período das disciplinas, como sou contratado, quando as aulas acabam, ficávamos sem contrato. Para me manter nesse período das disciplinas eu busco no final do ano deixar uma grana guardada, mais esse dinheiro não é o suficiente, como não temos tempo para pescar, ou fazer qualquer outro trabalho, converso com meu patrão, o comerciante de quem eu compro, e entro em um acordo, para ir comprando sem pagar, quando volto a trabalhar vou pagando aos poucos, é uma fase muito difícil, pois tenho uma família, filhas pequenas.

Minha relação com a família no período das aulas é diferente, dou pouca atenção, pois sempre chego cansado, e por algumas vezes tenho que sair de casa à noite para fazer trabalhos fora e muitas vezes por ter que fazer trabalhos ou ler textos à noite, meu maior contato é por celular, via SMS.

Em 2018 foi um ano diferenciado, devido um seletivo, eu fui lotado pra atuar na creche, foi um desafio enorme, pois nunca tinha trabalhado com a Educação Infantil, mas o mundo precisa de profissionais capacitados e comprometimento com a educação, então fui lá e fiz meu trabalho com dignidade, foi uma experiência inesquecível, lá crianças se apegam com uma facilidade muito grande, até fui chamado de pai por uma criança, eram todos os dias uma experiência nova observando aquela crianças, foi notório a certeza que a educação é individual e gradual e cada aprende em seu determinado tempo.

Em 2019, ano de retorna à escola Magide, ainda sobre a gestão da mesma direção, agora a gestora juntamente com seu corpo docente, me responsabilizou em ministrar as aulas de Matemática, foi um ano que passou rápido, o tempo voa! As aulas eram prazerosas, agora no turno Vespertino, parecia que o tempo passava mais depressa, ensinei e aprendi muito em toda turma que lecionei.

### **A pandemia de Covid-19**

Diante dos desafios causados pela pandemia, minha vida profissional mudou-se radicalmente, por ser professor contratado, praticamente todos os contratos foram desativados, ficando assim, diversas pessoas sem emprego. Nesse período de pandemia, fique um ano letivo desempregado, foram tempos difíceis, nada foi fácil, minha vida profissional sempre foi atuando como docente, pior de tudo, minha cidade, Itamarati, é pobre em oportunidades de emprego, chegando ao extremo, então minha única solução foi mudar-me para Manaus e minha profissão diante desse contexto de pandemia foi a de frentista e atualmente ainda estou exercendo essa profissão. Um trabalho digno, pois o homem se edifica com trabalho de suas mãos e assim, levo o sustento para casa, como o provedor da família, acreditando em dias melhores, tenho certeza que esse dia logo chegará.

Distante da minha cidade e de voltas as aulas, com aulas remotas, não presenciam, a única forma de manter contatos com os colegas foi através das redes sociais, sendo o WhatsApp o principal deles. Criamos grupos para estarmos sempre trocando ideias e ajudando uns aos outros e em determinados assuntos, debatendo, dando nosso ponto de vista referentes aos textos trabalhados.

Em relação ao curso, foram noites sem dormir preocupado com as aulas, mas para minha alegria as aulas seriam remotas, o que me possibilitou continuar os estudos. Sabemos que as aulas presenciais são fundamentais para alcançarmos uma educação com qualidade, mas, para minimizar os prejuízos do tempo perdido, foi lançado o desafio das aulas remotas.

O meu desafio foi enorme, agora em outra cidade, juntamente com minha família, esposa e duas filhas e trabalhando o dia todo como frentista, na minha folga eu buscava dar o meu máximo para acompanhar as aulas e os textos. A coordenação local me ajudou bastante me transmitindo tudo que era de sua competência e alcance.

Por serem aulas não presenciais, tive a flexibilização do tempo, dessa forma, pude organizar meu próprio tempo para estudar através de um cronograma de estudos, essas aulas foram experiências bem diferentes, pois exigia muito tempo e comprometimento, exigindo uma organização diferenciada e diversas adaptações, tive certas dificuldades, como por exemplo, fazer todos os meus trabalhos através do aparelho celular, por falta de um computador. Meus colegas em nosso pequeno grupo, chamado G6, foram fundamentais, ali sempre foi um ajudando ao outro, debatendo e compartilhando o entendimento em nosso grupo de WhatsApp.

### **Considerações Finais**

Ao concluir esse texto, sinto uma grande emoção, sensação de sonho realizado, foram momentos difíceis, mas superei tudo. As experiências que ganhei durante esses anos de curso, com as teorias aprendidas e com as práticas vivenciadas em sala, contribuíram para a minha formação, tanto profissional como pessoal, assim vendo em cada discente um ser em constante transformação e um sujeito histórico. O professor deve repensar constantemente sobre suas práticas e propostas pedagógicas, sendo um facilitador do conhecimento. Enfim, o curso de Pedagogia é essencial na minha vida, me tornou um ser humano incrível, mudou minha maneira, de pensar e agir e me capacitou a ser um profissional cheio de qualidade e comprometido com a educação.



## CAPÍTULO 07

### MINHAS MEMÓRIAS COM A EDUCAÇÃO

Apunue Jane Conceição de Freitas

Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### Introdução

O presente memorial descritivo analítico, relata um pouco da minha trajetória de vida, escolar, profissional e acadêmica em relação à educação. Ele mostrará alguns dos meus passos e dificuldades que enfrentei para chegar até aqui. Mas, também fala sobre os aprendizados, conhecimentos e experiências adquiridas nesse processo de formação.

Nesse trabalho, estabeleço relações entre as fases marcantes da minha vida. Primeiros anos escolares, momentos marcantes, vida profissional antes e durante a formação. Não foi fácil concluir essa licenciatura, principalmente nos momentos em que ficava desempregado pelo motivo de trabalhar por contrato com a prefeitura, e também quando estava em comunidade rurais atuando como professor tinha que me deslocar do mesmo para vim estudar.

#### Meu caminho até a escola

Nasci no dia 20 de março de 1991, no município de Itamarati, estado das Amazonas. Meus pais são Raimundo Felino de Freitas e Maria Santana da Conceição. Sou o 6º filho e tenho oito irmãos, sendo dois já falecidos. Tenho um filho, cujo nome é Antônio Miguel Albuquerque de Freitas.

As minhas primeiras lembranças educacionais são com meus pais me ensinaram desde cedo a trabalhar com eles na roça, por isso, sobre trabalho pesado, eu sei muito bem como é, me ensinaram também a respeitar sempre os mais velhos, me ensinaram a ter bons modos, não fazer algo que possa me prejudicar no futuro e que também me ensinaram a trabalhar desde pequeno com eles na roça. Recordo-me que sempre diziam que deveríamos respeitar os mais velhos, pois, éramos nós no futuro e isso me lembro até hoje.

Passei muitas dificuldades na vida, meus pais vieram da zona rural do nosso município em busca de boa educação para meus irmãos, pois na zona rural não tinha estudo, por isso decidiram vim para Itamarati. Chegando aqui eu nasci, desde pequeno ajudei eles a trabalhar na roça, pois não tinha outro meio de sobrevivência, o jeito era trabalhar, muitas vezes cheguei a ir pescar a noite com meu pai para ele vender o

peixe para comprar leite para meus irmãos menores, como eu era pequeno, ele levava uns lençóis para me enrolar, pois a noite fazia muito frio e me levava porque eu ainda não estudava e deixava meus irmãos maiores para irem a escola.

De acordo com o que fui crescendo, minha vida continuava igual, só que não ia mais pescar a noite com meu pai, mas o trabalho na roça continuava, antes de começar a estudar quando os meus irmãos iam para escola eu corria atrás deles chorando para ir com eles para a escola, muitas vezes eles me batiam para que pudesse voltar para casa.

Nunca tive medo de pegar em trabalhos pesados, porque aprendi desde pequeno, só que minha infância não foi só na roça e nem nos estudos não. Tive uma infância bem feliz, brincava juntos com irmãos, colegas e vizinho, jogávamos futebol nas ruas, em campinhos de terra, brincava de tudo e mais um pouco, apesar das dificuldades, eu era bem feliz.

Quando fui crescendo as dificuldades foram ficando maiores, mas, em momento algum desisti dos meus estudos. Sou casado a 8 anos, tenho um filho cujo nome é Miguel e procuro dar sempre o melhor para toda a minha família, principalmente para o meu filho, porque não quero que ele passe as mesmas dificuldades que passei para estar hoje aqui. Mas, em momento algum me arrependo do que fiz, pois onde estou hoje é mérito meu e graças ao meu maravilhoso Deus que sempre me deu forças e continua dando, para que eu não desista do meu grande objetivo.

Me recordo que a primeira vez que fui para a escola tinha exatamente 5 anos de idade, em 1996, na escola municipal Padre Guilherme Burmanje, aqui mesmo no município de Itamarati, fui matriculado no pré-escolar, para mim foi perturbador, pois era a primeira vez que tinha contato com um profissional da educação e não tinha o costume de passar horas dentro de um ambiente fechado, as estruturas da escola eram boas, pois era ainda nova, a merenda escolar e os materiais didáticos eram fornecidos pelo município.

Minha primeira professora foi a Deuzanira, ela não era natural do nosso município, pois tinha vindo de um município vizinho para trabalhar como professora, ela era uma belíssima mulher, ela foi muito boa comigo, pois, eu era muito tímido, pois vinha de uma família pobre e tinha dificuldade de interagir com as outras crianças, tinha medo deles rirem de mim. Por isso, não me achegava a eles, ficava sozinho em um canto e não gostava de falar muito. Mas, em momento algum, minha timidez chegou a interferir no meu aprendizado.

Com um determinado tempo fui perdendo a timidez e fui gostando de estar ali naquele ambiente. As aulas para mim passaram a ser boas e me levava cada dia mais a ser curioso sobre o que eu estava aprendendo ali naquele local. A alimentação na escola não era ruim, muitas vezes nós levávamos verduras e legumes de casa para ajudar na alimentação dos alunos. Em casa, meus pais me incentivavam muito para que eu aprendesse a ler e a escrever, pois não tinham como me ensinarem, pois eles não frequentaram a escola, mas, graças a Deus, eles sempre me incentivaram a estudar.

Em 1997 frequentei a alfabetização, ainda na escola Municipal Padre Guilherme Burmanje, minha professora era a Bia, ela era um pouco brava, porém, gostava dela. Com ela, comecei a conhecer minhas primeiras letras e ler as vogais e algumas consoantes, pois tinha bastante vontade de aprender a ler e a escrever. Tinha muita vontade de aprender a fazer meu nome, todos os meus irmãos maiores todos já sabiam fazer os seus nomes e eu ainda não. Quando comecei a conhecer as vogais fiquei muito feliz, pois, tinha conhecido cinco letras, e quando comecei a identificar as letras do alfabeto, fiquei mais feliz ainda, pois sabia que o meu esforço e os esforços dos meus pais não estavam sendo em vão.

Em 1998 fui transferido para outra escola, porém, daqui mesmo do município, a Escola Estadual Santos Dumont, já na 1ª série na época, a estrutura da escola não era das melhores, mas também não era das piores, ela também oferecia merenda, material didático e fardamento para todos os alunos. Meu professor nessa escola foi um homem, o professor Cleilson, conhecido como Mano, foi onde comecei a ler frases e pequenos textos, para mim foi maravilhoso, pois sempre tinha vontade de aprender a ler e escrever.

Em 1999 cursei a 2ª série, a minha professora foi uma mulher, até hoje não esqueço, ainda estudando na escola Santos Dumont, foi um novo desafio, agradeço muito a ela, professora Amarídis, conhecida como Doninha, hoje é gestora da referida escola, ela me ajudou bastante, me pedia para elaborar redações, ler em voz alta para a turma toda ouvir e eu sabia que ela estava fazendo aquilo para me prepara para o futuro.

Em 2000 cursei a 3ª série, ainda na mesma escola, a minha professora foi novamente uma mulher, a professora Eliane, no início do ano estava indo uma maravilha, mas, na metade do ano começou a mudar, pois tinha que ajudar meus pais na roça então comecei a não prestar muita atenção nas aulas, pois as vezes era muito cansativo a vida de estudar e trabalhar na roça ao mesmo tempo.

Em 2001 cursei a 4ª série, ainda na mesma escola, dessa vez o meu professor era homem, cujo nome é Gercione, era um professor legal, ensinava muito bem, gostava muito dele. Foi estudando com ele que aprendi a gostar da disciplina de matemática, para ele não existia momentos ruins em sala de aula, se existisse não o demonstrava.

Em 2002 fui transferido para a Escola Estadual Francidene Soares Barroso para cursar a 5ª série, a escola tinha uma estrutura razoável, fornecia uma merenda não muito boa, mas dava para ajudar, ela também ajudava no material escolar e no fardamento. Lá eram mais professores, cada um responsável por cada disciplina. Meu professor de matemática na 5ª série era o Marivaldo, um professor que dominava muito bem a disciplina.

Nesse mesmo ano as dificuldades aumentaram, pois dois dos meus irmãos maiores que ajudavam meus pais na roça, foram para outra cidade. Então comecei a trabalhar dobrado na roça com meus pais e um irmão. Meu pai começou a trabalhar como funcionário público, deixando só eu, minha mãe e meu irmão para trabalhar na roça. Mas isso não me fazia desistir dos meus estudos.

Em 2003 cursei a 6ª série na mesma escola e ainda com muitas dificuldades financeiras, mas permanecia focado nos estudos, estudava no turno matutino e trabalhava na roça no turno vespertino, era muito ruim, mas, eu não desistia dos meus objetivos que eram terminar meus estudos e conseguir um emprego para ajudar a minha família.

Em 2004 cursei a 7ª série na referida escola, sempre com muitas dificuldades, meus irmãozinhos ficando maiores, tínhamos que trabalhar dobrado para que não passassem dificuldades como nós. Nesse mesmo ano meu avô chegou a falecer, fiquei muito triste, mas isso não me impedia de correr atrás do meu sonho, que era concluir os meus estudos e conseguir um emprego.

Em 2005 cursei a 8ª série na mesma escola, me recordo de alguns acontecimentos ruins que passei, onde minha rotina era trabalhar na roça e estudar. Nos estudos eu ia muito bem só o que me levava a ter dificuldade era a vida cansativa que eu tinha.

Minha jornada escolar no ensino médio iniciou-se no ano de 2006, na Escola Estadual Francidene Soares Barroso. Foi a época em que tive mais dificuldades, pois tinha que trabalhar no período da manhã com meus pais na roça e a tarde ir para a escola, muitas vezes chegava a dormir na sala de aula, cansado do trabalho.

Quando eu chegava da roça só tinha um tempinho de almoçar e tomar banho e já saía correndo para a escola, não tinha tempo de descansar. Pensei várias vezes em desistir dos meus estudos, acho que Deus me deu forças para continuar. Em 2007, já cursando o 2º ano do ensino médio, a escola na qual eu estudava foi parada para todo o atendimento por falta de estrutura física, pois a condição da escola estava em situações de risco para todos que frequentava o estabelecimento, tinha rachaduras em paredes, quando chovia molhava tudo, era uma situação de risco mesmo.

As aulas passaram a ser ministrada em uma Fundepror, um estabelecimento no qual os produtores colocavam os seus produtos produzidos nas suas plantações no caso do milho, do feijão, da melancia e muitos outros produtos. Tinha até borrachas de látex, na qual é extraído de seringueiras que era comercializado para serem importadas para outras cidades, essas borrachas fediam muito, lá era muito quente, para suprir o atendimento de todas as turmas que tinha na escola, foi dividido em três turnos, de manhã, intermediário e tarde, era muito ruim ir para aquele lugar naquela situação.

Um dia, cheguei em casa e falei para os meus pais que não ia mais estudar naquele local, pois, não aguentava mais estudar e trabalhar na roça ao mesmo tempo, e principalmente sem lugar adequado para os estudos, pois lá fazia muito calor e com o mal cheiro dos produtos incomodava muito. Passei uma semana sem estudar, um certo dia, estávamos no trabalho da roça quando minha mãe me perguntou se realmente eu queria estudar, eu respondi que sim, porém, naquele local onde estava acontecendo as aulas não.

Fomos para casa, eu, minha mãe e meu irmão, na hora que estávamos almoçando ela perguntou novamente, respondi que sim, então ela falou: aí no porto tem um barco que vai para Carauari, tu queres ir



para lá para estudar? Sem pensar respondi que sim, pois era o meu desejo não perder um ano letivo e também me livrar da roça, pelo menos por um ano.

Chegando a Carauari, que é uma cidade vizinha de Itamarati, fui morar com uma irmã minha que morava lá, fui estudar na Escola Estadual Carauari, uma escola bem estruturada, em ótimas condições de receber os alunos. Era muito distante da minha casa, tinha que sair de casa 12h00min para chegar 13h00min. Lá tive que comprar todo o meu material escolar e fardamento, ainda bem que meus pais me deram um pouco de dinheiro para me levar, era um valor equivalente a 800 reais, caso precisasse de algo, acho que eles estavam adivinhando, com um determinado tempo o dinheiro acabou, tive que trabalhar para me manter no período que estivesse estudando.

Os professores de lá eram muito bons, pois me ajudavam como podiam. Um certo dia, em um jogo de futebol, torci meu joelho, passei por uma cirurgia que me deixou sem andar por 23 dias, para mim foi um momento de angústia. Pois tinha saído da minha cidade em busca de algo melhor e me ver numa situação como aquela, sem poder andar e principalmente não poder ir para a escola, era muito triste.

Quando retornei para a escola, tinha perdido muito trabalho de aula, pensei em não ser aprovado. Pois, tinha perdido muito aula, mas os professores foram muito generosos comigo, pediram para que eu fizesse todos os trabalhos perdidos, um colega meu de aula chamado Emanuel me ajudou muito, levando os conteúdos que eu havia perdido.

Novamente a situação financeira voltou a incomodar, aí tive que procurar emprego para que eu pudesse me manter até o termino do ano. Consegui um emprego numa panificadora, comecei entregando pães nas casas de clientes, me acordava às 4 horas da manhã, trabalhava até 9 horas da manhã, voltava para casa para fazer os trabalhos de aula e quando terminava ia para a escola, chegava às vezes muito cansado, mas não cheguei a desistir deles.

Depois melhorou mais a situação do emprego na panificadora, passei a somente assar os pães, na hora que eu terminava de assar eu podia ir embora para casa, mas em compensação tinha que me acordar 2 horas da manhã, mas era melhor porque 7 horas da manhã já estava em casa e tinha mais tempo para estudar. Lá fiquei até o termino do ano letivo, passei por situações dolorosas, mas mesmo assim não desistir dos meus estudos.

Em 2008, retornei para minha cidade natal, já vinha cursar o 3º ano do ensino médio, voltei a estudar na turma de antes, na mesma escola e para a mesma vida da roça, não tinha muitas dificuldades em adquirir conteúdos no ensino médio, pois para mim só era ruim porque tinha uma rotina de vida muito cansativa, mas era tranquila, em relação aos colegas de turma, era tudo bem mais tranquilo, pois já vinha tendo um convívio com alguns desde as series iniciais, mas graças a Deus ia dando tudo certo na minha jornada escolar, passava por muitas dificuldades mais sempre colocava Deus na frente de todos os obstáculos que aparecia na minha frente e fui conseguindo vencer.

Um professor que marcou o 3º ano do ensino médio foi o professor Raimundo Nonato Viana Siqueira, um homem completamente bom, humano, era meu professor de matemática, um gênio, nunca havia estudado com alguém tão bom como aquele homem, era o primeiro ano de aula dele como professor na sede do município. Porém, já vinha de uma longa caminhada como professor na zona rural, o cara era tão bom que já foi ministrar matemática em uma turma de nível médio e já no último ano. Hoje, nessa minha jornada docente me inspiro muito nesse mestre, infelizmente ele já não existe mais entre nós, mas seus ensinamentos e lembranças vão permanecer para sempre dentro do meu coração.

A alimentação na escola de nível médio era igual à do ensino fundamental, não tinha muito que oferecer não, mas o que vinha era bem-vindo. No decorrer do meu percurso estudantil, nunca tive desavenças com ninguém, nunca cheguei a brigar com meus colegas de aulas, pois, sempre procurei fazer amizades com todos eles, no início da minha jornada escolar eu era tímido, mais quando fui ficando maior e fui conhecendo mais o ambiente escolar a timidez foi passando. Hoje, acho que falo já é demais.

Estudei em 3 escolas aqui no município de Itamarati, a Escola Municipal Padre Guilherme Burmanje, onde iniciei minha jornada escolar, a Escola Estadual Santos Dumont, onde cursei o ensino fundamental I e a Escola Estadual Francidene Soares Barroso, onde cursei o ensino fundamental II e 2 anos do ensino médio.

Também estudei na Escola Estadual Carauari, no município de Carauari, estado das Amazonas. Onde cursei o 2º ano do ensino médio, as escolas nas quais eu estudei, todas foram de grande importância para minha jornada escolar. Pois, foi através delas que pude adquirir grandes conhecimentos e me orgulho de dizer que estudei nestas escolas, a Escola Francidene Soares Barroso, na qual, recebe hoje o Ensino Médio Integral no município, infelizmente não está em boas condições, pois está precisando urgentemente de uma reforma.

### **Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR**

Minhas atuações profissionais antes do PARFOR foram diversas, trabalhei como agricultor, ajudando meus pais na roça, trabalhei como pescador, como padeiro, como ajudante de pedreiro e por fim, no ano de 2010, como professor, onde estou atuando até hoje.

Em 2017, já no PARFOR, fui lecionar na comunidade São José, no Igarapé Canamã, já mais capacitado, fui ministrar aulas nas séries: 4º e 5º ano e 6º ao 9º ano. O meu parceiro de trabalho era iniciante, pois ele tinha muita dificuldade de lecionar e eu o ajudava muito, pois já estava me especializando e estava mais qualificado. Quando eu ia planejar minhas aulas nos finais de semana, ele ia para perto para aprender. A escola de lá era muito bonita, grande e bem larga, mas não tinha muitos recursos, faltava merenda para os alunos, não tinha bebedouro e os materiais didáticos eram muito poucos. Ainda cheguei a comprar lápis e borracha para os meus alunos.

Em 2018 retornei à comunidade São José, dessa vez com um parceiro que era muito bom, pois estava cursando o PARFOR junto comigo. Sempre nos demos muito bem, o nome dele é Antônio Raimundo, conhecido como KIA, trabalhávamos juntos nas séries: pré I ao 3º ano do ensino fundamental, ele trabalhava do 4º ao 5º ano sozinho, e eu trabalhava do 6º ao 9º ano, também sozinho. Gostei muito de trabalhar com ele, pois, quando estávamos com dificuldade em sala de aula, procurávamos um ao outro para esclarecer as dificuldades, e assim concluímos o ano letivo de 2018.

A estrutura da escola continuava a mesma, com pouco material didático, sem ventiladores, só que dessa vez foi um pouco de merenda escolar. Mas era tão pouco que não chegou a durar nem um semestre. Comecei a estudar no PARFOR no dia 27/06/16. Com a disciplina de Informática Básica, ministrada pelo professor Rosinaldo Santos. Pensei que a disciplina naquele momento não seria útil, mas, foi onde me enganei, a disciplina foi de suma importância para o meu aprendizado, pois, eu não sabia nem como ligava um computador, com ela pude aprender muitas coisas sobre educação. No início do curso era tudo muito novo para mim, pois era muito corrido o tempo e ao mesmo tempo cansativo também.

Agora nos seminários foram piores, pois, não era acostumado me expressar em público para outros professores, só para alunos, nas primeiras vezes, ficava muito nervoso, com medo de me expressar errado e os colegas rirem de mim, custei a me acostumar, mas ainda tenho aquele friozinho na barriga que sempre volta.

No período das disciplinas de início de ano, as dificuldades aumentam, pois não ganhamos nem um centavo para nos manter nesse período. Pois, a maioria dos cursistas eram apenas contratados pela prefeitura. Por isso, me viro como posso, sem salário e sem tempo para trabalhar fica muito ruim, algumas vezes meus pais ajudam, às vezes compro fiado para pagar quando começo a trabalhar, o primeiro salário que recebo é só para pagar conta, é muito ruim passar por situações assim.

Muitas vezes para pagar água e luz, tenho que me desfazer de objetos de valores que compro quando estou trabalhando e assim vai. Faço tudo isso para não desistir do meu sonho que é me tornar um profissional qualificado na área da educação. A relação com minha família no período das aulas é muito boa, as vezes chego estressado, mas faz parte da natureza humana.

Nessa minha jornada como educador, passei por diversas comunidades e escolas, a primeira delas foi na comunidade Santa Luzia, na Escola Municipal Santa Luzia, como já foi dito anterior, a segunda foi na comunidade São Sebastião, no ano de 2011, trabalhei novamente sozinho, a estrutura da escola era muito ruim, sem energia elétrica, sem ventiladores, pouco material didático e com pouca merenda escolar e principalmente sem apoio de ninguém. Mas, trabalhava como podia, a escola de lá quando chovia, molhava tudo, era preciso liberar os alunos antes da chuva cair.

Tive momentos felizes e tristes na comunidade São Sebastião, pois era muito distante da cidade, levava 12 horas de motor rabeta para chegar até a cidade, fazendo todo o trajeto pelo rio, pegava muito sol e as

vezes muita chuva, mas todas essas dificuldades não me entristeciam, pois já estava gostando da profissão a qual exercia. Em 2012 fui lotado na comunidade municipal São Tomé, escola era mais próximo da cidade, gastava 8 horas de motor rabetá de lá até a cidade.

As condições da escola de lá eram iguais às outras, não tinha merenda, o material didático era muito pouco e o professor tinha que trabalhar com o que tinha, só que já tinha adquirido mais conhecimento, porque cada ano que passava, mais experiências sobre educação eu ganhava e assim fui trabalhando.

Em 2013 fui lotado na comunidade Buriti, na escola municipal São Lucas, dessa vez dentro de um igarapé chamado Canamã, era a quarta comunidade dentro desse igarapé. Lá a escola era muito simples, só tinha uma vantagem, tinha energia 24 horas, fornecida pelo Programa Luz para Todos, nessa comunidade peguei malária três vezes durante um ano, mas isso não me fez desistir do meu trabalho. Como já estava muito fraco das malárias que tinha pegado, pedi para trocar de comunidade, pois, já não aguentava mais pegar malária.

Em 2014 fui lotado na comunidade Valter Buri, área de cima do nosso município, na escola Municipal Nossa Senhora de Nazaré. Dessa vez fui com outra professora, como ela estava grávida e ia entrar de licença, iria ficar sozinho novamente. Mas quando estávamos trabalhando juntos era bem diferente, porque quando estava com dúvidas de algo, pedia ajuda dela e vice-versa, ficava bem melhor. A escola de lá era igual às outras, sem estrutura física.

No ano de 2015 retornei para a mesma comunidade, dessa vez, sozinho novamente, mas, como já conhecia a realidade da comunidade, foi bem tranquilo. Mas, no finalzinho do ano peguei malária pela quarta vez, aí pedi para sair de lá, porque era muito ruim.

Em 2016, retornei novamente para a área de baixo do município, à beira do rio, para a comunidade São Brás, na escola Municipal Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Dessa vez fui com mais dois professores, meu amigo Leonardo e a minha amiga Rosilene, já tinha trabalhado com a Rosilene em 2014 na comunidade Valter Buri. Mas, com o Leonardo ainda não tinha trabalhado.

Um novo desafio tinham me lançado, trabalhar do 6º ao 9º ano, pois nos anos anteriores trabalhava do 1º ao 5º ano. Foram experiências novas e prazerosas, gostei muito de trabalhar no fundamental II, foi muito bom trabalhar com amigos professores, pois, quando tínhamos dúvidas, sentávamos e esclarecíamos juntos, gostei muito de trabalhar com eles, pois são grandes parceiros.

A estrutura da escola não era muito boa, pois faltavam materiais escolares, merenda para os alunos, ventiladores, bebedouros e muitas outras coisas que poderia facilitar mais o trabalho dos professores que ali atuavam. No final do ano letivo de 2016, na comunidade São Brás, juntamente com meus amigos Leonardo e Rosilene, organizamos uma quadrilha na qual, foi muito bonita, pois, todos os alunos participaram e nos divertimos todos juntos.

Antes de entrar no Parfor, participei de algumas formações que me ajudaram na minha vida como educador. Participei das formações continuada para professores rurais que a secretaria de educação promovia antes de irmos para as comunidades. Em 2013 participei do PNAIC, um programa que ajudava os professores a alfabetizar os alunos na idade certa. Em 2015 participei do programa Escola da Terra, pela UFAM, ministrada pela professora Alberlane Castro.

### **Estudando, trabalhando e lutando: o percurso da minha formação**

As minhas atuações profissionais durante o curso estão sendo espetaculares, pois através dessa formação, pude mudar o meu método de ensino e ensinar meus alunos com total confiança e com novos conhecimentos adquiridos, posso cada vez mais trabalhar com qualidade. Com o curso em formação, as aulas foram mudando, porque eu gostava de trabalhar com conteúdo retirados dos livros didáticos, ai aprendi que nós professores devemos trabalhar de acordo com a realidade local dos discentes. Com isso, fui obtendo mais experiências e colocando em prática o que eu havia aprendido durante as aulas e graças a deus tenho cada vez mais, ajudado os discentes a seguir em frente para que no futuro possam ser um profissional de qualidade.

Durante esses cinco anos de PARFOR, minha vida só melhorou, em relação aos conhecimentos como docente, o modo de ver das pessoas em relação a você muda, muitos outros professores que não tem formação pedem opiniões de como tratar as crianças, de como se comportar durante uma situação complicada em sala de aula, outros falam que temos mais capacidade do que eles e assim vai. Em relação as transformações das aulas também são excelentes, porque nos comportamos melhor, temos mais paciência, o trabalho fica mais proveitoso, trabalhamos com mais qualidade, com mais profissionalismo, os alunos passam a desenvolver-se mais em sala de aula, os que são tímidos perdem mais a timidez. Tudo isso é muito gratificante para mim.

Iniciei minha graduação no ano de 2016, na qual trabalhava como professor contratado na zona rural do município, na comunidade São Brás, na qual fui convidado a lecionar. Com o término do contrato passei 4 meses desempregado. Durante esse período, trabalhava como diarista até a renovação do contrato.

Em 2017, voltei a atuar como professor na zona rural do município, na comunidade São José, no Igarapé Canamã, com um pouco mais de experiência. Pois, já estava em curso e isso era maravilhoso para mim. Com o término do ano letivo, passei a trabalhar como ajudante de pedreiro nas horas vagas.

Em 2018 atuei novamente como professor, ainda na zona rural do município, na comunidade São José, no Igarapé Canamã. Cada vez com mais experiência na área. Nesse referido ano, trabalhei com o contrato de 40 horas, atuando com professor de educação infantil e ensino fundamental II. Novas experiências fui adquirindo ao longo do curso.

Daí me desenvolvendo mais a cada dia. Em 2019 atuei novamente como professor na zona rural do município, na comunidade São José, no Igarapé Canamã, através de um PSS. Cada vez mais experiente e capacitado para exercer a profissão. Novamente trabalhando com o contrato de 40 horas, novamente com educação infantil e ensino fundamental II.

### **A pandemia de Covid-19**

Com o desemprego no município, os professores contratados ficaram a maioria sem emprego, exceto os que já estavam em atividades antes do ocorrido. Porém, não foi fácil, para garantir o sustento da família, passei a trabalhar em uma olaria, fazendo e transportando tijolos. Era assim que estava garantindo o sustento da família, saía de casa 06 horas da manhã e só retornava as 18:00 horas, a vida na olaria não era fácil.

Depois saí da olaria e passei a pescar para dá o sustento da minha família, entre uma pesca e outra, acabei que sendo contaminado por esse maldito vírus. Sendo que, contaminado com o vírus, não cheguei a ser distanciado da minha família, pois era o que eu mais temia. Graças a Deus que não houve nenhuma complicação grave e com isso, passamos a contar somente com o Auxílio Emergencial, fornecido pelo Governo Federal para o sustento da família.

Em setembro de 2020, houve um processo seletivo simplificado para a contratação de funcionários apenas por 4 meses, fiz para a minha área, para professor. Conseguir que sendo aprovado, mas nenhum dos aprovados vieram a atuar nas referidas profissões pelo motivo da pandemia.

Com o término do contrato, voltei as pescarias novamente, para dá o sustento da família, aí quando foi em maio de 2021 o atual prefeito realizou um novo processo seletivo simplificado para contratação de funcionários, esse PSS é válido por 6 meses, conseguir me encaixar entre os aprovados. Fiz o PSS para trabalhar como professor na zona rural do município, só que não cheguei a ir ainda pelo motivo do início das aulas acontecerem no 18/08/2021 e o início do último período do curso de Pedagogia no dia 23/08/21.

Em relação a ajuda da turma de acadêmicos, nesse período pandêmico está muito tranquilo. Pois, foi criado grupo de WhatsApp para interagirmos um com o outro e assim podendo esclarecer dúvidas e até mesmo mantermos contatos. Assim, procurando sempre nos ajudarmos e adquirirmos mais conhecimento a respeito dos assuntos em estudos. Porém, durante esse período de pandemia não poderíamos estar todos reunidos em algum ambiente. Porém estamos a maior parte do tempo conectados e interagindo um com outro.

Durante a pandemia, minha vida acadêmica não teve muitas dificuldades. Porém, foi bem mais razoável, com o surgimento das dúvidas sobre algum assunto em estudo, eu procurava tirar as mesmas com o professor da disciplina em estudo e quando ainda havia dúvidas recorria aos amigos. Com o início do curso

os professores que lecionavam nas disciplinas em estudos davam a total atenção e tiraram as dúvidas do que o haviam sido perguntados.

Durante esse período de pandemia, as leituras foram frequentes para mim. Pois sempre que estava disponível, fazia revisão das aulas que já tinha estudado durante o curso em formação, lendo as apostilas, procurando entender sobre o que tinha me deixado dúvidas nas aulas presenciais e assim levando a entender o assunto estudado.

### **Considerações Finais**

O curso de pedagogia foi de suma importância para a minha formação. Pois foi através do curso que comecei a ter a noção de que a educação é a peça principal para o desenvolvimento do ser humano. O mesmo, me trouxe grandes ensinamentos.

No decorrer da formação, houve momentos difíceis, porém, foram muito importantes para o meu aprendizado. Através do curso, passei a desenvolver habilidades para trabalhar com os discentes em sala de aula. Passei a organizar minhas aulas de acordo com a realidade do aluno, a entender melhor o tempo pedagógico, o método de ensino e aprendizagem está cada dia mais equilibrada.

A formação me ensinou e também me ajudou a ser um profissional capacitado para exercer minha profissão e sempre buscar métodos de ensino para facilitar a aprendizagem do aluno, o curso só me trouxe benefícios, pois a cada dia me sinto mais preparado para desenvolver o meu trabalho com êxito.

No início do curso tive algumas dificuldades. Pois achava o tempo muito curto para a execução das disciplinas em estudo. E também tinha dificuldade de me expressar em público. Com um determinado tempo, fui achando normal. Hoje já não tenho muita dificuldade de expressão, o que é muito bom.

O período da faculdade que achava mais sofrido era no início do ano, pelo motivo de ficarmos desempregados e não ter tempo para ajudar no sustento de casa. Só sei que tudo que o curso me trouxe foi conhecimentos, aprendizagens e profissionalismo.





## CAPÍTULO 08

### UVATIZEDE UVAPEDENI UHADE UVI BAVA DENI KHAUHANI (FELICIDADE E ORGULHO DO MEU POVO)

Bahavi Hava Deni

Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### Damazade (Introdução) <sup>2</sup>

ARIKHA IMABUTER POO DENIMEDE HIKARI IBUREI BENI, VASIVA PIRARU KARIVA KHA PARINA MITARNARI, TUTA PUTU PIRARU REZI MUSHITIKIRU, POVO DENI NAVATURATI MITA PIRARI KARIVA IMARI, PEPEL HANUNI KHITUKHANA PIRARI, APANI AKHUNA DEIZUMIMA NARI DENI POKHAR PARADUTU, MANAKUNI KHI TUKANA PIRARI, KARIVA PESANADE SIRIKHA APIE'E KHANANI, KHANAHANI KARIVA DENI KHEMEZARI NIRAPUNI.

*Este trabalho de conclusão de curso de TCC tem o intuito de reflexão, no primeiro capítulo relata-se um pouco da história pessoal de vida do índio Deni e de seu povo e seu percurso para ingressar na escola, dentro da aldeia Boiado, no Rio Xeruã, no Médio Juruá, no Município de Itamarati, Amazonas. No segundo capítulo contará os conhecimentos e profissionalização docente, bem como as dificuldades encontradas na vida profissional durante vinte anos, no decorrer de sua profissão, para melhor entender os valores éticos e morais do povo Deni e sua história desde o princípio.*

ARU PHACUDADIZA KARIVA IMARI UBEZARI PUNINARU, UNAVATURARU NINAVA UVIBAVA UVASHEHIARI UMITARU TEMEHERINAVA UVIBUVA BENI ARI TUKAVAVIZ'ARI MARUZUAZI KARIVA AMUSIVI, EREVE MUTAPIRARU AMUSIARU.

*A terceira etapa dessa pesquisa se deu por meio de um percurso longo e bastante relevante. Que traz como objetivo compreender o papel do educador e sua importância no mundo acadêmico para uma sociedade mais educada, sendo que o povo Deni precisa de um elemento norteador.*

---

<sup>2</sup> Esse texto, como todos os outros que compõe esse livro, é um recorte do Memorial apresentado como trabalho de fim de curso pela turma de Pedagogia do município de Itamarati-AM, cursado pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. O autor principal é indígena, da etnia Deni e escreveu o texto na sua língua materna, uma vez que não domina a Língua Portuguesa, precisou da ajuda de um dos colegas de turma que aprendeu a se comunicar com ele e com outros colegas da etnia durante os 5 anos do curso. Desse modo, algumas partes do texto são escritas em deni e outras em português, mediado pelo entendimento desse colega (Mário Jorge Lima da Silva), outras partes estão escritas apenas em português, tendo em vista a dificuldade que o autor principal enfrentou para digitação sem computador e os desafios do período pandêmico.

UKHA IBUREI PE PAPEL HANUNI UVIBURI TIVEHINA, PHINA PIRANI EHEVE IMA IBEZITIVERINA TUVIZERE HANUHANU UTIVERINA BANI ABANONI KARIVA E BENU IVI MAHI, AKADEMICO ITUMEI PIRUPISI IBUREI VEHINA DEIZA ENAUNARU EZA SIDADIZA TAMARATIZA.

*É necessário salientar que esse trabalho servirá para divulgar as necessidades, sonhos e desafios enfrentados pelo índio Deni da maloca e as mudanças que a covid-19 trouxe para os povos indígenas, com relação social e humana, tendo como transformação e valorização o curso de Pedagogia Parfor.*

#### **Havi nani bakhutunaru papel hanuhanu zamarini (Meu caminho até a escola)**

TATIDE HEVE UHIZA PHIRARU ISHIKURA PÍNA UZAZA IBANU ARU IBIDI HIZAMA BANI ZIPAHIPANI SHAMI PHANI HAVA PANI E HAVE UHIZA ZAMAHI RANI AKAVARU VASIZA PHIRARU KARIVA KHAPARINA RA MITHA INAHUA KHA APIERA SIRI KA BANI ETERU NANI PENI DENI ZAMA HIRARI KAKAVARI DENI ZEPE IHINARI NIPHAPUNI ARU EDUCACIONAL HIBA NA MUTA PE KARIVA KHA KUARAZA UVAMANI UNARU PAPEU UNINI IMITUNI IMA UNAVATURI IMARINIBAUNINI EZA ISHINIRA BUDIZA ABUNI DENI ZA UNAVATU VERINA PUPUFISURA ARI NATHUME KHARIVA HINI TUHI TUVI IMAR PHIRARU KHARIVA DENI KEMEZARI APIE MANAKUNI SIRIKA MANAKHUNI BANIETERURI MANAKHUNI.

*Meu nome é Bahavi Hava Deni, tenho 59 anos de idade, tenho duas mulheres e dez filhos. Meu primeiro contato com a educação foi com meu pai, nós morávamos no igarapé Sicuhira Caramuru, meu pai não tinha canoa, só andava pela terra e me levava com ele para me ensinar a caçar, pescar e mostrar quais frutas da floresta a gente pudesse comer. Aprendi a pescar, caçar e colher frutos, outro aprendizado foi fazer pão, tipo de cesto, vassoura, sapato de leite de seringa. Nesta época a gente não tinha roupa, era só envira, tipo de nylon, tirada do caule de uma árvore, meu pai fazia e com ele eu aprendi.*

HEVE UHIZA ZAMA SHUMUZA ABAHIDE DISHA UNI KAZU DHISHA UNAHA ANUPI MANAKU ZABHISHU UHIZA AVA VEHINA IBUREI BAKHU UNARU HEVE UHIZARA VATIUTAI TATIDE PAPUE IMAMUDE DUHIZA ALDEIA MAMUHIZA UNAVATURIZA HEPEREZETA THATHA ANARU NINAVA CIMI AMUNEHE ARI SHESHIRI ISIBARU PURUPUSURA IHADE NINBAVA PHIRARI ZUTUDE ALDEIA PIAZU IRUNEPREZA PINA PAPEU HANUHANU UNAHUNA NINAVA EREMAU VAUTE ARI HINAHU KAVAHARI THIKHADENI DOCUMENTU SIRA TUVINAHU NIHAVANI IBHUBARU ENANIZA IBURE MANAKUNI TIPHUAH ITUVI NARI NIZANA IPHUNARU SHUNU VAHI VAHI INAMITARU KAHIVA ARINAVA TURARI AREI.

*Depois de alguns anos, nós fomos embora para uma aldeia por nome Humana, no Rio Xeruam, lá morava muitos Deni, era um lugar espaçoso, com várias cabanas coberta de palhas e o chão era de alicerço. Outro aprendizado que eu tive foi com a neta na aldeia, o kacic e o pajé faziam rituais com todos povos Deni, a noite e durante o dia, esses rituais eram para agradecer o pai da floresta e a mãe da mata pelos alimentos*

*fornecidos, o nome destes rituais era zipahipani, tinha banana hivida, pupunha, hizamã, porco, aui, anta, ou seja, a festa das frutas e animais.*

UVA UKABI VAVI ZEBEARU VAVI AHU VEDENI ITAPARI PHUBARU IBU NIHI PHUBARU UKHAZU TAPARI PHUBARU ABUNI TAPARI ISHIKU ARAZA PHIRARU ALUNO BUNIN DENI KAHIVA KHA PHIRARU VAHANU KABAHIBA BUBIZA NIBANAHU ARUNU VAHANU KHABAHIZA ISHI KU ARU PHIRARUVANU APHANI KHARIBA APHANI NNARIA NABU ARU KHA UVATIKHARU UNVATUNI VEHINA TUKHANI UKABADE UVATHIKARU AKIBERI ABUNI DENIZA UVA MEDE SHEHI TUPUNIZA HIDE KHIZAVAHIDE HAVA EZA HIDE UBARARU TUPUNIZA KU TU ANU UKHABI THATHA UKA TUVI E HEVE UHUZA UKHABI HAUTUBI HARI NARUZA UKHIBI TAPARIZA UVISHUKHARARU UKHABI UZA VADE VIHI EKANA PHIRARU UKHGABI IMA AUNARU.

*A minha vida se traduz em muitas conquistas em meio as grandes dificuldades, como posso dizer que um índio que veio do meio da floresta amazônica de um afluente, por nome Xeruã no Médio Juruá, hoje está escrevendo um memorial para o termino de curso? Foram vários os fatores que me fez chega onde estou, um dos fatores foi meu povo Deni, que muitas das vezes quando iam para cidade fazer compras, os brancos enganavam muito e eu pensei: quero me especializar de alguma maneira para poder ajudar meu povo a ter conhecimento do que estão fazendo, para não servir de cobaia para ninguém se aproveitar dos leigos, para ganhar algo em troca, porém, hoje a realidade é diferente, meu povo tem mais conhecimentos de mundo e da sociedade.*

HEUNIÃO BENI ARI KHITTARIARU PURUPISU UKAHARU PAPEU VHANUPUNI KHARIVA CIMI UVIZENE CURSU PIRAYAUARA UNAVATURIZA HIRARIA KHI UKANIZA LETRA FRASE PALAVRA DESENHO DENI KHA TATIDE ISHIKUARA PE UZA ESCOLA PHIRARU ARIKHA ALDEIA NO MALUKHA.

*Por mais incrível que pareça, nunca tive grau de escolaridade para poder aprender a ler e escrever, assim como outras pessoas, que iniciam do pré e seguem a carreira de estudante. Não tive contato com a escola, meu primeiro contato foi quando o SIMI realizou uma formação durante três anos, pois fui convidado para fazer parte do curso, foi aí que aprendi a ler e escrever.*

### **Nihapunia akunanithe ibureia PARFOR (Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR)**

TATIDE PAPEU UHANUDE CIMI BE CURSA DE FORMAÇÃO PIRAYAUARA UVA ZUPIKANARI KARIVA CIMI IBUREI KHITUKANARI KAHIVA KHA ESCOLA IVIBURAPIRARU CURSU PIRAYAUARA ALDEIA DO KANAMARI NA ESCOLA MAMURI UNAVATUPHIRIZA LETRA HIRARIA NITIUKANIZA.

*A escolha de minha profissão se deu por motivo de participar do curso de formação no Projeto Pirayauara, realizado pelo CIMI, conselho indigenista missionário, no rio Xeruã, na aldeia Kanamari, na escola MAMURI, pois foi onde conheci algo novo.*

AKARU A AMUSHIARUAI IBUREI A IBUREI AMUSHIDE ISHIKUARA SIHUHA IDATHUZA MANAKUNI APHANI TUVINI HEVE VATIUTAI TATIDE HEVE IBUHEI HIRARU KHARUHA PINI UVIBURARU AMUSHI PHIRARU NIHAPUNI IBUREI.

*Iniciei meu primeiro contato com a escola como professor depois de ter aprendido a ler e escrever, para poder ganhar meu primeiro salário, foi muito árdua no começo, pois sabia pouco para ensinar, mas com o passar do tempo, fui me aperfeiçoando.*

UVA TATIDE KARIVA ARISHE HIDE, UZA PAPEU HANUHANU IDATHUZA SIHUAZA, NIHARU IMAUNABUTE HIBANIPUNI, PHUNAI HUNE TUNAHI IDHATU CIMI MANI PHAMAHI KHUSU PE APHABETU ANAVATUAHU IVIMARI VAI NADE IHANUDE, IMA IVIMARI KAHIVA IMAHI TEME HERAHU.

*Meu primeiro contato com a escola foi na aldeia Buzina, no Rio Xeruam, eu já era grande, nesta época a FUNAI já visitava a aldeia junto com o CIMI (conselho missionário indigenista) eles promoveram um curso de alfabetização, foi onde eu aprendi a ler e escrever a língua materna e uma boa parte da língua do branco, o português.*

PURUPISU VATINAVINAVATUARI IMA E DENI VATINAH IMAKERI TUVI PUKHA ARUNUZA IKATAMARU KHIKATIVHINA INUKHU PHUVANI VAHANU NAUME UNAHU TENTA UNARU. ARU APHANI NATITUNARU IBUREIBINI KHIUHANARU NIHADEPE NABU ARU APHANI SHUNUHADE.

*Dez anos depois comecei a trabalhar como professor na aldeia Buhine, em uma pequena casa, não tinha escola, a casa era de paxiuba e palha, o material didático era doado pelo CIMI. Em 1992 trabalhei por oito longos anos nessa primeira comunidade, depois fui para a comunidade Boiado, lá trabalhei por dez anos e voltei para a comunidade Flexal.*

UKATAMARU AKIDEKHITIVHINA UKATUVI NATHUME UNARU TENTA UNARU IBUREI IMA HIRENAVA UTAPHIZETUVI UDETUVI UVATIKHARU UVA. UVAKHARU HIKHA UTIPHIRANI PASSA UNADE UVHIKHARU IBUREI HINI ZAMA AMISHINI AKAVARU VIVE UNARU UVATIKHARU UYAPHIZEDE. TATIDE CURSA PIRAYAUARA FORMAÇÃO CONTINUADA PHINUZEPE TAPHARU MANAKU UNI VHIMAHARU. UVIBUVA KARIVA IMANARI CURSA PEDAGOGIA PHUNARU NARI IMANARI. MAHU UHIZA UHIVEPHUHIZA ESTUDA UNAHU EZA ESTUDA UNARARU. I KERAPHIRARU PEZA MAHU UHARARU USHIAVANI VIZEHENI AMUNEHE KUHUMI.

*Nessa época já existia escola suporte pra os professores que eu ensinei e que já eram professores também, atualmente estou atuando na escola Xeruam, comunidade Boiado, lá estou com oito anos, ao todo são 26 anos de docência. Tive alguns cursos durante esse processo, o Pirayawara, formação continuada e PNAIC.*

**Estuda unaro, uviburaru, zamatuvini, temeherivana tuvini ukharu (Estudando, trabalhando e lutando: o percurso da minha formação)**

VANU VANU PUVANI VAHANU IVIBUVA KARIVA IMANARI CURSO PEDAGOGIA PHURARU NARI IMANAHIMAHU UHIZA UHIVE PHUHIZA ESTUDA UNAHU EZA ESTUDA UNARARU HIKHA I KERA PHIRARU PEZA MAHU UHARARU USHIAVANI VUATIKHANARU PROFICIONAL UHADE IMA UBEZITUVI UNUKHU I HITUHITUHI HIKETI PHURANI PRUPESURA VHADE EKHE TUKHITUVI UZE PETA PHITUVI.

*Desde 2016 estou cursando Pedagogia, depois que eu comecei cursar o Parfor, minha prática docente melhorou muito, graças a Deus durante todas as minhas jornadas tive momentos bons e ruins. Um dos piores momentos foi quando comecei a lecionar na casa de Paxiúba, coberta de palha, quando chovia molhava, aí eu tinha que parar a aula, era sem estrutura e sem conforto, um dos melhores momentos é quando vou para a aula de educação física, na aula de natação no rio, lá as crianças aprendem a desenvolver a coordenação motora, raciocínio lógico, trabalho também lateralidade e os sentidos, tato, visão, audição, paladar e entre outros, é a melhor aula.*

TATIDE ISHIKUARA PE UZA BUDIZA ESCOLA PHIRARU ARIHAKA COMUNIDADE AKARU A AMUSHIARUAI BUNI ABUREI AMHUSHIDE ISHIKUARA SHIHURA IDATUZA MANAKUNI APHANI TUNINI HEVE VATI UTAITATIDE HEVE IBUREI HIRARIKHA PINI UVIBURARU AMISHI PHIRARU NIHAPUNI IBUREI PRUPISURA VATINAVINAVATUARI IMA E DENI KATINARI IMAKARITUVI PUKHA ARUNUZA IKAAMARU KHIKATIVERINA INHUKU IHINU TUHITUVI UKATIKARARU.

*Depois do curso pretendo fazer uma pós-graduação em Língua Portuguesa para me aperfeiçoar mais na minha prática e vida pessoal, para ajudar meus parentes Deni e quando eu quiser viajar para outro lugar. Com esse curso do Parfor eu me transformei. É muito bom ensinar, como cuidar das crianças.*

VADA SIBABSIBA UKHA MEPETUSHEARU HÁ TATIDE TUVIHI' ARU UHARIRUSHARU TAKHANI PUTUDE NANI IBURITUVI HANUNI UKHA UNUKHUZA PURUPSU NARI E BIRARI NARI PEPETUSHEDE HIDETUHADE UVA DAURAU SHAKUE HENÊ ZUPINARU UHARIARU AMUSHIARU PUARADE NARI PURUPSISU.

*Durante o curso minha prática foi se aprimorando cada vez mais, pois no desenvolvimento das disciplinas, minha visão de docente foi se desenvolvendo, teoria com a prática se juntaram e me deu norte para uma boa atuação na docência.*

NIHIRABA TIKA THUMA TUKHANI UHARIARU UARADE AKUNARUHI PUNI TATIDE VADASIBASIBA IBURARU KUSU PURUPISU UVADANARUCHAKUVENEHE NE UVA NIHANI NAPHIRARU PUNI TUKANI DEINADEI AKUNANIHI TATIDE PUHARU TATIUA'A PURU PICU PUA IBURARI BUDIZA VAIRA IBURARI ZUPIKANARI AMUSHIARU IBEZARU AMUSHIARU MATITUSHE'ARU.

*Não vejo mais uma atuação como era antes, durante o desenvolvimento do curso os professores me davam norte, eu já não era mais o mesmo como antes e tinha uma noção do ser docente e sua função dentro de uma instituição de ensino, para uma boa aprendizagem e boa prática.*

NIHA PUNIPÉ ESICOARA PHIRARU PAPEU MATERAU LAPHI KANANI PIRARU, MEHEDA PINA MESEI IVIBURARU DUKUMENTO, HIBANUPUNI, HIBANAMUTAPE, AURA UNADE TUVAMUSIARU UVAZA MEKE

TUSIARU IBUREI. UNUKU IHINI TUHARU, NIHA PUNI VATI UNARU HIBANAMUTA TUKANI UKAHARU NAHUZA, UVI BUVA NATHUME UKATHUVI.

*Hoje me sinto mais aperfeiçoado, depois de ter passado por várias etapas do curso de Pedagogia do Parfor, com isso faço uma comparação do princípio da carreira docente até a atualidade, considero-me mais preparado para o mercado de trabalho e para ajudar meu povo Deni. Porém, entendi que hoje estou mais apito a somar para lecionar, se fizéssemos uma pesquisa retroativa, observava uma mudança muito grande.*

#### **A madukumarini Covid-19 (A pandemia Covid-19)**

UNINI MADU KUMARINI, ABAETERU ZAMAHIRA MAKHA, PHUVE MURI KUMU KUMARINI, ARI KAVA DARU ARIKA ASHUMUZA, MUNARU DEIBENI ISHAARARU E IKAVARARU, MEDE HIKA MI SIZARI, ZUTUDE KHA VANANU SHINA ARIDE DE KA KADIMARI, 500 ARIKHA UZAIMI-19.

*Pandemia é uma enfermidade que é causada por vírus de alguns animais e que se alastra rapidamente pela expansão geográfica e pode contaminar milhares de pessoas rapidamente e levar a óbito. Ultimamente estamos vivendo um período de grande pandemia que surgiu no final do ano de 2019 e que já levou mais de 500 mil vidas a óbito no Brasil, segundo a medicina, ela surgiu na China por nome covid-19.*

UVA USHI'A VANI UKHAIBUREI KAZANAHA AMUSHI PHIRARU ZUTIDE ABAZIKU TUKA TEHIMAMITADE ZAMAPEMI HIKAIKARU, SESITA BASIKU COVID ZAMA VATIE NIHANI'A, KARIA NARIA NITIPIRAVI DATUNADE VIHIEKANA PHIRARU ARIZA IBURA INAPHIRARU, PINA UKHAHUNITUVI IBUREI TUVINI KHA RIMITARU KUDEUHARU VAHANU UKAHARIARU, UBUDIHIVI PHIRARU UHIVE DENI ARINHAZAMA MUTHA IBENIKIVIARU.

*Durante esse período tive que usar novos meio de trabalho, pois não contava mais com o salário de professor, a covid fez parar as aulas presenciais e nas aldeias também parou, aí tive que me submeter a outra maneira de viver e alimentar minha família, mas aos poucos fui me adaptando com as mudanças.*

E ANIHARU ZATI VHANUDE VADA SIBA SIBA KHUMU KHUMARARINI ENENI NUKUNIZA TUKURIME ARI SHETANA HARU UNIPHUHARU KHAKHA HUNAHU INAVATUTIVEHINA, VAPIHARU PENANA TAHATUNARU MADIHA IBUVA VABU NIHARI NIHAVI AMU SHI'ARI SHEH' ARI MADIHA IHADE PAMARI UVI BUVA KARIVA NIHAVI AMHUSIDE COVID TUKHARARIA, HUICHE'ARU KAMAHU.

*Foi algo novo estudar durante a pandemia por meio de celular, nosso costume é outro, mas tive que me adaptar com as mudanças que a covid trouxe, aprendi muito e com isso descobri que alguns colegas estavam dispostos a me ajudar, nós indígenas e dois parentes brancos organizamos um grupo para estudar, as coordenações nos ajudaram bastantes.*

ARI SHE HIDE VAPIHARU IMAVATIVATINARU PUNIZA IHANU'ARU KAMARU PUNI VATINARU. HANII BUEARI ANANARU IBUHABA ARINHA IBUHEI IBUREI PINANI HITUVI. IBUREI NIZAPE PU'A NARIA NIRAPIHARI NUKHU I HINI EBENU KARIVA. IMARI TEME HERARU UTUVIARU E UBEZARU SIBAHU ANANARU UNUKHU IHINI.

*Em um local de trabalho de um colega e na residência dele nos reuníamos para discutir as apostilas do curso e assim realizamos nossas atividades educacional do curso, se não fosse ele, não faríamos, pois a língua portuguesa é difícil, porém estamos aprendendo muito e assim somando conhecimentos.*

### **Nanibakhu Utuvi (Considerações Finais)**

IBUREI DE IARANI KARIVA EBENU PINA KAMUNI UMI THI TIVEHINA AMUSHI TIVEHINA ENANI HIBANANUHAPE HAUTUKAHARU KARIVA EBENU. NARUA KARIVA EBENU IMITITUVI. ARI IBEZARU KUSHU ARINI HARU NAVTUARU, HAUTUKAHARU NARUZA IBURARU ZATI NENEARU BUDIZA ISHIKU ARAZA AURA.

*Com este trabalho pude constatar algumas semelhanças com outras linguagens, como por exemplo, Língua Portuguesa, que fez-me entender o quanto é prazeroso descobrir novas línguas no mundo social. Também pude constatar que o curso nos permitiu fazer uma nova descoberta, para tanto realizar novas funções dentro da sala de aula.*

NUKHU IHINE TUZUVARU UVAZA, HIRARIA UMITARU HANUNI ZUPINARU, IBUREI DEI ARANI HIKANIKAZAVA HIRARIARU UMITHADE INÁ UNIKHU HINI KHI UKARARU IBUREI DE I ARANI KHIUNHARU PEZA NUTHA KHINA SHITUVI ESHIKURAZA AKARUHI IBUREIA A TIVIHITUVI NAVATUARI NATHUMEKA NARI TUVIARI CURSHU UVAZASHEHIARU ME PETUSHARU ZUPIKA, NARU NUKHU IHINEUVA NIHARARU PUHARU.

*Por fim, para mim foi um pouco difícil de aprender esta linguagem, pois nunca havia trabalhado com a mesma e ver de perto como funciona uma escola e quais as funções de cada um em uma instituição de ensino, porém o curso me aperfeiçoou na prática e na teoria, com conhecimentos que eu ainda não tinha.*





## CAPÍTULO 09

### A EDUCAÇÃO E SEUS DESAFIOS

Cleidiane da Silva Costa  
Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### **Introdução**

Este texto tem como objetivo narrar de forma reflexiva e crítica a minha trajetória de vida pessoal, familiar e profissional, bem como demonstrar os caminhos onde construí minha trajetória de vida docente e profissional. Durante o curso enfrentei vários desafios, um deles foi a falta de salário, desafios que por maior que fossem, não me fizeram desistir.

#### **Meu caminho até a escola**

Nasci no dia 18 do mês de fevereiro do ano de 1980, no município de Itamarati no estado do Amazonas, na comunidade Tambaqui. Sou filha de Divina Paizinho da Silva e Aluízio Cosmo da Costa. A minha mãe teve 14 filhos, morreu duas e ficaram 12, que são: Juarez Silva da Costa, Ana Silva da Costa, Erivan Silva da Costa, Vanda Silva da Costa, Sandra Silva da Costa, Maiza da Silva Costa, Gilvan da Silva Costa, José Roberto da Silva Costa, Francisca da Silva Costa. Tenho 4 filhos, uma menina e três meninos.

Comecei a estudar com 9 anos de idade, na primeira série, na escola Tancredo Neves, pois lá não havia alfabetização nessa época. Estudava com o professor Zeca Maia, foi o meu primeiro professor, na comunidade Boa Esperança que ficava longe da minha casa. No segundo ano estudei na escola São Benedito, na comunidade Mãnixi, próximo da minha casa, com a professora Chica. Na época eu tinha 10 anos de idade, estudei primeira e segunda séries.

Nos anos seguintes continuei nas mesmas séries (1ª e 2ª) por ter sido reprovada com a professora Marieta Brito. Lembro que essa professora dava suas aulas no chão da sala, não tinha cadeira. Nos anos seguintes, com doze anos de idade, eu estudei 2ª e 3ª séries com o professor Haroldo Gomes Maia, que era filho do dono da comunidade, pois tinha apenas 4ª série, mas foi um dos professores que me ajudou a adquirir mais conhecimentos no início da minha trajetória escolar. Eu estudava a tarde e de manhã cuidava do filho dele que tinha 3 meses de nascido.

Na época ele lecionou dois anos seguidos na mesma comunidade, mas já tinham sido providenciadas as cadeiras. Lembro que era um professor que tinha paciência de ensinar seus alunos. Suas aulas não eram improvisadas, os planos de aulas já eram feitos no caderno, sua esposa fazia para ele colocar em prática. Após os dois anos que lecionou, decidi que não ia trabalhar mais como professor, ia assumir outras funções na sua vida.

Nos anos seguintes ele e sua esposa decidiram que iam embora e me levaram com eles para a cidade de Itamarati. Claro, com a autorização dos meus pais. A partir daí comecei a estudar na escola Francidene Soares Barroso, na época eu tinha 13 anos de idade, estudava com a professora Maria Rosa. Era uma professora que ensinava muito bem os conteúdos aplicados, era muito proveitoso para mim e meus colegas de sala. Estudei a terceira e quarta série do ensino fundamental, lembro que a minha professora falava que o estudo era o nosso futuro.

A partir dos 14 anos comecei a estudar na 5ª série com os professores José Martins, Benedito, e o professor Imar, que dava aula de inglês. Lembro que a sala era cheia de cadeira e eram todas ocupadas pelos alunos. Na época eu era uma menina muito tímida que tinha muita dificuldade de fazer amizade com os colegas de aula.

No ano seguinte, com 15 anos de idade eu estudei a 6ª série, com os professores Imar e Ênio, entre outros. Eram professores muito legais, explicavam os conteúdos muito bem, tinha estratégia de ensino. A partir dos 16 anos eu estudei a sétima e oitava série na mesma escola com os professores Fátima Pinheira, Benedito e José Martins. A professora Fátima Pinheiro foi muito importante para minha vida.

Hoje eu percebo que as formas de ensino não me ajudaram muito na minha trajetória escolar pois cada um da turma se preocupava com as notas após aplicação das provas. Não queriam tirar nota baixa. A nossa preocupação era passar de ano sem pensar no futuro que vinha pela frente. Neste período engravidei do meu primeiro filho e por esse motivo desisti de meus estudos para trabalhar como empregada doméstica para sustentar minha filha.

Nessa época eu fiquei três anos sem estudar e quando a minha primeira filha tinha dois anos de idade, eu engravidei do meu segundo filho, a minha vida ficou toda mais difícil. A minha maior preocupação só aumentou, eu ia precisar de muita força para encarar as lutas. Na época morava na casa da minha ex-sogra.

A partir de 2004 passei a estudar o ensino médio, com 25 anos de idade cursei o 9º e o 1º ano do ensino superior na educação de jovens e adultos, no turno noturno. Lembro que nessa época eu estudei com os professores Magdi Teixeira de Paula, Fátima Pinheiro e José Martins. No ano seguinte de 2005, estudei o segundo e terceiro ano do ensino médio com os mesmos professores, na mesma escola.

No ensino médio fiz muitas amizades, eu contava com eles nos momentos mais difícil e eles me ajudavam, me apoiando, tanto os meninos, quanto as meninas. Os materiais utilizados no ensino médio era apenas um caderno de 10 matérias, 3 canetas, um lápis e uma borracha. Com esses materiais eu fazia minhas

atividades na escola. Em lembro que eu ficava preocupada para não faltar material didático porque eu não tinha condições de comprar o caderno.

Quando iniciavam as aulas tinha merenda todos os dias, mas quando ia chegando o meio do ano a merenda acabava. Lembro que eu e meus colegas ficávamos comentando que a merenda fazia falta para nós. As merendas que eram servidas na escola era o arroz doce, Nescau com bolacha, a merenda bem feita pela merendeira que na escola trabalhava.

Meus pais sempre trabalharam duramente para sustentar a família, pois os mesmos trabalhavam em muitas atividades que aprenderam ao longo de sua vida, pois eles capinavam os capins na roça e plantavam, cortavam seringa, pescavam, mas o que eles gostavam de fazer era trabalhar na agricultura, a qual até hoje exercem a função, mesmo sendo aposentados pela agricultura. A minha mãe e meus irmãos tinham tarefas a cumprir juntamente comigo, um cuidava da casa e os outros iam plantar roça com o meu pai, os outros iam pescar, mas o que nós queríamos mesmo era brincar. As vezes quando nós estávamos brincando, nossa mãe nos chamava, nós obedecíamos, mas depois de fazer as atividades nós íamos brincar novamente.

A minha relação com meus irmãos era muito boa, não gostávamos de conflitos. Tivemos bastante contato com a natureza, para mim foram muito proveitosos aqueles momentos maravilhosos da minha vida. Aquela era a forma de nossos pais nos educar, para mim foi muito evolutivo, hoje posso dizer que nossos pais souberam nos educar e estavam sempre preocupados em não deixar faltar o peixe do dia-a-dia, a farinha, o feijão e a banana. Pois os meus pais foram guerreiros por conseguir sustentar 14 filhos sem recursos financeiros.

A escola tinha poucos espaços para dividir com uma turma de 10 alunos, era uma turma multisseriada, eu me sentia muito à vontade e acreditava que um dia eu ia aprender a ler e a escrever, ia terminar meus estudos para que eu pudesse mudar futuramente, e dar um futuro melhor para meus pais que me criaram com muitas dificuldades e dedicação, sempre me compreendendo nos momentos que eu mais precisava, me apoiando e me dando uma vida melhor, pois meus pais queriam que eu estivesse sempre estudando, pois se preocupavam com a minha educação e dos meus irmãos, pois os mesmos sempre moravam em local muito distante da comunidade onde tinha escola. Um dia eles decidiram morar em uma comunidade onde eu e meus irmãos pudéssemos estudar em um local perto de casa, para que nós deixássemos de sofrer atravessando o rio e correndo risco de vida para chegar na escola onde nós estudávamos.

Meus pais sempre diziam que eles não tiveram essa oportunidade e queria que nós tivéssemos, sempre eu ia as aulas juntamente com meus irmãos que eram mais novos do que eu. Lembro que na época eram apenas 5 irmãos, três meninas e dois meninos, os quais faziam parceria juntamente comigo em cada caminhada do dia-a-dia. Junto nós brincávamos, interagíamos uns com os outros, pois eu tivesse muitos momentos de alegrias, mas também vivi momentos de tristeza familiar.

A minha alimentação na escola era muito proveitosa, porque muitas vezes eu ia para escola sem ter tomado café, pois em casa não tinha. Eu pedia a Deus para chegar a hora do intervalo para eu merendar, pois a vontade era tão grande que o cheiro da merenda me deixava com muito apetite. Na escola onde eu estudava era servido sopa, leite com bolacha, suco, mingau, conserva com macarrão. As vezes a merenda vinha para 3 meses, era apenas uma vez por ano que a secretaria de educação mandava para as escolas do interior, onde as famílias são compostas por pessoas muito carentes, ao mesmo tempo a merenda escolar servia de uma forma de incentivo para os alunos irem a aula. A minha alimentação era diferente da alimentação escolar, pois em casa era sempre servido peixe cozido, muitas vezes nem o peixe não tinha para comermos. Era muito difícil termos uma alimentação adequada em casa, por motivo de meus pais não ter as condições financeira que pudessem nos dar uma boa alimentação.

O material que eu ganhava dos professores era apenas um caderno pequeno, um lápis e uma borracha, com os quais eu fazia as atividades que o professor passava no caderno. Sendo que os professores ensinavam através do alfabeto, utilizado os métodos repetitivos. Era um meio de aprender apanhando com a palmatória, pois aprendi a ler e a escrever com esses métodos utilizados na sala de aula. Os professores passavam tarefas no meu caderno para eu escrever e ler, na época os conteúdos eram retirados das cartilhas.

Lembro que no início da minha escolaridade eu tinha poucas roupas, a maioria eram rasgadas, e eu pedia para minha mãe costurar para eu vestir e ir à escola. Era roupas velhas, mas em compensação, eram limpas. As disciplinas utilizadas em sala eram sempre o português e matemática, as quais contribuíram bastante para o meu desenvolvimento. Os conteúdos aplicados pelos professores eram muito difíceis para eu compreender, mas com as explicações facilitava a minha compreensão. Pois a disciplina que eu mais gostei foi português, que eu tinha mais facilidade em entender melhor sem medo de errar. A matemática eu sentia temor só de falar que ia ter no dia seguinte, era a matéria que eu mais tive dificuldades, na época os professores tinham apenas a quarta série. Os mesmos não eram preparados para atuar em uma sala de aula, mas nessa altura estava fazendo a segunda série, apesar de ter ficado três anos sem estudar por motivo de morar em lugar distante de onde estivesse escola.

Na comunidade que passamos a morar, eu estudava a tarde e fiz o segundo ano do ensino fundamental. Quando eu cheguei nas séries mais altas, tive muitas dificuldades por não ser ensinada de uma maneira correta. No decorrer da minha escolaridade a série que eu mais tive dificuldade quando eu comecei a estudar foi na 5ª série, cheguei e desisti mais de uma vez. A partir daí não voltei mais as aulas. Casei com o pai de meus filhos, na época eu tinha apenas 16 anos. Mais uma vez eu interrompi os meus sonhos. Nessa época passei por momentos muitos difíceis na minha vida, mas dessa vez com uma filha para criar sem ter recursos para financeiros. Foram muitos anos de sofrimento, mas, um dia eu decidi que ia voltar a estudar para dar uma vida melhor para os meus filhos.

Na época eu não tinha casa para morar, eu vivia de aluguel, mas muitas vezes nem o dinheiro para pagar o aluguel eu não tinha, ficava muito triste por estar vivendo aquela situação, na época meus colegas de aula todos estavam terminando o ensino médio e eu permanecia na mesma. Para mim eram momentos de muitas aflições. Voltei a estudar novamente para que um dia eu não ouvisse os meus filhos chorando com fome. Fiz a quinta série e a sexta, depois segui até concluir o ensino médio.

### **Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR**

Por ser de família pobre tive que me virar muito cedo, aos 12 anos de idade trabalhei como doméstica em casa de família. Também trabalhei como babá cuidando de criança. Quando eu morava com os meus pais eu sempre ajudava eles na roça. E em 2008 adentrei na área de educação para lecionar no interior.

Comecei a exercer a profissão de professora em 24 de abril de 2008 na escola municipal São Mateus, localizada no Igarapé Canamã, na comunidade Boa Vista, que fica na zona rural. Uma escola distante da cidade, que fica na terra firme, com energia elétrica que vem da cidade, quase sem comunicação telefônica, com dois ventiladores, duas salas de aula, um bebedouro, um depósito, um quarto de computador. Os transportes para lá não é fácil. Para quem trabalhava penas com uma cadeira, como na época, as condições apenas pioravam. Ter que ir todo final de mês na cidade receber o pequeno salário para comprar o que estávamos precisando e quando o igarapé secava, a situação piorava, pois secava muito, isso dificultava andar de canoa.

Na época eu lecionava para alunos de 1ª e 2ª etapa no EJA, administrando as aulas com todas disciplinas: português, matemática, ciências, ensino religioso e artes, mas sem material didático e sem planejamento, pois eu não sabia nem como começar. Depois de um ano que eu lecionava na comunidade Boa Vista, comecei a me identificar com a profissão, perdi o medo de explicar os conteúdos, deixei de improvisar. Passei a preparar minhas aulas todos os dias. Me preocupei mais para eu melhorar minhas aulas administradas, para satisfazer a SEMED que cobra bastante, mas nos dá com poucos materiais didáticos.

Em 2009 passei a trabalhar com uma turma de multisseriado, aluno de 1º, 2º e 3º ano. Para melhorar minhas aulas comecei a comprar materiais didáticos para ter melhores formas de ensinar. Com esses materiais adquiri novas experiências, para mim era um grande desafio para minha vida profissional. É muita responsabilidade lecionar com uma turma de multisseriado com 23 alunos, com idade de 5 a 7 anos. A minha preocupação só aumentou. A partir daquele momento eu buscava o tempo todo planejar minhas aulas. Durante uma conversa em sala de aula com uma das mães de um aluno, ela falou que o seu filho já sabia escrever o seu nome. Pediu que ele escrevesse na lousa. Naquele momento eu fiquei muito feliz por seu filho e fiquei muito feliz por ela estar satisfeita por seu filho saber assinar seu nome.

A partir daquele momento passei a dar mais importância para minha profissão, valorizando mais a educação de cada criança. Sempre procurei fazer o melhor por cada um. E adquiri respeito por eles, pois

sabemos que o professor não é valorizado, principalmente os que são contratados, que dependem de boa vontade das pessoas para trabalhar novamente, porque uns tem mais direito do que os outros, pois o certo seria que todos os professores fossem valorizados, independente da forma que está recebendo. Os professores que não são efetivos, todos os anos precisam ser contratados pela prefeitura e as vezes fazemos o processo seletivo, mas, mesmo assim o contrato dura somente o tempo determinado de 1 ano, as vezes antes de 1 ano já ficamos desempregados.

### **Estudando, trabalhando e lutando: o percurso da minha formação**

Em 2016 iniciei o curso de Pedagogia que na época fui indicada pela professora Áurea, secretária de educação. Ela sempre falou que iria lutar para conseguir uma faculdade para todos os professores da zona rural, que todos tivessem uma melhor preparação nas áreas que estavam atuando, para trabalhar cada vez melhor. Mas eu fiquei com dúvida porque era apenas uma palavra, mas, felizmente saiu o resultado das matrículas que realmente já estavam abertas as inscrições. Muitas pessoas queriam se matricular, mas a prioridade era somente para os professores que não tinham o ensino superior, de preferência que estivessem atuando na sala de aula que estivesse na zona rural.

Quando todos foram convocados para comparecer na secretaria de educação que levassem toda a documentação foi uma correria para nos conseguir se matricular, pois no momento que eu fiquei sabendo para mim foi muito difícil de acreditar que eu iria fazer uma faculdade de pedagogia. Era um sonho para mim difícil de acreditar que um dia pudesse tornar realidade. Quando recebi a notícia eu nem perguntei qual seria, pois no momento qualquer um era bem-vindo. Fomos todos premiados por cursar uma faculdade sem fazer vestibular. Fiquei muito feliz saber que a partir daquele momento tudo poderia mudar. Tanto a minha postura quanto a minha vida financeira, e os métodos de ensino.

Para mim está sendo muito gratificante porque com certeza vai nos trazer facilidade para minha compreensão. Sempre estou pedindo sabedoria de Deus para continuar firme e forte não desistir dessa caminhada. No começo do Parfor não foi fácil para mim, quando eu me via cheia de atividades para fazer muitas vezes dava vontade de desistir. Eu perdia até o sono pensando nas atividades do dia seguinte. Eu sei que no final vai ser muito gratificante para mim poder se formar, ser uma professora mais preparada para trabalhar na área da educação de uma maneira diferente de ver as pessoas e saber a importância de estar em uma sala de aula. O Parfor veio para mudar a minha vida e a dos meus colegas, e também a vida de muitas pessoas.

A disciplina que mais ajudou a minha compreensão com as criança foi Psicologia da Aprendizagem, aplicada pela professora Georgete Mabarac Carioca, pois através dessa disciplina aprendi a observar cada criança que sofre de transtorno de aprendizagem, sendo que todas as disciplinas contribuíram sim na minha aprendizagem e me fizeram entender os conteúdos aplicados na sala de aula, facilitando as dificuldades para

minha compreensão nas aulas, direcionadas por todos os professores, pois eu tenho certeza que um dia a ida e vinda para faculdade vai ser muito gratificante no final das aulas para mim e minha família que me apoiam muito nessa caminhada, mesmo nos momentos de tristeza.

Sou muito grata a meu esposo por ele ajudar nos trabalhos domésticos, cuidando dos meninos e fazendo o almoço e janta, limpando a casa todos os dias. No período da faculdade os meus filhos reclamam muito por eu não estar perto deles todos os dias. Tanto para eles, como pra mim está sendo muito difícil.

Quando eu comecei o Parfor eu tinha um bebê com apenas um ano de idade. No momento que eu estudava, quem cuidava dele era o meu esposo, o qual eu sempre contei com a ajuda, tanto dele quanto de todos da minha família, que me deram forças para eu continuar forte e ser uma pessoa mais preparada.

O relacionamento em equipe foi muito proveitoso, pois juntos adquirimos conhecimentos e compartilhamos experiência juntamente com todos, sabendo ouvir e respeitar as opiniões dos colegas. Sabemos que aprendemos um com os outros, dialogando e interagindo. Hoje eu posso dizer que houve mudança na minha vida, pois quando queremos, somos capazes de mudar até mesmo o mundo. Temos que ir em busca de novos objetivos e lutar de cabeça erguida, sem pensar nas dificuldades que vem pela frente pois um dia, eu tenho certeza, esse momento de sacrifício vai se tornar em muitas conquistas na minha carreira profissional, pois dificuldade vão aparecer muitas, mas um motivo de eu ir em frente, não ter medo de enfrentar as lutas.

Hoje eu posso dizer que eu mudei muito, meu entendimento é muito diferente do entendimento que eu tinha no início da faculdade. Sendo que quando o professor aplicava as primeiras provas eu tremia de tanto nervoso, por não saber o que eu ia escrever nas provas dissertativas, pois eu ficava com muito medo de ficar em plano de estudo, que as pessoas sempre me falavam que era muito difícil.

Eu tenho certeza que houve sim transformação em minha vida, tanto a postura quanto a intelectual, pois hoje as pessoas me olham de maneira diferente de antes. Até mesmo os pais dos meus alunos. Só de saber que estou cursando uma faculdade eles sabem que eu posso sempre fazer o melhor para os seus filhos. Posso educar de maneira muito especial, pois é tudo que os seus filhos mais precisam ter uma educação de qualidade, apesar de não termos recursos pedagógicos na zona rural para trabalhar.

Hoje, através do Parfor eu aprendi muitas coisas, principalmente na hora das escolhas dos conteúdos para aplicar nos meus alunos, pois antes do Parfor eu me sentia insegura em relação aos conteúdos que era aplicado na sala de aula. Eu ficava pensando: será que aquele método de ensino eu ia alcançar os objetivos desejados? Eu não sabia nem mesmo qual o conteúdo eu iria aplicar, só improvisava, mesmo assim as aulas eram gratificantes para os alunos. Realmente eles se identificavam com os conteúdos aplicados.

Antes de iniciar o Parfor eu me sentia uma professora com poucas experiências para atuar na área de educação. Não era uma pessoa preparada para lidar com as crianças. O meu olhar sobre as crianças era um

olhar diferente de outro jeito de ver e principalmente as crianças que tinham dificuldade no início da sua escolaridade. Hoje eu consigo perceber cada expressão de cada criança, que antes passava despercebido.

Durante o curso de Pedagogia a realidade profissional que eu vivenciei foi a seguinte: iniciou no ano de 2016, onde já trabalhava como professora na comunidade Boa Vista, em 2017 continuei atuando como professora na mesma comunidade, no ano de 2018 também continuei trabalhando como professora.

### **A pandemia de Covid-19**

Minha vida profissional e acadêmica mudou muito durante esse momento pandêmico, pois as escolas e os demais setores foram fechados, e as crianças não podiam frequentar as instituições para não serem infectadas pela covid-19.

O isolamento social transformou minha vida profissional, pois deixei de estudar, trabalhar, ir ao médico com os meus filhos, ou seja, deixei de realizar tarefas do dia-a-dia. Durante esse momento tão delicado fiquei sem trabalhar e isso afetou a minha vida e da minha família, muitas coisas que planejei realizar foram adiadas, inclusive a faculdade.

Minha vida acadêmica sofreu muitas mudanças, nossos estudos ficaram paralisados cerca de 15 meses, assim atrasando o nono período do curso, pois nesse momento tudo era incerto, não sabíamos quando iríamos voltar a estudar, trabalhar, visitar os colegas e se abraçar novamente, entre outras coisas que fazíamos antes. Só então no dia 23 de agosto voltamos com o módulo não presencial, visando preservar ainda mais a vida de nossos professores, dos acadêmicos e dos familiares. Com a transposição das aulas presenciais para as aulas online, passamos a conviver com diversos desafios, além dos já existentes, tais como: a falta de recurso tecnológico adequado, a conexão ruim com a internet por causa do sinal das operadoras, e muitas vezes tive dificuldade de manusear as ferramentas digitais.

No ano de 2020 por conta da pandemia não pude trabalhar, mas fiz o processo seletivo e passei, fui contratada por quatro meses. Por conta deste momento pandêmico não foi possível atuar em um ambiente escolar, em proteção as crianças e os professores e seus familiares, para evitar a contaminação da covid-19.

### **Considerações Finais**

O curso de Pedagogia foi maravilhoso para mim, descobri um novo mundo, uma nova forma de olhar a minha vida pessoal e profissionalmente. Na medida que eu adquiria conhecimento e compartilhava saberes com professores e colegas do curso, fui aprendendo novas concepções pedagógicas e novas possibilidades para o exercício da minha profissão. Essa experiência acadêmica foi muito importante para minha carreira



profissional. O Parfor trouxe conhecimento teórico que antes era desconhecido aos meus olhos, hoje eu posso dizer que ter feito uma faculdade pelo o Parfor foi um grande prazer.

Hoje consigo perceber minhas práticas educativas que antes precisavam ser melhoradas, pois eu não compreendia a importância do lúdico aos olhos das crianças. Eu não confeccionava cartazes e não dava importância alguma as formas de expressão das crianças. Agora, após o processo de formação, consigo ter mais clareza e objetividade nas ações educativas que realizo em sala de aula. Deixei de improvisar e passei a preparar minhas aulas diariamente.

A experiência de escrever um texto sobre minha própria trajetória de vida não foi muito boa, porque tive que relembrar dos momentos bons e ruins que aconteceram no passado, principalmente escrever tudo sobre minha própria vida, eu me senti um pouco sem graça, mas ao mesmo tempo, não foi tão ruim, porque serviu como desabafo de forma escrita.

Durante o curso de Pedagogia fui colocando em prática o que aprendia, passei a ter um novo olhar em relação a escola e ao meio social em que estávamos inseridos, ou seja minha visão de mundo começou a mudar significativamente e passei a ter um pouco mais de segurança para desempenhar minha profissão e melhorar minha prática de ensino.

Quando iniciei o curso, eu pensava que estava cursando a faculdade errada, pois não tinha plano de continuar trabalhando como professora, por causa da desvalorização do profissional e salário baixo. A identificação com a profissão de professor só foi se ampliando ao longo do curso, o que me fez pretender a continuar a trajetória formativa e profissional. Essa consciência ética da profissão fui adquirindo nesse curso, sempre mantive a humildade perante minha família e colegas. Hoje percebo que em cada período que se passava eu acreditava cada vez mais que tinha feito a escolha certa, o curso transformou minha vida pessoal e profissional.



## **CAPÍTULO 10**

### **O FILHO DO EPIFÂNIO**

**Eucirley da Silva Martins**  
**Fernanda Pinto de Aragão Quintino**

#### **Introdução**

Esse texto é um recorte do memorial educacional descritivo realizado como trabalho de fim de curso da Licenciatura Plena em Pedagogia, PARFOR/UEA. Alguns desafios foram realizados no início do curso quando eu estava trabalhando na zona rural, a escola em que eu estava lecionando era muito longe da cidade, tinha que sair quatro dias antes para poder voltar para a sede do município e fazer o curso. E quando as aulas passaram a ser remota por via WhatsApp, devido a pandemia, a internet não era muito boa, mas no fim está dado tudo certo. Trago aqui minhas memórias da minha vida educacional, das minhas experiências como alunos e depois como professor, e por fim, novamente como aluno, mas dessa vez no ensino superior, sendo ao mesmo tempo, professor-aluno.

#### **Meu caminho até a escola**

Nasci no dia 3 de 1986 às dez horas e onze minutos, no Seringal, no município de Itamarati no estado do Amazonas. Eu tinha onze irmãos, cinco homens e seis mulheres, mas morreram quatro, três mulheres e um homem e agora tenho sete irmãos, a Eliana da Silva Martins, o Francisco Alciney da Silva Martins, o Claudeney da Silva Martins, Jarnes da Silva Martins, Ianca da Silva Martins, Elcirlane da Silva Martins, e o Janelton da Silva Martins.

Sou filho de Ivanilde Ferreira da Silva e de Epifânio da Silva Martins. Minha mãe é funcionária pública e agricultora e tem 60 anos. O meu pai é carpinteiro naval e agricultor. Ambos não são alfabetizados. Sou casado com Antônia Lucilene de Paula da Silva. Tenho uma filha, a Larissa de Paula Martins. Este ano ela vai fazer o pré-II na Escola Estadual Francisca Gomes Lobo.

Com dois anos de idade, meu pai já me levava para a vazante, para plantar roça. Eu brincava mais do que ajudava. Eu era uma criança muito animada. Quando meu pai ia pescar eu chorava muito para ir com ele. Mas ele não deixava eu ir. Quando ele chegava da pesca eu corria para a porta para carregar as coisas dele.

Eu gostava muito de brincar de canoa, mas quando ele estava em casa ele não deixava. Ele tinha medo de eu ou meus irmãos cair dentro d'água. Nós éramos muito pequenos.

Quando eu tinha três anos, gostava de brincar com meus irmãos no terreiro da casa, de cantiga de roda, com as crianças da comunidade, de atirei o pau no gato, de noite, quando estava de luar, nós brincávamos de pega-pega dentro da roça. Na época nós não tínhamos brinquedo para brincar.

Com cinco e seis anos, meu pai já veio pescar com meu irmão Francisco Alciney. Nós íamos pegar mandi de linha no rio. Nós já fazíamos coisas de adultos. Eu e ele que limpávamos a roça, mas nós apanhávamos muito de nossos pais, porque para eles tudo que nós fazíamos era errado. Quando não limpava a roça, apanhava.

Com sete ano continuava trabalhando no pesado. Tinha dia que eu ia para o igapó com meu pai puxar toro de árvore, para vender para o madeireiro. Era um meio de renda de vida que nós tínhamos. Quando chegava lá no igapó, eu ficava em cima de um toró, só com o cambito para puxar o tronco para um igarapé. Tinha dia que nós chegávamos seis horas da tarde, eu passava muita fome porque nós não levávamos comida. E quando não fazia as coisas direito no igapó, quando chegava em casa, apanhava. Sofri muito quando criança.

Eu comecei a estudar no ensino fundamental com 9 anos de idade, em 1995. Meus pais me mandaram para Itamarati para eu estudar. Quando eu vim, fiquei na casa da minha avó, Raimunda Pereira da Silva. Quando eu comecei a estudar não tinha roupa, calçado, nem material escolar. No primeiro dia de aula eu achei muito ruim. Não conhecia ninguém, tinha acabado de chegar do seringal, eu era muito tímido. Quando eu via outras pessoas, eu tinha muito medo e me escondia no canto ou atrás da porta.

No meu primeiro ano estudei no pré-escolar. Eu não tinha nenhum amigo, nem colegas. Eu me senti muito sozinho. Para mim, tudo era estranho, eu chorava muito querendo ir para casa onde estava a minha avó. Mas com os dias fui perdendo o medo.

A minha professora no pré-escolar foi Raquel, ela tinha muito jeito com criança. Ela cuidava muito bem dos alunos. Minha primeira tarefa era cobrinha para cobrir. A professora pegava na minha mão para me ensinar a tarefa. Na primeira série foi onde comecei a ler as vogais. A professora Raquel ensinava no método tradicional, o antigo ABC.

Quando estudei no pré e na primeira série, a escola que eu estudava era a Santos Dumont. Tinha quatro salas de aula, não tinha ventilador fazia muito calor, a gente ficava todo molhado de suor, as cadeiras eram de madeira, a sala era limpa, tinha dois banheiros, um para os homens e outro para as mulheres, os banheiros eram muito sujos, tinha dia que não tinha água para puxar a descarga, e uma diretoria, a minha primeira diretora era a Mandi, ela era muito legal.

Na segunda série estudei com três professores, a turma era muito danada. A primeira professora deu aula por 15 dias, ela não aguentou e saiu, veio outro professor, ele passou mais tempo do que o primeiro. Saiu também.

Entrou depois o professor Mano. Já para o lado dele a turma topou, se alguém falasse ele ia dar o pagador e dava bolo com uma palmatória. E se danasse, ele colocava de joelho no carço de milho. Uma vez ele me colocou de joelho no carço de milho, das 8 horas da manhã às 11 horas, sem beber água e ir ao banheiro. Uma outra vez ele me deixou de castigo no meio do sol com uma cadeira na cabeça. Um dia ele ia jogar um aluno pela janela com cadeira e tudo, quando ele levantou a cadeira ela quebrou. Ele não deixava os alunos conversar um com o outro. Um dia ele saiu da sala e quando chegou eu estava arengando com meu colega. Quando alguém da turma arengava ele colocava para brigar. O que perdesse pegava suspensão. E pedia que os alunos afastassem as cadeiras para que eu e meus colegas brigássemos. Ele ainda falava que se não brigasse pegava suspensão os dois.

Na segunda série fiquei reprovado, quando minha mãe soube, peguei uma pisa, mas ela me incentivou a ir para escola. Quando comecei o segundo ano de novo, ela me falou que se eu passasse de série compraria um relógio para mim.

O meu professor na segunda série foi o Joaquim. Já tinha perdido um pouco do meu medo. Foi quando eu comecei a ler e a escrever as consoantes e a família silábica. Na terceira e quartas séries estudei com a professora Delzinha, ela não deixava os alunos beber água e nem ir ao banheiro.

No ano que comecei a terceira série, a escola tinha sido ampliada para 13 salas de aula, quatro banheiros, dois masculinos e dois femininos, uma biblioteca com muitos livros, sala dos professores e cozinha para fazer merenda para os alunos. A sala tinha mais ou menos 7 metros quadrados. As cadeiras ainda eram de madeira. Tinha dois ventiladores de teto e um quadro de giz.

O tratamento da minha família no ensino fundamental I foi muito ruim, porque quando eu chegava da escola, eu jogava meu material no canto da parede da casa e ia para rua brincar. Não fazia os deveres da escola. Tinha muitos dias que eu levava para fazer em sala de aula. Por conta disso, o professor falava para os meus pais que eu não estava fazendo as tarefas, que eu estava levando para casa. Meus pais me batiam muito. Eu não tinha quem me ajudasse nos meus deveres escolares.

Quando estudava na terceira e quarta série, eu ia para a escola muito vezes por causa da merenda. Muitas vezes, quando terminava de merendar eu ia para casa, mas as vezes o professor me deixava sem recreio e sem merendar. Eu era muito danado na escola. Tinha dia que eu fugia pela janela.

Minha família era de classe baixa, na época eu tinha que passar pelo menos um mês com o mesmo caderno e no mínimo duas semanas com o lápis. Nessa época meus pais não tinham condições de estar comprando caderno e lápis para toda semana. Meu pai para conseguir as coisas para nós, cortava seringa, ele era um seringueiro, pois era muito complicado ter materiais de qualidade.

A minha bolsa no ensino fundamental I era um saco de bolacha ou de açúcar, sal, arroz ou uma sacola. Era minha maior alegria quando meu pai comprava um quilo de açúcar, sal, arroz ou bolacha por causa do saco para mim fazer uma bolsa.

Muitas vezes eu não ia para escola por não ter roupa para vestir. Eu e meus irmãos passávamos a semana toda com uma muda de roupa para ir para escola. Quando eu estudava no pré-escolar e na primeira série, eu ia com alguém da casa da minha avó. Meus pais ainda moravam no seringal. Já na segunda e na terceira série, eu ia sozinho. A escola ficava a 100 metros de casa. Terminei o ensino fundamental com 15 anos de idade, em 2001.

Meu ensino fundamental II comecei em 2002, na escola Francidene Soares Barroso. Na sexta série a escola tinha dois andares. No primeiro andar tinha oito salas de aula, uma secretaria, uma diretoria, uma biblioteca com muitos livros, dois banheiros com quatro bacias, mas era muito seboso o banheiro e tinha 5 salas de aula. No segundo andar tinha uma sala dos professores, dois banheiros no mesmo estilo do primeiro piso e 6 salas de aula.

Na sexta série eu tinha um professor de matemática que eu nunca vou esquecer dele. Quando ele passava um assunto só parava quando todo mundo tinha entendido. Ele era muito bom em matemática. O professor Magid. Mas ele morreu.

Na sétima série era muito apegado a um colega, ele sentava do meu lado, mas com menos da metade do ano um cara vinha trazendo uma canoa dentro de um carro de travessa e ele não viu a canoa e a canoa bateu na cabeça dele e ele morreu. Senti muito a sua falta na escola, e até hoje eu lembro dele.

Fiquei reprovado em História no sétimo ano, mas assim mesmo passei para oitava série, pagando pendência em história na sétima série. Estudava na oitava série de manhã e pegava aula de história a tarde. No final do ano fiquei reprovado nas duas.

Em 2006 voltei fazer oitava série na FUNDERPROL. A escola Francidene Soares Barroso estava de reforma. Estudamos seis meses nela e depois voltamos para escola.

O meu ensino fundamental II foi muito gratificante. Particpei de jogos escolares, na sétima série minha turma foi campeã do torneio de futsal da escola. Na oitava também. Quando fui campeão na oitava série, trocamos o troféu por uma cartela de refrigerante.

Concluí o ensino médio em Eirunepé, na escola São Francisco, pelo EJA, educação de jovens e adultos. Fiz em dois anos, em 2007 e 2009. Em 2007 eu estudei seis matérias: língua portuguesa, língua estrangeira, física, história e matemática. Em 2008 eu tive que retornar para o município de Itamarati por causa da matéria pendente de História na sétima série. Passei o ano na cidade, só no final do ano fiz um plano de estudo e passei, voltei para Eirunepé em 2009, foi quando finalizei o ensino médio com 23 anos de idade.

### **Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR**

Trabalhar na área educação era meu sonho, queria ser professor. Quando eu estava fazendo o ensino médio, uma colega me fez uma pergunta: “quando eu terminasse o ensino médio, o que eu queria ser?” Eu falei para ela que queria ser professor. Graças a Deus meu sonho foi realizado.

Quando comecei no ramo da educação foi porque eu, quando criança, trabalhei muito no pesado, pois não aguentava mais trabalhar devido a minha coluna, até hoje tenho problema de coluna. Mas na hora da precisão, eu trabalho no pesado.

Minha primeira experiência no ramo da educação foi quando fiz o seletivo e passei. Fui lotado para antepenúltima comunidade da zona rural, na parte de cima do município de Itamarati.

O primeiro que eu fui trabalhar foi um desafio. Eu tinha só ensino médio e estava com quatro anos que tinha terminado. Eu sabia que ia ser um desafio, mas era meu sonho ser professor. Um dos meus maiores desafios foi deixar a minha família, meu pai e minha mãe, pois eu ia para uma comunidade que nunca tinha ido. Era três dias de barco.

A primeira comunidade que fui trabalhar foi Soriano II, em 2013. Foi o ano mais comprido da minha vida, mas trabalhei o ano todo. No ano seguinte, fui para mesma comunidade onde trabalho até hoje. O nome da escola que eu trabalho é Manoel Sampaio de Araújo. A escola não é aquela que um pai queria para seus filhos. Ela tem uma sala de aula e uma cozinha, onde o professor mora e faz merenda.

Para os alunos irem para a escola eles tem que travessar o rio remando. A comunidade fica de um lado do rio Juruá e a escola fica do outro. Dos 5 anos que trabalhei na comunidade, só em 2018 tinha uma merendeira. Era a única que morava do lado da escola. As minhas melhores lembranças de trabalho são: eu fiz amizade com todos os moradores da comunidade pelo trabalho que eu vinha fazendo na comunidade, os alunos que eu alfabetizei durante esses cinco anos de trabalho na comunidade.

Em 2019, os moradores da comunidade solicitaram que eu fosse trabalhar na comunidade de novo. Uma das piores lembranças do meu trabalho foi no primeiro ano que eu trabalhei na comunidade, uma moradora queria me denunciar para o supervisor para me tirar da comunidade. Com uma semana, o supervisor chegou na comunidade e eu marquei uma reunião para saber o motivo. Na hora ninguém falou nada a respeito do assunto. E também quando minha esposa caiu do trapicho, ela estava com sete meses de grávida. Nos dois primeiros anos ela ia comigo, os outros anos ela teve que ficar na cidade para estudar, e eu ia sozinho para comunidade.

Na comunidade que eu fui trabalhar pela primeira vez, tinha aluno do quarto ano que não sabia fazer o seu nome. Com seis meses de trabalho, muitos deles já faziam o seu nome. Apesar de ser uma turma multisseriada, trabalhava com criança do pré ao nono ano, era muito complicado.

Tinha um aluno que dei aula dois anos pra ele, e nunca aprendeu nada, os seus pais diziam que era por causa do professor, o pai dele matriculou ele na cidade ele nunca aprendeu nada, já é complicado da aula

para aluno de uma série, imagine aluno do pré ao nono ano, mas ele era o único que tinha esse problema de aprendizagem.

Em 2013 trabalhava com uma turma de 11 alunos de todas as séries. Em 2018 estava com uma turma de 22 alunos do pré I ao oitavo ano. Acho o meu salário pouco, porque a comunidade que trabalho é muito longe. Eu sou apenas contratado através de seletivo e o meu salário nunca atrasou, mas se atrasar eu não posso ir para comunidade porque eu não tenho dinheiro para minha despesa.

Uma experiência engraçada: eu estava há três meses sem ir ver minha família, e resolvi fazer uma viagem para cidade. Passei o dia arrumando minhas coisas, chegou a noite eu fui dormir e quando me acordei tinha um rato dentro da rede que eu dormia. Depois eu vim para Itamarati, passei três dias com minha família e retornei à comunidade. Com dois meses que eu estava na comunidade, resolvi fazer outra viagem para Itamarati, aconteceu a mesma coisa, mas dessa vez foi uma cobra que estava dentro da minha rede. Falei para os meus colegas de trabalho, eles mangaram muito de mim.

Uma situação que eu não quero mais passar na minha vida foi quando foram nos deixar na comunidade, tinha um supervisor que ele era muito sério e para deixar os professores na comunidade, quando o barco chegava para ele, não importava a hora da noite. Se ele chegasse na comunidade 3 horas da madrugada, ele jogava as coisas do professor no seco e a gente tinha que se virar.

### **Estudando, trabalhando e lutando: o percurso da minha formação**

O PARFOR eu soube através da secretária de educação que falou que vinha uma faculdade de Pedagogia para quem estava atuando em sala de aula nas comunidades da zona rural. Para mim foi uma alegria, porque o meu sonho era ser professor. Nunca passou pela minha cabeça que eu ia cursar uma faculdade de Pedagogia. Eu não sabia o que era Pedagogia, eu queria fazer faculdade mas era de matemática. Mas eu estava no ramo da educação e falei para mim mesmo: “vou fazer porque vai servir para mim”.

Foi muito complicado me matricular. Na época eu não tinha CPF, eu não conseguir matricular, nem o certificado de ensino médio. Eu tinha que viajar para o município de Eirunepé para pegar o meu certificado. Eu tive que pegar dinheiro emprestado para pagar minha passagem de ida e de vinda, pois nós só tínhamos uma semana para entregar a documentação. Quando cheguei em Eirunepé fui na escola e falei para o secretário. O secretário disse que eu não podia receber o meu certificado, pois eu estava pendente em uma matéria da sexta série.

Tive que voltar para Itamarati, quando cheguei aqui na escola que tinha estudado a sexta série e falei para o secretário minha situação. Ele foi olhar no sistema e eu não estava pendente, era porque quando eu estudava na sexta série não tinha professor de inglês, e eu tinha que fazer uma prova pra poder jogar nota no



sistema. Estava faltando uma semana para acabar a matrícula e eu tive que fazer a prova e jogar a nota no sistema, para o secretário lá da escola que fiz o ensino médio poder imprimir o meu certificado.

Depois de dois dias, fui fazer a prova, o único documento que me faltava era o certificado. No último dia de entrega dos documentos foi que meu certificado chegou, graças a Deus, fiz minha matrícula.

A minha impressão na primeira disciplina eu falava para mim mesmo: “será que eu vou conseguir passar nas disciplinas?”. Meu primeiro seminário foi muito complicado para mim, eu não achava que ia falar nada e foi o que aconteceu. Não consegui falar nada no primeiro seminário, porque fiquei muito nervoso. No segundo seminário eu já falei uma coisa. A minha experiência na primeira prova era nenhuma, porque nunca tinha feito uma faculdade na minha vida. Foi muito difícil porque eu não tinha o hábito de ler e para eu compreender os textos, tinha que prestar muita atenção nas explicações do professor.

No período de junho até agosto, eu me sustentava com o dinheiro que eu recebia do meu trabalho na zona rural e de janeiro a março eu ia pescar nos domingos porque é o único dia da semana que eu tinha folga no período da faculdade. Mas tinha dia que não tinha comida, e era muito complicado, porque de janeiro a março estou desempregado. Quando terminava esse período eu estava devendo mais ou menos uns 2 mil reais no comércio. Moro mais minha mãe e meu pai.

Minha relação com minha família é muito especial, todos da minha família me apoiam no período de aula, principalmente minha esposa. Quando tem trabalho para eu fazer ela quer que eu faça logo. Meu comportamento mudou após entrar no curso de Pedagogia, meu modo de falar com as pessoas, principalmente com os alunos que eu trabalhava. O meu modo de tratar as pessoas em casa e na sociedade. Eu era muito tímido com as pessoas ao meu redor. A minha transformação foi muito grande no PARFOR.

Quando eu entrei no PARFOR eu não participava das aulas até o quarto período. Hoje eu participo das aulas. Eu tinha muito medo de falar. Eu não interagia com os grupos e não dava opinião e agora eu participo muito durante os trabalhos em grupo. A disciplina que mais marcou meu curso foi matemática na educação infantil e nos anos iniciais no ensino fundamental, porque a matemática era a faculdade que eu queria fazer. Minhas notas nessa matéria foram muito boas, onde na AP1 tirei 10,0, AP2 9,0 e PF 9,0. Foram as minhas maiores notas durante os seis períodos de aula.

Passados 5 anos de graduação do curso de Pedagogia, quando iniciei no dia 25 de junho de 2016 estava trabalhando como professor na zona rural na comunidade Soriano II, na Escola Manoel Sampaio de Araújo.

Em 2017 não trabalhei na área da educação, mas fui trabalhar com carpintaria e pedreiro, e quando não tinha serviço ia pesca.

Em 2018 voltei a trabalhar na área da educação, na zona rural na mesma comunidade Soriano II na Escola Manoel Sampaio de Araújo, em 2019 ainda continuava na mesma comunidade.

Em 2020 não trabalhei na área da educação devido a pandemia da covid-19, mas fui trabalhar em um movelaria, onde trabalhei de janeiro a dezembro, em agosto fiz um seletivo pra zona rural, mas não teve aula devido a pandemia.

Em 2021, de janeiro a agosto continuava trabalhando na mesma movelaria, mas em julho o meu contrato tinha levantado, pois tinha passado no seletivo, ainda não tinha lecionado devido ao período do curso, mais quando termina o período e o curso vou para a comunidade que vou trabalhar.

### **A pandemia de Covid-19**

A minha vida profissional neste período de pandemia, foi de muitas dificuldades, pois, quando a pandemia de covid-19 chegou no município de Itamarati, tive que me adaptar na minha vida profissional.

Nesses 18 meses de pandemia, de abril a junho de 2020, não estava trabalhando, só pescava e vendia os peixes para pagar as contas, para compra as coisas para dentro de casa, em julho comecei a trabalhar numa movelaria, mas fui contaminado pela covid-19, quando me recuperei, voltei a trabalhar na movelaria, trabalhei o ano todo, e também em setembro fiz o seletivo e passei, para trabalhar na zona rural, mas não teve aula.

De 1ª janeiro a 12 de agosto de 2021, ainda estava trabalhando na movelaria, dia 14 de agosto fui para a comunidade que estou lecionando, mas tive que volta no barco que foi deixa os professores da zona rural, devido ao fato que dia 23 de agosto ia começar o último período do curso de Pedagogia, pela a Universidade do Estado Amazonas-UEA (PARFOR). O barco chegou na cidade as 10 horas da noite, do dia 21 de agosto, mas cheguei meio dia, devido a morte do meu pai, a minha família mando me pegar na viagem de bote.

Durante a pandemia não foi fácil, no período passado tive muitas dificuldades de fazer os meus trabalhos, por ser aula remota, tinha que me deslocar para a casa de um colega para fazer os trabalhos.

Neste período foi um pouco puxado, pós não tinha computador para digitar os trabalhos, estava fazendo as atividades em casa.

### **Considerações Finais**

Está sendo uma honra está terminando o cursado de Pedagogia pela Universidade do Estado Amazonas-UEA (PARFOR), onde estou sendo privilegiado por esta formação.

A minha pratica pedagógica, no momento estou trabalhando na zona rural na comunidade Soriano II, na Escola Manoel Sampaio de Araújo, com a turma do 6º ao 9º ano, com 8 alunos.

Está sendo uma honra escrever um texto contando a minha história da própria vida, onde posso relembra o meu passado através deste texto, está sendo muito gratificante para mim.

Creio que fiz a escolha certa em ter iniciado e concluído o curso, pois era o que queria para minha vida. Minha expectativa é continuar trabalhando na área da educação e continua fazendo o que mais gosto de fazer, trabalhar com crianças.



## CAPÍTULO 11

### SOBREVIVENDO AOS DESAFIOS DA VIDA E VENCENDO PELA EDUCAÇÃO

Elisberto Lima de Araújo

Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### Introdução

Este texto relata minhas experiências educacionais vivenciadas durante toda a minha vida e também no período do curso de Pedagogia. Escrevi sobre quando comecei a estudar, minha história na educação desde quando ela entrou na minha vida, escrevi sobre como foi a minha vida durante a graduação e meus desafios.

#### Meu caminho até a escola

Nasci na comunidade Jainú no dia 31\12\1983, sou pai de 3 filhos, Erick, Erika, Elisandra. Sou filho de João Valdeir lima de Araújo e Francisca Iraci vital de lima, somos 10 irmãos: Elizeu Lima de Araújo, Elias Lima de Araújo, Elizomberto Lima de Araújo, Elísio Lima de Araújo, Elielson Lima e Araújo, Eliete Lima de Araújo, Elizabete Lima de Araújo, Eliete Lima de Araújo, Elizete Lima de Araújo.

Minhas primeiras lembranças de quando eu era criança são do meu pai levando a gente para o trabalho, nós morávamos na zona rural do município de Itamarati, na comunidade Barro Vermelho, na época meu pai cortava seringa e levava a gente com ele para prendermos a cortar, a gente ia com ele para o roçado, para o rio pescar, para a mata caçar, todas as atividades que ele fosse fazer, nós íamos junto. Eu e meus irmãos mais velhos aprendemos tudo quanto nosso pai nos ensinou, moramos em vários lugares, nós viajavamos muito de um lugar para outro.

Moramos em outras comunidades como, Barro Vermelho, Gavião, Bolívia, Degreda, Porão e fomos morar em igarapés: Santa Rosa, Água Fria, Cura Bio, e Furo Preto. Em 1992, viemos morar em Itamarati, como não tínhamos casa, fomos morar em um alojamento, passamos muitas dificuldades, na época tivemos que sair do alojamento, pois iam desmanchar e fomos morar numa casa de farinha, então meu pai conseguiu um terreno e construímos nossa casa tão sonhada.

Minha primeira educação fora da sala de aula foi com meu pai e minha mãe, durante toda minha vida que passei com eles foram anos de aprendizagem, foi então que a minha vida educacional foi mudando a cada dia que se passava. Meu pai quase não tinha tempo para me ensinar porque ele trabalhava muito e não tinha

muito tempo para ficar em casa comigo, minha mãe ensinou como a gente poderia respeitar as pessoas, como a gente tinha que se comportar.

Meu pai me levava para ir com ele quando ia pescar, ele levava a gente para aprender a pescar e trabalhar junto com ele, trabalhar com a agricultura, como plantar roça ele nos ensinou a matemática quando nós íamos plantar uma roça, ele falava: vai contando quantos pau de maniva vai pegar, eu não sabia, mais estava aprendendo a matemática com meu pai e minha mãe, eles nunca tinham estudado, mas sabiam por metros quadrados quantos pedaço de maniva ia pegar em uma área de cem metros quadrado, eles falavam assim: cada carreira vai pegar dez cova de roça. Ele sabia que cem carreiras dariam mil covas e quando ele estava conversando com as pessoas ele dizia: meu roçado pegou tantas covas de roças. E falava a quantidade, eu não sabia como eles faziam aquela soma, eu observava e contava nos dedos para chegar naquele resultado.

Sendo assim, aprendi com meus pais desta forma no trabalho, sem saber que estava usando várias teorias e que um dia saberia da importância de trabalhar com meus pais, foram eles que me deram a primeira educação informal, hoje sou grato por tudo que eles me ensinaram, foi uma das aprendizagens que jamais vou esquecer, eles associavam a prática com o conhecimento empírico.

Comecei a estudar em 1995, com 12 anos de idade começou a minha jornada escolar na Escola Estadual Santos Dumont. Estudei da 1<sup>o</sup> a 4<sup>o</sup> série na referida escola, quando comecei a estudar tive grandes dificuldades para a prender, primeiro por que eu era muito tímido e isso influenciava no meu aprendizado, pois ficava no meu canto sem perguntar nada e ia para casa cheio de dúvidas, segundo que a escola não oferecia uma boa estrutura. Os banheiros eram de péssima qualidade, nas salas não tinham ar-condicionado, nem ventilador, não tinha uma biblioteca, merenda nem todo dia tinha, ia muitas vezes para a escola sem tomar café porque não tínhamos condições de comprar.

Eu trabalhava muito, quando chegava da escola eu ia trabalhar, não tinha tempo para revisar o meu caderno, as vezes não tinha tempo nem de fazer as minhas tarefas, minha cabeça era centrada no trabalho e não nos estudos, todos esses aspectos influenciaram no meu aprendizado, lembro que quando não levava a tarefa feita a professora me dava carão, mas nunca procurou saber porque eu não tinha feito, muitas vezes furei a página do meu caderno tentando fazer minhas tarefas.

Na hora do recreio era a melhor hora, eu e meu amigo Mário Jorge corríamos lá pra fora para brincar, quando voltávamos estávamos suados. Me lembro da professora, que de certa forma marcou no meu ensino fundamental, a professora Clene, na 1<sup>o</sup> série, quando eu não conseguia fazer minhas tarefas ela vinha e pegava na minha mão e ensinava a fazer, com uma paciência que só ela tinha.

Na 2<sup>o</sup> série a professora Clene tinha uma didática para nos ensinar que ficava ficávamos fascinados por suas aulas. Na 3<sup>o</sup> série fui estudar com um professor que era muito carrasco, ele botava muito medo na gente, se estivéssemos conversando com um colega, ele jogava giz ou o apagador na gente.

Na 4ª série o professor me marcou com a sua forma de trabalhar com matemática, ele passava as contas e explicava só uma vez e não explicava mais, nós tínhamos que fazer tudo certo, se não fizesse certo pegava bolo, quando era sexta-feira era dia de tabuada, o professor fazia a dupla e fazia as perguntas se um errasse o outro dava bolo com uma palmatoria, odiava a aula daquele professor.

A escola que eu estudava era a Santos Dumont. Tinha 10 salas de aulas, uma diretoria, 4 banheiros, um pátio no meio feito no barro, no pátio tinha uns bancos feito de alvenaria. A escola era murada e dentro do muro tinha um espaço que a gente brincava, eu e meus colegas Mário Jorge, Marcelo, Francisco, Jozimar, Elcirley e Apunuene, brincávamos de bola, peteca e pião na hora do recreio.

Geralmente eu vinha para a escola com os meus colegas, pois minha família não ia me deixar na escola, meus pais trabalhavam muito e por isso eles não tinham tempo para ajudar a fazer as minhas tarefas, minha mãe só ia comigo quando era reunião, ou para pegar o meu boletim de notas.

Minha alimentação na escola era só a merenda, em casa muitos dias não almoçava, quando não tinha comida minha mãe cozinhava banana para gente comer. Meu material escolar era um caderno pequeno, um lápis, uma borracha que eu levava dentro de um saco de bolacha, por que não tinha bolsa para pôr. Minhas roupas de trabalho eram as mesmas que eu ia para a escola, lembro que quando sentava na cadeira eu ficava de pernas cruzadas, por que minha bermuda estava rasgada no fundo, não tinha roupas para ir para escola, mas mesmo assim meus pais sempre me incentivaram a estudar.

No ano de 2000, passei a estudar na escola estadual Fransidene Soares Barroso, da 5ª série ao 3º ano do ensino médio, a partir da 5ª série passei a estudar de noite, com 5 professores, o grau de dificuldade foi bem maior, não conhecia meus professores, nem meus colegas, a diretora Cleice Maria, estabelecia regras na escola com do tipo hora, a entrada era 6h30, no máximo era permitido um atraso de 5 minutos, depois de 6h35 o portão fechava. Não podia correr no corredor, na hora da merenda tinha que formar filas para pega a merenda, depois da merenda, não podia deixar o copo na sala, nem no corredor, se riscasse a parede ia ter que apagar, essas eram algumas regras da escola, lembro que na hora da merenda nós corríamos para o ventilador para esfriar a merenda mais rápido. Nesta escola tive que aprender a me comportar e cumprir regras, também tive que lidar com os meus medos e a timidez.

A escola era de dois andares, tínhamos 12 salas, uma biblioteca, uma secretaria, 8 banheiros, 2 bebedores, na sala tínhamos ventilador, eu tive professores que marcaram a minha vida, como o professor Francisco Cosmo que sempre foi minha referência por suas aulas maravilhosas e a maneira de nos tratar, isso marcou a 5ª série.

Na 7ª série já estava bem mais tranquilo, mas eu tinha que trabalhar e estudar, passava o dia trabalhando e de noite vinha para a escola, eu trabalhava dando diária, pois não tinha emprego e isso me atrapalhava nos meus estudos. Ainda na 7ª série, em 2002, parei de estudar, o motivo era um professor que nós não nos dávamos muito bem e ele contribuiu diretamente com a minha saída da escola, nós fizemos uma

prova de matemática, acertei todas as questões e ele me deu zero. Comparei a minha prova com as dos colegas que tinham tirado dez e estavam do mesmo jeito da minha. Fui na diretora depois de ter discutido com ele, levei a prova para ela ver, ela mandou chamar 2 professores de matemática e eles olharam a minha prova e não viram nada errado, mas ele não voltou atrás, sem a nota eu ia ficar reprovado, por isso desisti.

Levando comigo um sonho de criança, que era de ser professor, viajei para Carauari, mas sempre sonhava em voltar para a escola, para retomar meus estudos, trabalhei durante 4 anos sem estudar, em 2006 voltei para Itamarati, e voltei para a mesma escola, agora com mais determinação para poder realiza o meu sonho. Concluí a sétima e na oitava me casei, já no final do ano letivo.

No primeiro ano do ensino médio eu já não passava tantas dificuldades financeira, a escola dava os materiais didáticos e as fardas não era mais necessário a gente comprar, por outro lado, tinha que trabalhar para sustentar a minha família. Eu trabalhava muito longe da cidade, numa firma, tinha que sair de casa 3 horas da manhã e só retornava 6 horas da tarde, muitos dias não dava tempo para jantar antes de ir para a escola. No segundo ano comecei a trabalhar pela prefeitura como diarista, no 3º ano eu continuava trabalhando pela prefeitura, quando terminei o ensino médio, em 2011, a prefeitura estava contratando professores para as zonas rurais, claro que corri atrás do meu sonho, fui falar com secretária de educação, Dona Aurea Medeiros Campêlo, ela me contratou, e passei a trabalhar como professor, realizando o meu sonho.

### **Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR**

Antes do PARRFOR, trabalhei em diversas profissões, trabalhei dano diárias, carregando madeira, mercadoria, roçando (especificamente desmatamento em mata vigem) nos campos, cavando buraco para fossas, para ponte, trabalhei como vigia de açude, como caseiro em fazendas, carregando areia, de garçom de bar, trabalhei de gari, de carpinteiro de pedreiro.

Eu trabalhava e estudava, no ano de 2011 conclui o ensino médio, em 2012 o prefeito estava contratando professores, procurei o mesmo e fui contratado. Minha primeira experiência na educação foi na escola municipal professor Magide Teixeira de Paula, eu fiquei estagiando por 4 meses na 4ª e 5ª séries, na 4ª série para ganhar experiência, eu trabalhava de manhã junto com a professora Glésia, a tarde eu trabalhava na 5ª série, junto da professora Osmarina.

Antes do PARFOR, trabalhava como professor leigo, fiz algumas formações para obter, mas conhecimentos, em 2012, fiz formação continuada para professores promovido pela secretaria de educação, fiz mais três formações continuadas para professores, todas promovidas pela secretaria de educação, essas formações me ajudaram muito, pois eu só tinha o ensino médio, com estas formações pude adquirir mais um



pouco de conhecimento para trabalhar com crianças, fiz também o PNAIC, foi um curso com 3 anos de duração.

Ainda em 2012 abriram uma escola na comunidade Valparaíso, chamada Escola Valparaíso, e me mandaram para lá, quando eu cheguei, já foi difícil a chegada, primeiro eu não sabia nem aonde era a comunidade e para eu ir me deram uma botija de gás, ao chegar lá fiquei pensando o que eu ia fazer, foi muito difícil no começo, pois eu não tinha nada além de uma cartolina e o meu caderno de planejamento, não tinha escola, quadro, cadeira, merenda, giz, nem casa para eu morar tinha.

Para poder dar aula, arranjei uma sala de uma casa, colocamos umas tábuas pregadas nos entarugamentos da sala para os alunos sentarem, no começo fiquei um pouco perdido nos conteúdos, mas, consegui desenvolver, a minha turma era de treze alunos, do 1ª ao 5ª ano, passados dois meses, o coordenador Izandro trouxe o material que faltava. Passei um ano nesta comunidade.

No ano de 2013, fui lotado na comunidade Coringa, na escola Coringa, essa comunidade ficava um pouco distante da cidade, eu viajava 16 horas de rabetinha para poder chegar lá, na escola só tinha uma sala de aula para eu e o meu colega de trabalho, não tinha banheiros, cozinha, ventilador, nem energia, na hora da merenda as mães faziam a merenda em casa e traziam para a escola por não termos cozinha, a escola estava muito velha e nós morávamos no quartinho da escola, eu trabalhava junto com o meu colega, com alunos do pré ao quinto ano, minha turma era de 22 alunos, eu trabalhava de manhã e ele de tarde, com a turma do 6º ao 9º ano. Nós nos dávamos muito bem, um pedia ajuda ao outro e nos momentos de dúvidas a gente se ajudava. A escola já estava bem velha, por isso, quando chovia molhava em vários locais da escola, inclusive no quartinho que agente morava, trabalhei um ano nesta comunidade.

Nos anos de 2014 e 2015, trabalhei na comunidade Bolívia na escola Julia da Silva, lá eu trabalhava com uma turma de 24 alunos, sendo do pré ao 9º ano, a escola tinha uma sala de aula, quatro cadeiras, merenda, mas não tinha banheiros, cozinha, bebedouro, ventilador e nem energia, eu morava no quartinho da escola, pois não tinha casa para o professor, lá a escola estava toda torta, muitas tábuas já estavam quebradas no assoalho de tão velhas, quando vinha chuva, molhava em todo canto da sala de aula, no meu quartinho só tinha um cantinho que não molhava, se os alunos estivessem dentro da sala, se desse uma chuva ou um tempo ruim, eu liberava eles, com medo da escola cair.

Quando fui para comunidade estava muito alagado e a água estava topando no assoalho da escola, tinha que colocar a beira do mosquitoireiro dentro da rede para não molhar, quando estava chovendo, fosse dia ou noite, tinha que desatar o mosquitoireiro e ficar num cantinho que não molhava, e em pé, pois não dava para ficar sentado, no ano seguinte o prefeito mandou fazer uma escola nova e as coisas melhoraram, me dava muito bem com as pessoas da comunidade e com o meu coordenador.

Esta comunidade era um pouco mais perto da cidade, gastava em média 8 horas de rabetinha, em 2016, já no PAFOR, permaneci na mesma comunidade até o ano de 2017, eu trabalhei por 4 anos, na mesma

comunidade. Com o PARFOR, meu trabalho docente passou por uma transformação muito significativa, hoje estou aprendendo e colocando em prática o que já aprendi para melhoria das minhas aulas.

### **Estudando, trabalhando e lutando: a trajetória da minha formação**

Avaliando minha vida agora já vi muitas mudanças, porque antes do PARFOR eu não sabia como me expressar, meu comportamento não era como de um professor, eu achava que sabia como lidar com as crianças. Comecei a estudar na faculdade e descobri que não sabia, antes eu era muito arrogante e egoísta, vivia muito no mundo etno-centrista, só era bom o que era meu e as ideias dos outros não tinha nenhum valor e nem importância para mim, pouco me importava com os outros, agora já sei que todo mundo tem ideias diferentes e que cada um tem suas especificidades, agora procuro ajudar meu próximo.

Aprendi a respeitar e aceitar as opiniões de outras pessoas, hoje sei como me comportar diante da sociedade, por isso passei a ser respeitado pelas pessoas e acolher as pessoas que precisam de mim, antes, quando ia para sala de aula, pegava os livros didáticos e aplicava minha aula só pelos livros, hoje já faço diferente, quando vou dar aula primeiro procuro saber o que meus alunos já sabem, porque aprendi que toda criança quando vem para escola traz alguma coisa de casa, sabendo disso pego o que as crianças já sabem e vou trabalhar com o que ela já tem de conhecimentos para facilitar seu desenvolvimento e sua aprendizagem.

Hoje aprendi com a realidade dos meus alunos, o que antes não faziam por falta de conhecimento, usava apenas o livro didático, por falta de conhecimentos mais aprofundado, antes eu tinha uma grande dificuldade de trabalhar, não sei como era que eu dava aula, hoje não tenho mais tantas dificuldades de trabalhar ministrando as minhas aulas, a minha postura dentro da sala de aula é totalmente diferente, antes não queria saber se os alunos estavam aprendendo ou não. Não procurava saber o motivo que os alunos não vinham para escola, hoje já procuro saber quando eles não vêm, vou até a casa deles para saber o motivo por que eles não vieram para a escola, enfim, durante esse período a minha vida se transformou da água para o vinho.

Se eu tivesse o poder de mudar alguma coisa no PARFOR queria que as disciplinas tivessem mais duração, porque é muito pouco tempo e as vezes quase não dá para a gente aprender o suficiente e a gente acaba perdendo muito conhecimento, também, se possível que mandassem merenda para os acadêmicos, porque as vezes a gente fica desempregado e não tem como trabalhar e fica em uma situação precária, muitas vezes eu ia para a escola com fome e isso dificultava meu aprendizado. Queria que as apostilas pudessem vir imprimidas, porque aqui é muito caro e não tenho como mandar imprimir, também que mandassem mais materiais didáticos, como livros e outros materiais. Porque aqui a internet é muito ruim e não tem como pesquisar para baixar os materiais para facilitar nosso aprendizado, sem as apostilas não posso acompanhar os conteúdos, seria importante que tivesse uma estrutura própria só para o PARFOR, para que pudéssemos

estudar sem ter que fica pulando de um lugar para o outro, muitas vezes no meio da aula a gente tinha que sair porque o ambiente que estávamos ocupando ia ser usado por outras pessoas.

Durante a formação trabalhei na comunidade Bolívia, nos anos de 2016 e 2017 permaneci na mesma comunidade. No ano de 2018 fui trabalhar na comunidade do Monte Calebre, escola Monte Calebre, lá a escola tinha uma sala de aula, 2 banheiros, um armário, quatro mesas, merenda, pia, mas não tinha cozinha e nem casa para professor, eu e meu colega Frank morávamos no quartinho da escola que também só era um quarto, a escola não estava em boas condições, quando chovia molhava muito na sala de aula, meu colega dormia na sala de aula, pois o quarto não cabia dois mosquiteiros.

No ano de 2019 fui lotado na comunidade Veneza, na escola Manoel Borges de Medeiros, trabalhava no turno vespertino com uma turma de 16 alunos, sendo do 1ª ao 9ª ano, a escola estava para cair não tinha cozinha, banheiro, armário, o quartinho da escola não dava para morar, pois as tábuas estavam quase todas quebradas e molhava tudo quando chovia, eu fiquei morando junto com o chefe da comunidade.

No início não tinha merenda e nem materiais didáticos, só depois que o coordenador rural foi deixar. No final do ano letivo eu derrubei a escola por que ela estava correndo o risco de cair em cima da casa de um dos moradores, o secretário de educação autorizou que eu derrubasse. Saí desta comunidade por falta de alunos para lecionar.

No ano de 2020 não trabalhei como professor, mas permaneci na comunidade. Em 2021 fui lotado na comunidade gaviãozinho, estou trabalhando com uma turma de 22 alunos, sendo do 6º ao 9º ano, os alunos da comunidade Veneza, que se deslocam para a escola Gaviãozinho para estudar, o meu colega de trabalho trabalha com a outra turma de pré ao 5º ano.

Em 2020 foi um ano muito difícil para todos, pois aconteceu a pandemia, na qual atingiu o mundo todo. Aqui no município de Itamarati, houve as paralisações das atividades no mês de março do referido ano. Assim, deixando muitas pessoas desempregados, na qual eu fui um deles, e nesse período, passei na comunidade plantando, pescando e ajudando a meu sogro no plantio de roça. No mês de setembro do mesmo ano, aconteceu um processo seletivo, para contratação de funcionários apenas por 4 meses, fui aprovado. Fiz para a comunidade Gaviãozinho. Porém, não cheguei a atuar na sala de aula pelo motivo de não haver aulas devido a essa pandemia, e permaneci na comunidade Veneza trabalhando junto com meu sogro.

Em junho de 2021 aconteceu o processo seletivo e fui aprovado, porém me inscrevi para professor titular na zona rural do município. Me escrevi novamente na comunidade Gaviãozinho, por motivo que na Veneza não tinha alunos suficiente para dar uma turma, todos os aprovados foram chamados.

## **A pandemia de Covid-19**

Durante os últimos meses passei por momentos difícil em relação a vida financeira, como não estava tendo aula, não fui contratado, pois só somos contratados no período de aulas. Nesse período fiquei desempregado, para não passar necessidades junto com minha família, fiquei na cidade para trabalhar como pedreiro, quando terminou a construção, trabalhei na construção de uma casa de madeira. Logo em seguida voltei para o interior onde resido e fui trabalhar com a agricultura no plantio de roça, melancia, melão, abóbora, milho, batata, banana. Pesquei para vender para os peixeiros que vinham comprar na comunidade, fiz de tudo um pouco para sustentar a minha casa.

Nesse período de pandemia nós tivemos que nos adaptar a um novo modelo de educação, nós estávamos acostumados as aulas presenciais. E no período da pandemia, não foi possível termos aulas presenciais, o que dificultou um pouco, pois não tínhamos como discutir os textos como fazíamos antes, nos grupos que formávamos com as aulas presenciais. Porém, mesmo com tantas dificuldades, não deixamos de nos ajudar, usávamos a internet por meio do WhatsApp para tirarmos as dúvidas uns com os outros.

Quando era para realização das atividades, os que tinham computador emprestavam ou digitavam o trabalho de quem não tinha, algumas vezes uns iam na casa dos outros para tirarem as dúvidas, geralmente não nos víamos muito, mas procurávamos nos ajudar mesmo pelo WhatsApp.

Durante esse período pandemia me senti muito triste, principalmente no período que não tivemos aula, pois não sabíamos quando iriam voltar as aulas, o que veio trazer um atraso para nossa formação. Por um momento pensei que não ia conseguir fazer as atividades sozinho, pois estávamos acostumados a fazer os trabalhos em grupos ou duplas, quando passamos a fazer individualmente bateu uma certa insegurança, pois as aulas eram EAD, ou seja, a distância.

A coordenadora local fez o que estava ao seu alcance para nos atender da melhor forma possível com relação as dúvidas, porém, não era o suficiente e tirávamos as dúvidas com colegas e professores pelo WhatsApp, a coordenação geral disponibilizou os materiais para que pudéssemos tirar as nossas dúvidas, o que veio a facilitar no decorrer do curso.

A leitura em casa era necessária, até para poder ficar atualizado com o contexto escolar, sendo que na área em que trabalhamos a leitura é nosso mundo, com ou sem pandemia temos que estar lendo todos os dias. O encontro com os colegas era muito bom, era uma alegria poder conversar com o outro sem ser por telefone. O telefone usávamos para tirar dúvidas e conversa com os outros, era bom pois matávamos um pouco das saudades dos colegas.

## **Considerações Finais**

Este curso de Pedagogia foi de suma importância para minha formação profissional. Pois foi através dele que comecei a ter a noção de que a educação é fundamental para o desenvolvimento do ser humano.

No decorrer da formação houveram momentos difíceis, porém, foram muito importantes, cada momento difícil me trouxe conhecimentos para o meu aprendizado. Através do curso de Pedagogia, passei a desenvolver habilidades para trabalhar com mais clareza com os discentes em sala de aula. Passei a organizar minhas aulas de acordo com a realidade dos alunos, a entender melhor o tempo pedagógico, o método de ensino e aprendizagem que me faz caminhar para um ensino de qualidade.

A formação me ensinou e ajudou a ser um profissional capacitado para exercer minha profissão com qualidade e sempre buscar métodos de ensino para facilitar na aprendizagem dos discentes, o curso me trouxe benefícios e me possibilitou cada dia mais buscar novos aprendizados, hoje me sinto mais confiante e preparado para desenvolver o meu trabalho.

O período da faculdade que achava mais sofrido era no início do ano, pelo motivo de ficarmos desempregados e não termos tempo para ajudar no sustento de casa. Porém, outras dificuldades eram adquirir os materiais de estudo por não ter dinheiro para imprimir, só sei que tudo que o curso me trouxe foi conhecimento, aprendizagens e profissionalismo.



## CAPÍTULO 12

### EDUCAÇÃO, LUTAS E CONQUISTAS: A HISTÓRIA DA MINHA VIDA

Erenilda Xavier da Silva

Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### Introdução

Este texto descreve a minha trajetória de vida no contexto escolar, profissional e acadêmica, no que se refere à educação. Ele mostra alguns dos meus passos e também dificuldades que enfrentei na vida para chegar até aqui, mas, também fala sobre os aprendizados, conhecimentos e experiências adquiridas nesse percurso de formação. Aqui estão estabelecidas relações entre as fases marcantes da minha vida, meus primeiros anos escolares, minha vida profissional antes da formação e durante a formação, bem como, as minhas perspectivas para o futuro depois da formação.

Não foi fácil concluir a Licenciatura em Pedagogia, pois sempre que chegava o final do ano, ficava desempregada, pois trabalhava por contrato com a prefeitura municipal. Também quando estava em comunidade rurais lecionando, precisava me deslocar para a cidade para vim estudar, para chegar até onde eu cheguei, enfrentei muitas dificuldades e barreiras.

#### Meu caminho até a escola

Nasci na cidade de Eirunepé-AM, no ano de 1993, no dia 18 de novembro. Sou de uma família humilde, filha de agricultor, o meu pai se chama Alexandre Gomes da Silva, a minha mãe é doméstica, ela se chama Maria Inês Xavier de Souza, eu tenho 4 irmãos, eles se chamam Antônio Xavier da Silva, Alessandro Xavier da Silva, Osenilda Xavier da Silva e Francinilda Xavier da Silva.

Eu vim da cidade de Eirunepé com 1 ano de idade, a vinda para a cidade de Itamarati-AM foi assim no rumo, sem ter casa para morar, sem meu pai ter um trabalho fixo, em busca de melhorias financeiras. Com o passar do tempo, o meu pai procurou o prefeito de Itamarati, Raimundo Pereira Lisbôa, na tentativa de conseguir um trabalho provisório para sustentar a família. No início moramos em uma casa cedida por um amigo do meu pai, e com o passar do tempo meu pai conseguiu construir uma casa própria.

Eu comecei a estudar com 5 anos de idade na escola Padre Guilherme Burmanje, eu estudava na pré-escola II, com a professora Socorro, uma professora muito legal, eu gostava muito dela porque quando eu

começava a chorar ela me pegava nos braços, ela não gritava comigo, nós brincávamos dentro da sala de aula e eu gostava muito de brincar, então tenho boas lembranças dela.

Não me lembro bem quem foi o meu professor da 1ª série. Lembro da minha professora da 2ª série, eu não gostava dela porque ela era muito chata, valente, quando ela se ausentava, a outra professora ficava substituindo ela, eu também não gostava dela, pois ela também era um pouco chata.

O meu professor da 3ª série era o Jorge Van, ele era um excelente professor, eu gostava dele porque ele não era chato e nem gritava comigo. Ele brincava com os alunos na sala de aula, brincava de roda e era muito bom. Eu lembro do meu professor da 4ª série, não gostava dele porque ele era muito chato e gritava muito com os alunos na sala de aula, então quando era o dia dele fazer a tabuada, ele gritava quando o aluno errava a tabuada, então eu não gostava nem um pouco dele não. Quando eu estudava na escola Padre Guilherme Burmanje, era bem limpa e tinha banheiros, merenda e tinham pessoas que zelavam pela escola. E na escola Estadual Santos Dumont eu fiz a 4ª série e lá também era bem limpo, tinha banheiro, vigia, merenda, na escola era tudo bem cuidado.

O meu pai é agricultor, ele tinha pouco tempo para me ajudar com os meus estudos, quando ele não ia para a agricultura, ele ia pescar, então era a minha irmã mais velha que cuidava de mim e me ajudava nos meus estudos, mas ela também tinha que ajudar o meu pai na pesca e na agricultura, ela era a nossa mãe e a dona de casa, ela quase não tinha tempo para estudar.

A minha bolsa era uma sacola descartável, quando tinha sacola, e quando não tinha sacola era um saco seco de bolacha gostosa. Eu e meus irmãos ainda arengávamos pelo saco seco bolacha gostosa para levar pra escola. O meu caderno eram as folhas de papel ofício costuradas ou coladas, porque meu pai não tinha dinheiro para comprar um caderno para mim não, meu lápis tinha que durar quase um mês todo, junto com a borracha, porque ele dizia: “minha filha, você poupe seu lápis e sua borracha, porque quando esses acabarem eu não tenho dinheiro para comprar outros não”.

A minha roupa de ir para a escola era uma só, eu tomava banho e vestia a roupa para ir à escola e quando eu chegava em casa, a minha irmã falava logo: “tira a roupa e guarde ela para você vestir amanhã de novo”, então era assim todos os dias, eu vestia antes de ir para a escola e quando chegava em casa eu tirava e guardava e eu vestia as minhas roupas velhas, rasgadas e todas remendadas que eu tinha em casa. Então a minha rotina com a minha roupa de ir para a escola era essa.

A partir da 5ª série eu passei a estudar na escola Francidene Soares Barroso, até o término do 3º ano do Ensino Médio. Na 5ª série lembro-me de alguns professores e algumas disciplinas. Na Matemática lembro-me que era o professor Antônio Maia. Na disciplina de Ensino Religioso era o professor Délcio Carioca, um excelente professor que eu muito gostava, pois era um profissional dedicado e competente. Em História era a professora Amaridis Gaspar, ela era uma ótima professora. Além desses tive outros professores que não lembro, professores bons e ruins.



Na 6ª série o professor de Matemática permaneceu o mesmo, em Língua Portuguesa a professora era Máuria Aguiar, uma excelente professora, gostava de estudar com ela porque aprendi muito com ela.

Na 7ª série a professora de Língua Portuguesa continuou sendo a professora Máuria Aguiar, o professor Emiliano passou a lecionar Matemática, disciplina a qual eu já não gostava. O professor Délcio continuou lecionando Ensino Religioso, a professora Ione Alves lecionava Geografia, outra excelente professora, eu gostava muito de estudar com ela, ela ensinava e eu aprendia. Na 8ª série não lembro de todos os professores, a professora Máuria Aguiar continuou como minha professora de Língua Portuguesa, o professor Dionísio foi lecionar a disciplina de História.

Já no primeiro ano do Ensino Médio a professora Máuria continuou lecionando Português, a professora Ione Alves passou a ensinar Biologia, em História continuou o professor Dionísio, e o professor Emiliano continuou com Matemática. Na disciplina de Língua Inglesa o professor era o Urbaldo Marques, e na disciplina de Educação Física era o professor Benedito Carlos, eu gostava de estudar com ele porque ele sempre levava os alunos para jogar futebol e eu sempre gostei de jogar futebol. Na disciplina de Química era o professor José Aldair, eu também gostava de estudar com ele porque ele era um excelente professor.

No 2º ano continuei estudando com a professora Máuria em Língua Portuguesa, com o professor Emiliano em Matemática, com o Urbaldo em Inglês, já em História o professor passou a ser o professor Cosmo, eu gostava dele, e em Biologia era a professora Rosilene, e em Química passou a ser o professor Raimundo Viana, outro excelente professor, eu gostava muito de estudar com ele, era um excelente profissional que Deus levou para o mundo das maravilhas.

Ainda no 2º ano eu tive que enfrentar montanhas e barrancos, com 15 anos de idade eu engravidei e quando descobri que estava grávida, além de estudar, tive que trabalhar para comprar as coisas para o meu filho, pois caso contrário, eu não teria como sustentá-lo, e se eu não estudasse não teria como ter um futuro financeiro melhor. Muitos diziam que eu iria desistir dos estudos, mas eu sempre pedia para que Deus me desse muita saúde e coragem, tanto para eu trabalhar, como para estudar. Então Deus me deu coragem e saúde, tanto nos estudos, quanto no trabalho, portanto nesse período eu trabalhava e estudava.

No 3º ano os meus professores eram os mesmos do ano anterior, lecionando as mesmas disciplinas. Porém, o que mudou é que eu já era mãe e trabalhava das 7 horas da manhã até às 11 horas, e estudava no turno da tarde. Muitas vezes eu ia para a escola sem comer, não porque faltava comida, mas porque meu tempo não dava, já que quando voltava do trabalho só tinha o tempo de fazer a comida do meu filho para ele comer, tomar banho e vesti-lo para poder leva-lo para a escola junto comigo, já que era preciso, pois o pai dele não me ajudava a cuidar dele. Muitas vezes eu só conseguia comer alguma coisa na hora da merenda da escola, quando as minhas colegas, Josiane e Marilane seguravam meu filho para eu poder comer. Depois de algum tempo ele foi batizado, a madrinha Suzete e sua filha Rosane ficavam com ele para eu estudar, quando elas podiam, e quando elas não podiam era a minha irmã mais velha que cuidava dele, lógico que só quando

ela podia, caso contrário eu o levava comigo. Então com muito sofrimento e sacrifício, com fome ou sem fome, eu venci, mesmo sem o apoio da minha família, graças a Deus.

O meu material escolar do Ensino Médio era eu mesma que comprava, pois já tinha o meu próprio dinheiro para comprar. A alimentação em casa era boa, mas eu tinha pouco tempo para me alimentar e na escola a merenda também era boa.

Nos conflitos eu era bem valente e gostava de arengar com as minhas colegas da sala de aula, mas eu gostava de todas elas, além disso, eu implicava bastante com os meninos. Tenho boas lembranças de todos eles, nossa turma era bem divertida e bagunceira, hoje tenho saudades de tudo o que vivemos juntos em sala de aula. Venci muitos obstáculos que nunca pensei que conseguiria vencer, mas Deus está acima de tudo e de todos.

Ainda no 3º ano, eu fiz a inscrição para a prova do ENEM, mas tive que viajar para a cidade de Eirunepé para fazer a prova, eu e alguns colegas da minha turma e de outras turmas que estavam concluindo o Ensino Médio. Nós fizemos a viagem de barco e durante todo o trajeto eu me diverti muito, assim como em Eirunepé, principalmente porque eu estava retornando a minha cidade natal, a qual fazia muito tempo que tinha saído. Mas infelizmente eu não consegui passar na prova, era um sonho cursar uma faculdade.

Durante todo o percurso do Ensino Médio, enfrentei diversas dificuldades e consegui terminar com 18 anos completos. O meu filho Jhuan Carlos tinha 1 ano de idade, com muito sofrimento e muitas batalhas, eu consegui vencer, mesmo tendo que levar o meu filho para a escola, eu concluí no ano 2011.

### **Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR**

O processo que me levou a trabalhar com a educação foi a necessidade financeira e a falta de oportunidade de outros trabalhos, porque eu já era mãe de uma criança e o pai dele não me ajudava em seu sustento, por isso, tive que entrar no ramo da educação. Essa era uma profissão a qual eu não queria, porque eu tive professores bons e ruins e eu não queria ser igual aos meus professores. Então eu não tive opção de escolher a minha profissão, entrei no ramo da educação para sustentar o meu filho, e também não tinha o apoio da minha família, era só eu mesma para dar o sustento do meu filho.

Diante de grandes desafios a serem enfrentados, tive a incerteza de que está graduação era a escolha certa, pois não foi fácil durante essa jornada, eu tinha um filho pequeno e ao construir minha família, tinha que trabalhar para o seu sustento, mesmo tendo que sair da casa do meu pai com um filho para ir lecionar na comunidade rural, sendo que o meu esposo tinha que ficar trabalhando na cidade.

No ano de 2013 estava acontecendo o processo seletivo para professores da zona rural, incentivada pela minha irmã, resolvi tentar, ela disse para mim fazer o mesmo seletivo que ela fez, então eu disse a ela que eu não queria fazer porque eu não queria ir pra zona rural só eu e o meu filho, sem pai, ela disse: “faz, porque a tua vida financeira e a do teu filho vai melhorar”, então eu perguntei para ela quais eram os papéis

e documentos que precisava para fazer o seletivo, pois eu iria fazer. Eram 32 vagas para lecionar na zona rural, e com muita sorte, eu fiquei na 32ª colocação dos aprovados para lecionar no ano de 2013 na zona rural.

A minha primeira experiência de trabalho foi na Creche Municipal Santa Luzia no ano de 2011. Lá era um local bem organizado, com muitos desenhos nas paredes e alimentação adequada. Tinha o café da manhã e o lanche antes das crianças voltarem para suas casas, a gestora da creche nessa época era a dona Mariquinha Libânio, lembro-me de alguns professores que trabalhavam comigo, como a Diliane, Socorro e Amarilza Gaspar, então foi nesse momento que fui banhada com as nascentes das águas educacionais.

Eu trabalhava como ajudante de professora, essa era a oportunidade de emprego que eu tinha no momento e isso me deixou muito feliz, não pelo salário, mas pelo amor e a satisfação de trabalhar com as crianças, percebi que elas precisavam de carinho e era notório que as mesmas não tinham esse carinho no âmbito familiar, eu gostava muito de trabalhar cuidando dessas crianças, eu trabalhei na creche municipal no período de 2011 a 2012.

### **Estudando, trabalhando e lutando: o percurso da minha formação**

As minhas primeiras impressões no início do curso foram de dúvidas, eu me perguntava se iria chegar até o final. A primeira disciplina do curso foi Informática Básica, a segunda foi Filosofia da Educação, a terceira foi Produção Textual, a quarta foi Sociologia da Educação I, a quinta foi Psicologia, a sexta foi História da Educação. Foi a partir da disciplina de Produção Textual que passei a gostar mais do curso, me identificando com o mesmo.

No início achava que não conseguiria fazer as provas de maneira satisfatória, pois não acreditava ser capaz, pensava em pedir cola para os meus colegas, mas ao mesmo tempo, sabia que isso iria me prejudicar e pensava que seria bem melhor eu mesma estudar para adquirir meus próprios conhecimentos, porque o percurso acadêmico de quatro anos deve ser bastante enriquecedor para que tenhamos bagagem o suficiente para transmitir aos nossos alunos.

Nos primeiros seminários eu era muito nervosa, pois essa experiência foi muito desafiadora, porque eu tinha receio de cometer erros durante as apresentações e virar motivo de riso dos meus colegas, já que só o fato de ter que encarar várias pessoas me observando não me deixava nem um pouco à vontade, além disso, tinha medo de ser avaliada por professores com alto níveis de graduação. Outro grande desafio era a compreensão dos conteúdos ministrados, porque eu tinha um pouco de dificuldade em prestar atenção nas aulas.

Durante o período das aulas, a minha relação com a minha família é um pouco estressante, mesmo chegando cansada da aula, ainda tenho que cuidar da família e da casa, ficando sobrecarregada e cansada. Mas, mesmo assim, agradeço a Deus por minha família.

Ao longo do percurso foi possível notar transformações na maneira como as pessoas me tratam. Antes do início da faculdade eu passava despercebida como professora, não havia o reconhecimento da minha profissão, até os funcionários da Secretaria da Educação não me tratavam como professora, muitos achavam que ser professora da zona rural sem nenhuma graduação, não importava para a sociedade, agora, após o início do curso de Pedagogia, passei a ser um pouco mais reconhecida, tanto pela minha família, quanto pela sociedade de maneira geral, até mesmo na Secretaria de Educação recebo um tratamento diferente de antes, eles perguntam como estão indo as aulas, além disso, ao me verem com a farda da faculdade me chamam de professora. Por isso considero que a faculdade foi um salto muito grande na minha vida pessoal e social, já que nem eu mesma acreditava que iria chegar aonde cheguei, mas estava errada.

No decorrer do curso, as minhas aulas e os meus trabalhos melhoraram totalmente, porque através do PARFOR eu pude absorver muitos conhecimentos advindos dos meus professores e leva-los para minha sala de aula, pois obtendo conhecimentos é que se torna possível fazer uma grande diferença, com isso, através do PARFOR, aprendi a trabalhar as minhas aulas com maior qualidade e quantidade para obter resultados significativos como profissional.

As disciplinas que foram mais marcantes foram: Produção Textual, com o professor Francisco Máximo, que eu o considero um excelente profissional. Com esta disciplina eu pude abranger conhecimentos e uma ter uma aprendizagem muito significativa. Outra disciplina marcante foi e de Metodologia, com a professora Maria de Fátima Dantas, uma excelente professora. Além dessas, vale lembrar de Sociologia da Educação II, com a professora Suzete Camurça, essa disciplina enriqueceu ainda mais alguns conhecimentos que já vinha construindo na minha trajetória acadêmica.

Psicologia do Desenvolvimento também foi bem enriquecedora, a professora era a Assirlene de Fátima Xavier, outra professora que me abriu um leque de conhecimentos na minha vida acadêmica. Outra bem interessante foi Didática Geral, com a professora Maria Hortência Macedo.

Considero a disciplina Pensamento e Linguagem da Criança como uma das mais diferentes, pois nunca havia estudado nada a respeito, o professor foi o José Frota, um ótimo profissional que lecionou em nosso curso duas vezes.

Gostei muito da disciplina Linguística Aplicada à Educação, pois nela aprendi Fonética, Fonologia, Morfologia, Sintaxe e Semântica dentre vários outros conteúdos, a professora da disciplina foi a Eliana de Almeida Monteiro.

Na disciplina História da Criança e do Jovem no Brasil, pude aprender mais sobre os direitos da criança e do adolescente, todas amparadas pelo ECA, a mesma foi ministrada pelo professor Francisco Reis.

A disciplina História na Educação Infantil e Anos Iniciais no Ensino Fundamental, ministrada pela professora Maria de Fátima Dantas, também me marcou bastante, ela foi a mesma professora que ministrou a disciplina de Metodologia. Eu lembro que nessa disciplina a professora passou dois trabalhos de uma só vez

para fazermos durante a noite e entregar no dia seguinte, nesse momento pensei em desistir, pois pensei que não conseguiria entregar os trabalhos, mas, mesmos com o tempo curto eu consegui entrega-los. Em outro trabalho, dessa vez em grupos, ela me designou como líder do meu grupo fiquei receosa, já que considerava que havia pessoas mais capacitadas para a liderança do grupo, nossa tarefa era entrevistar a gestora Maria de Jesus Martins, na Escola Municipal Francisca Gomes Lobo, achei que seria muito complicado realizar essa tarefa, porém fizemos uma boa entrevista e com isso percebi que era capaz sim de exercer a liderança do meu grupo.

Iniciei a minha vida profissional na comunidade gaviãozinho, como professora contratada e com pouca experiência na área, pois tinha terminado o ensino médio e tinha feito dois treinamentos de formação continuada. Comecei no ano de 2013 na comunidade Gaviãozinho e no ano de 2014 permaneci na mesma comunidade. No ano de 2015 estava de bebê novo, então conversei com o secretário de educação para trabalhar em uma comunidade mais próxima da cidade, então, fui lecionar na comunidade Val Paraíso. No ano de 2016 fui trocada de comunidade, então fui lecionar na comunidade Refúgio e no ano de 2017 permaneci na mesma. No ano de 2018, alguns pais de ex-alunos meus vieram até a cidade conversar com o secretário de educação para eu voltar a trabalhar na comunidade Gaviãozinho, mas, no ano 2019 fui trabalhar na comunidade Walterbori.

No ano de 2020 não houve aulas em razão da pandemia que estava deixando o ser humano em uma esfera parada, no ano de 2021 eu estava de licença maternidade e ao acabar o contrato fiquei fora do cargo de professora da prefeitura de Itamarati, sendo que no momento estava trabalhando como professora de aula de reforço com a Educação Infantil e Fundamental I.

Durante todo esse percurso de graduação a minha realidade profissional se tornou mais ampla e qualificada com conhecimentos de qualidade, pois todos os conhecimentos que adquiri me deram a possibilidade de ter um trabalho docente de qualidade. No entanto, antes dessa graduação não tinha todo esse conhecimento e visão de mundo docente que hoje tenho, vale ressaltar que a graduação me trouxe um leque de conhecimento favorável para a minha vida profissional.

### **A pandemia de Covid-19**

Durante a pandemia, minha vida profissional ficou parada, as escolas estavam fechadas, tanto da sede quanto as escolas da zona rural, sendo que no ano de 2020 através do precioso seletivo, eu ainda estava recebendo e no início do ano de 2021, no momento pandêmico, descobri que estava gestante, no entanto continuei recebendo o meu salário. Com 6 meses de gestação não estava bem de saúde, então fiz teste da covid-19 e o mesmo testou positivo, obtive os cuidados médicos em casa, pois o momento era frágil tanto para mim, quanto para o meu bebê, pois não iria colocar a vida dele em risco. Não foi fácil ficar parada dois

anos sem trabalhar na comunidade escolar, pois todo professor é buscador de conhecimentos e sempre quer buscar inovar o amanhã.

Minha vida acadêmica durante a pandemia quase que ficava paralisada, pois estava querendo finalizar o curso de Pedagogia para dar continuidade na minha pós-graduação e, no mesmo instante estudar os últimos períodos do curso presencial, junto com os demais colegas e com os professores para adquirir mais conhecimentos e ter aquela troca de diálogo, sendo que estudar presencial, no entanto teria sido mais proveitoso nos últimos períodos. De todo modo, com os últimos módulos não presenciais também foi muito a proveitoso, pois foi satisfatório finalizar o curso de Pedagogia, pois, todo o conhecimento é de suma importância e deve ser transmitido, ou seja, cada conhecimento adquirido é um leque para a construção da nossa vida pessoal e profissional.

### **Considerações Finais**

Reconheço que durante todo o meu percurso de graduação, a minha metodologia de trabalho com a comunidade escolar teve mudanças para melhor, pois a minha metodologia é muita produtiva, e satisfatória, obtendo bons resultados. Durante a graduação a minha realidade profissional teve uma ampliação de qualidade em relação a comunidade escolar, pois, a importância do docente na comunidade escolar é de suma importância e temos que fazer o necessário para que a educação com os discentes seja de qualidade, ou seja, a comunidade precisa, necessita de professores qualificados e competentes para transmitir um conhecimento de qualidade para os mesmos.

Além de tudo gosto muito do meu trabalho, do meu profissionalismo e de toda minha dedicação com os meus alunos, pois, é um ramo de competência, qualificação, dedicação, amor, carinho e além de tudo, amo lecionar para os meus pequenos, pois com o curso de Pedagogia e a pós-graduação tem melhorado o meu desempenho. E esses quase 5 anos de curso me trouxeram um leque favorável de conhecimentos, os professores não têm que deixar isolado o conhecimento que tem e que adquiriu no meio acadêmico, pois todo conhecimento adquirido tem que ser repassado no ambiente escolar.

Ressaltando que no início eu não tinha muito esses conhecimentos adquiridos que hoje tenho, além de tudo só tinha o ensino médio e duas formações continuada, no correr desses quase 5 anos de graduação conquistei mais duas formações continuada na área da educação. Fiz o “Curso de Aperfeiçoamento em Educação do Campo”, oferecido pela Universidade Federal do Amazonas, a outra formação continuada foi o “Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa”, também oferecida pela Universidade Federal do Amazonas, ou seja, todos esses conhecimentos foram e são muito satisfatórios e junto com a graduação ao decorrer dos anos, veio a chance da pós-graduação, oferecida pela Uniasselvi-Pós, em 2019.

Todo esse percurso valeu e estar valendo a pena, pois amo o que eu faço gosto de dar carinho, atenção, colaboração, dedicação e paciência para meus discentes, e todas essas formações continuadas me

capacitaram ainda mais, me proporcionaram mais conhecimentos, dedicação, habilidade e produtividade na minha metodologia na comunidade escolar.





## **CAPÍTULO 13**

### **A PERSISTÊNCIA DE UM ACADÊMICO**

Frank da Silva Albuquerque  
Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### **Introdução**

Esse texto é parte do meu memorial de fim de curso e traça a minha trajetória da vida acadêmica, contextualizando experiências que me levaram a ingressar na docência, apresentando toda a construção do conhecimento no decorrer do curso de Pedagogia e as mudanças que ocorreram na vida profissional e pessoal desde o meu ingresso no curso. Aqui enfatizo experiências da minha trajetória acadêmica, reflexões sobre as mudanças no comportamento do dia-a-dia, e na minha visão do processo de ensino aprendizagem inovador. O curso foi a Licenciatura em Pedagogia, sendo ele ofertado pela a Universidade do Estado Amazonas (UEA), no comprometimento de qualificar professores para desenvolver novos métodos de ensino.

Aqui faço um breve relato sobre os aspectos da minha trajetória de vida, a partir de um olhar sensível e reflexivo, aprofundando-me em momentos da infância, adolescente e contextualizando toda uma trajetória da vida pessoal, centrado na primeira pessoa. É relevante rememorar e relatar no momento presente grandes desafios vivenciado na época da infância, adolescente e adentrando em vivencia adulta. É preciso a superação de grandes desafios para relatar momentos históricos da minha vida em um contexto amplo e diversificado.

#### **Meu caminho até a escola**

Nasci no dia 2 de novembro de 1992, no interior do município de Itamarati, na comunidade Santa Luzia, sou filho de Maria Cícera Nascimento da Silva e de Antônio Adalberto Costa de Albuquerque, tenho quatro irmãos que são: Raimundo Antônio da Silva Albuquerque, Antônio da Silva Albuquerque, Wessel da Silva Albuquerque e Wemes da Silva Albuquerque.

Minhas primeiras lembranças educacionais são propriamente dos meus pais, recebida em casa, mesmo muito pequeno lembro de algumas vezes, eles me falando sobre o que era certo fazer e o que eu não deveria fazer. Meus pais sempre foram pobres, suas profissões são a agricultura e a pesca, meu pai é operador de motor serra. Desde muito cedo buscaram nos dar uma boa educação, não falo só de uma educação caseira ou familiar, mas aquela educação que eles não tiveram a oportunidade de alcançar enquanto crianças à

educação escolar. Sendo assim, minha mãe já nos ensinava como tratar as pessoas, para quando chegássemos na escola já ter uma educação bem encaminhada.

Era sonho de uma mãe que queria o melhor para seus filhos, não queria que os filhos percorressem o mesmo caminho que ela percorreu ao longo de sua vida, vivendo só da agricultura e da pesca, sem um conhecimento do mundo da escrita e da leitura.

Na comunidade Santa Luzia onde morávamos, não havia criança suficiente para formar uma turma de alunos, meu irmão mais velho, o Raimundo Antônio, já tinha idade para estudar, minha mãe fez sua matrícula em uma outra comunidade vizinha, como eu não tinha idade para frequentar à escola, só observava a trajetória do meu irmão todos os dias, indo e voltando para as aulas. Nesse percurso de uma comunidade a outra, meu irmão junto com seus colegas, levavam cerca de quatro horas de viagem para irem e voltarem.

Foi através do meu irmão Raimundo Antônio, que eu tive os primeiros contatos com o mundo das letras e dos números. Pois quando ele chegava da escola, eu ia observar o que ele tinha feito ou que estava fazendo, com um lápis e papel na mão. Foram dois anos só observando meu irmão escrevendo e tentando ler algumas coisas, sendo que eu só podia observar, pois minha mãe não deixava eu tocar no caderno dele para não rabiscar de forma inadequada, segundo ela ainda chegaria a minha vez de escrever e ler. Por meus pais sempre trabalharem na agricultura, vivíamos migrando de comunidade, em busca de melhoria para o sustento familiar.

Eu com 7 anos de idade, a idade que permitia a matrícula para estudar em 1999, fui matriculado na 1ª série do ensino fundamental, onde vivi minhas primeiras experiências na vida escolar, com um professor que não tinha nem uma formação específica para atuar como professor, ensinava de uma forma bem tradicional, era rígido com os alunos, vi algumas vezes ele castigar meus colegas, por não os fazerem a tarefa que ele passava para fazer em casa, ou por alguns outros comportamentos que ele julgava impróprio e os castigava.

Foi o primeiro ano de uma longa trajetória na vida escolar, nesse primeiro ano com esse primeiro professor, não consegui aprender nada, apenas copiava o que era passado no caderno, mas mesmo assim passei de série. No ano seguinte em 2000, iniciei com o professor Raimundo Viana, foi com quem já comecei a desenvolver a escrita mais corretamente, só que a leitura não conseguia dominar, foi com esse professor que passei a conhecer as letras de forma mais adequada. Tenho ele como ponto de partida para um mundo novo, porque conhecendo as letras já foi o início para começar um desenvolvimento no ambiente escolar, fui aprovado no final do ano pelo professor.

No ano de 2001, conheci um dos melhores (as) professores (as), a professora Maria Das Dores Monteiro, foram três anos estudando com a mesma professora, eu tenho ela como umas das melhores, não pelo fato de passarmos três anos juntos, mas por ser ela a chamar minha atenção sempre que errava, foi com ela que escolhi a profissão que queria para minha vida, pois via o quanto ela se dedicava para ensinar um novo

conhecimento. Mas nem tudo é perfeito, ao longo desses três anos teve que ser substituída algumas vezes, por enfrentar um grave problema de saúde.

Na minha infância, meus colegas de turma eram na maioria meus primos, de uma turma com 25 alunos, 18 eram meus primos e mais dois irmãos, então posso dizer que era uma sala de aula formada praticamente só da família. A convivência era bem agradável, não existia tanto desacerto, pois o ambiente escolar era bem familiar. Sempre estávamos ajudando uns aos outros, aqueles que sabiam mais ou que tinham mais desenvolvimento, ajudavam os que sabiam menos ou que tinham dificuldade na aprendizagem. Não trabalhávamos apenas no ambiente escolar, mas buscávamos em algum lugar uma forma de escrever, ler, ou exercitar algumas coisas.

As aulas eram na comunidade Tonantins, na escola Corina Alves Soriano, só tinha até a 5ª série, por não ter professor qualificado para prosseguir com o ensino fundamental, os que não tinham condições financeira de migrarem para sede do município ficavam parados sem poder avançar de série.

Nesse meio tempo, passei três anos estudando apenas como ouvinte, sendo que não conseguia passar de série por motivo de não haver professor para continuar. Só depois de três anos em 2007, as aulas recomeçaram a serem aplicadas para os que estavam parados na 5ª série. A professora que reiniciou as aulas foi a professora Maria Ione Alves, dando prosseguimento ao ensino fundamental, chegou para assumir a turma da 5ª série, com o objetivo de concluir o ensino fundamental da comunidade Tonantins, junto com ela foi o seu irmão, o professor Auricélio com o mesmo objetivo concluir o fundamental.

Minha família sempre fez com que eu tivesse uma boa educação, estavam ali presente nos momentos difíceis, buscavam colaborar com os professores. Desde cedo eu já trabalhava com meus pais na agricultura, mas nunca os trabalhos me afastaram da sala de aula.

A escola era localizada cerca de cinquenta metro longe da minha casa, na comunidade que eu morava continha dez casas, uma igreja e à escola Corina Alves Soriano, as casas tinham a distância de cinco metro de uma para outra. Então quando era hora de ir para escola íamos todos juntos, primos, irmãos e alguns outros. Meus pais eram muito dedicados ao meu aprendizado, procuravam não deixar faltar nada nos períodos das aulas, para não atrapalhar na minha vida escolar. Como nós trabalhávamos na agricultura, costumávamos armazenar algumas coisas para o sustento familiar e para que não faltassem o básico no decorrer das aulas. Logo cedo antes de ir trabalhar, eu tinha um café com batata, farinha de tapioca, ou alguns outros produtos que podíamos extrair da agricultura.

Antes de ir para à escola, fazia uma alimentação, ou seja, almoçava, já que as aulas eram dadas no período da tarde, sendo que iniciava uma hora da tarde, com um intervalo as três horas da tarde, nesse intervalo havia merenda, não podia reclamar da merenda, pois a merenda era boa. Então nos períodos de aulas graças a Deus nunca cheguei a passar necessidade, pois hoje vejo que havia uma parceria entre casa e

escola no termo da alimentação, mesmo quando faltava merenda na escola, em casa existia algo que na hora do intervalo eu pudesse merendar.

Enquanto morava na comunidade Tonantins e estudava na escola Corina Alves Soriano, o material escolar que chegava até lá era somente o básico, o mais simples, caderno, lápis borracha e alguns livros didáticos, sendo que esses cadernos dificilmente davam para alcançar o fim do ano letivo, mas, antes de começar o ano letivo, meus pais compravam caderno lápis e borracha, para não haver falta de matérias no decorrer do ano.

Para entrar ou frequentar à escola Corina Alves Soriano, não havia exigência de roupa específica, ou seja, não precisava de uniforme escolar. Minhas roupas eram feitas pela minha própria mãe, ela comprava alguns metros de tecidos para poder fazer minhas roupas e a de meus irmãos, porque ela procurava nos manter de forma limpa e com roupas inteiras na sala de aulas, não reclamava das roupas feitas por minha ela, pois via o quanto ela se dedicava para me dar algo que ela não teve, que foi a oportunidade de viver no ambiente escolar. O que ia fazer eu adquirir conhecimento não seriam as roupas feita pela minha mãe, mas cabia a mim me dedicar ao máximo no que os professores traziam para sala de aulas, nas disciplinas e conteúdo.

Ao chegarmos em Itamarati, fomos matriculados na escola estadual Francidene Soares Barroso, para dar continuidade ao ensino fundamental, foram dois anos para poder concluir o restante do fundamental. As aulas aconteciam no período da noite, sendo que para cada disciplina havia um professor diferente. O que parecia difícil, finalmente foi se tornando mais fácil, então depois de muita espera e de grandes desafios, consegui concluir o ensino fundamental.

Ao chegarmos na cidade, para dar prosseguimentos nos estudos, enfrentamos muitas dificuldades, primeiramente meus pais tinham que encontrar uma casa para ficarmos, nós não tínhamos moradia própria na cidade, depois de muita procura surgiu o senhor Wagner que disponibilizou a sua casa para que pudéssemos ficar morando nela, até meus pais conseguirem fazer ou comprar uma, graças a Deus que tudo deu certo. Depois de alguns meses meus pais finalmente conseguiram comprar uma casa. Sendo assim, aquele menino que só observava o seu irmão há muito tempo atrás, nos estudos, estava preste a iniciar o ensino médio.

Tendo passado por diversas dificuldades, meus pais estavam conseguindo me dar um conhecimento que eles só então ouviam falar. Em 2011 comecei a cursar o ensino médio, de início tive grandes dificuldades em acompanhar os conteúdos, pois as aulas não eram presenciais, acontecia via tecnológico.

Quando comecei a estudar o ensino médio em 2011, já assumi a grande responsabilidade de ser pai pela primeira vez. Sendo que a minha filha Ana Lúcia da Silva Albuquerque nasceu no dia 13 de novembro de 2010, então tinha que trabalhar durante o dia todo e estudar à noite. Devido as aulas não serem presenciais, exigiam muita concentração e atenção na sala de aula. Muitas das vezes não estava disposto a prestar tanta

atenção nas aulas por motivo de estar cansado do trabalho diário, que era o trabalho em uma serraria o dia inteiro, quando chegava à noite estava cansado e sem ânimo para ir para escola. Mas diante das dificuldades, eu conseguir concluir o 1º ano do ensino médio. Meu patrão na época, o senhor Valter Aguiar, teve que viajar para fazer uma cirurgia, então fiquei desempregado, como na cidade “era” muito difícil de emprego, tive que procurar outro rumo.

No início de 2012, com o 1º ano do ensino médio concluído, pedi minha transferência e fui para a cidade de Iranduba em busca de trabalho, deixando minha esposa e a minha filha em Itamarati. Fui com o propósito de morar em Iranduba, só que as coisas não saíram como eu esperava, pois, não queria só conseguir um trabalho, mas também uma vaga para estudar.

O trabalho de fato consegui logo ao chegar em Iranduba, porém uma vaga para continuar nos estudos não foi possível, pois os colégios já estavam com as matrículas encerradas. Apenas um colégio havia vagas, só que era quase impossível de trabalhar e estudar ao mesmo tempo, porque só tinha vagas para a noite e, como eu morava longe do trabalho, só chegava em casa sete horas da noite e se eu fosse voltar para estudar depois do trabalho, chegaria no colégio por volta de nove horas da noite. Se eu não conseguisse estudar, seria o primeiro ano sem frequentar o colégio desde que comecei a ir para à escola. Mas voltando atrás da minha decisão de que moraria no Iranduba, resolvi voltar para Itamarati, pensando e repensando em tudo que meus pais fizeram por mim ao longo do tempo, não seria justo deixar tudo para trás.

Em abril de 2012, após três meses que estava no Iranduba, resolvi voltar para Itamarati. Pedi a conta da empresa Miranda Correia, na qual trabalhava como oleiro. Ao retornar a Itamarati, minha esposa estudava à noite e um dia fui com ela para rever alguns colegas, para minha surpresa eu ainda continuava matriculado na escola estadual Francidene Soares Barroso.

Hoje tenho a professora Maria de Fátima Pinheiro, como responsável pelos meus estudos. Ela fez com que eu conseguisse voltar a estudar, quando eu comecei a frequentar o colégio novamente, tive que pagar três disciplinas, ou seja, fiz doze planos de estudo. Porque no tecnológico, cada prova era um bimestre e por eu já ter perdido as três primeiras disciplinas, só me restava a fazer o plano de estudo.

Desde que cheguei da zona rural sempre estudei no mesmo colégio, o que mudou foram alguns colegas, uns por mudarem de turma, outros por desistirem de estudar. Mas ao retornar para Itamarati, voltei a estudar com os mesmos colegas que iniciei no ensino médio, ou seja, a mesma turma.

Durante essa trajetória de cinco anos, não há só lembranças boas que aconteceram nesse percurso escolar. Um dos momentos que tenho como lembranças ruim, foi o meu primeiro dia de aula no colégio Francidene, era aula de Matemática e professor me chamou para dizer a tabuada lá na frente de todos os colegas, para mim foi um choque, pois, além de ser a minha primeira vez na sala, o único conhecido era meu irmão Antônio da Silva, e se eu errasse? Foi o que aconteceu, alguns sorriram e outros me apoiaram, me deram força para enfrentar o erro. Então foi aí que comecei a perceber quais seriam as pessoas que estavam

dispostas a serem meus amigos. Desses cinco anos fui chamado na diretoria uma única vez, por erro meu mesmo.

O colégio nem sempre disponibilizava todo os materiais escolar, eu tinha que muitas das vezes comprar, como o caderno, lápis, caneta e borracha. Mas vejo que para quem realmente queria conseguir vencer nos estudos, comprar de material era o de menos.

A merenda no colégio Francidene nem sempre existia, quando tinha já não posso dizer que era uma alimentação de qualidade, geralmente era servido somente sopa de arroz com salsicha ou então suco com bolacha. As aulas iniciavam 19h00 e ia até 22h30, 23h00, tanto no ensino fundamental como no ensino médio. Uma das maiores diferenças entre o fundamental na qual estudei e o ensino médio, foi que as disciplinas do fundamental que foram aplicadas durante o ano todo, já no ensino médio por via tecnológico as aulas era uma disciplina de cada vez.

Enfim, no final do ano de 2013 consegui concluir o ensino médio e vi que valeu apenas o esforço que meus pais tiveram para me manter na escola e concluiu junto comigo o meu irmão Antônio da Silva. Eu olho para trás e vejo o quanto foi difícil concluir o ensino médio, não só para mim que estudava, mas para todos os que vinham lutando desde o início, os meus pais. Durante todo percurso escolar, tenho a melhor lembrança, o dia que meus pais chegaram para mim e disseram que viríamos morar em Itamarati, só para podermos prosseguir em nossos estudos.

### **Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR**

Antes de trabalhar na área da educação, já trabalhei em diversos lugares, comecei cedo na agricultura com meus pais, onde fazia de tudo um pouco nos afazeres como: plantar roça, milho, feijão, melancia, batata e jerimum, plantávamos de tudo um pouco, além da agricultura também trabalhava na pesca junto com o meu pai.

Ao nos mudarmos para Itamarati no ano de 2009, comecei a trabalhar em uma serraria, onde meu primeiro salário era pago por diária, por faltar muitas vezes madeiras na serraria, tinha mês que ganhava muito pouco. Quando não tinha madeira para trabalhar, eu fazia alguns outros serviços como dá diária para as pessoas no cultivo dos produtos agrícolas, limpava terreno dos agricultores.

Já trabalhei como ajudante de pedreiro por algumas vezes, sendo que foi um dos trabalhos mais difícil que já encontrei, porque exige muito desgaste físico. Ao sair definitivamente da serraria, resolvi viajar para o Iranduba, onde lá trabalhei em uma empresa de cerâmica. Onde eu trabalhei por três meses como oleiro, lá o salário já era melhor, só que por motivo de querer prosseguir com os meus estudos resolvi voltar. Por não conseguir uma vaga para estudar na dita Cidade Iranduba.

Ao retornar para Itamarati, comecei a trabalhar em uma padaria, onde passei alguns meses trabalhando, sai da padaria e fui trabalhar no asfaltamento de ruas por alguns dias, com o término do

asfaltamento das ruas, voltei a trabalhar na padaria, onde fiquei até iniciar como professor. Na padaria eu recebia praticamente o mesmo valor que um professor da zona rural ganhava. Surgiu o comentário de que tinha surgido novas vagas para professores lecionarem na zona rural do município de Itamarati, não pensei duas vezes, busquei informação para saber se realmente era verdade, como meu tio Benedito Brasil era muito próximo da secretária do município, foi então que eu pedi para que ele me acompanhasse até a prefeitura, em busca de uma das vagas que estavam disponíveis para professores.

Ao chegarmos lá vimos que realmente era verdade, existia vagas para professores, pois eu estava interessado em uma das possíveis. Era preciso realizar um treinamento com alguns dos candidatos já interessados nas vagas. Para início de conversa a secretária de educação começou fazendo algumas perguntas, sobre o porquê de eu estar interessado em uma das vagas? Por que querer ser professor? Se era por falta de opção de trabalho ou por escolha de profissão? Então contei que era por querer ser professor, ou seja, era um sonho de muitos anos, no final dos questionamentos ela me entregou um papel, onde pedia para a professora que ministrava o treinamento que deixasse eu participar junto com os outros interessados nas vagas. Antes de sairmos da sala da secretaria ela falou assim, “são seis vagas, e com você já são onze concorrentes, se você conseguir ficar o menos em sexto lugar uma vaga é sua”.

Eu participei de dois dias de treinamento, junto com os demais que buscavam essas vagas, sendo esse treinamento de três dias, um dia eu já tinha perdido. No final apresentei um plano de aula que possivelmente seria aplicado aos meus alunos caso conseguisse uma vaga, com esse plano de aula que apresentei consegui ficar em quinto lugar e assim garanti uma das vagas. Foi então que comecei na área da educação, iniciando a minha carreira como professor.

O PARFOR na minha vida foi uma surpresa, comecei a lecionar em 2014 e em 2015, soube que eu estava matriculado no curso de Pedagogia pelo PARFOR. Minha matrícula foi feita com os documentos que eu apresentei em 2014, para poder trabalhar, a secretária na época era a senhora Áurea Maria, junto com seus colegas de trabalho conseguiu me matricular.

Como eu já atuava na área da educação, vi que essa formação seria um bom caminho para eu aprimorar meus conhecimentos, podia me dar nova visão de mundo, traria algo novo, então como já estava matriculado era só esperar o início das aulas.

No dia 26 de junho de 2016, iniciou-se o nosso curso de Pedagogia. Vieram as primeiras disciplinas, pela primeira vez encarava algo tão novo, disciplinas diferentes, durante toda uma vida só tinha visto sempre as mesmas. Com as disciplinas vieram as primeiras provas, algo também diferente do que tinha visto ao longo de todo tempo, as primeiras provas foram bem difíceis, pois estava trabalhando com conteúdos novos, com algumas dificuldades sempre consegui alcançar a média.

Trazia comigo um sonho desde os meus doze anos de idade, que um dia minha professora Maria Das Dores me perguntou: o que você quer ser quando crescer? Então respondi que: o meu sonho um dia era ser como ela, ou seja, professor. Ela me respondeu da seguinte forma: se você acreditar um dia você consegue.

Desde então, o meu foco profissionalmente era ser professor. E com o ensino médio concluído as coisas se tornavam mais fáceis, porque para atuar na zona rural o ensino médio já era o suficiente, todo o início de anos tinha vagas para professores lecionarem na zona rural.

Em 2017 vieram as incertezas de continuar, momento em que fiquei desempregado, sendo que minha esposa estava grávida de gêmeos. Levando em conta a dificuldade de permanecer cursando Pedagogia, sendo que não estava lecionando, então deveria buscar novos afazeres para manter o sustento da família e ao mesmo tempo cursar a faculdade. Para mim foi um dos momentos mais difíceis durante este percurso de caminhada.

Apesar de tudo, eu não medi esforços para lutar pela minha profissão, visando um aperfeiçoamento nos conhecimentos que seriam trazidos pelo curso, na certeza que mais adiante essa formação seria válida.

### **Estudando, trabalhando e lutando: o percurso da minha formação**

Até 2016, tinha uma visão completamente diferente de como atuar na área da educação. Com o início do curso foram ocorrendo as mudanças, tinha uma visão autoritária em cima dos alunos. Porque ao longo do tempo só tinha visto dessa forma, ou seja, tradicional. Até meu jeito diante da sociedade mudou, como comporta-se diante das pessoas, são mudanças que vem ocorrendo através do curso.

O curso de Pedagogia veio para transformar minha vida enquanto profissional, porque antes do curso as minhas aulas eram todas através dos livros didáticos, eu não buscava conhecer a realidade do aluno. Já nesse ano que passou comecei a mudar meu jeito de ministrar minhas aulas, sendo que não me prendo só nos livros. Eu tento passar algo novo vivenciado já no curso, como jogos que podem envolver as crianças de acordo com o meio que está inserido. Pego um novo conhecimento e agrego em um já existente do próprio aluno.

Durante o curso de Pedagogia - que iniciei em junho de 2016 e finalizando em outubro de 2021 -, foram diversas as profissões que tive que desenvolver nesse percurso de caminhada, sempre procurando está inserido na área da educação, porém nem sempre foi fácil.

No ano de 2016 quando iniciei a graduação em Pedagogia, estava trabalhando como professor no interior do município de Itamarati, atuando na comunidade Canta Galo, com uma turma de multisseriado do 1º ao 5º ano do ensino fundamental. No ano de 2017, não fui contratado pelo o município, tendo que assumir outras funções para prosseguir firme no curso, por alguns dias tive que trabalhar em uma empresa durante o período da noite, sendo que a faculdade era realizada durante o dia.



No ano de 2018, com a realização de um seletivo voltei ao interior do município para lecionar, tendo que fazer um percurso de um dia de viagem para chegar até a comunidade Monte Calebre, lá lecionava com uma turma do 6º ao 9º ano do ensino fundamental II. No ano de 2019, o seletivo especificava a comunidade de preferência do candidato, sendo o Canta Galo uma comunidade próxima da cidade optei pela a mesma. Voltando a lecionar na comunidade Canta Galo, dessa vez com uma turma do 6º ao 9º ano.

No ano de 2020, fui contratado mais uma vez através do seletivo, sendo que esse processo só se deu em setembro, esse período de janeiro a agosto minhas funções eram variadas, pesca, agricultura, servente de pedreiro, foram meses de batalhas em atividades diferenciadas. Mesmo sendo contratado pelo seletivo, não foi possível ir para sala de aula devido o momento crítico da pandemia covid-19, no entanto, atuaria na mesma comunidade Canta Galo. Em 2021, o primeiro semestre do ano foi na ativa das atividades diversificada novamente, já sendo contratado em julho através de um novo seletivo para atuar no interior do município, dessa vez para lecionar na comunidade Papagaio, novamente com uma turma do 6º ao 9º ano. Porém não indo a campo para lecionar até o dia 5 de outubro, pois era a data determinada para a finalização do curso de Licenciatura em Pedagogia.

Essa foi minha trajetória e realidade profissional durante esses anos na vida acadêmica, foram diversas as profissões desenvolvidas até chegar o último período de conclusão do curso.

### **A pandemia de Covid-19**

Quando se trata de pandemia, levando em conta a paralização mundial incluindo diversos setores de trabalhos, vale ressaltar sobre a vida profissional no momento crítico em que o mundo enfrentou durante mais de 18 meses.

Minha vida profissional ficou praticamente parada, sendo que as aulas no interior do município ficaram suspensas de janeiro a agosto de 2020, no final de agosto foi feito um seletivo municipal para os professores do interior, passando no seletivo fui contratado durante os últimos quatro meses do ano de 2020, porém, não indo para o interior por falta de recursos que atendesse as necessidades dos alunos do interior.

Antes do seletivo, tive que trabalhar em diversos lugares dando diária para que pudesse manter o sustento da família. Vale ressaltar a importância do companheirismo da família para que eu pudesse manter o foco na profissão, me dando força, coragem e apoiando nas tomadas de decisões. Após os quatro meses do seletivo de 2020, recomeça o processo das diárias novamente até o novo seletivo que aconteceu em julho de 2021.

Durante a pandemia os seguimentos da vida acadêmica foram tomando novos rumos. No dia 20 de março de 2020 foram suspensas as aulas do município de Itamarati, estando eu na terceira semana de observação do estágio supervisionado II em uma das escolas municipais. Sendo a última disciplina ministrada presencial, mas não finalizada presencial devido a covid-19.

Com essa paralização nas atividades acadêmicas, me senti desconfortável em relação ao curso, pois o mesmo já estava nos últimos períodos para finalizar, programado para terminar de forma presenciais. O curso ficou suspenso por alguns meses, retomando as atividades por aulas não presenciais, sendo que não havia uma interação constante dos acadêmicos com professores, como nas aulas presenciais.

Para uma melhor interação com os colegas, foram criados grupos de WhatsApp para debatermos as atividades, já que não podíamos ter contato direto com os colegas, a internet era o meio de uma aproximação, com objetivo de superar as barreiras enfrentadas na pandemia do novo coronavírus. No entanto, vale ressaltar que nesse período de pandemia logo no início, como gesto de apoio as famílias do município de Itamarati, nós, acadêmicos do curso de Pedagogia, montamos pequenos grupos para fazermos máscaras para distribuir para a população municipal.

No período de pandemia a minha vida acadêmica foi bastante corrida em relação aos trabalhos acadêmicos, levando em conta a compreensão das necessidades de ajudar aos colegas quando solicitavam a minha ajuda. Assim, me sinto fortalecido com os conhecimentos compartilhados e adquirido pelos colegas.

### **Considerações Finais**

Na conclusão do curso e com a construção desse memorial, vale ressaltar a importância de ter cursado Pedagogia pelo PARFOR-UEA, onde a modalidade de ensino era com aulas presenciais concentradas, ofertando um conhecimento abrangente e mais significativo aos professores em formação, visando uma valorização do profissional docente. O curso propiciou aos profissionais a oportunidade de se aprofundarem nos estudos e se enriquecer de novos métodos e conhecimentos diversificados.

Mediante as disciplinas ministradas no decorrer do curso, pude aderir uma nova prática pedagógica no modo de ensinar, levando em conta os conhecimentos adquiridos pelos os ministrantes de cada aula, na troca de experiência com os colegas e na interação no desenvolvimento das atividades. Hoje tenho uma visão diferente nos afazeres pedagógico, visando sempre a realidade do discente na busca de uma melhor interação e comprometimento com seu aprendizado.

Foi relevante no decorrer do curso escrever sobre minha vida, onde realizei a minha trajetória desde os primeiros passos na vida escolar e as dificuldades para chegar na vida profissional. Escrever algo sobre si mesmo é pôr no papel as lembranças da infância, da juventude, é voltar no tempo e contemplar-se com sua história no presente. O curso de Pedagogia deu-me a oportunidade de compartilhar a minha história de vida.

Acredito eu que uma das melhores escolhas que fiz foi iniciar e terminar o curso de Licenciatura em Pedagogia, pois o mesmo visa aperfeiçoar os profissionais docente. No decorrer do curso apareceram diversas dificuldades que me levaram a pensar em desistir, mas hoje sou consciente de que fiz o certo em persistir na caminhada. Ciente de que o docente precisa sempre está aperfeiçoando os conhecimentos e procurando se situar na realidade de sua atuação.

Já com o curso de Pedagogia finalizado, são grandes as expectativas para a vida profissional, pois agora não sou mais um professor em formação e sim um professor formado em Pedagogia, levando em conta que o pedagogo pode atuar em diversas áreas da educação, seja na educação infantil, nas séries iniciais do ensino fundamental e na formação de jovens e adultos, também pode assumir os trabalhos de organização do trabalho pedagógico escolar, articulando o processo de formação cultural que se dá no interior da escola. Nesse sentido são grandes as expectativas futuras na minha vida profissional.



## CAPÍTULO 14

### A EDUCAÇÃO RESSIGNIFICOU MINHA HISTÓRIA E MUDOU A MINHA VIDA

Ivanete Silva da Silva

Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### Introdução

É muito significativo está escrevendo sobre nossa própria vida, pois muitas vezes nos faz refletir sobre nossas mudanças. Escrever sobre minha vida me faz lembrar o tanto que meu pai sofreu para me manter na escola, para que não faltasse material didático, pois sou filha de pai serrador e mãe dona de casa, que sempre lutaram para que seus filhos tivessem um futuro diferente do seu. Fui presenteada com o curso de licenciatura plena em Pedagogia pelo PARFOR –UEA, sendo um curso de formação para professores, sendo presencial.

Concluir este curso foi muito desafiador, pois muitos obstáculos surgiram no caminho, falta de salário, bebê recém-nascido, deslocamento do interior a sede do município, onde as vezes algumas famílias da comunidade não entendiam, porém, nosso maior desafio foi a Pandemia de Covid-19, ficamos um ano com as aulas paradas atrasando assim nosso curso. Hoje estando concluindo é simplesmente um sonho realizado, algo impossível um dia para mim, sendo de família pobre, é algo de grande importância. Concluir uma faculdade é ver um sonho do meu pai realizado, serei a primeira filha a dar este orgulho a eles com 30 anos, depois de todas as lutas dos mesmos por um futuro melhor para os filhos.

Apesar da lutas e desafios jamais pensei em desistir, pois tinha uma meta a cumprir, alcançar meu objetivo, realizar um sonho que jamais pensei que fosse possível vivendo no município tão pequeno que nem o meu, onde não há oportunidades para os filhos de pais mais humildes, que não podem se deslocar daqui a Manaus. Então concluir no próprio município é um privilégio, sou grata por isso.

#### Meu caminho até a escola

Nasci dia 30 de janeiro de 1991, no interior do município de Itamarati-Amazonas, comunidade Laranjeira. Filha de: Celestino Barroso da Silva e Marta Alves da Silva. Fui privilegiada com 6 irmãos: Maria Nilza Silva da Silva, Terezinha Silva da Silva, Josué Silva da Silva, Ivaneide Silva da Silva, Raimundo Nonato Silva da Silva e Sérgio Manoel Silva da Silva. Tenho um casal de filhos, Cibele Silva e Silva e Miquéias Silva e Silva.

Minha vida educacional sempre foi muito rígida, sendo filha de agricultor e ao mesmo tempo serrador, meu pai sempre nos levava para a roça e quando não íamos minha mãe determinava afazeres domésticos para fazer e ao chegar em casa, se ela não encontrasse tudo feito, ela nos açoitava. Desde muito cedo eu e minhas irmãs aprendemos a lidar com os afazeres domésticos, pois tínhamos que cuidar de nossos irmãos pequenos e quando tive filhos eu já sabia como cuidar, minha mãe me ensinou a cozinhar, lavar roupa, louça e isso tinha que ser bem feito porque se fizesse o serviço mal feito ela fazia voltar quantas vezes julgasse necessário, até que o trabalho ficasse bem feito.

Minha mãe sempre foi muito rigorosa em questões de limpeza é tanto que nós mulheres temos a mesma mania que ela, querer sempre tudo bem limpinho, nós ajudávamos bastante nossos pais, mas tínhamos o nosso momento das brincadeiras e quase sempre meus pais estavam envolvidos, sempre tínhamos a hora para brincar e quando chegava aquele determinado horário, tínhamos que ir tomar banho, aquele banho de rio gostoso que resultava em mais divertimento.

Tive o privilégio de conviver durante a minha infância com meus avós por parte de pai Raimundo Barroso da Silva e Maria José Galvão de Souza com os quais aprendi muitas lições a respeito da vida e que ainda as guardo até hoje. Onde eu morava tinha um engenho que trabalhava com cana-de-açúcar e meu avô trabalhavam neste recinto, então ele de vez em quando me levava e me ensinava como apurar o mel da cana, fazer o alfenim e a rapadura. Minha avó Maria José fazia uma caldeirada de bodó como ninguém, sempre me mostrando como fazer. Aprendi a dançar com minha vó Maria José, mas quem aperfeiçoou foi minha irmã mais velha Maria Nilza. Minha avó é rezadeira, meu pai aprendeu com ela e me ensinou.

Meu pai sempre foi amoroso e carinhoso, já minha mãe sempre foi mais severa e gostava de nos açoitar, mas toda esta rigidez serviu acompanhada de cuidado e dedicação serviu para que hoje eu me tornasse o que sou, serviu para que eu enxergasse longe, para que educasse meus filhos de maneira correta, serviu para que eu nunca parasse em meios as dificuldades, sempre buscando melhorias de vida tanto para mim quanto meus filhos.

Meu pai é serrador e quando eu morava com ele, sempre ia com ele para mata para que ele não fosse sozinho e nisso quando eu fazia a comida eu comia e ao terminar ele me dava o motor serra para eu continuar serrando, para que ele fosse comer, assim, aprendi a serrar também, ofício que meus irmãos homens nenhum sabe fazer, porque nunca se interessaram. Eu sempre fui muito apegada a meu pai para onde ele fosse eu queria ir com ele, mas minha mãe não deixava porque eu tinha afazeres domésticos a cumprir em casa. Meu pai me ensinou a pescar a remar etc. Tenho meu pai como meu 'Incentivador de sonhos', pois é meu pai o motivo da minha vitória.

Desde cedo meus pais me ensinaram a respeitar os mais velhos, não se pode passar por cima das pernas dos mais velhos, muito menos na frente, enquanto estivessem conversando e se os mesmos estivessem conversando e os pequenos se intrometessem, era castigo na certa, porque é falta de respeito e

naquele tempo os mais velhos e até mesmo os pais eram respeitados e todos estes ensinamentos guardo na memória, pois meus pais são meus exemplos de vida até hoje e não me imaginaria no mundo sem eles. Este aprendizado passo para meus filhos para que eles cresçam respeitando as pessoas.

A comunidade que eu morava não tinha escola pelo fato de que era muito pequena e tinha apenas três casas, a minha, de meus avós Raimundo e Maria José e a dos meus tios Manoel e Sirlene. Iniciei minha vida escolar na referida comunidade mesmo que de maneira informal, pois havia uma senhora que plantava na comunidade onde eu morava, então quando esta senhora ia a comunidade meus pais davam umas folhas de cadernos a ela para que a mesma fizesse tarefas para mim e meus irmãos, segundo meu pai, nesta época eu tinha cinco anos e era assim todas as vezes que ela ia a comunidade. E foi então que ela não foi mais a comunidade, meu pai vendo que estávamos crescendo e sem estudo resolveu sair da comunidade e vir para a cidade para que nós tivéssemos a oportunidade de estudar, segundo ele nunca estudou porque minha avó não deixou, pois, um padre chegou a convidá-lo a ir embora com ele para que ele estudasse. Morei na comunidade desde meu nascimento até meus oito anos de idade, ou seja, de 1991 até 1999.

Com oito anos de idade eu e minha família viemos morar na cidade de Itamarati, meu pai comprou uma pequena casa em uma rua que tinha uma ladeira enorme de tirar o folego ao subi-la. Chegando à cidade eu chorava muito porque sentia falta da minha avó e também porque achava tudo muito estranho, ao tomar banho tinha que usar pouca água porque era muito ruim de água.

Ao anoitecer não tinha mais aquele momento de história ao pé da lamparina, em noite de luar não tinha mais as brincadeiras, pois minha mãe não deixava sair de casa porque tinha medo por ser um lugar ainda desconhecido, não sentiam segurança em deixar nos brincarmos em meio a rua. Não tinha fruta e na minha comunidade eu podia comer o quisesse de fruta, adorava subir em árvores para pegar frutas e a cidade não me dava estes privilégios e isto me impactava de maneira negativa, e embora que estivesse no quintal do vizinho, mas minha mãe não permitia de forma alguma.

Todas as proibições me deixavam triste e cada vez mais queria voltar para minha comunidade. Aquele lugar não fazia parte da minha vida, mas tinha que me acostumar, pois seria nesta cidade que ingressaria em uma escola. E naquela cidade minha mãe matriculou a mim e a meus irmãos e assim inicia-se a fase escolar da minha vida.

Adentrei na escola em 1999 com oito anos de idade e fui matriculada direto na primeira série, pois naquela época não tinha alfabetização. Estudava na escola Padre Guilherme Burmanje, não lembro o nome da minha primeira professora, ao entrar na escola já sabia escrever, mas ainda não sabia ler, o ensino naquela época era somente o professor falando, passando tarefas e o aluno somente recebendo o conteúdo ministrado. Lembro que a rua em que eu morava não era asfaltada e quando chovia, ir para a escola tornava-se desafiador, pois tinha muita lama e não tinha como chegar até a escola limpo. E para que nós não perdêssemos aula meu pai colocava de um por um no braço e deixava na outra parte da rua que já era

asfaltada. Nesta época minha mãe me levava a escola, e depois já grandinha ia com meus irmãos mais velhos, Nilza, Terezinha e Josué, ensino era tradicional, através de cartilhas de ABC, letras isoladas, repetições, ditados depois formação de palavras, formação de frase e só então que se começava a praticar a leitura. Tradicional porque o professor era o centro e o aluno não tinha vez nem voz tudo girava em torno do professor.

A escola Padre Guilherme tinha apenas quatro salas pequenas um banheiro, não tinha ventilador nas salas o calor era horrível, cadeiras desconfortáveis, quadro de giz, não havia merenda para os alunos e na hora do recreio como chamava eu ficava com fome por não ter dinheiro para comprar merenda, não tinha um ambiente harmonioso, um ambiente que chamasse atenção do aluno em querer estar em sala de aula. Quando iniciei minha trajetória escolar minhas roupas eram bem simples short, camiseta, chinelinho bem simples, pois não tínhamos muitas condições, mas ia para a escola muito feliz. Em 2001 com dez anos mudei de escola, comecei a fazer a terceira série do ensino fundamental na escola Santos Dumont com o professor Jorge Van, um professor muito bom.

Em 2002 com onze anos, iniciei a quarta série na mesma escola, mas com professor diferente, o Cleilson. A partir da quarta série o meu ensino começou a se tornar significativo, pois este professor fez diferença no meu aprendizado. Um professor rígido, mas com domínio de assunto e de turma. Respeitado por todos os alunos, suas aulas, mesmo sendo voltadas somente em livros, dava gosto prestar atenção porque ele explicava bem os conteúdos e se prestasse atenção era fácil compreender. Em 2003 aos doze anos de idade comecei a fazer a quinta série na escola Estadual Francidene Soares Barroso nova escola, tudo muito diferente, meu primeiro dia de aula era sempre inesquecível, pois era dia de conhecer escola nova, professores novos, colegas e novas metodologias. A partir da quinta série já começava a ter um professor para cada disciplina, no entanto as aulas permaneciam com as mesmas formas de ensino centralização nos livros didáticos, sem metodologia nova. A partir da quinta série estudei na mesma escola até concluir meus estudos.

Em 2006 com quinze anos comecei a oitava série e uma professora de português marcou minha vida, esta professora desde o primeiro dia de aula simpatizou comigo e eu com ela, aprendi a gostar do português através de suas aulas, ela explicava de maneira clara e permitia que o aluno se expressasse ao contrário de outros professores, o aluno só falava se fosse chamado. Meu pai sempre nos motivou a querer estudar, pois ele nem ao menos assina o nome e minha mãe também não, mas meu pai por ser analfabeto, sempre enxergou o estudo como uma melhoria de vida, algo que nos dava asas para voar. Já minha mãe era mais participativa na escola, não tinha esta mesma visão. No entanto, nos apoiavam ao máximo para que ao começar as aulas, tivesse nosso material.

Em 2007, com 16 anos, iniciei o ensino médio na escola Francidene, ingressei no primeiro ano a tarde. O ensino médio veio com muita dificuldade na minha vida. No ano de 2008 com 17 anos sai do turno matutino e fui estudar a noite, quando eu estava no segundo ano, engravidei de minha filha mais velha, Cibele. Então por motivos que não quero citar aqui, abandonei meus estudos, desisti, meu tio Manoel me levou para



Carauari. Voltando de Carauari, meus professores me procuraram para que eu voltasse à escola, segundo eles, eu tinha nota que daria para passar de ano, no entanto, decidi não retornar e perdi um ano letivo, atrasando assim minha trajetória escolar.

No ano seguinte, em 2008, com 18 anos, iniciei novamente a caminhada escolar, só que ao retornar, comecei o segundo ano novamente, pelo tecnológico, as aulas eram por televisão, com um professor orientando na sala. A experiência de estudar foi boa e ao mesmo tempo ruim, porque é muito pouco tempo de aula em uma disciplina e se não houver habilidade para escrever rápido, você não consegue quase nada de conteúdo. Ao voltar novamente no segundo ano, eu já tinha minha filha Cibele e muitas vezes eu não tinha com quem deixá-la para poder ir para a escola, minha mãe era quem ficava, porém viajou com problemas de saúde e levou minha irmã caçula, Ivaneide e meu pai serrava, quando não tinha quem ficasse eu a levava para a escola no carrinho, mas não perdia aula de maneira nenhuma, ao chegar, meus colegas me ajudavam bastante com ela. Hoje sei que todo meu esforço valeu a pena porque se em meios as dificuldades eu estivesse desistido mais uma vez, hoje eu ainda estaria por terminar meus estudos. Conclui o segundo ano do ensino médio.

Adentrei no terceiro e último ano do ensino médio, último ano escolar, realizei também pelo tecnológico, nesta época meus pais resolveram ir embora para cidade de Carauari, em busca de melhorias de vida, Itamarati por ser uma cidade muito pequena, não ofertava empregos fora os da prefeitura, então por minhas aulas terem iniciado tarde, devido uma grande enchente que havia dado e as comunidades que tinham aula pelo tecnológico estavam impossibilitadas de ter aulas, as aulas só terminariam em fevereiro, então eu fiquei com minha filha morando na casa da minha irmã Terezinha, até que terminassem minhas aulas para que eu fosse de encontro aos meus pais.

A escola era estadual, a diretora fazia questão de manter tudo bem organizado e em ordem não podia riscar as paredes nem estragar nada porque ela fazia concertar, tinha um refeitório para merendar, 8 salas de aulas, 1 banheiro, 1 diretoria, 1 biblioteca e um laboratório de ciências que nunca funcionou as boas lembranças que guardo na memória são dos finais de cada ano, onde eu via minhas notas e o professor falava que eu havia passado de ano.

Tenho como boas lembranças os desfiles de 7 de setembro e que uma vez eu fui índia do desfile. Isto era muito gratificante para mim, levo como boas lembranças todos que fizeram parte do meu ensinamento, professores que somaram conhecimento na minha vida, guardo como boas lembranças o incentivo de meu pai em sempre querer que nós terminássemos o ensino médio e alcançássemos nossos objetivos. Sua luta persistência em buscar sempre o melhor para que nunca nos faltasse o básico para nossa sobrevivência e permanência na escola. Guardo na lembrança o nascimento de minha filha Cibele que mesmo desistindo por um ano, tive força para retornar e seguir em frente.

Enfim, levo como lembranças tudo que me fez bem e que contribuiu para que eu chegasse até aqui. Pessoas que participaram direta e indiretamente da minha caminhada escolar.

### **Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR**

No ano de 2010 conclui o ensino médio, logo após fiz vários cursos de capacitação para professores para lecionar na zona rural do município de Itamarati, mas infelizmente nunca dei sorte em ser chamada, as pessoas chamadas eram sempre aquelas próximas as autoridades maiores da cidade e sempre foi assim todas as vezes, o mais engraçado era que as pessoas chamadas para lecionar iam para a comunidade e passavam poucos dias, não chegavam a passar nem um mês direito e já começavam os conflitos, e retornavam a cidade porque os comunitários os expulsavam, por não dar aula, maltratar as crianças e desrespeito as pessoas. E eu continuava persistindo, meu esposo que já era professor sempre me incentivava a fazer os cursos ministrados pelas pessoas da Secretaria de Educação com a esperança de entrar algum dia na área de educação.

Em um belo dia do ano de 2013 surgiu um seletivo, eu não queria fazer por já está muito desmotivada, meu esposo conversou comigo, juntamente com meu pai e decidi fazer o seletivo. Fizem a seleção e empatei com uma colega, o critério de desempate seria a idade maior e o maior número de certificados de formação continuada. Apresentei todos os certificados, mas ela também tinha a mesma quantidade e por ela ser mais velha ganhou a vaga. Se desistisse alguém eu entraria. Um professor havia feito o seletivo, mas não queria ir para seringal, então me procurou e disse que a vaga seria minha porque ele ia desistir. Fiquei bastante feliz, liguei para meu pai o comuniquei e todos da família ficaram felizes. Antes de trabalhar formalmente como professora, já ensinava a minha filha Cibele em casa, comecei a ensiná-la com 3 anos de idade, então eu já tinha mais ou menos um norte sobre o ensinar, pensava eu.

Em 2013 lecionei na comunidade Conceição do Raimundo e lá fiquei durante quatro anos consecutivos e ao sair da referida comunidade alcancei meus objetivos, fazer com que meus alunos lessem e escrevessem e também que ao terminarem o fundamental não permanecessem na comunidade, viessem a cidade terminar seus estudos, hoje todos que eu lecionei estão na cidade, alguns terminaram o ensino médio, outros estão cursando, sinto-me muito orgulhosa por isto. A comunidade fica localizada na área de baixo do município ao lado direito do rio Juruá, a comunidade não ficava muito longe da cidade, levávamos apenas 4 horas para chegar até lá, íamos de canoa com todas as nossas coisas baixando rumo a comunidade. Saia da cidade bem cedo para não pegar muito sol, e ao sair da comunidade era mais cedo ainda as quatro horas da madrugada para chegar cedo na cidade, pois tínhamos filhos pequenos e um deles era recém-nascido.

Minha primeira colega professora na comunidade era Maria Castro, nós tínhamos um bom relacionamento, sempre compartilhávamos assuntos sobre os alunos e as dificuldades que os rodeavam, tentando entender suas dificuldades. Também lecionei com o professor Valneri, que também compartilhava as dificuldades dos discentes e buscava metodologias para que viesse a melhorar. Sem contar com meu esposo

que sempre foi meu companheiro para compartilhar os problemas encontrados frente as aulas, ele sempre trabalhou ao meu lado, um apoiando o outro.

Foi nesta comunidade que minha filha iniciou seus estudos, pois eu não tenho confiança em deixá-la na cidade com outras pessoas, sempre quis acompanhar seus estudos de perto. Na mesma comunidade engravidei de meu filho Miquéias, fiquei de licença maternidade passando um ano sem lecionar, mesmo assim acompanhava meu esposo, até porque minha filha estudava.

Logo no primeiro dia conheci as pessoas, a realidade era diferente do que eu imaginava, as pessoas que lá viviam não se importavam com os estudos dos filhos, alunos de sexto ano não sabiam nem assim os seus nomes, uma relação de matrícula com 14 alunos que muitas vezes não iam para a escola e neste dia não havia aula. A defasagem escolar na zona rural é muito grande, os pais retiram as crianças da aula para levarem ao roçado, fazer farinha para a pesca e para outros afazeres de casa. Outras vezes são eles mesmos que decidem não ir para a escola, crianças que já tem o agir e o pensar de adultos. Isto era muito triste para mim como professora, mas os pais não tinham o domínio com seus filhos pequenos, se eles falassem que não iam para a escola, eles não iriam mesmo.

Às vezes eu preparava um ótimo planejamento ao meu ver, quando chegava na escola me deparava com um, dois, três alunos em sala e muitas vezes nenhum. Esta é a realidade de muitas comunidades ribeirinhas. Ao sair da cidade, pensava chegar a ter uma sala de aula cheia de alunos, frequentes, participativos e que gostassem de estudar. Procurava de todas as maneiras conseguir que meus alunos aprendessem, procurava outros professores, pesquisava em livros, mas não relaxava em meio as dificuldades.

Antes de iniciar o PARFOR eu ajudava meu pai na agricultura, nos roçados plantando roça, milho, batata, feijão, bananeira. Ajudava minha mãe nos afazeres domésticos como: lavar louça, roupa e arrumar a casa. Ia com meu pai para a serragem, serrava também às vezes para que ele descansasse. Também trabalhei como babá cuidando do filho da minha professora. E por fim, em 2016 ingressei no PARFOR.

A minha entrada no PARFOR foi por causa do meu trabalho como professora, o prefeito na época juntamente com a Secretária de educação, a professora Áurea, tinha uma meta a ser alcançada que seria, antes do termino de seu mandato ela visse todos os professores da área rural formados e então ela falou que iria pedir uma faculdade pra gente, foi então que começaram as inscrições, feitas pela secretaria mesmo, nós levávamos apenas os documentos necessários para a matrícula, então não fui eu quem escolheu, foi a oportunidade que surgiu e eu queria uma formação e pulei dentro.

Até porque a capital é muito longe e eu tenho família e filhos não tenho condições de ir para lá. Não sabia que iria ser Pedagogia, aliás nenhum dos professores sabiam, o que sabíamos era que estávamos sendo matriculados e que com alguns dias sairia a lista dos selecionados. A professora Rosilene não dormia fazendo as matrículas porque a internet aqui é uma negação e as matrículas tinham que ser feitas rápido, porque se

não o sistema fecharia e eram muitos professores. De todos os colegas somente dois não conseguiram entrar que eu saiba por conta de problemas no CPF, mas todos os outros conseguiram.

### **Estudando, trabalhando e lutando: o percurso da minha formação**

No início do PARFOR eu estava muito nervosa, não sabia o que me esperava. Ao chegar à sala vendo o professor, o nervoso aumentou ainda mais. O primeiro professor foi de informática, Rosinaldo ele pediu para nos apresentarmos e eu parecia que ia desmaiar, mas consegui, as primeiras disciplinas foram legais, mas era só teoria e nada de prática, os professores eram legais extrovertidos, mas que as vezes deixavam a desejar jogando as apostilas com os assuntos para a gente se virar, mas não foi só no começo não. Nestes primeiros períodos não tínhamos os integradores e nem ganhávamos certificados, se não me engano, começou do segundo período ou terceiro. Esses Estudos integradores são excelentes, pois, nos ajudam bastante, nos traz muito aprendizado principalmente aqueles que fazemos na prática, o que é teorizado em sala de aula, construímos diversos materiais para levar para a escola, jogos, brinquedos, confeccionamos maquetes de papelão somente encaixando sem usar colas, aprendemos a fazer diversas comidas típicas nos integradores, enfim aprendemos a reutilizar, reciclar e reduzir.

Nos primeiros períodos ficava um pouco apreensiva por conta de os professores serem sérios, mas às vezes era só aparência, nos passavam confiança, interagiam com a turma, em meios a tanto nervosismo nunca tirei uma nota baixa e sempre adquiri à minha maneira muitos conhecimentos.

Os primeiros seminários foram muito ruins para mim, pois eu sempre fui muito tímida em meio a muitas pessoas e quando eu fui me apresentar na frente da sala, a voz tremia, não saia, esquecia as palavras era um Deus nos acuda, sempre levava papel e quando ia, todos viam a folha tremendo de tanto nervoso, mas sempre dava tudo certo e quando veio outros professores que não queriam que levassem papel para frente, aí foi difícil, tínhamos a mania de dividir as partes do trabalho para estudar, sempre tivemos nosso grupo no qual tem uns colegas muito escorões, mas ao longo do curso mudou alguns componentes, somente eu e meu esposo que nunca mudamos, só quando são os professores que mudam, pois sempre ficamos no mesmo grupo, até pelo fato de termos filhos e as vezes um ajudar o outro quando um ou outro não poder ir à escola.

Eu tinha muita dificuldade em relação a compreensão dos textos da apostila, pois não domino muito o interpretar logo na primeira leitura, mas os conteúdos explicados pelo professor sempre tive facilidade em compreender desde que o professor fosse claro. Para que eu conseguisse compreender era preciso que eu fizesse a leitura muitas vezes, mas ainda é assim só que mais poucas vezes, muitos professores na primeira leitura já queriam que a gente explicasse o assunto, tinha textos que era de fácil compreensão, já tinha outros que não eram fáceis de entender não precisava de um dicionário do lado.

Sem contar o cansaço, pois não era fácil ficar 4 horas toda manhã e à tarde estudando, durante o mês todo até os sábados, não é nada fácil. Às vezes chegava em casa e parecia que tinha passado o dia todo trabalhando, não tinha tempo nem para meus filhos. Nunca achei nenhuma prova difícil, o que faltava as vezes era interpretação, teve prova dissertativa que passamos o dia todo fazendo, começamos pela manhã, paramos meio dia e iniciamos a tarde, duas horas e paramos sete horas porque a professora pediu as provas, mas não que tivéssemos terminado já as outras eram muito fáceis de compreender.

No período de janeiro a março é muito complicado, não temos salário e por estudar eu e meu esposo, não tem como ir pescar, não se tem tempo para a nada. Quando vai chegando ao final do ano, nós guardamos um pouco de dinheiro para ajudar enquanto estamos estudando e sem salário, mas como tudo é muito caro, o dinheiro não dá para quase nada. Em relação a comida, a alimentação de meu filho pequeno não falta, porque temos um ótimo patrão que neste período nos fornece o que precisamos em sua loja, muita das vezes quando necessitamos de dinheiro ele também disponibiliza para a gente e ao começar a trabalhar começamos a pagar. Por não dar tempo de fazer o almoço em casa, eu, meu esposo e meus filhos almoçamos na casa da mãe dele, somente nos finais de semana almoçamos em casa, e é assim o meu sustento nos períodos das aulas por que este comerciante nos fornece as coisas, ainda mais porque meu filho só come mingau, já pensou se não tivesse onde comprar? Ele passaria fome, por não ter dinheiro para comprar. Agradeço imensamente por ele nos conceder em sua loja o que precisamos.

No período de junho já estamos trabalhando e a situação melhora um pouco, imprimem-se as apostilas e o aprendizado se torna mais saboroso, porque a gente faz o que pode para obter o material, eu sempre uso as apostilas no meu celular, mas acho melhor impresso.

Muitos professores não entendiam a realidade e queriam a todo custo que tivéssemos as apostilas, mas é preciso entender a realidade de cada lugar e saber respeitá-la, são diferenças culturais, se assim posso chamar. Pois tudo que temos é mérito nosso sem apoio de ninguém.

A relação entre mim e minha família é muito boa, não tenho conflitos familiares a respeito da faculdade, porque estudamos juntos, eu e meu marido é um apoiando o outro nesta caminhada, quando um não pode ir o outro vai pegar os conteúdos e passa para o outro, dias de prova e seminários, estudamos juntos para ajudar um ao outro, trabalhando para que ambos possam fazer uma boa prova. O ruim de estudar com marido é que não se pode conversar que ele já fica olhando, mas compreendi que isto era para meu bem, pois tenho que prestar atenção nas aulas e com isso me dediquei mais as aulas. Porque as vezes tem colega que não está nem aí para a aula e fica puxando assunto com a gente e na hora da prova só consegue nota se os outros ajudarem. Com relação a casa ele só ajuda quando eu fico falando, porque por livre vontade ele não faz. E eu preciso, até pelo fato de ser nós dois e eu ter o mesmo tanto de tempo que ele tem para fazer as coisas em casa, que na verdade é quase nenhum tempo, mas ele prefere jogar bola do que me ajudar em casa. Nos trabalhos ele sempre me ajuda, dá opinião, organiza e o mesmo faço em relação a ele. Ciúmes ele não

tem, pelo menos não demonstra, mas também não dou motivo para tal, brinco com todos e assim vamos levando a vida.

Meus filhos sentem muito minha falta e a de seu pai, passamos o dia fora a gente vem em casa um momento e volta de novo e quando chego eles querem atenção e carinho. No período das aulas eles ficam sozinhos em casa, uma menina de dez anos cuidando de um de três anos. Dez, só na idade, porque no tamanho não parece, antes ela tinha nove anos e cuidava de um recém-nascido, por não ter ninguém para deixá-los, meus pais moram em outra cidade, minha irmã ficava, mas agora ela só vive doente e não tem como ela ficar, mas não era todas as vezes que ela vinha pegar e com isso minha filha tornou-se um adulto em miniatura, porque cuida desde cedo da casa e de seu irmão.

Quando um ou outro adoece eu vou para a escola e não consigo focar na aula, porque fico preocupada por eles estarem sozinhos. Ao sair de casa deixo a mamadeira do pequeno feita para que eles não mexam no fogão e na hora do intervalo como é perto de casa onde eu estudo, vou em casa fazer novamente a mamadeira e ver como estão e aproveito e reforço a fala de que não podem mexer no fogão e que não abram a porta para ninguém. Só tenho tempo aos domingos, é quando faço os afazeres domésticos, procuro dar o máximo de atenção para os dois.

Houve muitas mudanças na minha vida, principalmente em relação ao olhar de minha família sobre mim por estar cursando uma faculdade. Minha irmã Terezinha sempre me pede orientação a respeito dos conteúdos ministrados para os seus filhos e sempre ajudo e comento um pouco sobre o assunto. E houve também pessoas de fora, estou lembrando agora, uma senhora da comunidade Santo Antônio nos chamou, eu e meu esposo e nos agradeceu por ter feito com que seus netos aprendessem a lê e a escrever porque segundo ela, durante todo o tempo que eles tinham estudado eles não tinham aprendido isso, para mim foi muito importante ver que eu tinha feito um bom trabalho. Pode ser que quando terminar abra-se portas e que as pessoas responsáveis pela educação nos deem oportunidade para mostrar nosso trabalho, que nos enxerguem como profissionais e não como objetos manipuláveis.

Durante estes quase 5 anos de PARFOR, eu mudei bastante, como pessoa, como profissional. Com relação as minhas aulas, procurei conhecer meu aluno antes de aplicar qualquer conteúdo, adequando o conteúdo de acordo com a realidade dos alunos, incentivando os mesmos a tomarem gosto pela leitura através das histórias infantis, música, contos, poesias entre outros. Comecei a ensinar através de jogos, brincadeiras, alfabeto móvel, brinquedos de sucata, enfim minhas aulas mudaram bastante e hoje noto o quanto mudou, pois, ao trabalhar assim as crianças aprendem de maneira significativa e aprendem brincando. E ao confeccionar os brinquedos com eles, eles aprendem o processo de aprender a aprender, pois é aquele processo que eles não pegam pronto, mas que aprendem fazendo. Hoje tudo que fiz na pratica levei a minha escola, mas também levei teoria para me embasar na minha vida profissional.

Hoje o que eu fazia de errado que era ensinar a criança ser robótica com o abc, ensinando letra por letra, já não faço mais. Agora ao entrar na sala sempre realizo uma dinâmica, ou conto uma história e faço a interpretação com os alunos, trabalho uma música, converso bastante e a partir daí é que vamos para as atividades. Aprendi que o professor deve sempre motivar o aluno, fazendo com que ele tome gosto pelas aulas e queira sempre frequentar. O professor é um facilitador da aprendizagem do aluno, não sendo mais o centro de tudo e sim o aluno e com isso o professor deve desenvolver boas metodologias para que o aluno sinta interesse em estudar. O brincar é essencial na aprendizagem da criança, pois desenvolve seu raciocínio lógico de maneira significativa.

O que eu mudaria no curso de Pedagogia seria a carga horaria, uma disciplina voltada aos indígenas, um interprete para eles, pois é muito difícil o entendimento dos mesmos em relação às aulas, incluiria na grade uma disciplina que trabalhasse o multisseriado, pois é nossa realidade e até agora só se falou na teoria e por longe o que necessitamos é da prática, com metodologias corretas para se trabalhar o multisseriado em sala de aula. Como o professor faria um plano que abrangesse todos da turma, como desenvolver o conteúdo para os alunos, isto não foi ensinado e é uma realidade difícil. Como professora me sinto perdida em relação ao ensino com tantas séries diferentes em uma única sala. As vezes não dá para se trabalhar da maneira que queremos, porque tem que pensar nos outros que são de outra série e não acompanham.

Hoje, me auto avaliando, percebo como mudei como pessoa, como profissional, desde 2016 quando iniciei o curso, o quanto eu aprendi e também o que já levei para minha sala e ainda irei levar para meus alunos. Sinto-me uma verdadeira professora, alguém capaz de executar suas funções em meio a sociedade, capaz de educar os filhos de maneira significativa, diferente de antes, com amor, compreensão. Antes do PARFOR eu ficava perdida na hora de ensinar, agora sou capaz de ensinar de diferentes maneiras as crianças.

Eu já era casada, continuo casada, não me separei nenhuma vez, não tive filhos neste período continuei com meus dois somente e pretendo continuar, quando meu filho caçula nasceu eu ainda não estudava, mas ao começar ele era muito pequeno e merecia cuidados por ser um bebê de cinco meses.

Durante estes quase 5 anos de PARFOR, minha vida não foi fácil sempre, tive que acordar cedo para fazer os afazeres domésticos, já que não tenho condições para pagar alguém para fazer, levanto faço café, lavo roupa, louça e as vezes tempero a comida para fazer quando chegar da aula. No período de 2017 meu pai teve um grave problema de saúde e a partir de então ele não teve mais saúde, não consegue mais trabalhar no pesado e isto me abalou muito, fiquei sem chão, com medo de perder meu pai, por ser muito apegada a ele, mesmo ele estando longe, pensei em desistir da faculdade e ir embora morar perto dele e poder ajudá-lo de alguma forma, conseguir um emprego e assim ir cuidando dele e ajudando nas despesas.

Então meu esposo me convenceu que a melhor maneira de ajudar seria estudando, terminando meus estudos e trabalhando para que eu pudesse ajudá-lo todos os finais de meses. E por isso estou aqui para o que ele precisar e no dia que eu levantar o meu canudo, irá ser em homenagem a meu pai, um homem guerreiro,

batalhador, que se esforçou todos os dias para que eu me tornasse alguém na vida. Por sempre ter acreditado que a educação transforma o mundo e muda o pensamento das pessoas. Também tive um grave problema de saúde que pensei em desistir, pois as vezes vinha as aulas, mas não dava atenção por estar preocupada, por não ter resposta para minha dúvida, nessa dificuldade meu pai está sempre me dando apoio para que eu siga em frente e não desista de meus sonhos.

Quando ingressei no curso de Pedagogia pelo PARFOR, na UEA, foi no mês de junho de 2016, e estudávamos durante o período das férias. Neste ano lecionava na zona rural, na comunidade Conceição do Raimundo, escola intitulada: Coronel Nilo Pinheiro, atuando numa turma de sexto ao nono ano, multisseriada, na qual a maioria dos alunos não eram alfabetizados, então procurei alfabetizá-los da minha maneira, já que ainda não tinha tanto conhecimento, pois eu só tinha o ensino médio. Fiquei 4 anos nesta comunidade.

Em 2017, ingressei na comunidade Igarapé Dona Nenê, neste período já estava com um ano de curso, ainda faltava muita experiência, para poder desenvolver melhor o trabalho, onde a turma era de pré ao quinto ano, e as de ensino fundamental não liam nem escreviam pequenos textos. Lecionei na devida comunidade durante dois anos, conseguindo alfabetizar aquelas que não liam nem escreviam.

Em 2019, por motivo de saúde vim para a cidade, passando alguns meses desempregada, pois por não querer ir para o interior, o secretário de educação disse que não havia vaga na cidade. Mas um vereador nos ajudou e foi possível trabalhar, atuando na escola Francisca Gomes Lobo, numa turma de Pré II.

Em 2020, comecei a receber salário por conta de um processo seletivo onde eu estava esperando ser chamada para a mesma escola, porém por conta da pandemia, as aulas pararam e não foi possível, mas houve o seletivo e fiz para o interior. Não houve aula, ficamos apenas ganhando até o mês de novembro.

Em 2021, lecionei na escola Francisca Gomes Lobo, iniciei numa turma de terceiro ano do ensino fundamental, como titular, houve o processo seletivo e tive que fazer para auxiliar por não ter concluído a graduação, agora estou numa turma de pré I.

### **A pandemia de Covid-19**

A pandemia do novo coroa vírus afetou o mundo inteiro, inclusive as escolas, universidades, atrasando todo contexto educacional. A nossa faculdade atrasou. Quando o Covid-19 chegou em nosso município, estávamos iniciando o Estágio II, porém só foi possível concluir duas semanas de estágio. As aulas municipais, assim como as estaduais, pararam. Impossibilitando a conclusão do estágio. Ficamos um ano parados, esperando que viesse uma vacina para acalmar e amenizar os corações das pessoas, para que elas viessem pensar numa maneira das aulas voltarem, todo o curso atrasou. Para concluir o Estágio ao retornar, tivemos que assistir vídeo aulas, aulas essas cedidas pelo governo do Amazonas para as crianças, aulas online. O curso só retornou em 2021, com muitos obstáculos, estamos concluindo nossas atividades.



## Considerações Finais

Escrever um texto sobre minha própria vida é ressignificar meus projetos, é ver meu sonho sendo concluído, é ver que cheguei ao final de uma graduação, a qual nunca pensei ser possível um dia realizar. É olhar para trás e sentir a felicidade de estar me formando no meu próprio município. Perceber que cada dificuldade vivenciada valeu a pena, toda luta, todos os imprevistos, é ter a sensação de dever cumprido.

Durante o curso fui mudando minhas práticas pedagógicas, comecei a olhar a criança com um novo olhar, uma nova maneira de educar. A falta de reconhecimento era um obstáculo, por mais que a gente se esforçasse, que as mudanças tivessem sendo vistas, mesmo assim não tínhamos o reconhecimento. Mas nem por isso deixei de valorizar meu trabalho, me esforçar, fazer um bom trabalho no interior, onde trabalhava, pois era gratificante ver as crianças aprendendo a ler e escrever.

Por isso vivemos dias de luta, mas hoje ao está concluindo o curso estamos no nosso momento de glória. Minha família me vê como um exemplo de superação, e hoje já está se vendo alguma mudança em relação a nossa formação, a maioria está sendo lotado nas escolas da sede do município, ganhando seus respectivos espaços, tentando inovar nas metodologias. Para que os outros colegas de profissão venham refletir sobre sua prática cotidiana.

Acredito que esse foi a melhor graduação que eu poderia ter feito, pois a Pedagogia abrange muitas áreas, permitindo que o formando atue em ambientes que vão além de ser apenas professor, abre muitas oportunidades não vistas em outras graduações. A pedagogia me permitiu ver o mundo infantil com outra visão, que criança não é um ser indefeso, incapaz, mas sim detentor de direitos e que é necessário respeitar cada um desses direitos. Não escolheria outro curso, hoje sei que Pedagogia é o curso mais preparado para o acadêmico.

Almejo daqui em diante, me tornar cada vez mais pesquisadora, buscar ser sempre uma professora dedicada ao meu trabalho, quebrando o paradigma do tradicionalismo, levando sempre o novo a meu cotidiano escolar. Com um desejo de me tornar professora titular, para que assim eu possa realmente aplicar minha metodologia, já que como auxiliar eu apenas ajudo o titular de sala. Irei me especializar cada dia mais, buscar o máximo de conhecimento existente para me tornar uma professora brilhante para meus alunos, a professora que um dia eu quis ter e nunca tive durante meu período de estudo no ensino fundamental.

Portanto, é tremenda a felicidade com que escrevi cada detalhe do meu trabalho final, algumas vezes as lágrimas escorreram no meu rosto ao lembrar do quanto foi difícil, mas eu estou aqui, contando minha história, escrevendo um novo capítulo na minha vida.



## CAPÍTULO 15

### MINHA EVOLUÇÃO ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA

Jeamerson Bernardino de Araújo

Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### **Introdução**

Este texto traz a minha trajetória de vida pessoal, profissional e relata aspectos profissionais no decorrer da minha caminhada acadêmica. Ao longo do meu percurso, a minha prática pedagógica foi bastante promissora. As discussões apresentadas ao longo do texto são frutos de pesquisas e vivências, com intuito de apresentar contribuições frente aos desafios postos pela educação.

#### **Meu caminho até a escola**

Sou natural da cidade de Eirunepé, minha vida escolar se iniciou na cidade de Eirunepé, nasci em 1993, tenho três irmãos que são: Gean, José, Carol, minha mãe se chama Ducimar e meu pai, Hélio. O meu primeiro contato com a escola foi assim: minha família era muito pobre e antes do meu primeiro contato sofri um abalo muito grande, a separação dos meus pais, foi muito ruim para mim. Mas mesmo com isso, minha mãe jamais quis que eu deixasse de estudar, ela me matriculou na escola que se chama Casinha Branca, foi onde eu tive o meu primeiro contato com uma escola, foi muito encantador, foi uma alegria danada, a minha mãe me levou pela primeira vez, fiquei muito animado mas eu também estava sofrendo muito por que sentia muita falta do meu pai, mas eu não demonstrava para minha mãe para não constrangê-la, eu não queria que ela ficasse triste.

Minha primeira professora parecia se uma pessoa boa, ela me tratava bem, mas os meus colegas que tinham uma renda melhor que a minha eram tratados diferente, melhores que eu, eles e outros coleguinhas que estudavam comigo mangavam de mim porque eu não tinha uma mochila e nem uma roupa boa, mas para mim as minhas roupas eram boas, mesmo simples, eram a minha mãe mesma que fazia para eu vestir.

Era muito difícil eu ter uma roupa já comprada pronta da loja, mas na escola eu era muito aperreado pelos meus coleguinhas que estudavam comigo por causa de minhas roupas, que para mim eram boas e bonitas, mas, para os meus colegas eram roupas muito feias e aquilo me constrangia muito, eu queria logo era que começasse a aula e logo acabasse para que eu saísse daquele lugar, que no começo era uma maravilha

e logo fiquei com muita raiva da escola, tudo por causa do preconceito que sofria lá, mas, com o tempo eles ficaram mais amigáveis comigo.

A minha mochila era um saco de bolacha ou uma sacola, era a minha mãe que providenciava para mim, ela colocava o meu material dentro do saco para que eu a levasse em segurança e não melasse o meu material, e também para proteger das chuvas. Também riam muito de mim por causa da minha bolsa, mas mesmo com aquilo tudo, para mim era encantador ir para a escola, aprender, e ver a minha mãe alegre, ela me incentivava muito para que eu não desistisse da escola.

O meu calçado que era uma sandália havaiana, não era um sapato ou uma sandália de marca, porque as condições não davam para comprar. Em um belo dia quando ia para a escola, a minha sandália quebrou e eu fui só com um lado da minha sandália para a escola, meus colegas mangaram muito de mim e também me ajudaram, providenciaram um prego para eu colocar em minha sandália e ficou muito bom.

Eu muito cedo comecei a trabalhar, ainda muito pequeno mesmo, era para ajudar a minha mãe, ela trabalhava como diarista, era a nossa fonte principal de renda para nos manter vivos. A minha mãe fazia carvão para vender e eu ajudava ela para termos um dinheirinho a mais para nos manter, antes de ir para a escola eu ia primeiro trabalhar no carvão com a minha mãe, eu pegava uma sacola e catava o carvão e colocava numa sacolinha e vendia por dois reais e eu pegava o dinheiro e dava para a minha mãe para ajudar no sustento, mas a minha mãe não deixava eu faltar as aulas, tinha dias que passava necessidade mas, ia para a escola da mesma forma.

Lembro que a minha escola a casinha branca era pintada de branco, tinha cinco salas, um refeitório, era de alvenaria sua construção e era cercada de ripa de madeira. Quando fui pela primeira vez lá era uma animação danada, mas com o passar dos dias fui vendo que a escola não era um lugar de brincadeira, mas sim de regras, eu era humilhado na escola só porque era pobre e de uma família muito humilde sofri muito por causa do preconceito. Nunca compartilhei com minha mãe o meu trauma durante o meu primeiro contato escolar, até hoje guardo rancor, fui levando a vida para não preocupar a minha mãe, só porque eu era pobre, era excluído, sempre ficava sendo o último da turma, aquela forma que a professora me tratou me prejudicou muito no decorrer da minha vida escolar. Um dia briguei com um coleguinha, mas não foi culpa minha, mas quem sofreu fui eu, por que eu era pobre, pensei em fugir e nunca mais voltar para lá, apanhei muito sem merecer, mas eu nunca contava para minha mãe para que ela não se preocupar comigo devido a esses preconceitos.

O meu ensino fundamental me traz muitas lembranças, tive uma professora que me traumatizou, tive uma que também era mulher, mas me tratava muito bem, ela não tratava os alunos sem recursos de forma diferente, mas sim, igual, para ela todos que estavam na sala tinham o mesmo valor. Ela tratava todos sem preconceito, todos recebíamos atenção, gostei muito dela, dos seus conteúdos e de sua didática.

A minha escola não era muito grande, mas era bem acolhedora e bonita, tinha quatro salas um refeitório dois banheiros, as cadeiras eram pequenas e acompanhavam uma mesa, também pequena, o quadro era reutilizado, tinha giz para escrever e não era muitas vezes disponibilizada a farda, tínhamos que comprar. E cada escola que passava cada uma tinha uma estrutura diferente, umas eram maiores, tinha material didático, uma boa merenda, que muitas vezes eles pediam para que nós levássemos verduras para a escola, para temperar a merenda.

A minha mãe, com a ausência de meu pai, ficou sobrecarregada de todas as tarefas, ela trabalhava o dia inteiro e a noite ela ainda estudava, eu ficava com os meus irmãos em casa, o que era para mim muito ruim, pois sem a presença da minha mãe, os meus irmãos me batiam.

Eu tinha um tio chamado Antônio, ele me colocava na linha, no caminho certo da vida, sou muito grato a ele por ter me guiado e me livrando das más influências. A minha mãe, mesmo com o pouco tempo que tinha comigo, me tratava muito bem, me fazia carinho e cuidava de mim, ela é uma guerreira em minha vida e hoje sou muito grato, por causa dela que estou aqui hoje.

A maior parte das idas para a escola eu ia com o meu irmão mais velho, o Gean, eu também ia com os meus primos que estudavam na mesma escola que eu, também ia com a minha mãe que quase sempre ia na escola ver se estava tudo certo comigo, mas ela também me levou para a escola e logo que aprendi o trajeto que fazia de minha casa até a escola, eu ia só.

O ensino médio para mim foi uma fase muito boa, porque eu estava terminando uma etapa para um novo recomeço. Estudei na escola estadual Francidene Soares Barroso, é uma escola grande de dois andares, com muitas salas, com um refeitório, dois banheiros, uma biblioteca e uma sala que era um laboratório, hoje nessa escola as aulas são integrais, o dia todo.

Hoje alguns dos meus colegas que estavam no ensino médio comigo já fizeram ou estão cursando uma formação, os que já tem uma formação eram filhos de comerciantes, também tenho colegas de turma já estão em busca de uma especialização.

### **Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR**

Quando terminei o meu ensino médio, queria trabalhar, veio a mim a seguinte proposta: lecionar na zona rural, pois iria vir uma faculdade de Pedagogia para os professores que estavam trabalhando na zona rural. Mas eu não queria e trabalhar como professo, ainda mais na zona rural, mas a minha mãe me deu a maior força, ela queria que eu não perdesse a oportunidade e eu aceitei a proposta, fiquei com muito medo porque eu nunca tinha trabalhado como professor, eu estava com muito medo, mas fiz o treinamento rápido, não deu quase para me acalmar, o treinamento foi no máximo uma semana. Mas eu tenho um irmão que já tinha trabalhado na zona rural e eu fiz várias perguntas sobre como é a vida na zona rural e a forma de se trabalhar, ele me deu umas informações que me ajudaram muito, o modo de vida era fora da rotina que eu

tinha na cidade, ele me informou como trabalhar, o modo de agir, certas coisas que eu podia ou não fazer. O que me levou a ir trabalhar na área da educação foi esse processo todo, lá fui eu pela primeira vez trabalhar com a educação na rural.

Minha primeira experiência de trabalho na zona rural foi na escola João Dantas de Brito, na comunidade Boca do Xerué, que fica localizada na parte de baixo do rio Juruá, é a última comunidade, numa escola de madeira com uma sala só, um quartinho muito apertadinho, a escola já era bem velhinha, toda torta, tinha sido pintada, mas a tinta já estava muito gasta, era uma cor branca e a outra era azul, tinha uma varanda, as cadeiras eram todas velhas, umas quebradas, outras faltando um pedaço. Esperei por três anos para poder fazer ou cursar uma faculdade, aí veio o PARFOR.

### **Estudando, trabalhando e lutando: o percurso da minha formação**

Minhas incertezas começaram a aparecer no surgimento das primeiras disciplinas, era uma coisa que eu não tinha um caminho certo para seguir, era uma coisa nova com muitas informações. Logo no início vem o medo de perguntas e o difícil era que ainda nunca tinha caminhado dessa forma, fiquei muito aperreado nas primeiras disciplinas, o nervosismo era ainda muito grande, também o medo de não conseguir tirar uma boa nota nos trabalhos e seminários, eu tinha medo de que quando tivesse explicando um trabalho, eu me perdesse, e com o passar dos dias foi ficando mais fácil, fui perdendo o medo, e viver aquele medo era algo que ia trazer bons resultados, eu ficava muito incomodado com as perguntas, eu tinha medo de responder, mas ali eu estava me transformando para seguir um caminho bom.

Com o decorrer do tempo, comecei a entrar no ritmo, reconhecendo vários autores, várias teorias que faziam parte do meu estudo e quando compreendi suas teorias, eu via que tinha a ver com o meu próprio eu. Não foi nada fácil para mim, eu ficava preocupado com o assunto e a prova, se eu ia conseguir tirar uma boa nota, era muito medo de não conseguir. Entre tantos conhecimentos, eu tinha medo de que meus trabalhos não fossem produtivos, mas com o decorrer das aulas, fui entrando no ritmo de pensamento que ia se tornando definido para a minha compreensão. O processo das aulas foi ficando cada vez melhor, fui criando uma relação boa, não mais de desafios, mas sim como resolução de problemas.

Eu estudava determinado assunto, entendia, mas na hora de apresentar o seminário o nervosismo fazia com que eu esquecesse de todo o assunto que tinha estudado. Era uma pressão danada, um monte de assuntos novos, eu tinha que estudar rápido porque tinha mais conteúdos vindo e era difícil de compreender, era uma chuva de conteúdos, teorias e mais teorias, eu ficava aéreo com tantas teorias. Ficava com muito medo mesmo e também não tinha como fazer impressão do material para que eu a estudasse pelos textos, pois estava sem emprego e essa renda e tinha que me virar com o que podia, não era bom não ter aquela condição de comprar certo material para estudar, pois as condições não davam, isso também afetava bastante na minha compreensão de conteúdo.

A relação que tinha com a minha família nos decorre dos períodos era bem ruim, porque a minha mulher não entendia quanto eu estava estudando, ela achava que eu queria deixar ela, a minha vida ficou bastante complicada, pois ela ficava com muita raiva de mim durante o período que eu estava estudando, os meus filhos também sentiam falta de mim, pois durante o meu estudo eu não tinha quase tempo para ajudar em quase nada a minha mulher em casa.

Meu comportamento mudou muito, as pessoas viram que modifiquei muito meu jeito por causa da minha formação, notaram que eu estava ali porque queria ver mudança boas futuramente. Passei a ser visto como uma pessoa melhor, com um conhecimento que vem trazer um bom caminho para a educação, as pessoas me começaram a pedir uma ajuda, também notei que faço a diferença na educação. Comecei a ser visto como homem de respeito e conhecedor da educação. Antes de não ter uma formação era bem diferente de como sou visto na sociedade agora.

Já nas minhas aulas as transformações foram muitas, antes a minha base era só o ensino médio e eu tinha que me virar como dava para ensinar, ainda numa turma multisseriada, era bem complicado para mim lidar com aprendizagens em séries diferentes. E durante o PARFOR se abriu um leque de oportunidades de como se trabalhar, ficou muito melhor para mim. Trabalhei de uma forma ampla e ficava mais fácil para mim porque eu entendia as crianças, os seus sentimentos, problemas, ficou tudo mais fácil de trabalhar em sala de aula, houve em mim uma transformação muito boa, pois com o PARFOR aprendi como lidar com as crianças no seu desenvolvimento escolar.

Cada dia concluído foi uma vitória e quando comecei a vivenciar a graduação eu já estava trabalhando como professor e cada dia que concluía só tomava mais e mais conhecimentos. Uma formação contribui muito, muda sua forma de pensar, de agir, de falar, muda sua didática por completo para atuar como professor. A importância da faculdade se reflete no aumento das oportunidades e nos capacita, nos possibilita ganhar melhores conhecimentos nas áreas específicas que queremos, tanto para nossa vida profissional, quando para a nossa vida familiar.

Durante o curso de Pedagogia que iniciou em junho de 2016 e finalizou em outubro de 2021, foram diversas as profissões em que tive que atuar durante essa jornada. Sempre procurei prosseguir na área da Educação, sempre foi um dos meus objetivos, trabalhar nessa área, vencendo as dificuldades.

Em 2016 iniciei a graduação em Pedagogia e estava trabalhando como professor no interior do município de Itamarati, contribuindo com a educação na comunidade Boa Esperança, com turma com alunos 13 alunos, era a turma multisseriada, de 1º ao 9º ano do ensino fundamental.

No ano de 2017 fui chamado para exercer minha profissão como professor na cidade, numa escola pública municipal, a Padre Guilherme Burmanje, trabalhei como professor de Educação Física, do pré I ao terceiro ano.

Já em 2018 teve um seletivo e eu não consegui passar como professor, mas consegui continuar atuando na mesma escola, só que não como professor, mas sim nos serviços gerais. Tinha dias em que a professora faltava e eu era chamado para prosseguir a aula, eu adorava e ainda adoro muito trabalhar como professor. Eu consertava cadeira, mesa, fechadura das portas e animava os alunos vestindo uma roupa de palhaço, cantava, brincava com fantoches para distrair eles, para quê aulas se tornassem cada dia mais produtivas.

No ano de 2019 fiz o processo letivo e consegui passar para o interior, fui chamado para trabalhar na mesma escola que já vinha atuando, a Padre Guilherme Burmanje, que é uma escola municipal. Dei aula do pré I ao 4º ano do ensino fundamental e também a noite nas turmas do EJA de 1º ao 9º ano.

No ano de 2020 fui contratado mais uma vez através do seletivo, sendo chamado para permanecer na mesma escola, a Padre Guilherme Burmanje, escola municipal. Trabalhei no turno vespertino com a turma do 3º ano do Ensino Fundamental, como professor de Matemática e das demais matérias.

Em 2021 permaneci na mesma escola, seu ano letivo iniciou em fevereiro e trabalhei nos meses de fevereiro e março, então teve outro processo seletivo, eu passei e estou atuando como professor até hoje, no turno da noite, com a turma do EJA, com alunos do 5º ao 9º ano.

### **A pandemia de Covid-19**

Durante a pandemia, minha vida foi um desafio muito grande, tivemos que enfrentar a falta de trabalho, pois eu era só um contratado e não poderia trabalhar, depois veio a falta de muitas coisas, inclusive alimentos, e do próprio sustento.

Todo dia era de superação, tinha que me cuidar, eu não queria que minha família se contaminasse. Tínhamos que supera os desafios como a morte de pessoas muito íntimas e os desafios da vida durante esse período. Para mim é muito difícil falar sobre esse momento, ainda não consegui superar, ainda estou em choque com tudo isso que aconteceu e ainda está acontecendo, inclusive perdi a minha vozozinha durante esses meses. Se conseguisse se expressar em lágrimas eu não escreveria. Minha mãe pegou a covid-19, não foi nada fácil, vinham as precauções que deveríamos tomar para não nos contaminarmos, tínhamos que ficar em isolamento e vinha o desespero de acontecer o pior. Eu não queria ficar nenhum momento longe da minha mãe e ela ficou em casa mesmo, vê-la numa situação muito ruim é desesperador, mas eu não queria ficar longe e não saí de perto dela nenhum momento, eu ficava sem ânimo para viver. Ela foi muito forte e superou, mas eu ainda acordo no meio da noite com vários pensamentos ruins e o que tinha nos passado e ainda estava estamos passando, pois academia afetou o mundo inteiro tanto financeiramente como mentalmente de todas as formas.

Referente a academia, é importante destacar que a turma foi uma família muito forte e unida, foram muito solidários uns com os outros e não negaram ajuda, sempre ajudaram uns aos outros e sinto que



precisarão estar dispostos a ajudar, embora estávamos passando por momentos muito difíceis mas mesmo assim foram solidários com os colegas.

Minha vida acadêmica durante a pandemia foi muito difícil, tenho filhos e família e não foi nada fácil passar por dificuldades e necessidades. Tivemos que nos preocupar com a pandemia e com a formação em Pedagogia.

A coordenação local sempre que precisávamos nos ajudava, sempre que estávamos mais precisando éramos correspondidos. A coordenação geral foi e ainda é e são muito prestativos, trabalhando nos conformes de acordo com as nossas necessidades, procuraram sempre nos ajudar e não negaram esforços nenhum.

Esses últimos meses foram muitos difíceis pois tínhamos que nos preocupar com as discussões das disciplinas e também com a pandemia, eu tinha uma leitura de mundo muito difícil, não sabia o que esperar para o dia de amanhã, não sabia o que poderia acontecer, pois nada estava fácil, continuei seguindo o meu objetivo que era concluir a minha formação. Fizemos várias leituras diferentes, uma sobre pandemia e a outra sobre a formação, mas a leitura que eu fazia era a partir de discussões com os colegas, nossa turma não é uma turma, mas sim, uma família.

Nos encontros não queremos quebrar toda a segurança e cada família tinha que responder no momento para se prevenir da pandemia, para não comprometer a sua saúde e a da sua família. E logo de início procurávamos ajudar um ao outro pelo WhatsApp, alguns colegas com condições muito difíceis, não tinham celular que não tem celular, tivemos que tomar as maiores precauções para não comprometer eles e nem as suas famílias, nos encontrávamos com responsabilidade para não transmitir nenhuma doença, seguíamos todas as normas de segurança.

Graças a Deus teve vacina, aí veio aquela respirada de alívio, um pouco de calma e começamos a nos encontrar presencialmente para discutirmos nossos trabalhos e tirar as dúvidas que tínhamos.

### **Considerações Finais**

A importação de ter cursado Pedagogia pelo PARFOR-UEA foi muito grande, pois é através da formação que podemos entender e melhorar nossa linguagem e compreender também os alunos, a apreensão do conhecimento historicamente produzido aumentou bastante. É uma formação, é um compromisso, ela nos dá valores, atitudes e práticas que se expressam também sobre os direitos humanos e podemos compreender melhor os alunos nos espaços, tanto nas escolas, quanto na sociedade, colaborando no desenvolvimento cognitivo, social, ético e político.

O curso mudou minha forma de pensar e minhas práticas pedagógicas na educação, é necessário considerar que estamos falando de uma formação que constrói valores, melhorando o desenvolvimento na área da educação, ensinando como lidar com as normas da Educação.

Só tenho que agradecer, pois é um sonho que se realiza e é muito significativo concluir uma formação onde nos encontramos repletos de exemplos para melhorar e aprimorar as nossas práticas pedagógicas e que vai nos auxiliar bastante em nosso cotidiano.

O curso me forneceu uma nova forma de pensar, de agir e de trabalhar em sala de aula, favoreceu também, e principalmente a minha didática-pedagógica e mostrou como devo atuar e enxergar a vida de cada aluno e suas atitudes na escola, entendendo o desenvolvimento de cada aluno.

Logo de início você fica muito constrangido por ter pouca experiência na área de educação, mas tudo muda no decorrer e tudo se transforma. Eu me comprometi com educação, estou concluindo uma formação e através dela os meus conhecimentos foram aperfeiçoados na educação, não pretendo parar por aqui, e vou seguir sempre atuando como educador, vou caminhar sempre buscando uma prática pedagógica que favoreça a transformação dos alunos em bons cidadãos para uma sociedade melhor.

É muito desafiador e gratificante realizar um curso superior, pois temos que superar várias contradições, como ter muitas matérias e termos que correr atrás de materiais para estudar. E ainda tivemos que nos deparar com uma pandemia que foi um desafio, nos transmitiu uma onda de coisas ruins. É sobrevivendo as dificuldades que vem as realizações e as expectativas para um futuro melhor.

## CAPÍTULO 16

### A LEITURA E A ESCRITA TRANSFORMAM VIDAS

Jhennifer Viana Siqueira

Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### **Introdução**

O atual memorial tem como alvo, expor a minha formação escolar e as experiências que vivi e obtive durante todo o caminho como discente e docente, onde boa parte do conhecimento adquirido veio a partir do momento que adentrei no Curso de Pedagogia.

No desenvolvimento acadêmico enfrentei diversas dificuldades, mas venci com ajuda dos educadores que contribuíram para esse processo, com isso, tem-se a ideia de que ser um profissional do ensino não é simples, pois é necessário considerar a intencionalidade da atividade docente. Também não podemos esquecer que ser professor é se relacionar, é estar imerso nas relações interpessoais e se fazer delas para efetivar sua função.

Nesse ponto de vista, formar docentes não é atualizar os conteúdos da disciplina que leciona ou os métodos de ensino, mas está além disso e é preciso, antes de tudo, que o professor se envolva com a sua formação compreendendo que é necessário manter uma relação mútua entre as experiências anteriores e as experiências do processo formativo, com isso o professor tem papel fundamental neste processo de formar cidadãos mais reflexíveis e éticos.

Todas as fases foram vivenciadas com muita fé, acreditando que quando há dedicação, o resultado desejado será encontrado, a realização pessoal alcança seu nível de maturidade em cada etapa vivida na vida.

#### **Meu caminho até a escola**

Nasci no dia 29 de setembro de 1994. Sou filha de Margarida Morais Viana e de Raimundo Nonato Gomes Siqueira, tenho 2 irmãos e duas irmãs: Raimundo de 34 anos, Josué de 31 anos, Elizana de 28 anos e Laudiane de 23 anos. Sendo filho de só um pai e de só uma mãe, nós sempre fomos filhos muito educados.

Posso dizer que minha infância foi boa, nasci na cidade de Itamarati, no estado do Amazonas, sempre tive toda a natureza e o tempo livre para brincar, aprontar e chorar também. Meus pais sempre me deixaram livre para aproveitar minha infância: eu brincava com minhas irmãs e com meus amigos, jogava bola. Brincava

de boneca, comia frutas, tomava banho de chuva e brincava muitos com minhas irmãs. Mas o que eu mais gostava era tomar banho dentro do rio e cuidava de meu macaquinho que era uma felicidade.

Comecei a estudar em 2003, eu tinha 8 anos na 1ª série, estudava na escola municipal Padre Guilherme, com o professor José Martins, ele tinha um jeito muito legal de ensinar os alunos, primeiro ele ensinava as vogais, depois o alfabeto e as sílabas. A escola tinha estrutura de alvenaria, tinha salas, sendo cinco salas de aula, uma biblioteca, uma sala e a secretaria.

Em 2004, com 9 anos, na 2ª série, estudei na mesma escola com o mesmo professor, o ensino foi o mesmo, mas ele modificou só leitura em frase. Em 2005 com 10 anos, na 3ª série, estudei na mesma escola com a professora Rosilene. No final de 2005 meu pai foi embora para uma comunidade chamada Praia da Cacai, ficava no município de Eirunepé.

Em 2006, com 11 anos, na 4ª série, estudei na escola municipal Coração Sagrado de Jesus, a estrutura da escola era de madeira, com o professor Wagner, o ensino era diferente da cidade, quando o professor chegava todos os dias tinha um momento de rezar e só depois tinha o momento da atividade.

Era uma sala multisseriada na qual penso até hoje, este era um motivo por não serem bem aplicado os conteúdos, pois o professor não tinha tanto tempo para ajudar a uma série específica, pois é muito difícil um professor conseguir trabalhar com muitas séries de vários níveis em uma única sala. Na escola sempre era uma quantidade de 26 alunos, a merenda era feita por uma mulher que morava na comunidade a qual todos os alunos chamavam de Dona Maria.

Em 2007, com 12 anos na mesma escola, mas na 5ª série, com a professora Elim, tinha o ensino muito bem mais qualificado, ela primeiro fazia um dinâmica e só depois que ela começava as atividades, porém continuava multisseriado, foi aí que eu não desenvolvi o meu aprendizado. Em 2008 com 13 anos, na 6ª série, com a mesma professora na mesma escolar, o ensino já foi diferente do ano anterior.

Em 2008, com 14 anos, na 7ª série, continuei com a mesma professora, com ensino diferente em multisseriado, com a turma de 20 alunos, na hora do recreio era sempre livre, nós corríamos, brincava de pega, jogar bola, mas muitas das vezes por ordem de minha mãe, eu não podia ter recreio, porque não queria fazer as tarefas. Minha mãe então, falava para o professor me deixar dentro da sala, confesso que parecia que tinha andado uns dez anos sem aproveitar o tempo, só olhando por uma janela com a minha tarefa na minha frente.

Depois da hora de ir embora, era bem tranquilo porque quase todos moravam ali bem perto e quem não morava perto eu e minha mãe íamos de canoa na casa dos colegas. Em agosto de 2009 meu pai resolveu ir embora para a cidade de Itamarati, daí não deu para mim concluir a 7ª série e fiquei reprovada.

Quando foi no começo de 2010, com 15 anos, na mesma série, minha mãe me matriculou no colégio estadual Francineide Soares Barroso, a estrutura era de alvenaria, com os professores José Aldair, Beleza Viana, Rosilene, Giliarde. Os professores tinham outro jeito de ensinar, era muito diferente da escola da

comunidade, eu estudava de manhã. No começo eu era muito tímida, não conhecia ninguém, só depois fui me adaptando com os colegas. Achei realmente que o ensino que tinha na escola rural foi bem lento, mas significativo para mim, tive um impacto muito forte ao chegar numa sala que tinha mais de trinta alunos numa única série e cada sino da campainha, trocava de matéria, e conseqüentemente de professor, também os conteúdos não tinham nada a ver com o que eu via na outra escola.

Sabe quando você pensa que está num lugar que você não deveria estar? Pois era assim que eu me sentia nos primeiros dias na escola em que eu estava, outras coisas que sentia era muita falta dos diálogos que eu tinha com a professora na zona rural, assuntos que eram bem interessantes. Hoje sei que muitas das conversas eram bem prazerosas, porque ela num momento simples, tirava muitas dúvidas nossas. Quando fui estudar na cidade, nenhum professor se preocupava com os alunos, só se lembravam do nome, muitas vezes, por causa da chamada e isso também me fazia questionar.

Quando eu ia passar minhas férias na comunidade, aonde o meu irmão mais velho era professor, me divertia muito com os amigos que eu fazia na comunidade, nós íamos contar histórias em quadrinhos e como não tinha domínio com a leitura, eu mesma dava sentido para história que eu estava vendo. Eu adorava tomar banho no rio com minha irmã mais nova. Adorava acordar bem cedinho e sentir o cheirinho da fumaça do fogão a lenha que a mulher do meu irmão sempre fazia. Pois, a hora que eu levantava ia diretamente para beira do lago assar milho verde, sinto bastante saudade, lembrar-me de coisas maravilhosas que fiz em minha infância.

Em 2011, eu estava com 16 anos e na 8ª série, estudei no mesmo colégio, mas com os outros professores: Cosmo, Manuel, Isabel e Giliarde. Tive que optar em estudar a noite para poder trabalhar e ajudar minha mãe. Quando foi no final do ano, conheci um homem, com ele tive uma filha, depois disso tive que trabalhar como doméstica para poder sustentar minha filha.

Em 2012 optei por fazer meu ensino médio no EJA, na mesma escola e com os mesmos professores. Eu tinha uma filha, minha oportunidade era estudar só a noite, então iniciei no Educação de Jovens e Adultos (EJA) por ser em curto período a conclusão do ensino. Foi assim mesmo que aproveitei a oportunidade para terminar o ensino Médio.

### **Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR**

Minha primeira experiência profissional foi ser babá de um menino de 1 ano, foi em 2010, quando eu tinha 15 anos. A mãe da criança foi na casa de minha mãe perguntar se minha mãe tinha uma filha para cuidar do filho dela, a minha mãe disse que tinha uma filha que gostava muito de criança. Minha segunda experiência foi trabalhar como doméstica na casa de Cleone, hoje ela é diretora de uma escola, passei 1 ano trabalhando na casa dela, era uma pessoa muito legal.

Em 2013 morava com meus pais, enfrentamos a falta de emprego e com uma filha para sustentar, o que tornou a vida mais difícil. Para conseguir me manter, comecei a trabalhar em casa de família para poder sustentar minha filha.

Minha iniciação direta com a escrita e a leitura não foi boa, pois meus pais não tiveram estudo, mas sempre fizeram com que eu tivesse oportunidade de vivenciar a escrita e a leitura. Tudo começou no ano de 2014 quando fui chamada para ser professora na comunidade São Sebastião, na escola São Sebastião, que fica no município de Itamarati. Para isso tinha que sair 7 horas da manhã de canoa para chegar 13 tarde. A estrutura era de madeira com sala de multisseriado com 20 alunos, quando cheguei na escola só havia uma turma com alunos repetentes e eu era inexperiente.

Não era o meu sonho ser professora, no entanto não tinha outra opção, aceitei pela minha filha, meus pais me deram todo apoio, fui para a comunidade no barco da secretaria, como era uma comunidade muito longe, pois gastava 6 horas de canoa, não levei a minha filha deixei com a minha mãe, era uma realidade nova para mim, não sabia o que me esperava, quando cheguei na mesma encontrei alguns desafios, eu era uma mulher solteira, acostumada com a vida na cidade, não tinha canoa, nem motor, então para mim vir na cidade receber o salário e ver a minha filha o meu pai precisava se deslocar até a comunidade me pegar me levar de volta, e com isso eu gastava uma parte significativa do meu salário. E foi dessa forma que me tornei professora, porém graças ao curso de pedagogia acabei me apaixonando pela profissão.

Com uma filha pequena, que ainda precisava de meus cuidados. Vieram as incertezas, se realmente queria essa profissão por também não querer essa profissão. Muitas dificuldades enfrentei. Uma das primeiras foi a localização da comunidade, que era a penúltima do município, os materiais didáticos eram precários, também não tínhamos acompanhamento pedagógico. Era uma grande aventura, brincar de ensinar para aqueles alunos que tanto queriam aprender. Hoje reconheço que este contato com a zona rural foi uma experiência válida.

Quando estava no barco com destino a comunidade São Sebastião estava muito apreensiva pois, tinha terminado o ensino médio em 2013 e um ano depois estava a caminho de uma sala de aula para ser a professora de uma turma, estava muito nervosa sem saber o que me aguardava e com temor de não conseguir ensinar os meus alunos, tive apenas 3 dias de treinamento para aprender a ser professora, fazer planos, preencher documentos e como saber qual conteúdo passar para a turma.

O supervisor da escola me entregou para a comunidade depois de muitas lágrimas derramadas. Ao chegar na sala de aula, percebi que meus alunos tinham quase a minha idade e conquistar ele seria muito difícil e trabalhoso. Descobri que as causas principais daquelas reprovações era o fato de que não sabiam entender o que era proposto nas provas.

Muitas vezes tive que dar aulas sob o olhar dos pais dos alunos pois eles tinham receio do que poderia acontecer na turma onde eu era professora, tinha pouca experiência e quase a mesma idade dos alunos. Tive

algumas surpresas boas, mas também algumas decepções, pois algumas vezes tinha que ceder as ordens que vinham da secretária de educação ou mesmo da direção da escola e que os alunos e eu ainda não estávamos em condições de entender, como as provas, por exemplo. No meu primeiro ano de docência, percebi o quanto seria difícil levar a profissão escolhida por mim há um bom tempo e o quanto ainda teria que aprender no dia a dia da sala de aula.

O primeiro conselho de classe que participei foi muito difícil, levou uma hora e eu não sabia bem o que dizer para os colegas sobre a minha primeira turma, todos deviam estar curiosos em me ouvir. Durante as reuniões de pais, o orientador da escola sempre estava comigo, me dando orientações a respeito da forma como conduzir os assuntos e problemas aos pais. Depois de algum tempo, os alunos começaram a ler e o aproveitamento começou a melhorar e o respeito de todos pelo meu trabalho começou a surgir, me encheu de orgulho e alegria.

Minha falta de experiência me fazia temer o trabalho, pois como lidar com aquela turma, cada um com um problema específico? Porém, a minha pouca experiência e falta de habilidade para lidar com eles dificultava demais o trabalho.

Comecei a me interessar em aprender e a buscar caminhos que pudessem me levar a todos os colegas, acredito que esta foi uma experiência de extrema importância no processo de formação de minha carreira como professora.

Iniciei o trabalho conversando com as crianças sobre o assunto que iríamos tratar nas próximas aulas de português, procurando despertar o interesse sobre o mesmo. O tema em questão já fazia parte do planejamento e deveria ser compreendido como parte, busquei ajudar os alunos a construir esses conhecimentos de uma forma mais agradável tanto para eles quanto para mim.

Na minha concepção, a interação entre os sujeitos é um ponto importantíssimo para realizar ótimos trabalhos em sala de aula, pois só assim o aluno consegue mostrar-se e ver o conhecimento dos seus colegas.

Depois de dois anos trabalhando na zona rural fui removida para trabalhar três anos na cidade, lotada na escola Padre Guilherme e depois voltei a lecionar na zona rural onde estou até hoje.

### **Estudando, trabalhando e lutando: o percurso da minha formação**

Em 2016, ano que iniciou o curso de Pedagogia, eu não trabalhei, pois estava de licença maternidade, nasceu a minha segunda filha no mês de fevereiro, passei 4 meses com o Salário Maternidade e passei o resto do ano sem trabalhar.

Em 2017 trabalhei na Escola Municipal Juraci Fernandes de Oliveira, fiquei numa turma de reforço, juntamente com a minha colega Onilda. A escola fica na estrada do Quiriri, para chegar lá eu precisava ir de ônibus, que me levava e trazia. Era muito difícil chegar lá, eu saía de casa 6h30 da manhã para esperar o

transporte chegar. Era 30 minutos só de ônibus. Trabalhei só de junho até dezembro, porque a escola estava reformando.

Em 2018 continuei trabalhando na mesma escola, mas, por motivo da estrada está muito esburacada, o ônibus não passava e nós ficamos trabalhando na Escola Municipal Padre Guilherme, que fica situada na rua Tupã Super, no horário das 12h00 até as 15h00. Trabalhei de março até outubro, quando entrei em licença maternidade pelo nascimento do meu terceiro filho.

Em 2019 comecei a trabalhar na Escola Municipal Padre Guilherme, com uma turma de educação infantil. Trabalhei de abril até dezembro.

No início de 2020 não trabalhei por motivo da pandemia, somente em setembro do referido mesmo ano que fui chamada para o processo seletivo que tinha feito para trabalhar na zona rural, na comunidade Quiriru, que fica na parte de baixo do município.

Em fevereiro de 2021 fui contratada para trabalhar novamente na escola Padre Guilherme, trabalhei dois meses, pois o contrato teve que ser quebrado por motivos que a prefeitura iria fazer outro processo seletivo. Sendo assim, consegui passar para zona rural na comunidade Cubú, na zona rural e estou trabalhando lá desde então.

O suporte da mudança foi a internet por meio de WhatsApp, houve uma transformação comportamental dos professores para não perder a conexão com nossos alunos e manter a aprendizagem. Tive que aprender algo que nunca foi desenvolvido ao longo de nossa vida, que foi encarar a tecnologia a curto prazo. Eu me deparei com situações que me deixaram muito triste, com dificuldade de engajar os alunos e de lidar com todas as incertezas que a pandemia trouxe.

Minha vida profissional não foi fácil durante esses dois anos em que passamos, quando se está em casa, se quer fazer tudo ao mesmo tempo: dar aula, lavar roupa, lavar louça, cuidar dos filhos e fazer o almoço, o que não é fácil. Agora eu consegui me organizar e está sobrando tempo, no começo não sobrava para nada, até porque estou trabalhando na comunidade e como todos os colegas sabem, na zona rural tudo é bem mais tranquilo, mas no começo não era fácil.

E quando digo perfeição, não me refiro somente ao nosso modo de trabalhar presencial, digo sobre o que devemos adotar e não devemos ignorar as normas e regulações da nossa área, mas adotarmos uma postura mais ágil. Minha profissão foi só como professora. Com essa doença o sustento ficou mais difícil do que era antes, tudo ficou mais caro.

### **A pandemia de Covid-19**

Com a falta de emprego no município, os professores que eram contratados ficaram (aproximadamente metade de nós) desempregados. Minha vida profissional não foi fácil, para garantir o



sustento dos meus três filhos precisei ajudar meus pais na agricultura, no plantio de roça de melão e melancia. Foi assim que eu garanti o sustento dos meus filhos. Às vezes eu saía de casa às 7h00 da manhã e chegava às 12h00 da tarde. A vida não foi fácil, tive que enfrentar o Sol muito quente.

Em setembro de 2020 teve um processo seletivo para a contratação de professores por apenas 4 meses. Fiz para a minha área, para professora. Me escrevi para a zona rural, fui aprovada, mas não atuei, devido à chegada da pandemia. Depois fui contratada pela prefeitura para ministrar aulas na Escola Municipal Padre Guilherme, mas, devido à pandemia as aulas não eram presenciais, eu passava atividades para os alunos e os pais iam até a escola pegar o caderno para levar as atividades para os alunos. Isso era feito duas vezes por semana.

Durante a pandemia minha vida acadêmica não foi fácil, enfrentei muitas dificuldades, mas procurava minimizar os problemas quando surgiam, as dúvidas sobre o assunto em estudo eu procurava tirar com os professores em exercício da disciplina, procurava também alguns dos colegas para trocarmos conhecimento.

A coordenação geral não me deu muito apoio quando precisei, no entanto, a coordenação local sempre me ajudou quando tive dificuldade, a mesma sempre me apoiou no início ao final do curso, os professores que vieram ministrar as disciplinas davam bastante atenção, tiravam as dúvidas que eu tinha, sou muito grata a cada um deles.

Durante esse período de pandemia, a leitura das apostilas não foram fáceis, pois tinha que acompanhar as aulas usando a apostila em PDF, não tinha dinheiro para imprimir as apostilas, e como meu telefone é muito pequeno, foi um grande desafio a leitura e execução dos trabalhos solicitados pelos professores.

Quem me ajudou bastante foi minha colega de aula, a Onilda, que mesmo com muitas dificuldades também, conseguiu imprimir algumas apostilas e sempre que era possível eu ia até sua residência e nos trabalhos que eu conseguia ir até a casa dela eu tinha mais facilidade em fazer, por ser mais fácil a leitura e também porque nós debatíamos, facilitando o entendimento dos textos.

### **Considerações Finais**

O curso de Pedagogia foi muito importante para mim, pois me fez crescer, tanto profissionalmente, como na vida pessoal. Através do curso conheci muitos teóricos que falam das crianças e suas especificidades, a importância de tratar cada um deles como pessoas de direitos que pensam, agem e tem a sua maneira de ver, viver e aprender.

Graças aos professores, descobrir que existem diversas didáticas com um mesmo assunto, se tiver algo que o discente precisa aprender e se a maneira que estou ensinando não está funcionando, é só buscar outra

forma para que o mesmo compreenda e as aulas lúdicas são essenciais para que os discentes tenham uma aprendizagem significativa.

Ao escrever o meu relato de experiência, pude perceber o quanto que mudei minha prática docente, o quanto evolui como pessoa, fiz uma retrospectiva de tudo que vivi nestes últimos 5 anos e quantas coisas mudaram na minha vida, evolui profissionalmente. Fazer o curso foi a melhor coisa que eu poderia ter feito, tudo que eu sou hoje é consequência do que aprendi no curso, minha ótica mudou e também a minha vida, espero evoluir cada vez mais.

Portanto, o curso de Pedagogia foi de extrema importância para mim e para toda a cidade de Itamarati-AM, por ser uma cidade pequena, não tinham muitos profissionais formados, já tenho colegas de turma atuando nas escolas municipais como titular de sala, ou seja, o curso de Pedagogia fez diferença na minha vida e na cidade de Itamarati-AM.

## CAPÍTULO 17

### EDUCAÇÃO: UM CAMINHO DE TRANSFORMAÇÃO

José Evandro Alves da Silva

Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### **Introdução**

O presente memorial mostra os acontecimentos vivenciados acerca da minha formação escolar e sobre as minhas experiências pessoais que me levaram a decisão de optar pela docência. No entanto, dentro desse contexto procuro pontuar as experiências e reflexões sobre os momentos vividos no curso de Pedagogia acerca dos teóricos que contribuíram bastante para um olhar inovador para a minha vida pessoal e profissional como educador.

Venho por meio deste memorial, contar um pouco da minha história de vida, aventuras, sonhos e experiências vivenciadas durante a minha infância e o meu percurso estudantil. Assim como relatar um pouco da minha vivência familiar e contexto social apresentando alguns desafios e superações dentro deste percurso de vida familiar e escolar, e meu desenvolvimento psicológico na construção do conhecimento e a busca incessante pela vida profissional.

#### **Meu caminho até a escola**

Nasci no dia 31 de janeiro de 1986, no município de Envira, no interior do Estado do Amazonas. Sou filho do senhor José Gomes da Silva e de dona Maria Alves da Silva, pessoas de origem humilde e trabalhadoras. Ingressei na vida escolar aos oito anos de idade, cursei a primeira série do ensino fundamental na Escola Estadual Benedita Barbosa de Souza, em 1994, com o professor Euclesion Pinheiro de França.

Tive uma infância muito boa, apesar de ser de família muito humilde, isso não afetou no meu desenvolvimento, era tempos bons, aonde as brincadeiras eram constantes, como vários brinquedos criados manualmente e outros tipos de brincadeiras, como caba cega, brincar da pira dentro d'água, momentos bons que me recordo e que sempre estão em minhas lembranças.

As lembranças daquela época são poucas, me recordo ainda do bullying que sofria dos colegas por ser pobre e não ter um bom calçado para pôr nos pés e muito menos roupas novas, tudo era difícil, meu pai sempre foi muito trabalhador, mas o vício que tinha era esmagador. Seu maior defeito era o álcool, inimigo

da vida financeira e em algumas famílias se torna destruidor de lares. Graças a Deus meu pai nunca foi violento em casa, muito pelo contrário, quanto mais bebia mais alegre ficava.

Minha mãe sempre foi uma guerreira, era quem persistia em nos manter na escola e batalhava constantemente, embora ambos terem estudado apenas o MOBRAL, almejava sempre para nós uma vida melhor. Meu irmão mais velho e minha irmã eram quem providenciavam o alimento diário. O trabalho do meu pai e o da minha mãe não era suficiente para uma vida de conforto, mas nos dava um bom suporte para sobrevivermos.

Quando tudo melhorava e a vida financeira se estabilizava, no final do mesmo ano, minha família teve que se mudar ficando para trás amigos e familiares, minha irmã mais velha e meus tios, tias, primos e sobrinhos que pouco recordo. O motivo da mudança foi devido a problemas políticos, quando os eleitores são contra um prefeito politicamente, geralmente sofrem desmando. Um dos motivos era o de não acharem trabalho, outro era a dificuldade da venda de produtos agrícolas, tudo por questões políticas. E isso foi o que contribuiu para minha família migrar para cá. Ao chegarmos ao Município de Itamarati-AM, tivemos que nos habituar com as mudanças e as dificuldades que surgiam a cada momento. De um lado por ser um contexto novo, onde as pessoas eram estranhas, de outro lado as condições financeiras familiares que havia melhorado, começa a decair novamente, devido um novo recomeço.

Continuei meus estudos na Escola Estadual Santos Dumont, aqui o sistema escolar não aceitou que eu estudasse no 2º ano devido meu tamanho por ser de estatura muito pequena. Então ingressei novamente na primeira série do ensino fundamental, com a professora Máuria Nogueira Aguiar, onde estudei apenas um ano, a escola oferecia merenda, material didático e fardamento, o que facilitou muito minha vida escolar.

No ano seguinte fui transferido para a Escola Estadual Francidene Soares Barroso, onde conclui o Ensino Fundamental e Médio com os professores: Aldenir Sales, Gleice Maria Bernardo Menezes, Antônio Maia da Silva, Magide Teixeira de Paula, José Emiliano de Macedo, Urbaldo Marques, Antônio Francisco Libâneo Cavalcante, Francisco Cosmo Domingos, Clemilsa da Costa Cavalcante, Amauri Gaspar Gonçalves, Ênio Jorge, Francisco Litomar Barroso, Giliarde da Costa Cavalcante e Imar Paulo Pissolato.

Foi uma tarefa árdua conciliar trabalho e escola, mas não desisti, como diz o filósofo “a educação tem raízes amargas, porém, frutos saborosos”, toda superação se tornou muito gratificante, pois aqui fiz meus melhores amigos, superei as dificuldades, estudei com grandes mestres como o Professor Magide, que se foi, mas deixou um legado, aprendi admirá-lo e me espelhar sempre, seguindo sua linha de ensinamentos para cada dia melhorar e buscar sempre novos conhecimentos, pois sabemos que o conhecimento é constante e progressivo, cabe a nós buscá-lo.

Todo o conhecimento adquirido não seria possível sem o apoio da minha família, que foi essencial nessa jornada, enfrentamos todas as dificuldades juntos, sem hesitar, embora minha casa fosse muito distante da escola e sem transporte escolar superamos juntos as dificuldades.

Não me esqueço dos irmãos, sobrinhos e amigos que caminhavam juntos comigo nessa jornada, onde sofríamos com as dificuldades financeiras e alimentar, onde muitas vezes não tinha o almoço para nos alimentar antes de ir à escola, mas mesmo assim éramos felizes, brincávamos e nos divertíamos todos os dias na subida e na descida da famosa “Ladeira da Rua do Hotel”.

Durante a escolaridade me envolvi emocionalmente, e até hoje vivo em um casamento estável com a senhora Claudiana Silva da Silva, há mais de dez anos, do fruto dessa união nasceu a Clarisse da Silva e Silva, minha única filha de oito anos de idade, razão da minha vida.

Após a conclusão do ensino médio em 2005, a maioria dos jovens assim como eu, passamos por uma escassez de oportunidade, onde precisávamos vivenciar a vida jovem com dignidade e não tínhamos oportunidade de trabalho.

O município não oferecia cursos profissionalizantes e a origem humilde era um empecilho para me deslocar em busca de oportunidades. Pois só quem tinha boas condições financeiras era quem dava continuidade aos estudos porque se deslocava para a capital em busca de cursos superiores.

Quando aparecia um curso de aperfeiçoamento eram destinados apenas aqueles que eram envolvidos politicamente com o prefeito, ou seja, era feito uma seleção dos mais favorecidos. Então continuei os trabalhos de agricultura familiar junto com meus pais e fiquei nessa vida até 2009.

### **Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR**

A escolha da minha profissão foi por acaso, o município sofreu a falta de demanda para suprir o cargo de professor na zona rural do município, pois a carência de educadores dentro da sede fez trazer todos os professores graduados no PROFORMAR, que atuavam na área. Surgindo assim vagas para os que haviam terminado apenas o Ensino Médio.

Juntando a necessidade e a falta de oportunidade, abracei a chance de trabalhar na zona rural, não tinha experiência na época, mas mesmo assim ingressei na vida de educador, encarando as dificuldades e superando os desafios no meu dia-a-dia, me tornando mais um membro no ramo da educação.

Comecei a ganhar os primeiros pilares de experiências como educador na escola Municipal São Mateus, na comunidade Boa Vista, localizada na margem esquerda da parte de baixo do município de Itamarati, situado no Igarapé Canamã, no ano de 2009 na classe multisseriado de 6º ao 9º ano.

A princípio fiquei muito apreensivo por ser novato na área e inexperiente, pelo fato de tudo ser nova, a ausência familiar e a adaptação a um novo contexto onde todos eram desconhecidos para mim naquele momento. Dois dias depois senti medo e vontade de desistir, pois a falta do conforto família era um dos principais motivos, pois nunca nos havíamos separados.

Aos poucos fui me adaptando à comunidade e aos colegas professores que já atuavam no local, que assim como eu, também buscavam seus objetivos. Não havia local para abrigar o professor recém-chegado, assim me condicionando a morar na casa de um dos moradores do local.

Uma professora que havia chegado um ano antes de mim morava em um quartinho da escola e a outra era moradora de lá. A escola não se encontrava em uma boa condição física, não havia banheiro, nem água potável. A falta de material escolar era um dos maiores obstáculos, mas nos virávamos com o que tinha.

Com o passar do tempo a colega moradora da escola casou-se com um morador da comunidade, cedendo para mim o referido quarto para que eu não mais incomodasse a vida familiar daqueles que me abrigaram. Fiquei um ano nessa comunidade, aprendi a conviver com o ambiente rural e com a distância familiar.

Ao mesmo tempo em que ministrava as aulas, aprendia a cada dia com os meus alunos e a comunidade a convivência local, foi uma experiência única.

Em 2010 trabalhei na Escola Major Maia, na comunidade Quiriru I, que ficava localizada dentro do igarapé Quiriru localizado a margem esquerda do município de Itamarati-AM, ministrando em classe multisseriado de 1º ao 9º ano. Mais um obstáculo a ser superado, pois a realidade era outra e um novo desafio. Pessoas com realidades diferentes, cultura diferente, a carência era bem maior. Não foi fácil a adaptação, mas ali encontrei colegas professores já conhecidos, inclusive minha irmã, o que me fez sentir mais próximo de casa.

Aos poucos me adaptei e convivi harmonicamente com a comunidade, interagi durante sete longos anos firmando um laço de amizade. A escola não tinha uma boa aparência já era bem antiga e sua estrutura era bastante desgastada, assim como a outra, não oferecia conforto aos professores, era um estado de risco, a qualquer momento corria o risco de desabar.

Nos dias e noites chuvosas, tínhamos que ir nos abrigar com moradores, pois chovia mais dentro de casa do que fora. Mas eu tinha um propósito de superação e não podia desistir, então tudo que era ruim servia de escada para que eu ficasse cada vez mais fortalecido. A estrutura escolar é um dos pilares primordial para garantir uma educação pautada na formação crítica social, porque visa qualidade, garantia de acesso e igualdade de condições. Uma educação estruturada proporciona melhores condições de trabalho para o professor e maiores possibilidades de aprendizado e desenvolvimento pelos alunos.

Alguns anos depois veio às melhorias, a casa dos professores foi sendo edificada, seguido da instalação de energia elétrica, avanço esse que motivou minha permanência durante sete anos.

Em 2017 fiquei fora do quadro de professores do município, mas Deus foi misericordioso comigo e minha esposa passou no concurso pela SUSAN, garantindo assim nossa vida financeira.

Em 2018 o município, oprimido pela justiça, ofereceu um processo seletivo, oferecendo vagas para professor titular e professor auxiliar, graças a Deus passei e pude pôr em prática tudo que aprendi nas

comunidades, onde atuei como professor auxiliar na Escola Municipal Padre Guilherme Burmanje, auxiliando a professora Jucilene dos Anjos nas atividades didáticas na Educação Infantil. Pude perceber que são realidades completamente diferentes, pois se na zona rural faltava até material didático, no município oferece desde o apoio pedagógico, material impresso, escolas estruturadas com salas climatizadas, banheiros, bebedouros, funcionários, merendas diárias, diretor, coordenadores pedagógicos e auxílio internet. É como se saísse do purgatório para o paraíso. Juntos trabalham em um só objetivo, onde os alunos possam ter uma educação de qualidade.

Toda minha trajetória como educador me trouxe boas lembranças, pois sempre procurei desfrutar das coisas boas oferecidas na comunidade assim como na cidade, novos amigos, mais aprendizado e amadurecimento profissional, que levarei comigo por toda a vida.

Não há conquista sem maus momentos, embora sirva de aprendizado são momentos ruins que passamos. Entre as más lembranças cito a saudade da família nos momentos de solidão nas comunidades, a distância dos amigos, a batalha diária para adaptação nas comunidades, as doenças que surgiam e eu estava vulnerável, como a malária que foi uma das experiências ruins, pois peguei quatro vezes seguidas. Tudo isso me fortaleceu como pessoa e como profissional.

Quanto aos alunos das comunidades em que atuei como professor, assim como em outras escolas uns tem mais facilidades de aprender do que outros, a cultura familiar das comunidades rurais são diferentes das da cidade, pois a maioria dos pais tiram seus filhos da escola para levarem para a roça, a pesca e fazeres em geral o que se torna um dos obstáculos no processo de ensino e aprendizado, dificultando tanto o trabalho do professor quanto o aprendizado do aluno.

As famílias não tinham condições financeiras para auxiliar aos seus filhos, uns iam descalços, com roupas rasgadas, muitas vezes até mesmo com fome, pois não tinham alimentação. Por mais que os alunos quisessem ir para escola, as vezes iam, em outras não conseguiam, as aulas eram interferidas por motivos de seus pais tirarem da escola para levarem a roça, o que levava alunos a interromper seu processo de aprendizagem.

Quando me deparei com a realidade das crianças, e das comunidades no todo, logo me veio na memória, às mesmas dificuldades que eles passavam eu também passei. Pois a realidade nos colocavam no mesmo patamar de dificuldades ocorridas. Mas o que me entristecia, além das dificuldades, era a falta de apoio das famílias, que deixavam a responsabilidade de educar seus filhos com os valores devidos nas mãos dos professores. Essa realidade não acontecia só nas comunidades ribeirinhas, na cidade também, as famílias não dão apoio suficiente para a educação de seus filhos.

Mesmo vivendo essas dificuldades, como se não bastasse tanta preocupação, tínhamos que conviver com a humilhação financeira. O nosso salário não era o suficiente e nem justo, pois o piso salarial nunca passou de um salário mínimo. Já que temos várias funções na educação rural, desde a profissão de professor, gestor,

psicólogo, médico, pais, e etc. Quando se trata dessas dificuldades, o salário não corresponde a essas batalhas que enfrentamos no dia a dia e a recompensa não é suficiente para o tamanho das nossas responsabilidades, vivenciamos uma situação de trabalho análogo a escravidão.

O salário que eu recebia dava apenas para me manter eu e minha família, o qual era dividido entre as despesas diárias e o lazer, além de manter o transporte para irmos à busca de auxílio médico e retornarmos as comunidades rurais. Precisávamos levar nossos mantimentos, alimentação, remédios, para tratar nossos enfermos e ajudar na comunidade, pois como humano me sensibilizo com a carência alheia. E, além disso, tinha que deixar para a família que ficava na cidade.

Era preciso fazer esse percurso todos os meses, do seringal à cidade, para fazer as compras e reforçar o estoque de alimentação, e tinha que comprar combustível para o nosso transporte. Até hoje o nosso salário como professor fica a desejar, ou seja, sofre um desvio do que determina a lei.

Quando iniciava o ano letivo na zona rural do município, que era entre os meses de maio a dezembro, ficávamos animado e ao mesmo tempo triste, pelo fato de que quando chegava no final do ano o contrato caía, e começava tudo de novo. Durante o ano trabalhávamos apenas oito meses, e isso me entristecia muito. Em maio do ano seguinte renovava nossas esperanças, mesmo recebendo um salário miserável, ficávamos nessa rotina de cai contrato, levanta contrato e assim por diante.

Na trajetória de minha vida como educador, houve momentos bons, ruins e engraçados. Um fato bem marcante e engraçado que aconteceu nesse meu percurso educacional, era quando colegas de profissão saíam da escola cansados de passar o dia com seus alunos e chegavam a casa para descansar, os colegas faziam de tudo para interrompê-lo, fazendo brincadeiras e muito barulho, até mesmo funcionar o motor dentro de casa. São esses momentos que nos ajudam a esquecer um pouco das dificuldades e até mesmo das tristezas que tomava conta de nós naqueles momentos difíceis.

Essas lembranças levarei comigo em minha vida, não só de momentos bons vive o ser humano, os momentos ruins também nos rodeiam, e esses acontecimentos ruins também marcaram muito essa minha caminhada como educador: como, as dificuldades ao chegar às comunidades ribeirinhas e as dificuldades que lá passei.

Enfrentei doenças, como a malária, que durante esses oito anos atuando na zona rural do município, cheguei a pegar quatro vezes e a recuperação dessa doença não era de imediato, demorava meses para nos recuperar.

A falta de um lugar adequado para os professores morar, escola em péssimas condições, para trabalhar e sem falar em outros tipos de doenças que estávamos vulneráveis a pegar. Como a pneumonia, infecção por falta de água potável e outras. São esses acontecimentos que nos deixa angustiado e frustrado, mas temos um Deus que nos fortalece em todos os dias em nossas vidas.



A falta de experiência era um fator desfavorável que contava muito nessa caminhada como educador, eu era um marinheiro de primeira viagem. Mas a partir da formação do PNAIC em 2016, oferecido pela Secretaria de Educação (SEMED), muito melhorou e começou um novo tempo uma nova visão.

Com o tempo, alguns colegas já não queriam atuar mais como professor na zona rural, começou a surgirem boatos que iriam trazer uma faculdade para atender as nossas necessidades e do município, mas isso ficou só na teoria por muito tempo. Anos depois esse acontecimento se transformou em realidade surgiu o PARFOR que ofereceu o curso de Pedagogia em parceria do Estado do Amazonas com o Município de Itamarati. Com objetivo de atender a demanda do município que era enorme.

A falta de profissionais qualificados e graduados era muito grande, abriram as inscrições para a turma de Pedagogia pelo PARFOR, que tinha o intuito de favorecer somente quem estava na sala de aula, e principalmente quem dava aula na zona rural do município.

Fomos agraciados por essa oportunidade, em junho do ano de 2016, iniciou – se as aulas da faculdade, com uma turma de 40 graduandos não indígena e quatro indígenas, com duas etnias diferentes. Três eram Deni e um Kanamari. Foi um sonho para nós professores.

Quando iniciou o meu primeiro dia de aula na faculdade, tudo era novo para mim. Eu me deparei com a primeira disciplina que ali estava à chamada Informática Básica, fiquei um pouco apreensivo e ao mesmo tempo feliz, pois juntamente com os meus colegas de profissão que tanto sofríamos a realidade do campo.

Essa disciplina era ministrada pelo professor Rosinaldo, para nós a era um pouco complicada. Não tínhamos muito conhecimento, para mim era algo novo e de difícil compreensão, tornando-se complicado a assimilação dos conteúdos. E sem falar das provas que ali estavam para nos amedrontar. Mas, pouco a pouco fui conseguindo superar meu primeiro desafio.

### **Estudando, trabalhando e lutando: o percurso da minha formação**

Em julho de 2016 iniciei o curso de Pedagogia por meio da Universidade do Estado do Amazonas-UEA no Programa de Formação de Professores da Educação Básica-PARFOR. Deu-se um novo sentido na minha prática pedagógica, pois um novo caminho surgiu quando iniciou o curso, com novas práticas pedagógicas e várias teorias apresentada por excelentes teóricos como: Paulo freire, Piaget, Vygotsky e etc.

A partir daí começou uma visão totalmente diferente da minha atuação antes da faculdade, tinha uma visão tradicional, agora durante a minha formação consegui enxergar o quanto estava fazendo mal aos meus alunos e a partir daí comecei a ter uma visão libertadora, com várias possibilidades de inovar, muitas metodologias e tendências pedagógicas, aprendi muito, a universidade trouxe várias contribuições para a minha prática pedagógica.

Foram de muita importância essas contribuições, juntamente com os professores, pois foi através deles que nos orientaram para nos tornar profissionais cada vez melhores, nos ajudando e incentivando a superar nossos medos e obstáculos.

Enfim, hoje tenho uma visão holística sobre a necessidade do conhecimento, reconheço que há muito que aprender, mas estamos sempre nos preparando e nos atualizando, pois a vida é um aprendizado e devemos estar preparados para os acontecimentos do dia-a-dia e do mundo.

No primeiro período da faculdade pude perceber o quão fundamental é ter uma graduação, pois nos torna um sujeito com uma visão mais ampla. Quando acabou o primeiro período fiquei entusiasmado, com várias ideias e expectativa para quando retornar para a zona rural do município, onde iria aplicar métodos adquiridos na faculdade, com poucos estudos na faculdade pude notar a grande mudança na minha prática pedagógica, pois havia estudiosos que nos fascinavam com suas teorias e suas experiências como educadores, filósofos, sociólogo e etc.

No ano de 2017, vários acontecimentos ocorreram em minha vida, uma delas era que por questão política fiquei fora do quadro de professores do município, passei por dificuldades financeiras, mas encarei isso como um grande desafio em minha vida. Não deixei isso me abater nos períodos na faculdade, pois sempre com um propósito que tudo isso era para me fortalecer para a cada dia me tornar um sujeito melhor, tanto pessoal quanto profissional, apto para atuar como docente.

No ano de 2018, o ministério público obrigou o município a fazer o seletivo, pois contrato era ilegal perante a lei, aí fiz o seletivo e voltei novamente para o quadro de professor, aonde pude dar continuidade às práticas pedagógicas. Nesse mesmo ano tudo mudou com a minha alta estima lá em cima, e com isso saí da zona rural e vim atuar na sede do município. Não tem preço trabalhar aonde seu trabalho é realmente reconhecido, diferente da zona rural, que por mais profissional que você fosse seu trabalho não era reconhecido.

Em 2019 prolongou-se o processo seletivo e continuei trabalhando como professor, com o trabalho bem desenvolvido como educador a gestora me lotou na mesma escola onde trabalhei em 2018, fiquei muito feliz de estar contribuindo a altura com a educação do município. Um marco importante ser reconhecido profissionalmente. No ano de 2020 com a propagação do vírus, o município parou suas atividades educacionais, fiquei oito meses desempregado, ainda bem que a minha esposa tinha um excelente emprego, para ajudar em casa, durante esses períodos com o baixo índice de covid-19, o município realizou mais um seletivo por quatro meses. Fiz e passei, mas dessa vez pra zona rural do município, aonde não fomos devidos às questões administrativas.

Em 2021 voltei à estaca zero, fora do quadro de professores por questão política, passou-se uns meses, o ministério público mas uma vez exigiu que município elaborasse um novo seletivo, fiz e não passei.

Todos os educadores por onde atuei, pude perceber o empenho e o compromisso de cada um dos professores com a educação do município. É importante ressaltar que a mudança só será possível quando o compromisso com a educação caminhar de mãos dadas independentemente sobre questão política, ou seja, professores, alunos e todos aqueles que estão envolvidos no ensino e aprendizado.

### **A pandemia de Covid-19**

Durante a pandemia passamos a conviver com mais desafios, juntamente com os múltiplos desafios já existentes em minha vida. Diante dessa situação, vimos se revelar a precariedade socioeconômica em nosso município, aonde as principais fontes de trabalho vêm da prefeitura. Onde é quase impossível conseguir emprego, onde a politicagem prevalece e não importa o profissional qualificado que você é, se não for do lado dos governantes que estão no poder, sua probabilidade de trabalhar é mínima.

Com o passar do tempo, essa situação foi melhorando, com o município quase zerado de casos de coronavírus, em 2020 a secretaria fez o seletivo por quatro meses e acabei passando, foi onde as coisas começaram a melhorar na nossa renda familiar, podendo assim ajudar a minha companheira nas despesas de casa, mas isso durou pouco. Em 2021 teve um seletivo, não passei, mas estou caminhando sempre de cabeça erguida, pois a cada dia estou me tornando um grande docente, não só com um diploma, mas sim com o conhecimento e metodologias adquiridas no decorrer da faculdade, com isso, juntando a teoria vivenciada no curso de Pedagogia e as experiências vividas enquanto sujeito docente, unindo essas experiências da minha vida pessoal e profissional, tenho me tornado um sujeito apto a exercer a profissão como professor, pedagogo e etc.

Com os acontecimentos que estamos vivendo no mundo inteiro, com a pandemia do novo coronavírus, fiquei triste e com a incerteza de que realmente iríamos concluir o curso de Pedagogia, com o mundo sofrendo com a pandemia e várias pessoas morrendo drasticamente com essa doença, tornando o mundo cada vez mais difícil de sobreviver. Quando veio a notícia que iríamos retornar as atividades do curso, fiquei muito feliz, dando início ao nono período, mas de modo não presencial, fiquei muito feliz e ao mesmo tempo triste, pois queria as aulas presenciais, para juntos com os colegas e grandes e excelentes professores, para juntos trocar experiências no dia a dia, para fortalecer a minha prática educacional.

### **Considerações Finais**

O período da faculdade foi e é de suma importância, é um processo dinâmico, porque parte da realidade pela qual nos tornamos grandes profissionais de educação. Buscar inserir o acadêmico em um âmbito dinâmico no contexto de ensino e aprendizagem para melhoria em nosso futuro profissional.

Tudo isso serviu de aprendizado no campo profissional, porque é preparatório, rígido, dinâmico e flexível. Instiga criatividade e esforço técnico no fazer pedagógico, amplia a visão de mundo dentro do campo educacional, nos motiva a fazer mais pela educação. E é através da graduação que percebemos que todo esse emaranhado de possibilidades vem enriquecer o ato de aprender e fazer. Tudo isso se dá pela interação do eu com o outro.

## CAPÍTULO 18

### A PEDAGOGIA MUDOU A MINHA HISTÓRIA

José Marcos da Silva Sales

Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### **Introdução**

Este texto tem o propósito de relatar os percursos de minha história pessoal e profissional, ele vai abordar os principais momentos que marcaram minha vida, destacando as dificuldades e conquistas que passaram por minha trajetória. Neste breve memorial estou compartilhando para todos vocês um pouco de minha história, destacando algumas etapas que foram percorridas durante minha infância, adolescência, vida profissional, período acadêmico.

Esse breve memorial foi preparado com bastante carinho, já que fala de minha própria história, e nessa ação chego até a me emocionar, pois durante minha trajetória de vida passei por muitos momentos especiais que guardo comigo até hoje, como alguns momentos que passei ao lado de meu pai, que hoje não se encontra mais no meio de nós. Nesse momento de conquista, não poderia deixar de lembrar-me deste grande homem, pois seu Inácio foi um grande incentivador para que eu pudesse seguir nessa linda profissão.

#### **Meu caminho até a escola**

Minha história de vida se iniciou em uma comunidade chamada Bacaba, no município de Itamarati-AM, no dia 26/12/ 1991, sou filho de Francisca Lopes e Inácio Sales, essa comunidade hoje é conhecida como Tonantins, apesar de fazer muito tempo que saímos da comunidade ainda vem algumas lembranças da minha infância que começou por lá, tenho grande respeito por essa comunidade, pois a mesma me proporcionou muito momentos feliz e muitos momentos de dificuldade também, foi onde eu tive meus primeiros contatos com o mundo e pude conhecer meus outros irmãos, que se chamam: Rosália Lopes, Neuza Lopes da Silva, Antônia Lopes da Silva, Rosilda Lopes, Simone Lopes, Oneide Lopes da Silva, Machione Lopes da Silva e Marcos Aurélio da Silva Sales.

Somos uma família muito humilde, apesar de todas as dificuldades, todo dia a gente comia e bebia, pois tínhamos uma natureza com muitas riquezas naturais que nos proporcionava inúmeras possibilidades de nos alimentarmos, como: pescar, caçar, agricultura e etc.

Minha trajetória de vida se iniciou na comunidade ribeirinha, foi onde iniciei meus primeiros passos. Até que certo dia meus pais decidiram dar voos maiores e procurar uma melhoria de vida, com isso, nos mudamos para a cidade de Itamarati, a partir desse momento começou a surgir muitas batalhas e exigia muitos trabalhos de meus pais para nos manter, então meu pai conseguiu se aposentar e minha mãe construía tarrafas para ganhar uma renda extra e ajudar nas despesas de casa, e assim, com a graça de Deus, íamos sobrevivendo, até que meus irmãos mais velhos conseguiram entrar na escola e como eu não tinha idade, ficava em casa, mas tinha uma vontade enorme de estudar, já que tinha curiosidade em saber como era o ambiente escolar.

Alguns anos se passaram, e enfim minha pessoa iria começar a frequentar a escola, a felicidade era demais, pois eu vivia em um mundo mágico de fantasias, achando que na escola a gente só iria brincar, merendar e retornar para a casa a hora que quisesse, mas quando tive meu primeiro dia de aula, na escola chamada Santos Dumont, com outras crianças que nunca tinha visto, foi aí que o sonho me acordou com um toque de realidade e o desejo que eu tinha em estudar acabou ali, naquele momento. Com isso, veio o choro, os gritos querendo minha mãe, por motivo de nunca ter saído de perto dela e no momento que fiquei sozinho vieram as lágrimas, pois naquele momento me sentia desprotegido e só me sentia seguro ao lado dela.

Portanto, durante esse período passei por um processo de adaptação e fui me acostumando, conhecendo novos amiguinhos, aprendendo as primeiras vogais e a cada dia me sentindo mais seguro ao lado da professora, então não precisava mais da minha mãe me deixar na escola, eu já ia sozinho com meus coleguinhas, durante a aula eu ficava muito ansioso, esperando a hora do intervalo para merendar, já que não tinha merenda em casa e aproveitava e merendava na escola, minha merenda preferida era sopa, e assim fui reconstruindo toda aquela vontade em estudar.

Durante esse tempo foi um momento muito delicado, pois meus pais não tinham condições para nos dar uma bolsa, uma melhor roupa, um bom caderno. Com isso, minha bolsa era o saco de açúcar, minha sandália era uma de uma cor e outra de outra cor, as melhores roupas que eu e meus irmãos usávamos eram com um remendo enorme, meus cadernos eram feitos de papel almaço, que eu pedia para minha mãe costurar com linha de costura, tinha muita vergonha em usar aquele caderno, já que meus coleguinhas mangavam pelo simples fato de ser costurado.

Mesmo com todos esses problemas, ainda existia felicidade e prazer em querer frequentar as aulas, quando cheguei à quarta série, aos 10 anos de idade, perdi meu pai, foi uns dos momentos mais difíceis que eu e meus irmãos passamos, quando ele estava internado passando mal, às vezes íamos para o hospital de madrugada e quando o dia amanhecia tínhamos que ir para a escola.

Certo dia, eu estava em sala de aula de cabeça baixa fazendo a tarefa quando escutei a voz de uma vizinha chamando pelo meu nome, diante de toda aquela situação meu coração quase parou de bater, com isso, a tristeza e as lágrimas tomaram conta de mim, pois já sabia o que tinha acontecido, naqueles dias

angustiantes em que meu pai se foi, passei por algumas transformações, me sentia vazio, desprotegido sem bem entender o que estava acontecendo, a cada dia Deus me mostrava que eu não estava sozinho, foi daí em diante que minha mãe passou a fazer o papel de pai e mãe, minha mãe trabalhava de todas as formas para manter eu e meus irmãos na escola.

No ano de 2007, aos 7 anos, entrei no Ensino Fundamental, por esse motivo, mudei para outra Escola chamada: Santos Dumont, o colégio era muito legal, com uma estrutura quase perfeita, pois na época era muito quente e não havia acondicionado somente ventilador, faltava manutenção em algumas salas que não tinha todas as cerâmicas. Apesar da escola não ter uma ótima estrutura, eu adorava estudar naquela instituição, pois na mesma trabalhavam os melhores profissionais da cidade, como sempre, eu adorava a merenda da escola, principalmente a sopa, e arroz doce.

Aos 15 anos, mudei de instituição e fui estudar na escola Francidene Soares Barroso, havia um professor de Matemática que eu não gostava dele, pois, tinha medo e estudava sempre sob pressão, com isso, não conseguia interagir com a aula e isso prejudicava no meu desenvolvimento, na sétima série passei de ano, porém, tinha que pagar a disciplina de Matemática em outro horário, mas tomei a decisão de não queria passar de ano, então conversei com a diretora da escola e falei que não queria ser aprovado para oitava série, ou seja, queria permanecer na sétima série.

Com isso, começou um pequeno conflito, mas ela acabou aceitando, nesse momento em diante, comecei a me dedicar mais, não só na matéria que eu gostava, ou seja, o Português, e sim em todas as outras disciplinas. Portanto, essa minha decisão me ajudou a compreender melhor a Matemática, com isso, contribuiu com a minha aproximação com o professor que me deu todo apoio e me elogiou por minha decisão.

Neste período de ensino fundamental, os materiais já eram bem melhores, tinha uma bolsa para colocar os livros, as roupas já eram bem adequadas, então, o governo passou a mandar as fardas e assim eu não me sentia tão diferente dos outros alunos, já que todos se vestiam igual. Nossa renda era pouca, a gente plantava feijão, milho, mandioca, para ajudar na alimentação em casa, como eu não gostava desse tipo de trabalho, muitas vezes eu fugia para não ir trabalhar, pois a gente plantava de manhã e à tarde íamos para a escola e cada ano que se passava ficava mais perto de concluir o Ensino Fundamental.

No ano de 2008, aos 16 anos, iniciei o Ensino Médio na mesma escola, a Francidene Soares Barroso, com quase todos os mesmos professores. A cada etapa que iria se iniciando, mais motivado eu ficava para encarar o obstáculo que aparecia dentro da escola e fora dela também, ou seja, eu estava no todo poderoso ensino médio, temido por todos os alunos da época, sabia que precisava mudar meu comportamento e me dedicar ao máximo para concluir mais uma etapa da minha vida.

O Ensino Médio encarei com muita seriedade, principalmente a matéria de matemática, toda aquela dificuldade que a minha pessoa tinha foi superada, e meu aproveitamento em todas as matérias foi excelente, pois pude perceber naquele momento que eu estava passando por um processo de mudança e fui

compreendendo que o estudo era muito importante para o meu progresso, tanto no meio profissional, como no pessoal, comecei a enxergar nos estudos a oportunidade de mudar de vida.

Até que em 2010, finalmente consegui a tão desejada festa de formatura, com isso não queria que aquela fase da minha vida passasse em branco, então comecei a fazer algum trabalho, como: limpar os quintais das pessoas para conseguir recursos e realizar minha festa de comemoração, era uma alegria enorme e uma sensação de dever cumprindo, naquele momento vi o orgulho nos olhos de minha mãe.

### **Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR**

Meu percurso até chegar à docência se construiu na seguinte forma: em de 2010 concluí meu ensino médio, então em 2011 iniciei uma pequena experiência pela prefeitura municipal, trabalhando como pintor e serviços gerais, além de trabalhar também na agricultura nos finais de semana com minha mãe, pois, nossa renda não era o suficiente para garantir o sustento da família, então, minha mãe tinha várias plantações de feijão, batata, milho, mandioca. Com isso, ajudava a família a se alimentar.

Durante esse período, procurei fazer vários cursos para adquirir experiência, pois sei o quanto a experiência é importante na vida do ser humano, uma vez que, nos auxilia a aprimorar nossos conhecimentos em determinados momentos de nossas vidas, pensando nisso, fiz vários cursos de informática básica e avançada, iniciei também um curso de técnico de enfermagem, mas desisti, pois não entendia na época que não tinha vocação para aquela profissão.

Portando, em 2011 fiz a formação continuada de professores, promovida pela a secretaria de educação do município, pois todos os anos havia formação para os professores que iriam lecionar no interior do município, mas só veio a oportunidade de ir para a comunidade lecionar no ano de 2012, não tinha muita convicção se era essa profissão que eu queria para minha vida, com isso, acabei aceitando, então, me tornei professor e aprendi a gostar muito da minha profissão.

Nesses períodos adquirir diversos cursos de formação de professor promovido pela secretaria de educação e pelo PNAIC. Através da minha trajetória que me levou à docência e à docência me levou a conhecer o PARFOR.

No ano de 2012 apareceu a oportunidade de ir lecionar na comunidade, jamais imaginava que aquela experiência, fosse fazer tanta diferença na minha vida pessoal, com isso, abrir mão de muitas coisas para encarar esse novo desafio. Então tomei a decisão de ir enfrentar essa nova etapa da minha vida, quando cheguei à comunidade conhecida como Bananal, me deparei com uma realidade completamente diferente e quando chegou à noite vieram às lágrimas, sentindo falta de casa, no dia seguinte, deu uma vontade enorme em desistir, mas os carinhos e respeito que as pessoas tiveram por mim, me fizeram mudar de ideia.



Com todas as dificuldades que estava enfrentando chegou o grande dia, a minha pessoa pela primeira vez iria lecionar, quando entrei na sala de aula foi uma satisfação muito grande, naquele momento se passava pela minha cabeça: eu sou um “professor”, já tinha uma pequena experiência, pois tinha participado de uma formação continuada de professores, porém, era pouco para realizar um bom trabalho, trabalhava mais da forma que eu aprendi enquanto estudava, me lembrava de como os meus professores me ensinavam e tentava ensinar aqueles alunos da mesma forma.

Entretanto, a dificuldade era muito grande, lecionar em comunidade não era trabalho para os fracos e sim para pessoas determinadas que realmente se entregassem de corpo e alma. Na comunidade Bananal, que fica localizada da parte de cima do município de Itamarati, foi umas das quais eu tive mais os obstáculos, exigiam muito da minha força de vontade em querer continuar, pois a escola não era fechada pelo simples fato de faltar madeira para terminar, sentia medo de morar sozinho em uma escola que não me dava segurança e eu morava e trabalhava nessa escola. Quando vinha chuva com vento, ela começava a balançar, mais um motivo por não me sentir seguro naquele local.

No ano seguinte, em 2013, a situação melhorou, o supervisor fez algumas trocas e fui trabalhar em uma comunidade chamada São Braz, que fica localizada na parte de baixa do município, a realidade era outra completamente diferente, os pais eram mais participativos na educação de seus filhos.

A estrutura da escola que se chama: Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, era mais adequada, havia uma moradia própria para os professores e tinha outras companhias, colegas de trabalho e um deles é meu colega de turma conhecido como Melquezedeuque Lima da Silva, com isso, tornava as coisas mais fáceis, um fazia companhia para o outro, assim tinha alguém para interagir e dividir as tarefas como: pescar, lavar roupas, fazer comida e etc. Com o trabalho em equipe, conseguimos realizar um ótimo trabalho na comunidade.

Todo ano era uma nova expectativa, pois, particularmente não gostava de lecionar no mesmo local do ano anterior, ou seja, queria sempre estar trocando para conhecer outras culturas, por incrível que pareça, cada comunidade tem seus modos de viver, de falar, se comportar, com isso, me despertava o desejo em trabalhar em outros locais, pois era possível perceber a diferença de uma comunidade para outra.

No ano de 2014 fui lecionar na maior comunidade do município, chamada Quiriru I, fica localizada na parte de baixo do município, dentro de um lago, a situação mudava a cada ano, as condições de vida eram melhores, pois tinha energia e uma estrada que dava acesso à cidade. A comunidade é muito grande, com isso, tinha a companhia de mais três colegas e um deles é meu parceiro de faculdade hoje em dia, o José Evandro Alves da Silva, o número de alunos era muito alto e foi um desafio muito grande, trabalhava com vinte e seis alunos no multisseriado, com isso, dificultava mais ainda meu trabalho, para piorar a situação, havia uma epidemia de malária na comunidade e cheguei a pegar três vezes no mesmo ano.

No ano de 2015 fui lecionar em outra comunidade, que se chamava Quiriru II, hoje em dia ela não existe mais e peguei mais cinco vezes malária, com isso, me empatou de realizar um bom trabalho, pois tinha

que vim para a cidade cuidar da minha saúde. No entanto, viajei para a capital, fiz todo o tratamento corretamente e retornei ao município e no ano seguinte fui lecionar em uma comunidade chamada Vila Martins, isso ocorreu no ano de 2016, ano que também se iniciou o curso de Pedagogia.

Ao longo dessas aventuras que enfrentei circulando por vários locais, conhecendo pessoas maravilhosas não posso deixar para trás os momentos de alegrias, quando chegava ao final do ano, era aquela sensação maravilhosa, pois, ia retornar para minha casa, rever os familiares e amigos etc. Mas por outro lado, ficava um pouco triste na hora da despedida, os pais vinham agradecer o trabalho que a gente fazia pelos seus filhos e aqueles simples gestos me fez perceber o tanto que a minha profissão é importante, então, comecei a valorizar ainda mais.

### **Estudando, trabalhando e lutando: o percurso da minha formação**

Nesta minha atuação profissional durante a minha formação, passei por um processo de lapidação, pois a formação me proporcionou novos horizontes, com isso, mudou completamente minha forma de trabalhar, a formação contribuiu diretamente minha vida profissional, pois através da PEDAGOGIA, pude melhorar meu desempenho em sala de aula.

Portanto, houve uma grande transformação no meu comportamento, tanto fora como dentro da sala de aula, muitos trabalhos que a gente fazia na formação, eu levava para trabalhar na minha sala de aula, a formação contribuiu diretamente no meu desenvolvimento pessoal e profissional, me proporcionando inúmeras possibilidades de trabalhar com meus alunos, o curso trouxe toda uma fundamentação teórica da qual eu não tinha conhecimento, as aulas ficaram mais dinâmicas, pois me identifiquei muito com a Pedagogia, com isso, pude aprimorar minhas aulas no decorrer do curso.

A cada período de formação, surgiam novas reflexões que nos desafiavam a buscar melhorar constantemente nossas práticas pedagógicas, durante a trajetória no curso de PEDAGOGIA, obtive resultados mais expressivos por motivo de aprimorar meus métodos de acordo com a realidade de cada aluno.

Quando iniciou o curso foi um momento de muita alegria, já que era um dos meus maiores sonhos, mas para realizar esse sonho, passei por muitos momentos de incertezas, pois no começo no curso tive muita dificuldade com o trabalho acadêmico, uma vez que eu não estava acostumado com aquela rotina de passar o dia todo em sala de aula realizando trabalhos diversificados, como: debates, seminários, ler apostilhas, estudar teorias de grandes teóricos e etc. Levei um pouco de tempo para me adaptar, felizmente foi só o começo, depois as coisas foram fluindo naturalmente e com o passar do tempo passei a gostar muito de estar cursando este curso tão importante na área da educação.

Passei por alguns problemas de saúde durante o curso e não tinha certeza que iria concluir a formação, já que precisava me dedicar a minha saúde, com isso, precisava viajar para tentar solucionar o problema que

estava me atingindo, confesso que foi um momento de muitas incertezas, isso ocorreu no 5º período de curso, mas graças a DEUS, deu tudo certo e hoje estou aqui concluindo este curso, com muita felicidade, Deus me presenteou por todos os momentos difíceis que enfrentei durante esta jornada acadêmica e hoje estou bem de saúde e concluindo a faculdade de PEDAGOGIA.

No ano de 2017 trabalhei no ônibus escolar, em 2018, 2019, 2020 e 2021, atuei e estou atuando como professor de Matemática na Escola Padre Guilherme Burmanje, durante este período adquiri muitas experiências, pois trabalhar na sede do município com professores consagrados, me ajudou muito a desempenhar um bom trabalho na instituição, mas também não posso deixar de lado os conhecimentos e experiências que as comunidades ribeirinhas me proporcionaram, até hoje sinto saudades dos bons momentos que passei longe de casa, mas era sempre bem acolhido pelos moradores daquelas comunidades.

Quando iniciou a faculdade nas primeiras disciplinas tive muitas surpresas, pois as aulas eram o dia todo e cheias de dinâmicas, palestras, seminários, trabalhos de pesquisa e etc. Com isso, me deparei com uma realidade com a qual eu não imaginava.

A cada seminário surgia um novo aprendizado, pois os professores davam dicas de como o formando deveria se comportar nos seminários, no início surgia o nervosismo quando íamos apresentar os trabalhos, mas com o passar do tempo, às coisas iam fluindo naturalmente, com isso, procurava pesquisar o máximo possível para poder absolver o assunto. Pois, quem vive ou já viveu a realidade de uma graduação, sabe o quanto o indivíduo precisa se dedicar para conseguir sucesso durante o curso.

Nesse período de graduação estudei inúmeros conteúdos relevantes de grandes teóricos, como: Paulo Freire, Lev Vygotsky, Jean Piaget, Jean- Jacques Rousseau, entre outros, com isso surgiu inúmeras reflexões que se refletiram nas minhas mudanças de comportamento. Então, comecei a perceber que aqueles estudos estavam me transformando e essas transformações se refletiam nas minhas ações em sala de aula.

Durante esse período da faculdade passei por diversas realidades, realizei um sonho de ser pai, que era um dos meus objetivos e surgiu muita dificuldade, principalmente nos períodos de Janeiro a Março, que era quando a maioria da turma ficava desempregada, nesse período é tempo de fazer farinha, então muitas vezes eu ia trabalhar na roça para ajudar minha família, surgia muita necessidade, pois tinha colegas que faltava os alimentos básicos, como: arroz, feijão, café, bolacha etc. Portanto, a gente estudava o dia todo e não tinha como trabalhar e estudar ao mesmo tempo.

Neste período de janeiro a março eram uns dos momentos mais difíceis, porém, eu morava e ainda moro com minha mãe e isso facilitava no meu sustento, pois não tenho tantas preocupações como alguns colegas de turma, já que quando terminava o ano letivo, o contrato caía e a gente passava aquele sufoco de quatro meses sem receber, ou seja, só recebia quando estávamos trabalhando.

Todos os professores da faculdade foram fundamentais para o meu desenvolvimento, agradeço a todos que contribuíram nesta minha jornada acadêmica, pois os mesmos a todo momento, usavam palavras

de incentivo para motivar a turma, não posso deixar de citar os nomes de alguns deles neste breve texto, pois esses professores foram meus heróis durante todo o período de curso: Anderson Goncalves, Fátima Dantas, Inez Alcântara, Patrícia Monteiro, Rafael de Azevedo, Fernanda Quintino, José Camilo, Marcela, Carla Castelo, Monica Aikawa, Janeth Andrade, José Frota e Rosimario Quintino.

### **A pandemia de covid-19**

Antes das aulas pararem, eu estava lecionando em uma turma do 4<sup>a</sup> ano, com a disciplina de Matemática, às vezes eu ficava me perguntando: qual o nível de aprendizagem que os alunos vão apresentar quando retornarem as atividades? E como iria ficar a situação dos professores contratados? Já que não ia haver aulas, as autoridades podiam afastar alguns professores, mas para a nossa surpresa, ficamos empregado em todo período de pandemia, com isso, me deu uma estabilidade financeira durante este período tão complicado.

Durante este período de pandemia fui estudar e buscar aprimorar minhas práticas pedagógicas, atualizar meus planos de aula, já que os alunos vão voltar para a escola com um pouco de dificuldade para realizar as atividades, devido o tempo que passaram sem estudar.

Diante deste período tão complicado, surgiram e ainda surgem vários gestos de solidariedade de colegas e professores, pois é um momento que devemos caminhar de mãos dadas e mostrar que um povo unido jamais será vencido.

Minha vida acadêmica foi muito prejudicada pela COVID-19. Creio que a vida de vários universitários também, pois todo mundo tinha seus trabalhos, seu ritmo de vida. Então essa pandemia chegou e mudou tudo, minha faculdade parou e atrasou meus estudos, foi um período muito difícil nesses momentos de pandemia onde tudo praticamente parou, então eu e os demais colegas nos questionávamos no grupo de WhatsApp sobre quando aconteceria a continuação do curso, já que as universidades de todo país pararam, e ficamos um longo período sem notícias sobre o retorno das aulas.

Reunimos cerca de 15 universitários do curso de PEDAGOGIA da UEA PARFOR, e começamos os trabalhos, durante três dias reunidos produzimos 272 máscaras com modelos e cores diferentes, colocamos avisos na rádio local que seriam entregues toda a quantidade para a população. No dia 28/04/2020 fomos para as ruas fazer as entregas, todos os integrantes da equipe foram com as blusas para representar o curso de PEDAGOGIA da UEA PARFOR.

Dividimos a equipe nos diversos locais da cidade, como: nas filas das agências, bairros, caixas eletrônicos. Na vida, pequenos gestos fazem toda a diferença, foi um trabalho árduo, mas que valeu muito apenas. Foi a partir desta concepção que tivemos a ideia de confeccionar máscaras para distribuir para a

população, com intuito de alertar e ao mesmo tempo mobilizar as pessoas e as próprias autoridades locais sobre essa pandemia que enfrentamos.

Durante a quarentena procurei me manter sempre com a mente ocupada, revendo algumas apostilas da faculdade de Pedagogia como: Filosofia da educação, Psicologia do desenvolvimento, Sociologia da Educação, entre outras. São disciplinas que ajudam a melhorar nossas práticas pedagógicas e abordam inúmeros teóricos importantes que contribuíram de diversas maneiras para o avanço da educação. Estou me dedicando nesses períodos de quarentena para compreender melhor as teorias de diversos autores, por esse motivo estou aproveitando esse momento tão conturbado para estudar um pouco mais e buscar aperfeiçoar minhas práticas pedagógicas.

### **Considerações Finais**

Este texto teve o objetivo de relatar minha história pessoal e profissional, destacando marcos importantes que ocorreram durante minha vida pessoal e acadêmica. Fazer esse memorial teve um gostinho especial, pois me recordei de vários momentos que ficaram marcados na minha vida, uma vez que falar de sua própria pessoa requer coerência em suas próprias palavras, lembrar-se dos momentos de dificuldades e expor em um trabalho acadêmico se torna difícil, com isso, é uma sensação única escrever tudo aquilo que você viveu e poder compartilhar essas informações para que outras pessoas conheçam sua história. Isso é gratificante.

Quando tomei a decisão de ser professor, entrar na faculdade passou a ser prioridade, então surgiu em 2016 a oportunidade de cursar PEDAGOGIA pela UEA, foi um momento de muita alegria e de grande conquista, com isso, surgiu um sentimento de que todos aqueles anos dedicados as comunidades ribeirinhas valeu apenas e hoje estou colhendo o fruto da minha dedicação, durante essa jornada profissional, que se iniciou nas comunidades ribeirinhas do rio Juruá.

O curso de PEDAGOGIA foi muito importante na minha vida profissional e pessoal, adquiri diversos conhecimentos que vou levar para a vida toda, pois foi através do curso que minha carreira ganhou mais visibilidade, já que é uma formação de grande importância no cenário educacional. Cursar uma faculdade em licenciatura em PEDAGOGIA exalta a carreira de qualquer profissional, ainda mais sendo pela principal instituição do Amazonas (UEA). Com isso, me sinto muito feliz e orgulhoso por esse momento que estou vivendo, pois, essa formação coroa todo meu esforço e dedicação durante toda a minha jornada acadêmica.

Nesse longo período, estudando diversos teóricos importantes, minha vida mudou completamente, hoje penso que estou mais bem preparado para viver em sociedade, agora percebo aquilo que eu não percebia, caminho por onde não caminhava, penso de uma forma na qual eu não pensava.

Durante o curso pude fazer inúmeras reflexões de minha vida pessoal, com isso, surgiram novas formas de enxergar o mundo e de viver no mundo, agradeço a Deus por ter me dado inteligência para tomar a decisão correta em iniciar e concluir o curso e hoje tenho certeza que através da formação de PEDAGOGIA, pude me tornar uma pessoa melhor. No entanto, tinha consciência que precisava concluir o curso para poder alcançar voos mais altos, já que era a oportunidade dos sonhos estudar um curso de nível superior na minha própria cidade ao lado de meus familiares e Deus me presenteou com essa faculdade.

Agora é buscar novas conquistas realizar novos sonhos, acredito que seja só o começo de uma nova história, já que através dessa formação posso concorrer aos concursos municipais e estaduais, pensando nisso, vou sempre procurar estudar para quando as oportunidades aparecerem eu possa estar preparado para dar o melhor de mim, umas das metas que pretendo alcançar é buscar novas formações como: mestrado e doutorado e quem sabe, me tornar um professor universitário, pois tenho grande admiração por esses profissionais.

## **CAPÍTULO 19**

### **MINHAS MEMÓRIAS EDUCACIONAIS**

Jozimar Alves da Silva  
Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### **Introdução**

Este texto é parte do meu trabalho de final de curso em Pedagogia, realizada no município de Itamarati pelo PARFOR, promovido pela Universidade do Estado do Amazonas, em parceria com a prefeitura.

Durante todo o percurso houve muitos desafios, mas todos superados com muita determinação. Sempre que iríamos iniciar o período, de janeiro a março estávamos desempregados, não tínhamos como sustentar a família e estudar. Todos os materiais que precisávamos nós mesmos que tínhamos que correr atrás para conseguir, como por exemplo, as impressões das apostilhas, algumas impressões de textos. Muitas vezes o coordenador do CETAM que nos fornecia sem cobrar nada, por que ele sabia que nós estávamos desempregados.

Este é o momento de relembrar toda a trajetória percorrida durante o curso e poder contemplar o meu desenvolvimento na vida, as evoluções da educação que o curso me proporcionou durante todo o percurso. O curso me mostrou outras maneiras de ensinar, abriu um leque de informações de como trabalhar com cada criança e aprendi que cada criança tem seu tempo de aprender.

#### **Meu caminho até a escola**

Nasci no dia 29 de setembro de 1986, na comunidade Bacaba, no município de Itamarati- AM, sou filho de Antônio Valbemir Pereira da Silva e de dona Deuzuite Meton Alves. Além de mim tem três irmãos, Raimunda Nonata Alves da Silva, Gelzimar Alves da Silva e Gilmar Alves da Silva.

Minhas primeiras lembranças educacionais são de quando eu ia pescar com meu pai e que quando chegávamos observava a minha mãe tratar o peixe que nós tínhamos pescado. Observava também minha mãe fazendo as suas tarefas de casa. Quando já estava um pouco maior, ia com meu pai, tios e avô para o roçado, plantar roça e depois limpar. Então tudo o que sei fazer, tanto nos serviços de casa, como qualquer outro, aprendi com a minha família.

Fui à escola pela primeira vez foi no ano de 1994. Durante três anos estudei com a mesma professora, Cristina. Na primeira série eu tinha 8 anos de idade. Comecei na Escola Santo Dummont. Não tenho muitas

lembranças da escola. As poucas que tenho algumas são boas e outras ruins. Nos meus primeiros anos escolares não foi nada fácil, pois eu não conhecia ninguém. Não tinha um amigo na sala. Ficava no meu canto só observando, todos conversando, era muito tímido, não conversava com ninguém. A professora passava a tarefa no caderno de cada um e saía da sala para conversar com as outras professoras. Nós alunos tínhamos que nos virar para fazer a tarefa. Os que já sabiam terminavam e os que não sabiam como eu, ficavam só olhando o caderno com vontade de fazer a tarefa. Era o meu primeiro ano, nunca tinha pegado num lápis para escrever nada. Como que eu iria fazer qualquer tarefa?

Quando a professora entrou na sala e viu que eu não tinha copiado nada, ela veio e pegou na minha mão e fez uma carreira comigo. Depois saiu da sala de novo. O que ela tinha me ajudado a fazer apaguei para fazer de novo, para ver se assim conseguia terminar a minha tarefa, não consegui. Eu só fazia até aonde ela tinha feito. Na terceira vez em que ela entrou na sala e viu que eu não tinha feito nada, ela só me mandou continuar.

O tempo passou e ela nos mandou para casa. Quando cheguei em casa a minha mãe foi me ajudar a terminar a tarefa e o que a professora tinha feito. Eu já tinha furado o caderno pelejando para aprender sozinho, porque a professora não me ajudou.

Depois de algum tempo estudando, a professora me colocou para a outra turma dela, à tarde, no colégio Francidene Soares Barroso. No começo a escola era limpa por que tinha passado por uma reforma. Toda vez que batia o sino para nós irmos para casa, tinha um vigia para fiscalizar a sala, ele olhava carteira por carteira. Se tivesse uma carteira riscada a diretora mandava chamar o pai ou a mãe para fazer o filho ou a filha limpar a sujeira que ele fez. O pai tinha que comprar a tinta, se caso fosse preciso pintar. O pai ainda iria pintar onde o seu filho teria rabiscado ou sujado.

Então quando entrávamos na sala, a professora avisava que era para todos tomarem muito cuidado para não rabiscar nada, nem as carteiras, nem as paredes da sala, nem jogar papel no chão.

Eu era muito tímido, conversava só com alguns colegas. Quando era na hora do intervalo nós íamos pegar a nossa merenda e ficávamos sentados no cantinho da sala. Nós não gostávamos de estar conversando com os outros meninos por que eles nos chamavam de burros e diziam que nós éramos índios. Isto porque nós não nos misturávamos com ninguém.

Então aquilo me deixava mais reprimido e aquela timidez não deixava com que me desenvolvesse dentro de sala. Eu não conseguia melhorar a minha relação com os outros alunos, achava muito ruim porque me prejudicava, não sabia me expressar e não sabia o que fazer para deixar aquela timidez. Não sabia o que fazer desenvolver na sala de aula, como na rua com outros colegas. Tudo para mim era muito difícil, por que não conseguia fazer amizades.

Eu só brincava com os meus irmãos e primos porque com eles era diferente. Como eu já os conhecia e convivia com eles o tempo todo era mais fácil para mim. Por que eles eram a minha família e com eles eu



não tinha nenhuma vergonha de fazer ou falar nada. Era tudo mais fácil para mim, e com eles conseguia me expressar melhor.

Já na escola era uma dificuldade que muitas das vezes eu queria ir ao banheiro e não tinha coragem de pedir da professora. Ficava aguentando até bater o sino do intervalo ou da saída. Muitas vezes eu saía da sala com muitas dúvidas com relação às tarefas de casa, tinha muita vergonha de perguntar. Quando chegava em casa que minha mãe ia me ajudar. Ela perguntava como era aquela tarefa, mas não sabia responder por que nem eu tinha entendido. Às vezes eram simples, mas como não tinha tirado as minhas dúvidas, ficava tudo mais difícil, não sabia explicar para minha mãe.

Quando foi no ano de 1997, consegui passar de ano, fui para a 2ª série do ensino fundamental no colégio Santos Dummont, com a professora Creusa. Ela era diferente da professora Cristina. Ela demonstrava que tinha interesse que os seus alunos fossem mais participativos nas suas aulas. Todos os dias ela pegava a leitura. Quando ela nos liberava para irmos para casa, ela dava para cada um uma revista em quadrinho. Era para todos lerem em casa, com ajuda dos pais. No outro dia, dentro de sala, cada um iria ler para os outros o que tinham lido em casa com os pais.

Neste ano eu já comecei a me soltar mais um pouquinho. Era o que a professora queria. Ela queria alunos participativos nas suas aulas. Neste ano já comecei a fazer amizade mais cedo. Só não era bom o dia que tinha a tabuada. Quem errasse pegava palmatória na mão. Então muita das vezes eu dava, mas às vezes era eu que pegava. Também a minha mão ficava ardendo, mas era bom por que aquilo servia de estímulo para os que não sabiam estudar a tabuada. Na outra vez que ela fosse perguntar, muitos já estavam com a resposta na ponta da língua por que ninguém queria pegar palmatória na mão.

Neste ano em que eu fui estudar com a professora Creusa, era bom, ainda não sabia ler direito nem escrever. Tinha uns colegas meus que eram piores do que eu. Então eles me pediam ajuda e eu ajudava e tinha outros que me pagavam para que eu fizesse a sua tarefa e eu fazia. Isto quando a sua tarefa era de português, por que de matemática eu não sabia aí quem pedia ajuda era eu. Quando um não sabia de uma matéria, pedia ajuda para aquele que sabia e assim todos os nossos colegas conseguiam fazer todas as tarefas com ajuda um do outro.

Assim nós conseguimos passar de ano. Nós revezávamos tudo: o lápis, a borracha, quando um não tinha emprestava do outro. A roupa que eu tinha para estudar era só uma, tinha que ter bastante cuidado com ela para não sujar, porque era só uma que tinha para estudar durante todo o ano letivo. Quando chegava o dia de sexta-feira que era o dia de nós jogarmos bola eu ia em casa vestir outra roupa. Eu gostava muito do dia de sexta-feira por que eu e meus colegas nos divertíamos muito. Era muito bom, nós brincávamos até tarde.

Já em 1998, fui para a terceira série do ensino fundamental na Escola Santos Dummont. Era para eu estudar com a professora Creusa, só que ela foi promovida para ser diretora da escola. Então fui estudar com outras professoras, no começo foi difícil para me acostumar.

Depois de algum tempo comecei a dizer para elas que estava com dor de barriga. Elas me mandavam para casa tomar um remédio. Eu ia para casa da minha avó assistir os desenhos. A minha mãe estava na beira do rio lavando a nossa roupa o meu pai estava trabalhando.

Quanto a me perguntavam o que era que eu estava fazendo em casa àquela hora respondia que tinha ficado com dor de barriga, então as professoras tinham me mandado vir para casa tomar um remédio.

Quase todos os dias eu inventava que estava com dor na minha barriga para sair e assistir os desenhos. Então professora me liberava por que ela não me conhecia. Com o passar do tempo a professora foi desconfiando da minha dor de barriga. Então uma delas pegou um copo com água e me deu para beber e depois de alguns minutos ela veio e me perguntou se a minha barriga tinha passado a dor. Respondi que sim então no outro dia elas mandaram chamar a minha mãe e contaram tudo o que eu fiz.

Depois desse dia eu nunca mais inventei que estava com dor de barriga para nenhuma professora. E passei a prestar mais atenção nas aulas, porque elas estavam sempre de olho em mim para ver se iria inventar outra coisa, mas como já sabia das consequências eu não queria saber de mais nenhuma loucura. Quem iria perder era eu e não as professoras que só queriam transmitir o conhecimento para toda a turma. Depois que passei a prestar mais atenção nas aulas, aprendi muito.

A minha leitura e minha escrita também melhoraram por que a cada mês estava me aperfeiçoando. Quando um aluno tinha alguma dúvida uma delas ia até sua carteira e só saía quando o aluno aprendia.

Elas se esforçavam em dar o melhor conteúdo, por que o esforço delas de ensinar os que tinham dificuldades era impressionante. Elas davam aula por que elas sabiam ensinar. Como elas tratavam os alunos sempre de forma carinhosa, elas sempre estavam de bom humor. Elas ensinavam a desenhar. Quando uns já tinham terminado a tarefa elas faziam brincadeiras. Dava prazer em assistir as suas aulas.

Quando era um assunto novo, que alguns alunos tinham entendido, elas pediam para eles ajudarem quem não tinha entendido. Quando já estivesse terminado a sua tarefa. Então os que tinham entendido terminavam rápido só para ajudar os outros colegas e ver o seu desenvolvimento no decorrer do ano. Era muito bom por que todos aprendiam juntos. Foi um ano inesquecível para mim. Eu gostei muito por que foi um ano que me ajudou desenvolver ainda mais. Passei a interagir com a turma toda que era muito boa.

Em 1999 eu fui aprovado para a quarta série do ensino fundamental. Neste ano eu tinha 13 anos. Como sempre ajudava o meu pai na plantação de manhã. À tarde eu ia para a escola. O nome do professor era Joaquim. Ainda no colégio Municipal Santos Dummont. A escola ainda estava boa. As salas todas não tinham nenhum problema. Não tinha refeitório. Pegávamos a nossa merenda e íamos merendar na sala com o professor Joaquim. Ele era muito bom. Com ele eu gostava das aulas de matemática.

Brincava muito com os meus colegas, neste ano foi muito bom, por que até então vinha só melhorando a minha leitura, mas, foi com o professor Joaquim que aprendi realmente a ler. Lia tudo por que gostava. Era um mundo novo que estava descobrindo. Então eu não ia mais com o meu pai para o roçado, entrava dentro do quarto e começava a ler e a cada leitura parecia que estava vivendo tudo o que os autores estavam escrevendo. E por mais que tentasse, não conseguia, era muito maravilhoso para mim. Se não conseguisse terminar de ler, ficava pensando o tempo todo no final da história. Então, tinha que terminar qualquer leitura que eu começasse.

Foi o primeiro ano que tive que escrever uma carta, por que os meus pais tinham viajado e como tudo era por carta, eu tive que escrever. A minha irmã mais nova do que eu, falou que na carta que ela iria mandar ela não tinha falado nada sobre mim. Então tive que escrever uma também.

As aulas do professor Joaquim foram muito importantes para mim, apesar de que eu gostava mais das aulas de matemática com ele, não de português. Quando terminou o ano letivo quase toda turma conseguiu passar de ano e foi muito bom, porque foi quase a mesma turma que continuou junta.

Já no ano 2000, fui para a quinta série do ensino fundamental. Já em outro colégio. Estudei na Estadual chamado Francidene Soares Barroso. Os nossos materiais como caderno, lápis, caneta, calça e blusa era tudo dado pelo governo, eu continuava estudando de manhã neste ano. A minha irmã foi estudar comigo. No começo do ano tinha gostado. Estudar com a irmã era complicado. Eu me sentia vigiado por ela, não gostava.

Depois que as aulas já tinham começado, me sentava na frente dela. Quando era uma conta de subtração eu não sabia, pedia ajuda dela. E ela me ajudava. Quando era uma de multiplicação ou de divisão, que ela não sabia, eu ajudava. Assim nós íamos aprendendo e ao mesmo tempo ensinando um ao outro. Fazíamos a troca de conhecimento. Ficava entre nós dois, então era muito legal tanto para mim, quanto para ela.

Agora eram mais professores, mais conteúdos, menos tempo para estudar na escola. Cada professor tinha um tempo de aula, cada tempo era de quarenta e cinco minutos por professor. Muitas vezes eu me complicava nos trabalhos. Quando os professores passavam as tarefas para casa eu estudava de manhã e de tarde ia com o meu pai e tios para o roçado e algumas vezes nós chegávamos quando já estava escurecendo. Eu já cansado, tomava banho e ia descansar o corpo. No outro dia bem cedo, antes da aula, tinha que fazer as lições de casa para não chegar à escola com a minha tarefa por fazer.

O quinto ano até que não era tão difícil como muitos diziam. Eu já tinha mais amigas, como a minha irmã. Eu e ela não tínhamos uma convivência boa, mas depois que nós passamos a estudar juntos foi melhorando. Ainda tinha o Antônio Carlos, Charles, Edivaldo, Rizoma, Dormir, Elaine, Gele Aldo.

Os trabalhos que os professores passavam para fazer de grupo eram muito satisfatórios. Éramos unidos. Nós sabíamos que quanto mais cedo terminar era melhor por que podíamos jogar bola. Então todos faziam uma parte. O bom era quando o professor de ciências ia fazer uma prova. Uma parte da turma só

estudava as respostas. Quando era o dia da prova a maioria da turma só tirava nota baixa por que só estudava as respostas e não estudava tudo.

Na hora da merenda era uma bagunça que muitas vezes era preciso a diretora ir ao corredor para a calma a bagunça. Na escola não tinha refeitório, então muitos merendavam no corredor mesmo. Até por que em todos os lugares os alunos faziam bagunça. A diretora ficava na sala dela, os professores na sala deles. Não eram todos os alunos que eram bagunceiros. Quando os alunos menos esperavam, a diretora chegava e algumas vezes ela pegava de surpresa os alunos na bagunça.

Quando foi no ano de 2001 eu fui para o sexto ano do ensino fundamental, continuei na escola estadual Francidene Soares Barroso, escola continuava dando os nossos materiais em todos os começos de ano, como caderno, lápis, borracha, caneta. No sexto ano eu já não estudava, mas com a minha irmã, eu só estudava com Charles, Antônio Carlos, Rizoma, Fabiane, Maria Ivanilde, Alcione, Traque do, Nonato, Juliana, Carlos Junior, neste ano as coisas já passaram a ficar mais difícil, porque me colocaram para estudar a tarde, então eu e um primo íamos quase todos os dias para o periquito, ajudar a família a limpar o roçado e tínhamos que voltar correndo para estudar a tarde e quando nós vínhamos o Sol já estava muito quente. Quando nós saíamos de lá, às vezes era onze horas e quando chegávamos já era mais de doze e meia do outro dia.

Era muito complicador para mim ter que estudar e ajudar a minha família no roçado, claro que eu também não ia todos os dias, só ia quando era tempo de limpar ou plantar e no tempo de fazer a farrinha, eu gostava porque tinha um igarapé e nós íamos tomar banho na hora que nós queríamos, a água era fria, então quando o Sol estava muito quente, eu, meus primos e tios íamos todos para o igarapé tomar banho.

No ano de 2002 eu fui aprovado para o sétimo ano na mesma escola, as mudanças tinham sido muito poucas, os colegas eram praticamente os mesmos, os professores também eram os mesmos. O grupo se reunia na casa do Antônio porque lá não tinha ninguém para atrapalhar o nosso estudo, por que os pais dele eram separados e a mãe dele passava o dia todo trabalhando no hospital, o pai dele morava em outra casa e ele passava o dia todo em casa sozinho, então nós íamos estudar sempre na casa dele.

Em 2003 eu passei para o oitavo ano, os professores eram praticamente os mesmos, só tinha um professor diferente, os outros eram os colegas também tinham mudado, mas eram poucos. O professor tinha o conhecimento, mas ele não sabia transmitir o conhecimento que ele tinha, eu não entendia praticamente nada do que ele ensinava, então quando era nas provas dele, eu só tirava notas ruins nas outras matérias entendia tudo do jeito que os professores ensinavam.

No ano seguinte, fui para o nono ano com dependência em Ciências, então eu estudava atarde e pagava aula de noite, foi bom por que a noite estudava com a minha mãe, então eu gostava.

Como eu não estudei mais no nono ano com o professor Ênio, consegui passar nas disciplinas e consegui passar também na disciplina que estudava com a minha mãe, que era durante a noite e quando chegou o final do ano estava muito feliz por que tinha conseguido passar em todas as disciplinas. Quando

chegou o final do ano eu e minha mãe e meu irmão mais novo fomos passar as férias na casa dos meus avós, que eram só os pais de minha mãe, foi ótimo por que nunca tinha viajado para Manaus.

Quando voltamos já estava perto de começar o ano letivo, foi neste ano que eu conheci a minha esposa, com pouco tempo de relacionamento ela engravidou, então tive que assumir ela, resolvermos nos juntar, fiquei para recuperação em quase todas as matérias, não me concentrava direito na aula, pensado onde era que iria arrumar um emprego para sustentar o meu filho. Nós morávamos na casa dos meus pais, mas eles não tinham o dever de nos sustentar e sustentar também o nosso filho, então era muito difícil para mim, porque eu não tinha emprego nem a minha esposa.

Muitas das vezes, pensava em desistir dos estudos, mas meus pais não deixavam que eu desistisse. Meu pai dizia que quando eu terminasse os estudos ele conseguiria um emprego para mim. Então aquelas palavras faziam com que eu não desistisse, porque sabia que através dele, teria um emprego quando terminasse os meus estudos.

Assim continuei estudando com muita luta, muitas vezes eu não ia para escola porque eu chegava em casa cansado do trabalho. Trabalhava o dia todo, a noite ia para escola bastante cansado. Muitas das vezes eu não fazia nem os trabalhos que eram passados para casa, devido à falta de tempo. Mas, mesmo assim, com muito esforço, fui para o segundo ano.

No segundo ano já foi mais difícil, porque tinha saído da casa do meu pai para a minha casa. Então eu tinha que trabalhar e estudar, porque os meus materiais escolares eu deixava na casa da minha mãe, porque ficava mais perto da escola e quando saía do trabalho, passava lá, tomava banho e ia para escola.

Quando eu chegava em casa, já bastante cansado, muitas vezes ainda ia fazer os trabalhos da escola. Quase não tinha tempo para minha família porque era só eu quem trabalhava. Muitas das vezes os meus pais me ajudavam. Então só consegui concluir o segundo ano por causa dos meus pais, que eram eles os meus incentivadores.

Quando eu não ia, no outro dia eles perguntavam o que estava acontecendo, porque eu não tinha ido para escola. Eles sempre falavam que se eu não terminasse os meus estudos, eles não tinham como me ajudar com um emprego.

Já no terceiro ano, com a ajuda dos colegas, consegui fazer todas as atividades que eram passadas pelos professores. Muitas vezes a mulher reclamava porque eu não tinha tempo para ela e nem para a criança. Então, ela pedia para que eu desistisse dos estudos, mas não desistia, porque sabia que quando terminasse teria outro emprego, a não ser trabalhar no sol quente e que mudaria não só a minha vida, mas também a vida dela e do nosso filho. Com muita luta e esforço consegui concluir o terceiro ano em 2008.

## **Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR**

Antes de ser professor eu trabalhei como ajudante de pedreiro, como pintor, carpinteiro e pescador. Trabalhava na roça também, ajudando a minha família. A maior parte do nosso sustento tirávamos da roça que tínhamos.

Quando conclui o meu ensino médio já era pai de família, tinha três filhos e comecei a trabalhar como professor. Era o emprego que meu pai tinha falado que ia conseguir para mim. Meu primeiro emprego como professor foi na Comunidade Boca do Xeruã. Trabalhava no ensino fundamental, do sexto ao nono ano. Iniciei como professor no ano de 2009. Lecionei em diversas comunidades do interior do município de Itamarati.

No ano de 2015 fiquei sabendo pela secretária de educação que iria estudar pelo PARFOR-UEA a Licenciatura em Pedagogia. Minha inscrição se deu com as xerox de documentos que tinha deixado na secretaria de educação para a seleção de professores do interior.

Nessa escolha de ser professor foi tudo muito novo para mim, por que um ano antes eu era apenas um estudante e um ano depois já era um professor, ainda não tinha me acostumado com a ideia de ser professor, então tinha muitas dúvidas e pensava muitas noites em desistir só que eu não podia por que a minha família estava contando comigo, então pensava nos meus filhos e nas necessidades que nós já tínhamos passado e não queria mais aquela vida anterior, queria outra vida para eles, então só servia de estímulo para que não desistisse, depois de algumas semanas já estava bem adaptado com a comunidade e a comunidade comigo, então, depois de quase um mês vim para a cidade e levei a minha família para a comunidade e ficou tudo bem.

## **Estudando, trabalhando e lutando: o percurso da minha formação**

Antes do PARFOR, o curso que eu tinha feito era a formação para professor e a outra era em informática básico.

As primeiras disciplinas do curso de Pedagogia foram muito difíceis, porque nas horas das apresentações eu tinha muito nervosismo, um tremelique nas mãos, até a voz era trêmula, quando estava com os meus alunos não tinha nervoso, porque eram só crianças, na faculdade eram só adultos e professores, estavam o tempo todo nos avaliando, então era muito difícil para mim conseguir me expressar da forma que eu queria, porque a avaliação era para saber o que tinha adquirido das disciplinas, muitas das vezes tinha aprendido muito, mas na hora da apresentação não conseguia expressar tudo que tinha aprendido daquela disciplina.

Durante todo o meu percurso de profissionalização em Pedagogia, sempre procurei estar envolvido com a carreira docente, confesso que não foi muito fácil, algumas vezes deu vontade de abandonar tudo e

procurar outra área para atuar, mas como o município é muito pequeno, não temos opção de escolha, então com muito esforço, perseverança e fé em Deus, acima de tudo, consegui concluir a formação.

### **A pandemia de Covid-19**

Minha vida profissional durante a pandemia foi um pouco ruim, pois fazia poucas semanas que tínhamos começado a trabalhar na escola municipal Padre Guilherme Burmanje e depois de algumas semanas de aulas fomos notificados de que as aulas iriam ser suspensas por causa da pandemia e sem previsão para voltamos a trabalhar. Então fiquei um pouco inseguro por causa do contrato, por não saber como iríamos ficar, pois, o boato que rolava era que todos os contratados iriam ser suspensos, já que não estava havendo aulas, então fiquei muito triste, por mim e pelos meus colegas também.

Como eu estava em casa parado, sem trabalhar, mas recebendo sem saber por quanto tempo, comecei a fazer alguns bicos por fora, mas com muito cuidado, me protegendo, usando sempre máscara e álcool em gel para não pegar o vírus e contaminar a minha família, pois a minha esposa tem alguns problemas de saúde, fiquei com muito medo por causa de meus pais que contraíram a doença, então, por motivo de segurança só minha irmã tinha contato direto com eles e o meu irmão que já morava lá com eles. Com o passar do tempo, passei alguns meses sem sentir gosto da comida e sem sentir cheiro, não fiz o teste para comprovar ser realmente estava com o vírus, mas pelo que ouvia no noticiário, era o vírus, só faltava o teste para comprovar.

Já com o passar dos meses, houve o seletivo, eu fiz para trabalhar na sede, para minha felicidade, passei, voltamos a trabalhar, mas de forma diferente, nós professores fazíamos as atividades nos cadernos dos alunos e os pais vinham na escola pegar, todas as segundas-feiras era dia de entregar os cadernos para os pais e responsáveis por alunos e na quinta era dia de devolver com as atividades feitas.

Se algum aluno tinha dúvida e os pais e responsáveis não soubessem ajudar, tinha um dia da semana para tirar as suas dúvidas. Alguns professores queriam trabalhar com a metade da turma na sala, pois achavam que assim os alunos aprenderiam, mas os mesmos foram orientados pelos seus gestores para continuarem realizando as atividades nos cadernos, pois o momento ainda era muito crítico para trabalhar com os alunos dentro de sala, mesmo que fosse só com a metade da turma, os professores alegavam que alguns cadernos voltavam com as atividades do mesmo jeito, outros já não traziam nem o caderno do aluno.

Foi muito difícil saber que as aulas iriam parar por causa da pandemia, estava na segunda semana do estágio supervisionado II, já estava na elaboração do plano de aula quando veio para a escola um ofício, para suspender as aulas e não teriam uma data certa para reiniciar, afinal o mundo estava passando por um momento muito conturbado e o melhor para todos e para a segurança da própria população seria realmente cancelar. Não foi muito fácil concluir o estágio por WhatsApp, sem ter os professores do lado para dar as orientações

certas, era muito difícil, não foi uma tarefa fácil, mas com o auxílio dos colegas, melhorou muito, pois o contato com os professores era muito difícil, por causada internet.

Em se tratando de doenças nunca se sabe o que pode acontecer, foi o que aconteceu quando nós acadêmicos do curso de Pedagogia já estávamos fazendo muitos planos para a nossa formatura e depois, já pensando em uma pós-graduação, no concurso público que viria, estávamos confiantes de que muitos conseguiriam as vagas, seria um ano promissor para nós, estudantes de Pedagogia, mas de repente o mundo parou e nós ficamos nos perguntado o porquê de tal tragédia.

A minha vida de estudante parou, pois passei a dar prioridade a outra coisa, como dar atenção para a minha família, que até então, eu tinha deixado um pouco de lado por causa dos estudos.

### **Considerações Finais**

Foi muito importante fazer uma graduação, pois já fazia 8 anos que eu estava trabalhando na área da educação só com o ensino médio e poder fazer uma formação era um sonho que almejava para a minha vida, mas não era possível, porque o meu salário não dava para manter minha família e fazer uma formação, sem contar que teria que sair do município para a capital ou para outro município que tivesse uma formação.

Quando fomos solicitados para escrever sobre a nossa própria vida, confesso que fiquei um pouco angustiado, pois não sabia por onde começar e nem o que escrever, nunca tinha escrito nada sobre a minha vida, mas depois foi bom, e ruim também, porque tem algumas coisas do nosso passado que se pudéssemos esquecer seria maravilhoso, mas no passado também há coisas gostosas e interessantes de ser recordo.

Durante a minha vida acadêmica em Pedagogia, vi transformação, fui adquirindo no decorrer do curso, melhorias para as minhas práticas educativas, se abriu um leque de conhecimento tão grande que eu já queria sair colocando em prática tudo que tinha adquirido, a cada período que se iniciava, já ficava ansioso pelos conhecimentos transmitidos pelos professores e como eu poderia colocar os conhecimentos transmitidos por eles em minha prática educativa e pessoal também.

No início do curso era tudo uma maravilha, era a realização de um sonho, mas depois virou um pesadelo, sempre no início de ano. Pesadelo porque sempre estava desempregado, muitas vezes me perguntei se realmente a escolha que eu tinha feito era a certa, porque não tínhamos o básico, então foi muito sofrimento, mas agora sei do porquê de tanto sofrimento, porque a vitória tem um gosto maravilhoso.

Depois de concluir esta formação sei que vou estar muito mais preparado para atuar, mas ainda na área da educação, me sinto mais forte do que antes, agora tenho certeza do que eu quero para a minha vida docente e tenho certeza que posso ir mais além. Agora que minha vida de docente está iniciando, sei que esta formação é só uma das muitas outras que virão.



## CAPÍTULO 20

### MINHA TRAJETÓRIA DE VIDA

Leciene Mota Vidal Rodrigues  
Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### Introdução

Esse texto é parte do meu memorial e versa sobre a minha vida pessoal, profissional e acadêmica, a respeito da educação. O mesmo também fala sobre a minha formação acadêmica no curso de Pedagogia pelo PARFOR.

#### Meu caminho até a escola

Minha História de vida começou no dia 11 de julho de 1985, no município de Itamarati. Vim de uma família bem humilde, minha mãe que se chama Maria do Socorro Mota, era viúva e teve seis filhos do primeiro casamento: Eliane Mota, Denílson Mota, Genaro Mota, Elciane Mota, Raimundo Mota, Benedito Mota, e eu que sou fruto de outra relação, mas meu pai nunca se importou comigo e nem com os meus outros irmãos: Jonas Mota, Charlene Mota e Jairo Mota.

Passamos muitas dificuldades por não ter dinheiro, somos dez irmãos ao todo, e sempre tem aquela irmã que é conselheira de todos, que começou a trabalhar muito cedo para não nos deixar faltar nada. Ela fazia roupa de crochê para bebês, para vender para as amigas, minha mãe que era aposentada por ser viúva do seu primeiro casamento, na época recebia por Carauari e era difícil acesso a transporte para ir até a cidade vizinha receber e não era todo o mês que ela podia ir, por motivo de muitas dificuldades de deixar os filhos, éramos muitos pequenos e nesse período ela lavava roupa de outras pessoas para nos sustentar eu e meus outros irmãos.

Na época só trabalhava minha irmã mais velha que trabalhava na casa de uma família, veio a eleição e com ela uma decepção e tristeza, pois eu considerava essa família se fosse a minha segunda família e eles tiveram que ir embora, por questões políticas, tiveram que se deslocar para outra cidade, a situação que já não era muito boa, ficou ainda pior.

Tínhamos uma casa que não era boa, onde só tinha dois quartos para 10 irmãos, tinha que levantar de madrugada para carregar a água, não tínhamos água encanada e a rua não era asfaltada, eu subia uma ladeira imensa com a lata na cabeça.

Para ir à escola precisámos colocar os pés numa sacola, quando chovia a rua não era asfaltada, tinha muitas dificuldades. Comecei a ganhar um pouco de dinheiro, lavava roupas para uma firma, vendia dindin, carreava areia e tijolos para ajudar nas despesas de casa.

Lembro que apesar de sermos muito necessitados, na nossa casa não faltava o amor de nossa mãe e da nossa irmã que nos tratava como se fossemos filhos dela, ela se preocupava com os nossos estudos, não deixava a gente faltar aula, marcava bem de pertinho. Ela ia na escola saber como estava nossa aprendizagem, recebia nosso boletim, pegava nossa leitura. Na época eu reclamava muito, mas hoje entendo que tudo que ela fazia era para meu bem, nunca nos deixou cair na vida e sempre nos orientou, apesar de toda as dificuldades.

Meu primeiro ano na escola foi com 10 anos de idade, na escola Francine Soares Barroso, foi uma grande alegria devido eu ter uma vontade imensa de estudar e também por achar o prédio com uma estrutura bonita, de dois pisos, 8 salas de aula, uma cozinha, e dois banheiros e foi quando tudo começou, era um sonho estar na escola para aprender a ler e escrever.

Quando conheci minha professora, a Máuria Nogueira, ela era carinhosa, tinha um jeito de ensinar que me encantava, gostava muito de ler para gente, eu ficava encantada e observando seu jeito, imaginando quando ia aprender a ler daquele jeito. Suas aulas eram tão boas que eu não queria que o dia passasse, ia para casa muito feliz, pensando já no outro dia. Logo os anos passaram e eu cada vez ficando mais feliz por cada ano que estava aprendendo cada vez melhor.

No entanto conheci muitos outros professores bons e legais, já no quinto ano encontrei um professor que quase acaba com meus sonhos e a vontade de estudar. Não tinha vontade de voltar para a escola, eu tinha medo dele, ele ficava me olhando de um jeito que não estava me sentindo bem nas aulas. Eu dizia para minha irmã que não queria estudar com aquele professor, passei os dias sem voltar a escola, minha irmã preocupada que eu perdesse, o ano foi conversar com a diretora, ela conseguiu me trocar de turma.

Nessa segunda turma, me identifiquei, encontrei os colegas da casa que eu assistia televisão a noite, pois na minha casa não tinha. A minha família era e é minha consolação, tanto para viver, quanto na escola, principalmente minha amada mãe, que apesar de não saber ler, sempre esteve presente na escola.

Minha alimentação em casa era um pouco difícil, um dia tinha e outro não. Minha família era grande, minha mãe fazia bolinhos de farinha para gente não dormi com fome. Lembro que um dia eu saí de casa, tomei café com farinha, cheguei na escola pedindo a Deus que chegasse a hora do intervalo, a merendeira da cozinha falou que não ia ter merenda, eu pensei: e agora? Eu estava morrendo de fome as minhas colegas estavam brincando na mata, a Cleide que era quem tinha mais condições, por que seu pai era vereador, chamei ela para irmos tomar café em sua casa e ela falou para eu esperar porque estava brincando, porém não fomos, voltamos para a sala e eu estava muito triste por que estava morrendo de fome.

Terminou a aula, fui para a casa bem depressa, ao chegar em casa tinha uma panela em cima do fogão, minha mãe tinha apagado o fogo naquele instante, então eu gritei: mãe, cheguei da escola! No que ela me respondeu: já vou colocar comida para você. Eu com muita vontade de comer, destampeei a panela, o caldo de feijão veio parar em cima de mim, sofri muitas queimaduras.

Na escola eu gostava de merendar sopa, bolacha, levava sempre um vaso para trazer para os outros irmãos, naquela época era muito difícil de material, as vezes o governo dava, mas não era todas as vezes que isso acontecia e quando o governo não dava, minha mãe comprava, eu não era muito de escolher material, se eu tivesse um caderno, um lápis e uma borracha, já era o necessário, então minha irmã fez uma bolsa de crochê, eu levava meus materiais dentro da bolsa com tanto gosto, apesar de meus outros irmãos que levavam seus materiais em um saco de bolacha.

As minhas tias mandavam roupas usadas para minha mãe, vinha sempre umas melhores que ela tirava para gente vestir para ir para a escola, veio uma blusa de cor amarela e um calção verde que eu fiz de farda, ficava muito feliz quando eu vestia para ir à escola.

A disciplina que eu mais gostava era Português, a professora trabalhava muito caça palavras, ditado, leituras, a gente usava muitos livros. Na Matemática encontrei um professor que eu sofria muito, ele só chamava eu para o quadro para resolver as contas, só por que eu não sabia, então eu chorava muito e meus amigos ficava mangando.

Ao chegar perto do ensino médio apareceu um certo rapaz que tirou meu foco dos estudos, namoramos e fiquei grávida, tive que parar meus estudos por que a gravidez era de risco, viajamos para eu poder ganhar neném, por que não tinha médico aqui na cidade. Ele foi transferido para outra cidade, nos separamos, fiquei sozinha cuidando de minha filha e não podia ir para a escola, passei um ano sem estudar, pois daí aconteceu que fiquei sabendo que ele estava com outra, foi aí que a relação acabou e enfim cheguei ao ensino médio.

Voltei a estudar devido ter parado uns anos sem ir à escola, então resolvi voltar e comecei pelo tecnológico, na escola Francidene Soares Barroso, era e é um com colégio de ótima estrutura e com bons professores, sala de informática e biblioteca, tinha o objetivo de terminar, comecei a trabalhar em um restaurante para poder comprar as coisas necessárias para minhas filhas, nesse restaurante encontrei um namorado, engravidei da minha segunda filha, mas não parei de estudar, com muito mais dificuldade agora, porque levava ela toda noite para a escola, mas consegui concluir, graças a Deus.

### **Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR**

Durante os anos que eu trabalhei, a secretária dona Aurea Maria Ester e seu esposo, João Medeiros Campelo, o prefeito da época, queriam que todos os professores da zona rural tivessem uma formação na

área da educação, foi aí que eu fiquei sabendo do Parfor e a secretária se encarregou de fazer todas as matrículas via internet, quando soube que eu estava matriculada, fiquei muito feliz e grata eternamente a eles pela oportunidade de me colocar em uma faculdade.

Antes de trabalhar na zona rural eu trabalhava sempre substituindo o meu irmão na sala de aula, ele e também outras pessoas, isso era o que eu mais gostava de fazer.

Já trabalhei na orla, na época meu cunhado era responsável por um restaurante onde eu era auxiliar de serviços gerais. Também trabalhava em casa, ajudando a minha mãe. Mas sempre gostei mesmo foi de atuar como professora, então, quando meu irmão me convidava para ficar no lugar dele, era um privilégio, mesmo sem terminar o ensino médio, eu trabalhava como ajudante.

Em 2010 recebi uma proposta de trabalho do meu cunhado, que trabalhava na secretaria de Educação para ministrar aulas na zona rural e eu fui. Na viagem, tudo foi perfeito, fui junto com outros professores, um com experiência e outros não, o barco parava nas comunidades para deixar os professores. Me falaram para ir pegando as minhas coisas que eu já seria a próxima, então eu disse: ai meu Deus, me ajude nessa comunidade! Chegamos depois de quase sete horas de viagem, deixaram a gente e disseram: fiquem com Deus e até a volta.

Ao chegar na casa nos deparamos com muita sujeira, junto ao meu colega de trabalho, fomos à luta, pegamos nosso balde e enchemos nossas bacias de água do porto, colocamos na cabeça, eu ainda fiz uma brincadeira, carregando água de novo, fomos em frente, eu contando um pouco sobre a brincadeira da água na cabeça, ainda soltei o vaso andando para ele ver, isso tudo antes da noite, pois não tinha energia e o motor de luz estava com problema.

Chegou a noite, o Leonardo levou até uma cama, eu levei um mosquiteiro todo furado e uma rede, tinha carapanã que chovia, fomos nos deitar, o meu colega dormiu a noite inteira e eu com os olhos inchado de tanto chorar, lembrando das minhas filhas e não conseguia dormir, pedia para o Léo: vai me deixar em casa de volta. Ele me convenceu a ficar.

Após a entrega de todos os professores, o supervisor com sua equipe, na volta, fez a reunião com os moradores da comunidade para nos conhecermos, avisando que a aula começaria no dia seguinte. Na segunda feira iniciou a aula, eu com uma turma de trinta e dois alunos de primeiro ao quinto ano, sem experiência, mas sabia conversar, íamos conversando e eles só escutando, como estavam tão calados perguntei: vocês estão gostando de ouvir as minhas conversas, querem que eu pare que eu continue? Todos responderam: não!

Eu fiquei tão feliz e disse: agora vocês vão falar um pouco de vocês, um de cada vez, assim fomos nos conhecendo, cada dia era um aprendizado diferente, meus alunos preenchendo um pouco as saudades de casa.

Passou dois meses e o barco da supervisão e sua equipe voltaram para a comunidade para deixar merenda, nunca vi tantas crianças animadas, carregando a merenda para a escola, o supervisor muito atencioso com a gente, fez reunião novamente com todos os pais e alunos e disse de toda quantidade da merenda e perguntou: vocês estão gostando da professora? Eu com o coração na boca, e eles responderam que sim, eu fiquei tão aliviada que meus esforços e muita dedicação não estava indo em vão, minha irmã mandou o livro para mim, o título era “Toca do tatu”, fiquei muito mais animada.

Os meus alunos de 1º, 2º e 3º anos do ensino fundamental não sabiam ler, eu passava tarefa no quadro para os do 4 e 5 anos ir copiando, enquanto isso ia pegando leitura, ao término de todas as atividades fazia uma roda, ai fazia a leitura para todos, tentava lembrar de como aprendi com minhas professoras e assim, graças a Deus, ia dando certo. A saudade de casa apertando e eu sem saber notícias de casa, tentava fazer sempre o melhor, depois de quase 07 sete meses na comunidade.

Com a convivência na comunidade me tornei praticamente um familiar, referente a isso tive a liberdade de pedir um favor a um rapaz da comunidade, me trazer a cidade, por ele não ter motor, pegou emprestado dos seus pais. Fizemos o percurso e chegamos ao destino que era em minha casa, ao chegar tive o privilégio de saber que estavam todos bem, especialmente as minhas filhas.

O tempo cabível a passar com minhas filhas era apenas um final de semana, eu aproveitei ao máximo possível ao lado delas, comprei algumas coisas que estavam faltando e retornei à comunidade com o coração partido, cheio de tristezas por estar deixando minhas filhas. Depois de um tempo casei com esse rapaz e tivemos uma filha chamada Hevelly Vidal Gomes.

Minha irmã Eliane Mota, por ser gestora de uma escola, me doou um mimeografo, por ter conseguido computadores e uma impressora para sua escola, me ajudou, me fornecendo essa ferramenta para facilitar meu trabalho na zona rural.

Minha filha já estava maior, com três meses e com muita garra e força de vontade, fui contratada e voltei a lecionar. Nesse ano já fui bem mais preparada para a comunidade Igarapé Dona Nenê, na escola Municipal Helena Pereira de São Bento. A escola era de madeira, em má condição, quando chovia molhava tudo dentro da escola. Com muito esforço e determinação conseguir uma escola nova, mesmo com a escola nova, faltava uma melhor merenda que só dava por alguns meses.

Meus alunos eram muito curiosos em saber o que acontecia quando era o mês de São João, eles queriam vir até a cidade de Itamarati onde aconteciam as quadrilhas, quando tomei a iniciativa, juntos aos meus colegas de trabalho: Leonardo Pereira e Gean Bernardino, que sempre tive muito carinho e respeito, fizemos reunião com todos os pais da .comunidade para saber se eles poderiam nos ajudar com as roupas de seus filhos, eles responderam que sim, se a gente conseguisse os panos, pedimos ajuda do supervisor Izandro Bernardino, que nunca mediu esforços para nos ajudar. Enfim, fizemos uma grande e maravilhosa quadrilha e alguns pais nos elogiaram.

No 4º ano votei a mesma comunidade, na qual trabalhei junto com a professora Quézia Belarmina, levamos uma proposta de trabalho para os alunos sobre o desfile do dia 07 de Setembro, começamos a confeccionar os materiais, os tambores eram de lata de Mucilon, as bandeiras minha irmã emprestou de sua escola, assim, ensinávamos nossos alunos a cantar o hino nacional brasileiro, cada dia que se passava era um aprendizado juntos com eles.

No 5º ano retornei a mesma comunidade, só que meu colega de profissão era outro, ele foi um dos melhores professores que já trabalhei na mesma comunidade, sendo que todos eram excelentes profissionais, o nome dele é Antônio Valdiney de Almeida, com ele trabalhei durante 3 anos seguidos, assim se foram 8 anos de experiência na docência.

Durante esses 8 anos de trabalho tive algumas experiências que marcaram minha vida, uma delas era quando eu saía da escola cansada e ia tirar meus estresses tomando banho em um Igarapé, é um afluente que tem um percurso de água nascente na comunidade Igarapé da Dona Nené, fui com meus alunos, eles sempre estavam comigo, porque às vezes seus pais saíam de casa e eles vinham para onde eu estava, essa foi uma das melhores experiência que tive, eu sentia uma afetividade pelos meus alunos, ainda lembro deles.

No término do ano letivo eu fiquei muito triste porque ali tinha criado um elo com a comunidade, lá eu casei e criei um vínculo com todos da comunidade, eles se tornaram minha segunda família, sou muito grata a eles por tudo isso, pelo apoio que eles me deram durante todo meu histórico de trabalho e experiência no decorrer dos 8 anos que passei lá, eu ainda pensava em retornar, mas por motivo de doença eu não pude mais voltar, aí fiquei trabalhando na sede do município de Itamarati, na escola municipal Padre Guilherme Burmanje, com as séries de 2º e 3º anos do ensino fundamental, a escola oferece uma boa estrutura e merenda de qualidade.

Durante minha atuação como professora, antes do Parfor, eu fiz alguns cursos, que fizeram melhorar a minha prática docente, porque não tinha uma direção para trabalhar, como o PNAIC, Formação Continuada, Café Regional, Culinária, iniciei um curso de Informática Básica, mas não terminei, esses cursos vieram em boa hora, pois me direcionaram na prática docente, sendo assim, eu aprendi a trabalhar gêneros textuais e também o lúdico, eu já trabalhava o lúdico, mas não sabia o objetivo que eles tinham. Depois dos cursos eu me aperfeiçoei mais, sendo que o lúdico é fundamental para trabalhar nas séries iniciais, foi a partir daí que me aprofundei mais na minha profissão como docente, os gêneros textuais me fizeram melhorar.

### **Estudando, trabalhando e lutando: o percurso da minha formação**

Eu mudei muito na minha prática docente em sala de aula, porque foi a partir daí que eu passei a ter uma visão de mundo. No início da faculdade eu ainda não tinha acreditado que estava em uma universidade,

mas com o passar do tempo, que os professores foram transmitindo as disciplinas e os conteúdos, eu passei a acreditar.

No início das primeiras disciplinas eu não entendia quase nada, porque os textos eram muito complicados e difíceis de entender, continham muitas palavras desconhecidas. Mesmo assim, com tantas dificuldades, para mim era a realização de um sonho, no final da primeira disciplina nós promovemos um jantar em comemoração à faculdade.

Meus primeiros seminários foram uma negação, porque eu estava muito nervosa com tantos professores me olhando, eu não consegui dominar o assunto, mas na medida em que o tempo foi passando, a cada disciplina nós fazíamos seminários e eu fui me aperfeiçoando. Outra aprendizagem que me marcou muito foram as atividades integradoras, quando era de confeccionar materiais didáticos, teve uma que eu aprendi muito, foi quando fomos confeccionar materiais reciclados.

No decorrer do curso teve algumas disciplinas que me marcaram muito e também alguns professores, como a professora Hortência Macedo com a disciplina Didática Geral, ela trouxe uma grande aprendizagem para minha prática docente, outro foi o professor Frota com a Disciplina de Personalidade da Linguagem, eu descobri que a forma de se comunicar tinha bastante importância. Teve outro professor que também me deixou um grande aprendizado, foi o professor Rafael com a disciplina de Psicomotricidade, com essa disciplina aprendi que o lúdico é uma grande ferramenta de trabalho, que as crianças aprendem brincando e também teve uma professora que me deixou um grande aprendizado, foi a professora Fernanda Quintino, com a disciplina de Antropologia, com essa disciplina eu descobri que existe múltiplas culturas e que devemos respeitar todas as culturas, independente de qual seja, temos a obrigação de valorizar cada uma cultura.

Uma das melhores lições de vida que tive durante o curso, foi com o professor João Lima, a lição de superação de vida, pois eu vi nele uma perseverança que nada o detinha, pois ele passou muita fome e segundo ele, comia comida do lixo muitas vezes, mas ele nunca desistiu de seu sonho, então ele me incentivou a superar todos os obstáculos e lutar pelo que queremos e nunca desisti de nossos sonhos.

Uma fase que é muito difícil pra mim é o período de janeiro até março, porque eu fico desempregada e estudo o dia inteiro, com isso eu passo uma fase financeira muito difícil, minha família me apoia muito, minhas filhas me ajudam com os deveres de casa, porque quase não tenho tempo, com isso facilita meus estudos, porque quando chego em casa ainda faço almoço e jantar, eu fico com tristeza porque minhas filhas ainda são crianças e assumem dever de casa, pois eu não queria que isso acontecesse, minha mãe muitas vezes me dá de comer, esse apoio familiar tem um significado muito grande na minha vida que se Deus quiser, vou retribuir no futuro.

A realidade durante todos esses anos e percursos não foi muito fácil, no início da minha graduação, no ano de 2016 já comecei a ver melhoras, devido já ficar trabalhando na sede do município. Melhor assim por estar na cidade, mas com custo de vida maior. Devido só ter cursado o ensino médio e professora do

interior não sabe de nada, tive o privilégio de ficar com uma turma de educação infantil, como já tinha muitas experiências com crianças, gostaram muito do meu trabalho.

No ano de 2017, comecei a trabalhar na sede do município com uma turma de 1º ano, no horário da manhã. Em 2018 teve o seletivo para professor com a carga horaria de 20 horas, passei e fiquei no município, em uma turma de 1º ano, na mesma escola do ano interior, já estava cursando a faculdade, me aperfeiçoando e sempre buscando fazer o melhor, sempre que professores viajavam me chamavam para ficar no lugar dos mesmos, isso para mim era muito prazeroso, devido amar minha profissão e depois saber que estavam gostando do meu trabalho.

No ano 2019 ainda estava trabalhando na mesma escola, Padre Guilherme, mas com uma turma de 3º ano, onde me destaquei juntamente com meus alunos, ganhamos um prêmio de uma das melhores turmas, na qual já tinha uma bagagem de conhecimento e cada vez me aperfeiçoando mais, tudo que eu aprendi na faculdade ia colocando em prática.

No ano de 2020 estava trabalhando com uma turma da educação infantil até o mês de março. Desde então, ficamos sabendo que iriam fechar as escolas devido o vírus que era muito contagioso, esperávamos que seria por pouco tempo, mas o ano letivo passando e cada vez eu ia me entristecendo mais por causa da pandemia.

Graças a Deus fiquei recebendo meu salário para manter o sustento da minha família, pois sou mãe e pai das minhas filhas. Devido ao preço das coisas estar aumentando, tive de buscar outros meios de vida, tive que vender perfumes e outras coisas mais.

No ano 2021 teve o seletivo, mas não entrei, mesmo assim não desanimei, já quase formada e com muitos conhecimentos, fui lecionar de forma particular na minha casa, para que eu pudesse manter as despesas de casa, mas não está sendo muito fácil, muitas vezes pensei que não iria estar contando tudo isso, pensei até em desistir da minha faculdade, me fiz essas perguntas: por que é para que estudar já que ninguém é visto perante os governantes? Parei e pensei nos meus filhos e continuei os meus estudos e irei me formar em nome de Jesus, com ajuda de todos os meus colegas e familiares.

### **A pandemia de Covid-19**

Minha vida profissional entre esses 18 meses de pandemia ficou praticamente parada, sendo que todas as aulas foram interrompidas no município, devidos aos acontecimentos da covid-19, graças a Deus eu estava recebendo o meu salário, mas não fiquei parada, vendia meus perfumes online, tinha dias que passávamos de mês para o sítio com minha família.

Durante a pandemia a minha vida acadêmica foi tomando novos rumos, com tantos acontecimentos, aulas ainda suspensas, teria que iniciar o Estágio II da minha graduação. Com essa paralização nas atividades



senti muitas tristezas devido já estarmos quase finalizando a graduação em Pedagogia no município. Mas, sempre em oração com o Senhor, o medo de não chegarmos ao final junto aos colegas era grande.

Para não ficarmos muito tristes, junto com alguns colegas, criamos grupos de WhatsApp para debatermos sobre as atividades, já que não podíamos ter contados uns com os outros. A internet era o meio de aproximação com objetivo de superar e tranquilizar um ao outro. Por conta desse vírus fabricamos máscaras, doamos para as pessoas mais carentes do município, que não tinham condições de comprar uma.

Quando ficamos sabendo que o curso iria retornar novamente, mas não presencialmente, fiquei muito triste, sabendo que não iríamos interagir com os professores, manter o contato de abraçar, brincadeiras não iriam acontecer, mas ficamos felizes em dar continuidade ao curso.

### **Considerações Finais**

Por meio desse texto pude constatar a real importância de ter cursado Pedagogia pelo PARFOR-UEA, mesmo com a modalidade de ensino de aulas concentradas, o curso abrange muitos conhecimentos que prepara o cidadão para o mercado de trabalho.

É possível perceber grandes mudanças ao término do curso, principalmente em minhas práticas pedagógicas. Hoje, tenho conhecimentos de conceitos que me dão recursos para elaborar planos e projetos pedagógicos para trabalhar na docência com total segurança de ensino.

Em meio as experiências vivenciadas no decorrer do curso, tive o privilégio de escrever sobre mim mesma, foi um momento muito marcante, relembrar minha vida me fez refletir e querer muito mais para a minha vida, a experiência foi valiosa.

Houve muitas mudanças com a realização desse curso, mas a maior mudança foi na minha vida como docente, hoje me sinto preparada para enfrentar os desafios que essa profissão nos atribui.

Com a conclusão do curso, meus sonhos ampliaram, pretendo continuar minha carreira como docente, concluir minha pós-graduação, fazer um mestrado e um doutorado, tenho muitas expectativas para o futuro.



## CAPÍTULO 21

### MINHAS LUTAS E CONQUISTAS

Leonardo Pereira de Melo  
Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### **Introdução**

O presente memorial versa sobre a minha trajetória de vida escolar, acadêmica e profissional, retrata também as experiências pessoais que me levaram a optar pela docência, fazendo um resgate de toda a construção de minha vida e conhecimentos adquirido no decorrer da minha formação no curso de Pedagogia.

#### **Meu caminho até a escola**

Nasci no dia 18 de março de 1989, no município de Itamarati-AM, localizada no rio Juruá que fica a 990 quilometro via aérea da capital do Amazonas Manaus, sou filho de Iracema Pereira de Melo, meu pai não sei o nome, pois sou registrado só no nome da mamãe. Ela cursou apenas até 8º ano do ensino fundamental, tenho três irmãos: Kenedy Pereira de Melo, Ítalo Pereira de Melo e Edvan de Melo Santos. Tenho três filhos: Ketely da Silva Melo, Antônia Heloysa da Silva Melo, Leandro Lima de Melo.

Passsei meus doze primeiros anos de vida morando com os meus avós, foram eles que ajudaram a minha mãe a criar todos os filhos, antes da minha mãe trabalhar na creche, ela passou a trabalhar na Telamazom, eu tinha apenas três meses de nascido, minhas tias que ficavam cuidando e mim, me levando para minha mãe dar de mamar. Elas pediam carona no caminhão da prefeitura, de um senhor conhecido por Arara, o mesmo as levava e as trazia para casa.

Fomos morar só na nossa casa, a vizinha Nonata era quem cuidava da gente para a minha mãe ir trabalhar, dona Nonata era uma senhora muito humilde e tinha um carinho enorme por mim e por meus irmãos, muitas vezes, nos finais de semana minha mãe saia de casa de madrugada para pescar na beira do rio atrás de comida para casa.

Depois fomos morar na casa de uma tia minha, a tia Lindalva Pereira de Melo, a mesma tinha ido morar em Manaus, lá tive muitos amigos, os vizinhos eram todos muitos amigos de minha mãe, o senhor Adalto, um velhinho de 87 anos de idade quem dava água da casa dele para gente, a casa dele era do lado da nossa, não precisávamos carregar, bastava ligar um cano lá para casa.

Passamos três anos morando na casa de minha tia, até que um dia minha mãe conseguiu comprar um terreno e ela mesma pode construir nossa casinha. Nossa casa é atrás da casa de minha avó, onde eu e meus irmãos passávamos o dia para nossa mãe ir trabalhar.

Antes de entrar no ensino fundamental tive a minha primeira experiência educacional na creche, minha mãe foi convidada a trabalhar na creche pelo então prefeito, o senhor Francisco Barroso, no ano seguinte ela fez o concurso público e passou. Quando minha mãe ia pra creche ela me levava, lá tive meu primeiro contato educacional informal até os meus quatro anos de idade.

Em 1994 fui matriculado na escola Padre Guilherme, no pré I, uma escola pequena, tinha apenas quatro salas de aula, uma diretoria, dois banheiros, um masculino e outro feminino, uma cozinha e uma pequena quadra de esporte ao lado, onde os alunos pudessem brincar. Nós alunos tínhamos que merendar no pátio da escola, ou dentro da sala de aula, a escola não tinha local para as crianças merendarem, como até hoje ainda não tem. A professora Inês foi a primeira professora que tive, uma pessoa alegre que gostava de brincar com todas as crianças. Com ela que eu fui tendo mais conhecimento com as vogais, mas a escola Padre Guilherme só atendia os alunos do pré I e alfabetização.

No ano seguinte fui direto para a primeira série do ensino fundamental, que foi na escola Estadual Santos Dumont. Uma escola bem maior do que a escola Padre Guilherme. Lá tinha a capacidade de estudar vários alunos de diferentes séries. A escola funcionava da 1ª à 5ª série do ensino fundamental. Tinha 12 salas de aula, 1 sala dos professores, 1 diretoria, 4 banheiros dos masculinos e 2 femininos, uma cozinha e um pequeno pátio para ficamos na hora do intervalo.

Merendávamos dentro de sala, pois a mesma não tinha refeitório, na escola Santos Dumont que fui alfabetizado pela professora Bia na primeira série, era uma professora carinhosa e amiga de todos, depois fui estudar com outra professora que era carrasca e usava a palmatória para amedrontar os alunos, eu tinha o maior medo dela, muitas vezes não queria ir pra escola, não porque eu não quisesse aprender mais, mas sim por medo da professora. Ela colocava os alunos de joelho no milho, o dia que eu tinha mais medo era a sexta feira do terror, porque era o dia de tabuada, valendo bolo para quem errasse.

Passei dois anos nesse sofrimento com essa professora, eu e meus colegas tínhamos muito medo dela, foi quando minha mãe viu que eu não estava aprendendo quase nada com essa professora, até porque a mesma já tinha me reprovado dois anos, então a minha mãe pediu da diretora da escola para me troca de professor, pois eu não estava aprendendo quase nada.

No ano seguinte fui estudar com a professora Sinara Freitas, uma professora carinhosa, companheira dos alunos. Com ela passei a me dedicar mais nos meus estudos, estava aprendendo a ler algumas palavras, mas por força do destino ela veio a adoecer e foi substituída pelo seu irmão. Ele era muito autoritário, os alunos não podiam nem dar uma palavra que ele já mandava sair de sala, muitas vezes ele, para mostrar seu autoritarismo dava muros em cima da mesa para pedir silêncio.

A alimentação na escola era um pouco agradável, era apenas bolacha com suco, arroz doce, leite com biscoito e sopa, que só tinha tempero quando os alunos traziam de casa, como cebola, couve, pimenta, chicória entre outros temperos para que nossa sopa ficasse mais saborosa.

Os materiais escolares eram um pouco difíceis de conseguir, muitas vezes a escola dava, outras vezes os pais que tinham que comprar, como minha mãe não tinha muitas condições financeiras, ela comprava o caderno e o lápis, já a mochila eu não tinha, levava o meu material na mão.

Na escola havia várias brincadeiras para os alunos, como no dia das crianças, Sete de Setembro com a macha pelas ruas da cidade e principalmente o torneio de futebol para todos os alunos.

No decorrer da minha vida educacional passei a me identificar com várias matérias, principalmente com Matemática, com o professor Marivaldo, um professor que ajudava os alunos a compreender as operações.

Todo os professores que tive no ensino fundamental tiveram participação boa e ruim pra minha vida educacional. Com muitos deles tive dificuldade de aprender, pois os mesmos não estavam nem aí para ensinar, queriam mesmo era só o dinheiro, outros sim, tinham amor pela profissão e queriam o bem de todos os seus alunos, queria um futuro melhor para cada um de nós, os mesmos sabiam das dificuldades de cada um de nós alunos e principalmente, dos nossos pais para nos manter na escola.

Iniciei o ensino médio no ano de 2006, na escola Estadual Francidene Soares Barroso, lá tinha um pouquinho de escola militar, tinha a hora de chegar, pois a mesma fechava o portão às 07h10 e só abria às 11h00 para ir para casa, a escola tinha os melhores professores da cidade. Foi no Francidene que aprendi a gostar de Matemática e das demais matérias. Nessa escola havia uma merenda com mais qualidade, a mesma tinha uma merendeira excelente.

A escola tinha ótimos professores como o professor Magide Teixeira de Paula, que Deus o tenha do seu lado, nunca esquecerei o nome desse professor, o mesmo me ensinou que Matemática é coisa muito fácil, basta você querer aprendê-la. Outros professores muito importantes na minha vida educacional foram o professor Emiliano, o professor Antônio Libânio, o professor Ênio Jorge, o professor Litomar, e principalmente o professor Antônio Raimundo (Mondio), que Deus o tenha do seu lado, um professor amigo, companheiro e de qualidade, que dava aula com amor à profissão. O Português tive o privilégio de estudar com as melhores professoras, que eram a professora Fátima Pinheiro, Máuria Nogueira e o Tio Neném, todos esses eram professores que queriam ensinar os seus alunos.

Tivemos várias outras matérias, não posso deixar de falar de História, Filosofia, Sociologia, onde tive o privilégio de estudar com o professor Cosmo, um professor companheiro, amigo de todos. Certa vez retiraram o professor Cosmo da nossa turma, então a nossa sala fez uma greve, só iríamos estudar se o professor Cosmo voltasse a lecionar na nossa sala. Conseguimos que ele voltasse a dar aula na nossa sala, só fizemos isto por que sabíamos que ele era o melhor professor e o único formado nessas áreas.

Nossa escola era um ótimo caminho para alcançarmos um futuro melhor, a mesma nos dava todo o ensino que nós buscávamos aprender. Depois de muita luta, chegou o grande dia, a nossa colação de grau na Igreja Assembleia de Deus no dia 18 de dezembro de 2008, essa data foi muito esperada por mim e por todos os meus colegas. A luta de minha mãe sendo mostrada que valeu a pena lutar por mim.

Com toda essa luta de minha mãe, no dia da minha colação de grau ela não pode estar comigo, a mesma estava em Manaus em busca de tratamento de saúde, então foi comigo minha avó, que também lutou para que eu estudasse e chegasse até ali, com tudo isso eu dediquei aquele certificado à ela, a minha mãe.

### **Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR**

Após o término do ensino médio em 2008, passei um ano desempregado, trabalhando apenas na agricultura com meus avós, principalmente com o senhor Antônio Taveira, comercializando no seu barco nas comunidades ribeirinhas no município de Itamarati e Carauari, vendíamos e comprávamos farinha para ser vendida em Manaus. Trabalhei também com o senhor José Louro como árbitro de futebol de campo nas comunidades do interior do município de Itamarati, e árbitro de futebol de salão de crianças de quatro a dezesseis anos.

Em março de 2010 às 2 horas, um funcionário da Semed foi na minha casa dizendo que a secretária de educação estava me chamando, pois o meu tio Enock tinha procurada a mesma em busca de um emprego para mim, chegando lá ela perguntou se eu queria dar aula no interior. Eu aceitei, até por que era a única forma de eu ajudar minha mãe nas despesas de casa, fiquei preocupado como eu iria dar aula se eu tinha apenas o ensino médio.

No dia seguinte tive apenas até o meio dia para abrir conta e comprar alimento para levar para o interior, fui com minha mãe no patrão dela para ele vender as coisas fiado, quando fosse ao final do mês minha mãe receberia o meu dinheiro e pagaria ele, o mesmo falou: pode levar o que precisar, não tenha vergonha. Então fiz as compras com minha mãe. Quando foi meio dia já estávamos todos embarcados quando o supervisor nos avisou que só iríamos no outro dia, então nossas coisas ficaram embarcada. No dia seguinte saímos do porto da cidade com destino as comunidades ribeirinhas da parte de baixo do rio Juruá, nas comunidades Igarapé Dona Nenêm e no igarapé Canamã.

Na viagem descobri que iria trabalhar com outra professora, a Leciene, a mesma tinha apenas o ensino médio também, éramos dois professores, mas nenhum sabia como iria dar aulas.

Na viagem que o supervisor foi me mostrando toda a documentação dos alunos, aí que fui ver que iria trabalhar com 28 alunos em uma turma multisseriado, isso me deu muito mais preocupação ainda.

Foram deixando de um a um os professores nas suas comunidades até então chegarmos ao igarapé Canamã, onde pegamos uma canoa, embarcamos nossas coisas e então chegamos à comunidade. Ao chegarmos tivemos ajuda dos alunos para carregamos as nossas coisas para cima de casa, ela era muito velha,

tinha umas brechas enormes na parede onde não podíamos nem troca de roupa direito, tivemos que pregar papel nas paredes para tampa a metade dos buracos.

Depois de instalados, fomos dar uma volta na comunidade para conhecer melhor os moradores, pois só iríamos começar a trabalhar quando o supervisor voltasse da última comunidade da parte de baixo do município de Itamarati, quando o mesmo iria fazer a reunião para apresentar os professores aos pais e alunos.

No primeiro dia de aula com a turma multisseriada, tínhamos alunos do 6º ao 8º ano, fiquei muito nervoso ao me deparar com alunos adolescentes, comecei trabalhando com a matéria que eu mas me identificava, Matemática. Com isso me senti mais seguro ao trabalhar com eles. Passei o primeiro ano na comunidade, um ano muito prazeroso, tanto pra mim como para os meus alunos.

No ano seguinte voltei para mesma comunidade onde já conhecia as dificuldades e onde eu precisava melhorar a educação das crianças. Quando nós professores podíamos, íamos na cidade, era preciso ir de canoa de madeira descoberta, pegando Sol forte, com um motor rabetinha Toyama de 5.5hp que um vereador me deu.

Trabalhei na comunidade por três anos, no último ano trabalhávamos eu, a professora Leciene e o professor Gean Bernardino, uns ótimos colegas de trabalho, lá criamos várias brincadeiras para os alunos, principalmente no dia das crianças, no dia do estudante e no dia de São João, com a criação da quadrilha para os alunos. Foi muito bom, a comunidade toda participou, tivemos até visita do nosso supervisor, foi a onde a secretária de educação, a dona Aurea Ester Marques mandou três violões e um ventilador de presente para os alunos da comunidade. Fizemos a mesma festa por três anos consecutivos, quando foi sair para outra comunidade, a festa foi esquecida pelo outro professor e nunca mais teve quadrilha na comunidade.

Na comunidade tive vários alunos, mas os que se destacavam sempre foram a Larissa, a Catrícia, a Juliana e Adriana, entre outros que deram muita alegria. Tive também muitas tristezas, a desistência do aluno Antônio Francisco, os pais não deixaram ele estudar para trabalhar no roçado.

Tive também lembranças boas, quando o aluno Marcos chegou para mim e falou: professor, com o senhor eu aprendi a ler, era tudo que eu mais queria, era ler o meu nome e o nome dos meus irmãos. Fiquei muito feliz em saber que fiz direito o meu papel de professor.

Trabalhei na comunidade Igarapé por três anos, lá construí uma família, tive duas filhas Ketely, Heloysa, com a primeira esposa, mais um motivo para ficar na zona rural educando e ensinando crianças. No ano seguinte, em 2012, fui transferido para a comunidade São José no alto Canamã, lá tive outras experiências e novas amizades, as crianças de lá lembravam um pouco da minha infância, eram todos de família humildes.

Para chegar até a comunidade São José tinha que subir o Canamã por aproximadamente duas horas e meia, passando por cima de pau e toco, correndo o risco de se alagar no meio do igarapé.

Na comunidade São José fui trabalhar a primeira vez sem o outro colega de trabalho, na comunidade fui morar em um quarto da escola, medindo dois metros de largura com seis de comprimento, a situação era

bastante triste, não podia nem chover que molhava tudo lá dentro, cheguei a passar a noite acordado, esperando a chuva passar para depois eu ir dormir, pois o mesmo ficava muito molhado.

Como se não bastasse este sofrimento, veio à malária nas comunidades do Canamã, eu peguei cinco vezes, precisei gastar o pouco que ganhava em remédio para tratar do fígado.

Na comunidade São José encontrei um amigo e companheiro, o Senhor Deus, esse era o nome dele mesmo, um rapaz que me chamou e falou para mim: você vai comer aqui na minha casa e minha mulher vai lavar a sua roupa, não precisa você pagar nada, só a nossa amizade basta. Os moradores da comunidade tinham a maior admiração por mim, quando minha mãe ficou doente e teve que se operar e retirar as trompas e o útero, os mesmos mandaram eu vim pra cidade ficar com ela.

Quando o supervisor foi até a comunidade deixar merenda e fez a reunião, viu que eu não estava, falou então que iria coloca falta em mim, os pais dos alunos disseram que não, que eu estava na cidade com o consentimento deles, pois era minha mãe que estava doente. O representante da comunidade perguntou para ele se fosse a mãe dele se ele iria ficar no interior sabendo que a sua mãe estava no hospital sendo operada, ele respondeu que não, então o representante perguntou: como você quer colocar falta no nosso professor? Tive todo apoio da comunidade.

Passei apenas um ano na comunidade São José e no ano seguinte fui para a comunidade São Braz, a beira do rio Juruá, com a distância de cinco horas de viagem até a cidade em uma canoa pequena. Em uma embarcação maior é de 8 a 10 horas de viagem até a cidade.

Na comunidade São Braz foi muito melhor do que as outras comunidades, lá eu tinha uma tia que fazia as coisas para mim. Fui trabalhar na comunidade com a professora Rosane. Na comunidade eu conhecia quase todo mundo, pois a mesma comemorava o dia do santo padroeiro da comunidade, São Pedro, nesta festa tem comida para todo mundo e a noite uma festa dançante até amanhecer o dia.

Com todas essas dificuldades, nós professores não erramos bem pago recebíamos 1.200 reais por cadeira, aonde a despesa da comunidade até a cidade era de 20 litros de gasolina, muitas vezes nós colocamos o nosso motor no gás, que é quase a mesma coisa, pois o botijão é muito caro. Muitas vezes não desistimos por pensarmos em nossos filhos.

Trabalhei na comunidade São Braz por três ano, o primeiro ano foi com a Rosane, o segundo ano foi com a Rosilene e a Rosane, o terceiro e último ano foi com o professor Apunuene e a professora Rosilene, todos ótimos colegas de trabalho.

No último ano de trabalho na comunidade São Braz fizemos uma quadrilha para todos os alunos, os mesmos comemoravam o dia de São João, mas nunca tinham feito uma quadrilha para o santo. Após fazermos isto, a comunidade ficou muito feliz, disseram que iriam pedir nós irmos para a comunidade novamente para que pudéssemos fazer outras vezes a quadrilha para eles.



No ano seguinte fiquei sem emprego o ano todo. No outro ano teve um processo seletivo, eu passei e fui trabalhar na Creche Santa Luzia. Na Creche passei a trabalhar com crianças de 2 a 3 anos de idade, foi uma experiência e tanto trabalhar com crianças bem pequenas, já tinha experiência com crianças, mas eram os meus irmãos e minhas filhas, cuidar dos filhos dos outros já era outra coisa totalmente diferente, mas ocorreu tudo bem, graças a Deus.

No decorrer desses anos fiz um curso de capacitação, o PNAIC, que aprendemos como trabalhar com jogos na Matemática. Outro curso importante foi à Escola da Terra que veio somar mais conhecimento sobre a Escola do Campo e como poderíamos trabalhar sobre agricultura em sala de aula.

O Parfor veio para gente através da secretária de educação do município, a dona Aurea Ester Marques, que foi em busca de aperfeiçoamento para os professores da zona rural, com isso ela conseguiu a faculdade de Pedagogia pelo Parfor para gente.

A secretária de educação mandou pedir a cópia de todos os documentos de todos os professores da zona rural para efetuar a matrícula, nós tínhamos dois dias para entregar todos os documentos. Uma semana depois a UEA mandou efetuar a matrícula pela internet, como nós iríamos fazer isto se a internet em Itamarati não prestava e só tínhamos 24h fazer essa matrícula? Foi quando a secretária mandou o professor Urbaldo e a professora Rosilene matriculem a gente por Manaus, lá a internet era boa.

Os professores passaram a noite toda tentando matricular a gente, apenas dois colegas nossos não conseguiram entrar, pois os documentos dos mesmos estavam errados, então eles ficaram fora. Por isso agradeço até hoje ao professor Urbaldo e a professora Rosilene por ter feito isto por todos nós.

### **Estudando, trabalhando e lutando: o percurso da minha formação**

Ao iniciarmos o curso de Pedagogia com a matéria Informática Básica foi um grande susto para todos, nós sabíamos muito pouco de informática, o pouco que eu sabia foi meu irmão quem me ensinou no computador dele. A primeira prova foi outro medo, o de ficar reprovado e sair da faculdade que esperei por seis anos. Nos seminários o medo e o nervosismo tomavam conta de todos, muitos de nós não conseguiam nem mesmo segurar uma página de caderno.

Outra dificuldade foi à compreensão de outros conteúdos, por ser pouco tempo que as matérias tinham para serem dadas, mas muitos professores compreendiam as nossas dificuldades, outros não.

A partir do início do curso, melhorei minha prática pedagógica na sala de aula, porque aplico na prática as teorias que aprendi no decorrer do curso. Com novos métodos de ensino, leciono através das aulas renovadas, aprendi com várias disciplinas e algumas me ajudaram.

Com o curso hoje a minha vida de professor melhorou bastante, tenho mais conhecimento, mais estratégia para a elaboração de planos e principalmente como aplica-los em sala e qual o objetivo de cada um.

A relação da teoria com a prática teve uma função muito importante em minha formação, que foi a de propiciar condições de pesquisador das problemáticas recorrente na escola, no sentido de sempre buscar descobrir as suas causas e apresentar possíveis soluções que possam minimizar as dificuldades encontradas.

No ano de 2016 estava trabalhando na comunidade São Braz no interior do nosso município. No ano de 2017, não fui contratado para trabalhar como professor no município, então tive que trabalhar na roça com os meus tios e minha avó para que eu pudesse ajudar a minha mãe nas despesas de casa, eu passei a dar diárias para as pessoas em seus roçados, nem por isso eu perdi o foco nos meus estudos, passei a trabalhar e estudar muito mais para que no futuro eu pudesse ter o meu emprego.

No ano seguinte, em 2018, teve o seletivo para professores, tanto para trabalhar na sede do município como no interior, então eu fiz e passei para trabalhar na sede do município, trabalhei na Creche Municipal Santa Luzia com crianças de 0 a 3 anos. Pois já tínhamos estudado dois períodos da nossa graduação, com isso eu já tinha adquirido muito conhecimento para trabalhar com crianças. O pouco que eu já tinha adquirido na minha graduação já estava passando para os meus colegas de trabalho, pois os mesmos só tinham o ensino médio e muitos deles era a primeira vez que estavam em sala trabalhando com crianças.

No meio do ano tive novamente de me afastar do trabalho para dar continuidade aos meus estudos, no qual já estávamos um pouco mais avançados e muito conhecimentos novos adquiridos em todo esse percurso.

No ano de 2019, o seletivo foi prorrogado e com isso voltei a trabalhar na Creche Municipal Santa Luzia, onde fui trabalhar como apoio da direção da escola, foi ali que passei a ajudar a mesma na construção de materiais lúdicos para trabalharmos com as crianças, juntamente com os meus colegas de trabalho.

Toda essa construção desses materiais lúdicos, e como trabalhar eles com as crianças na creche, foi com propósito de ir preparando elas para a educação infantil, todo esse conhecimento para construção de materiais lúdicos foi adquirido no decorrer de minha graduação.

### **A pandemia de Covid-19**

Durante a pandemia não fui chamado para trabalhar como professor, passei a dar diária nos roçados dos meus tios para que eu pudesse ter o meu dinheiro e ajudar a minha mãe no sustendo de casa. Ela era a única que estava trabalhando no período da pandemia, então todo o sustento da casa era ela que aguentava.

No ano de 2020, no meio dessa pandemia, aconteceu novo seletivo, fiz novamente para trabalhar na Creche Municipal Santa Luzia, mas, devido a alguns requisitos colocados no edital não pude passar, então passei a ficar em casa estudando, pois estávamos em uma pandemia que vinha tirando a vida de muitas pessoas, mesmo com essa pandemia trabalhava ajudando a minha avó nas suas plantações de rosa, na qual ela me pagava pelo serviço prestado. Como não tinha para onde ir devido a pandemia, eu ficava em casa ou ia pesca para trazer o peixe para dentro de casa, no meio dessa pandemia ficou apenas a minha mãe

trabalhando para sustenta 5 pessoas com um salário mínimo, o qual não dava para quase nada, só o gás estava custando 120 reais (no início de 2020), fora as outras coisas de casa.

No ano de 2021 houve novo seletivo, o qual fiz para trabalhar novamente no interior do município, passei e lecionei na comunidade Igarapé Dona Neném, na parte de baixo do nosso município, para finaliza o meu curso tive que vim da comunidade para a sede do município, pois a mesma não pega sinal de internet.

Como no período da pandemia eu mais alguns colegas não estávamos trabalhando, resolvemos confeccionar máscaras para doarmos para a pessoa mais carentes que não tinha condições de comprar, todo os matérias foram doados por comerciantes e empresários do município, também recebemos doação da professora da UEA Fernanda Quintino, para a compra de matérias para a confecção das máscaras, depois de toda a confecção fomos fazer a entrega das máscaras para as pessoas nas ruas e casas, fomos muito bem recebidos e agradecidos pelas pessoas.

Durante a pandemia em relação ao no nosso curso de Pedagogia, foi um pouco difícil, pois as aulas eram todas remotas, só mantínhamos contatos por telefone com os colegas de turma, não foi muito mais difícil por que nós criamos um grupo no WhatsApp só com os colegas de turma para tirarmos duvidas e ajudarmos uns aos outros.

Outra coisa muito importante em nossos estudos no meio dessa pandemia foi o total apoio da coordenação local do município e também a coordenação geral para nos ajudar em nossas dúvidas, em materiais enviados por eles para nos ajudar com o apoio de estudo e para a leitura.

### **Considerações Finais**

Com esse trabalho pude constatar a importância de ter cursado Pedagogia pelo Parfor – UEA, mesmo sendo através da modalidade de aulas concentradas, pude ampliar meus conhecimentos e me profissionalizar a nível superior na carreira da docência.

É muito satisfatório perceber como evolui em minhas práticas pedagógicas, as dificuldades em elaborar planos e projetos de ensino são mínimos se comparado a antes do curso. No decorrer do curso tive o prazer de escrever sobre mim, através desse memorial, lembrando muitas coisas sobre a minha jornada de vida.

As principais mudanças durante esse processo foram na minha jornada como docente, aprendi a lidar melhor com qualquer situação surgida em meu ambiente de trabalho, mudou também em minha vida pessoal estudando os teóricos, hoje sei lidar melhor com qualquer criança, principalmente minhas filhas.

Percebo de forma clara que fiz a melhor escolha ao optar pelo curso de Pedagogia, além de já ser um profissional na área da educação, percebo que ao concluir ampliou minhas oportunidades no mercado de trabalho para além da docência.

Ao concluir, minhas expectativas são de reconhecimento profissional, oportunidades em concursos, aumento de salário e esperança de novas conquistas.

## CAPÍTULO 22

### AS BATALHAS QUE LUTEI E VENCI ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO

Machione Lopes da Silva

Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### Introdução

O presente memorial é fruto de vivências ocorridas durante minha vida pessoal e profissional e também durante o curso de Licenciatura em Pedagogia/PARFOR-UEA. É um trabalho essencial para conclusão do curso, sendo a última disciplina e o último trabalho que aconteceu no final do curso, possibilitando aos acadêmicos a formação para o trabalho no âmbito escolar.

#### Meu caminho até a escola

Nasci em 1989, no dia 24 de fevereiro, sete praias a baixo do município de Itamarati, na comunidade de Bacaba, próximo a comunidade Boa Esperança, no Estado do Amazonas. Meus pais são Inácio Gomes da Silva e Francisca Lopes da Silva. Minha mãe teve dois casamentos, com Antônio Ponciano e meu pai, no primeiro casamento, com Antônio Ponciano teve quatro filhas: Antônia Silva da Silva, Rosilda Silva da Silva (falecida), Rosália Silva da Silva e Maria Nilza Lopes da Silva.

No segundo casamento foi com o meu pai, no qual ele teve três filhos: Oneide Lopes da Silva, José Marcos Lopes da Silva Sales e Marcos Aurélio Lopes da Silva Sales. Tenho dois filhos, cujos nomes são Cibele Silva e Silva e Miquéias Silva e Silva.

As lembranças educacionais não foram tão boas, mas foram gratificantes, porque aprendi muito no decorrer dela. Além de ser filho de família pobre, que vivia da agricultura e pesca, ao conviver com essa realidade, ia aprendendo com passar do tempo, como enfatiza Vygotsky, aprendemos no meio social onde estamos inseridos, por exemplo, aprendi no cultivo: meu pai me levava para a abrigão de roçado, eu não gostava de ir, mas ele me levava assim mesmo, aprendi a plantar a roça, a encoivarar e depois ficava só zelando a roça, eu estava presente em tudo que ele fazia no decorrer do dia.

Aprendi conforme a observação em meu pai, enquanto ele estava brocando, como ele pegava o terçado, como ele amolava, do mesmo jeito o caso da enxada e em outras atividades como a pesca, ao estar presente com ele sempre, ao tarrafeiar, jogar linha pelos barrancos e entre outras atividades de pesca, aprendi

ao ver meu pai fazendo. E também me ensinou a trabalhar, a ser honesto, digno, justo e tranquilo no meio social, até hoje levo para o resto da minha vida esses ensinamentos.

Na comunidade em que eu morava não tinha professores e nem escola, porque a comunidade era pequena e quando tinham professores eles não tinham preparação nenhuma, só tinha a 4ª série do ensino fundamental, apesar de ser distante, minha mãe não matriculou. Devido ao município ser pequeno, pobre e ainda em processo de formação, era até dificultoso as crianças estudarem, imagine bancar esses docentes no município vizinho, então era melhor essas crianças estudarem com esses professores do que ficar sem estudar.

Então além de não ter escola minha infância vivi nos plantios, não tive em casa uma educação formal na qual meus pais eram analfabetos, só comecei aprender algo planejada foi a partir de quando eu vim morar na cidade.

Ao chegar na cidade em 1996, com sete anos de idade, tive grande transformação na vida, ao me adaptar com novos hábitos e costumes da cidade e ter novos colegas, era tudo tão assustador, andava todo tempo com medo. No mesmo ano a mamãe me matriculou no colégio Estadual Santos Dumont, era um o estabelecimento fixo, que tinha sete salas, não tinha ar-condicionado e nem ventilador, dois banheiros, um dos homens e outros das mulheres, uma cozinha, uma sala da diretoria, nas salas de aulas era no quando de giz.

Ao entrar na escola com sete anos de idade que já estava fora do padrão escolar, por ser fora da idade de entra na alfabetização, então entrei na 2ª série do ensino fundamental, tive muita dificuldade para me adaptar no ambiente escolar por nunca ter estudado, nem em casa e nem na escola, estava animado que ia estudar, mas ao mesmo tempo tinha vergonha do meu vestuário, porque era feito à mão e até com vários remendos, muita acanhado, tímido e com medo da professora me chamar para ler, na época era o professor Mader. Eu estava aprendendo as letras e as sílabas isoladas, de forma mecânica e também de forma tradicional, em que o professor era o centro de tudo, ou seja, autoritário, para os docentes ter domínio na sala de aula eles começaram a maltratar os alunos, nenhum dos alunos questionava o professor, com medo de ser expulso e castigado.

A pesar de ter começado na 2ª série do ensino fundamental, não tive nenhuma preparação, passei dois anos repetindo, até que no terceiro, passei. Tinha muita dificuldade financeira, porque meus pais não tinham emprego em lugar nenhum, só trabalhava na agricultura e nas atividades do cotidiano, fui muitas vezes com roupas feiazinha para a escola, até mesmo com roupa costurada.

Ao ir para escola o caminho era muito divertido, quando chegava na escola me sentava ali todo acanhado e tímido, com medo da professora chamar a atenção ou colocar de castigo. Por outro lado, ao chegar da escola, meus pais estavam me esperando para irmos ao roçado, eu tinha pouco tempo para desenvolver minha aprendizagem, só fazia piorar cada vez mais, porque meus pais tinham a concepção que trabalhar era

mais certo do que estudar, eles tinham medo de nós nos tornarmos bandoleiros e um mau elemento, eles diziam: quem estuda fica preguiçoso e só pessoas que tem dinheiro vão ter futuro.

Por não ter acesso a leitura, a livros, não tinha quem me estimulasse, o pensamento era uma realidade diferente de estudar, com isso, fiquei desleixado nos estudos, as vezes eu até fugia para jogar bola, não gostava de estudar, só brincar e jogar bola, o brincar na época era muito difícil nas escolas, o método brincar e brinquedos, não existia, a maioria dos alunos aprendia apanhando, forçado a aprender, muitos não aprendiam, tinham de se dedicar na tabuada, senão, pegariam bolo. O professor com muita autoridade, os alunos só eram como um depósito de conhecimento, não tinham uma filosofia entre o discente e o professor, eram aplicadas as aulas de forma reproduzida pelas cartilhas, longe da realidade dos alunos, tornando a aula mecânica e monótona. Na época os professores eram muito rígidos, se vacilasse, pegaria punição.

Quando chego na 4ª série do ensino fundamental, com 10 anos de idade, em 2001, ainda no mesmo colégio, com dificuldade na leitura e na escrita, tinha dificuldade no processo da socialização no colégio, o português eu não gostava, porque é muito complexo, em uma palavra tem vários significados, mas Matemática eu era muito bom. Então o professor Mano mandava a gente estudar a tabuada, no dia seguinte chamava em dupla e ditava cada, se aquele errasse, passava a vez para o outro, se outro acertasse dava bolo naquele que errou, e ele dizia: quem desse o bolo devagar, quem ia dar no lugar de quem deu fraco era ele, então era melhor dar com força, porque ele era um homem forte, tinha que estudar se não apanhava dos outros, o época era sinal de motivação para estudar mais, a diversão permanente nas escolas era nas aulas de educação física.

Os primeiros professores eram a Mader, o Mano e entre outros. Esses professores trabalhavam com método tradicional, as vezes traumatizavam os discentes que chegava até chorar, na brutalidade que se ensinava o quanto o sistema de ensino mudou até hoje.

Com o passar do tempo, ao observar o professor na frente das cadeiras, soltando suas magias tão sucintas na hora da explicação, de forma tão bonita e “ele o que queria comprar, comprava”, então percebi que ali era um lugar que poderia transformar minha vida, mas para isso eu precisaria de me dedicar e enfrentar meus pais, em relação ao tempo para eu estudar mais em casa, ao conversar sobre esse respeito, eles começaram a entender e cederam o tempo para eu estudar mais em casa, se eu não tivesse me sensibilizado com a situação, hoje não tinha aprendido em relação ao contexto escolar e também não estaria na faculdade de Pedagogia. Como a educação nos transforma no decorrer do tempo, aquele menino acanhado e tímido que andava pelos os cantos, hoje está concluindo uma graduação em Pedagogia.

Em 2002, aos 12 anos de idade, apesar de ter sido aprovado para a 5ª série do ensino fundamental, fui transferido para escola estadual Francidene Soares Barroso, a qual tinha uma estrutura boa, era grande, formada por dois andares, tinha oito salas de aula, cinco no de cima e dois banheiros, tem depósito de merenda, uma cozinha, um refeitório, uma sala da diretoria e outra da secretaria, nas salas de aulas não tinha

projektor, era no quadro de giz, mas estudei no quando de pincel também, era uma situação oposta do Santos Dumont, lá só estudava da 5ª série em diante, isso gerou grande impacto, pois além de ter mais professores na turma, era organizado em tempo de quarenta e cinco minutos, tinha que formar novos colegas, não acompanhava a turma na leitura e escrita.

As vezes o governo mandava para as escolas uniformes e materiais didáticos para os alunos, um camisa branca com uma calça jeans e o um sapato, que na época chamava de conga. Nesse meio tempo passei dificuldades emocionais e psicológicas, pois quando eu perdi meu pai estava estudando na escola Estadual Francidene Soares Barroso, na 5ª série, meu pai estava doente e foi internado, quando saí para estudar em uma certa manhã, no 19 de março de 2002, estava sentado na carteira estudando, quando chegou a notícia para mim que meu pai tinha morrido. No momento que recebi a notícia, parecia que eu não estava naquele mundo, então sai triste, tinha perdido um dos meus guerreiros da minha vida, após sete dias de luto, retornei aos estudos, fui muito apoiado pela turma e professores dando força para continuar a estudar e para viver, nunca esqueci desse momento de solidariedade e apoio que minha turma e outras pessoas me deram.

A alimentação na escola só era boa quando tinha merenda, quando não tinha eu ficava triste e desanimado, porque ficava com fome na hora do intervalo, meus pais não tinham dinheiro para mim levar quando não tivesse merenda. Muitas vezes eu ficava de barriga seca porque não tinha dinheiro para comprar lanche, minha família era pobre, não tinha condições nem de comprar o seu rancho de casa, imagine ter dinheiro para lanchar? O estado mandava a merenda, o problema que a cidade era longe da capital, quando chegava algumas já estavam vencidas.

Já na alimentação de casa, não era tão boa, mas meus pais nunca deixava faltar, quando não tinha o peixe e nem os quelônios, nem que fosse do plantio, nós nos alimentávamos. O plantio era uma forma de garantir a comida em casa, do plantio tirava para vender, era uns dos recursos que nós tínhamos. Minha mãe, quando chegava à noite depois de passarmos o dia no roçado, ia fazer tarrafa para vender, nunca fui para escola de barriga seca, toda vez sempre comia alguma coisa por exemplo: jerimum cozido, batata cozida e milho, entres outras comidas feita do milho que comíamos junto com o café, também tinha a farinha de tapioca e bijú, que era da massa da mandioca não servia só para tomar como café da manhã, mas também como almoço e jantar.

Na época que eu não tinha materiais escolares, por que só algumas vezes o governo mandava, minha mãe confeccionava, para fazer a bolsa de estudo ela pegava um saco de plástico grande, que cabia o caderno, dobrava a boca do saco e depois costurava aboca do saco e colocava uma alça para nós segurarmos, já com o caderno ela tirava as folhas limpas de todos os cadernos antigos, montando uma folha sobre a outra, até ficar um pouco alto, pois colava ou costurava. O vestuário era bem simples e as vezes cheio de costuras, eu ia de sandália para a escola. A maioria das roupas que tinha em casa eram velhas, mas mesmo assim eu ia muito



animado para escola, sempre tinha quem mangasse de mim, mas eu não estava nem aí, o importante era que estava estudando, só passei a estudar com bolsa quando o governo mandava.

Entre no ensino médio em 2006, com 17 anos de idade, nesse percurso não tive tanta dificuldade como nas outras séries, como já tinha se passado alguns anos, minha vida mudou completamente, tanto na parte financeira como na parte do estudo, eu era mais desenvolvido do que nas séries anteriores, na época mudei de maneira espetacular, já dominava as atividade que o professor passava, não foi preciso outro aluno me ajudar, porque eu acompanhava a turma, mas vencer as minhas dificuldades que eu passava com a pobreza e com a vida escolar não foi fácil.

Ao estar numa série mais avançada, eu trabalhava menos na agricultura e estudava a noite, então tinha mais tempo para me dedicar nas aulas, em vez de alguém me ajudar, já era eu que ajudava outros colegas. Depois de tantos anos, a escola conseguiu me transformar, daí em diante as minhas notas eram boas, quando era um trabalho ou uma prova em grupo, ou em dupla, os alunos já me escolhiam e quando eu não sabia de nada em relação ao estudo, eles não me queriam no grupo, eu era excluído da turma, por ser pobre em dinheiro e em conhecimento.

Apesar de estar no ensino médio já quase terminando a jornada escola em Itamarati, não havia faculdade para ingressar. Ao estudar na escola Francidene Soares Barroso na época a diretora era Cleice, ela organizava a escola, mas os governantes não ajudavam ela fazer daquela escola um ambiente favorável para os alunos, quem terminava o ensino médio já era uma alegria grande por parte do aluno e da família.

Na época que eu estudava, os professores não tinham computador e projetor para auxiliar a aula para os alunos, então só era o tradicional, eles usavam o caderno, os livros didáticos e a cartilha, não utilizavam nada além disso, não tinham fonte ou suporte para lecionar. A merenda que tinha na época era sopa, mingau, arroz doce, mugunzá e farofa de conserva, mas o que mais eu gostava era de farofa de conserva, arroz doce e mugunzá, as merendeiras não prestavam a tenção que as vezes elas utilizam produto vencidos para fazer a merenda, não verificavam os produtos no depósito de armazenamento da merenda.

### **Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR**

Ao término do Ensino Médio, em 2008, na mesma data o nascimento da minha primeira filha: Cibele Silva e Silva, mas eu não era casado e nem junto, estava desempregado, era preciso trabalhar para sustentar a filha que fiz, até que arrumei um trabalho temporário, limpando à beira da estrada, a diária custava 30 reais e assim trabalhei durante duas semanas, era árduo, mas a necessidade falava mais alto, então parei para pensar: vim do trabalho árduo e permaneço nele, estudei para quê? Vou na prefeitura atrás de emprego, nem que seja como professor na zona rural, lá conversei com o prefeito, ele mandou procurar a secretária de educação, que era a esposa do excelentíssimo prefeito, conhecida como dona Aurea, ela colocou meu nome

lá e o de outras pessoas que quisessem fazer uma formação continuada pela secretaria de educação, ao terminar o cursinho, eles selecionaram os 10 melhores do curso para lecionar no interior, fiquei entre os 10.

As minhas primeiras experiências como professor tiveram como base o curso da formação continuada e os relatos dos docentes no momento da viagem e durante com a convivência com outros professores que atuavam comigo. Em 2009 ganhei minha primeira experiência e comecei formar minha história profissional na escola do interior do município. No primeiro dia de aula me deparei com situações tristes, em que os alunos estavam em série alta, mas não acompanhavam os assuntos, apesar de estar no ensino fundamental II, tinha alguns deles que já estavam terminando suas aulas na comunidade, fiquei surpreendido com aquela situação.

No interior, as aulas só eram do pré-escolar até o 9º ano, quando cheguei na comunidade, os alunos do 5º série não sabiam identificar as quatro operações fundamentais, tinha delas que nem subtrair e armar as operações sabiam, então planejei minhas aulas em cima das dificuldades dos alunos e eles conseguiram aprender nos três anos que eu trabalhei lá. A minha didática fez com que eles se desenvolvessem, nessa comunidade na qual passei três anos, adquirir muita experiência.

Fui lotado para área de cima na comunidade Praia Alta 62, praia longe de Itamarati, é mais próxima de Eirunepé, embarquei no barco que ia deixar os professores, ali tinha vários educadores, ansiosos com o trabalho e um pouco perdidos ao mesmo tempo, eu não sabia por onde começar, não tinha nenhuma experiência na área e nem conhecia a realidade dos alunos, me aproximei desses docentes e pedi ajuda deles, perguntei: como funciona a aprendizagem? Como são os alunos? São dedicados, inteligentes, outras perguntas. Então ali quando estavam respondendo a cada pergunta, eu ia me tranquilizando e percebi que realidade era completamente oposta da cidade.

Passei por três comunidades até chegar o PARFOR no nosso município, as realidades de cada comunidade eram completamente diferentes nos hábitos, costumes, tradições e condições financeiras.

Na primeira, na qual ganhei muita experiência, na parte de cima do município, chamava-se Praia Alta, trabalhei com uma turma com crianças de 6º ao 9º ano em 2009, onde as pessoas eram humildes e muito legais. Os professores que trabalhavam nessa comunidade eram pessoas que gostavam de ajudar e lecionar, eram dois: um era o Elias e outro se chamava Radifran, um deles ganhou um prêmio estabelecido pela secretaria, por ter sido o melhor docente na zona rural.

A segunda comunidade foi a Boa Vista, em 2012, na área de baixo do município, dentro do igarapé Canamã, na escola São Matheus, na qual passei um ano trabalhando com educação infantil e o ensino fundamental II, me deparei com a realidade na turma da educação Infantil, eles eram dedicados e não gostavam de faltar as aulas, mas as turmas do 6º ano até o 9º, não gostava de estudar, preferiam ir para o roçado do que estudar.

A comunidade era e é um lugar bom, tanto de se morar como para o trabalho na escola, mas faltava o transporte escolar, as vezes faltava merendar e materiais didáticos, não tinha armário e nem biblioteca.

Apesar de ser a escola mais bonita da zona rural não tinha ar-condicionado e nem era forrada a sala, quando chegava à noite, nós, os professores, acendíamos as lâmpadas da escola, com pouco tempo os besouros estavam invadindo tudo, as professoras que trabalhavam junto comigo eram a Cleide e a Raimunda, a Raimunda já era formada, uma ótima professora, aprendi bastante com ela e também com a Cleide.

Na terceira comunidade, Conceição do Raimundo, em 2013, passei 4 anos lecionando na escola Coronel Nilo Pinheiro, trabalhei junto com o Valneri e a Maria Antônia. A Antônia e a Rosane foram grandes parceiras. Eles eram muito parceiros, davam conta do seu trabalho e queriam que seus alunos aprendessem.

Iniciei o curso de Pedagogia em 25/06/2016, no último ano de atuação na comunidade, ou seja, no primeiro período da faculdade fiquei bastante alegre e grato pelo momento, pois passei sete anos atuando com professor na zona rural, esperando uma faculdade.

Antes de chegar ao PARFOR, tinha feito várias formações continuadas realizadas pela secretaria de educação, em parceria com a prefeitura municipal. Todos os anos antes de ir para a comunidade era feito esta formação, também veio um curso, o PNAIC, um acordo que o governo fez nos municípios para realizar a alfabetização na idade certa. E também fiz um curso pela UFAM, o Escola da Terra.

Sabia que viria uma faculdade através da prefeitura e da secretária de educação que se comprometeu em trazer uma faculdade para todos os professores leigos que estavam atuando dentro de sala, priorizando os professores da zona rural, ela não sabia quando, nem qual era universidade e nem o programa, mas iria trazer, passou anos e anos e nada, muitos desistiram de lecionar por não acreditar que a faculdade viria e eu ali, até que um certo dia pediram meus documentos para fazer a matrícula.

### **Estudando, trabalhando e lutando: o percurso da minha formação**

Em 2017, já iniciado o PARFOR, atuei como docente na comunidade Igarapé Dona Nenê, próximo ao Igarapé Quiriru, na área de baixo do município, a professora que trabalha comigo era a Ivanete, minha esposa, também aprendi muito com ela, é uma baita professora, dedicada para os seus alunos aprenderem de forma mas didática. As pessoas da comunidade são muito trabalhadoras e forçadas nos seus trabalhos, mas não quer dizer que eles não ligam para aprendizagem de seus filhos. Apesar da comunidade ter energia, não tinha bebedouro, solicitei da secretaria de educação, mas não mandaram, não tem pedagogo, não tem biblioteca a sala não é forrada e tem brechas grandes que quando acendemos as lâmpadas, em pouco tempo os mosquitos invadem.

Ganhei muita experiência nos meus seminários no curso de Pedagogia, eu tinha muita dificuldade na apresentação e na explicação ficava tão nervoso que atrapalhava a minha explicação ao apresentar e explicar o assunto, eu tinha uma postura e linguagem completamente errada, ao termino da apresentação o professor orientava onde tinha que melhorar, foi muito bom receber estas experiências para poder melhorar os outros seminários que vinham pela frente.

A minha dificuldade era a compreensão dos conteúdos, tão grandes e com pouco tempo para estudar, então dificultava meu entendimento sobre o conteúdo, assimilando muitas coisas em pouco tempo. Apesar desse processo acelerado tinha também a preocupação com a alimentação em casa, porque não estava mais recebendo, nesse período quem nos sustentava era a minha mãe. E este é um grande problema, pensar no que comer, sem ter dinheiro para comprar, estes aspectos dificultava minha compreensão na aprendizagem.

Durante minha graduação passei por duas comunidades e agora estou na sede do município, cada escola tinham realidades diferenciadas, com suas peculiaridades e diversidade cultural e social única.

Na primeira comunidade que trabalhava, quando iniciei o curso de Pedagogia em 2016, foi a Conceição do Raimundo, animado por ter sido privilegiado pelo curso, imaginei que daqui a alguns anos vou me tornar professor habilitado da educação infantil do 1º ao 5º ano, daí em diante vim perceber como um professor trabalha, como funciona o processo da alfabetização. Lá trabalhei com turma do pré- escola ao 5º ano no período da manhã e 6º ao 9º ano no período da tarde, o sistema de ensino era de forma Multisseriada, com parceria dos pais. A escola estava em boa condição, tinha duas salas e dois banheiros, uma das salas tinha informática, mas que não estavam funcionando.

Tinha uma casa do professor apertadinha que dentro era só um vão. Mas mesmo assim dava meu máximo para poder suprir as necessidades daqueles alunos com defasagem e também diminuir o abandono escolar, tinha alunos no sexto ano que não sabiam ler e escrever, como eu não tinha muito experiência, tanto na vida profissional quanto na vida acadêmica, senti muita dificuldade, mas também ganhei bastante experiência. A partir de quando comecei a estudar na faculdade, as dificuldades foram minimizando.

Na segunda comunidade que trabalhei entre os anos de 2017 e 2018, na comunidade Igarapé Dona Nenê, também com uma turma Multisseriada do 6º ao 9º ano, no período da noite, a energia era direta da cidade, escola era nova, mas a escola não era forrada, não tinha bebedouro, nem ventilador, a casa do professor era abandonada e precisava ser construída outra. Uma comunidade que as pessoas eram humildes e trabalhadoras, e apoiava o trabalho do professor, tinham alunos com defasagem e abandono escolar também, mas os alunos eram interessados, mas não conseguiam aprender, com pouco de experiência que já havia adquirido durante a faculdade, fiz um análise em cima desse aluno.

No ano de 2019 até o dia de hoje, trabalho na sede da cidade na escola municipal Francisca Gomes Lobo, com uma turma do 3º ano, no período da tarde. Nesse ano já tinha feito o primeiro estágio e essa escola foi onde eu estagiei, vim para cidade por motivo de doença, então alguns anos foi por meio da formação continuada, e em outros fui nomeado pelo secretário e também pelo processo letivo.

### **A pandemia de Covid-19**

Durante a pandemia, minha vida profissional foi desafiadora, foi preciso inovar nos costume e hábitos e também reinventar a maneira de lecionar, para que a educação tivesse continuidade.

A pandemia em nossa vida foi bastante impactante, afetou as escolas e nosso trabalho, proporcionando mudanças radicais. Em nosso trabalho já temos grandes desafios, fatores e aspectos preocupantes, imagine agora com essa situação que está ocorrendo no país, que sistema de ensino público ficou paralisado um ano, atrasando as crianças no ensino e se tornando mais complexos e dinâmico, causando dificuldade tanto para os profissionais quanto para os alunos.

O nosso município não tinha recursos tecnológicos suficientes para atender toda a demanda educacional, porque nem todos os pais tinham celular e nem internet para os filhos acompanharem as aulas, com todas essas dificuldades e pelo motivo de que agora o município, bem como o resto do mundo precisa se adequar as novas estruturas de ensino e aprendizagem, e para que possamos trabalhar de forma satisfatória, os profissionais não pararam de cumprir seus compromissos. Com os abalos e traumas que a covid-19 nos causou, deixando marcas na história mundial, o homem com a descoberta da vacina, consegui minimizar o cenário da pandemia.

A minha vida acadêmica durante a pandemia foi bastante difícil, além do curso ter paralisado no segundo estágio, passamos dois períodos sem estudar, quando retornou as aulas da faculdade de forma não presencial, aquele ritmo, aquela motivação, não tinha mais, fui perdendo completamente o foco devido a repercussão que a coronavírus tinha. Com passar do tempo, aos poucos fui me adaptando com aquele modelo de aula que não tinha 85% a 95% de aproveitamento, mas o nosso curso tinha que dá continuidade e o único meio era esse. No momento das aulas o único meio de comunicação era o WhatsApp, ali, devagar, fui persistindo até me adequar com a situação, hoje pela honra do Senhor e da minha mãe, estou grato por ter tido força e ser um guerreiro.

Ao perceber que não estava tendo nenhuma mobilização, nem de forma governamental e nem voluntária por parte de nenhuma instituição em relação ao coronavírus, tivemos a ideia de que como universitário temos que fazer a diferença, confeccionamos máscaras. Cada grupo se responsabilizava de confeccionar 20 máscaras, ao todo chegaram a 160 máscaras, mas nem todos participaram, um dois colega foi aos comerciantes pedir doação de material, eles doarão, com isso, passamos três dias na luta, ao terminar fomos conferir, deu em torno de 272 máscaras, depois de confeccionar, saímos nas ruas com a farda do curso de Pedagogia-UEA, fomos nos pontos de mais aglomeração para a entregar, sensibilizando as pessoas no uso das máscaras, do álcool em gel e do distanciamento social.

O objetivo dessa ação era beneficiar as pessoas que estava nas filas das loterias e bancos, nas casas de pessoas de área de risco. Como somos acadêmicos, temos que contribuir com o bem-estar da nossa comunidade, não só nos preocuparmos com ambiente escolar, mas sim com a vida social. Foi algo gratificante para mim, poder ajudar meu próximo em um momento difícil. Essa ação foi um sucesso, tanto na parte da confecção, como na parte da distribuição, foi um ato de gratidão, solidariedade, empatia e de gentileza.

## **Considerações Finais**

Ao estar concluindo o Curso de Pedagogia e a construção deste memorial, percebi os estudos, as descobertas e as investigações me levaram a valorizar o trabalho docente e a importância que a formação continuada propicia ao profissional, através de estudos enriquecedores, contínuos e com mudanças, o que é satisfatório e inovador para a ação pedagógica.

A relação com minha família durante o curso sempre foi muito boa, eles me apoiavam no período das aulas, com o rancho, com dinheiro, me ajudavam bastante e as vezes ficam com meus filhos quando adoeciam, cuidando até sairmos da faculdade

Com toda dificuldade ocorrida durante o curso, principalmente nos dois últimos períodos da faculdade, que ficou marcado pela pandemia. Pode-se perceber que apesar de vários desafios e dificuldades que vida nos impõe, com muita fé, dedicação, foco e perseverança, jamais seremos dados como perdidos, porque a força de vontade de concluir uma faculdade faz com que todos os desafios e dificuldades se esmaguem e seja superado, por mais complicados que seja, é preciso que haja um bom desempenho e dedicação na aprendizagem docente, para que haja um futuro pedagogo qualificado.

## CAPÍTULO 23

### VATIUNIA DENI UHADE UHANUARU (A VIDA DO DENI QUE ESTUDOU)

Mahiza Kuliva Deni

Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### Damazade (Introdução)<sup>1</sup>

ARU IBUREI PHUNARU VAPIHADE UNINI VAPIHA ATHIKADE AKHIHA HASHITA APHUNENI MADHIHA KAAANANI SIHURA ENENI ZURUZVARA UZABAHIKANA ITAMARATI AMAZONAS, VATIKANADE KUTANI KHARADE BAVIDE UKHA KHITUKADE.

*Este texto tem por objetivo abordar um assunto muito interessante o qual relatará o memorial acadêmico de um índio do afluente Xeruã, no médio Juruá, no município de Itamarati, Amazonas, apresentando os pontos fortes e fracos de minha vida pessoal e docente.*

MADIHA KHI TUKANADE MADIHA KHARAVEHE KHARADE KUSU NAVATUTIVEHINA IBUREI KHINADE IBUREI KHINADE E DENIKHA AKARIHA TATIDEKHA AMUSHIDE EDENIKHA, MADIHA DENI VAMUNA MINU DENI ZUTUDE NATHUMENADE.

*No decorrer do assunto é feito uma abordagem do geral da docência nas aldeias e durante o curso na formação acadêmica. O trabalho aborda uma biografia do índio Deni Vamuna Minu Deni e tem um breve comentário da vida estudantil do mesmo e seu percurso até à docência.*

PAPEU UZA VEHINA DEIRANI ARI TUKHANI NAVATUDE VAHIDE TUKHITADE KHARAEHE PARFUR UEA TUKHANI NAVATUDE ZUTUDE NARUA MITHAPI RARI VA' ATUNADE SARA DE AURA ZURUVAHA EPENIKHA.

*E no outro faz uma viagem na atualidade docente antes do curso de formação Parfor UEA e durante a formação. E em seguida é conectado sobre as dificuldades enfrentadas interno e externo da sala de aula durante a pandemia na aldeia, Morada Nova no rio Xeruã médio Juruá.*

---

<sup>1</sup> Esse texto, como todos os outros que compõe esse livro é um recorte do Memorial apresentado como trabalho de fim de curso pela a turma de Pedagogia do município de Itamarati-AM, cursado pela Universidade do Estado do Amazonas, contudo, o autor principal é indígena, da etnia Deni e não domina a Língua Portuguesa, precisando da ajuda de colegas de turma que aprenderam a se comunicar com ele e com outros colegas da etnia durante os 5 anos de curso. Desse modo, algumas partes deles são escritos em português, mediado pelo entendimento desses colegas (Mário Jorge Lima da Silva e Melquezedeqe Lima da Silva), com a escrita em Deni, feita pelo autor principal do artigo, outras estão apenas em português, tendo em vista a dificuldade que o autor principal enfrentou para digitação sem computador e em período pandêmico.

### **Havi nani bakhutunaru papel hanuhanu zamarini (Meu caminho até a escola)**

UVA, UVINIPE, MAHIZA KUNIVA DENI, UPHUHADE 11 DE DEZEMBRO D 1975, VAHANU 44 UKANARU, HANMU KUNIVADENI, BEDIUHANI, UKHAMIPE ZUMU HAVA DENI UVIBUVA 7 KANARI MAHU, UHARU, 7 KANARI UHIVE UNIDI, UPHU HADE BUZUBI UZABAHINA, PALERIMAZA.

*Me chamo Mahiza Kuliva Deni, nasci em 11 de dezembro de 1975, tenho 44 anos, sou filho Hamu Kuliva Deni e Zumu Hava Deni. Tenho 7 irmãos, sou casado e tenho 7 filhos. Sou da etnia Deni, nasci no Cuzubi, na aldeia Palermo.*

UKHABI, UVA NATHUMEKANADE ISHA, KAKIBA, KARIBEHE, ZEDINHA HUKANADE KANATUDE UZA, VADAPUHA ZAMASHU, ZAMARI ANANITAKHAPU UHABI, MATHUMEKANARI. ZAMAKHA, AVA BUNU, DAPHI DAPHINARI, UKHABI SHU VI ENA TETENANABA UVANARI. NIHAPUARU IMA, TISHIAVANI VIZEHENI MADIHA DENI, IBUREI BAKHUTUNARU, NAVATUARU NIHAPUNI, ARIKANAVATUDE, ARIZA.

*Meu pai me ensinou a fazer arco, flecha, zarabatana, caçar, pescar, construir casa, artes. Morava em maloca grande, nossa casa era diferente. Meu pai me ensinou quais as frutas do mato o que poderíamos comer. Meu pai usava flecha para caçar e me ensinou muita coisa e eu ensinei tudo para os meus filhos. Cuidar bem dos nossos filhos para que sempre tenham alimento. Falamos para eles ajudarem as pessoas que pedem ajuda, que prestem atenção na escola e que aprendam o português e a língua materna Deni e a nossa cultura aprender tudo com nossos pais e avós e ensinamos o nosso modo de vida para os nossos filhos.*

NIHAPUARU IMA, TISHIAVANI VIZEHENI MADIHA DENI, IBUREI BAKHUTUNARU, NAVATUARU NIHAPUNI, ARIKANAVATUDE, CIMI. ARIZA IMANARI, ESKURA ZATIADENI NIHITUINARI, NIZANA INAVATUARU, INAVATURARU, ESKURA.

*Foi um desafio, ao longo da vida que me puseram a amadurecer na vida como pessoa e profissional, foram vários aprendizados empíricos antes do estudo com CIMI que me possibilitou a ter contato com a escola, mas ao longo da vida, nós povo Deni, ainda somos desconhecidos, por isso a tamanha dificuldade de ter contato com a escola.*

TUKHANI, TUKHITUVI, BAKHUTUTUVI IBUREI, UMITHARU, UNANAVA TUARU, SHUNU, ZATI THATHAZAKANARU, UKHA MADIHA NIHARI DENI IMAVATVATINA, DE ANANITUKHARI, PUKHA`IBUREI, KUPUZARINARUZA. ZAMANUKHU, IHINETUHARI SHUNU.

*Porém foram vivenciados vários aspectos que me possibilitou entender o mundo com novas maneiras de viver em consonância com o meu povo, percebo que o povo Deni necessita de alguém com interação social para lhe representar em diferentes fatores escolares e educacional, partindo da realidade local até o conhecimento de mundo.*

MAKI IBUREI UKHA UNAVATUDE, UZABAHIKANAZA, MADIHA DENI, PHIRARU ESKURA, ARI INAVATURARU, ARIKHAVATINHA PHIRARU, INAVATU DE PHIRARU. VANUTUNAHA HANUHA, KANAVATUHA,



UVA, ADENI NARIAPHIRARI, NIZA, A TAKHAMITARI.CIMI, HIDETUKHI RABAKHIZADE, PANARI`A VAHNU, PAMAHA, VHARIHA, MEDE KATAHUMI TARI IMA ARIKAMUARI. IMAKAMINI, NIZA`A AKARITUVIHA NARI, CURSO TUKHITUVIHA, DO PROJETO PIRAYAWARA SEDUK IMAHUZADE, MADIHAKHA, IMAHUZADE, KARIVA, IMRI, MADIHA, IMARI.

*Não tive a oportunidade de estudar serie por serie, na aldeia do povo Deni não tinha escolar, era um povo isolado, daí a necessidades de alguém aprender a ler e escrever para ensinar o restante do povo Deni, mas como não tínhamos como sair o CIMI (Conselho Missionário Indigenista) assessorava, então eles vinham lecionar durante três anos e aí fazia uma seleção e montava uma turma, e eu fui um dos que participou e aprendeu para se tornar professor. Com o curso aprofundado do projeto Pirayawara, da Seduc-AM, o Magistério Indígena e com material didático bilíngue. Daí o início de todo o meu profissionalismo.*

MAKI UKHAI, IPAMA, UVIBUVA IVIMARIDADAI, KERARU IVIBURADE HIDEIHIZARU, I, IPAMA MANIVIHI, E IKEHIRARU, RARU, MAHI NANIZA BAKHUVI NARU. UKHA KHABU, ABUNI, UVA, TUKHI RARIA HUINARU, ESKURA, UKHA I, IPAMA MANI HUINARU, GRUPO IMAVATIVATI, INIHI, PRUFESU, IMARI MITHA. TUNARINI, IMA INIHI, ARIKHA, IBUDIHINI, NARIA KHAZAMA, IBUREI, HIDETUHA AMUSHIARU, PHANI ZAVIDA, SAVANARU, HAVA, ZAMASIBARU.

*Porque nosso colega e amigo troca experiência, estudar em conjunto com colega por certo horário na escola. E irmão, primo, eu, conjunto na escola, meu amigo conjunto para com o grupo, para representar, perguntar ao professor para responder. Nosso alimento também porque nossa plantação para a merenda na sala de aula em conjunto com os alunos, nosso alimento era diferente, como merenda é importante caixúma de macaxeira, caixúma de cará, pupunha, taioba, mingau de banana, abacaxi, açaí, buriti, pataú e etc.*

ESKURU, BUDINITEHI, IVATIKHARU, KANITA, RAPI, BUHASHA, ARUNU DENI, MEDE ATIKHARU, PRUFESU NARIA, ATIKHARI, UVANARIA NIHANAPUARU, NATHU MEUKANADE, MATEMÁTICA, ZAMA NUKHUNIZA, TAPA, MERESIZA, MARAKA. NUKHUNIZA, UVATIHADA, NAVATUDE, UVATIKHARU. IMA PUNIARIDE UVATIKHARU, KARIVA IMARI, MATEMÁTICA, GEOGRAFIA, TUVINI UNAKUMARU, UNAVATUTIVEHINA KARIVA, IMARINARIA.

*Materiais escolares porque eu precisava de caneta, lápis, borracha, tudo os alunos precisavam. Também precisava professor, eu usava material ensinar matemática com semente de milho, melancia, açaí. O que eu mais quero aprender e a disciplina que eu mais gostei foi português, matemática, geografia, eu tenho vontade de aprender português.*

### **Nihapunia akunanithe ibureia PARFOR (Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR)**

PUA DATUNARI, MADIHA DENI NUKHUIHINETUHARI, KAKIBEKHAHA VATUNAHA, HUNUHA AKUNANIZAHÍ. TIKHADEA, ARU IMA, UNI, IMARINI. NAVATURARI, MITHAPHIRARI UNÍ'I MADIHA, BAKHUTUKANARI, KARIVA TATIUVA, A PUKHA IMA VIZEHENI.

*Trabalhar como professor foi por motivo do povo Deni ter a necessidade de aprender a ler e escrever, pois quando íamos viajar éramos leigos em outros aspectos de linguagem e com isso dificultava a interação com as outras pessoas, para tanto com a chegada com conselho missionário indígena eu participei de todas as formações dadas por eles.*

ARU TUKHANI KAHARU UNINI, TAKHARI, NAVATUARI, VATUNADE HANUDE, UNI`IZAMA, IVIMARI TUTABITEARI, SIBARU VAHANU SHEHIARU, UKHA MADIHA TUHSUNIZARI, NÚKHU, IHINETUHARI ARIKHA, VATINAHA.

*Esse foi um dos vários motivos que me levaram a aprender a ler e escrever outra língua, no decorrer de muitos anos pude ajudar meu povo e com isso estamos mais espertos para poder conhecer nossos direitos e entre outras situações que engloba o mundo social.*

TUSHUNIZANRI, TAKHARI ZAMAKUMA ZAMAVAHINI, KHA, ZAMAMEDETUKAHA. DEDENI MADIHA DENI, NAVATUARI TUKA NARUBEARI, IMAHAVINI, IMATUVINI TUKHARI, TUSHUNIZITIVÉHINA, ZAMA KAKIBEKHITUVI, TUKHAKUSHITIVÉHINA. DATUNA, NAVATURARI MITHARI, NIHAPUARU, NUVATHINIHAMISHARU, ARU, IMA UBEZARU.

*Foram vários as decisões que me levaram na academia com uma seleção de professores indígenas para fazer parte do curso, com isso fui um dos que fizeram parte da seleção para cursar uma faculdade, mas depois de alguns anos veio a chamada dos que tinha sido escrito para fazer parte do PARFOR. Eu entendi que eu tinha que ir mais longe, como já tinha passado por vários obstáculos, esse seria um que eu iria conseguir vencê-lo.*

VAVAUNIZA, NIZA ZAMA AMUSHIARU UNI, I A ATINIKURUARU, NIHA PUARU, ATIKHARI, HIKHANADE UVIBUVADENI, UZABAHIKANAZA, TUTAPHIZPUARU, PEMIARI SIBARI, ATIKURUARI UZATUVI HIRARIA SHEHIAR, NAVATIRARI, APHANI MEDE PHUHADÉ, UKHA MADIHA DENI.

*Ao receber o chamado fui bem feliz por um lado, mas por outro triste pois tinha que deixa minha família na aldeia e tinha que viajar para cidade para estudar passando fome e muitas saudades da aldeia, mas aos poucos fui superando pois sabia que era para beneficia o meu povo Deni.*

TUKHARU HAVINI, SIBARU ZAMA ARUZUTUDE KHA NAPHIRARU, UHARIARU NAVATUARU, DEIZAMA AKIBEKHA DE TUSHINIZARI, MADIHAZEPETAPHAHA, KAKIBEKHAHA, KHIZAVAVAHADE, NUKHUINE TUHADE, IBUREI UKHA MADIHADENI. UKHATUVI DENI AMAPARI, NARIZA KAKIBEKHARI IME, ENI E BENUNI.

*Foi um percurso muito árduo esse processo, pois não tive uma carreira estudantil assim como várias pessoas tiveram a oportunidade de estudar série por série, comecei com o conhecimento empírico dos meus avós, dos meus pais e do povo Deni, assim fui aprendendo a língua mãe.*

ZUTUDE VAHANU, UVA AZA` A CIMI, HIDETUKEHIRA BAKHIZADE, A IBUREI IMAZATI, VAHARU, TRÊS KANAUIPE, INO THUME KANARI TATIDE UVA. AUFABETO, UNAVATUARU, TATIDE HANUNI, NIZA, A VA ORIDE UNAVATUHI, NIZA A UHANURI, NARUHA, NAZA`A UZARIKANA. BUZINAZA, NIZO`A 1999 ZA UHANUARUHA,

TATIDEUNAVATUDE IIMARI, NIZA`A ZUTUDE A KARIVA EBENU UHAUARIHA, PEZA`A VOHANU PAMAHA UHARIHA, MAVIPE`INOMAKU IADAHU NARU. BOIADOR NIZA`A`UZABAHIKANA, IMONARU, NIZA`A DESSETEZA, VAHARU, AZANATHUMEU NI TUVINARUZA, VADA UKANAHU.

*Depois de alguns anos o Conselho Missionário Indigenista - CIMI, durante três anos, me ensinou desde alfabetização até me alfabetizar, com isso aprendi ler e escrever, foi meio que aos trancos e barrancos, mas consegui aprender o suficiente para iniciar minha carreira docente, logo em seguida fui convidado para lecionar na aldeia Buzina em 1999, sendo assim ensinava primeiro a língua materna, depois o português. Depois de três anos fui para uma nova comunidade, Boiado e assim fui fazendo uns rodízios de comunidade em comunidade, foram dezessete anos de muito ensino e aprendizagem. Em 2016 ingressei no PARFOR, foi um novo desafio, uma conquista que é realização de um sonho.*

NIHAPUNI PHIRARU ESKULA, MADIHA IHADE, DENI, UKHABI UVAKANATUVATUARI UVMARI, NIZA`A UVA PRUFESU UKAHARU. UZABAHIKANA, UVA UNAVATUARU, ZAMA UBEZARU IMABUTE, ARIKHA, EBEMATIANARU. UNUKHU, IHINITUHARU, IBUREI NIZA`A UNAVATUHI, ZAMA UNI`I UNAVATUHI NIZA`A PROFESSU. UKAHARU, TUPUNINA THUME UKANARU, UZABAHIANAZA, NIZA`A APHANI, UPHUHADE, JUNHO DE 2002 ZA, MUNICÍPIO DE ITAMARATI ZA.

*Primeiro não tinha escola indígena Deni, meu papai aprendeu a língua materna Deni. Primeiro eu assumi como professor na aldeia. Eu aprendi, gravou na história da cultura Deni, eu afim de resgatar a memória do conhecimento, trabalho com cerâmica para aprender outras atividades, depois elas assumiram professor para ensino nas aldeias. Foram contratados em junho de 2002 pelo município de Itamarati-AM.*

TATIDE, UVIBURADE SARAZA, TUPUNINATHU MEUKANARU, ARUNU MAKHI, ARUNU AMUNETHHE, UKHA IBUREI, ENANITUKHARU. MADIHA IHADEKHA IUREI, TATIDEKHA, IBUREI, ARUNU KHA IBUREI. TATIDE CIMI, TAKHARI IMA, EDENIKHA IZAMARI, NIZA, AINAVATUARU, IHANUDE, VAERIDE IMAINIHI, IKANAVATUERARU, ESKURA KHAZAMA, HIBANAMUTHEPE, INAVATUARU IHANUDE, IPHUHARU APHANI, HIRARIA, MAKI ARI, I PHUHARARU, INAVATURADE, IHANUDE, VAINADE, KARIVA, IMARI, IPHIRARU, APHANI.

*Primeiro meu trabalho na sala de aula eu levo, depois chamo meus alunos, faço a chamada porque trago o aluno ou aluna, porque nós trabalhamos diferenciado, é o trabalho do indígena. Primeiro passa os alunos do trabalho. Primeiro o CIMI que levou a educação para a aldeia, depois saber escrever, ler, falar, formar materiais na escola. Hoje sabe escrever, receber o salário mínimo. Porque nos tem dificuldade de escrever e ler em português. Não recebia o salário.*

UKHA ARUNU NAVATUARU, VATARIDE, HANUDE PUA VATINADE NAVATUARU, TUKHANI NAVATUDE KAHARI, TAMARASIZA, APHAPHURI, HIRARIA. UKHA VATINAHA, ITHUMEI SARABUDIZA, ARUNUTUVIZEHE, ZAZAUNIHI, HANUHANU, UNIHI, E EBEZU, UNIHI ÉBUZU E ZUPIZUPIUNIHI UNARU, AMUSHINIDATUHIZARU, ARIKHA ITHUMEI, MADIHA, I HADEKHA DNIKHA, SARA BUDIZA, ENANIPHU PHUHARU ARIKHA ITHUMEI.

*Meus alunos sabem ler e escrever. Com a experiência tenho mais interesse. Contratado pela prefeitura municipal de Itamarati-AM, porque nós recebemos um salário mínimo. Da minha experiência, brincadeira na sala de aula, como dança, crescer ritual, cultura é muito importante na nossa brincadeira indígena Deni, porque é diferente na nossa cultura o brincar na sala de aula.*

UVA TIKHARU, UVATIZEINI NANI BAKHU, UNARU, PEDAGUZIANINI. UKHA IBUREI IMAZATININI, SIBARU UKHA, IBUREINARIA, SARARIU, TUKHAKUZASHARU, SHIAVANI, VIZEHENI, UTAPHIZEARU UNUKHU, IHINITUHARU KHARIMASHA MITARU.

*Estou muito feliz porque estou participando do curso de Pedagogia. Meu plano profissional para o futuro do ensino superior é ter muito trabalho, salário e ser efetivado o resto da vida e poder passar o conhecimento adquire durante o curso para meu povo Deni no Rio Xeruã, no médio Juruá, município de Itamarati Amazonas.*

**Estuda unaro, uviburaru, zamatuvini, temeherivana tuvini ukharu (Estudando, trabalhando e lutando: o percurso da minha formação)**

UKHA MUDA USHEDE, KAHARI MASHA METADE, NATHUMEKANADE, IMAKHAMITARI, SARA BUDIZA IBUREIVA ATUNAPHIRADE DEI.

*Durante o PARFOR eu trabalhei com mais conhecimento. Minha prática com decorrência durante o PARFOR desenvolvia novos métodos de ensino, o curso trouxe uma nova visão e um direcionamento, me deu um norte para atuar em sala de aula na docência, com isso só somou para a prática na docência.*

NATHUMEKANADE TUKHANINANI TUKHANI KAHARU, UHARIA TUVAMUSHIARU, IBUREI TUSHUNIZARU, KAHARI, MASHARU UZABAHI KANAZA, MADIHA IHADE, NATHUME KANAHA, NAVATUHA KAKI BEKHRI.

*O PARFOR trouxe uma série de novos métodos de ensino, que me possibilitou uma atuação ainda melhor e com isso foi fundamental para o desenvolvimento das atividades nas aldeias indígenas, sendo uma nova dicotomia de ensino e aprendizagem.*

IBUREI KAHARI MASHAMITA KANANIDEI, UVIERADE, UZAMARIZA, KHIZAVAHAMITARU, IBURTUPHUFESU IBURARI, UKHA UZAMARIZA, IBUREITUKHANIKAHAU SHIVAHARU UNAPHUHARU TUHANEI PRUFESU IBURARI, UKHA UZAMARIZA, IBUREI, PHUHARU, AURA UDIAU, HABA U NARU UVA, UKHADA UDENI, EHEVEMAKHI, AMUNEHE KAMATUNARU, SHAMI, BIHA, SIPARI, ARIHAU INIHI, PARINA ZA ABA HAUHAU I NIHI, ARIKHA, IBUDIHINI, IHADE, DENITAKHARARU, PREFEITO, ARITUKAVAVIZEHEARI, PRUFESURI, IZAMARI, DNIKHA.

*Durante a graduação eu trabalhei na aldeia Boiador, na qual continuo trabalhando, para ser mais claro desde que me tornei professor, só trabalhei em minha aldeia Boiador. No período que não tem aula não recebo, a ir vou por roçado, mas os meus meninos e a mulher, plantar abacaxi, cara, (iame) banana e macaxeira para*

*nós comer e fazer farinha, vou pescar e caçar. Aça peixe carne e comer, essa é a cultura do povo deni. A í quando o prefeito levanta o contrato volto a trabalhar como professor na minha aldeia deni.*

#### **A madukumarini covid-19 (A pandemia de covid-19)**

UVIBURADE HIANIPE, ENI IMA UMITHA RAHA, 19 ZA, UKHA IBUREI NUKHUNIZA, ZAMAKUMA, BAKHANARU, NIA, AKHA IMA AKUNA. NAPNAZIHI, EBEZUE, UKHA UZA ZA BAKHUTUNARU, ZAMAKUMA, KUMANI KHARADE, ARINEHI KARU, MADIHA DENI, VANAI NADE TABA KHUNI AUKU ZEU NIHIHI, IVAHARI HUREIZIMIHI.

*Nesse trabalho vou relatar um pouco da Covid-19, como ela afetou meu estudo acadêmico, assim como minha vida profissional e cultural na minha aldeia. É uma doença muito grande que matou muita gente, com isso temos que ter umas precauções, usando álcool em gel e máscaras.*

UVA EZANIHANI PEINI KUMUNI UMITHARUHA, TEREVISAU, ZA SERURAZA RAIZUZA, IVIBUVA ARI, IMAKAMUHA. ZAMAKU MAKHABUTEVAHA, MEDE KHAMISIZARIVAHA, KUMANIPE, HAHADISHATANIPE, ENANARUVAVA, AKUNIHINANI, UKHITUVI UKHAMADIHA, IMARI HIKETUVI NITAI.

*Eu fiquei sabendo através da mídia, da TV, celular, rádio e parente contou como ela era muito perigosa que se transmite facilmente e deixa o ser humano sem poder respirar, levando a morte, ficamos bastante assustados, mas foi um alívio ficar isolado, pois se tivéssemos um caso poderíamos perder nosso povo e nossa língua desaparecer.*

PREFEITURA, KAVAKHIZADE, TAMARATIZA, ZADNITUKEHIRARI, ZAMANUKHUNIZA, ARI IMAKA MUARI, HAIZUZA, EZA CIDADEZA PHIRAKANABA EANINAVATIKA HIRINA, EZATIAHIRA BAPHIRAKAZABA, UZAZA, PHA ATIKKANABA MADIHANAVATURARIDE, UZADENIKHA, NIZAMAI NA, A ZAMANIHARU.

*A prefeitura municipal de Itamarati nos informou por meio da rádio local e proibiu que nossos povos fossem para cidade para não contaminar e nem deixou que outras pessoas fossem para nossa aldeia. Com isso ficamos mais isolados na aldeia por algum tempo até que se acalmasse.*

UKHA USHIAVANI VIZEHENI, AMUSHINI VIZEHE NINI HARU, TEMEHERAD VA, ATUNAPHIARU ZAMAKUMA, TAPHATURU, ARI, ARIKHA KHARANAHA, UKHAVAVIZEHEARU, UHIVE, UNIKU, IHINI, TUHARU, ZANAHA, HUKA UNIHI, ZAMA INI, THA ZAKANARU, DATUHIZARU, UHARIARU MUTHANARU, VADA.

*Minha vida profissional ficou bastante difícil durante a pandemia, deixou nós impossibilitado de exercer nossa função. O sustento da minha família foi através da caça e pesca, pois não tinha outra maneira de ganhar o pão de cada dia.*

UKHA, IBUREI, TUKHAKUSHARU, MEKETU SHEARU, VA, ATUNARU, IRARIA NIHAPUNI, UKHA ENENI ZATI, UNUHUNAPANARU, EHEVE TAPHATUNAHA THATHAZAKANHA, TUTAPHIZEARI AMUSHIARU,

VASIZAKUSHIDE, HIVEDENITUPUNI, ZA, I MANAZA, ZEDITUNAHA, ABA, HUKANAHA, PUAZANIHIHI, DATUNAHA, A, ATUNAPHIRARU VAHANU, 2021. DIVATUNARI, IBURADE NAZA, AZAMA KAMATURARI.

*Com isso meu trabalho como docente ficou parado por algum tempo e tive que inventar novos meios de sobrevivência para comer e beber, dessa maneira passei a viver da agricultura familiar e da caça e pesca, graças a Deus consegui. No início do ano de 2021 voltei a trabalhar como docente depois da realização de um coletivo, agora estou atuando na docência.*

UBURARI, SEPHURAZA, HIKHANAPHIRARI, NASIBARI, PUNIRIDE, IMAZATI NATHUMEU KATUVI, NAVATUARI SERURAZA, HANUNISIBARI, HIRARIHI, UKHA VATINAHA, IRARIHIHIREHI, VAIUNADE UNAVATUARUPHA, AKANA RUIMA.

*As aulas a distância pelo celular me deixaram muito prejudicado, pois foi um novo método de ensino, não sabia manusear um celular, as letras muito pequenas e minha visão é um pouco ruim, nesse sentido cabe perdido nas apostilas.*

KUSHU, TUHARIVAHAKANANI, HANUNIHUADE I, I PAMANADE TUVIZEHE UVIBURARU, UKHA I IPAMA MITHAPHIRARI; TUVINI KAERNADU VIVISHIZADE, TUKHARU, KUSHONU KHUNIVA AKHUSHARU, ZAMAKUMA, PEDAGOGIA PENANARARU ESKURA, IBUREI, ESKUARAZA.

*Durante o curso a leitura era em grupo com meus colegas de turma no trabalho e na residência do meu colega, com isso a dúvida ia sendo esclarecidas. Em relação as coordenações tanto a local quanto estadual foi bem presente no decorrer do curso, a pandemia deixou um leque de problemas para os acadêmicos do curso de Pedagogia, quando era presencial era mais prazerosa e agora quase ninguém aprende, o estágio por exemplo, foi por meio de entrevista e não tive a oportunidade de ver de perto a gestão escolar, era minha primeira vez na gestão escolar.*

### **Nanibakhu Utuvi (Considerações Finais)**

Ao concluir este curso de Pedagogia, pude perceber o quanto ele é importante para minha vida profissional e social. Foi muito importante ter cursado Pedagogia pelo PARFOR-UEA, durante todo esse processo de descobertas e aprendizagem foi de enorme importância para minha formação acadêmica, trabalhar com o povo Deni (trecho sem versão em Deni).

KUSHU MEKTUSHEARU, PEDAGUZIA TUZUMIZARI TUSHUMUSHIAU UKHAUSHIAVANIVIZEHEN. ZAMA UKAHANI, VIZEHENI, TUAUSHIARU, PEDAGUZIA PAHFU UEA, KAHARIMASHAMITAKANANI NARU. HÁ TUKUHARU, KAKIBEKHARI, UHA, IMAIBUREIMADIHA KANAMARI, MATITUSHARI, NAPHIRARI, NAATURARI, KARIVA EBENU, NIHAPUNI, ENANIZAPE, TATI UNEHIKANI, NIHAPUNI UNAVATURA DEARUHA, KARIVA, HIMARI, E NANIZAPE UNAPAMARU.

*Quando iniciou o curso eu não tinha ainda bem noção como era uma faculdade, nas primeiras disciplinas eu tive muitas dificuldades para entender os conteúdos, pois era muito complicado para mim*

*entender, porque eu tinha dificuldade no português. Com o passar dos períodos fui me associando com a linguagem, a cada período que passava adquiria mais conhecimento. Aprendi ter mais paciência com filhos e alunos, não foi uma tarefa fácil, mas pouco a pouco fui adquirindo conhecimentos.*





## CAPÍTULO 24

### SONHO REALIZADO

Marcelo Alves Ferreira

Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### Introdução

O presente texto conta a minha experiência vivida durante todo o período acadêmico, também minha trajetória pessoal contando sobre os momentos que ingressei na carreira escolar e acadêmica. Aqui conto como ocorreu a oportunidade de realizar todos meus sonhos e também a conclusão do meu trabalho, sendo ele muito importante para a minha formação acadêmica.

Logo no início do curso tive dificuldades na compreensão dos textos de determinadas disciplinas, mas procurei absorver todos os conteúdos passados pelos nossos Mestres, que não mediram esforços para contribuir para que acontecesse da melhor forma possível à aquisição de conhecimentos, buscando sempre esclarecer todas as dificuldades que havia pela frente.

#### Meu caminho até a escola

Tenho 30 anos de idade, sou casado e tenho três filhos: Marcela da Silva Ferreira, Ângela da Silva Ferreira e Lucas da Silva Ferreira, sou filho de Zuleide Nogueira Alves e de Jose Alves Ferreira e tenho 14 irmãos. Marcelo Alves Ferreira, Maine Alves Ferreira, Marques Alves Ferreira Marcio Alves Ferreira, Acione Alves Ferreira, Zequinha Alves Ferreira, Sandra Alves Ferreira, Daiane Alves Ferreira Luiza Alves Ferreira, Clemilda Alves Ferreira Doneia Alves Ferreira, Maria Jose Alves Ferreira Socorro Alves Ferreira Eliane Alves Ferreira.

Nasci no município de Itamarati, minha história de vida é um pouco peculiar porque minha família era bastante grande, ao todo éramos 16 pessoas e meus pais tinham que dar conta de nos sustentar, eles não tinham nenhuma profissão e com tudo isso, às vezes, passávamos fome. Meus pais não tiveram nenhuma escolarização, mas mesmo assim eles se viravam como puderam. Nossas vestes eram poucas e nossa casa era um lugar improvisado, passei muita fome, mas meus irmãos e meus pais eram agricultores dessa forma eles nos sustentavam.

Em 1994 tive o primeiro contato com a educação (bancária), que foi na Escola Municipal Padre Guilheme Burmange. No primeiro ano iniciei no pré I, lá comecei a conhecer as primeiras letras e me associar com meus coleguinhas, nessa série era só para brincar e passar o tempo, no ano seguinte fui para o pré II, eu não lembro muito bem.

No ano seguinte comecei a estudar na Escola Municipal Santos Dumont, 1ª série do ensino fundamental, ainda lembro-me da professora, ela se chamava Cleide, ela era muito legal e me ensinou bastante, nessa época eu já comecei a conhecer as letras.

Em 1996 passei para segunda 2ª série com a professora Belize, um ano depois eu passei para estudar na 3ª série com a professora Elude, e no ano seguinte eu estudei na 4ª série com o professor Edivaldo, na 5ª meu professor era o professor mais carrancudo, com ele eu aprendi muito e nessa série eu já sabia ler, quando terminei a 5ª série eu fui transferido para a Escola Francidene Soares Barroso.

Depois veio a 6ª série que já era muito difícil, muitas vezes o professor fingia que ensinava e o aluno fingia que aprendia. Na 7ª série estudei com o professor Jessione, ele era muito legal e me ensinou História, esses professores me deram uma coisa muito importante que é meu conhecimento de leitura e escrita, no início foi difícil por que eu era de uma família pobre e de muitos irmãos e aí eu ia pra escola com as roupas rasgadas, ele mangavam de mim, eu sofri muito com isso, mas superei tudo, para meus colegas eu era motivo de risada, nessa época meus pais muito carentes e humildes, não tinham como comprar materiais escolares para todo mundo, até porque nós éramos quatorze irmãos, quando uns chegavam da escola (os que estudavam pela manhã), os que estudavam pela tarde levavam o material didático, ainda lembro-me da minha sandália que era uma cor de um lado e a outra era de outra cor.

A escola fornecia merenda, mas muitas vezes os alunos tinham que trazer verduras de casa para poder comer uma merenda melhor, o prédio da escola era complicado porque havia uma rachadura no alicerce e nas paredes, eu sentia muito medo da escola cair.

Meus professores não tinham qualificação para trabalhar na área, com isso dificultava muita minha aprendizagem e os professores nem me auxiliavam, nem se quer tiravam minhas dúvidas, por isso que minha aprendizagem foi prejudicada.

Eu pensava que eu iria aprender o bastante, mas quando me deparei com a realidade, foi bem pior, nada do que eu tinha planejado estava dando certo porque o Tecnológico era à distância e eu não tive como absolver o conhecimento desejado, meu conhecimento aos poucos ia desaparecendo, mesmo com tantas dificuldades eu consegui absorver um pouco de conhecimento.

Terminei meu ensino médio com 23 anos de idade, foi muito importante para mim porque a partir daí eu pude seguir em frente e cursar uma faculdade, isso foi a melhor coisa que já me aconteceu, graças a Deus consegui concluir meu ensino médio e foi um sonho realizado, meus pais ficaram muitos felizes e eu fiquei

ainda mais. A luta que eu enfrentei foi muito grande, mas tive o privilégio de dizer que eu terminei meu ensino médio.

As pessoas que me conheciam me parabenizavam porque uma família com muitas pessoas e sem profissão nenhuma, enquanto eu estudava meus pais traziam o sustento para casa e eu sempre que podia, o ajudava.

Na medida em que o tempo foi passando, meus pais construíram nossa primeira casa, foi mais uma conquista que tínhamos conseguido, nós morávamos com outras pessoas e durante todo esse tempo a gente não tinha a casa própria, meus pais não mediam esforços para trabalhar e com o passar do tempo eu fui ajudando meus pais em casa, no trabalho minha mãe é agricultora e meu pai também, eles sofreram muito para sustentar uma família de dezesseis pessoas ao todo.

Eu tive uma lição de vida e superação porque no momento que eu fui estudar meus pais iam trabalhar, foi aí que me incentivou para eu seguir em frente, lutando e estudando.

Meus pais não tinham como me ajudar porque eles eram analfabetos, aí eu procurava ajuda com meus amigos e vizinhos para me dar orientação, eu aprendi a fazer minhas lições, muitas vezes eu não ia para a aula porque não conseguia fazer as minhas tarefas, na escola eu sempre sentava atrás porque os outros colegas da turma riam de mim porque às vezes eu ia com as roupas rasgadas e também não queria que os outros soubessem que eu não consegui fazer as tarefas.

### **Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR**

Iniciei minha jornada de trabalho como professor na comunidade Monte Calebe, na Escola Nossa Senhora das Graças, em 15 de maio de 2014 e fiquei até 01 de maio de 2016, lecionando por dois anos com uma turma multisseriada. Logo após fui trabalhar no igarapé na comunidade Buriti, onde eu me desenvolvi bastante.

Durante o curso minha prática mudou muito, no início eu não entendia nada e os textos eram muito complicados, porque tinha muitas palavras desconhecidas, mas com um significado muito grande. Os primeiros seminários foram mais ou menos, porque eu não dominava os conteúdos eu ficava nervoso e logo que comecei a estudar eu tive muitos conhecimentos.

Uma das matérias que mais me chamou a atenção foi a Psicologia do Desenvolvimento, descobri que cada ser tem que fazer uma reflexão e eu, enquanto professor, tenho o papel fundamental de valorizar as diversidades de cultura que existem no âmbito escolar, principalmente com todas as teorias embasadas na realidade de cada criança, partindo do conhecimento prévio de cada um, cabe ao educador fazer as crianças pensarem.

A escolha da minha profissão, no momento em que comecei, se deu por motivos financeiros, pois na ocasião eu não pretendia trabalhar na área da educação. Mas por estar desempregado e também precisando do trabalho para garantir o sustento da família, como a prefeitura do município estava contratando professores para lecionar na zona rural, corri com a primeira dama do município, pois era a secretaria de educação. Então ela conseguiu me encaixar numa vaga na qual fiquei muito grato até hoje.

Logo de início do curso tive certa insegurança no decorrer das disciplinas, pois tudo era novo para mim, mas não hesitei em nenhum momento, uma vez que sabia que ela seria minha porta de entrada para o mundo educacional. Antes do PARFOR eu trabalhava como professor leigo, tinha somente um pouco de conhecimento, sendo essa minha realidade profissional.

Durante quase 5 anos de graduação tive momentos bons e ruins, trabalhei de 2014 até 2016, aí fiquei desempregado no ano 2017. Fiz o seletivo em 2018, retornei as atividades escolares até 31 de dezembro de 2020, sendo 6 anos de muita luta e determinação na zona rural do município. No ano que fiquei desempregado trabalhava como servente de pedreiro, de onde tirava o sustento da família.

### **Estudando, trabalhando e lutando: o percurso da minha formação**

Durante o PARFOR trabalhei no igarapé, na comunidade Buriti (em 2018), também com turma multisseriadas, onde trabalhei só um ano letivo. A partir daí voltei para a beira do rio, fui para comunidade do Mamoal, onde lecionei por dois anos letivos, de 01 de junho até 2019 até 04 de setembro de 2020, sendo que no ano de 2020 não atuei em sala de aula, por causa do Corona vírus.

Durante todo o período da pandemia tive que me virar de todas as formas usando os cuidados necessários como máscaras, álcool em gel e o distanciamento necessário para me proteger e proteger minha família. Entre os trabalhos que realizei, ajudei minha mãe na roça, pesquei, tudo para garantir o sustento da família, graças a Deus em 2021, tudo foi se normalizando as escolas voltaram às atividades com todos os cuidados necessários, então voltei pra sala de aula.

Em 2021 trabalhei na zona rural do município, na comunidade do Dejeda, como professor, a mesma fica localizado no outro lado do rio, em frente à cidade, com turma multisseriada, sendo um grande desafio para mim, mas procuro fazer o meu melhor, trabalhando a partir do que eles já têm conhecimento e foco em cima das suas dificuldades para um melhor entendimento possível, visando à compreensão de todos.

Pretendo continuar na carreira da docência, pois sei que é o melhor caminho para um futuro melhor, sendo que sonho com o dia que possa me efetivar como professor, para não ter que todos os anos passar necessidade por estar desempregado, esperando boa vontade da prefeitura, se chama ou não para trabalhar, vendo meus filhos pedir para eu comprar algo e eu não ter condições.

## **A pandemia de Covid-19**

Não foi fácil passar por esse período, pois não tive aula presencial, onde dificultou bastante a minha compreensão e ocasionou o atraso do curso de Pedagogia, pois não foi nada bom estagiar sem ir à escola, dificultando bastante na compreensão de determinados conteúdos, mas sempre consegui resolver com ajuda de alguns colegas os quais sou muito grato. Porém minha vida ficou paralisada sem eu poder sair de casa para trazer o sustento para os meus filhos, e até mesmo fiquei desempregado.

Durante 18 meses minha vida mudou totalmente em meio a pandemia, estávamos vivendo de arrecadação de cestas básicas e do benefício do Bolsa Família. Quando eu tinha alguma oportunidade, saía para pescar e trazer o sustento para os meus filhos.

Ajudei bastante a minha mãe na roça onde ela mora, fazendo plantio de banana e mandioca para ter o que comer na minha residência, me esforcei bastante. Em meio à pandemia e até o dia de hoje, sendo que neste período não trabalhei como professor, até porque as escolas se encontravam todas fechadas, principalmente às escolas da zona rural do município, onde só abriram as portas após as aulas do município ter iniciado no dia 15 de agosto de 2021. A partir de então comecei a receber e foi melhorando aos poucos, até hoje.

Durante a pandemia me senti muito desmotivado com tudo que estava acontecendo, vieram às aulas não presenciais onde tive bastante dificuldade de compreensão dos conteúdos, mas graças a Deus e a ajuda de alguns colegas consegui fazer meus trabalhos, sempre buscando responder com êxito.

Sobre a coordenação local, sempre procurava ajudar, na medida do possível, dependendo da iniciativa da coordenação geral, onde a mesma faltou um pouco de colaboração referente aos materiais do curso que só tinha acesso no dia em que iniciava as aulas, dificultando a compreensão, pois eram poucos dias para ler e discorrer sobre os textos.

Sobre minhas dúvidas, procurava ajuda com os professores das determinadas disciplinas onde as minhas dúvidas eram esclarecidas da melhor forma possível.

Em relação aos 18 meses sem aula, procurei fazer a leitura dos materiais do curso que eu tinha em mãos quando tinha um tempo, porque também precisava trabalhar para colocar o alimento na mesa da minha família.

Em relação à turma tive uma boa participação mesmo sendo por meio de WhatsApp, onde alguns dos colegas ajudavam uns aos outros discutindo e socializando as dúvidas e entendimento de cada um.

## **Considerações Finais**

Ao concluir o tão e esperado curso de Pedagogia, pude perceber a real importância da construção de um memorial, sendo ele de fundamental importância para os demais estudantes, trazendo tudo que foi traçado no decorrer de minha vida, acadêmica e profissional, reconhecendo e valorizando o trabalho docente e a importância da formação do estagiário, na qual sou muito grato por realizar meus estágios nas demais etapas de ensino.

Percebo que há toda uma trajetória vivenciada de momentos difíceis, mas que apesar de tudo, sempre houve uma luta com um único objetivo, adquirir o máximo de conhecimento possível, na troca de ideias com os professores, de forma coletiva onde cada um possa levar sua reflexão na colaboração da carreira docente como o sujeito de sua própria formação, valores costumes e crenças, de forma que possa ser um agente capaz de se reinventar, é com base nesse pensamento que concluo esse texto, com certeza de que não está finalizando, mas em constante transformação.

## CAPÍTULO 25

### A EDUCAÇÃO ME DEU A CHANCE DE SONHAR

Maria Antônia da Silva Castro  
Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### **Introdução**

O presente texto trata do meu percurso de formação acadêmica e minhas experiências pessoais que fizeram eu escolher a docência. Trago também uma retrospectiva de toda a construção de conhecimento que fui adquirindo desde o momento que iniciei no Curso de Pedagogia, englobando os diversos aspectos que fazem parte do processo educativo.

As dificuldades ocasionadas pela deficiência na formação acadêmica, antes de ter contato com as abordagens e métodos educacionais da atualidade, bem como as informações passadas pelos docentes, contribuíram para esse processo inovador de ser docente, em face ao entendimento da importância da educação no processo de democratização da sociedade, e no entendimento dos professores como agentes de transformação.

#### **Meu caminho até a escola**

Tenho 27 anos, nasci dia 24 de janeiro de 1992, na comunidade Vista Alegre, sou filha de Maria Escolástica e João Gomes que eram agricultores, eu já tinha 4 irmãos quando nasci: Ana, Antônio, José e o João, quando tinha apenas um ano de idade nos mudamos para a comunidade Buriti no Canamã, que se situa na área de baixo da cidade de Itamarati, interior do Amazonas.

Minha vida escolar começou graças a um homem chamado Zé Faria, ele se preocupava com os estudos dos seus filhos, como tinha uma situação financeira melhor foi na cidade e pediu permissão do prefeito Raimundo Lobo para que sua esposa Dona Lôra lecionasse na comunidade que morávamos e assim fizeram o acordo.

Dona Lôra daria aula voluntariamente, a secretaria cedia os materiais didáticos como: caderno, lápis, livros e uma lousa e ele disponibilizava a sala de sua casa como escola, era uma sala grande, com uma mesa de madeira com um banco de cada lado. Ali os alunos estudavam, tinha aula nos três turnos, matutino para os pequenos, vespertino para os maiores e noturno para os adultos, a aula ia até as 21h00 porque não tinha

energia elétrica para ir até mais tarde, estudavam com a luz da lamparina e ainda tinha o fato dos alunos estarem cansados da luta diária nos roçados.

Quando se iniciaram às aulas a alegria era geral para adultos e crianças, apenas uma pessoa não ficou feliz com a novidade: eu, afinal todos os meus irmãos foram para a “escola” menos eu, e meus pais por não ter com quem me deixar pela parte da manhã me levavam com eles para o roçado, onde eu brincava muito de pular de um pau para o outro, de subir nas árvores caídas, fiquei nessa rotina um ano. No ano seguinte eu já podia ir para a escola, o que muito me alegrou, não porque quisesse estudar e sim pela merenda que a dona Lôra servia, como o suco de caju que ela colhia do quintal da casa dela, bolacha e Nescau, eu amava, afinal, na minha casa só tinha o café preto. Minha alegria durou apenas três meses.

Seu Zé Faria resolveu se mudar para a capital Manaus, os comunitários ficaram muito tristes, mas não havia nada a se fazer, era mês de abril, quando eles foram embora, meu pai seguiu sua labuta, certo dia do mês seguinte meu pai estava voltando da lavoura muito cansado, eu e meus irmãos estávamos brincando no terreiro, ele nos olhou e falou para minha mãe: mulher eu não quero essa vida para os nossos filhos eu trabalho até morrer e não temos nada, nós vamos para Itamarati morar lá e os meninos vão estudar, se formar e ter um futuro diferente do nosso.

Foi assim que no ano 1997, em maio, nos mudamos para Itamarati, fomos morar com a minha avó, minha mãe não perdeu tempo, em junho procurou a diretora da Escola Santos Dumont, explicou que tínhamos acabado de nos mudar e que tínhamos estudado três meses na comunidade, a diretora aceitou os meus dois irmãos mais velhos na 1ª série e os outros três só poderiam entrar no ano seguinte.

Meu pai teve que começar do zero, conseguiu em um centro longe da cidade um terreno de barranco que era de difícil acesso, mesmo assim ele fez seu roçado, plantou maniva, abacaxi e abacate, era um terreno na terra firme em que ele tinha que ir a pé duas horas de caminhada de segunda a sábado, no entanto tem um período desde que você planta a roça até conseguir fazer a farinha, portanto, passamos muitas dificuldades financeiras sem ter de onde tirar dinheiro, já que o nosso sustento sempre veio da produção do papai, ele se virava como podia, pescava, no entanto era muita gente para sustentar.

Na cidade tinha um comerciante chamado Pedro Ilson, meu pai o procurou e ele aceitou vender fiado, para pagar somente quando a roça tivesse pronta para a produção da farinha, e assim passamos o resto do ano.

Em 1998 comecei a estudar na Escola Santos Dumont, com 6 anos de idade, era muito tímida, estava acostumada na comunidade com poucas pessoas, chegar naquele local grande, com muitas crianças gritando, correndo, olhando estranho para a mim, foi assustador, para meu alívio fiquei na mesma sala que meus dois irmãos e um primo, o Antônio.

A escola era grande, com 10 salas, no meio da escola tinham muitas flores plantadas e bancos de concreto onde os alunos sentavam na hora do intervalo para merendar, as cadeiras da sala eram de madeira



e as janelas também e o portão era de ferro a escola era toda cercada de concreto. Como as casas que eu conhecia eram madeira e não tinham muros estranhei muito tudo aquilo.

Para alívio dos meus pais, a escola dava todo o material escolar e o uniforme também, já que no começo do ano letivo ainda estávamos na casa da minha avó, a minha mãe que tinha vindo grávida da comunidade, estava com um filho recém-nascido e não tinha tido dinheiro nem para comprar o enxoval do bebê, para a nossa sorte o clube de mães que tinha na cidade organizou um baby chá surpresa, ela ganhou tudo que precisava para o nascimento do meu irmão Henrique.

No meu primeiro dia entrei pelo portão junto com meus irmãos e meus primos, estava nervosa e fomos cada um para a sua sala, eu, o João e o Antônio fomos para a sala 7, éramos muitas crianças, a nossa professora se chamava Cleve, era muito bonita e um pouco impaciente, ela não gostou muito de mim, pois como eu era muito tímida me sentava no fundo da sala, tentando ficar invisível e isso dificultava a minha aprendizagem.

Minha hora preferida na escola era a hora do intervalo, pois, nos juntávamos todos: os irmãos, primos, tios e íamos merendar, a merenda era uma delícia e tinha bastante, a gente podia repetir, o que para outras crianças era normal para nós era a única comida diferente de peixe como pirão que comíamos, tinha cereal com leite, sopa, arroz doce, leite com bolacha eu amava merendar nós não fizemos amizade, como eramos muitos da família ficávamos entre nós mesmo e assim fomos passando.

No meio do ano seu Daniel, um conhecido da família fez outra casa e ofereceu a madeira da velha para o meu pai, que procurou o senhor Pedro Ilson que aceitou pagar para receber com farinha, na época a casa foi R\$ 100,00 e a saca de farinha era R\$ 20,00 ou seja, a casa custou 5 sacas de farinha, meu pai conseguiu com o prefeito um terreno, era longe da rua, perto do sítio do seu Pedro Ilson, só tinha duas casas e não tinha água próximo nem energia elétrica, porém não importava meu pai roçou e levantou a nossa casa, lembro-me que ao entrar na pequena casa de madeira coberta de palha com meia porta, senti um alívio tão grande de estar na nossa casa! Que nunca mais senti na vida, nem agora depois de adulta quando fui para a minha casa senti sensação igual.

Nós nos mudamos para a nossa casa no meio do ano, a maior dificuldade que encontrei na casa nova foi a caminhada para a escola quando chovia, pois era uma longa caminhada no barro, era um caminho estreito e muito melado, precisávamos colocar sacola nos pés até chegar ao asfalto. Quando terminou o ano ainda não tinha aprendido a ler, o roçado do papai já dava resultado e começava a pagar as dívidas, seguíamos sobrevivendo.

O ano letivo finalizou-se sem que eu conseguisse ler e a minha timidez continuava me atrapalhando muito, como eram muitas crianças e eu ficava quietinha no meu canto a professora não dava muita importância para mim, minha mãe terminou o ano grávida e a nossa situação financeira continuava difícil, a

sorte era que encontrávamos pessoas generosas que nos davam roupas, mesmo sendo velhas, para nós era uma alegria ter o que vestir.

Meu pai trabalhava muito, no entanto o dinheiro que conseguia com a venda não dava nem para a estiva direito, muito menos para itens de higiene pessoal como: shampoo, pasta de dente, sabonete, ou seja, só escovávamos os dentes quando tinha a lancha PAI na cidade, que além de limpar nossos dentes deixava pasta e escova para continuar a limpeza, papai sempre falava quando estávamos juntos nos finais de semana: meus filhos, estudem, eu vou trabalhar o que for preciso para vocês estudarem e não precisar passar pelas dificuldades que eu já passei e que continuamos passando, vocês só têm dois caminhos, ou o estudo, ou o cabo do terçado.

Na 3° série eu e o João nos continuávamos na mesma sala, desta vez nosso professor era homem e se chamava Josivan um homem baixo, branco, que conseguiu fazer com que eu conseguisse aprender a ler e a somar, era rígido e ao mesmo tempo me via, por esse motivo nunca vou esquecer-lo, pois ele me via, para ele eu não era invisível, é horrível ser criança e se sentir invisível, talvez tenha sido esse o motivo de ter conseguido aprender a ler com ele antes de certos acontecimentos que relatarei em seguida.

Financeiramente foi um dos piores anos para nós, eu e meu irmão João fomos para a rua vender a produção que meu pai trazia, eram muitos produtos para pouco consumidor, ele trazia de duas sacas de pimenta, de maxixe, muito mamão, muitos cachos de banana, minha mãe comprava saco de um quilo enchia de pimenta e maxixe colocava em uma bacia e íamos para as ruas vender ou trocar por açúcar, café, sabão enfim estivas, contudo, o que eu menos gostava de vender era mamão e banana, eu só tinha oito anos de idade e a bacia cheia dessas frutas pesava muito, quando eu arriava em algum trapiche para bater na porta e perguntar se o dono da casa queria comprar era um alívio para minha cabeça.

Diversas vezes eu andava a cidade inteira e não vendia nada ou quase nada, eu ficava muito triste, pois, sabia que era dali que iria sair o dinheiro para a estiva da semana, quando eu chegava de volta da venda que tinha sido ruim, eu ia lá do lado de casa e chorava, eu não queria chorar na frente da mamãe e com a tristeza que ficava no meu coração eu sabia que quando fosse falar para ela que não tinha vendido nada, ela ia falar, tá bom minha filha, mas eu via a tristeza no seu olhar, afinal, o dono da venda parou de vender para nós, papai não estava conseguindo dinheiro para pagar o terreno e as contas, não por falta de esforço, ele trabalhava muito tinha a produção, mas não tinha venda para o seu produto.

Para completar o meu ano meus colegas de escola começaram a implicar com a gente por vendermos verduras na rua, xingavam, humilhavam, mangavam, e eu que já era tímida me sentia inferior, me recolhi mais ainda no meu cantinho, então minha aprendizagem que estava melhorando regrediu, ficou bem mais lenta, pois mesmo quando eu não entendia o assunto, não tinha coragem de perguntar e ficava sem entender.

Nas férias do meio do ano fomos todos para o roçado do papai, a roça já estava pronta para a produção da farinha, foram férias de trabalho intenso sem descanso de segunda a sábado era feito a farinha e no

domingo era para o papai e os meninos homens pescarem para a semana a mamãe e as meninas era cuidar da casa, da roupa e dos dois menores já que no meio da semana a labuta começava de madrugada e terminava a noitinha na produção da farinha, e não dava tempo para esses serviços.

Dessas férias em diante todas as férias nós íamos para o sacado fazer farinha, que era de onde tirávamos o dinheiro para pagar as dívidas que haviam se acumulado, no tempo que estávamos estudando, eu e meus irmãos brincávamos que nossas férias eram quando estávamos estudando, afinal, fazer farinha em grande quantidade é muito desgastante, tanto para a mulher que passa o dia sentada raspando mandioca, sem tempo para outra coisa, as mãos doem, as costas, a gente só levantava para fazer comida, cuidar das crianças e lavar mandioca, como para os homens, iam arrancar a mandioca da terra, carregar no paneiro para a gente, raspar na casa de farinha e os outros dois iam torrar a farinha.

Ir passar as férias no sacado era cansativo mais é de lá também que tenho as melhores lembranças em família, à noite quando jantávamos e íamos para as nossas redes como tinha muita carapanã tínhamos que forrar o chão do mosquiteiro para elas não entrassem e então mamãe e papai iam nos contar histórias eram momentos maravilhosos ríamos juntos e nos divertíamos.

Ao voltar para a escola estávamos com muita vontade de estudar afinal, vimos que nós só achávamos que nossa vida era difícil, mas difícil mesmo era o que teria reservado para nós se não estudássemos, a partir dessas primeiras férias no sacado, passamos a valorizar muito mais o papai e os sacrifícios que ele fazia, trabalhando sozinho para a gente estudar, mesmo assim com muita vontade de estudar e melhorar de vida, passei arrastada no final do ano.

Em 2001 na 4ª série o nosso professor era bem rígido, ele se chamava Mano e com ele, apesar de todos os problemas enfrentados que listarei a seguir consegui ter uma aprendizagem satisfatória. Foi um ano em que os problemas aumentaram, pois, até então meus colegas só implicavam comigo verbalmente por eu vender verdura nas ruas, agora queriam partir para a agressão física tentando me bater, então reagi e acabei batendo nelas, fato que se sucedeu no decorrer do ano.

Tinha uma menina na minha sala que passou muito tempo me insultando até que decidi partir para a agressão, então reagi e bati nela, no dia seguinte ela se juntou com uma turma e ficou me esperando na saída, eu entrei em uma sala vazia pulei a janela e fui para casa, contei o ocorrido para os meus irmãos e primos e eles foram me deixar na escola no outro dia, então as meninas que mexiam comigo pararam de tentar me bater, mas antes deste acontecimento eu já havia brigado com outras, sempre pelo mesmo motivo: eu vender coisas na rua as incomodava, não ter roupas bonitas, nem dinheiro para lanche fora da escola no lanche do Eron que ficava em frente ao colégio, onde iam merendar os estudantes que os pais tinham dinheiro, eu merendava mesmo era na escola e gostava muito, afinal, era o que eu comia de diferente, em casa eu só comia peixe cozido com pirão e as frutas que o papai trazia do roçado no final de semana.

Em nossa turma éramos muitos e depois que as meninas pararam de me perseguir, comecei a prestar mais atenção nas aulas e aprendi mais do que nos anos anteriores, mesmo ainda me sentindo inferior aos meus colegas e ainda não tendo coragem de perguntar as dúvidas que tinha, tenho certeza que todos esses fatores atrapalharam muito a minha aprendizagem nas séries iniciais.

Tanto nas férias do meio do ano, quanto nas do final do ano, íamos para o roçado fazer farinha. E na 5° série fomos para a escola Francidene Soares Barroso, minha turma se dividiu, eu e o meu irmão permanecemos na mesma sala. A partir dessa série meu desempenho melhorou bastante, parei de vender coisas na rua e tem algo que não posso esquecer-me de relatar, pois me marcou muito.

A partir da 5° série estudámos com a mesma turma até 8° série, com exceção de uns poucos colegas que ficaram pelo meio do caminho, reprovados ou transferidos, mas a grande maioria seguiu firme e forte.

Já tinha mais matérias, mais professores, estudávamos por tempo, cada professor tinha 45 minutos para sua aula. Passei por muitos professores, mas só alguns me marcaram: O professor de História Cosmo, que dava uma aula que aprendíamos sem ser algo cansativo, maçante, ele lecionava com amor e isso fazia com que a matéria ficasse interessante. A professora de Língua Portuguesa, Clemilsa, formada em pedagogia que veio de baixo e que até hoje é fonte de inspiração para eu nunca desistir, pois ela passou por dificuldades piores que as minhas e venceu. O professor Viana, que veio do interior como eu e que se destacou na sede se tornando um dos professores mais querido e admirados pela população da cidade e que infelizmente veio a óbito em 2018, sem dúvida uma grande perda para todos nós.

E assim se passou a minha vida durante o ensino fundamental, tentando vencer os obstáculos que apareceram no meu caminho, uns anos melhores, outros nem tanto, todas as minhas férias durante todo esse percurso foi no sacado fazendo farinha, tive alegrias, tristezas, obstáculos a superar, sendo que meu maior obstáculo sempre fui eu mesma, a forma como me via.

Durante os 1° e 2° anos do ensino médio, continuei na mesma turma da quinta a oitava série, estudava no período vespertino, de manhã trabalhava em casa de família e ganhava R\$ 45,00 por mês, estudava a tarde e de noite eu era babá dos filhos da professora Clemilsa, ganhava R\$50,00 mensal, juntando os dois salario eu ganhava por mês R\$ 95,00 reais que eu dava para a minha mãe para ajudar na despesa de casa.

Meu trabalho a noite eu saía 23h30 da noite, quando ia para casa, do asfalto até minha casa o caminho era estreito e escuro, no começo sentia medo, depois acostumei ia e voltava tranquila, graças a Deus nunca me aconteceu nada. Como eu tinha uma vida muito corrida só tirava nota que dava para passar com a média.

Infelizmente o tempo para estudar era pouco e eu já tinha 15 e 16 anos, precisava ajudar meu pai que trabalhava sozinho no sacado, de Sol a Sol, queria poder ter dito para ele que o amava e que era muito grata por ele ter enfrentado tantas dificuldades para que pudéssemos estudar e almejar uma realidade diferente da que ele e minha mãe tiveram, infelizmente no dia 12 de novembro de 2018 meu pai veio a óbito, com um ataque do coração, saiu de manhã para o sacado e a tarde chegaram trazendo o corpo dele sem vida.

Foi um choque para todos nós, éramos nove irmãos, eu era a do meio, tinha quatro mais velhos que eu e quatro mais jovens, só a minha irmã mais velha tinha saído de casa morava na capital os demais moravam todos dentro de casa estudando, dependíamos do trabalho do papai, minha mãe ficou desesperada, minha irmã mais nova tinha apenas um ano e meio de idade.

Como já estava perto do final do ano letivo terminei passando só com a média mesmo, foram dois anos que já estavam bem difíceis, com a morte de papai tudo piorou para todos nós.

No terceiro ano do ensino médio comecei a estudar a noite, pois com a morte do papai tive que começar a trabalhar o dia todo para ajudar minha mãe a sustentar meus irmãos, terminar o terceiro ano eu terminei, mas sem muito aproveitamento.

### **Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR**

Terminei o ensino médio com 17 anos e por não ter a opção de curso superior na cidade de Itamarati-Am. Isso foi em 2009 fiquei na cidade até, os 19 anos e decidi ir para a capital Manaus, pois almejava um futuro acadêmico que Itamarati não podia me oferecer no momento, porém, ficou na cidade meu namorado Leandro, namorávamos desde que eu tinha dezesseis anos de idade.

Chegando à capital trabalhei em alguns lugares até ir trabalhar na casa de uma família, eu cuidava do filho deles de dois anos e me fizeram a seguinte proposta: que eu cuidava do filho deles aquele ano, 2010, sem estudar, mas no ano seguinte 2011 eu poderia escolher a faculdade que eu quisesse fazer, pois a criança iria estudar período integral, eu também iria poder estudar e continuar cuidando dele, eu morava com eles, quando eu terminasse a graduação poderia trabalhar na empresa deles.

Eram pessoas muito boas, me tratavam muito bem, e a proposta era ótima, minha felicidade estaria completa se o Leandro estivesse comigo, pois o amava muito, continuávamos namorando por telefone, conversei com ele falei da proposta e o convidei para vir para a capital para ficarmos juntos e eu poder fazer a faculdade, ele não aceitou ficou com medo de não conseguir terminar os estudos e trabalhar ao mesmo tempo, ele estava no ensino médio na época, isso me deixou muito frustrada, afinal estava com muitas saudades e queria ele no meu futuro, continuei mais um tempo na casa do seu Eder, mas a saudade aumentava e eu não sabia o que fazer, era o meu sonho de estudar e a saudade do homem que eu amava.

Meu irmão João Trabalhava em Itamarati, no interior da cidade, era professor na zona rural e decidiu que não queria continuar no interior, queria tentar a vida na capital, quem dava aula no interior tinha a promessa de uma faculdade de Pedagogia, foi aí que conversando por telefone com ele tive a ideia de ficar na vaga dele para lecionar, poderia ter a possibilidade da faculdade e ainda ficar perto do meu amor, não pensei duas vezes e decidi voltar.

Fiquei muito triste em deixar o Marco Antônio, gostava muito dele e lá meu futuro estava quase certo, porém amava o Leandro e queria está perto dele e essa era a minha visão da época a única maneira de ficarmos

juntos e voltei para Itamarati, o barco que eu vinha passou pelo barco que meu irmão ia para Manaus, chegando a Itamarati fui à secretaria onde ficou tudo certo para eu assumir a vaga do meu irmão.

Passando o primeiro momento de conseguir o emprego ver tudo dando certo comecei a ficar apavorada, vou dar aulas? Meu Deus! O que eu vou fazer? O que vou ensinar? O que sei aprendi no ensino médio, será que vou dar conta?

Mesmo com muito medo, pois, sabia que ia ter que me deslocar para a zona rural onde não conhecia ninguém e lecionar. Mesmo sem saber, decidi que seria a melhor professora que poderia ser, que iria me esforçar muito dar o máximo de mim para “aprender a ser professora”, tivemos um rápido treinamento com a equipe da secretaria municipal e pronto, agora estava sem jeito era só saber qual comunidade iria e encarar o desafio de frente.

No dia da reunião que era dito a lotação, descobri que não iria para a mesma comunidade que meu irmão havia lecionado por dois anos, me deu certo receio, já que eu tinha conversado com o meu irmão e ele tinha me dado uma noção de como era a comunidade os alunos, pensei que iria para lá, já sentia que conhecia que conhecia a comunidade, tinha conversado com uns comunitários, fiquei desorientada de saber o quanto meu futuro estava incerto, meu coração saltitava de ansiedade medo do novo.

Para a minha tranquilidade descobri que fui lotada na comunidade Conceição do Raimundo, onde minha tia Socorro e seu marido Kennedy já atuavam, o professor parceiro deles no ano anterior foi transferido para uma comunidade próxima à cidade.

A esperança de dar tudo certo começou a voltar ao meu coração, além de ir trabalhar com a minha tia que já tinha mais experiência na área, boa parte dos comunitários fazia parte da família do Leandro, e se foram os dias fui à secretaria com a relação dos meus discentes que a secretaria tinha me passado no dia da reunião, eram doze alunos de 1º e 2º ano no turno matutino, separei uns livros de acordo com a série deles e uns de literatura infantil deu duas sacas de livros, também comprei uns livrinhos: com as vogais e consoantes, uma apostila com as sílabas, palavras pequenas frases e textos curtos, não sabia como ser professora mas queria estar preparada.

No corre, corre de organizar tudo, fazer compras, organizar utensílios para levar afinal iria passar boa parte do ano na comunidade, era tudo muito novo para mim, antes nunca tinha sido necessário que eu me preocupasse com esses detalhes práticos de dona de casa, enfim como só tinha uma casa dos professores lá e eu iria morar com a minha, tentei me acalmar, eles seriam meu suporte não estaria só.

Consegui em Itamarati, no ano de 2012 um emprego de professora numa comunidade da zona rural. Chegando o dia de ir para a comunidade, fomos eu e meus irmãos colocar as coisas dentro do barco, estava tão ansiosa que parecia estar vivendo um sonho. Todos os meus colegas de profissão estavam animados, alguns levavam a família, portanto levavam muitas coisas, desde o sofá, geladeira, cama enfim, estavam de mudança mesmo, só víamos à cidade durante o ano letivo no final do mês para receber e fazer compras.

O barco saiu do porto da cidade rumo às comunidades, a cada professor que o barco deixava minha ansiedade aumentava, quando chegou a minha vez já era de tarde. Foi emocionante chegar, os professores que ainda estavam no barco ajudaram a desembarcar as coisas e depois seguiram viagem, o supervisor resolveu me apresentar para a comunidade somente na volta.

Quando eles se foram o Kennedy, meu primeiro parceiro de trabalho, ele e sua esposa, que por acaso é minha tia materna, me levou para conhecer a escola. Era de madeira com duas salas, uma varanda e um quartinho, a casa dos professores era pequena não tinha fechadura, toda suja de barro, não tinha repartição dentro. Ao terminarmos de carregar as nossas coisas o Kennedy me levou para conhecer alguns comunitários que me receberam muito bem e voltamos para casa, ficamos nos organizando até a volta do barco da secretaria.

Foi quando descobri na reunião que uma pequena parte dos comunitários não me queriam ali, não por mim mas sim por que gostavam do professor do ano anterior, o Carlos, e os mesmos me culpavam por ele ter sido transferido. O supervisor Isandro, acostumado com esse tipo de situação, explicou para eles que eu não tinha culpa de nada e que estava ali para fazer o meu trabalho, não teve acordo, os filhos e netos desse senhor não estudaram aquele ano de 2012, mesmo com esse contratempo acabei ficando na comunidade e apesar de não ter experiência, foi um ano bastante proveitoso, o suporte dos meus tios me ajudou bastante na minha prática em sala de aula.

Lecionei para os sete alunos que compareceram à escola: o Joel, Antônio Filho, Fabricio, Vancléia, Vanderléia, Elivânia e a Gisele. No decorrer do ano a família que não me queria, percebeu que eu não estava ali para brincar, então começaram a falar comigo, a minha parceria com meus tios deu bons frutos, tudo que pensávamos juntos conseguimos colocar em prática: comemoração do dia das crianças, eventos envolvendo os alunos e toda a comunidade, sempre que íamos à cidade pesquisávamos aulas diferenciadas para aplicar com as turmas em conjunto. Portanto, no final do ano letivo meus alunos tinham conseguido aprender a ler, uns aprenderam melhor, outros nem tanto, mas um pouco todos aprenderam.

Em 2013 meus tios foram para outra comunidade e permaneci na mesma, a Conceição. Dessa vez todos os alunos estudaram, apesar de não ter conseguido fazer eventos tão grandes como fiz em parceria com meus tios. Com as formações do Pacto Nacional da Idade Certa-PNAIC, as ideias que eu pesquisava com o notebook na internet, que aprendi a mexer na aula de informática básica que fiz. Todos esses fatores foram essenciais para minha prática docente, já que fui para a comunidade sem saber nada do que é ser professor, tive que aprender a fazer, fazendo, aprender a ser, sendo.

Tanto na cidade como no interior tenho muitas pessoas a agradecer: desde professores, gestores, equipe da SEMED, todos que, quando procurei auxílio, se dispuseram prontamente a tirar minhas dúvidas. Sem essas pessoas eu não teria conseguido ser professora e passar o que sabia para os meus discentes, foi graças a eles e aos cursos como: Escola da Terra, PNAIC, Curso de Informática, que consegui, mesmo sem um

plano a seguir e sem experiência, ser professora durante os 4 anos antes da formação do Parfor. Formo 2 anos na escola Coronel Nilo Pinheiro, comunidade Conceição do Raimundo, 1 ano na comunidade Val Paraíso, nessa comunidade, na escola Val Paraíso, com 17 alunos em turma multisseriada, do pré-escolar até os 7 anos, tive imensas dificuldades, tive que me esforçar bastante, pesquisar muito para conseguir ensinar ao mesmo tempo para tantas séries diferentes.

Também trabalhei um ano na comunidade Vila Martins, escola Vila Martins, onde comecei a lecionar dois horários, matutino e vespertino. Consegui a outra cadeira com um acordo que fiz com a secretária para abrir mão do curso superior de Gestão Pesqueira que havia passado para estudar e como meu foco era Pedagogia, a mesma me garantiu que no ano seguinte chegaria, o que foi verdade, aconteceu.

Em junho de 2016, começou o curso de Pedagogia na cidade de Itamarati, através do PARFOR. Para mim existe a professora Maria Castro antes e depois Parfor, esse curso mudou completamente minha visão de mundo e só tenho a agradecer.

### **Estudando, trabalhando e lutando: o percurso da minha formação**

Em junho de 2016, começou o curso de Pedagogia para a cidade de Itamarati, para mim, existe a professora Maria Castro antes e depois Parfor, esse curso mudou completamente minha visão de mundo, só tenho a agradecer.

No primeiro período eu estava grávida da minha primeira filha Sophia, estudei em sala até quando faltava 2 semanas para o final do período, com as o Parfor passei a observar o mundo e as pessoas de outra forma, passei a entender que cada indivíduo é único com sua subjetividade, e tem sua maneira própria de ver e viver no mundo e que temos que respeitar cada um e suas características.

No decorrer do curso tivemos matérias e professores inesquecíveis, com exemplo de vida e superação, seminários maravilhosos com aulas práticas que poderíamos usar na nossa sala de aula, nas atividades integradoras tivemos apresentações diversas, teatro, palestras, oficinas práticas, exposição, debates, entrevistas, pesquisas, entre outras coisas.

Antes do Parfor eu tinha dificuldade de me expressar, de entender o que eu lia e transmitir também, e isso melhorou gradativamente com todos os trabalhos que fomos apresentando, lembro que nos primeiros períodos quando o professor passava um seminário, ficávamos todos desesperados, correndo para um lado e para o outro para pedir orientação, íamos à internet pesquisar trabalhos prontos para nos basearmos e na hora da apresentação na frente, estávamos tão nervosos que não saía nada, hoje quando temos um tema pesquisamos e cada grupo decide uma forma de apresentar para facilitar o entendimento do público, já fizemos trabalhos na creche, no CREAS, nas escolas estaduais, exposição na praça e muitos outros.

Em janeiro de 2017 começamos o segundo período, a minha filha ainda estava com seis meses, como eu morava com a minha mãe a mesma me ajudou muito, assim como meus irmãos, eu ia para escola de manhã



e de tarde foi um período muito difícil, mas foi mais do que o primeiro. Eu conheci uma professora, da disciplina de Educação e Antropologia, se chamava Fernanda Quintino uma professora maravilhosa nós fizemos uma feira com comidas típicas, festas da cidade, sobre o comércio local e restaurantes, cada grupo apresentou um tema na feira, foi muito legal a comunidade local compareceu, a professora Quintino é muito instigante, nos estimula a querer aprender, faz seu trabalho com tanto amor que faz a gente aprender com muito empenho.

Uma professora que também foi muito marcante e importante para mim foi a professora Fátima Dantas nós nos demos muito bem, inclusive a mesma foi passar uma temporada na minha casa, me ensinou muito, tanto na matéria, quanto na convivência com ela, me ensinou a ter foco nos objetivos que era concluir o curso com muito aprendizado e aproveitar o que aprendesse para usar na sala de aula.

A partir da convivência com ela comecei a ver e conviver no mundo com outra ótica, como foi o período de janeiro, geralmente nesse período os professores estavam desempregados, pois, como contratados só voltamos a trabalhar quando começa a aula do interior, que é em maio ou junho, quando termina o período vamos para o interior em maio e voltamos em junho para o próximo período, foi o que aconteceu no ano de 2017, fui para a comunidade Vila Martins que era a comunidade que eu lecionava e voltamos em junho para o terceiro período, para nós que estávamos cursando era muito difícil essas idas e vindas, no entanto para os nossos discentes era pior, pois quando íamos para a cidade estudar eles ficavam sem aula.

No ano de 2017 fomos para o interior em maio, foi quando a prefeitura levantou meu contrato, até levantar meu contrato fiquei dependendo da minha mãe, já que meu marido não tinha emprego e como a minha filha ainda era bem pequena, não conseguia arrumar emprego, teria que cuidar dela, como a minha mãe era viúva estávamos vivendo só dá aposentadoria dela, meu pai tinha deixado um roçado que ainda estava produzindo, então meu marido e meu irmão iam pegar pupunha, muitas vezes era o que tínhamos para comer, já que o salário da mamãe não conseguia dá conta para o mês todo.

O período de janeiro de 2017 foi difícil, tanto por a minha filha ainda ser pequena como por não ter dinheiro, pois passávamos muito tempo desempregados e quando começávamos a receber só dava para pagar o que tínhamos comprado quando estávamos sem emprego. Quando terminou o período, antes de ser contratada de novo para ir para o interior, comecei a vender cosméticos de porta em porta e até hoje em 2022, continuo vendendo, pois quando o contrato cai, tenho como me manter.

No ano de 2018, no quarto período, fomos normalmente para faculdade. Em janeiro quando terminou o período fui para a Vila Martins, dessa vez eu fui sozinha, pois o meu marido arrumou um emprego de meio período e como estávamos precisando de dinheiro para comprar a casa, ele ficou na cidade com a Sofia, nossa filha, quando foi para o início da faculdade em junho, voltei para a cidade, no mês de julho eu

estava me sentindo enjoada, meio ruim então fiz um teste de gravidez e ele deu positivo, eu estava grávida novamente, ia ter a minha segunda filha.

No ano de 2018 comecei a receber o salário em maio, quando levantou meu contrato e não caiu final do ano, pois estava grávida. Quando começou o período de 2019, em janeiro, eu ainda fiz até o mês de fevereiro e no final do mês eu precisei ser encaminhada para outra cidade, pois a minha gravidez era muito complicada, seria perigoso eu ficar em Itamarati, então fui para uma cidade próxima dia 12 de março a minha filha seria tirada, nesse período eu estava separado do meu marido, então foi bem difícil, depois que ela nasceu eu precisei voltar para o período de junho de 2019, terminei o período sem maiores percursos e continuei na cidade, pois ainda estava de licença maternidade.

Na questão financeira não me preocupei em 2019, pois, depois que tive minha filha, em março de 2019, não caiu meu contrato de 2018, meus problemas se deram por conta da minha saúde e da gravidez complicada, tive que viajar para Eirunepé e pouco tempo depois para Manaus onde como era encaminhamento do hospital, a prefeitura providenciou as passagens para as viagens.

### **A pandemia de Covid-19**

No ano 2020 trabalhei 4 meses apenas e de forma não presencial, os pais levavam os cadernos e fazíamos, pois, por ser uma cidade pequena a tecnologia ainda não está acessível a todos os discentes, no ano de 2021 trabalhei em sala de aula, desde o início do ano letivo em março, começamos também fazendo nos cadernos, até o mês de maio, que o contrato caiu, aí tivemos que fazer o seletivo e voltamos à ativa no mês de junho com as aulas para metade da turma segunda e quarta e a outra metade terça e quinta, e seguimos fazendo o melhor para que a escola volte ao normal gradualmente.

A pandemia trouxe muitos obstáculos, mas também tivemos que nos reinventar, para que meus discentes não perdessem tanto, mesmo com as aulas em dias alternados eu peguei o número de todas as mães que tem WhatsApp, criei um grupo da minha sala, todos os trabalhos que a gente fazia eu postava no grupo, vídeos, fotos e mesmo os alunos que não estão em sala de aula naquele dia, podiam acompanhar a aula juntamente com os pais e isso possibilitou também que eu ficasse mais próximo dos pais, e isso foi muito positivo, com essa relação mais próxima dos pais a gente conversa, quando o aluno não consegue ir para escola porque estava com uma doença, ou com algum problema, eu passava a atividade para ela.

Em janeiro de 2020 tivemos um período normal estudamos o oitavo período, no entanto, nós não conseguimos ter o 9º período em 2020, pois veio a pandemia e não foi possível estudar no período na data habitual que era em junho. Nesse ano me mantive praticamente com a minha venda e quando não estava podendo sair para vender, com o Auxílio Emergencial, trabalho mesmo da escola só trabalhamos 4 meses no final do ano, só que o trabalho foi só cumprir horário.

Estudamos o 9º período no ano de 2021, foi a matéria do Estágio 2 e Arte-Educação. A sistematização do estágio foi diferente, pois tivemos que nos adaptar a várias situações da vida e no curso de Pedagogia não foi diferente, quem não conseguiu assistiu à aula online para produzir o relatório, inclusive as aulas todas foram não presenciais, a UEA providenciou um chip e também celulares para os discentes que não tinham, para que nenhum fique sem estudar.

O décimo período também foi não presencial, mas os professores estavam disponíveis a ajudar, toda vez que tínhamos alguma dúvida eles sempre tiravam, explicavam quantas vezes fossem necessárias para que assimilássemos a disciplina. As aulas não presenciais têm seus pontos negativos e positivos, o positivo é justamente que ficou mais organizado, quem tinha uma dúvida fazia suas perguntas, o professor respondia, aí isso acabava sendo a dúvida de muitos discentes e não ficava todo mundo falando ao mesmo tempo, como é na sala de aula, é claro que as apresentações em sala fizeram falta, mas eu achei que ficou mais organizado não presencial.

Em março 2021 consegui trabalhar em Itamarati, na Escola Padre Guilherme. As aulas eram remotas, fazíamos as atividades no caderno dos discentes e os pais iam pegar, o contrato caiu em maio, tivemos que fazer o seletivo, fiz e passei, mas só fomos chamados em junho, antes de começarem as aulas fui ao interior fazer uma farinha para vender e pagar umas contas, as vendas dos cosméticos não estavam fáceis por conta da pandemia e com duas filhas as despesas não são pequenas.

### **Considerações Finais**

Para mim, o curso de Pedagogia foi um divisor de vida, existe a minha vida antes e depois do curso de Pedagogia, cada professor me ensinou muito, estudei sobre como tratar as crianças, que cada uma tem suas especificidades e aprende de maneiras diferentes, e que temos que respeitar o tempo de cada uma, que um método pode funcionar para uns discentes e com outros não, na metodologia aprendemos a buscar sempre novos métodos para ensinar e que é muito importante usar o lúdico para ensinar as crianças, pois elas assimilam melhor.

A partir do primeiro período quando voltei para a sala de aula percebi de forma prática como a minha metodologia foi mudando gradativamente, a cada novo período fui modificando minha prática em sala de aula de uma forma muito positiva, no final do ano letivo, percebi que os discentes conseguiram assimilar o que a BNCC rege para a suas séries de forma leve e que os mesmos já estão sonhando que podem ter um futuro diferente, também através da educação.

Ao escrever o meu relato de experiência pude perceber o tanto que mudei minha prática docente, o quanto evolui como pessoa, fiz uma retrospectiva de tudo que vivi nestes últimos 5 anos e quantas coisas

mudaram na minha vida, evolui profissionalmente conseguindo vir do interior para a cidade, a minha prática em sala tá muito melhor, tive filhas, fiquei mais madura e realizada.

Fazer o curso foi a melhor coisa que eu poderia ter feito, tudo que eu sou hoje é consequência do que aprendi no curso, minha ótica mudou e também a minha vida, espero evoluir cada vez mais, rumo um país com mais educação e autonomia. Portanto, o curso de Pedagogia foi de extrema importância para mim e para toda a cidade de Itamarati, por ser uma cidade pequena, não tinham muitos profissionais formados, já estamos atuando nas escolas municipais como titular de sala, ou seja, o curso de Pedagogia fez diferença na minha vida e na cidade de Itamarati-AM.

## **CAPÍTULO 26**

### **UM POUCO SOBRE MINHA VIDA**

Maria Antônia Lima Barroso  
Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### **Introdução**

O presente memorial é parte do meu trabalho de fim de curso e enfatiza a minha trajetória de vida, tanto nos aspectos pessoais, quanto nos profissionais e também a minha trajetória acadêmica, abordando reflexões sobre as práticas docente e as mudanças que foram realizadas durante a minha formação.

O curso que apresentei esse memorial descritivo analítico foi o de Licenciatura em Pedagogia, sendo ofertado pela a Universidade do Estadual do Amazonas, com o propósito da qualificação de pessoas para trabalhar na área da educação, visando a educação infantil e ensino fundamenta I.

O curso concentrava as aulas presencias de forma direta, sendo abordado diversas disciplinas, aperfeiçoando o conhecimento dos professores em formação para uma nova visão da prática pedagógica. Certas dificuldades apareceram no decorrer do curso, uma das maiores foi permanecer cursando, mesmo quando mês de janeiro estava desempregada. Era preciso superar os desafios para permanecer firme no sonho de me formar.

#### **Meu caminho até a escola**

Nasci no dia 21 de maio de 1989, na comunidade Quiriru. Não sou casada no cartório, mas tenho um marido que se chama Antônio da Luz Maia. Tenho dois filhos, Luiz Fernando Barroso Maia, Ana Eloisa Barroso Maia

Sou filha de Maria Madalena Gomes de Lima, Manoel Paulino Barroso. Somos 8 irmãos: Maria Antônia Gomes de Lima, Eucirene Lima Barroso, Raimundo Lima Barroso, que faleceu, dia 13/01/2016, Rosena Gomes Barroso, Silvane Lima Barroso, Siane Lima Barroso, mas tenho dois irmãos de criação que são, Eduardo Gomes Barroso, Manoel Gomes Barroso. Fui uma pessoa que nunca tive uma festinha de aniversário, porque meus pais não tinham dinheiro, não tinha um quarto só meu, sempre dormia com uma das minhas irmãs.

A minha infância foi boa, eu brincava muito de casinha com minhas primas, nós eramos muitos, mas sempre tem uma em especial que era a Eliete e a Elsiane. Eu brincava muito, mas também tinha minhas responsabilidades porque eu cuidava de casa e cuidava dos meus sobrinhos para minhas irmãs fazerem suas

coisas, eu gostava de ir para a casa de farinha, mas era difícil meus pais me levarem, porque eles falavam que eu ia mexer nas plantas dele e tinha que ficar em casa, cuidando de tudo. Quando era para arrumar a casa, tinha que carregar água do Igarapé e ficava longe, eu pegava um balde e ia pegar água.

Quando eu entrei na escola a primeira vez eu tinha 7 anos de idade, desde então, comecei a ir todos os dias para a escola. Meu primeiro professor se chamava Elias, era uma pessoa muito legal, apesar de não ter muitos recursos, ele era muito inteligente. Eu lembro que quando ele vinha para a cidade de Itamarati, ele de alguma forma conseguia algumas coisas, como por exemplo: creme dental, escova dental, fio dental, sabonete e o mais importante: a merenda escolar, então quando ele chegava na comunidade ele distribuía para os alunos, todos ficavam muito felizes. O professor era muito criativo, tinha assunto dos livros, mas ele gostava mesmo era de levar os alunos para o campo de futebol lá ele dava aula como se estivesse na escola, era muito melhor de que na sala de aula, o professor fazia várias atividades com os alunos.

A merenda escolar não era toda vez que tinha, muitas vezes fui com fome para a escola, as vezes em casa não tinha comida, mas meus pais sempre me incentivaram a estudar. Quando tinha merenda, mas não tinha fogão, o professor fazia reuniões com os pais e os alunos e todos iam para mata tirar lenha, quando chegava armazenava debaixo da escola, então não tinha merendeira e todos os dias uma mãe fazia a merenda, até acabar a merenda, quando acabava, nós íamos para a escola muitas vezes com fome, quando era para limpar ao redor da escola, o professor chamava os alunos e todos iam limpar, aquilo era uma diversão.

Às vezes sobrava comida da janta, aí a mãe fazia farofa e comia, a minha alimentação era só o peixe, algumas vezes, quando o meu pai ia para o centro e matava muitos bichos do mato, era quando nós comíamos carne, mas era muito difícil, muitas vezes eu mesmo ia pescar.

Vou começar falando do meu primeiro professor que era o Elias, um professor muito bom, eu não tinha nada contra ele, pelo contrário, só tenho que agradecer muito, foi com o professor Elias que aprendi a ler e a escrever, foi com ele que tive a oportunidade de conhecer outras realidades.

Tinha outro professor que se chamava Sávio, gostava muito dele porque ele fazia várias atividades com os alunos, mas eu gostava mesmo era quando ele nos levava para outra comunidade que ficava perto, que era a comunidade Santa Luzia, chegando lá nós jogávamos bola, depois voltávamos para a comunidade Quiriru.

Minha educação foi muito boa, graças a Deus e à meus pais, eu lembro que na minha escola não tinha muitos materiais, mas o pouco que tinha o professor dava para os alunos. Meus colegas eram meus irmãos, meus primos e tio, porque na comunidade só morava pessoa da mesma família, a escola era pequena, só tinha uma sala de aula e também tinha um pequeno quarto que o professor guardava a merenda quando tinha, eu ia para a escola com meus irmãos e meus primos até meus tios iam para a escola todos juntos, as vezes minha mãe ia nos deixar na escola porque tinha que ir de canoa e nós não sabíamos remar, até que um dia ela nos ensinou a remar.

A minha alimentação era quando tinha merenda, a merenda era arroz doce, farofa de conserva e sopa, mas o que eu mais gostava mesmo era da sopa, porque tinha muita verdura e as vezes tinha conserva dentro, quando não tinha merenda eu ia com fome mesmo, meus pais não sabiam ler e nem escrever, mas sempre me incentivaram a ir para a escola.

Meu irmão mais velho me ajudavam quando era para fazer minha tarefa, na minha casa não era toda vez que tinha comida com fartura, mas graças a Deus sempre tinha almoço e jantar. Eu tinha o material porque o professor dava, que era um caderno um lápis e uma borracha, minha roupa eram os meus pais que compravam, era uma munda de roupa para o ano todo. Eu gostava muito da disciplina de Ciência e Educação Física, Ciência porque me chamava muito atenção o corpo humano e o professor era muito legal, e a Educação Física era porque eu sempre gostei de jogar bola e outros exercícios.

Com sete anos, foi outro professor que se chamava Sávio Aguiar, ele era muito legal, eu gostava dele porque ele fazia muitas atividades com os alunos, quando era sexta feira ele nos levava para outra comunidade para jogarmos bola, uma vez nos vinhermos de noite, mas tinha que atravessar o lago, quando nos estávamos dentro da água uma piranha mordeu um dos nosso parceiros e ficamos todos apavorados, mas chegamos em casa, também tinha outros professores, o Edberto, o Ademar e o professor Mendes.

Foi na casa da minha cunhada que eu conheci meu esposo e ainda estamos juntos até hoje, em 2005 iniciei o ensino médio, já estava morando com a minha cunhada, até porque meus pais não tinham casa na cidade, então eu fiquei estudando, mas, por consequência do destino fiquei grávida do meu primeiro filho, que é o Luiz Fernando.

Sofria muito, porque tinha que estudar e trabalhar na casa da minha cunhada, meu filho nasceu com muita saúde, decidi passar uns dias na casa da minha mãe com meu esposo. Um dia ele foi para a estrada tirar madeira e passou dois dia, quando ele voltou eu estava na beira do fogo fazendo um mingau de farinha para meu filho comer porque não tinha comida, ele ficou muito triste pois foi pescar peixe e quando eu coloquei a comida no fogo não tinha nem uma verdura para colocar na panela.

Um dia eu conversando com o meu cunhado, ele me falou que tinha uma canoa velha no final do lago e eu conversando com meu esposo decidimos ir pegar a canoa para fazer uma horta de verdura, saímos era 8 horas da manhã e voltamos meio dia, meu esposo remando e eu segurando a outra canoa e estava com meu filho no braço, teve uma hora ele quase caia dentro da água. Quando foi pra fazer a horta, meu esposo chamou algumas pessoas para o ajudar, mas ninguém foi.

Depois que a horta estava pronta, os vizinhos começaram e pedir verduras, mas ele mandava eles fazerem uma para eles, ai todo mundo resolveu fazer a sua própria horta. Nós não tínhamos casa própria, morávamos com meus pais. Um dia eles vinheram para a cidade para dar entrada na aposentadoria e eles me entregarão a casa, quando era de manhã nos iamos pescar e pegava peixe, porque na época da cheia ficava muito bom de peixe. Um dia meu sogro chegou na comunidade e falou que na serraria estavam precisando

de gente para trabalhar, então conversei com meu esposo e decidimos que estava na hora de voltar para a cidade.

Quando chegamos na cidade meu esposo começou a trabalhar, foi quando a nossa vida começou a melhorar, decidi que era hora de voltar a estudar, porque o meu esposo me ajudava a cuidar do nosso filho.

Em 2007, comecei a estudar, meus professores eram, o Cosmo, a Clemilsa, o Hélio Filho e o Sérgio. O professor Cosmo dava aula história, o Hélio de inglês, a Clemilsa de Língua Portuguesa e o Sérgio de Matemática.

Minha matéria preferida era História, porque o professor era muito inteligente e criativo e quando era sexta feira nos levava nos para o ginásio para jogar bola, sendo que do lado do ginásio tinha uma sedia que se chamava Recanto Novo, quando o professor formava os times, quem era do time fora, fugia e ia para a festa, quando era a nossa vez ai nós vinhamos jogar bola.

A matéria que eu não gostava era Matemática, porque o professor só ia bêbado para a escola. Alguns dos meus colegas eram muito bagunceiros, mas sempre tem aquela amiga que senta perto de você e que te ajuda quando está com dúvida e incentiva a não desistir, minhas amigonas eram a Ana, e a Andreiza, quando era para fazer trabalho só fazíamos juntas, um dia quando estávamos terminando o ano eu fiz meu primeiro bolo e levei para a minha melhor amiga Ana, ela ficou muito feliz.

Em todo esse período não foi fácil, porque morar na casa dos outro quando você tem filho não é nada bom, a escola tinha regras, só entrava se estivesse de farda, mas tinha que comprar porque não davam, tinha merenda, mas era um pouco ruim, a merenda era sopa, mas não era boa porque não tinha verdura, tinha arroz doce, mas eu não gosto, tinha farofa de jaraqui, mas quando a gente chegava no portão já sentia o cheiro do peixe, é por isso que não gostava da merenda, já a escola era um pouco suja, mas a diretora era muito rígida, eu gostava dela, o material tinha que comprar, mas graças a Deus que consegui concluir o ensino médio.

### **Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR**

Como eu estava desempregada e querendo fazer minha casa, só o trabalho do meu esposo não dava para comprar os matérias e dar cont das despesas de casa, resolvi falar com a secretaria de educação, e perguntei qual trabalho ela tinha a disposição para mim dar, ela falou que tinha uma vaga de professora para a zona rural, se eu quisesse, eu falei que sim, mas na verdade eu nunca quis trabalhar como professora.

Eu pensei que ser professora não iria dá certo, era a única profissão que eu queria, mas quando eu cheguei em casa falei para o meu esposo, eu pensava que ele não ia aceita, mas ele respondeu: porque você não tenta? Então eu voltei na secretaria e falei que queria a vaga, ela mim mandou separar minha documentação todinha e levar para ela, assim eu fiz. Quando levei meus documentos ela mandou eu aguardar



que depois me chamava, eu fiquei aguardando até que um dia ela mandou me chamar, quando eu cheguei lá, a secretária me disse que eu ia fazer um treinamento com outras pessoas e se passasse uma vaga era minha.

Quando fomos para a zona rural de repente me bateu uma tristeza, uma vontade de desistir de tudo e voltar para casa, mas pensava muito na minha casa e naquelas crianças que precisavam de um aprendizado. Como eu já conhecia todo mundo não foi muito ruim não, minha mãe morava lá, mas não fui para casa dela não, fui para casa do meu sobrinho, fui bem acolhida, no primeiro dia de aula fiquei muito feliz porque alcancei meu objetivo, não tinha muitas experiências porque não tivemos uma formação adequada de como deveria lidar com as crianças, mas foi bom, meus colegas me ajudaram.

Comecei cursa a faculdade de Pedagogia (27/06/2016) porque a secretária tinha feito a minha matrícula, mesmo sem eu saber, ela deu prioridade aos professores da zona rural, eu não sabia que ia cursar uma faculdade, mas quando fiquei sabendo fiquei muito feliz, com um pouquinho de medo também.

Ficava muito feliz quando chegava o final do mês e o dinheiro estava na conta, quando eu chegava em sala de aula sempre tinha um aluno que trazia um presente para mim, fui trabalhar na escola Magide Teixeira, lá era mais organizada, mas os alunos eram mais bagunceiros devido serem maiores. Tinha umas alunas que faziam desenho de coração, da minha família e faziam uma bolsinha de papel e colocava dentro e me davam, eu ficava muito feliz, tinha um aluno que era muito danado, não se comportava, a professora muitas vezes o expulsava porque ele batia nos colegas e pegava as coisas de outros, era insuportável, mas sempre tinha um mais calmo, outro mais carinhoso, um mais inteligente.

Hoje em dia estou muito feliz estar trabalhando na sede do município de Itamarati na escola Magide Teixeira de Paula, amo minha profissão. Antes da formação não queria ser professora porque sempre via os professores reclamando, porque o professor não é valorizado, agora entendo que para você ter seu próprio valor tem que fazer por onde e buscar sempre novos conhecimentos.

Antes de morar na minha casa nós morávamos em uma casa muito pequena que ficava atrás da casa da minha cunhada. Depois de um tempo compramos uma casa, o prefeito na época nos ajudou muito, fomos morar nela, quando foi para nos mudarmos, não tinha nada de coisa de cozinha. Na época eu tinha feito o cadastro do Bolsa Família, mas ainda não tinha dado certo, quando foi um dia, chamaram o meu nome na rádio e fui ver para o que era. Tinham feito um cadastro das pessoas que morava na área que alagava e fizeram pela lista do Bolsa Família, meu nome estava na lista dos alagados. Recebi o valor de 300,00 reais, comprei uma geladeira usada e fiz o rancho, mas a casa era muito pequena e velha, tinha que construir outra casa nova, contudo, só era o meu esposo trabalhava, mesmo assim ele ajudou o pai dele a construir a sua casa.

Depois que foi terminada a casa do meu sogro, ia ser desmanchada a nossa, mas antes de desmanchar a nossa eu fui atrás do prefeito pedir um trabalho, ele me falou que ia me dá um trabalho, que era de varrer rua, eu disse que queria, então eu e meu esposo todos os dias levantávamos quatro horas da manhã e

chamavamos minha minha prima, porque ela também varia rua, quando não dava para ela ir, nós iamso sozinhos.

Meu filho era pequeno, meu irmão morava com a gente e ficava em casa, eu e meu esposo varia a rua, quando nós chegavamos, ele ia comprar o pão e eu ficava fazendo o café, quando era 07h00 ele ia trabalha e eu ficava fazendo as coisas em casa, um dia fui pedir um trabalho na loja do Jeremias Maia e ele me deu, além de trabalhar na rua varrendo, trabalhava na loja e trabalhava em casa, cuidando do meu filho pequeno, até que um dia o secretario me chamou e falou que eu tinha que varer as ruas pela madrugada e a tarde, senão eu ia perder o trabalho, então, precisei deixar o trabalho da loja e fiquei só na rua, quando o prefeito passava por mim ele falava que enquanto ele fosse prefeito, eu nunca iria sair do trabalho. Mas quando foi no final do ano o prefeito demitiu algumas pessoas e eu fui uma delas, fiquei desempregada por um tempo, mas tinha que construir minha casa, porque meu esposo tinha desmanchado ela e nós já estávamos morando com o meu sogro, e tínhamos alguns problemas com um irmão do meu esposo.

### **Estudando, trabalhando e lutando: o percurso da minha formação**

Minha graduação iniciou no ano de 2016, eu trabalhava como professora contratada na zona rural do município, na comunidade Quiriru, sendo que não tinha nem um conhecimento dos assuntos que ia trabalhar, só tive uma breve orientação de como preenchia os documentos no final do ano. Para mim foi um desafio muito grande, mas com a permissão do nosso Senhor Deus, eu consegui.

Trabalhei dois ano na zona rural, estava grávida quando peguei malária, ai a secretária que hoje é a primeira dama do município, achou melhor eu ficar na cidade para não ter nem um risco na minha gravidez. Fiquei trabalhando na creche, mas como eu só vivia com dores, a gestora da creche achou melhor eu ficar em casa, eu já estava com 7 meses de gravidez.

Fiquei em casa, depois que voltei a trabalhar com o contrato de novo, trabalhei mais dois anos na creche, já com um pouco mais de experiência porque já tinha iniciado o curso de Pedagogia, era muito gratificante para mim porque já não via os discentes com o mesmo olhar de antes. Era mais prazeroso trabalhar porque já tinha mais uma noção de como trabalhar na área da educação.

Um dia o atual secretário e chamou e disse que eu ia trocar de setor, ia para uma escola trabalhar em uma sala de aula, para mim era mais um desafio, porque já estava acostumada na creche, e os colegas eram outros, confesso que fiquei com um pouco de medo de enfrentar uma sala de aula além do mais era no meio do ano. Quando cheguei na escola, graças a Deus fui bem recebida pela a gestora e os professores, é tanto que estou na mesma escola até hoje.

Quando eu dava aula antes do curso era de um jeito, agora depois do curso mudou completamente o modo que dou aulas, até no trabalho a gente tem o comportamento diferente, a disciplina de Educação e Saúde me marcou muito porque eu aprendi muitas coisas sobre a minha saúde e como devo me cuidar melhor

para ter uma saúde melhor. Outra disciplina que me marcou foi a Linguística Aplicada na Educação, porque me ensinou que tem vários tipos de linguagens, não que as outras sejam menos importantes, pelo contrário.

Nas primeiras disciplinas eu fiquei muito feliz porque quando o professor começou a aula, eu percebi que estava mesmo na faculdade, pensava como era diferente do ensino médio, tinha muitas coisas que era para eu ter aprendido lá trás, mas vim aprender na faculdade.

Tive muitas dificuldades de entender os textos porque nunca tinha visto falar nos teóricos, tinha texto que me chamava muito atenção, outros nem tanto. Dia de seminário eu ficava muito nervosa, toda me tremendo, porque não tinha costume de falar na frente de muitas pessoas adultas, eu não falava muito, na hora da apresentação tinha que levar papel, se não ficava toda perdida lá na frente e não falava nada.

As atividades integradoras eram de entrevista, palestras, apresentações com crianças, apresentações de conteúdo, porque tinha que ler os conteúdos e se basear conforme o que o professor pedia, eu lembro da disciplina de Geografia na Educação Infantil e Anos Iniciais, com o professor José Camilo, o mesmo nos ensinou a construir material educacional com matérias recicláveis.

Sobre o curso de Pedagogia eu não mudaria quase nada, só o que eu mudaria era que ao invés de mandar o material em PDF, deveria ser enviado todo impresso, todo encadernado, bem bonitinho, e também mandassem a merenda, porque é muito difícil aprender de barriga vazia quando estamos estudando e não estamos trabalhando, essas seriam as principais mudanças.

Aconteceram várias mudanças na minha vida, mas eu mudei meu modo de ver o mundo, o modo de avaliar outras pessoas, eu mudei o meu modo de ser até com meus filhos, eu passei a vê-los com outros olhos e passei a dar mais atenção para eles e mais importância.

Nos últimos 03 anos, minha vida foi uma correria, tive uma filha e não separei nenhuma vez. Primeiro perdi meu irmão querido, ele saiu para trabalhar e no trabalho sofreu um acidente que ele caiu de cima do poste com um transformador junto e faleceu, depois perdi meu sogro de quem eu gostava muito, eu tenho dois filhos e decidi parar por aqui.

Em 2018 quando foi para eu começar a estudar, não tinha com quem deixar minha filha, eu fiquei muito triste, mas até que apareceu uma filha de Deus que se chama Dimária e ficou cuidando dela, mas eu pensei toda vez que fosse para mim estudar ia ser a mesma coisa, ai eu falei para meu esposo que queria me operar, fazer uma laqueadura, mas ele disse que não, só que eu já estava decidida mesmo a fazer, ele disse não, porque eu era muito nova e gostava muito de criança, quando fosse com o passar do tempo eu iria querer ter filhos e não iria poder, eu falei que não tinha tempo para cuidar de criança, porque quando não estava estudando estava trabalhando.

Fui falar com o médico e ele disse que eu teria que falar com o diretor do hospital e com a assistente social e fui falar com assistente social, ela fez um documento solicitando que eu me operasse porque eu não queria mais ter filhos, porque eu era uma mulher muito ocupada e não tinha tempo para cuidar de crianças,

fui com o diretor mais ele não queria deixar fazer a cirurgia, mas eu falei, me expliquei para ele até que consegui convencer ele, só que ainda faltava o meu esposo. Eu fiz todos os exames que o médico pediu, fui me internar e o meu esposo sempre dando para trás. No dia 27/11/2018 o médico fez minha laqueadura.

Estou tendo resultados ótimos graças a Deus e a formação que tive no curso de Pedagogia. Estou trabalhando pelo processo seletivo pela prefeitura do município, trabalho com os alunos da educação infantil e venho tendo ótimos resultados, sei que não é nada fácil enfrentar uma sala de aula, mas estou fazendo o possível e o impossível para ter bons resultados.

Meu trabalho em sala de aula está cada vez melhor, porque sempre que vejo um pai ele me parabeniza pelo ótimo trabalho que estou fazendo, que seus filhos estão tendo uma educação de qualidade e satisfatória, é muito gratificante ouvi isso de pais, motiva a gente em continuar e fazer sempre o melhor, não só para agradá-lo e sim para que você seja reconhecida por todos, pelo ótimo trabalho que você está fazendo.

### **A pandemia de Covid-19**

Com tudo que estava acontecendo na cidade, no município e no mundo, o desemprego era muito grande e como eu não estava trabalhando passei o tempo mas na comunidade onde meus pais moram, lá é muito calmo um lugar onde eu não comprava peixe e nem farinha para comer e dar para meus filhos. Quando vinha para a cidade tinha todo aquele cuidado para não ser contaminada por esse maldito vírus, é tanto que graças a Deus que aqui em casa ninguém foi contaminado.

Quando teve o seletivo feito pelo o prefeito, eu fiz para a zona rural e graças a Deus passei, mas não fui, fiquei na cidade por ordem do secretário que preferiu que eu ficasse na cidade, mas nas comunidade não teve aula devido a pandemia, mais na cidade quem passou teve que trabalhar nas aulas remotas, todo dia tínhamos que ir fazer as tarefas dos alunos e marcavam um dia para os pais irem pegar. E assim o ano se passou.

Quando foi em maio de 2021, o atual prefeito realizou outro processo seletivo, dessa vez eu fiz para trabalhar aqui mesmo na sede, e passei, trabalhei alguns meses, mas tive que parar por conta do último período da faculdade. Sobre meus colegas de sala, só tenho que agradecer porque sempre que preciso eles me ajudam, como não podemos ficar todos reunidos por conta dessa pandemia foram criados grupos de whatsapp para interagimos os com os outros, assim, procurando sempre um ajudar os outros.

Mantive contato com meus colegas através das redes sociais. A pandemia mudou muito minha vida, aprendi a valorizar mais as coisas, fiquei mais próxima da minha família, durante a pandemia foi um pouco mais difícil até porque ficava mais difícil para tirar dúvidas, mais sempre que precisava os colegas me ajudavam e o professor também fazia o que podia para nos ajudar.

Teve aula remota, ia para a escola todos os dias de segunda a sexta fazer as atividades dos alunos, quando era na segunda e na quarta, era a entregas dos matérias dos acadêmicos, não tive muitos encontros

com meus colegas devido a pandemia sendo assim era melhor nos privar para que nem um colega pegasse o vírus, mas sempre mantive contato com alguns colegas pelas rede sociais.

### **Considerações Finais**

Com o fim do curso e a realização deste memorial, vejo a importância ter cursado Pedagogia pelo PARFOR-UEA, de forma concentrada, com aulas presenciais que visava preparar professores para atuar na educação escolar.

Foram diversas disciplinas ministradas no decorrer do curso, onde aderir diversas e novas práticas pedagógicas para desenvolver em sala de aula, na preparação de um ensino qualificado para apresentar à comunidade escolar. Foram muito importantes as interações com os colegas de formação, a troca de experiências nas atividades que ocorreram durante o curso, foram muito os conhecimentos adquirido em todas as disciplinas.

Já com o curso finalizado, me deparo com grandes oportunidades de melhoria da vida profissional, levando em conta as possibilidade de trabalho de um pedagogo, sendo que o mesmo pode trabalhar na educação infantil, ensino fundamental e na organização dos trabalhos pedagógicos.



## **CAPÍTULO 27**

### **MEMÓRIAS DE UMA VIDA DE LUTAS E VITÓRIAS**

Maria da Conceição da Silva Oliveira

Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### **Introdução**

O presente texto tem como objeto traçar uma visão da minha formação escolar e as experiências pessoais da minha vida, as quais me levaram a optar pela docência e também fazer um resgate de toda a minha construção de conhecimento, adquiridos desde a minha infância e passando pelo momento que ingressei no curso de Pedagogia. As abordagens relativas à profissão docente têm despertado grande interesse por parte dos pesquisadores em educação. Neste contexto, procuro pontuar as experiências vivenciadas no dia a dia ao longo da minha trajetória como docente, algumas reflexões, a partir do momento que nos foi apresentado os aportes teóricos que contribuíram para um olhar inovador para o processo educacional.

#### **Meu caminho até a escola**

Nasci no dia 04 de novembro de 1988 em uma localidade do município de Eirunepé, sou filha de mãe e pai agricultores, a mais velha de 8 irmãos, um já falecido, minha família é humilde. Os nomes dos meus irmãos são: José Francisco da Silva Oliveira, Ivanete de Oliveira Gomes, Allysson de Oliveira Gomes, Anderson de Oliveira Gomes, Emerson de Oliveira Gomes, Késia de Oliveira Gomes, o meu sobrenome e o do meu irmão é assim porque o pai dos outros não é o mesmo nosso e quando foi tirado o meu registro ficou assim.

Lembro que a minha mãe dizia que nós tínhamos que aprender muito, ela dizia: lava essas louças direito, se tiver mal lavada vai lavar de novo. Tudo que eu ia fazer ela me dizia que o aprendizado vem de casa, o nosso primeiro professor são os nossos pais, são eles que começam a nos ensinar como que é para fazer ou não, sempre minha mãe dizia: não faça nada errado que é para não se prejudicar adiante, não ande com más companhias que é para não fazer coisas erradas, se o pai ou a mãe não ensinar, o mundo ensina de outra maneira, pior, vai ficar muito difícil, então me escute que é para não se arrepender.

Eu comecei a estudar já com 8 anos de idade porque eu fui criada somente com a minha mãe e não tinha recursos, porque a minha mãe pensava que para matricular era preciso ser pago, mas não era não, quando ela descobriu isso foi que ela me matriculou e eu comecei a estudar muito animada e contente. O senhor com quem minha mãe trabalhava me deu um lápis e um caderno, minha mãe dizia: estuda para

aprender. Então decidi: eu vou estudar para eu ser uma pessoa bem inteligente e conseguir um emprego para ajudar a minha família, porque eu sentia muito vendo a minha mãe trabalhando tanto e eu não poder ajudá-la porque eu era criança e não sabia fazer nada que pudesse ajudar.

Quando eu cheguei à sala no primeiro dia de aula todos os meus colegas ficaram me olhando de um jeito tão esquisito que fiquei sem jeito, mas não dei confiança, sentei na cadeira e comecei a fazer minha tarefa, quando cheguei em casa minha mãe perguntou: e aí, como foi minha filha na escola, foi bom? Respondi: foi mãe, eu gostei muito, estou bem feliz.

A escola era boa escola, tinha todas as salas de aula, era perfeita, ainda é até hoje organizada, limpa e com uma boa higiene, mas era velha, eram 10 salas. As merendas que eram servidas na escola era sopa, arroz doce, suco com biscoito, bolacha, conserva com arroz, macarrão, mas a minha preferida era sopa de conserva com arroz e macarrão. Quando eu estava merendando eu ficava tão alegre, mas ao mesmo tempo ficava triste pensando nos meus familiares que às vezes não tinha nada para comer em casa, em casa não era todas as vezes que tinha comida.

Os meus primeiros professores foram a Cleone, o Mano, a Mara, a Isabel, a Eliana, a Cleone foi a minha professora por 3 anos, eles foram excelentes professores, ensinavam muito bem e eu nunca me esqueci deles. Eu lembro que tinha uma grande colega que toda vez que ela ia para a aula ela tinha que ficar me esperando, tanto quando nós íamos para a escola, quando vínhamos para casa. Tudo que ela comia ela dividia comigo, eu via que essa colega gostava mesmo de mim, ela não arengava comigo, ajudava a fazer minha tarefa, porque ela era muito inteligente, depois que nós fomos crescendo eles tiveram que ir para Manaus porque o prefeito que os pais dela acompanhavam perdeu, tirou o pai dela do trabalho, eles foram embora, então eu fiquei sem a minha melhor colega de infância, senti muita falta, mas até hoje me lembro dela, nunca me esqueci da Duda.

Eu estudei em toda a minha vida em duas escolas, a primeira foi a Santos Dumont, porque só lá que tinha as séries do ensino fundamental, era uma escola bem tranquila, todos os professores são bem educados e os funcionários também, pessoas bem agradáveis.

O tratamento da minha família comigo era muito bom, a minha mãe nunca gostou de nos maltratar, ela sempre dizia e diz que não adianta bater porque peia não ensina, só faz maltratar as crianças, eu prefiro conversar e colocar de castigo para que eles não façam nada de errado e nem prejudicar a nós mesmos. Eu ensino aos meus filhos do meu jeito que a minha mãe dizia.

Todas as vezes que ia começar o ano letivo os professores mesmo na escola, davam um lápis e um caderno, uma borracha, isso era, quando tinha na escola, quando não tinha, a minha mãe tinha que tecer tarrafa para ganhar o dinheiro e comprar os meus materiais escolares. No que diz respeito as roupas que eu ia para a escola, a minha mãe tirava a melhor roupa para eu ir para a escola, porque eu só tinha duas mudas de roupas nova, essa era a farda que eu ia para a escola, quando uma estava suja, usava a outra.



Entre todas as disciplinas a que eu não gostei foi matemática e no ensino médio a Química e a Física porque essas matérias me deixavam muito estressada, eu toda a vida detestei essas matérias, a que eu mais gostei foi História porque o professor além de ser um ótimo professor, a explicação dele era bem explicada, fazia com que os alunos gostassem da sua aula. O professor era o Como, explicava bem, fazia com que os alunos interagissem juntamente com ele e ficassem dialogando, assim os alunos iam perdendo o medo de falar e explicar trabalhos na frente dos outros colegas.

Quando eu fui estudar no colégio Francidene Soares Barroso, eu já estava maior, já tinha um desenvolvimento mais amplo e um conhecimento melhor. Porque o estudo é muito importante. É uma escola de dois pisos, bem bonita, é bem limpa, a diretora era a dona Gleice, ele me disse que os alunos que não quiserem estudar, ela expulsa para fora da escola. Os professores eram ótimos, ensinavam muito bem. No ensino médio os estudos são diferentes do que a do ensino fundamental.

Com o ensino médio mudou muito os meus saberes, aprendi com muitos professores, eu tenho um pouco de lembranças. A escola era muito boa, de dois pisos, bem bonita, a pintura dela é muito bonita, quando era nova, porque tinha feito a reforma dela no ano que eu iniciei, ela estava bem bonita. Eu tinha muitos colegas, todos gostavam de mim e eu deles.

Em 2005 eu fui para Eirunepé, porque tive um problema no meu pé e nunca sarou, foi o jeito eu viajar. Eu fiquei perdendo aula até acabar o tratamento. Quando minha mãe ligava para mim, ela me dizia: duas colegas tua perguntaram quando que tu vens, todas as vezes que elas me veem ficavam só perguntando. Fiz o tratamento, fiquei boa, graças a Deus. Quando eu cheguei todos os meus colegas e a professora fizeram uma brincadeira, uma festinha de chegada. Eu fiquei muito feliz ao saber que ainda tinha todos os meus colegas.

O material da escola era comprado, quando eu cresci, já ficando adulta, comecei a trabalhar em casa de família para que eu pudesse ajudar a minha mãe e também se eu saísse cedo do trabalho ia direto para casa que era para ajudar a minha mãe, trabalhava para conseguir comprar os meus materiais.

Quando não tinha mais alimento em casa o meu padrasto ia pescar, ele pescava mais do que era comprado porque às vezes não tínhamos dinheiro para comprar. Comíamos umas bananas, mamão, que era para não passar muita fome e sofrimento, nós éramos muitas crianças. Eu lembro que no dia 7 de setembro eu fui fazer o ensaio, foi um dos momentos mais especiais para mim até o dia de hoje, porque foi uma apresentação muito linda, eu e todas as minhas colegas vestidas daquele jeito, com aquela roupa azul céu e branca, era muito bonita. Quando foi para comprar o pano para fazer as roupas, a diretora passou na sala de aula avisando que tinha chegado pano, eu falei para minha mãe e ela disse: minha filha, eu não tenho dinheiro, mas vou já dar um jeito de comprar esse pano. Ela e meu padrasto foram lá no roçado trouxeram uns cachos de bananas para vender e comprar o pano, isso aconteceu, conseguiram comprar e a minha mãe mesma fez a roupa, porque ela sabe costurar.

Nunca aconteceu de eu brigar na escola porque eu fazia de tudo para não brigar, nunca arranjei inimigos na sala de aula, porque eu era uma boa amiga, era fui bem calma que era para eu não ter estresse e não ter brigas na sala com colegas e nem professores.

### **Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR**

Terminei o ensino médio em 2008, eu não tinha trabalho, ficava trabalhando de doméstica e como manicure e pedicure, para poder comprar as minhas coisas e ajudar meus familiares, porque ninguém tinha trabalho, eram todos desempregados, recebiam somente o dinheiro do programa Bolsa Família.

A minha família é muito grande, faltavam as coisas e os meus pais vendiam bananas e outras frutas para ajudar com o dinheiro do Bolsa Família. Casei com meu esposo em 2009, no mesmo ano fiquei grávida e tive o neném. As coisas seguiram em frente, nem eu nem o meu esposo tínhamos trabalho, mas conseguimos ir criando o nosso filho. Meu marido trabalhava por diária, eu fiz o cadastro do Bolsa Família, o que melhorou a situação.

Um amigo, que era professor na zona rural há muitos anos, em 2014, me chamou e perguntou se eu queria um emprego, surgiu uma vaga, mas era para a zona rural, a minha família toda me deu apoio, então ele disse: pensa, quando eu passar às 2 horas você me fala que já é para eu dar a resposta para o secretário de educação e já é para ir na próxima semana. Foi quando perguntei qual era a comunidade, se ficava na área de cima, ou na parte de baixo? Ele respondeu que era na área de cima, na última comunidade, o nome da comunidade é Aurora. A última mesmo, ela fica mais perto de Eirunepé do que para Itamarati. Eu fui à secretaria, pois eles mandaram me chamar. Quando eu cheguei lá eles perguntaram: você vai mesmo? Eu respondi: quero! Porque a necessidade falou mais alto, preciso fazer a minha casa, que eu morava com a sogra e também sustentar o meu filho. Então eu fui para a comunidade.

Quando os professores vão pela primeira vez, quem vai deixar são os supervisores, passamos 3 dias para chegar à comunidade, ao chegarmos lá, o supervisor fez uma reunião com todos os pais e alunos para apresentar a nova professora. Antes da docência trabalhava com manicure e pedicure, para poder comprar coisas para mim e ajudar a minha família, porque ninguém lá tinha trabalho.

Eu soube do PARFOR pelos colegas de trabalho que estavam na secretaria de Educação. Eles ficavam falando que no próximo ano a faculdade ia começar e nunca começava, quando eu entrei no processo seletivo de professores, eles já falavam que tinha essa faculdade para iniciar desde 2014, e já antes de 2014 já falavam, alguns colegas que estavam com 6 anos diziam que já esperavam essa faculdade e nada, até que veio essa que era para estudarmos e termos uma formação melhor.

Nossa matrícula no PARFOR foi feita pela secretaria, pois estávamos no interior. Aqueles que o sistema aceitou a inscrição conseguiram, são os que estão aqui, mas alguns colegas não conseguiram sua inscrição porque o sistema recusou.

Para mim está sendo prazeroso porque eu já vou ter uma formação e na minha família sou a única que conseguiu uma formação. Os outros até agora não têm, mas espero que eles consigam porque meus irmãos ainda são novos, minha mãe fala: não desista, vá em frente porque uma oportunidade que nem essa nunca mais aparece segure firme estude que você alcance o seu objetivo, porque eu nunca tive uma oportunidade dessas, de poder estudar, porque naquele tempo as coisas eram bem mais diferentes a situação era bem mais difícil, não tinha quase estudo, as pessoas tinham que trabalhar na agricultura para sobreviver trabalhar na “cortagem” de seringa que era tirando leite para transformar a borracha para o nosso meio de sobrevivência, o estudo era mais para aqueles filhos de patrão, um pobre era somente trabalhando para ter um pouco de mercadoria em casa para o sustento, pelo menos o açúcar e o café que era o mais importante e o sabão, o nosso sabão era feito de andiroba, de solda, muitas vezes o doce do nosso café era “gramicho” porque não tinha açúcar, e as coisas eram mais difíceis, por isso que nós, os mais antigos não tiveram oportunidade de estudar além de não ter recursos financeiros. Também não tinha oportunidade para os estudos, a maioria das pessoas antigas são todas analfabetas, não sabem assinar nem seu próprio nome a situação não era nada fácil.

### **Estudando, trabalhando e lutando: o percurso da minha formação**

O primeiro período que eu comecei a estudar eu achava que não daria conta dos meus estudos porque com meu filho ainda pequeno e que realmente precisava dos meus cuidados, também temia não dar conta de chegar no horário certo ao local em que estava estudando o curso de Pedagogia, porque eu moro muito longe e não tinha transporte. Quando eu chegava em casa que trazia trabalho do curso para fazer, tinha o meu filho para cuidar e ele ficava em cima só aperreando... eu pensei, não só uma, nem duas vezes em desisti do curso de Pedagogia.

No momento em que eu estava muito aperreada ficavam as incertezas, eu achava que não daria conta de estudar e de fazer meu trabalho de aula. Porque não é fácil, surgiam muitas dificuldades no período estudado. E também não tinha um computador para digitar os meus trabalhos, essa foi a minha maior dificuldade, porque tinha que estar procurando pessoas para digitar meus trabalhos, desde o primeiro período até agora, no último. E durante esse período ainda não tive condições de comprar um computador para digitar todos os meus trabalhos.

As transformações que ocorreram na minha vida foram muitas, durante esse tempo que estou pelo Parfor, foi muito bom, tive bastante companheirismo, antes de entrar no Parfor eu estava lecionando de um

jeito, porque eu só tinha o ensino médio, era só o básico daquilo que eu tinha aprendido, foi uma mudança bastante boa.

Quando voltei novamente para a comunidade fui com uma experiência bem maior do que quando fui dar aula, do meu primeiro ano de professora até o segundo ano foi uma grande diferença. Quando foi a minha volta já ia com mais planos, já levava coisas boas comigo, tinha tido um estudo que já pudesse ir passando para os alunos. As aulas já foram bem melhores, porque ganhei bastante experiência para eu passar.

Cada vez que eu estudo só estou ganhando experiência e conhecimento para transmitir para eles, fazendo assim com que meus alunos tenham um desenvolvimento melhor e meu filho também. A pessoa quando é professora com formação acadêmica vê as mudanças que vi em nosso trabalho, porque eu vi essa mudança em mim. Os conhecimentos que ganhei são para ajudar no planejamento de minhas aulas e repassar para os alunos. A educação nunca para, ela só aumenta.

Tem umas disciplinas que são mais prazerosas do que outras e sai uma explicação melhor, são mais desenvolvidas, mais trabalhadas e já tem outras que são menos, a professora pula a metade dos conteúdos, passa coisas as quais não são do assunto acadêmico. Um material que gostei e tive um conhecimento bem mais amplo foi a geografia, porque quando estudei no ensino fundamental e no ensino médio não vi essas coisas que foram passadas agora em sala aula, como por exemplo, sobre deslizamento de terra, e várias outras coisas que me fez perceber que realmente o estudo é uma fonte de vida, o qual nos faz aprender bastante coisa. Isso não quer dizer que eu não tenha gostado das outras disciplinas, gostei de todas, porque de cada uma delas aprendi muito e tive a oportunidade de poder aprender a conhecer e desenvolver o conhecimento de tudo aquilo que tenho estudado em todas as disciplinas em sala de aula.

A minha vida hoje está totalmente diferente, eu pude ver como as coisas são diferentes, a maneira que tem que ser tratada, eu passei a ser uma melhor mãe para o meu filho, pois estava sendo mais chata com ele, não aceitava certas coisas que ele queria, e eram boas, não eram ruins não. Passei a fazer as coisas com mais dedicação, porque era merecido.

No ano de 2015 eu comecei a construir a minha casa, comprei o terreno e as madeiras quadradas, chegou o final do ano o contrato caiu. Em 2016 foi no início do ano já foi preciso comprar uma canoa de 1.500 reais para ir para comunidade, vamos de canoa. Era preciso comprar tábuas para terminar a minha casa, comprei só uma dúzia, pois o salário é bem baixo não estava dando para comprar as coisas, principalmente as tábuas, chegou o final do ano e acabei perdendo o meu emprego.

Passei o ano de 2017 todo sem trabalhar, não terminei de construir a minha casa, mas eu consegui fazer o seletivo no ano de 2018, passei e consegui meu emprego de volta. Agora sim, é outra coisa a gente com o salário. Consegui terminar a minha casa, graças a Deus no final do ano, quando eu cheguei ao seringal já fui direto para a minha casa, já estou morando com meu filho e meu esposo, não teve nenhuma separação, nenhum outro filho, eu já tinha esse filho quando comecei a estudar, não tive nenhum outro problema, graças

a Deus, foi tudo bem com a minha família. No começo do ano de 2019 o meu avô faleceu, foi uma dor grande porque a morte dele foi muito rápida, ele morreu de problema no coração.

No ano de 2019 continuei trabalhando na comunidade no Refúgio na qual os moradores queriam que eu fosse. Já no ano de 2020 por conta da pandemia não lecionei. Mas devido ter o seletivo, eu fui lotada para a mesma comunidade Refúgio. O secretário passou o tempo todo dizendo que íamos para a comunidade lecionar de uma forma diferente, a forma era que as aulas não iam ser presenciais, nós professores faríamos as tarefas nos cadernos para a semana toda, entregávamos aos alunos e esses passavam a semana em casa fazendo toda a atividade. Assim prosseguia todas as semanas até acabarem as aulas, mas isso não aconteceu de forma nenhuma, passamos o restante no ano sem ir para a comunidade lecionar, não foi possível ir trabalhar, fiquei só na cidade recebendo mesmo os 4 meses.

Já no ano de 2021 o prefeito fez o seletivo eu graças a Deus consegui passar. Continuo trabalhando na mesma comunidade no Refúgio, na qual já vai fazer um tempo bom que leciono lá, porque estou acostumada com todas as pessoas e os alunos, sei como lidar com eles, e com o aprendizado de todos eles.

### **A pandemia de covid-19**

Minha vida profissional no tempo de pandemia foi tranquila eu e minha família não passamos fome, porque Deus é pai de todos nós e na minha cidade, Itamarati, é abençoada por Deus, farta de peixes e de outros tipos de alimentos, como a produção dos plantios, batata, milho verde, feijão, jerimum, é também a melancia, a roça que é a macaxeira, estávamos comendo todos os dias graças a Deus, surgiu a pagamento do Auxílio Emergencial que foi uma coisa boa que surgiu na vida de muitas pessoas, porque com a ajuda desse auxílio que muitas famílias carentes conseguiram sair da miséria, eu também consegui receber esse auxílio, foi o que eu ia me sustentando, por que estava sem trabalho.

O meu trabalho é na zona rural o prefeito ficava dizendo que ia manda os professores para a zona rural e nunca mandava. Eu desempregada, sem trabalho esperando que o prefeito levantasse o meu contrato, porque não sou efetiva no meu trabalho, sou só contratada e nada de ir lecionar no interior, até que foi preciso fazer o seletivo. Já quem passou no seletivo teve ainda o prazer de ficar recebendo os quatros meses de pagamento que foram os meses de setembro, outubro, novembro e dezembro. Recebi esses 4 meses, não fui para o interior, uma vez que as aulas de 2020 na zona rural foram suspensas por motivo da pandemia da covid-19. Ficamos somente em casa recebendo, os moradores da comunidade não estavam recebendo visitas, mas tinham pessoas que ainda ajudaram umas famílias carentes, aqueles que não conseguiram receber o auxílio do governo, teve também umas sextas básicas doadas pelas igrejas evangélicas.

O prefeito não mandou os professores da zona rural para irem trabalhar. Eu ficava só em casa cuidando do meu filho, cuidando da minha casa. Quase eu e minha família não saíamos, porque tínhamos

medo de sermos contaminados, embora, graças a Deus, aqui em Itamarati morreram poucas pessoas de covid-19. Mesmo assim eu tinha medo, quando ia fazer compras ia sozinha, meu esposo ficava em casa com o filho. Quando chegava ficava passando álcool em gel em minhas mãos e nos braços para poder entrar em casa. Também tive a vontade de trabalhar com o serviço de manicure e pedicure, mas era somente com as colegas perto da minha casa, que já era as minhas conhecidas, eu limpava de 3 colegas na sexta-feira, no sábado eu limpava de mais 3. Fazia isso para trazer mais dinheiro para dentro de casa, porque por causa da covid-19 tive o gasto maior, gastei mais dinheiro e consumia muita energia elétrica por motivo da televisão ser funcionada diariamente assistindo e ouvindo as notícias.

Com relação a minha vida acadêmica durante a pandemia foi de muita leitura das apostilas, revistas e livros, era para ver se o tempo passava de uma maneira mais rápida, por que fiquei um pouco triste de não poder estudar o período do meio do ano que foi o mês de julho, o que nos causou um atraso nas aulas e por isso não pudemos terminar no tempo certo, mas eu ficava fazendo coisas boas para o tempo passar de forma rápida.

No período da pandemia trabalhei também como agricultora, ajudando a minha família, nós íamos para o roçado trabalhar. Para mim foi bom porque nós íamos de manhã cedo e voltávamos às 5 horas, era de canoa e motor rabetinha. Isso para mim foi bom, pois pude estar ali observando o trabalho que os meus pais tinham que trabalhar na roça. Ajudei, não só observei, mas também ajudei a trabalhar, adquiri conhecimentos através dos meus familiares. Trabalhei no plantio de milho, batata, feijão e melancia, fui também fazer farinha, raspar a mandioca e tirei goma para comer a tapioca, é muito deliciosa uma tapiquinha.

Como acadêmica eu estava ajudando o meu filho em casa, dava aula para ele, para que não ficasse muito atrasado nos estudos dele, porque não estava tendo aula por motivo da covid-19. Eu fazia tarefinhas para ele, para o incentivar a gostar da aula, fazia aulas dinâmicas com ele, isso era só eu e ele em casa, na minha casa mesmo, ele gostava porque o tempo passava que nós dois nem percebíamos, nem via o tempo passando, isso para mim e para o meu filho também foi muito bom, porque eu ocupava minha mente em outra coisa, não só ficava pensando na doença do Corona vírus, eu tinha que ocupar meu psicológico em coisas boas. Também, juntamente com meu esposo, construí uma horta do lado da minha casa, plantei cebolas, couve, pimenta, coentro. Construímos um plantio de verduras, até porque não tinha outras coisas para fazer, era procurar serviço para fazer em casa mesmo que não podia sair muito de casa, tinha que procurar algo para trabalhar dentro de casa mesmo.

### **Considerações Finais**

A importância de ter cursado Pedagogia pelo PARFOR-UEA nessa modalidade com aulas concentradas foi muito grande, me proporcionou conhecimentos de tudo, aprendi muito em relação ao curso de Pedagogia,

no primeiro ano em que comecei a estudar pensei comigo: mesmo meu Deus será que vou conseguir concluir esse curso? Por que quando começou não foi nada fácil, tive muitas dificuldades. A primeira de não ter computador para poder fazer todos os meus trabalhos de aula digitado e não tinha condições de comprar um computador, os trabalhos de aula eram difíceis, até porque eu ainda não tinha muita experiência de como seriam as disciplinas que íamos estudar. Nunca faltei nem um dia de aula, porque se eu faltasse isso para mim era uma perda de conteúdos que o professor passava, nunca gostei de faltar.

O que mudou na minha prática pedagógica ao término do curso foram muitas coisas, pois quando eu ia lecionar na zona rural, lecionava de forma diferente da que leciono hoje. Eu não tinha muita prática para trabalhar com os alunos. Passava mais tarefa no quadro para eles, já agora, depois que comecei estudar o curso de Pedagogia mudou bastante a maneira de trabalhar com os discentes, uma maneira bem mais ampla.

Antes eu não tinha muito o que escrever sobre mim, agora tenho o que escrever, o que contar sobre o meu curso de Pedagogia, a felicidade de estar já concluindo esse curso que para mim foi muito trabalhoso, mas vai valer a pena para mim futuramente. As principais mudanças na minha vida durante o curso foi a maneira de trabalhar em sala de aula com os discentes, antes era uma maneira diferente, agora está sendo de outra maneira após terminar o curso vai ser melhor ainda, vou ter grandes conhecimentos na minha vida pessoal e profissional.

Pretendo continuar atuando como professora na área da educação, eu não quero mudar a minha profissão vou seguir a minha carreira de professora até eu não poder mais trabalhar, eu também tenho muita fé em Deus que ainda vou trabalhar com alunos de faculdade, vou poder lecionar para eles futuramente.





## CAPÍTULO 28

### MEU CAMINHO ATÉ A ESCOLA

Maria das Dores Lima  
Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### **Introdução**

O presente texto tem como objetivo traçar um panorama acerca da minha formação escolar e as minhas experiências e fazer um resgate de toda a construção de conhecimentos adquiridos desde a minha infância, até o curso de Pedagogia, abordando os mais diversos aspectos que foram parte do meu processo educativo.

#### **Meu caminho até a escola**

Nasci dia 30/05/1974, na comunidade Vista Alegre, na parte de baixo do município de Itamarati. Sou filha de Antônio Veríssimo de Brito e Raimunda Lima de Brito. Comecei a estudar com nove anos de idade. Eu estudava e ajudava minha mãe em casa e cuidava da minha irmã mais nova, porque minha mãe ajudava meu pai na roça. Meu pai era agricultor, plantava roça, melancia, milho, feijão e batata para o sustento da família e também para comprar as coisas que nós precisávamos em casa, bem como nosso material escolar, não só o meu, mas também dos meus irmãos. Minha mãe teve 8 filhos, dois quais 3 são homens e se chamam: Ricardo, Raimundo, Rogério, e 5 mulheres que são: Maria Das Dores (eu), Francisca, Aparecida, Dulce e Angélica.

Meu pai e minha mãe trabalhavam muito para nos dar uma alimentação melhor. Meus irmãos mais velhos cortavam seringas, pescavam e estudavam. Meus irmãos tinham uma vida muito corrida mesmo assim eles continuavam estudando. Meus pais incentivavam muito para que a gente estudasse. Meus pais eram analfabetos, por esta razão eles sempre nos deram apoio, cuidavam muito bem de nós, faziam de tudo para que a gente tivesse uma boa educação, eles sempre se preocupavam, queria dar o melhor, sabemos que a educação começa de casa. Tudo que eu sou eu devo a meus pais, trabalhavam muito e não nos levavam sempre para a roça para nós pudéssemos ir para a escola.

A escola que a gente estudava era uma casinha, não tinha carteira, a gente sentava no chão, não tinha merenda, nós comíamos em casa antes de ir para a escola. Meus irmãos acordavam 1h da manhã e iam cortar seringa, chegavam 12h tomava banho almoçavam, 1h da tarde iam para a escola estudar até às 3h da tarde.

Chegavam em casa, iam pescar, quando chegavam eles tinham que dormir cedo. Muitas vezes eles diziam: mãe, quando a comida ficar pronta me chame para eu comer, vou dormir.

Minha escola era perto da minha casa, meus irmãos tinham uma vida mais corrida do que nós, porque a gente trabalhava em casa ajudando nossa mãe, ela foi sempre uma guerreira, um exemplo como mãe e como mulher. Nossa primeira educação veio de casa, meus pais que me ensinaram a dar os primeiros passos.

Minha mãe me ensinou a lavar roupa, lavar louça, passar pano na casa, tratar peixe, fazer comida, enfim, tudo de bom minha mãe me ensinou, desde criança que eu a ajudava a fazer as coisas em casa, porque ela tinha que ajudar meu pai na roça.

Comecei a estudar com 9 anos, eu era uma menina tão pequena, ia para a escola com um caderno dentro de um saco de açúcar, como se fosse uma bolsa, ia feliz a escola. Era uma casinha de tábua pequena, não tinha banheiro e como não tinha acesso à energia elétrica, não tinha ventilador, nem ar-condicionado, mas mesmo assim a gente estudava. Minha casa era perto da escola, a gente ia a pé de casa para lá. Minha professora era maravilhosa, tenho um carinho especial por ela. Foi ela que nos ensinou a ler e escrever. Foi ela que pegou na minha mão e me ensinou a escrever as primeiras letras, e com todo amor e carinho. Foi ela quem me alfabetizou, ela chama-se Celeste Taveira.

Na infância meus colegas eram minhas irmãs, elas estudavam na mesma escola e com a mesma professora, também as minhas primas e os filhos das vizinhas que moravam na mesma comunidade. Somos colegas até hoje, uns moram aqui na cidade de Itamarati, outros ainda continuam morando na comunidade São Brás e outros moram em Manaus.

Meus materiais eram a escola que dava, por exemplo, caderno lápis e borracha apenas isso, mas as roupas eram meus pais que compravam. Não tínhamos farda. Meu pai e minha mãe sempre se preocupavam com isso. Quando estava perto de começar as aulas eles já iam comprando nossas roupas para irmos para a escola, eles foram muitos cuidadosos com nossa ida para escola.

Sempre tivemos uma casa pequena e humilde, mas graças a Deus era minha, nunca dormi no chão. Não passamos fome, não deixava de ir para a escola se não tivéssemos uma boa roupa e um bom calçado, nunca fui estudar com fome, tudo isso devo a Deus e meu pai, que sempre se preocupou com nossa educação.

Casei-me muito nova e como meus pais sempre foram um exemplo na minha vida, segui os passos deles. Sou casada e com quatro filhos, todos terminaram o ensino médio. Morei muitos anos na zona rural, comprei um terreno em Itamarati, fiz uma casa quando vim embora para Itamarati. Eu tinha apenas a 4ª série, pois, nas comunidades só tinham estudos até a quarta série mesmo. Eu queria ter mais oportunidades nos meus estudos e poder dar uma oportunidade aos meus filhos, vim morar na cidade de Itamarati no ano de 2004. Quando cheguei, comecei a estudar pelo programa EJA, fiz a 5ª e 6ª séries, no ano seguinte a 7ª e 8ª séries. Sempre um passo de cada vez. Fiz o 1º ano, depois, o 2º ano, e em 2009 o 3º ano, mais um passo na minha vida.

Terminei o ensino médio na escola Francidene Soares Barroso, uma escola muito legal. Os professores eram muito competentes, a diretora era muito prestativa, ela procurava dar o melhor para os alunos. A escola tinha uma excelente diretora que cobrava muitos dos professores e dos alunos e meus colegas eram todos legais, nós éramos muito unidos na escola e principalmente nós da nossa sala. Tinha material para gente, como caderno, caneta lápis borracha apontador livros mas nós comprávamos também as fardas, pois tinha só blusa que vinha para a escola, a fardas era: uma blusa de manga, rochinha, sem colarinho, bem simples, mas, a gente estudava com elas. A merenda não faltava, geralmente era: Nescau com bolacha, arroz doce, sopa e suco com biscoito.

Os conflitos eram poucos, às vezes, os colegas da turma ficavam discutindo ou então o aluno de uma sala com o aluno de outra sala, mas era coisa passageira e as boas lembranças ficaram guardadas para sempre, de uma escola boa, com uma diretora muito legal, uns professores muito competentes e dos colegas que eram muito legais. Quando terminei o 3º ano, concluí a primeira etapa dos meus estudos, realizei um dos meus sonhos, fiquei muito feliz mesmo, conclui em 2009.

### **Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR**

Meu percurso até à docência foi de diversas lutas, além de ser de família pobre, trabalhei na agricultura com meus pais, onde nasci e me criei, trabalhei em casa de família e me efetivei em serviços gerais. Mesmo com essas lutas, não perdi a esperança de estudar, até quando terminei o ensino médio pelo EJA, em 2009.

Com a educação em primeiro lugar eu queria ser independente do meu esposo, queria ter um trabalho para eu compra minhas coisas para que não fosse preciso todas às vezes pedir dinheiro do meu marido para compra minhas coisas, então chegou um tio dele e me convidou para eu ir dar aula na comunidade dele, na parte de baixo do município de Itamarati, no Igarapé Canamã.

Minha primeira comunidade foi o Tejo, no Alto Canamã, um igarapé da boca do Canamã. Para chegar a comunidade são 2 dias de viagem da canoinha e de rabeta. Eu morava mais abaixo do igarapé, na comunidade São Brás, não no igarapé, mas sim na beira do rio. Fiquei feliz, fui com ele, éramos só eu e meu esposo, ele me trouxe para Itamarati me apresentou para o prefeito e ele me contratou. Retornei para a comunidade dele, fui trabalhar, mas antes tive uma formação de 20 dias, antes de ir para a comunidade trabalhar, neste período eu tinha apenas a quarta série. Passei muita dificuldade na minha vida, a escola era muito longe, a gente ia de canoa e remando, porque nós não tínhamos motor, era só eu e meu esposo, a gente passava 3 a 4 meses para voltar na comunidade que eu morava, passava esse período todo sem ver minha família.

Na creche nunca trabalhei, mas na escola sim, trabalhei como professora do 3º ano quando eu comecei a dar aula, eu não tinha filhos, em seguida eu engravidei, tive minha filha Farliene, depois trabalhei.

No ano seguinte engravidei pela 2ª vez, tive meu filho homem, ele se chama Fábio, minha mãe era merendeira na escola da comunidade que agente morava, não na que eu trabalhava, eu só morava lá, quando começava a aula eu vinha para outra comunidade, na que eu morava nunca trabalhei. Eu saía da minha comunidade e ia trabalhar em outra, então quando terminei as aulas, voltei para lá onde a gente morava que era na comunidade que minha família morava.

Durante quatro anos que eu estava lecionando, me mandaram ir para uma comunidade muito longe, eram horas e horas, minha mãe não queria que eu fosse, porque eu tinha meus filhos pequenos, pois era só ela e meu pai, meus irmãos todos já eram casados e meu pai era aposentado, ela era merendeira. Um dia ela chegou para mim e falou: filha se eu tiver meu trabalho na escola tu não vais não, porque ela ficava preocupada, porque eu tinha meus filhos pequenos e era muito longe, ela não sabia nem notícia minhas, então eu falei para ela: vou não mãe, aí de professora, passei a ser merendeira na referida escola na comunidade que nós morávamos. Trabalhei 7 anos lá, aí eu trabalhava durante o dia e estudava a noite, voltei a estudar, pensei comigo: quero terminar meus estudos, mas na verdade a gente nunca termina, terminei o ensino médio e não queria para de estudar.

Já passei por muitos locais, os três primeiros anos que trabalhei como professora não tinha escola, era em uma casa, o líder da comunidade que disponibilizava para eu poder trabalhar. Também trabalhei como merendeira por oito anos na comunidade que eu morava, depois vim para Itamarati, fui trabalhar na secretaria de assistência social, num período de oito anos. Depois que fiz o seletivo para professor na zona rural, voltei a exercer o trabalho de professor, trabalhei por quatro anos na zona rural, nos últimos anos estou trabalhando na escola municipal Francisca Gomes Lobo, de boa estrutura, com bons profissionais.

Os sete anos que trabalhei como merendeira foram na escola Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, localizada na comunidade São Brás, quando comecei a lecionar novamente eu já tinha terminado ensino médio, trabalhei na parte de cima do município na comunidade Aurora, na escola Nossa Senhora de Nazaré, no ano seguinte vim para mais perto, trabalhei por dois anos na comunidade Veneza, na escola Borges Medeiros, no ano seguinte vim para outra comunidade mais perto ainda, a Valteburí, cada dia mais perto da cidade, foi meu último ano lecionando na zona rural, nos anos seguintes, até hoje, estou na cidade.

Sobre meus alunos, nunca tive problema com eles, ao longo de todo esse tempo fui adquirindo mais experiência profissional, aprendia também com eles, por exemplo, sou péssima para desenhar, tinha aluno meu que desenhava muito bem, encima daqueles desenhos eu dava uma aula, explicando o significado do desenho, era mais experiência profissional.

O salário não é tão bom para quem vai para a zona rural, comprar gás, o rancho e o remédio, o salário é muito pouco, então os professores são desvalorizados, porque quem vai para a zona rural o salário deveria ser maior, pelo fato das despesas. Eu trabalhei 7 anos como contratada, fiz um concurso e como professora

sou contratada, quando termina a aula o contrato cai, aí eu fico só com o meu salário de efetiva, graça a Deus, trabalhando ou não recebo meu dinheiro.

### **Estudando, trabalhando e lutando: o percurso da minha formação**

No ano de 2016, iniciei o curso de Pedagogia pela universidade do estado do Amazonas UEA, no programa de formação de professores da educação básica (Parfor). Foi então que me deparei com várias teorias, até então não tinha conhecimento algum acerca das metodologias e das tendências pedagógicas.

Aprendi muito, diversas foram as contribuições para com a minha prática pedagógica, e também para minha vida pessoal e profissional, consegui destaque em minhas funções fazendo sempre um bom trabalho, estudar e desenvolver habilidades voltadas para a área em que você deseja em atuar o resultado deste trabalho demonstrou que mais me motivou na minha vida profissional.

Durante o curso de Pedagogia, nas primeiras disciplinas me assustei, eu não havia tido uma formação mais adequada para entrar numa faculdade, mas venci a luta e com a ajuda de Deus, dos meus professores e dos colegas. Nos trabalhos em grupo vai-se ganhando conhecimento com os outros e assim por diante.

Quando fala em prova a gente já se assusta, tive muitas dificuldades, mas fazia, era sempre quase uma das últimas a sair da sala, mas fazia, não tirava aquela nota que eu gostaria de tirar, mas nunca fiquei em plano de estudo. Nos primeiros seminários para mim foi muito difícil. O bom era que a gente não fazia sozinho, eram em grupo e assistíamos os trabalhos dos colegas, era mais um incentivo durante os períodos da faculdade. A partir do terceiro seminário eu já não tinha mais tanto nervoso, procurava sempre fazer as coisas com muita força e persistência e dar o meu melhor.

Cada seminário era muito diferente um dos outros, nos apresentávamos como educadores, foi muito prazeroso para mim e meus colegas, foi uma aprendizagem que levaremos para a vida toda, aprendemos muito para ensinarmos os nossos alunos. Quando era no dia do seminário nos organizávamos e com a ajuda dos professores ficava muito legal, nós fazíamos os convites e entregávamos para algumas pessoas. Uma vez nossa turma apresentou um seminário na escola Francidene Soares Barroso, foi muito legal, convidamos todos os alunos das salas para assistirem o nosso seminário, todos gostaram muito e quem participava do seminário ganhava um certificado de participação.

Minha família me ajudou muito durante o curso, meu esposo, minha filha, minha nora, meu esposo quando está em casa ajudava arrumar a casa, fazia comida, lavava as louças, ele sempre me ajudou, as vezes quando eu chegava, que ele não tinha feito o almoço, eu fazia, almoçávamos 1 hora da tarde, mas ele não falava nada, só almoçávamos quando ficava pronto. Graças ao meu trabalho efetivo eu não fico sem receber meu dinheiro e meu marido pesca, tira açaí, nós plantamos roça, fazemos farinha, não vivemos só comprando.

As transformações nas minhas aulas foram muitas depois que entrei no curso do Parfor, minha vida mudou muito, tanto pessoal, como no profissional, minhas aulas foram muito melhores, tive mais experiência, mais conhecimento para passar para meus alunos, até minha família me ver com um olhar diferente e também a sociedade, querem saber se estamos fazendo faculdade, então nos veem diferente de quando a gente tinha só o ensino médio.

As disciplinas do curso de Pedagogia conseguiram passar muito conhecimento, cada professor deixou muita coisa boa, por exemplo: Produção de Texto foi uma excelente matéria, o professor também de História na Educação Infantil nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Currículo do Ensino Básico, Teoria e Prática da Educação Infantil, Ciência da Natureza na Educação Infantil, Didática Geral, Antropologia da Educação na Amazônia, todas foram muito legais. Cada uma foi muito conhecimento adquirido.

Se eu pudesse modificar alguma coisa no curso eu mudaria o tempo, pois é pouco para muito assunto, como aluna do Parfor eu mudaria também a carência nas apostilas, mesmo estudando durante uma semana e meia com apoio, os materiais que nós temos são poucos e a maior carência são as apostilas que são essenciais para estudarmos, às vezes nós não conseguíamos imprimir.

Ao longo dos anos que estive no curso tiveram muitas mudanças no meu comportamento, o modo de falar, de trabalhar, também com a minha família filho e esposo, em relação a tratar as pessoas bem ou mal eu nunca fiz isso, essa educação veio dos meus pais saber respeita as pessoas.

A pior coisa que aconteceu durante estes últimos anos foi minha mãe sair daqui para Manaus-AM em julho de 2016, eu estava no primeiro período do curso, terminamos, voltei para a comunidade, quando eu estava lá, minha irmã ligou para mim dizendo que minha mãe estava doente, ela saiu daqui para fazer exame de vista, então quando foi em novembro de 2016 terminou a aula, eu viajei para Manaus para cuidar dela, fiquei 2 meses com ela, em janeiro de 2017, dia 2 tive que voltar para Itamarati, por conta da faculdade. Minha mãe passou o ano de 2017 todo doente, de casa para o hospital, passava mais tempo no hospital do que em casa, minha irmã tinha que sair do trabalho para cuidar dela, quando um vinha o outro ia para ajudar a cuidar da minha mãe. Mas, infelizmente, no dia 13 de dezembro de 2017 minha mãe veio a falecer, foi o pior dia da minha vida.

### **A pandemia de covid-19**

Durante a pandemia da covid-19, medidas de contenção da pandemia culminaram em fortes mudanças na rotina da população, o isolamento social que demandou a suspensão das atividades presenciais nas universidades e escolas, levou os alunos de diversas instituições a terem as suas aulas canceladas por período indeterminado, com isso tive que parar de trabalhar em minha escola.

Devido todo este período de pandemia tive que me adaptar com outra realidade de ensino, o ensino remoto, tive que trabalhar a distância com os meus queridos alunos, não foi muito fácil, pois não tinha como

perceber as principais dificuldades dos meus alunos. Além de tudo isso, a minha rotina de trabalho ficou totalmente diferente, tive que me adaptar com as mudanças e com as tecnologias para poder trabalhar com os meus alunos, com a paralisação das aulas presenciais fiquei em casa ensinando a minha filha e meus netos, para que eles não tivessem os seus estudos defasados, pois as aulas online não são o suficiente para o ensino das crianças.

Minha experiência acadêmica vivida durante esse contexto de pandemia não foi nada fácil, por conta da pandemia tivemos que ficar em casa estudando de forma não presencial, mas sim online, não podíamos nos reunir com os colegas para conversar e interagir uns com os outros e tirar as dúvidas, para não ter aglomeração entre a gente, nos se comunicávamos via WhatsApp, para conversarmos e tirar dúvidas uns dos outros, com tudo isso eu só me dedicava aos meus estudos.

### **Considerações Finais**

A importância de ter cursado pedagogia pelo PARFOR-UEA nessa modalidade com aulas concentradas o posicionamento geral sobre como foi o meu curso de pedagogia pelo Parfor para mim foi um grande conhecimento.

Tudo isso serviu como aprendizado no campo profissional, as aulas me instigavam a ter criticidade, criatividade e esforço técnico no fazer pedagógico, ampliaram a minha visão de mundo dentro do campo educacional, me motivava a fazer mais pela educação. Esse curso será a primeira porta se abrindo para o meu futuro.

Esse texto corresponde as minhas principais vivências durante todo o curso de Pedagogia, lembrando os principais acontecimentos e trazendo aspectos relevantes ao mundo acadêmico, pondo o discente como sujeito da sua própria formação, contribuindo para uma escola democrática para usufruto social. Desse modo, cada profissional cresce enquanto busca se aperfeiçoar por meio da pesquisa, estudos e programas de formação continuada, podendo estar apto a atuar na sua prática, realizando articulações entre o trabalho individual e coletivo, integrando teoria e prática, valorizando os conhecimentos e prática dos participantes.

Portanto, concluir este curso falando sobre minha vida foi primordial, pois a cada trecho escrito, permito-me refletir sobre cada etapa vivenciada e o quanto foi difícil chegar até aqui. Fazendo-me cada dia mais querer adquirir maior experiência, levando para minha vida profissional e pessoal.





## **CAPÍTULO 29**

### **A EDUCAÇÃO TRANSFORMOU MINHA VIDA**

Maria do Perpétuo Socorro de Lima Maia

Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### **Introdução**

O presente texto tem como objetivo traçar um panorama acerca de minha formação acadêmica e as experiências pessoais que me levaram a optar pela docência, com isso, o texto vai abordar fatos que ocorreram durante este período de a vida pessoal e profissional. Com isso, o texto vai abordar os principais momentos que marcaram minha vida, destacando as dificuldades e conquistas que passaram por minha trajetória, destacando algumas etapas que foram percorridas durante minha infância, adolescência, vida profissional e período acadêmico.

#### **Meu caminho até a escola**

Nasci no dia 02 de abril de 1993 na comunidade Manixi, próximo a cidade de Itamarati. Sou filha dos agricultores Sebastião Maia e Maria Raimunda, tenho quatro irmãos de parte de pai e mãe: Rosimara Maia, Sebastião Maia, José Carlos e Fábio Maia. Antes de meu pai casar-se com minha mãe já havia sido casado e deste outro casamento eu tenho oito irmãos: Romerito Mais, Haroldo Mais, Jair Maria, Jonas Mais, Risonara Mais, Aparecida Mais, Nunes Maia e Eder Mais.

Meu pai morava em Itamarati quando se separou de sua primeira esposa, meus irmãos já estavam todos criados, em seguida ao término do seu primeiro casamento meu pai foi para a comunidade Manixi que pertencia a seu pai, lá ele conheceu minha mãe e se casaram, mesmo com o curto espaço de tempo entre a separação do meu pai e o seu casamento com a minha mãe eu e meus meio irmãos convivemos em harmonia. Na comunidade Manixi quando morávamos lá só tinha sete casas, todas eram cobertas de palha, na época não tínhamos fogão, era de lenha.

A nossa comida era tirada da natureza como: peixe, caça do mato, além de porco e galinha que criávamos, a gente comia também feijão, batata, melancia, jerimum que meus pais plantavam na várzea, além da farinha, também fazíamos tapioca que já servia para o nosso café da manhã, que na maioria das vezes era

chá de capim santo, pois a mamãe só comprava café quando vinha a cidade de dois em dois meses receber o Bolsa Escola, ela vinha, recebia, e comprava a estiva: café, bolacha, leite, sabão, açúcar e sal.

O nosso sustento vinha da agricultura, do Bolsa Escola e da seringa que meu pai cortava e vendia, meu pai era muito trabalhador e vivíamos na comunidade felizes sem passar necessidades, eu e meus irmãos brincávamos muito, como todos da comunidade eram parentes, brincávamos todos juntos de: jogar bola, pular corda, correr, casinha, esconde, esconde; da cabra cega, seu lobo entre outras, minha infância foi livre e feliz, como na comunidade só tinha estudo até a quarta série, os comunitários começaram a migrar para a cidade, a comunidade foi ficando cada vez menor então meu pai decidiu que iríamos também para a cidade para estudar.

Meu primeiro contato com a escola foi com 8 anos de idade na comunidade Manixi, com a professora que se chamava Vera, ela não tinha nem uma formação profissional, tinha apenas o ensino médio, mesmo assim ela administrava as suas aulas no máximo que podia, eu estudava como ouvinte. A minha escola na comunidade era simples, com uma sala apenas, nessa época só havia quadro que era de giz, ainda não havia quadro branco a pincel, ela passava a lição, reproduzíamos no caderno, como não tinha ventilador era muito quente, as carteiras eram de madeira, mas mesmo assim nós aprendíamos.

Minhas primeiras lembranças escolares foi quando entrei na sala de aula pela primeira vez e a minha professora me ensinou a fazer os deveres de aula, o meu primeiro passo ensinado pela minha professora foi a coordenação motora, em que ela fazia cobrinha e banzerinho e mandava eu cobrir, tive um pouco de dificuldade de aprender, pois era o meu primeiro ano na escola, mas eu era uma aluna muito dedicada e queria muito aprender, fazia de tudo para não faltar nas aulas, só faltava mesmo quando não conseguia ir por motivo de doença.

Minha professora era muito boa, era muito dedicada em ensinar, em frente à escola que a gente estudava tinha um campo, onde brincávamos de correr, jogar bola, enfim, ela nos ensinou muitas coisas interessantes, tudo que ela fez ficou uma lembrança marcada na nossa vida e na minha mente que eu jamais vou esquecer-la.

Meus colegas de turma na infância eram meus parentes: minhas primas, meus primos e meus irmãos, eles que eram meus colegas de turma, a gente bagunçava um pouco na sala de aula, mas éramos muito unidos uns com os outros, apesar de sermos ainda crianças, nós já tínhamos consciência da importância de ajudar uns aos outros, mesmo eu só tendo oito anos de idade, eu já tinha pensado um pouco em algumas coisas que ia fazer, principalmente a respeitar os meus colegas em sala de aula, eu sempre ia para a aula com a minha prima, a gente era bem próxima uma da outra, sempre andávamos juntas e sentávamos bem pertinho uma da outra na sala de aula.

Meus pais sempre nos trataram muito bem, meu pai é maravilhoso, graças a Deus, sou muito feliz por ainda ter pai e mãe, meus pais faziam de tudo para que nós não faltássemos na escola, eles sempre

trabalharam na agricultura, mais nem por isso ele nos tiraram da escola para trabalhar, eles preferiam que nós estudássemos, meus pais sempre me ensinaram a tratar as pessoas mais velhas com respeito e lidar com as pessoas para que quando eles não estivessem presentes nós soubéssemos viver no mundo.

Eu sempre ia para a escola com meu irmão, José Carlos, pois éramos os dois mais velhos e muito unidos, gostava muito de ir para a escola com minha prima, a quem eu era muito apegada, meus pais sempre me ensinaram a fazer amizades com as pessoas, por isso tinha facilidade de fazer amizade com os colegas, nunca trouxe problema da escola para os meus pais em casa, na escola nós não merendávamos pois não tinha, a professora mandava a gente para casa na hora do intervalo para comermos alguma coisa, em casa sempre tínhamos o que comer, meus pais nunca deixaram faltar o alimento, quando saiam de casa para o trabalho já deixavam o que comer, eles trabalhavam muito para que não faltasse a nossa alimentação. Meus pais sempre foram bons pais e companheiros dos filhos.

Quando comecei a estudar, naquela época já tinha caderno, mas não existia caneta, só existia lápis e na minha escola escrevia no quadro com o giz, meus pais cortavam seringa e compravam o nosso material escolar, nos levávamos o nosso caderno na mão, pois, não tínhamos mochila, alguns dos meus colegas levavam os materiais dentro de sacolas, meus pais sempre trabalharam o que podia para que não nos faltasse nada para nós dentro de casa, as vezes nos íamos para escola descalço, pois, não tínhamos calçados.

Em 2002 meu pai decidiu vir para a cidade, graças a Deus logo que chegamos ele conseguiu se aposentar e fez uma casa para morarmos, nossa situação financeira melhorou quando chegamos aqui em Itamarati meus pais compraram roupas e calçados para mim e meus irmãos, não tínhamos muitas roupas, mas usávamos o pouco que tínhamos. E justamente por termos pouco, tínhamos muito cuidados para que durasse bastante, pois não tínhamos como estar comprando sempre.

Nós chegamos em Itamarati num ano, mas só fomos para a escola no ano seguinte que era 2003, eu tinha 10 anos de idade e fui estudar na escola Santos Dumont na 1° série, minha primeira professora na cidade se chamava Lila, ela era muito boa e paciente, quando eu entrei na escola pela primeira vez achei muito diferente da escola do seringal, aqui tinha muitas salas, tinha cozinha, banheiro, muitos alunos, professores, tinha até um diretor chamado Maia e principalmente: tinha merenda.

Nos meus primeiros anos no Santos Dumont eu tive dificuldade, pois na comunidade eu só tinha estudado as vogais, com o tempo aprendia muitas coisas a separar sílabas, ditado, frases, a ler pequenos textos. Aprendi a ler corretamente mesmo na 3° e 4° séries, e aqui tive que começar a aprender outras matérias, com dificuldade, mas conseguia aprender e gostar, o meu problema era como a Matemática, pois para mim é uma disciplina muito complicada, até hoje não gosto dela, as outras disciplinas com o passar do tempo fui aprendendo a gostar gradativamente, mas as que mais gostei foi: História, Arte e Educação Física, essas três matérias marcaram a minha vida até hoje, eu gostava muito e me dedicava bastante para aprender

cada vez mais e até hoje lembro de cada uma das disciplinas que eu estudei, nunca vou esquecer de cada uma delas.

No ano de 2015 passei a estudar na escola Francidene Soares Barroso, lá os professores (alguns) já tinham mais formação, eram concursados, o Emiliano era professor de Matemática eu gostava dele, mas não gostava de Matemática, ainda não gosto. O Giliarde era professor de Geografia e eu gostava dele porque ele explicava bem os conteúdos e era bem paciente com a gente, a professora Clemilsa era de Língua Portuguesa, ótima professora aprendi com ela a fazer redação, regras gramaticais e conjugar verbos.

Os professores faziam gincanas, a gente ia para a quadra, levava sacos, pernas de pau, ovo, limão e brincávamos, com o saco a gente brincava de corrida do saco que é: dois alunos dentro de um saco, ganha a equipe que pulando junto chegar no local marcado primeiro; as pernas de pau era corrida também, ganhava quem chegava primeiro no local indicado usando as pernas de pau, o ovo era usado para a corrida com o ovo na colher, nessa cada participante ganhava uma colher e um ovo, ganhava quem chegava primeiro com a colher na boca e o ovo dentro sem deixar cair; o limão era trabalho em equipe, a dupla ficava com o limão na testa e começava a dançar, ganhava a dupla ficasse por último sem deixar o limão cair, eram momentos maravilhosos os alunos se divertiam muito, esses eventos eram feitos em datas comemorativas.

No dia 7 de setembro, a escola organizava uma marcha em que a cidade toda ia assistir, ensaiávamos por meses, no dia íamos todos fardados era muito bom e depois da marcha a escola sempre servia kikão com refrigerante, esperávamos o ano inteiro pelo dia Sete de Setembro, naquela época todos os alunos sabiam o hino Nacional, pois todo dia a gente ensaiava que era para cantar no dia da marcha.

Nos anos da 5<sup>o</sup> ao 8<sup>o</sup>, aprendi muita coisa com meus professores, tive muitos colegas, dentre eles tinham minhas colegas Mana e Sandra sempre andávamos juntas, conversávamos bastante, só íamos merendar juntas, a gente merendava e como o portão ficava aberto e a gente ia para a praça dar uma volta, aí voltávamos para a sala, com o tempo os alunos saiam no intervalo e não voltavam, a diretora Gleice começou a fechar o portão na hora do intervalo.

Como desde que eu fui estudar no Francidene estudava a noite, trabalhava durante o dia na casa da Lene, com o dinheiro que eu ganhava comprava as minhas coisas, pois como éramos muitos e o dinheiro do papai não dava para comprar tudo que a gente queria, e como eu já era grande, resolvi ganhar meu próprio dinheiro.

A situação financeira dos meus pais já estava melhor desde que meu irmão por parte de pai, Haroldo, ganhou a eleição para vereador e começou a nos ajudar, toda vez que ele recebia o salário, levava dinheiro para o meu pai, quando queríamos alguma coisa nós o procurávamos e ele nos ajudava sempre que podia.

Durante todos os meus anos na escola, desde a 5<sup>a</sup> série até a 8<sup>a</sup>, estudei Educação Física com o mesmo professor, o Litomar, ele sempre levava a gente para o ginásio que fica a uns quinze minutos da escola, ele nos liberava para irmos em casa para trocar de roupa e voltar para o ginásio, isso era sempre sexta-feira, ele

sempre fazia a mesma coisa, ao retornarmos para o ginásio ele fazia a chamada, uns exercícios de alongamento e liberava para jogarmos bola ou vôlei, nas sextas feiras era o dia que dava mais alunos, pois gostavam de ir fazer Educação Física, durante todos os anos que estudei com ele nunca faltei a aula dele, pois gostava das aulas e gostava dele também que era muito paciente.

A professora de Arte era a Keila, ela era toda calma, tinha muita paciência e sempre passava para fazermos desenhos livres e pintar, as vezes ela dava os desenhos prontos e mandava a gente cobrir com papel picotado, enfim a gente pintava com diversos materiais e tinha a aula teórica também sobre os grandes artistas, eu gostava muito de suas aulas, tanto prática quanto teóricas.

Eu gostava das aulas do professor Giliarde, ele era professor de Geografia e Ciências, ele levava a gente para o laboratório da escola para explicar sobre o corpo humano usando as caveiras que tinha no laboratório e eu achava muito interessante ver como a somos por dentro.

Eu tive um professor que não era muito paciente, o professor de matemática, eu já não gostava da matéria e como ele não explicava direito aí era que eu não gostava mesmo. E para a mim o professor tem que ser paciente, se o aluno não entender de um jeito, explica de outro e assim a gente aprende, eu nem tinha coragem de perguntar quando não entendia pois ele era muito ignorante.

Portanto os professores que tive durante o meu ensino fundamental foram responsáveis por tudo que eu aprendi antes de começar a fazer o curso, pois foi no ensino fundamental que eu aprendi a ler, escrever, interpretação, somar, subtrair, dividir, multiplicar, a importância da história de um povo de onde viemos, em Geografia aprendi as mudanças que ocorrem na natureza com intervenção humana, que Arte não é só desenhar, a importância da atividade física para o nosso corpo e mente, enfim, o ensino fundamental foi onde aprendi coisas que vou levar para minha vida inteira.

Estudei o ensino médio na escola estadual Francidene Soares Barroso, lá era uma escola muito bonita, tinha dois piso, salas no piso de cima e no piso de baixo, no piso de baixo tinha: a sala do diretor, o refeitório, a biblioteca, o laboratório, quatro sala, dois banheiros e um bebedor grande, subíamos a escada e em cima tinha: a sala dos professores, dois banheiros, um bebedor grande e cinco salas de aula, além da varanda do tamanho da escola, que era onde os alunos ficavam na hora do intervalo depois de merendar, conversando, brincando, implicando com quem passava. A merenda da escola era muito boa, tinha: sopa, arroz doce, mugunzá, farofa de conserva, farofa de jabá e outras.

No ensino médio estudei todo com a mesma turma, a mesma professora e na mesma sala, no primeiro ano era uma turma em que não conhecia quase nenhum dos meus colegas, apenas uma prima que se chamava Lôra, ao entrar na sala no primeiro dia estava muito ansiosa por não conhecer a maioria dos colegas, era tudo muito novo para mim, inclusive o piso, pois estudei até a 8ª série em baixo e o ensino médio na parte de cima da escola, pelo tecnológico onde só tinha um professor presencial, que era a professora Fátima Pinheiro, que ficava na sala só marcando a presença e orientando, mas a aula mesmo era pela televisão.

No começo eu só conversava com a minha prima, com o passar dos dias comecei a conhecer melhor e me aproximar de outros colegas de sala, mas amizade mesmo, continuou sendo só eu e a Lôra. O assunto que passava na televisão era tudo muito rápido, se não copiasse rápido perdia o assunto, eu sempre fui rápida e conseguia copiar tudo, mesmo conseguindo pegar todos os assuntos na hora das provas e não me saia muito bem, mas dava para passar, nós éramos comportados na sala de aula pois, como estudávamos pela televisão, se não prestássemos atenção não tinha como pegar explicação depois com o professor, se perdêssemos o assunto, ficava sem entender e essa era uma grande dificuldade da aula por televisão, se a gente não entendesse de primeira, ficava assim mesmo, não dava para tirar dúvidas.

Se meus colegas se comportassem em sala para poder prestar atenção nas aulas, na hora do intervalo eles iam merendar, era o momento de interação, conversar, paquerar, ao término da merenda, os meninos iam para o corredor, mexer uns com os outros, com as meninas que iam para o banheiro, pois o banheiro ficava no fim da varanda e depois voltávamos para a sala para estudar. Na minha sala tinha o Mazinho que era a alegria da sala, sempre de bom humor fazia a turma inteira rir com suas brincadeiras.

Uma lembrança muito boa para mim era que eu e minha prima Auxiliadora, na sexta-feira levávamos nossa roupa nova dentro da bolsa para irmos para a festa depois da aula, no bar do Nelso, onde dançávamos muito, mas antes de meia noite tinha que ir para casa, pois, trabalhava de segunda a sábado o dia inteiro na casa da Professora Leude, onde eu: eu arrumava a casa, fazia comida, lavava roupa e cuidava da filha dela de dois anos de idade, era cansativo, mas eu gostava de trabalhar lá.

Do lado da casa da Leude morava um rapaz que se chamava Juzi, ele pediu meu número para o filho da minha patroa e passou a me mandar mensagens, começamos a namorar, o namoro durou apenas três meses e terminamos, um mês depois conheci outro rapaz chamado Pedro, que morava na zona rural na comunidade Quiriru, nos conhecemos quando ele veio passear na casa da irmã dele que ficava em frente ao meu trabalho, logo começamos a namorar e ele voltou para a comunidade um mês depois veio para a cidade de vez para estudar, e o namoro continuou e seis meses depois engravidei e nos casamos, fomos morar com minha família, eu ainda estudava estava no terceiro ano do ensino médio, terminei o ano letivo antes de ganhar o meu filho.

### **Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR**

Ao terminar o 3º ano do ensino médio, no mês de junho de 2014, meu que era vice secretário na época, me procurou na casa dos meus pais e perguntou se eu me interessava em ir para a zona rural dar aulas, já havia sido feita a lotação e os professores já estavam nas suas comunidades, mas ainda tinha duas vagas, mas as comunidades eram muito distantes, mesmo assim resolvi aceitar o desafio, afinal não tinha

outra opção de trabalho e eu precisava de dinheiro para sustentar meu filho, nem casa própria nós não tínhamos, eu não outra saída.

No dia seguinte a visita do meu irmão fui até a secretaria de educação, onde tirei a cópia dos documentos e lá a equipe pedagógica me deram algumas orientações e mandaram arrumar minhas coisas que dentro de uma semana nos iríamos partir, então fui as compras: comprei estivas, itens de higiene pessoal e remédios estava pronta, como meu marido ainda estava estudando o 3º ano do ensino médio não pode me acompanhar fomos só eu e meu filho.

O supervisor na época era o Adenildo, no dia da saída fomos eu e a professora que iria para a outra vaga, a Maria da Conceição, além do supervisor, o Erimar que trabalhava na secretaria e o comandante. Saímos um dia de quinta-feira do porto da cidade, eu estava ansiosa e curiosa, pois nunca havia andado para as comunidades da parte de cima da cidade, viajamos o dia e a noite, chegamos na comunidade de Óbidos onde eu ia ficar, o Erimar carregou as minhas coisas para cima, enquanto o Adenildo me apresentava para o chefe da comunidade, o senhor Zé Pedro, também com a nova professora, o mesmo me tratou muito bem, fez eu me sentir em casa, mesmo não conhecendo ninguém, era uma comunidade bem pequena, com apenas duas casas, a do seu Pedro e a de sua filha Pita, como não havia escola na comunidade a sala do seu Pedro era a escola, tinha: um quadro de giz, as cadeiras de madeira, e a mesa do professor.

Como o supervisor já tinha deixado o material didático, tanto do professor como o dos alunos, comecei o trabalho na segunda feira, eram 12 alunos do 1º ao 5º ano: Kelli, Tolina, Jaqueline, Rafael, Maria, Natalia, Dida, Antônio, Mara, Josué, Julia e a Luana. Como na época não tinha pré-escolar nas comunidades, os alunos do 1º ano nunca tinham estado na escola, o trabalho com eles era do início e como eu nunca tinha dado aulas na vida, não sabia muito bem o que fazer, nunca tinha feito nenhum tipo de curso, o meu único estudo era a educação básica mesmo, então dei aulas da mesma forma que lembrava que meus professores me davam, para os do primeiro ano eu passava tarefa no caderno, que era as vogais com pontinhos para eles cobrirem, para os maiores eu passava no quadro.

E assim se passou o ano aprendendo a dar aulas na prática, como a comunidade era longe da cidade, nem livros tinha, fui passando para os alunos o que me lembrava que meus professores passavam para mim quando eu estudava, e como não tinha casa do professor, eu e meu filho morávamos na casa do seu Pedro.

No ano seguinte, em 2015, mudei de área, passei para a comunidade da parte de baixo da cidade Buriti, nesse ano eu fui junto com os outros professores, meu marido foi comigo, pois já tinha concluído o ensino médio, como lá era Igarapé, não levei o meu filho com medo da malária, lá tinha uma escola com uma sala, um quartinho e uma varanda, na sala tinha: um armário com livros, uma lousa de giz e as cadeiras de madeira.

Na comunidade Buriti eu fiquei com outra professora a Quézia, eu dava aula de manhã do 1º ao 5º para 8 alunos, a minha prática foi melhor esse ano, afinal, tinha livros em que eu podia pesquisar, a minha

parceira me ajudava, quando eu tinha dúvidas ela tirava, enfim, foi um ano bom, meu marido pescava e acabamos conseguindo economizar um pouco e compramos uma moto, já que a nossa casa fizemos no ano anterior, quando lecionei no Óbidos.

Em 2016 fui para a comunidade Quiriru, lá éramos três professores, eu e o professor Radifran dividíamos a mesma sala de aula, do pré-escolar ao 5º ano, ficamos na comunidade até 24 de junho que foi quando viemos para a cidade fazer o primeiro período da faculdade de Pedagogia.

Esses períodos nas comunidades ribeirinhas me ajudaram a compreender a importância do professor na vida do ser humano.

### **Estudando, trabalhando e lutando: o percurso da minha formação**

Depois que comecei a fazer o curso não fui mais para a zona rural, passei a trabalhar na creche e os estudos que tivemos sobre as crianças: como elas são, o que pensam, porque elas fazem o que fazem em cada fase, que cada uma é diferente não sendo nem melhor nem pior que as outras, foram essenciais para a minha prática com as crianças da creche, o estudo sobre Maria Montessori me ajudou a entender que tenho que ajudar as crianças a fazerem sozinhas para conseguirem autonomia e que nunca é cedo para começar a desenvolver a coordenação das crianças.

O PARFOR veio para nós graças a secretária de educação, dona Aurea, que correu atrás para que viesse uma graduação para os professores da zona rural, teve início dia 26 de junho de 2016, eu consegui a vaga para estudar porque todos os professores da zona rural que tivesse no senso desde 2015 foi escrito pela própria secretaria.

Eu tive muitas mudanças, desde 2016 até agora 2019, eu mudei muito a respeito do meu aprendizado na escola, pois naquela época eu só tinha o ensino médio e não tinha muito conhecimento, mas quando entrei no PARFOR com as disciplinas trabalhadas, melhorou muito o meu aprendizado, me transformei a respeito daquilo que eu não conhecia, foi muito boa essa faculdade, pois ela veio para trazer melhoria no meu conhecimento e hoje sou grata pela possibilidade que tive de fazer essa faculdade, que ampliou e clareou tanto a minha mente quanto a dos meus colegas, o que aprendo na faculdade não fica só comigo, eu repasso um pouco onde quer que eu vá. Com o PARFOR até a forma como as pessoas me tratavam mudou, passaram a valorizar o que eu falo, solicitar minha opinião e me respeitar mais.

No início do curso quando precisávamos apresentar trabalhos eu tinha muita dificuldade, com o nervosismo esquecia todo o assunto, ficava me tremendo e só ia para a frente levando o papel, se não levasse quando desse o branco eu não teria o que falar, por isso sou grata aos professores que exigiam que falássemos sem o papel, se não fosse por eles até hoje eu não iria conseguir me expressar nas apresentações.



Com a primeira disciplina ministrada pelo professor Rosinaldo eu aprendi um pouco de computação já que até então e não tinha conhecimento nenhum sobre o assunto. Teve a disciplina de políticas públicas em que nós, juntamente com a professora, fizemos uma palestra na escola Francidene Soares Barroso sobre o que é política pública e sua importância.

Os meus estudos integradores durante a faculdade foram muito bons, aprendi muitas coisas, na disciplina de Geografia na educação infantil e anos iniciais o professor Camilo, passou para fazermos a cidade de Itamarati com papelão e materiais descartados, não poderia usar nada que não fosse descartado, nos ensinando com isso a preparar materiais didáticos com o que não se usa mais, o papelão era para fazermos: as casas, as árvores, os prédios, as lojas e detalhe tudo encaixado sem usar nenhum tipo de cola, foi muito legal, aprendi muito eu não fazia ideia de que dava para fazer todas essas coisas com papelão, esse trabalho vai me ajudar muito quando voltar para a sala de aula, vai facilitar muito na minha prática, já que não temos muito material didáticos disponíveis para trabalharmos.

Tive professores inesquecíveis, como a Fátima Dantas que me ensinou como fazer um projeto científico e não é fácil terminar o projeto, a minha sorte é que ela era muito paciente e recebia a gente quando tinha dúvidas fora do horário de aula, como eu nunca tinha feito um projeto na vida, todas aquelas regras deixaram minha cabeça zozna, se não fosse a paciência da professora eu tinha desistido da faculdade, aquilo parecia um bicho de sete cabeças para mim, mas graças a Deus e a professora eu consegui e hoje estou aqui formada.

Uma aula que eu gostei muito de aprender foi como fazer a linha do tempo, é uma maneira prática de acompanhar eventos importantes de um longo tempo sem ser cansativo de ver, inclusive usamos várias vezes a linha do tempo nos seminários para explicar os assuntos para os colegas de turma.

Teve diversos professores nas atividades integradoras que nos ensinaram a fazer materiais didáticos nas comunidades usando recursos naturais, reciclar plástico, fizemos brinquedos educativos, de como usar o lúdico para ensinar os alunos de forma prazerosa, enfim tudo que aprendi no PARFOR vai me ajudar tanto na minha profissão, quanto na minha vida fora da escola.

Ingressar na faculdade foi um grande sonho realizado, sempre quis ser educadora, por esse motivo me dediquei ao máximo para melhorar minhas práticas pedagógicas em sala de aula, com isso, quando trabalhava somente com o ensino médio tinha muitas dificuldades, pois não tinha toda aquelas fundamentações teóricas que eu tenho hoje.

Portanto, hoje posso afirmar que me tornei uma profissional mais preparada para atuar em sala de aula. Esses períodos de curso me fizeram compreender que cada aluno tem seu tempo de aprender, pois, toda criança aprende de modos diferentes e o professor precisa desenvolver metodologias necessárias para atender as especificidades de cada aluno.

Com isso, faço uma breve avaliação com a turma e procuro trabalhar de acordo com a dificuldade dos mesmos, sempre valorizando as realidades dos discentes, reservo sempre um horário para atender aqueles alunos que ainda se encontram em dificuldade, cada ação do professor gera várias oportunidades de despertar o interesse do aluno por determinado conteúdo, pois tudo que eu aprendi durante este curso não levo só para minha vida profissional, procuro levar também para meus alunos em sala de aula.

### **A pandemia de Covid-19**

Durante a pandemia as coisas mudaram, tivemos que parar de trabalhar por motivo do decreto do governo do estado, com isso as coisas foram se complicando, tínhamos que ficar em casa sem poder sair, então durante esses períodos procurava ler alguns livros para manter a mente ocupada e não ficar pensando no momento que o mundo está vivendo.

Portando, nesse período a dificuldade foi enorme, pois logo que as aulas foram suspensas houve um processo seletivo de professores, com isso acabei ficando desempregada, então as dificuldades foram bem maiores, pois é através do meu trabalho que consigo a principal fonte de renda de minha família, foi aí que passamos a viver da pesca, meu marido passava vários dias pescando para conseguir o sustento da família.

Durante a pandemia as aulas pararam e ficamos alguns tempos sem receber notícias de quando se iniciaria as aulas novamente, recebemos a informações que em janeiro de 2021 retornariam as aulas, só que não poderia ser presencias, com isso, tivemos que estudar em casa através do celular, eu interagira com a professora através do WhatsApp.

Cada disciplina tinha um grupo, então as aulas funcionavam dessa forma, os professores, mandavam as apostilas, as atividades, tiravam nossas dúvidas pelo grupo de WhatsApp. E assim toda a turma podia interagir e realizar seus trabalhos, mas tudo se tornavam mais difícil, aulas não presencias dificultavam demais a compreensão do assunto. Mas, graças a Deus deu tudo certo e estamos concluímos com sucesso nossa formação. Portanto, a vida de vários universitários parou diante essa situação, pois, todo mundo tinha seus trabalhos, seu ritmo de vida, e todas as universidades do país pararam.

### **Considerações Finais**

Este texto teve o objetivo de compartilhar minha história pessoal e profissional durante minha trajetória de vida, destacando marcos importantes que estão gravados em minha memória até os dias atuais. Escrever esse memorial teve um sabor especial, pois me recordei de vários momentos que ficaram marcado na minha vida, com isso afirmo que é uma sensação única escrever tudo aquilo que você viveu, lembrando dos momentos de alegria e de dificuldade.

O curso de PEDAGOGIA foi muito importante na minha vida profissional e pessoal, pois foi através do curso que minha carreira passou a ser mais valorizada, cursar uma faculdade em Licenciatura em PEADAGOGIA, exalta a carreira de qualquer profissional, ainda mais sendo pela principal instituição do Amazonas (a UEA). Com isso, sou grata a esta tão importante universidade por me dar oportunidade de cursar este curso na qual me sinto muito feliz por esse momento que estou passando.

No momento atual estou bem mais preparada para atuar em sala de aula, no início da minha carreira não tinha o mesmo conhecimento de hoje em dia. Posso afirmar que através dessa formação houve uma grande transformação na minha forma de trabalhar em sala de aula, pois o curso ofereceu inúmeras metodologias as quais me ajudaram a melhorar meu desempenho como profissional.

Durante o curso pude fazer inúmeras reflexões de minha vida pessoal e profissional, agradeço a Deus por ter me dado sabedoria para tomar a decisão correta em iniciar e concluir este curso. No entanto, tinha consciência que precisava concluir esta faculdade para almejar novas conquistas e realizar novos sonhos.



## CAPÍTULO 30

### A EDUCAÇÃO TRANSFORMA VIDAS

Maria Ozenilda Farias Monteiro

Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### Introdução

O presente texto é parte do Memorial desenvolvido com trabalho final do curso de Pedagogia, oferecido pelo Parfor – UEA. Todo curso é desafiador, esse não seria diferente, um dos maiores desafios é o desemprego em determinados períodos, pelos quais todos os cursistas passaram. Outro desafio era a falta de materiais, como apostila impressa, a Universidade não disponibilizava e faltavam recursos para obter esses materiais.

#### Meu caminho até a escola

Nasci em 11 de dezembro de 1984 na comunidade Cubiu. Sou filha de Manuel Raimundo e Risoleta Campêlo, tenho 9 irmãos, dos quais dois já são falecidos, sou a mais velha. Sou mãe de 4 filhos, Miquésia Monteiro da Silva, com 14 anos, Cristian Monteiro de Lima com 11 anos, Ítalo Monteiro de Lima, com 9 anos e Itaelly Monteiro de Lima com 4 anos. Sou separada de dois casamentos que infelizmente não deram certo, sendo domiciliada e residente no município de Itamarati.

Relembro com exatidão dos meus primeiros aprendizados, nunca tive uma vida fácil, desde pequena já aprendi a cuidar dos meus afazeres domésticos. Meus pais são agricultores e pescadores, minha mãe não tinha tempo para cuidar dos afazeres de casa e eu assumia as tarefas domésticas, sabia desde os 6 a 7 anos, tratar peixes, fazer comidas, lavar roupas, cuidar dos meus irmãos. Costumo dizer que sou mãe desde os 7 anos de idade, pois era eu quem cuidava dos meus irmãos, enfim, fui eu quem de certa forma cuidou de cada um deles.

Minha mãe não tinha tempo para se dedicar aos filhos, ao todo éramos 9 irmãos, os dois depois de mim faleceram, esses eu não cuidei, pois ainda era muita criança quando faleceram, já os outros sou mãe de criação de todos, forçada pelas consequências do destino que me fez amadurecer ainda criança e cuidar de todos eles.

Com todas essas atividades não me sobrava tempo para brincar, mas quando tinha um tempinho eu

brincava com o meu tio. Na comunidade morava só a nossa família, tinha a casa dos meus avós, do meu tio e dos meus pais. Como não tinha meninas para que eu brincasse de bonecas, eu brincava com o meu tio, eu já tinha um domínio dos brinquedos masculinos, pois estava sempre inserida no meio deles, na pesca e na roça. Então brincávamos de flechar, matar passarinho com estilingue, jogar pinhão, jogar bola de gude e etc.

Na comunidade só tinha meu tio de criança da mesma idade que eu para brincar comigo, então construímos nossos brinquedos e brincávamos juntos. Aprendi a fazer pião, arco e flecha, estilingue, entre outros brinquedos. Apesar de trabalhar muito, eu tinha uma vida muito feliz.

Em nossa comunidade não tinha escola, na verdade eu nem tinha noção de que tal coisa existia, até que um dia uma família migrou para a nossa comunidade, com alguns meses chega a filha que estava estudando na sede, foi aí que tive a minha primeira vivência com a educação formal, através desse pessoa, na qual marcou a minha vida.

Eu aprendi as minhas primeiras letras e ouvi as minhas primeiras leituras, não era bem uma escola, ela nos ensinava em sua própria casa, mas era muito gratificante, logo me encontrei. De família pobre e todos analfabetos, não tive a oportunidade de ter estudos na idade certa, meus pais não tinham recursos para vir morar na cidade e nem de me mandar para estudar. Quando vivenciei essas experiências tinha de 8 a 9 anos de idade.

Graças a um vereador que não lembro o nome, que mandou lápis, caderno e pagou a menina para que ensinasse as crianças da comunidade. Ele a pagava com uma cesta básica de alimentos mensalmente. Como ela não tinha muitos conhecimentos e nem prática para ensinar, nosso aprendizado era bem lento, mesmo assim eu me encantava com cada texto que ela lia, com cada verso que ela cantava.

Nas horas vagas eu ia para a casa dela e pedia que ela lê-se para mim, às vezes ela lia, às vezes não, mas cada não que eu ouvia aumentava mais o meu desejo de aprender. Eu jamais imaginava que daquelas embaralhadas letras estavam histórias tão bonitas e eu queria muito saber ler.

Como tudo na vida de pobre é complicado, certo dia ao chegar para estudar, ela falou que não ia ter aula, no dia seguinte a mesma coisa, até que ela falou que não ia mais nos ensinar, pois iria mudar-se para outra comunidade. Fiquei extremamente triste, pois com ela estava o meu sonho de aprender a ler e escrever. Mesmo sem ela ter conhecimento e experiência o suficiente para ensinar, eu e minha irmã já conseguíamos escrever o nosso primeiro nome (MARIA). Com quase nenhuma coordenação nas mãos, só faltávamos furar as páginas do caderno, mas tudo era tão gratificante, afinal, já sabíamos escrever o nosso nome!

Depois disso, meu avô faleceu e minha avó foi embora com minhas tias e tios, minha família de certa forma desmoronou, ficaram somente meu tio e minha família no interior. Nesse meio tempo passei por momentos difíceis. Perdi meus avós, o destino me tirou o sonho de aprender a ler e escrever, portanto, foi

vivendo esse meu passado difícil que compreendi que nada na vida é fácil e que meu sonho de aprender não se encerrava ali.

Por ironia do destino, meu pai ficou enfermo com uma doença séria, ele estava tão abatido que nem conseguia ficar de pé por muito tempo, minha mãe pôs todos nós numa canoa, baixamos para uma comunidade em busca de ajuda, gastamos um dia inteiro baixando no rio a remo. De lá pegamos uma carona num barco até chegarmos à sede. Meu pai passou quase dois meses internado no isolamento, dificilmente o médico nos deixava visitar. Foi uma fase horrível para nós, passávamos fome e minha mãe não tinha como trabalhar, pois, passava o tempo todo cuidando do meu pai. Comíamos quando alguém doava alimento. Meu pai foi liberado para ir para casa, mas não podíamos voltar para a comunidade, pois ele necessitava de acompanhamento médico.

Uma prima de meu pai nos conseguiu uma casa e fomos morar lá. Minha mãe nem tinha cabeça para colocar meus irmãos para estudar, ela não tinha tempo para nada e eu invés de estudar, tive que trabalhar em um restaurante para ajudar a minha mãe a por comida na mesa para os meus irmãos.

Trabalhava de 7:00h da manhã às 21:00h da noite, lavando louça, limpando chão e mesas e servindo as mesas, isso com apenas 11 anos de idade. Tudo que eu recebia pelos meus serviços era uns coros (pele) de frango e as partes que ia jogar fora, simplesmente as partes que não dava para servir aos clientes. Mesmo assim eu ia para casa feliz, pois estava levando algo para alimentar os meus irmãos.

O restaurante em que eu trabalhava era na frente de uma escola, a Santos Dumont. Eu ficava vendo todas aquelas crianças e jovens indo estudar e eu não podia, pois tinha emprego, tinha que ajudar minha mãe a sustentar os meus irmãos.

O tempo passou, meu pai melhorou e a prefeitura nos conseguiu uma casa ao lado da escola mais famosa daqui a Francidene Soares Barroso. Meu maior sonho era estudar naquela escola, meu pai já conseguia trabalhar e eu já tinha mais tempo livre, então pedi que minha mãe me matriculasse numa escola. Na escola em que eu sonhava em estudar não tinha séries iniciais, mas, bem na frente da casa que morávamos tinha outra escola, na época bem pequena, a Escola Padre Guilherme Burmanje, lá tinha séries iniciais. Minha mãe foi falar com a diretora, a mesma disse para a minha mãe que só tinha vaga para a noite, pois eu não tinha mais idade para estudar com as crianças de 6 a 7 anos de idade. Na época eu já tinha 13 anos, eu não me importava se estudava a noite ou de dia, eu queria estudar.

Na época o Governo Federal oferecia um programa chamado “Reescrevendo o Futuro”, foi nesse programa que eu comecei a reescrever minha trajetória escolar. Minhas primeiras professoras foram Mirinha e Miracélia, elas eram irmãs, eram excelentes professoras e como eu tinha sede de aprender, logo me alfabetizei. Meus colegas na época eram todos mais velhos que eu. Tinha na faixa de 20 anos para cima, pois o programa era voltado para o público que por alguma razão não teve a oportunidade de estudar na idade certa. No meio deles estava eu, recomeçando a realização de um sonho.

Minha escola era bem humilde, na sala nem ventilador tinha, a merenda era até boa, mas era oferecida pelo programa. Muitas vezes eu ia para a escola com fome e pedia a Deus que a merenda saísse logo. A escola não exigia farda, eu usava as minhas roupinhas do dia a dia mesmo. Ia para a escola sozinha, pois ficava bem próxima de minha casa, era só atravessar a rua. Meus materiais eram oferecidos pela escola, quando não tinha, a minha mãe dava um jeito, pedia na Secretaria de Educação, sempre dava um jeitinho.

Meus pais sempre nos apoiaram e nos incentivaram, como eu era dedicada, compreendia tudo facilmente, nunca tive muita dificuldade em nenhuma matéria. No final do ano letivo fui aprovada com nota máxima, fiquei toda orgulhosa e meus pais também.

No ano seguinte minha mãe me transferiu para a escola dos meus sonhos, fiquei muito feliz em estudar naquela escola, pois era uma escola de estrutura ampla, com dois pisos, muito bonita. Sempre quis subir aquelas escadas e estudar lá em cima, porém, infelizmente, nos primeiros anos eu ainda estava em baixo e o que eu mais queria era subir as escadas, mas lá em cima era para as pessoas do ensino médio e eu estava apenas no segundo ano do fundamental.

A diretora ao perceber a minha evolução me pôs no “Projeto Acelerar”, cursando duas séries ao ano, isso também me ajudava muito, pois eu já estava atrasada nos estudos. Lá conheci a professora Edinei, uma professora supercompetente que me ajudou bastante, ela se tornou mais que uma professora, tornou-se uma amiga (mas me fazia trabalhar na casa dela em serviços domésticos sem salário). Ela era muito dedicada e como eu tinha fome de aprender, para mim não tinha disciplina ruim, todos os conteúdos eu gostava.

Como toda garota pobre e sempre muito tímida, eu não era popular na escola, mas toda a turma gostava de mim, alguns me pediam ajuda e tínhamos uma relação ótima, até o término do ensino fundamental. Éramos todos muito amigos, nunca tínhamos conflitos, era sempre uns ajudando aos outros, uma relação harmoniosa com todo o corpo escolar. Nesse meio tempo do fundamental, muitas coisas aconteceram, a casa que morávamos era da prefeitura e o prefeito que entrou no poder era nosso adversário e então fomos despejados da casa, saímos eu e minha mãe, levando as nossas coisas para a casa do meu tio que por sua vez, nos negou abrigo. No meio de uma chuva, às 5 h da manhã eu e minha mãe transportávamos nossas poucas coisas para deixar na casa do meu tio.

No dia seguinte tivemos que nos deslocar para uma comunidade onde morava um tio de minha mãe e lá ficamos por mais de mês. Quando deu início ao ano letivo, meus pais falaram com um amigo que aceitou abrigar eu e minha irmã, as duas que estavam na série mais avançada e os outros meus irmãos ficaram sem estudar por falta de moradia. Ficamos uns dois meses vivendo, pegando piada na casa alheia, até meu pai conseguir fazer uma casinha e passamos a ter lar na sede.

Ainda no ensino fundamental, em 2003, quando eu tinha 19 anos, engravidei da minha primeira filha, mas apesar das dificuldades, nada me freava com relação aos meus estudos. Eu deixava minha



filha com a minha mãe, com apenas 5 dias de nascida e já retornei à escola. Nos intervalos enquanto os meus colegas merendavam eu corria para casa para amamentar a minha filha e depois voltava correndo. Da minha casa para a escola dava aproximadamente uns 15 minutos e foi nesse corre-corre que terminei o ensino fundamental e conquistei uma nova etapa no ano de 2004.

Estar no ensino médio já era uma grande conquista, em 2005 iniciei o ensino médio, me sentia o máximo, estava conquistando meus sonhos aos poucos, minha filha um pouco mais crescida, as coisas melhoraram, eu já não precisava correr a cada intervalo para ir amamentá-la.

Meus professores eram todos excelentes e compreensivos, nunca tive problema com os conteúdos e nas matérias me esforçava para compreender todas, na verdade eu nunca tinha uma preferida, sempre gostei de todas.

Nessa fase dos meus estudos eu já era uma referência para os meus colegas, ajudava em tudo que eu podia, tanto sobre os problemas escolares, quanto sobre os problemas pessoais. Era uma espécie de conselheira para alguns amigos.

Em 2006, no início do ano letivo, eu me separei do pai da minha filha, fiquei mal e fui embora para Manaus, mas não gosto de morar lá. Com um mês retornei à minha cidade, mas, infelizmente não deu para recuperar as aulas perdidas e fiquei um ano fora de sala de aula. Foi terrível perder esse ano de estudo. Junto com o tempo perdido se foram os colegas de turma que avançaram um ano na minha frente, tudo mudou. Entrei numa turma nova, refiz as amizades.

No ano de 2007 tive meu segundo filho e também um novo casamento, eu tinha 22 anos, já não foi tão dificultoso como antes, pois já tinha experiência de como lidar com a situação. Em 2008 veio outra gravidez não planejada, já finalizando o ensino médio e chegando a tão sonhada formatura, meu barrigão crescendo, me sentia constrangida para fazer a formatura, mas foi a diretora Gleice que acompanhou grande parte dessa minha jornada, e não permitiu que eu ficasse sem fazer a formatura. Como eu tinha poucos recursos, ela mesma me deu o vestido e o sapato. Final de 2008: enfim, meu ensino médio concluído!

### **Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR**

Em março de 2009 tive meu terceiro filho, com 25 anos e em junho do mesmo ano já comecei a lecionar. Fui inserida no ramo da educação por falta de opções de trabalho. É uma profissão admirável, porém, não valorizada, muito pouco reconhecida. Com o passar do tempo fui me identificando com a profissão e hoje não me imagino fora dela, apesar de todas as negatividades visíveis nessa profissão, ainda a considero a mais valiosa e uma das mais bonitas. Hoje falo com muito orgulho da minha profissão, pois aprendi que essa profissão abre portas para várias outras profissões. Na verdade, desde o início do curso não tive nenhuma incerteza, em nenhum momento pensei em

desistir, apesar das dificuldades continuei firme e com muita perseverança. O único anseio que tive durante o curso foi nos períodos em que tivemos que adiar devido a pandemia, tive certo medo de não concluir o curso, mas com a graça de Deus consegui concluir.

Na época em que terminei o ensino médio não havia outras opções de trabalho, foi convidada a lecionar em uma comunidade da parte de cima do município, como a minha família era muito humilde financeiramente, surgiu essa oportunidade e eu abracei como segurança de sustento para a minha família. Ao me deparar com a minha primeira turma de alunos, minha primeira sala de aula, foi aterrorizante. Sem experiência, sem muitos materiais didáticos, tudo que eu tinha era um livro que hoje o nome me foge da memória.

Foi uma grande surpresa ter sido convocada para lecionar, na época a secretaria me chamou e pediu que fizéssemos um pequeno texto falando de como ser professor. Depois fomos para casa aguardar ela chamar. De repente chega um recado para que eu abrisse uma conta, arrumasse as malas que o barco estava de saída para levar os professores para a comunidade. Foi uma correria, fui praticamente jogada num barco. O barco era saindo do porto e a gente numa canoa embarcando nossas coisas, vendo a hora ficar na beira. Desde então já começou o sofrimento. Essa minha primeira experiência foi na comunidade Bolívia.

### **Estudando, trabalhando e lutando: o percurso da minha formação**

Há uma grande diferença na maneira de como me tratavam antes para como me tratam agora. Hoje tenho muito mais respeito e reconhecimento, tanto na vida familiar, como perante a sociedade. Antes eles nos viam como simples cidadão hoje nos tornamos referências na sociedade.

Pelo simples fato de sermos professores rurais, até os nossos próprios colegas da sede nos discriminavam, éramos “rebaixados”. Hoje mesmo sendo professores das zonas rurais, temos respeito e logo somos também um referencial devido ao curso.

Consegui a minha transferência para trabalhar na sede, pois queria acompanhar os estudos dos meus filhos, mesmo que meu salário caísse para metade, pois na sede só tenho uma cadeira e na zona rural eu tinha duas. Alguns pais e colegas professores achavam que eu e outros colegas que também foram transferidos não éramos capazes de ensinar bem as crianças da sede. Só depois que provamos nossa capacidade, fomos reconhecidos.

Esse curso veio nos fazer crescer, veio nos fazer ser vistos com olhares diferentes, ele nos oferece uma riqueza de conhecimento, que chega a nos libertar, cada disciplina ministrada nos revela leques de conhecimento, mas a disciplina que mais me conquistou foi a Disciplina de Psicologia Geral e Psicologia da Aprendizagem ministrada pela professora Maria Inês Alcântara. Me apaixonei por essas disciplinas, aliás, tudo que é voltado para Psicologia me encanta, fiquei apaixonada com as fases do desenvolvimento da criança,

com estudos sobre a personalidade e todos os conteúdos dessa disciplina.

Outra matéria que me encantou muito foram as de Filosofia. Eu me encanto com as teorias de todos aqueles teóricos como Platão, Aristóteles, Sócrates, entre outros. A Psicologia da Aprendizagem, ministrada pela professora Georgete Mubarac Carioca, essa disciplina veio clarear as nossas mentes para entender melhor e conseguir identificar as dificuldades que nossos alunos têm em aprender.

Durante esse curso a professora que me marcou mais, que me deu a maior lição de vida, foi a professora Maria de Fátima Dantas de Figueiredo. Eu vi nela uma força, uma perseverança que nada a parava, apesar de passar por muitos problemas de saúde, problemas pessoais, ela nunca mediu esforços para nos ajudar. Tenho ela como exemplo a ser seguido, uma mulher admirável.

Com todo esse leque de aprendizagem que a disciplina nos oferece é como se nos transformasse profissionalmente, nossas dificuldades vão desaparecendo aos poucos, nossas práticas pedagógicas se ampliando, passamos a ter um domínio de conteúdo que às vezes nos surpreende. Antes era a maior dificuldade em planejar uma aula, hoje pegamos qualquer conteúdo e planejamos aulas excelentes. São transformações visíveis, não só por nós, mas também pela sociedade e isso faz com que as pessoas acreditem mais em nosso potencial.

O curso é válido, mas se eu pudesse mudar algo, eu mudaria a carga-horária, pois acho pouco o tempo para absorver tantos conteúdos e com isso quem perde somos nós. Antes de iniciar o curso, apesar de eu estar em sala de aula lecionando e ser chamada de professora, eu ainda não me sentia realmente professora, ao iniciar o curso em 2016 eu já comecei a me aceitar como professora. Essa foi uma mudança grande para a minha vida profissional. Passei a me reconhecer como tal e com isso fui me valorizando mais e não aceitando algumas críticas e humilhações.

Durante o curso eu era casada e me separei pela segunda vez, foi um momento bem difícil, no qual eu só consegui me libertar graças a um grande amigo que eu fiz no curso, foi muito sofrido lidar com essa situação durante o período do curso, mas eu consegui superar, toquei minha vida sozinha. Tinha momentos que eu achava que não iria conseguir, era muito difícil só com o salário que ganho sustentar 5 pessoas (tive meu 4º filho em 2014, uma menina, filha do segundo marido), pois nenhum dos pais dos meus filhos me ajuda a sustentá-los.

Minha realidade profissional durante o curso não é tão diferente da de hoje, pois já estava lecionando na sede do município, na mesma escola que atualmente estou trabalhando, as mudanças são só nas metodologias, pois com o decorrer do curso, vamos ampliando nossos métodos. Nos tornamos mais criativos e pesquisadores, não aceitamos mais as mesmices, buscamos inovação a cada ano.

A maior dificuldade é que somos profissionais contratados, ao final de cada ano letivo o contrato cai e ficamos desempregados, nos períodos do curso passávamos dificuldades financeiras pelo fato de todo início de ano estarmos desempregados, de dezembro a março ou abril, bem no primeiro período do ano.

Enfim, minha realidade é diferente da realidade de meus colegas, pois não lecionava mais no interior quando comecei o curso de Pedagogia, não mudei de escola durante o curso e até hoje continuo na mesma, a escola municipal Padre Guilherme Burmanje.

### **A pandemia de Covid-19**

Minha vida profissional no decorrer do surto pandêmico, só mudou em alguns aspectos: no início do período os trabalhos foram suspensos, porém continuei recebendo meu salário normalmente, eu fiquei em isolamento social, cuidando apenas da minha família em casa. Minha renda financeira não foi afetada, então mantive o sustento de minha família normalmente.

Quando a pandemia calçou um pouco, voltei com minhas atividades docentes, porém com um novo método de ensino, as aulas remotas, que finalizaram em 2020. Iniciamos o ano de 2021 com essa mesma metodologia, mas devido ao aumento de casos da covid-19, tivemos que suspender as atividades novamente. Quando retornamos, já foi com aulas presenciais, mas com outra metodologia, o do formato híbrido remoto.

No período do curso de Pedagogia, no decorrer da pandemia nos comunicávamos via WhatsApp, conversávamos em grupos, tirávamos as dúvidas uns com os outros e eu como não tenho computador para digitar os trabalhos, digitava todos no celular e enviava para um amigo fazer a formatação. Foram tempos difíceis, mas com expectativas de vitórias.

Em relação minha formação durante a pandemia, foi um momento triste e de muitas reflexões, pois esperávamos concluir no ano de 2020, mas, devido ao momento da triste realidade em que nosso planeta se encontrava, tivemos que parar nosso curso, por tempo indeterminado, isso nos deixou muito tristes, estávamos vivendo uma realidade nunca vista antes, era como se meus sonhos estivessem sendo mortos pelos vírus também.

O município abriu inscrições para um concurso público e a não conclusão de nosso curso tirava minhas esperanças de um reconhecimento, de um salário melhor, até mesmo de uma chance de ser uma profissional efetiva pelo concurso. Perdemos o tempo de conclusão e as notícias eram de que não tinha data para recomeçar, o ano de 2020 se foi e com ele muitos momentos de tristezas e desespero também se foram. O bom foi que pelo mesmo motivo que nossa conclusão de curso foi adiada, o concurso público também e isso era uma esperança para que os sonhos continuassem vivos.

Entra 2021 e com ele muitas expectativas e as esperanças de recomeçar, com as benções de Deus um novo período surge, apesar de não ser presencialmente, ser via internet, entramos com toda garra, foi um período dificultoso, pois era mais difícil tirar as dúvidas, tivemos professores excelente e uma coordenação dedicada, isso nos ajudou muito no decorrer do último período do curso.

### **Considerações Finais**

A escrita desse texto me possibilitou descobrir como foi extremamente importante ter Cursado Pedagogia pela melhor universidade, a Universidade do Estado do Amazonas-UEA/Parfor, mesmo utilizando esta modalidade de aulas concentradas, o curso foi de grande aprendizagem para todos, nos dando novas ferramentas para ingressar no mercado de trabalho.

Ao concluir o curso percebo a grande diferença em minhas práticas pedagógicas, tornei-me uma profissional renovada, que busca, que pesquisa, que inova as metodologias no decorrer de suas práticas docentes.

Ao me deparar com alguns pontos marcantes durante o curso, tive o privilégio de escrever sobre minha própria vida, em um memorial, foi uma experiência emocionante, reviver grandes momentos, uns marcados pelo sofrimento e outros por momentos felizes que me trouxeram grandes reflexões sobre como seguir a minha jornada.

É nesse momento de conclusão que se concretiza minha certeza na escolha desse curso, é uma área em que me identifico tanto profissionalmente, quanto como pessoa. Tenho muitas expectativas na minha carreira profissional, o término desse curso foi só a primeira porta se abrindo para novas conquistas, através dessa primeira conquista muitas outras poderão vir e grandes sonhos poderão ser realizados.



## CAPÍTULO 31

### MUDANÇAS E AVANÇOS QUE A EDUCAÇÃO ME PROPORCIONOU

Mário Jorge Lima da Silva

Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### Introdução

Este texto aborda versa sobre a minha vida pessoal, docente e acadêmica, mostrando os pontos fortes e fracos, de acordo com a maneira de ensino e aprendizagem.

No decorrer da escrita é feito uma análise das superações de um estudante que veio do meio da floresta amazônica, do município de Tapauá, para a área rural do município de Itamarati, no qual a teoria era desconhecida e a prática estava por vir.

#### Meu caminho até a escola

Tenho 32 anos, nasci na zona rural do município de Tapauá, no rio Purus Amazonas, filho de Manoel Siqueira dos Santos e de Celeste Lima da Silva, pai de cinco filhos.

Atualmente resido na cidade de Itamarati, no médio Juruá. Venho de uma família miscigenada, indígena, Kanamari com Cearense, na qual meu avô Inácio veio do Ceará para o Amazonas na época da borracha e conheceu minha avó Antônia, indígena Kanamari, a mesma já habitava aqui no rio Juruá amazonense, daí a miscigenação de uma família com várias marcas traçadas no sangue que corre na veia.

Para ter acesso a escola, meus pais tiveram que migrar do município de Tapauá-AM, para o município de Itamarati-AM, foi um percussor a pé, que durou setes dias e setes noites de viagem no meio da floresta amazônica. Durante a viagem tivemos uma perda de um ente querido, minha tia, irmã de minha mãe que adoeceu na viagem e foi a óbito. Foi uma viagem complicada, às vezes ficamos sem comer e sem beber devido ser um lugar desconhecido. Chegamos ao nosso destino muito debilitados, depois de uma semana de caminhada subindo e descendo morros, foi uma viagem inesquecível que ao lembra as lágrimas escorre nos olhos, as marcas ficaram traçadas nos semblantes daqueles que fizeram o percurso.

Minhas primeiras lembranças educacionais foram os bons costumes com minha mãe, pois desde muito cedo meus pais se separaram, minha mãe me ensinava como respeitar as pessoas, como eu poderia me

comportar e não citar palavras não agradáveis direcionadas as outras pessoas, não podia me intrometer nas conversas dos adultos, nem caminha entre eles enquanto os mesmos estivessem conversando, isso é educação informal. Desde então aprendi os bons modos, minha mãe foi a minha primeira professora no mundo e na vida.

Em maio de 1997, tive o primeiro contato com a escola na comunidade São Sebastião, município de Itamarati, lá passei quase um ano para poder ingressar, pois ao chegar à referida comunidade o ano letivo já havia iniciado, e a professora não aceitava ouvinte.

Não ser aceito na escola foi algo inesperado, sendo que a escola teria espaço suficiente de me acolher como aluno ouvinte, isso atrasou um ano letivo. Durante o ano observava os coleguinhas, quando eles realizavam as atividades as tarefas, eu ficava olhando e com um pouco de inveja, com um desejo de estar ali fazendo parte da turma.

No ano seguinte finalmente consegui ingressar em uma escola pública, minha experiência foi das melhores possíveis, pois era um sonho estudar, iniciei já na primeira série e daí dei continuidade aos meus estudos.

Iniciei na 1ª série do ensino fundamental com a professora Maria Socorro, era uma professora muito dedicada e severa, ensinava com método tradicional. No início foi muito difícil, porque eu era muito tímido e não sabia me associar com os outros colegas, ao entrar na sala procurei logo um lugar na parte de traz da sala, com vergonha, tímido porque minhas roupas eram rasgadas e velhas, minha mãe tinha colocado remendo, me sentia oprimido, mas com o passar do tempo fui me adaptando com a realidade, não tinha caderno porque minha mãe não tinha como comprar, a professora me deu um caderno, lápis, borracha uma cartilha e uma tabuada feita por ela.

De acordo com que o tempo foi passando, fomos utilizando o material, a professora usava uma palmatória que ajudava com o ensino, ela dava uma lição da tabuada para levar para casa, no dia seguinte ela fazia as perguntas, se o aluno não conseguisse responder, ela dava uma palmatória na mão, por isso todos se esforçavam para aprender a lição que ela passava, no final do primeiro ano aprendi bastante.

Passei cinco anos nesta escola, de acordo com o passar do tempo fui aprendendo, a escola era de madeira e velha, quando chovia às vezes a professora liberava os alunos, perdemos muitas aulas o ambiente da escola era precário, os bancos eram de tábua e a mesa era outra tábua, mas dava para gente aprender e entender o conteúdo que a professora ensinava. As aulas que eu mais gostava eram as que envolviam a psicomotricidade, brincadeiras de rodas, foram essas aulas que me fizeram perder a timidez e socializar com os colegas, foi a interação que me marcou no ensino fundamental.

Em janeiro de 2002 saímos da comunidade São Sebastião com destino a cidade de Itamarati, lugar esse que nunca tinha ido, para nos deslocarmos para a cidade, viajamos em uma canoa de arvore que meu avô tinha, era muito grande e como agente tinha poucas coisas, embarcamos tudo e seguimos viagens remando,



era longe e cada remada que dávamos estávamos mais perto da cidade. Durante três dias e três noites viajamos, no terceiro dia, já muito cansado e com fome, não conseguimos mais remar, paramos em uma comunidade e esperamos uma embarcação passar para que pedíssemos uma carona, uma passagem com nossa canoa do lado. No quinto dia conseguimos pegar uma embarcação, foi um alívio, no dia seguinte conseguimos chegar à cidade de Itamarati.

Mais um problema a enfrentar: o lugar da hospedagem. Era cedo do dia quando chegamos, minha mãe saiu à procura de um lugar e ficamos aguardando, quando ela chegou já vinha com a notícia de que já havia um local para nós ficarmos, um alojamento da prefeitura para abrigar as pessoas que moravam na zona rural, era um quarto pequeno, mas estava de bom tamanho, esse local foi nossa moradia por três anos, passamos mais uma vez fome, sem dinheiro e sem profissão, era um momento delicado, mas do lado do alojamento morava um senhor que comprava areia, eu e meu irmão começamos a carregar, era 1 real a lata de areia, conseguimos compra o café e o açúcar.

Nossa mãe nos matriculou e ficamos aguardando as aulas iniciarem, até que chegou o início do ano letivo na Escola Estadual Santos Dumont, no 6º ano do ensino fundamental, no ano de 2003. Era uma turma grande, eu era o único novato da turma, muito tímido e envergonhado, já procurei o canto da sala. No primeiro dia era entrega de materiais, ainda bem, pois eu não tinha e nem minha mãe tinha como comprar, ainda lembro-me dos materiais, era um caderno pequeno, lápis, uma borracha e um apontador, a professora falou: tenham cuidado porque quando acabar não tem mais, vocês vão ter que comprar. Isso era um alerta para nós.

Minhas professoras eram a Doninha a outra era a Mader, ela era a diretora também, uma era professora de Português a outra professora de Matemática, se apresentaram e liberaram, fiquei bastante animado, pois iria continuar meus estudos. No segundo dia foi mais difícil porque comecei a sofrer bullying por trazer meus materiais numa sacola de bolacha para escola e minhas roupas eram mais velhas, meus colegas tinham bolsas, eu não, apenas um saco de bolacha, sempre era motivo de risadas, eles chutavam o saco que minha mãe tinha preparado com bastante carinho para levar meus materiais, quando cheguei em casa falei para minha mãe, ela chorou e me aconselhou a não dar atenção, mas não tinha como não dá, porque era muito sério e dolorido aceitar todos aqueles preconceitos, eu falava para a professora e ela não resolvia nada, passei o ano todo sofrendo.

Já na aprendizagem eu não tive muito rendimento por causa do bullying que eu sofria, às vezes nem sequer entrava em sala de aula, por motivo de chacotas, mesmo assim conseguir ser aprovado para o sétimo ano do ensino fundamental. Enquanto isso em nossa casa, no alojamento, a mamãe se virava, fazia várias atividades para conseguir o pão de cada dia, ela pescava, trabalhava na roça por diária de dez reais, eu e meu irmão carregávamos areia, pescávamos, carregávamos madeiras e ajudávamos a mamãe quando ela ia trabalhar na roça.

No ano seguinte, na sétima série, continuava a mesma turma, só que nesse ano de 2004 o governador mandou material didático, fardas e calçados para os alunos, eu me senti melhor e o bullying já não existia mais. Nesse ano ingressou um novato, era o Elisberto, conhecido como Branco, ele era humilde e nos tornamos os melhores amigos, passamos a brincar juntos, pescar, jogar bola, às vezes fugíamos da escola para tirar jambo ao lado da escola, mesmo assim o meu desempenho melhorou.

Os professores mudaram, eram três: o professor Maia, a professora Fátima Pinheiro e a professora Doninha, elas eram muito legais, a diretora promovia torneio educativo na escola e agente se divertia muito, esses professores eu não esqueço de maneira nenhuma, todos iam fardados e a escola fornecia merenda, a merenda era boa, eu sempre tentava pegando duas vezes por que era para levar para meus irmãos em casa.

Em 2005 comecei a cursar o oitavo ano durante a noite, minha mãe fez uma solicitação para eu ser transferido para estudar a noite, pois precisava trabalhar durante o dia, porque ela não conseguia sustentar a nossa família sozinha, passei a estudar pelo EJA-Educação de Jovens e Adultos, nesse mesmo ano meus avós foram plantar roça, eu passei a ajudar eles durante o dia e a noite estudava, fui muitas vezes para aula com fome, eu jantava a merenda da escola. Para ir trabalhar eu remava um percurso de duas horas para ir e vim, muitas vezes dormia na cadeira e o EJA era muito corrido, nesse ano estudei duas séries.

Em 2005 estava terminando meu ensino médio, fui transferido para a melhor escola da cidade a Escola Estadual Francidene Soares Barroso, onde terminei o ensino médio, foi um dos melhores anos, era no segundo andar, a escola era padronizada, a diretora organizava a entrada e a saída. Consegui terminar o ensino médio e fiz a formatura, eu não tinha roupa adequada. O professor Maia me emprestou a roupa dele, ficou um pouco grande, mas valeu a pena, eu era o orador da turma, minha mãe estava orgulhosa de mim, ela era minha paraninfa, meu discurso de orador durou vinte minutos, era mais uma etapa vencida, graças a Deus eu tinha conseguido.

### **Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR**

Antes de entrar para a docência, trabalhei na agricultura familiar e como boia fria, depois de terminar o ensino médio, fui contratado para trabalhar em um comércio, pertencente ao senhor Antônio Francisco Taveira de Oliveira, passei oito anos nessa empresa, esse foi o meu primeiro emprego depois de terminar o ensino médio.

Soube de uma seleção de pessoas que tinham terminado o ensino médio, eu pedi permissão para o patrão por uma semana para participar dessa formação, as vagas eram poucas e tinham muitos concorrentes, consegui passar em terceiro lugar, foi uma alegria muito grande, me mandaram preparar tudo que eu iria lecionar na zona rural do município de Itamarati. Me desloquei até a comunidade São Braz para lecionar, ao saber da notícia, meu patrão ficou muito triste e me deu uma gratificação em dinheiro por ter prestado serviço

a empresa, ele não gostou, mas eu queria ser algo a mais, porque tinha terminado o ensino médio e queria ir mais longe.

A turma tinha 16 alunos numa sala multisseriada, o barco já estava saindo e eu não tive como ir porque tinha que resolver algumas atividades pessoais, depois pedi que meu pai fosse me deixar no destino lotado, de canoa e rabetinha, a distância era de 12 horas de viagem, saímos de Itamarati 6 horas da manhã, quando foi 6 horas da tarde chegamos ao local desejado. O outro professor já estava lá, todos da comunidade me esperando e já tinha organizado o lugar para eu ficar, era o quarto da escola.

O barco da supervisão ainda não tinha chegado, enquanto ele não chegava a gente reuniu a comunidade e fez a limpeza da escola, no primeiro e segundo dia eu dormi bem e no dia seguinte não conseguir dormir, pois, algo muito estranho estava tirando minha atenção, ruídos e choros de crianças durante a noite, foi um pesadelo de muitas perturbações. Algo de natureza de outro mundo.

No dia que o supervisor chegou, fez uma reunião para apresentar os professores, eu estava muito entusiasmado porque as pessoas já me chamavam de professor, eu ficava feliz e alegre, o primeiro dia de aula foi mais ou menos, o professor já tinha me dado umas dicas, pois, ele já era professor há muito tempo, achei legal, mas era muito difícil por que tinha alunos que sabiam ler e escrever e outros não, com isso, dificultava meu trabalho.

Lembro-me de uma situação que passei na escola que nunca esqueci, eu não sabia acentuar uma palavra (a palavra JURUÁ), meio envergonhado saí da sala, chamei o professor na sala ao lado e perguntei meio sem jeito como se acentuaria essa palavra, ele me respondeu, era no final da palavra. Era o início de minha carreira profissional, foi algo bem marcante para mim.

O ambiente da escola era bom, ela era nova, mas tinha muitas vezes que saía da sala porque a temperatura era muito quente devido ao Sol, às vezes fazia como Paulo Freire, leciona embaixo das árvores. Foi um ano muito difícil porque tinha deixado minha esposa e meus dois filhos e a ordem que o supervisor dava era que os professores só poderiam ir à cidade de dois em dois meses, a saudade era muita, mas tive que superá-la, a distância foi uma das dificuldades que mais me causou sofrimento durante minha carreira profissional.

Passei dois anos trabalhando nesta comunidade, obtive bons resultados, no final do primeiro ano letivo, na reunião com o supervisor a comunidade pediu para eu ficar mais um ano, permaneci e no final do segundo ano me emocionei muito quando, fui entregar a escola, o supervisor pediu para ver cada aluno lendo, eles leram, foi gratificante, o trabalho árduo que é ser professor, esse é o melhor presente que um professor pode ter.

No terceiro ano mudei de comunidade, era a comunidade Papagaio, na Escola São Francisco do Canindé, passei a trabalhar com duas cadeiras, 40 horas, uma era do pré I a 5ª série, a outra era do 6º ao 9º ano, também multisseriado, com todas as disciplinas, foi uma alegria porque eu iria ganhar mais, mas por outro

lado, como dominar as turmas sem formação? Eu sempre usava livros para me lembrar, associava a realidade dos alunos com o conteúdo dos livros. Essa comunidade era próxima da cidade duas horas de viagem, aos finais de semanas eu ia buscar recursos e graças a Deus as pessoas me ajudavam, a secretaria sempre me apoiou do jeito que poderiam, facilitou meu trabalho, permaneci durante nove anos nesta mesma comunidade.

Durante esses últimos anos eu fiz alguns cursos: Formação Continuada, PNAIC, esses cursos me fizeram usar com mais coerência alguns métodos de ensino, como por exemplo: gêneros textuais, a fala, a escrita, o comportamento, a postura, desenvolver projeto educacional e o lúdico em sala de aula.

Passei por duas escolas durante a minha atuação antes do Parfor, nas quais atuei dois anos na comunidade São Braz, e nove anos na comunidade Papagaio, foi onde obtive minha carreira profissional que me possibilitou participar da faculdade, pois só se ingressava quem estava atuando na zona rural e eu fazia parte desse grupo que foi selecionado para ingressar na faculdade.

Depois que comecei a cursar o Parfor, percebi que a minha prática docente mudou muito, as disciplinas trouxeram leques de conhecimentos que aprimorou a minha docência, me senti mais seguro. O Parfor me transformou da postura até a fala, nos primeiros seminários eu ficava nervoso, levava um papel na mão, só fazia ler o que estava ali, porque tinha muitas palavras desconhecidas que eu não sabia o significado, o dicionário eu não conhecia, mas com o passar do tempo fui me aperfeiçoando, comecei a entender as teorias e com o passar do tempo eu já dominava os conteúdos e as disciplinas, já não usava mais o papel na mão, comecei a entender os textos com facilidade e interpretá-los.

Nas atividades integradoras aprendi bastante, os professores que mais me identifiquei foram os professores Fernanda Quintino, Rosimario Quintino, Fátima Dantas e Camilo, a disciplina que marcou minha vida foi a de Políticas Públicas, aprendi algumas partes da Constituição e a LDB.

### **Estudando, trabalhando e lutando: o percurso da minha formação**

O que pude perceber em minha atuação durante o Parfor foi uma mudança radical em relação aos anos anteriores antes do Parfor, percebi uma outra visão de mundo, totalmente diferente, o meu comportamento mudou, a minha didática mudou, em minha casa comecei a educar meus filhos de uma nova maneira, passei a observar as crianças e seu comportamento, como elas se desenvolvem, vendo meus filhos brincando percebi claramente que quando Vygotsky falava do brincar de faz de conta, usar a imaginação da criança é algo extraordinário, a criança tem uma capacidade de se desenvolver muito, no brincar as crianças estão desenvolvendo a coordenação motora, desenvolvimento psicológico e sem contar que elas viajam no mundo delas. Durante o curso descobri que a criança desde o ventre de sua mãe, já se comunica e que o choro

é uma linguagem, quando ela está com fome o choro é de um jeito, quando ela está com uma dor o choro é outro jeito, quando ela quer dormir o choro também é diferente.

Então minha atuação durante o Parfor fez com que eu desenvolvesse mais a prática pessoal e profissional, em sala de aula a metodologia melhorou o desempenho de cada um dos meus alunos, passei a observar mais o comportamento de cada um e descobrir que uns tem a facilidade de aprender mais rápido, outros menos e que todos são capazes.

Hoje me tornei referência em relação a outros colegas de profissão que não estão no curso, às vezes eles me procuravam para ajudá-los, tiravam dúvidas e também para fazer planejamento, algo bem prazeroso, adoro ajudar e fico disponível para ajudá-los, só que eu falo em questão de planejamento, para aplicar dentro de sala de aula, trazendo para realidade do aluno, por que os mesmos já vêm carregados de conhecimento.

Sabemos que a educação continua durante toda a vida. Paulo Freire fala o seguinte: no dia em que eu parar de aprender é porque eu morri. Ele quis dizer que todo dia a gente aprende e que ninguém sabe tudo e que não existe saberes mais ou saberes menos, apenas saberes diferentes. O curso de Pedagogia me fez pensar no próximo, me pôr no lugar do outro ser humano, ser um ser reflexivo, pensante e que me auto avalio enquanto profissional.

Durante o curso venho evoluindo porque me dediquei ao máximo que pude e tive algumas lições de vida, na turma em que eu estudo eram 44 alunos, sendo cinco indígenas e só eu e meu irmão nos preocupávamos em os ajudar, muitos só pensam em si próprios, na individualidade, mas enquanto nós menosprezamos, no mesmo instante estamos perdendo a oportunidade de aprender com eles, e eu sou a prova viva desse aprendizado. No início que começamos o curso em 2016 eu não sabia falar nenhuma palavra na língua Deni, com ajuda, união e a coletividade pude perceber que eles são muitos inteligentes, durante o desenvolvimento do curso me aproximei dos indígenas e aprendi bastante com eles.

Hoje sou trilingue, falo Português, Deni e Kanamari, um exemplo disso é que eu traduzi o TCC de todos os colegas indígenas, são pessoas de cultura diferente e que saíram de sua zona de conforto, levando em média três dias de viagem para poder chega aqui, sem tem o que comer muitas das vezes e nem lugar para ficar, hoje percebi que valeu a pena me aproximar dos indígenas. Na reflexão pedagógica atual e, particularmente, da didática, tenho ampliado a minha preocupação com as diferenças culturais, pois elas devem ser vistas como algo subjetivo.

O Parfor me ensinou a aprende com a diversidade de culturas e com a sociedade. Pretendo continuar na docência durante toda vida, me aperfeiçoar mais e mais na área da educação, tornar-me um professor qualificado e preparado para a docência. Vendo toda essa escassez de profissionais nas escolas, percebe-se o tamanho da importância do curso do Parfor no município de Itamarati.

Se eu pudesse mudar ou acrescentar algo no Parfor, eu acrescentaria uma especialização para esses professores que estão cursando Pedagogia, todo conhecimento empírico e científico adquirido durante todo o curso vem só ampliar mais meu conhecimento na prática docente.

No início de 2021 fui convidado para trabalhar na Coordenação Escolar Indígena, Deni-Kanamari, devido eu saber falar ambas as línguas que aprendi durante o curso de Pedagogia no Parfor, e em junho de 2021 fiz um seletivo para Coordenador da Logística Educacional, fui selecionado em segundo lugar.

Houve uma grande mudança no fator reflexão na minha prática docente, na melhoria das minhas habilidades, na prática, uma vez que iniciei leigo e sem norte. No presente percebo que sou um docente com a teoria e prática atualizados, com novos conhecimentos.

Não havendo uma forma padrão, o docente precisa se especializar, se qualificar para acompanhar as mudanças atuais, hoje estou coordenador da logística educacional e coordenador escolar indígena e isso só foi possível porque percebi que tinha que busca novos conhecimentos, inovar. Na academia tive que aprender duas línguas que ainda são desconhecidas, a dos povos indígenas DENI e KANAMARY, do rio Xeruã, no médio Juruá, no município de Itamarati, para poder ajudá-los e isso só somou para hoje estar coordenador escolar indígena.

### **A pandemia de Covid-19**

Minha vida profissional durante a pandemia teve vários pontos parados por motivo das aulas terem sido suspensas, com isso passei a procurar novos recursos, nesse período da pandemia com a graça de Deus, sobrevivi por meio da pesca, um novo método de sobrevivência, devido ter ficado desempregado, esse era o único meio de sustentar a minha família.

A turma procurou novos métodos de sobrevivências, eu, o Melk e o Antônio Rosalino, organizamos um trio para pescarmos, dessa maneira a turma foi caminhando e sobrevivendo, se ajudando. Desde 2016, do início do curso, foi a pior fase de minha vida financeiramente, pois passei mais de ano sem trabalhar como docente devido às aulas terem sido suspensas, devido a pandemia de covid-19.

Só em janeiro de 2021 retornei para as atividades educacionais. Dessa vez já não estava mais professor e sim coordenador escolar indígena, foi um sonho realizado, pois estava trabalhando em prol da educação dos parentes indígenas das etnias Deni e Kanamari, sendo que já estava disponível para ajudar os mesmo no curso de Pedagogia há muito tempo e agora eu iria trabalhar diretamente com os mesmos.

Durante a pandemia minha vida acadêmica se modificou, o curso se atrasou bastante, devido à covid-19, ao reiniciar as aulas de forma EAD, por meio de grupos WhatsApp, foi uma nova maneira de retomamos o curso de Pedagogia, depois de algum tempo parado, pois por alguns períodos tivemos que nos inventamos.

No início foi algo novo e com um tempo nos adaptamos, o mundo se modificou, e tivemos que acatar novos métodos de ensino e aprendizagem.

As coordenações se mobilizaram durante o curso para podermos concluir, ambas as coordenações fizeram o melhor para nos atender durante a pandemia. Os últimos dezoito meses foram de grandes desafios que me possibilitou me reinventar, encontrar novos métodos de sobrevivência, a pandemia nos remeteu a uma renovação e nos trouxe uma crise grande, perdemos empregos e renda. Os contatos com a leitura foram constantes, meus contatos com os colegas aconteceram via celular, em minha residência fazias as leituras dos materiais e no local de trabalho, ao retornamos o curso, formei um grupo com os parentes indígenas no meu setor de trabalho e na minha residência, ajudando os mesmos e aprendendo ao mesmo tempo.

### **Considerações Finais**

Em virtude dos fatos acima mencionados, posso constatar uma gama de aprendizados e entendimentos, pois o curso modificou meu perfil profissionais e me possibilitou desenvolver em diversas áreas: no psicológico, no cognitivo, na teoria, na pratica, na personalidade, ser mais reflexivo, ser inovador, ser pesquisador e etc.





## CAPÍTULO 32

### LUTAS, DESAFIOS E CONQUISTAS: MINHA VIDA E A EDUCAÇÃO

Melquezedequê Lima da Silva

Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### Introdução

O presente texto tem como objetivo relatar a minha trajetória de vida através da educação. Nele trago um pouco da história da minha infância, minhas experiências com a escola, tanto no ensino fundamental, quanto no ensino médio e também as minhas experiências com o mundo do trabalho. Minha trajetória enquanto docente e a minha vida no ensino superior, no curso de Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas, pelo PARFOR, é aqui descrita, bem como o que ocorreu na minha vida durante a pandemia, nos últimos semestres do curso.

#### Meu caminho até a escola

Tenho 31 anos, sou casado com Maria de Jesus da Silva Barros, tenho duas filhas: Elkillane Oliveira da Silva e Nicolle da Silva Barros, meus avôs maternos são Inácio da Silva de São Bento e Antônia Paulino de Lima. Tenho três irmãos, Mário Jorge Lima da Silva, Kelly Pereira da Silva e Sanderly da Silva Pereira.

O início de minha trajetória de vida começou em Tapauá-Amazonas, no rio Purús, cidade onde nasci, sou filho de Celeste Lima da Silva e Manoel Siqueira dos Santos e durante a minha história de vida, falei muito pouco de meu pai, porque segundo minha mãe, nós vivemos muito pouco com ele, ela se separou do meu pai e viemos morar no município de Itamarati-Amazonas, na Comunidade São Sebastião, foi muito difícil para nossa família continuar morando lá.

No ano seguinte que minha mãe separou-se do meu pai e tivemos que ir embora por causa das doenças (malária, catapora e sarampo) que estava afetando a comunidade, infelizmente a minha tia adoeceu de sarampo e semanas depois em uma viagem que durou sete dias por terra, ela faleceu, afetada pela doença, meus avôs e minha mãe sofreram muito com a morte de minha tia.

Dias depois da morte de minha tia e da separação da minha mãe, nós viajamos para ir morar no seringal São Sebastião, ao chegarmos lá, encontramos muitas dificuldades, primeiro porque nós não tínhamos casa e segundo porque tínhamos que recomeçar. Ficamos na casa de minha tia e morávamos na cozinha porque não tinha quartos suficientes para ficarmos, não tínhamos aconchego e privacidade porque era um lugar

aberto, mas fomos nos adaptando aos poucos. Lá era uma realidade totalmente diferente da qual nós vivíamos antes, novas pessoas, rio de águas barrentas e nova comunidade.

Na comunidade São Sebastião o nosso único meio de sobrevivência era agricultura e a pesca, minha mãe trabalhava muito todos os dias, porque na época eu tinha dois anos de idade, ela se preocupava muito para conseguir a nossa alimentação, parte do que ela conseguia produzir era vendido para os regatões e comércios ribeirinhos para poder comprar o açúcar, café, leite e o sabão, assim ela ia dando um jeito de nos sustentar.

Com muita luta, após três anos guardando o dinheiro que ela conseguia com a produção da mandioca e do peixe e com ajuda de minhas avós e tios, ela conseguiu construir a nossa primeira casa, na comunidade São Sebastião, uma moradia simples, feita de madeira roliça Envireira, Pachiuba e Palha da terra firme.

Eu e meus irmãos ficamos muitos felizes, era uma grande conquista poder morar em nossa própria casa, dias depois a minha mãe tinha nos matriculado na escola, quando eu recebi a notícia fiquei muito feliz, pois eu via meus colegas passando para escola e ficava muito ansioso para estudar juntos com eles. Eu comecei no primeiro ano do ensino fundamental no turno matutino, porque não tinha pré-escola na época, os primeiros dias letivos quase nem dormia ansioso para ir à escola, eu tinha seis anos de idade, a minha professora se chamava Maria do Socorro, meu primeiro contato com a escola era um grande sonho se realizando, que era aprender a ler e a escrever.

A minha turma era muito grande alunos de todas as idades, o mais velho era nosso vizinho, ele tinha uns quarenta anos a mais que eu, na época quem tinha a quarta série já podia lecionar, era o caso de minha professora e assim se tornava um grande desafio em sala de aula, brigas entre colegas e eu sempre estava junto, nos arengávamos para ver quem terminava a tarefa primeira ou até mesmo para ver quem sairia primeiro no final da aula, mas o que eu não gostava era no final da aula, porque a professora fazia tabuada entre dois alunos e quem não acertava levava bolo na mão com uma palmatória que ela tinha, de madeira.

No verão era um pouco tranquilo o trajeto para chegar à escola porque o caminho era limpo pela minha mãe e meus tios, mas quando chegava no inverno, eu tinha que ir por dentro d'água, às vezes eu me molhava todo e a minha mãe tinha que colocar o material escolar dentro de um saquinho de bolacha para não molhar e assim se repetia todos os dias, até chegar o verão.

A escola da minha comunidade era de madeira, tinha uma sala, não tinha banheiro, quando queríamos fazer necessidade a professora mandava nós irmos para a mata, ou atrás da escola, dependendo da necessidade e às vezes no intervalo nós aproveitávamos para assar milho, comer peixe ou batata cozida, quando tinha, porque na escola não tinha merenda e nem material escolar e a professora acabava nos liberandos para voltarmos para casa.

Outra dificuldade que eu enfrentava em casa e na escola, além da fome, era falta de roupa para vestir, eu tinha no máximo três mudas de roupas, eu dividia com meu irmão, quando chovia, às vezes eu ficava em casa e meu irmão ia pra escola no outro dia ele ficava e eu ia. Éramos muito tristes, nós sofremos muito e o pior era quando tinha festejo nas comunidades, eu não ia porque eu não tinha roupa para vestir, eu chorava muito, mas nunca desisti, por incentivo de minha mãe e meus irmãos, graças a Deus.

No segundo ano tive duas professoras, a que eu gostava mais era Maria Socorro. Quando eu faltava nas aulas ela perguntava para minha mãe porque eu não tinha ido para a aula. E a minha mãe às vezes não queria responder, por que para ela era algo muito triste dizer que seus filhos não tinham ido à aula porque não tinham roupas para vestir e que estavam passando fome e dificuldades, mas mesmo assim, triste, ela respondia: meus filhos tem poucas roupas, quando chove não dá para eles irem para a aula e a professora ao ouvir palavras tão tristes da mãe de seus alunos, ficava muito triste ao presenciar aquela realidade tão sofrida, ela se preocupava e com certeza ficou muito comovida.

Certo dia, a professora mandou chamar a minha mãe, falou com a nossa vizinha Maria José e minha mãe foi até sua casa, quando ela voltou para casa, vinha trazendo uma sacola na mão, a professora tinha comprado duas mudas de roupas para cada um de nós, foi um momento de muita alegria, eu pude ir ao primeiro festejo, foi um presente que guardo até hoje em minha memória.

Um ano depois a minha mãe conheceu um rapaz que se chamava Claudécir, ele trabalhava na Letal e começou a namorar com ele, o patrão dele a chamou para trabalhar com ele na cozinha do barco, foi o primeiro emprego que ela conseguiu depois de chegar ao seringal São Sebastião, foi muito gratificante porque ela comprava o nosso alimento e não precisava ir todos os dias pescar ou para o roçado.

Alguns meses depois do início do namoro, Claudécir pediu a minha mãe em casamento e meu avô concedeu, logo construíram uma casa de palafitas, com a coberta de alumínio e nós começamos a morar nela, no mesmo ano comecei a estudar no segundo ano, quando eu saía da escola eu ia ajudar a minha vó fazendo carvão para vender, no dia seguinte eu ia tirar barro para ela fazer fogão.

Já meu avô cortava seringa, saía à noite com uma porunga na cabeça e meus tios o acompanhavam para aprender a cortar, quando era de dia ele ia pesca peixe liso para secar e vender aos regatões que comercializavam no rio Juruá, enquanto os meus tios iam colher o leite da madeira para fazer a borracha, para vender e comprar alimentos.

Observando todos os dias, fui aprendendo os conhecimentos que eram transmitidos pelos meus avôs e minha mãe, daí por diante eu ia sozinho e às vezes com meu irmão ou com meu padrasto, eu gostava muito de pescar, tinha dia que eu perdia a aula e minha mãe preocupada, ia atrás de mim.

Outras dificuldades que eu enfrentava na escola eram faltas de material escolar, a professora dava um caderno de caligrafia para eu estudar o ano todo, quando acabava o caderno ele pedia para que a minha mãe comprasse porque a secretaria de Educação não tinha material escolar. A minha mãe trabalhava na

agricultura e na pesca para conseguir o nosso sustento e o dinheiro que ela conseguia não dava para comprar nosso material escolar e minha professora tinha que improvisar um caderno de papel ofício para poder passar a tarefa para casa, assim, em meio às dificuldades consegui concluir meu primeiro ano de Estudo.

Em maio de 1998, eu estava com 7 anos de idade e comecei a estudar o primeiro ano do ensino fundamental com mesma professora do ano anterior, eu ainda não tinha aprendido a ler e escrever, apenas as primeiras coordenações motoras e eu sentia muita falta do brincar, algo que minha professora não ensinava na escola, talvez por não ter o conhecimento da importância do brincar na educação infantil. Eu sentia muita falta de brincar com meus amigos ou até mesmo na escola quando eu saía da aula, a minha mãe me levava para pescar ou para o roçado, às vezes nós chegávamos de noite e não dava tempo de brincar com os meus amigos.

No segundo ano eu gostava mais de matemática, mas tinha medo, pois a professora todo final de aula fazia tabuada em duplas, mas tinha um porém, quem não acertasse pegava palmatória na mão e com força do outro colega que acertava, quem tivesse pena do colega, pegava no lugar, era triste, tinha colegas que chorava e às vezes nem aparecia na aula com medo.

Em 1999 quando eu estudava no terceiro ano do ensino fundamental, minha mãe casou-se com Claudécir meu padrasto e meses depois ficou grávida de Sanderly minha irmã mais nova tivemos que viajar para o município de Itamarati, chegando lá não tínhamos casa para morar e ficamos no alojamento municipal, nos primeiros meses foi muito difícil, não tínhamos emprego, muito menos alimentação, era uma realidade triste. Um ano depois que minha mãe teve minha irmã, uma amiga de infância, a Maria Neide que trabalhava na escola Estadual Santo Dumont, concursada pelo estado, contratou-nos para trabalhar em sua casa e nossa vida financeiramente melhorou muito, ela foi uma pessoa mandada por Deus.

Em 2000, quando chegamos ao Município de Itamarati, minha mãe me matriculou na Escola Municipal Padre Guilherme, repeti o terceiro ano do ensino fundamental, meu primeiro dia na escola foi intenso, pois trazia meu caderno dentro de um saquinho de bolacha e os meninos que estudavam na escola começaram a chutar meu caderno eu comecei chorar, foi algo novo em minha vida, pois tinha que acompanhar um ritmo diferente do que eu vivia antes na comunidade. Meu primeiro professor chamava-se Cleoberto, era um professor que trabalhava no primeiro tempo português e após o intervalo matemática, foi com ele que aprendi a ler.

No quarto ano, em 2001 estudei no colégio Estadual Santos Dumont, com a professora Cleone, Ela tinha uma caligrafia muito linda, gostava de passar texto cópia para fazermos em casa, eu achava muito chato ter que escrever um montão de páginas, quase nem tinha tempo para brincar, mas foi com ela que aprendi a escrever, no mesmo ano o governador Amazonino Mendes mandou material escolar, conga, mochila, cadernos, lápis, borracha e merenda.

Quando tinha sopa, a professora nos mandava ir para casa pegar verduras para temperar a sopa, era muito bom, pois poderíamos ficar mais tempo na escola e aprender mais. No ano de 2002 mudei de escola, estava entrando no ensino fundamental no Colégio Estadual Francidene Soares Barroso. Minha turma era do turno vespertino, a sala era no segundo piso, eram dez salas, um laboratório de informática e um de ciências, tinha uma diretoria e cinco professores: Magide Teixeira de Paula, professor de matemática, Francisco Cosmo, professor de história, Ubaldo Marques professor inglês, Ima Pissolato professor de geografia, Clemilsa Alves professora de língua portuguesa, o tempo de cada um era de quarenta e cinco minutos, eu nunca tinha estudado com tantos professores eram um novo desafio e uma nova rotina em sala de aula.

Conclui o quinto ano e fui aprovado para o sexto ano no mesmo colégio, tive cinco professores só dois eram diferentes do ano anterior: Ênio Jorge e José Aldair, Ênio trabalhava educação física e gostava de praticar futebol, exercícios físicos, correr, alongar, o que eu mais gostava era de jogar futebol com meus amigos, na aula de artes gostava muito de desenhar animais, rios, peixes e paisagens.

Falando em artes no ano seguinte conheci uns colegas que gostava de dançar, eu me apaixonei pela dança e ficava vendo os meninos dançados na sala da escola, era algo muito lindo de se ver, uma verdadeira arte, semanas depois comecei a ensaiar com os meninos, eles se chamavam de Bile, Reinaldo, Riso e o meu tio Ilson, eles estavam no colégio da dança na época, quando eu vinha para a escola trazia uma muda de roupa dentro de minha mochila para nós ensaiarmos após a aula, meses depois eu já tinha meu próprio grupo de dança que se chamava: Street Dance.

No oitavo ano eu gostava muito de matemática, meu professor era ótimo, ensinava muito bem, eu ficava viajando nos números e aprendendo, só não gostava de língua portuguesa, principalmente quando a professora Clemilsa pedia para que nós lêssemos em voz alta para toda a classe, eu ficava envergonhado, pois tinha uma menina da turma que eu gostava, mas mesmo assim eu fazia um esforço para ler.

No nono ano, após muitos anos, eu conheci meu avô paterno, o Marcelino de Lima que veio de Tapauá, minha terra natal, morar na comunidade Boa Esperança, em Itamarati, fiquei muito alegre, não conhecia ele, até hoje, ainda não conheci a minha avó paterna que se chama Moraci.

Em 2004 comecei o ensino médio, estudava pela educação de jovens e adultos, por falta de professores, fiz duas séries no mesmo ano, no primeiro semestre estudei Língua Portuguesa, matemática, geografia e história, com o professor Francisco Cosmo.

Durante o ensino médio conheci uma jovem e começamos a namorar, ela estudava durante a noite na escola estadual Santo Dumont, no começo do namoro eu perdia muitas aulas e ela também para nos encontrarmos, quase fiquei reprovado no primeiro semestre e minha mãe quando soube ficou uma fera comigo, não pelo namoro, mas sim pelas perdas de aulas. Minha mãe me aconselhou e eu entendi, comecei a focar nos estudos, eu e minha namorada conversamos sobre o nosso namoro e mudamos de rotina, estudei bastante e consegui ser aprovado.

No começo do ano de 2005, no terceiro ano do ensino médio, pedi minha namorada em casamento a seus pais e eles concederam, nos casamos, um mês depois ela ficou grávida de minha primeira filha Elkillane Oliveira da Silva, nós passamos a morar juntos, continuei meus estudos e consegui ser aprovado. No ano seguinte minha filha nasceu e fiquei muito feliz, foi uma dádiva de DEUS.

### **Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR**

Em 2010, após cinco anos de ter concluído o ensino médio, trabalhei em uma empresa de condomínio residencial, a Guiana e morava sozinho, de aluguel, a rotina era muito perigosa para mim, então voltei para o município de Itamarati. Novamente estava desempregado, certo dia uma amiga minha, professora, que trabalhava na zona rural do município, fez uma prova pelo IDAM e passou, desistiu do trabalho para assumir seu cargo no IDAM e a secretaria de educação pediu para que ela encontrasse alguém para lhe substituir na zona rural, ela lançou a proposta para mim e como eu estava desempregado, aceitei o desafio, fiquei muito feliz, conversei com a secretaria sobre o trabalho e ela me explicou que eu tinha que assumir uma turma de primeiro ano. Não pensei duas vezes, na mesma hora assinei a documentação e recebi o kit do professor, voltei para casa muito feliz, falei com a minha esposa sobre o trabalho e ela também ficou feliz, era o momento de dar a notícia a minha mãe, quando ela soube chorou muito e olhou pra mim e disse: meu filho, eu passei a vida toda sonhando que um dia você ia ser um professor, esse é o momento, agarre essa oportunidade com muita força e cuide bem do seu trabalho, assim como cuidei de você.

No dia seguinte arrumei minhas coisas e o supervisor me deixou na comunidade Vila Martins, onde eu iria lecionar pela primeira vez, chegando à comunidade o supervisor escolar fez uma reunião e me apresentou para turma e para os pais dos alunos, daí então, comecei minha vida como educador.

Meus primeiros dias letivos foram muito marcantes, uma turma de vinte e oitos alunos numa sala multisseriada, alunos de todas as idades e de todo o tamanho, quase que eu choro, mas levantei a cabeça e comecei minha aula, eu estava seguindo o mesmo planejamento de minha colega e minha primeira aula era de matemática, dividi a turma do pré ao terceiro ano e quarto até o quinto, comecei passando os números naturais no caderno e fui para o quadro, trabalhei o antecessor e sucessor dos números naturais, foi uma ótima aula para o primeiro dia de experiência.

Cada dia que dava aula melhorava minha prática docente, minha forma de me expressar, meu comportamento, a forma de conversa com os alunos, para mim era muito importante, mas eu sabia que estava faltando algo, fui pesquisando nova prática educativa lendo livros de português, matemática, ciências, história geografia e tentando trazer algo que fizesse parte de suas realidades.

Em 2012 fui lotado para trabalhar na comunidade Vista Alegre, quatro horas de motor rabetá distante da cidade, minha turma tinha vinte e dois alunos, do primeiro ao nono ano do ensino fundamental, era

novamente um enorme desafio e meu segundo ano de experiência na área da educação, novamente tive muitas dificuldades, ainda lembro-me de meus alunos mais esforçado a aprender: Antônio José, Leonardo, Beré e Nena, foram pessoas marcantes em minha trajetória.

Em 2013 e 2014 fiz cursos promovidos pela secretaria de educação, Curso de Formação Continuada para professores da zona rural SEMED, ministrante Clemilsa da Costa Cavalcante, Curso de aperfeiçoamento em educação SEMED, Curso de aperfeiçoamento em educação do campo, Escola da Terra, Curso do PNAIC, programa nacional de educação na idade certa.

Em 2015 lecionei na comunidade São Braz nos dois horários, de manhã do primeiro ao quinto ano, uma turma de doze alunos. Na turma da tarde eu tinha dezoito alunos do sexto ao nono, foram mais tranquilos, foi uma das turmas mais inteligentes que trabalhei na zona rural, aprendi muito com eles, eram bem educados e comportados, não tive oportunidade de trabalhar novamente nessa turma.

No ano de dois mil e dezesseis trabalhei na parte de cima do município de Itamarati, na comunidade Cantagalo, na turma de primeiro ao quinto ano do ensino fundamental matutino, com vinte e dois alunos, não foi fácil, na época houve uma grande epidemia de malária, estava afetando os alunos, no meu primeiro dia de aula tinha um aluno, por nome Marcelo, que estava tremendo em febre de tanta malária, fiquei muito com medo, era gente doente para todos os lados, foi um ano de muita luta, quase não dei aulas, pois adoeci, passei quase dois meses doente, mas consegui me recuperar e voltei às atividades.

### **Estudando, trabalhando e lutando: o percurso da minha formação**

Durante minha formação acadêmica que se iniciou em dois mil e dezesseis, nas primeiras disciplinas fui adquirindo conhecimentos e desenvolvendo em sala de aula nas comunidades rurais do município de Itamarati, mudei também minha prática docente na forma de planejar melhor, com os conteúdos adequados às séries iniciais.

Com conhecimento sobre planejamento, currículo, projetos, atividades lúdicas como brincadeiras, aprendi que as crianças aprendem brincando, fui cada vez mais desenvolvendo atividades coerentes e planejamentos partindo da realidade dos alunos.

Cada período da faculdade aprendia algo novo e cada vez mais me motivava a ser um educador e tentar fazer algo para melhorar a qualidade do ensino do município onde vivo, fazer tudo de bom que os meus professores não fizeram por falta de conhecimento quando lecionavam, porque não tiveram oportunidade de ter uma formação profissional na área da educação.

As disciplinas foram maravilhosas, cada uma trazia um conhecimento diferenciado, cada professor com suas formas de passar o conteúdo. Não tenho nada a reclamar, apenas parabenizar por terem me ensinado e me motivado a ser o profissional que sou hoje, sei que ainda tem muito conhecimento por vir, mas

não meço esforço e hoje também faço pós - graduação em anos iniciais e gestão escolar, graças a Deus está tudo dando tudo certo.

Com base nas experiências que tive ao longo dos períodos de faculdade, fui adquirindo bastante conhecimentos nas provas, seminários, discussões, debates, integradores e trouxe esse aprendizado para minha realidade, pude desenvolver esse aprendizado em sala de aula. Pude perceber então uma grande desenvoltura que eu não tinha antes, essa percepção ajudou a minha carreira profissional e também meu desenvolvimento cultural e social.

Apreendi com o método de Paulo Freire que ensinar com texto dentro da realidade do aluno é muito mais fácil do que ensinar com algo que não seja de sua realidade. Portanto fui mudando minha forma de ensinar, trazendo algo da realidade da criança, com base nessa teoria pude desenvolver aulas com passeios, aulas teatrais, rosa juvenil e alguns projetos desenvolvido por mim e pelo professor Mário Jorge na comunidade Papagaio, na Escola São Francisco do Canindé no ano de 2018, um torneio educativo envolvendo todos os alunos e disciplinas, leitura, escrita, desfile, futebol, caça bandeira etc. E convidamos a secretaria de educação para prestigiar os eventos.

No segundo semestre após o período da faculdade, realizamos outro projeto, com hortaliças, para ajudar na merenda escolar dos alunos. Pois o que aprendi fui colocando em prática para facilitar o aprendizado dos alunos ribeirinhos das comunidades as quais tive o privilégio de trabalhar.

Em 2017 foi um ano muito importante, fui lotado para lecionar na comunidade Vila Martins, quando comecei a trabalhar, uns dois meses depois, pude perceber em meus alunos uma grande dificuldade na hora das leituras e nas apresentações de atividades, eles eram muitos tímidos, isso vinha atrapalhando muito em seus desenvolvimentos no decorrer das aulas, nos finais de semanas eu sempre ia às comunidades vizinhas para fazer reuniões com meus colegas de trabalho (Machione Lopes, Ivanete, Reginaldo e a professora Maria Castro) para tirar dúvidas sobre os aprendizados dos alunos e falei sobre o assunto “TIMIDEZ NA ESCOLA”, todos poderão perceber essas dificuldades.

A partir de então começamos a elaborar um projeto com o tema: Não a timidez na Escola, e começamos reunir os alunos coletivamente, fizemos reuniões para pedir permissão aos pais para nós levarmos os alunos para as outras escolas, para trabalharmos gincanas educativas, com intuito de promover educação de qualidade através da (leitura, danças, atividades em grupos, palestras escritas, histórias) e o resultado foi muito satisfatório. Portanto minha atuação profissional engrandeceu cada vez mais, graças a chegada do PARFOR no nosso município.

Nos anos de 2018 e 2019 mudei de comunidade através de um seletivo municipal, promovido pela prefeitura de Itamarati para contratação de professores para áreas rurais do município, as vagas eram específicas para cada comunidade em que o professor quisesse se escrever e como eu já tinha trabalhado em comunidades muito distante da cidade, resolvi me escrever na comunidade mais perto da cidade, havia



apenas três vagas e se escreverão quatro candidatos, graças a DEUS consegui passar em segundo lugar para comunidade Papagaio, onde a distância era de trinta minutos de motor rabetá e quinze minutos de moto pela estrada.

### **A pandemia de Covid-19**

Falar sobre o período da pandemia é algo bastante sensível e que me deixa bastante reflexivo, são muitas memórias e lembranças negativas, tanto para quem vive no município de Itamarati, quanto para quem vive no Brasil. No início parecia *fake news*, muitas informações chegando e não sabíamos o que fazer, nem como saber o certo para nos proteger.

Durante a pandemia tive muitas dificuldades, principalmente com as aulas remotas, seguir essa rotina era difícil, porque eu não tinha celular para acompanhar as orientações dos professores via WhatsApp, quando tinha atividade meu irmão e colegas de turma traziam para eu responder.

Outras dificuldades que eu enfrentava era a rotina do uso de máscara, álcool em gel e o distanciamento, vendo pela TV as notícias do novo coronavírus se espalhando pelo mundo, era assustador e então eu ficava em casa o máximo que podia, saía só quando necessário, para comprar comida, ir ao hospital quando era uma emergência e às vezes quando aparecia visita de parente pedia que ficassem em casa.

Em 2020, logo após ter iniciado o período de pandemia de Covid-19, as aulas foram canceladas por motivo de prevenção. Foi um ano que não pude trabalhar e também foi um dos anos mais difíceis de minha carreira, porque além dos cuidados a serem tomados, evitar aglomeração e buscar o distanciamento, o uso de álcool em gel, e o uso de máscaras para garantir minha saúde e dos meus familiares, também fiquei desempregado (por quase dois anos).

Foi muito difícil o desemprego, sem poder receber nenhum benefício, tive o privilégio de poder contar com DEUS, em primeiro lugar e os meus familiares na questão da sobrevivência e no sustento familiar.

Já no ano de 2021, após os primeiros cinco meses, através de um processo seletivo promovido pela prefeitura e pela secretaria Municipal de educação, consegui passar em uma vaga para professor da educação infantil para 20 horas semanais e graças a DEUS fui promovido para outra vaga de professor, também de 20 horas semanal.

No dia doze de maio do ano de 2021 as aulas iniciaram, por motivos de não haver mais casos de Covid-19 no município, às aulas começaram presenciais com as turmas divididas em dois grupos, A e B. Cada grupo estuda duas vezes por semana, um dia sim outro não e na sexta-feira é o dia de planejamento dos professores.

Hoje, graças a DEUS, trabalho em duas escolas municipais, Francisca Gomes Lobo, pela parte da manhã e na escola municipal Padre Guilherme Burmanje, no período da tarde, tenho saudades dos desafios da zona rural, pois foi lá que comecei minha trajetória profissional como educador e hoje posso dizer que estou começando uma nova vida, mas com o mesmo objetivo: educação.

## Considerações Finais

Este texto foi realizado por meios de orientações via WhatsApp, senti muita dificuldade por não ter acesso a uma boa internet. A minha maior dificuldade foi ter passado um ano e dez meses sem trabalhar durante o período de pandemia, por isso não pude comprar um celular para seguir as orientações corretas de meus professores orientadores. Então, para não perder o curso, pegava emprestado o celular de minha mãe para realizar as atividades enviadas pelos professores no grupo de WhatsApp. As aulas presenciais fizeram muita falta, mas infelizmente tive que finalizar o curso de forma online, através de orientações.

Eu quis aqui mostrar a importância do curso de Pedagogia para a formação do professor que está atuando em sala de aula, o curso veio como peça fundamental na vida dos professores proporcionando a formação do docente para trabalhar na base, de modo que se possa desenvolver melhor o trabalho e a aprendizagem dos alunos no contexto escolar.

Durante o curso percebi grandes mudanças em minha vida, tanto profissional quanto na vida pessoal e social. Hoje vejo pela sociedade um grande respeito para comigo, por que antes, nós professores que trabalhávamos nas comunidades éramos vistos como pessoas incapazes de realizar nosso trabalho, hoje não, graças a DEUS já somos vistos com outros olhares, de respeito como profissional e também no lado pessoal.

Percebi que o curso não só ensina conteúdos, também ensina a postura do ser humano como pessoa que exerce uma função que exige respeito, tanto no meio social, quando no meio profissional, não só em sala de aula, mas também em quaisquer lugares que estejamos inseridos. Hoje posso dizer que o curso de Pedagogia mudou minha vida, meu comportamento, ganhei mais respeito e me transformei um melhor profissional, graças a DEUS.

## CAPÍTULO 33

### TRANSFORMAÇÃO DE VIDA E EDUCAÇÃO: MINHA TRAJETÓRIA

Moisés Gomes de Souza

Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### Introdução

O presente memorial traz um pouco da minha história de vida pessoal e profissional. Também relata as dificuldades que enfrentei juntamente com meus pais. Pois os mesmos tiveram pouco estudo, eu não gostava de ir à escola, repeti várias vezes, desisti, meu trabalho era só agricultura com meu pai, até que um dia caí na real e resolvi verdadeiramente estudar.

#### Meu caminho até a escola

Nasci na cidade de Eirunepé AM, em 07/ 11/1983, às 2 horas da manhã, no Hospital Unidade Mista de Eirunepé, estado do Amazonas. Meu pai chama-se Raimundo Rodrigues de Souza e minha mãe, Maria Olivia Gomes Siqueira, cinco anos após meu nascimento, meus pais migraram para uma comunidade que tem por nome, Tambaqui, fica abaixo da cidade de Itamarati, na margem direita do rio Juruá.

Um ano depois migramos novamente para o sacado (lago) da cidade de Itamarati, que fica na frente da mesma, dois anos depois nos mudamos para Itamarati, pois eles queriam dar oportunidade para os filhos estudar, pois nas suas infâncias eles não tiveram acesso à escola e queriam oferecer um futuro diferente aos filhos. Meu pai teve que continuar no sacado, pois lá ele extraia o látex da madeira para manter o sustento familiar, era através da borracha que eles conseguiam dar o sustento aos filhos.

As primeiras lembranças educacionais que eu tenho começaram em casa, lembro-me da mamãe saindo para o trabalho na olaria, que pertencia a prefeitura de Itamarati e me dizendo que quando ela chegasse queria a louça lavada, a casa arrumada e não podíamos nos esquecer de cuidar dos irmãos, pois éramos quatro, sendo eu o mais velho, então eu só obedecia.

No ano de 1992 estudei na escola municipal Padre Guilherme, com 9 anos de idade, foi onde estudei o primeiro ano da alfabetização, fui reprovado. No ano seguinte retornei a mesma série, só que minha forma de comportamento era a mesma, brigava bastante com meus colegas de aula. Eu tinha muita dificuldade de aprender ler e escrever, é tanto que repeti a alfabetização, numa parte sei que eu era muito traquino, acho

que isso perturbava minha aprendizagem, por outro lado, nem meu pai nem minha mãe sabiam ler para me ensinar, tios e avós também não tinham nunca ido à escola, os problemas se tornavam maiores ainda, fui em frente, mesmo desanimado. Minha mãe me colocava para ir à escola todos os dias, meu pai e minha mãe trabalhavam nas profissões citada anteriormente para me manter com roupas e comidas, eu simplesmente não entendia o esforço que era feito por mim, eu não tinha nem uma preocupação.

Em 1994 concluí a primeira série, na escola Estadual Francidene Soares Barroso, reprovei novamente, pois em 1996 tinha concluído a 2ª série, como eu não tenho lembranças tão boas, nem papai e mamãe, do que aconteceu, fui pesquisar meu histórico escolar, enquanto estava olhando não entendi nada, com as datas de aprovação muito distantes umas das outras, foi então que decidi ir à secretaria da escola onde estudei e quando me deparei com tantas desistências e reprovações, pensei: eu realmente não era nada fácil.

Minha mãe me disse que eu fui quem mais deu trabalho na escola. Eu só dizia: para que estudar? Eu poderia morrer a qualquer momento, seria só tempo perdido. Então meu pai vendo que eu não estava nem aí para estudar, falou: você vai trabalhar na agricultura comigo! Eu disse: vai ser melhor que estudar, eu não aprendo nada. Eu estava muito enganado, pois fora da escola o trabalho ficou muito mais cansativo, depois que entrei na agricultura tive que conciliar estudo e trabalho todos os dias, a agricultura não tinha muitos resultados para mim, eu também já estava para desistir de trabalhar no pesado, todavia, eu mesmo tinha escolhido aquela vida que não estava sendo nada fácil. Todos os anos eu ia à escola, por algum motivo eu reprovava, ou então desistia, eu estava muito longe de melhorar nos estudos.

No ano seguinte voltei à escola decidido a mudar o rumo na minha vida, pois o que eu tinha escolhido anteriormente me maltratou bastante, retornei na 5ª série pensando que ia ser tudo diferente, não foi o que eu imaginava, mas passei em seguida para a 6ª série do ensino fundamental, foi no ano seguinte, no primeiro bimestre que meu professor de matemática disse que eu já estava reprovado, mas eu não desisti de estudar, só não assistia mais a aula dele, passei em todas as matérias, só não em matemática, pois eu já sabia que no ano seguinte eu estudava no período noturno e pagava aula com outro professor de matemática no período vespertino. E todos os dias quando não tinha aula de matemática eu passava o dia trabalhando na roça, se tivesse aula eu trabalhava só pela manhã, a noite ia para a escola, já tinha uma facilidade de compreender as aulas bem, não sei se foram os professores mais capacitados que tinham métodos diferentes, ou realmente se toda a vida a culpa tinha sido minha pela falta de interesse o motivo de tantas repetências, uma coisa eu sei, aprendi da forma mais dramática que a vida poderia me ensinar.

Tenho é uma lembrança um pouco amarga do ensino fundamental, sempre vou lembrar enquanto eu viver, foi uma professora que me disse: você é muito burro e não aprende nada, é desinteressado, só vem atrapalhar os colegas. Eram muitas as reclamações sobre mim.

As últimas lembranças que tenho com relação às séries iniciais, são dos colegas da escola Francidene Soares Barroso, foram os que vinham me fazer raiva e eu como não levava desaforo para casa, partia para a

briga, ali dava uma confusão imensa que eu ia parar na diretoria da escola até minha mãe chegar lá e entender o que eu havia feito.

Minha primeira escola municipal só tinha 5 salas de aulas, mesmo assim tinha bastante regras, uma delas era blusa branca, calça comprida, se não fosse assim não entrava, voltava da porta. Depois estudei na escola estadual Francidene Soares Barroso, que disponibilizava de 10 salas de aula, professores mais qualificados, mesmo sendo todos bem tradicionais, era o que tínhamos na nossa frente como oportunidade, então como eu já tinha perdido muito tempo, o empenho agora era dobrado, a escola fazia a parte dela que eu fazia a minha, sem medo algum de um dia me decepcionar novamente como estudante, só seguia em frente. Meu pai e minha mãe sempre me incentivaram bastante, eles nunca me mandaram desistir de estudar. Meu pai dizia que a única forma de ter um futuro fora da agricultura ou dos trabalhos pesados, só a escola poderia me oferecer.

Nas escolas quando eu estudava a merenda sempre era suco com bolacha, arroz doce e sopa, essas eram comuns, não dá para esquecer, em casa meu pai e minha mãe sempre mantiveram almoço e janta, minha mãe mantinha, no café da manhã, banana e mamão tínhamos com fartura que apodrecia, eram tantas que não dávamos vencimento no consumo.

Quanto a escola, não fornecia caderno, lápis, caneta e borracha, nem mesmo as roupas, que muitas vezes eram padronizadas, uns respeitavam outros não, mamãe resolvia a parada e comprava o que estávamos precisando, graças a eles isso nunca foi problema tão difícil.

Eu achava que tinha sido péssimo em meus estudos só até a 5ª série, mas quando olhei para meu histórico escolar para comparar datas, compreendi que minha falta de interesse não foi só da 1ª a 5ª série e sim em todo ensino fundamental, pois só consegui concluir no ano de 2008 os outros anos foi só reprovação e desistência.

O meu ensino médio iniciei pelo EJA, em 2010, na mesma escola onde havia concluído o ensino fundamental, ali o programa de educação para jovens e adultos vinha dar uma nova oportunidade para sonhos que haviam ficado no meio do caminho e eu tinha sido uns desses alunos que não era nada bonzinho, tive muitas repetências e desistências, por isso fui inserido nesta nova modalidade de ensino, que realmente para mim foi muito bem-vindo. Pois realmente foi diferente agora não tínhamos uma parafernália de conteúdo diferente todos os dias, era tudo por etapa primeiro só língua português e arte depois outras duas, e assim prosseguia.

No meu ponto de vista, todas as escolas deveriam trabalhar também uma disciplina por vez, mas gostamos mesmo é de problemas e dificultar as coisas que já não tem nada de fácil, alguns alunos que aprendem rápidos se dão bem, já tem outros que tem dificuldade de aprender, como foi minha situação, tinha alguns meninos que não prestavam atenção na hora da explicação para o trabalho final, quando chegava

o dia da avaliação tiravam nota 10, já os que estavam bem quietinhos, prestando atenção, tiravam nota baixa, como é que dar pra explicar essa situação?

Quanto aos materiais da escola estadual, sempre o governo disponibilizava, a minha alimentação em casa como de costume, não era difícil, pois sempre eu pescava com meu pai, meus pais sempre mantiveram uma boa alimentação no convívio familiar, na escola já tínhamos merenda sem faltar muitos dias, mesmo que fosse bem repetida, mas sempre na hora do intervalo a sopa já estava esperando no prato, era só chegar na fila que às vezes estava muito grande, ali era só ter calma para diminuir a fome, pois o dia de trabalho era muito desgastante e mesmo assim, o sonho de ver o ensino médio concluído, com a formação do EJA, já estava bem próximo, os conflitos já não tinha com tanta frequência, pois todos eram adultos e não tínhamos como ter um comportamento de criança, onde o controle emocional saía do sério por nada e a briga começava, também tínhamos amigos do peito que na hora da confusão sempre tentavam acalmar nossos nervos.

Realmente, tivemos um final feliz com relação à conclusão do ensino médio pelo o ensino de jovens e adultos, mas eu não estava nada preparado para ministrar aulas, pois eu não tinha uma formação que me qualificasse na área da educação, com isso tenho a certeza que em alguns momentos, ministrei péssimas aulas.

### **Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR**

Em 2014 iniciei um curso de pedreiro e fui obrigado a deixar pois o secretário disse que eu tinha uma escolha a fazer entre o trabalho e o curso, então escolhi trabalhar. No ano de 2015 fiz culinária regional, com carga horaria de 80 horas organizado pelo o CETAM, deu para concluir só que nunca quis exercer a profissão.

Eu já tinha trabalhado em diversas áreas enquanto estudava, como agricultor, olaria, serviços gerais, pintura, pesca, ajudante de pedreiro e nada tinha me agradado, quando findei o ensino médio estavam procurando pessoas que tinha concluído para lecionar na zona rural, eu pensei que seria a minha oportunidade de viver uma nova experiência de trabalho, mesmo reconhecendo que todas as outras profissões fossem ruins, eu pensava que estava entrando na melhor profissão do mundo, então me inscrevi e fui selecionado, participei de uma formação que a secretaria de educação promovia todos os anos, um curso rápido de formação continuada de 40 horas.

Eu estava casado e minha esposa era efetiva como merendeira, e também ela tinha concluído o ensino médio, eu falei para ela porque você não tenta conseguir uma vaga então fomos os dois para mesma comunidade ela lecionava da 1ª a 5ª série multisseriado e eu trabalhava do 6ª a 9ª ano no horário noturno, mas para mim não foi nada bom, pois faltava muita luz na comunidade, pois era do programa Luz para Todos, os alunos passavam até duas semanas sem ter aulas por falta de luz. Não é porque eu fosse um professor nota

dez, mas porque eu jamais queria ouvir que um aluno não soubesse de nada, sendo eu que tivesse lecionado para ele.

E quando eu os convidava para repor a aula perdida eles não queriam, pois eles tinha muitas dificuldades em leitura, eu sempre gostava de explorar as dificuldades para ver se tinha melhoras e para mim era muito satisfatório quando tinha êxito, um passo à frente do obstáculo que ali era vencido por persistência e determinação, mas as experiências no fundo não são nada boas por chegar muitas vezes no final das aulas e ver que alguns propósitos não foram alcançados, eu me sentia muito triste por não ter sido melhor.

O meu primeiro lugar de trabalho foi no igarapé Canamã, ficou marcado, pois eram 4 horas fluviais de Itamarati até a comunidade e a escola tinha o tamanho de cinco por quatro, para o professor tinha um lugar na escola com dois e meio de largura por cinco de comprimento, os moradores dessa comunidade eram bem receptíveis e humildes, suas rendas familiares dependiam da agricultura e do Bolsa Família, os vestuário dos alunos não era de boa qualidade, pois não disponibilizava de outra renda fixa fora o Bolsa Família, lá era um lugar bom, no entanto também tinha seus problemas de doenças, como malária, pois enquanto estava lá fui infectado três vezes, fiz promessa para nunca mais trabalhar em um igarapé, pois para piorar as coisas, uma cobra muito venenosa mordendo meu rosto, fiquei tão nervoso que passei quase três dias para voltar ao normal, era um lugar bom de alimento.

Enquanto eu estava lá me separei e não deu para conviver no mesmo ambiente que a ex mulher ficava. Voltei para Itamarati, contei a situação para a secretaria de Educação, então ela me falou que tinha uma comunidade na parte de cima do município a margem esquerda do Rio Juruá, se passava oito horas de viagem de Itamarati à comunidade Bolívia, lá tínhamos a escola e a casa do professor, conclui o ano letivo lá.

No ano seguinte fui para uma nova comunidade, por nome Valparaiso, na parte de baixo do rio Juruá, lá a escola era a minha casa e era grande, pois tinha nove metros de comprimento por sete de largura, só tinha uma parede que dividia o espaço, agora eu estava numa fria, pois meus alunos eram todos inibidos, não queriam nem responder a chamada, outros ficavam de cabeça baixa o tempo todo, mas no decorrer das aulas, com diálogos e visitas às suas casas eles foram se soltando, foi um processo lento e um teste de paciência, para mim.

Neste mesmo ano comecei a participar do PNAIC, e de dois em dois meses era postado um trabalho, precisei me ausentar uns dias, pois tinha uma parte do dinheiro na conta do Banco do Brasil, e a direção do programa me disse que eu tinha que tomar posse desse bem, pois se não ele iria voltar. Então, fui à agência de minha cidade e comprei uma passagem para Eirunepé no dia 8 de outubro de 2013, pai estava completando mais um ano de vida, fizemos um pequeno almoço em família em seguida me despedir e fui para o aeroporto, foram só 45 minutos de voo até minha cidade natal, na segunda feira resolvi a bronca no Banco, com uma semana depois, conseguir uma passagem de balsa para retornar ao lar.

Pensando que iria economizar, na viagem sofri um grave acidente, eu vinha dormindo no portão da balsa, naquele entra e sai, escorreguei a tampa da escotilha de fechar o porão, ela caiu em cima de minha mão esquerda, no momento imaginei que tinha quebrado tudo, só que eu conseguia movimentar os dedos, simplesmente eram só os ligamentos, então achei que fosse coisa leve, contudo duas horas depois minha mão e meu braço estavam todo inchados, a dor era diferente, agora realmente eu sentia doer, comecei a fazer compressa na mão durante a viagem que durava três dias, pois o rio estava muito seco e não tínhamos como viajar à noite. Chegando em Itamarati fui direto para o hospital bater um raio-X da mão, para saber como estava, quando peguei o resultado me assustei, pois tinha quebrado todos os ossos da palma da mão.

Tive que viajar direto a Manaus para tentar colocar os pinos na mão, mas quando tive acesso ao médico ele disse que não dava mais para mexer, pois poderia dar hemorragia aí tinha que ser amputado a mão, ele me perguntou se eu queria fazer o procedimento logo e eu decidi deixar como estava, o médico falou que eu precisava fazer fisioterapia para fortalecer a mão. O bom de tudo isso foi que alguns meses antes eu mantinha um relacionamento à distância com uma pessoa lá de Manaus, quando fui para lá nós nos encontramos e até hoje estamos juntos.

Quando retornei fui à comunidade ver se a secretaria tinha colocado algum professor durante o período que eu passei ausente, mas isso não havia acontecido, então tive que preencher toda papelada e entregar, no meu próximo ano mudei de comunidade, pois perguntaram se eu queria trabalhar com duas turmas, como o dinheiro também era melhor aceitei, essa comunidade que tinha por nome Curinga, ficava na margem direita do rio Juruá dentro de um sacado, a um dia de viagem subindo o rio.

Ao chegarmos na comunidade, o supervisor fez a reunião com os moradores, eu me apresentei e fui bem recebido, pois em todas as comunidades que trabalhei os moradores foram muitos cortez comigo, as fontes de rendas por onde eu lecionei era só pesca e agricultura, um dia depois comecei a trabalhar, o ano letivo foi muito bom, mesmo estando longe da família, só fiquei muito triste por que alguns dos meus alunos sobreviverem só da pesca e faltavam muitas aulas, outros nem iam, alguns aceitavam a tarefa para casa, outros não se preocupavam, eu que já tinha passado por algo parecido tentava advertir como poderia ser no futuro deles se continuassem seguindo aquela vida. Para eles era mesmo que nada, a escola se chamava Curinga, era do formato da anterior. Eu já me sentia como se fosse de casa, pois os moradores eram muito acolhedores.

Nessa comunidade passei três anos, a troca de conhecimento foi muito satisfatória ao ver os alunos desenvolvendo a leitura e aprimorando o conhecimento matemático, é muito bom saber que você fez alguma diferença na educação.



**Estudando, trabalhando e lutando: o percurso da minha formação**

A secretaria de educação pediu as xerox dos documentos de todos os professores que estavam atuando em sala de aula na zona rural e eles fizeram as inscrições para cursar Pedagogia pelo programa PARFOR, pois, já era promessa que um dia iríamos entrar em uma faculdade, eu não tinha nem uma formação na área da educação, como era uma formação na área que eu estava atuando, esperei que desse certo, pois teria a oportunidade de me tornar um professor qualificado e poderia no futuro, ministrar conhecimentos de acordo com a realidade dos alunos, pois os livros que são utilizado em salas de aulas ribeirinhas só falam da realidade de outros lugares, então eu não tinha como perder essa formação, pois sem uma formação de qualidade na área de educação escolar o trabalho estaria com os dias contados, e não seria nada fácil conseguir um emprego no ramo da educação, então em junho de 2016 iniciamos as aulas, foi um sonho realizado cursar uma faculdade em minha cidade.

Minhas impressões nas primeiras disciplinas era que seria fácil, mas quando iniciei Informática, no primeiro exercício não tirei uma boa nota, no segundo trabalho minha nota não mudou nada, então pensei, plano de estudo na primeira disciplina não é muito bom, passei, porém não me agradei da nota final. Já em Antropologia, imaginei que iria ser igual a anterior, mas quando iniciei a disciplina que estuda a ciência da humanidade, foi bem diferente, pois obtive boas notas. Nos primeiros seminários quando era aulas de apresentação que cada um tinha que falar um pouco sobre o assunto do grupo, fiquei nervoso e tenso, hoje nas apresentações me sinto mais confiante para explicar em qualquer seminário que vamos debater.

No decorrer do curso, para manter o sustento de minha família não foi nada fácil, se não fosse uma pequena horta que tenho no quintal de minha casa, a situação estaria muito pior. Minha relação familiar é muito boa, pois mamãe me apoia no que pode e minha esposa me entendeu no período de faculdade e me ajudou quando eu precisei.

As transformações que passei, no meu ponto de vista, como formando perante a sociedade, têm sido poucas, é o que eu vejo no momento, espero que se o problema estiver em minhas ações eu mude isso. Em relação à aula tem sido bem inovador, pois as metodologias são bem inovadoras e tem um grande significado, tanto para o professor como para aluno.

No curso eu mudaria a carga horária, pois conteúdos bons e que são muitos amplos deixam muito a desejar, outros deveriam ser mais explanados. Minha vida antes e depois do PARFOR tiveram poucas mudanças, não casei, pois já era casado, minha esposa teve um filho que é uma benção de Deus, vivi momentos muito felizes quando estava perto da família, outros muitos tristes, quando estava longe, mas cada dia tenho vencido na vida, graças a ótimos professores que sempre deixaram nossa autoestima levantada. Muitas vezes, lembro-me que quis desistir, mas minha mãe me puxava a orelha, algumas vezes sai muito

chateado com raiva de alguns professores, que passavam do horário, mas depois comecei a compreender que era para o meu desempenho.

Eu me lembro de que no ano seguinte quando trabalhei na escola Francisca Lobo com educação Física, desenvolvi com meus alunos coordenação motora ampla, grossa, fina, enfatizei com os alunos a importância da higiene bucal, higiene do corpo e também enfatizei raciocínio, equilíbrio coletividade, interação, com os colegas, pois desde crianças já aprendem a incluir uns aos outros e rodas de conversas para cada um conhecer melhor o colega, esses foram métodos que aprendi durante a minha formação, que já me são bem úteis.

No primeiro ano da faculdade eu trabalhei na comunidade Curinga, onde tinha que percorrer 36 horas de barco para chegar ao local de trabalho, lá ministrava aulas pela manhã do pré 1º ao 5º ano e à tarde 6º ao 9º ano, onde foram oito meses de trabalho, foi muito difícil estar longe da esposa e familiares, foi tão triste que no ano seguinte eu estava disposto a ficar desempregado, não queria mais ir para a zona rural, pois no mesmo ano nasceu meu primeiro filho.

Tive a oportunidade de trabalhar em 2017 na cidade de Itamarati na escola Francisca Lobo, como professor de educação física para mim foi algo bem diferente, cada dia era uma turma diferente durante a semana, ali nasceram vários laços de amizade com os alunos que até hoje se seguem.

Nessa escola trabalhávamos com fantoches, o espaço para educação física era dentro da mesma, como sempre alguns alunos as vezes ficavam retraídos em certas dinâmicas, essa escola tinha quatro salas de aula, cerca de trinta alunos por salas no horário vespertino, funcionava matutino e noturno, todos os finais de semana tínhamos reunião para saber como estava sendo o desenvolvimento de cada área de ensino. No ano seguinte teve um seletivo onde eu concorri para ser ajudante e titular na cidade, não fiquei em uma ótima colocação por falta de anos trabalhados e documentação, pois eu não queria ir para a zona rural, queria ajudar minha esposa a cuidar do nosso filho.

As melhores lembranças que tenho desse período de docência são de ver algumas metas alcançadas, como os alunos aprenderem a ler, se empenhando, mostrando esforço e dedicação, compreensão de texto e resolvendo problemas de matemática, isso se torna muito satisfatório no que diz respeito a educação.

A pior lembrança foi quando adoeci de malária, pois eu não fiquei nada bem, fisicamente, mentalmente e emocionalmente, pois o sintoma da malária me deixou muito abatido, eu sentia muita dor nos olhos, dor de cabeça e bastante frio, mesmo eu ficando exposto ao Sol, sentia frio, isso me aconteceu três vezes, na terceira vez, lembro-me que a febre foi tão alta que até desmaiei, eu também ficava muito triste quando o ensino não tinha sido tão significativo para os alunos, então minha autoestima ficou baixa e isso às vezes, me fez querer desistir da carreira profissional como professor, também descobria isso quando era na hora de uma atividade que o desempenho não era bom.

Em relação ao meu salário, nunca foi satisfatório, sempre precisei de mais um pouco, pois para mim está longe do filho e esposa não é nada fácil. Sempre trabalhei contratado, por falta de um concurso na área

de educação, mas não temos salário em atraso. O ruim de minha realidade profissional é que todo final de ano letivo cai meu contrato e só retornamos quando as aulas ribeirinhas iniciam novamente, nos meses de abril ou maio.

No ano de 2018 trabalhei na cidade na escola Magide Teixeira de Paula, novamente contratado com educação física, neste ano já tinha um professor titular então pedi pra eu trabalhar com ele durante esse curto período de sete meses.

No ano de 2019 teve seletivo, mas fiquei fora, então eu e minha esposa tivemos que trabalhar arduamente para manter o sustento da casa, com nossa pequena horta, eu trabalhava com limpeza de quintal com roçadeira e assim íamos levando a vida, nos períodos de faculdade ficava muito difícil estudar e trabalhar, quando faltavam três meses para findar o ano letivo uma colega de faculdade estava com gravidez de risco e teve que vir trabalhar na cidade pra ter acompanhamento médico, então perguntaram se meu colega de faculdade e vizinho se ele não queria ir terminar o ano letivo, ele disse que não e perguntou se eu queria, então disse que só três meses dava pra ariscar, fui com o secretário de educação e ele me enviou pra comunidade vila Martins, onde pude desempenhar um bom trabalho, onde trabalhei do pré 1º ao 5º ano multisseriado.

Em 2020 não foi nada bom de trabalho, foi quando se espalhou o caos por todos os lados com o covid-19, mas, perto de findar o ano letivo, o prefeito fez novamente um seletivo, então eu me inscrevi para a zona rural, pois seria onde teria maior oportunidade de trabalhar na área da educação, procurei uma comunidade bem próxima à cidade por nome São Braz para me inscrever, fiz, passei e ganhei três meses sem trabalhar, pois não houve aulas nas comunidades ribeirinhas.

### **A pandemia de covid-19**

Minha vida profissional durante a pandemia foi um pouco turbulenta ao ver entes queridos que tiveram as suas vidas ceifadas, mas tudo isso foi se ajustando aos poucos e ainda estamos seguindo em frente.

Na minha vida acadêmica tive os piores momentos, ao ponto de não querer estudar, desanimado, triste com a realidade que estamos vivendo por causa do caos que tinha tomando conta de tudo. Precisávamos agradecer porque estávamos vivos, é uma benção ter todos os colegas de faculdade que tanto sonhavam em concluirmos o curso. Todos estão realmente na reta final de tudo depois de muitas madrugadas de sono perdida com trabalhos de aula, enfim, tudo ficou bem e foi uma boa experiência de vida no decorrer desses anos.

### **Considerações Finais**

O curso de Pedagogia durante esses anos para mim foi muito satisfatório, aprendi muito em toda a faculdade, para mim foi muito proveitoso, pois aprendi bastante a lidar com os alunos em sala de aula, mudei meu comportamento, muita leitura, foi uma benção. Foi um privilégio cursar Pedagogia pela Universidade Estadual do Estado do Amazonas.

O que pra mim não foi muito positivo, em primeiro lugar, tive alguns professores tradicionais, fora isso, estudar via WhatsApp foi uma bomba, pensei muitas vezes em desistir, minha mente ficou muito confusa, foi difícil eu me adaptar, passei longos dias sem querer fazer nada, depois fui me recuperando aos poucos. As matérias também foram passadas muito rápidas, onde as cargas horárias deveriam ser dobradas, teve materiais que precisava ser trabalhada a longo prazo, nos mínimos detalhes, mas fora isso foi tudo muito bom.

Tivemos professores compreensíveis, excelentes, que fizeram a diferença na vida de todos os acadêmicos, para que pudessem chegar onde todos estão, ou seja, finalizando o curso e todos com vida.

## CAPÍTULO 34

### A EDUCAÇÃO TRANSFORMOU A MINHA VIDA PARA SEMPRE

Onilda Silva da Silva

Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### **Introdução**

O presente texto tem por objetivo mostrar a minha formação escolar e um pouco da minha experiência pessoal que me levou optar pela escolha da minha profissão, a partir do momento que comecei a estudar no curso de pedagogia conheci todo um aspecto que constrói e faz parte de um processo educativo.

As dificuldades encontradas antes do curso e os desafios que tive que enfrentar durante o curso, as dificuldades que tinha de atuar como docente só com o ensino médio, os desafios que tive que superar durante o curso, minha superação com as práticas educativas durante o curso, os mestres educacionais que muito contribuíram para meu processo inovador e a importância da educação nos proporcionou um olhar reflexivo perante a sociedade como agentes transformadores, capazes de transformar e identificar os pontos relevantes para a melhoria no campo em que atuamos.

#### **Meu caminho até a escola**

Sou natural do Amazonas, nascida na comunidade Gaviãozinho, no dia 12 de novembro 1983. Filha de Sebastião Soares da Silva e Maria Pereira da Silva, uma família de nove irmãos, Maria do Socorro da Silva e Silva, Antônio da Silva e Silva, Maria Terezinha da Silva e Silva, Nilce da Silva e Silva, Manoel da Silva e Silva, Creuza da Silva e Silva, já falecida. Sou mãe de três filhos: William da Silva, Kauã Silva de Lima e Isabelly Silva de Andrade.

Sou de uma família pobre de condições financeiras muito precárias, por este motivo sempre moramos em localidades distantes da beira do rio, morávamos em um centro na terra firme, longe de escola e de pessoas, era uma única casa na localidade que era a nossa, fora nossa casa só tinha floresta, água do igarapé e animais.

Era do centro que nós morávamos que meus pais retiravam o nosso sustento, com a pesca, com a retirada de madeira e a caça, mas o principal era a agricultura, onde eu e meus irmãos ajudávamos a plantar

e a acolher. Os meus pais são leigos na leitura e na escrita, pois não tiveram oportunidade de estudar, eram de família muito pobre, só tiveram a educação família.

Meus pais me ensinaram e aos meus irmãos do mesmo modo que eles aprenderam. Tudo com muitas regras, cada coisa tinha muito valor, cada objeto estragado era uma grande surra, fui muito castigada, mas aprendi a lição. Como eu sou a mais nova apanhava muito mais do que os meus irmãos, tudo de errado era eu quem fazia.

Agradeço a Deus e minha mãe, hoje tudo que sei devo a ela, de tudo um pouco sei fazer, como lavar roupas, louças, cozinhar, arrumar a casa, costurar, fazer roupas, plantar todos os tipos de plantaçoão que servia para o alimento da família, como também para comercializar, com o dinheiro nós comprávamos outros materiais de utilidade pessoal. Mas o melhor de tudo foi o respeito que aprendi com meus pais e até hoje valorizo cada aprendizagem que eles me deram.

Fui uma menina muito complicada na época de criança com problemas de saúde, todos os insetos que me picavam viravam ferida na minha pele ou na cabeça, como minha mãe não tinha tempo de cuidar muito de mim, as feridas inflamavam muito, por isso as vezes eu era rejeitada pelas pessoas e até mesmo por meus irmãos, até hoje tenho sequela por feridas mau cuidada.

Certo dia minha mãe falou para o meu pai: vamos morar perto de uma escola, para que nossos filhos possam estudar. Então fomos morar em uma comunidade chamada Furir, um pouco longe da comunidade Gaviãozinho, onde tinha escola. Então meus pais me matricularam e aos meus irmãos, de onde nós remávamos era trinta minutos até a comunidade Gaviãozinho.

Passamos nove anos morando no centro até meus pais conseguirem construir uma casinha em outra comunidade na beira do rio. Toda a vida morara na roça, minha mãe sempre quis que os filhos estudassem, mas morávamos muito longe da comunidade que tinha escola. O meu pai quem muitas vezes me ensinava Matemática, pois mesmo sem estudo sabia somar e subtrair muito bem, com ele eu e meus irmãos aprendemos um pouco de Matemática. Não tive uma boa convivência com os meus irmãos, como eu era a mais nova, não alcancei todos morando em casa. Por moramos em um centro só a nossa família, não tivemos convivência com os meus primos.

Em 1992 fui matriculada na escola municipal Manoel Borges, na comunidade Gaviãozinho, na parte de cima do município de Itamarati, uma escola pequena, tinha apenas uma sala de aula, uma sala de pôr merenda e um corredor que dava acesso a sala de aula.

Entrei em uma sala de aula com nove anos de idade, foi na primeira série, pois eu já tinha uma idade muita avançada. Muito tímida entrei na sala de aula, sem material escolar, minhas roupas muito velhas e descalça, a minha mãe não tinha condições de comprar roupas novas para todos nós.

A professora parecia uma pessoa boa, deu para mim e para os meus irmãos caderno, lápis, borracha, o meu caderno era da turma da Mônica, estudei a primeira vez no turno matutino.

A merenda sempre tinha sopa feita com feijão, macarrão, arroz doce, farofa de conserva, ao ver essa merenda eu fiquei toda feliz, pois na minha casa não tinha nada dessas coisas. Mas para comer essa merenda tinha um porém, nós estudávamos das sete às nove, depois das nove todos os alunos iriam carregar água do rio para a casa da professora para podemos ganhar merenda.

A merenda era doada pela secretaria de educação para os alunos na escola, mas segundo ela, era ela quem iria fazer merenda e usaria o gás dela, então nós alunos tínhamos que retribuir de alguma forma que era carregando água no balde, do porto até a casa dela, para que ela pudesse tomar banho em cima de casa, todo esse trabalho para mim era uma alegria, pois isso eu fazia todos os dias em casa, fazia feliz mesmo, porque eu sabia que após carregamos a água nós iríamos merendar.

A professora era esposa do patrão do meu pai, ela só tinha a quarta série, ensinava sempre conteúdos repetidos, as vogais e as consoantes, que junto formava o alfabeto, como era pouca aula, decorei algumas coisas.

Um dia, para minha tristeza, o meu pai falou que íamos voltar para o centro, pois lá ficava muito longe da plantação dele, e como ele não tinha motor era muito cansativo, voltamos para o centro novamente, eu fiquei mais um ano longe da escola.

Alguns anos depois voltamos para beira do rio novamente, eu tinha onze anos de idade, fomos morar em frente da comunidade Gaviãozinho novamente, agora era mais perto, não precisávamos remar tanto como era antes. Ao chegamos lá, era uma escola nova, tinha sido feita antes do início do ano letivo. A escola tinha uma sala de aula, uma cozinha e um corredor.

O professor era um rapaz de uma comunidade vizinha, que era professor e agente de saúde na comunidade, ele não tinha concluído nem uma série, tinha apenas o conhecimento que adquiriu pelo mundo onde viajou. Então o senhor prefeito da época o contratou para trabalhar como professor, mas foi com ele que aprendi as vogais, assim fiquei estudando mais um ano. O estudo para mim era só uma forma de brincar, não me preocupava em adquirir conhecimentos.

Nesses anos que passarão minha irmã foi embora para Manaus em busca de emprego e principalmente de estudo, lá ela concluiu a segunda série, então retornou para casa onde nós estávamos sem professor. Como ela tinha estudado um pouco em Manaus, o prefeito da época a contratou para trabalhar como professora da comunidade, estudei mais um ano com ela. O prefeito mandou material escolar para comunidade e o principal: a merenda para nós alunos! Ela era como de costume, sopa, Nescau com bolacha, conserva.

A turma e os alunos eram sempre os mesmos, nesta comunidade estudei por três anos, continuei estudando com outra professora que trabalhava duas semanas por mês. Com ela não tive um bom aprendizado, ela só brincava sem nem um objetivo, com isso o tempo foi passando, passamos dois anos nessa

luta, chamo de luta pois todos os dias ia para escola, chegando lá não tinha aula, a professora dizia que estava sempre doente.

Em setembro é época de uma praga chamado meruim é um besouro bem pequeno de cor preta, fica sempre em capim, ele entra nos cabelos das pessoas picando o coro cabeludo da cabeça, que por pouco você não fica maluco. Passávamos tudo isto ao longo da viagem para escola, ao chegamos lá, a professora falava que não iria ter aula, estou com dor de cólica, tudo mentira, quando todos saiam ela ia conversar na casa dos vizinhos.

No ano seguinte fomos estudar com outra professora, que na época ela tinha apenas a 8ª série do ensino fundamental. Ela sim fez um bom trabalho, com ela lembrei das aulas do professor onde aprendi a fazer meu nome, fiquei muito feliz, com ela estudei um ano. A merenda escolar ia apenas duas vezes no ano, por isso nós passávamos o ano estudando, mais tempo sem merenda do que com merenda escolar. Quando a merenda faltava a professora dizia para nós: a merenda acabou tragam merenda de casa, então minha mãe fritava peixe para mim e meus irmãos levarmos para merendar na escola, na hora do intervalo todos merendavam juntos, socializando uns com os outros.

No ano seguinte migramos para outra comunidade por nome Maxirixi, na beira do rio pela parte de cima do município de Itamarati, na margem direita do rio Juruá. Na mesma fiquei um ano sem estudar, um dia chegou um senhor na minha casa para dirigir um culto e falou: você não estuda? Respondi que não tinha escola aqui onde morava. Ele falou: sou professor da comunidade vizinha por nome Barro Vermelho, se você quiser estudar eu faço a sua matrícula. Então eu me reuni com os meus vizinhos e falei que na comunidade vizinha tinha um professor que queria dá aula para nós da comunidade, bastava à gente ir estudar lá, então fui estudar com esse professor.

Eu tinha dezessete anos de idade, mas para chegar até a escola era um desafio muito grande, tinha que pegar uma canoa de madeira e um motorzinho de rabeta para eu me deslocar da minha comunidade até a comunidade vizinha, gastava uma hora e trinta minutos até a comunidade vizinha, correndo o risco da canoa virar e perder todo o meu material escolar, pois o meu pai não podia nos levar até a comunidade para estudarmos, ele precisava pescar para manter a casa.

Então junto com os meus vizinhos conversamos e decidimos ir pela estrada, que não era bem uma estrada, era mesmo um caminho feito na mata para que nós pudéssemos andar até a comunidade vizinha, era uma hora de viagem andando rápido. Ao chegarmos no final do caminho, pegávamos uma canoa e remávamos mais cinco minutos para poder chegarmos à escola. Era uma escola nova feita de madeira que tinha uma sala de aula, uma cozinha e um corredor dando aceso a sala de aula, tinha merenda todos os dias, os meus colegas eram todos legais, nós brincávamos no campo de futebol. Mas como a escola era longe, a gente levava o almoço para nós comermos no caminho na volta para casa, a comida era sempre peixe frito e comíamos a beira do igarapé que tinha na estrada, e depois seguíamos para casa, todos os dias fazíamos esse



percurso de ir e voltar pela mata para chegar à escola, correndo o risco de ser pego por onça e principalmente, picado por cobra. Nessa comunidade permaneci por mais um ano.

Em todas as disciplinas que estudei, as que eu mais gostei foi de Arte e a de História, mas como o professor não tinha material o suficiente para trabalhar, não tive um bom resultado de aprendizagem. Nesta escola foi a única que houve desfile do dia Sete de Setembro, que foi realizado no campo de futebol da comunidade, como era difícil o acesso à escola, só estudei um ano lá.

No ano seguinte minha irmã veio morar na cidade de Itamarati, onde vim morar com ela e estudar na cidade, fui matriculada na escola estadual Santos Dumont, fui matriculada na 3ª série do ensino fundamental, lá tinha a capacidade de atender vários alunos de diferentes séries, a escola funcionava de 1ª a 5ª série do ensino fundamental, tinha 12 salas de aula, 1 sala dos professores, 1 diretoria, 4 banheiros, 2 masculinos e 2 femininos, uma cozinha e um pequeno pátio para ficarmos na hora do intervalo. Merendávamos dentro de sala, pois ela não tinha refeitório.

Uma escola bem maior do que a do interior fui estudar com uma professora brava, mas muito inteligente.

Eu tinha muita dificuldade para me enturmar na escola, às vezes por vergonha de não ter uma sandália para pôr nos pés, a roupa que era velha ou de pedaço de tecido que sobrava das minhas irmãs, minha mãe juntava e costurava minha roupa de várias cores que ficava toda colorida parecendo um carnaval.

Tinha pouco conhecimento, não tive uma base bem feita porque fui à primeira vez a escola com nove anos de idade, a professora usava uma palmatória para que os colegas desse bolo em quem não soubesse responder a tabuada, como eu não tive uma boa aula no interior, peguei muito bolo deles, foi difícil acompanhar meus colegas, pois eles tiveram uma educação diferente da minha. Nunca fui de fazer muitos colegas na escola eu era de ficar no meu cantinho, mas reservada e por isso não tive problemas com os meus colegas de sala, mas construí algumas amizades no decorrer da minha vida escola, no ano seguinte o destino nos separou, pois voltei para o interior.

Como meus pais não tinham condições de me manter na cidade, tudo tinha que comprar, resolveram me levar novamente para comunidade, antes mesmo do final do ano letivo, não concluindo assim a terceira série.

Para conseguir concluir o ensino fundamental tive que enfrentar muitas barreiras, minha mãe separou-se do meu pai, pois ele não queria vir mora na cidade, segundo ele tinha uma vida inteira para deixar tudo para trás. Minha mãe então conseguiu um benefício para meu irmão que é especial, então ela falou que iria morar na cidade para que a única filha que ainda estava com ele pudesse estudar.

Em 2001, meu sobrinho, filho da minha irmã mais velha chegou a faleceu em uma tragédia de carro com 11 anos de idade, após essa tragédia minha irmã foi embora para Manaus e deixou a casa dela para minha

mãe morar. Então viemos da zona rural para a cidade, ficamos na casa da minha irmã até construir a nossa casa.

Fui novamente matriculada na escola Estadual Santos Dumont, a escola onde anos atrás tinha estudado na terceira série, já adulta comecei a estudar no EJA, Educação de Jovens e Adultos, lá fiz amigos e colegas que até hoje tenho próximo a mim. Uma escola bonita com maior estrutura e professores com mais qualidade para trabalhar, fui para aula com muito mais felicidade, as minhas roupas agora eram bem melhores do que eram antes, pois minha mãe já comprava feita e agora eu tinha um sapato para usar, e principalmente, tinha uma mochila para carregar os meus materiais escolares. Era tudo simples, mas era melhor do que antes. A merenda não mudou nada da zona rural, por ser um colégio do estado tinha as mesmas coisas, apenas mais temperadas.

Iniciei o ensino médio no ano de 2007 na escola Estadual Francidene Soares Barroso, a escola disponibilizava uma merenda com mais qualidade, servida mais cedo do que da turma do ensino regular. Fui estudar na escola à noite, no tecnológico, conheci um rapaz com quem me casei em união estável, engravidei e por isso faltei muitas aulas, antes mesmo do fim do ano tive de ir para Manaus, pois a minha gravidez era de risco e tive meu primeiro filho com 23 anos de idade, em Manaus.

Ao retornar fui estudar na mesma escola e continuei estudando no tecnológico novamente. No primeiro ano do ensino médio foi mais difícil ainda, pois meu filho era recém-nascido só mamava, minha mãe ficava com ele enquanto eu estudava e quando ele chorava, ela o levava até a escola para que eu desse de mamar a ele.

Quando ele dormia minha mãe o levava para casa novamente, muitas vezes meu professor que era formado em Língua Portuguesa, me mandava ir para casa, pois meu filho era muito pequeno, por a aula ser muito rápida tinha que estar envolvida nas aulas de corpo e mente, eu queria obter um conhecimento de qualidade, isto não foi meu caso, eu estava na escola, mas o pensamento estava no meu filho que estava em casa. Muitas vezes não merendava na hora do intervalo, eu corria para casa para dar de mamar para o meu filho, porque eu tinha que estar fora de sala, eu poderia perder conteúdo, com todo esse sofrimento terminei o meu primeiro ano.

Meu segundo ano foi também no tecnológico na mesma escola, já foi mais fácil, pois meu filho já comia mingau, tomava leite, sopinha com isso facilitou os meus estudos, não faltava às aulas, fazia todas as atividades e acompanhava as aulas com mais atenção. A escola também comemorava com os alunos o dia Sete de Setembro com a marcha dos alunos pelas ruas da cidade em homenagem ao dia da bandeira.

No desfile da escola, nós éramos uma turma diferenciada dos demais alunos, pois não tínhamos fardamento com o nome da escola, usávamos blusa branca e calça azul. Na mesma tive um melhor aprendizado, lembro que gostava de pedir ajuda dos outros professores a distância, pois todos os dias tinha a hora da interatividade com todos os municípios para retirar as dúvidas de cada aluno.

No ano de 2009 iniciei o meu último ano do ensino fundamental na mesma escola no tecnológico, com os mesmos colegas e a professora presencial que era a professora Fátima Pinheiro, uma professora formada em Português.

Depois de muita luta chegou o grande dia, a nossa colação de grau na Igreja Assembleia de Deus, mas não pude participar, pois tive que viajar assim que terminou as aulas, fui para a cidade de Juruá, acompanhar o meu esposo, pois a família dele morava toda lá, ele foi à busca de um emprego para melhoria de nossas vidas.

### **Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR**

Após o término do ensino médio em 2009, passei um ano desempregada, vivendo apenas com o dinheiro do Bolsa Família e com ajuda dos meus pais para alimenta os meus filhos. Eu trabalhando apenas com agricultura com meus pais para adquirir alimentos para nossa casa, não tive outro emprego, minha mãe falava para eu ir atrás de um emprego para ajudar no sustento dos meus filhos, mas como a prefeitura não disponibilizava emprego cidade, na época, então fiquei sem trabalhar.

Como estava sem opção de emprego comecei lecionando voluntariamente na comunidade que morava, isso futuramente quando já estava na cidade, me possibilitou conseguir um emprego de professora na zona rural, não planejei, era o único emprego que tinha, aceitei para não ver meus filhos passando necessidade.

Minha primeira experiência educacional foi na minha casa, quando migramos de uma comunidade para outra, meus pais levaram algumas carteiras da escola onde eu estudava, como eu já tinha um pouco de conhecimento com as vogais e com o alfabeto, minhas vizinhas pediram para que eu as ensinasse então a minha mãe veio a cidade e pediu cadernos e lápis na secretaria de educação, para que eu pudesse dar aulas para os meus vizinhos na sala da minha casa.

Com isso os mais velhos souberam e também pediram para eu ensiná-los à noite, à luz de lamparina. Todo esse trabalho que eu fazia era voluntariamente, sem cobrar nada em troca, só queria o carinho e o respeito de todos na comunidade, com isso eu ficava muito feliz.

Em maio de 2010 iniciei a minha vida de educadora profissionalmente pela secretaria de educação, fui trabalhar na zona rural na comunidade Boca do Xerúá, no município de Itamarati na parte de baixo do rio Juruá, na última comunidade do município. Gastamos 5 dias até chega na comunidade.

Durante a viagem deu muita vontade de desistir, pois pensava que não seria capaz de ser uma professora, pensava que ia passar vergonha perante os alunos e os pais deles, mas pensei nos meus filhos que iriam passar as mesmas necessidades que eu passei quanto criança, por esse motivo eu continuei a viagem.

Chegando à comunidade não tinha nem mesmo lugar para eu morar, tive que morar no depósito de um senhor da comunidade, onde ele guardava as suas cassoeiras. Fui trabalhar na escola municipal João

Dantas de Brito, dando aula numa turma multisseriada, com alunos do 6º ao 9º ano, eu tinha apenas o ensino médio, junto com uma colega que já era professora nesta comunidade há muito tempo. Ela era uma ótima pessoa para se trabalhar, como ela já tinha um conhecimento melhor na área da educação, foi minha instrutora em elaboração de planos de aula. Trabalhamos no turno vespertino, revezando os horários de aula.

Foi nessa comunidade que aprendi a gostar de trabalhar na educação, pois tive uma experiência única. Em novembro fui convidada para participar de um evento escolar na comunidade Xiboã com os meus alunos, lá trabalhamos os seguintes quesitos: agricultura, pesca e extrativismos. Foram escolhidos três alunos para participar do desfile da escola da garota ribeirinha, as mesmas foram construindo as suas roupas com materiais da própria região, como o milho. Foi lá a onde eu falei da importância da preservação e preparação da retirada do látex corretamente, para que não pudesse matar a árvore. Com isso a minha comunidade ganhou em primeiro lugar, foi uma grande honra receber o prêmio para a nossa comunidade. Recebemos o prêmio e doamos para garota vencedora do desfile, que foi a garota agricultura.

Um das minhas piores lembranças foi sair de casa para zona rural em uma canoa de madeira com os meus filhos pegando Sol e chuva, morar em uma casa a onde não poderia pisar no chão direito com tanta formiga. Tenho um filho que tem asma, mas tive que levar ele comigo, quando ele estava na crise tive que vim com ele para a cidade de canoa, da comunidade a cidade nós gastávamos aproximadamente 11 horas de viagem até chegamos ao porto da cidade. Numa certa vez vínhamos na canoa e pegamos um forte temporal e na travessia do rio o motor parou e a canoa quase vira, como a chuva era muito forte, em meio ao desespero sem ninguém para nos ajudar, pois era muito longe de outra comunidade, todos estávamos molhados e deixamos o vento levar a canoa, com ajuda de Deus a canoa foi parar na praia, onde ficamos esperando o tempo passar.

No ano seguinte fui para a comunidade São Sebastião, localizada na margem direita do rio Juruá, escola São Sebastiao, uma escola com uma estrutura destruída, moradia de morcego, com cachorro com cheiro insuportável, trabalhar naquela escola era muito difícil, lá trabalhei com alunos em turmas multisseriada, foi um ano um pouco difícil pois, engravidei da minha filha Isabelly, não consegui trabalhar pelo mau cheiro na escola, com isso o meu esposo que terminou o ano letivo para mim. Junto com ele eu organizava os conteúdos e ele aplicava em sala de aula. Fui muito querida pelos moradores da comunidade, no final do ano letivo comemoramos com um torneio e um jantar para os moradores da comunidade e das comunidades vizinhas, enceramos a noite com uma grande festa dançante.

No ano seguinte fui trabalhar na comunidade Canta Galo, na parte de cima do rio Juruá, onde a escola tinha duas salas de aula, uma cozinha e uma varanda que dava acesso às salas de aula, foi lá onde trabalhei com mais três professores, dois tinha uma graduação que pelo Proformar. Trabalhei com a professora Vangila, com uma turma multisseriada, com alunos do pré-I à teceria série. A mesma era uma boa colega de trabalha,

junto com outro colega excelente, o professor Antônio Francisco, muito competente e amigo, continuamos juntos até hoje.

Nesta comunidade trabalhei apenas um mês, tive que retornar à cidade para ganhar a minha filha, com isso passei o resto do ano em casa. No ano seguinte fui trabalhar na comunidade Nova Morada, na parte de cima do rio Juruá, na escola Mônica Vieira Maia, uma escola com uma estrutura não acabada, porém nova. A escola tinha duas salas de aula, uma cozinha e uma varanda que dava acesso às salas de aula e a cozinha. Na mesma trabalhava com um colega, o professor Raimundo, trabalhávamos os dois horários, eu fique do pré I até a quarta série e ele ficou com os alunos da quinta série no horário matutino. E no horário vespertino trabalhávamos na mesma sala, mas revezando os horários com a turma de 6º ao 9º ano.

No ano seguinte fui transferida pra trabalhar na escola da cidade, o Santos Dumont, fui trabalhar com as turmas de 1º ao 6º ano, com a disciplina de Religião.

O Parfor veio para gente através da secretária de educação, dona Aurea Ester Marques, que foi em busca de aperfeiçoamento para os professores da zona rural, com isso ela conseguiu a faculdade de Pedagogia pelo Parfor para gente.

### **Estudando, trabalhando e lutando: o percurso da minha formação**

Em 2016 fui contratada pela prefeitura para trabalhar em uma escola do estado que estava precisando de pessoas para fazer o acompanhamento dos professores com o livro de ponto, fiquei nesta escola até o final do ano letivo.

Começou o curso de Pedagogia em junho de 2016 e tive e graça de ser contemplada com uma matrícula, a primeira dama e também secretária de educação, priorizou os professores que estavam atuando na zona rural. Quando comecei a estudar parecia que estava no meu primeiro ano na escola, começando a aprender a ler, com o passar dos dias, com o apoio de todos, professores excelentes que passaram deixando seu legado de conhecimento a todos, fui começando a entender a importância de um professor bem preparado na vida de um aluno.

Em 2017 fui contratada para trabalhar em uma escola municipal, a Juraci Fernandes que está localizada na estrada do aeroporto que dá acesso à cidade, nosso transporte era o ônibus para levar alunos e professores. Trabalhava com uma turma do 5º ao 7º ano, como professora de reforço o desafio foi ainda maior, pois precisei alfabetizar os adolescentes e não é tarefa fácil, muitas vezes os mesmos vão para a escola obrigados pelos pais, mas como eu já tinha tomado gosto pela profissão, me dediquei bastante para diminuir a defasagem escolar presente na escola, fiquei por 2 anos nessa escola.

## **A pandemia de covid-19**

Durante a pandemia fiquei desempregada, nos primeiros meses que começou sair o Auxílio Emergencial, não fui contemplada, situação difícil com meus filhos sem ter o que comer, alguns meses depois comecei a receber, foi como sobrevivi com meus filhos até março de 2021.

Durante a pandemia foi um pouco mais desafiador, porém tranquilo, exigia mais atenção, foco e persistência, pois em muitos momentos era só eu para realizar os trabalhos acadêmicos, aprendi muito com cada professor que passou, melhor de tudo, as minhas notas foram boas, sei que alguma coisa aprendi. Sempre que precisei a coordenadora estava pronta para me ajudar, interagia com minha colega pelo celular, tirávamos as dúvidas uma da outra, foi bem proveitoso, se estamos aqui nesse mundo, se queremos ser cidadãos de bem, com mudanças em nosso país, temos que estar preparados para os desafios que o mundo nos dá.

## **Considerações Finais**

Ao concluir o curso de Pedagogia e a construção do meu memorial, percebi a importância de nossas vidas, tudo que vivemos vale muito a pena ser lembrado, fazer de nossa história um memorial que ficará para sempre escrito, podendo até mesmo ser reconhecido por outras pessoas.

A importância de um docente bem formado com conhecimentos críticos e construtivos, proporciona uma vida profissional inovadora, rica de conhecimento para auxiliar a quem precisa. Com tudo que foi estudado durante este curso e escrito neste memorial, posso concluir que mesmo com todas as dificuldades encontradas é fundamental que se tenha um bom aprendizado para ser um bom docente.

Este trabalho foi realizado de forma conjunta e reflexiva com os professores que são pessoas de uma diversidade de conhecimentos que nos ajudou muito, um trabalho dessa forma nos faz refletir sobre a importância do trabalho de um educador na construção do aprendizado de cada criança.

As experiências no decorrer do curso serviram para melhoria a minha prática pedagógica, vou buscar sempre aperfeiçoar a minha prática educativa, por que um docente bem formado sabe que uma escola não se constrói sozinha e sim no coletivo. É preciso aliar teoria e prática, e valorizar o conhecimento de cada um que faz parte do corpo escolar, pois todos são capazes de construir uma escola democrática para um futuro melhor.

## CAPÍTULO 35

### TRANSFORMAÇÕES NA MINHA VIDA E O CURSO DE PEDAGOGIA

Quézia Belarmina da Silva

Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### **Introdução**

O presente memorial tem como objetivo traçar um panorama acerca da minha formação escolar e as experiências pessoais que me levaram a optar pela docência, também faz um resgate de toda a construção de conhecimento adquirido a partir do momento que ingressei no curso de Pedagogia, abordando os mais diversos aspectos do processo educativo.

As dificuldades originadas pela formação deficitária antes de ter contato com as abordagens e métodos educacionais provenientes de todo o leque de informações passadas pelos mestres durante a graduação, contribuíram para esse processo inovador de ser docente, em face do entendimento da importância da educação no processo de democratização da sociedade, e dos professores como um de seus principais agentes de transformação.

Destaco os aspectos que atravessam o trabalho educacional, no intuito de identificar os pontos de melhorias no campo de atuação.

#### **Meu caminho até a escola**

Foi no Rio Xeruã, no município de Carauari, o lugar onde nasci, foi no dia 01 de novembro de 1969, às 9h da manhã, sobre os cuidados da parteira Miguelina, esposa do patrão de meu pai. Recebi o nome de Quézia, em homenagem a filha de Jó, da Bíblia, nome escolhido pelo meu pai, Raimundo Ferreira da Silva e pelo o meu avô. Júlio Galdino Fernandes, por eles serem crente na época.

Tive uma infância não muito boa, onde com 7 anos, pelas muitas gravidezes de risco, em uma delas perdi a minha mãe na hora do parto, deixando assim eu e meu irmão mais velho, e logo depois de oito meses, meu pai casou-se novamente com outra mulher, para a minha surpresa e a do meu irmão.

Foi a pior coisa que poderia ter acontecido em nossas vidas, porque quando o papai levou ela para morar conosco, logo no começo ela parecia uma boa pessoa, mas após um ano, ela começou a mostrar quem realmente era.

Eu não podia fazer nada do que eu gostava de fazer, como por exemplo, brincar com minhas amigas, tomar banho dentro do rio como fazia antes, nem mesmo o meu alimento poderia comer da forma que eu queria, se nós fizéssemos qualquer coisa, por menor que fosse, ela já chegava para o meu pai e falava e logo nós iríamos apanhar, podia ser a hora que fosse que meu pai chegasse, mesmo que nós já estivéssemos deitados ou até mesmo dormindo, ele pedia para que ela nos acordar.

Fui crescendo, criando toda aquela magoa em meu coração que não dava mais para suportar o tanto de maldade vindo de uma só pessoa, quando já tinha completado os meus 12 anos de idade, o papai resolveu sair do Rio Xeruã e viemos para a cidade de Carauari, para colocar nós para estudar, nesta época minha madrasta já tinha mais três filhas mulheres, logo que chegamos na cidade de Carauari a minha irmã mais nova na época, ficou doente e chegou a falecer.

As coisas naquela época eram muito difíceis para um pai de família desempregado com cinco filho para sustentar, eu já com 12 anos de idade fui trabalhar com minha prima Conceição, em sua casa, tudo parecia estar indo bem, mas assim mesmo minha madrasta ainda me perseguia. Quando chegava em casa não tinha felicidade e nem tranquilidade para descansar de um dia exaustivo de trabalho, enquanto isso ela ia engravidando e tendo mais filhos, tanto que sou irmã de 12 irmãos.

Com tudo isso que aconteceu comigo, me tirou a oportunidade de estudar na idade certa, por causa de tantos sofrimentos, saí de casa mundo afora, a procura de algo melhor, mas para minha tristeza encontrei foi mais sofrimentos, formei família, achando que era a solução para os meus problemas e sofrimentos, foi aí que tudo ficou mais difícil ainda na minha vida e na dos meus filhos que eu já tenha concebido.

Não tive infância normal como toda criança deve ter, viajei por muitas cidades tentando encontrar a felicidade, mas foi na cidade de Manaus que consegui entrar na escola, já com uma idade avançada, ingressei pela modalidade de educação de jovens e adultos, estudei do 1º ao 5º ano, aí meu esposo se separou de mim, tive que vim embora para Carauari, passei apenas 3 meses lá e viajei para a cidade de Itamarati, onde reinicie meus estudos já com a idade de 36 anos. Dei continuidade aos meus estudos pelo o EJA educação de jovens e adultos, na Escola Estadual Francidene Suareis Barroso.

Nessa modalidade eu tinha como professores os senhores: Manoel Siqueira, Cosmo, Mauri e Emiliano. Aqui finalizei o ensino fundamental e o ensino médio, finalizei no ano de 2011 e já no início do ano 2012 entrei para a área da docência, já como professora na zona rural e após 4 anos atuando como professora, ingressei na faculdade no curso de Pedagogia pelo PARFOR, na Universidade do Estado do Amazonas-UEA.

O ensino fundamental foi para mim uma verdadeira aventura, já tinha 18 anos de idade, quando iniciei, mãe de dois filhos, morando na cidade de Boa Vista, em Roraima, uma cidade desconhecida para mim com dois filhos para criar, desisti e passei dez anos sem voltar para a escola, após este período sem ter contato com área da educação, voltei a escola novamente, já com 28 anos, para continuar os meus estudos, na época eu estava morando na cidade de Manaus, fiquei na escola apenas um ano, viajei novamente, agora para a



cidade de Itamarati, onde finalizei o ensino fundamental e o ensino médio e agora também o curso de Pedagogia.

### **Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR**

Por muito tempo, na minha trajetória como professora, agi de forma incorreta, ou seja, trabalhava de forma muito tradicional. Não procurava aguçar a curiosidade dos meus alunos e muitas vezes fui rígida ao extremo. Também não procurei inovar nas metodologias de ensino, sempre caindo na mesmice, deixando os discentes às vezes sem ter oportunidade de se pronunciarem e até se defenderem. Em alguns momentos não dei importância às informações que vinham ao meu encontro, deixando o comodismo tomar conta da realidade em que eu me encontrava.

Antes de fazer parte do corpo da docência, fui doméstica, cabelereira, manicure, ajudante de cozinha, babá e fiz parte da área da cozinha da escola, como merendeira. No ano de 2011 surgiu a oportunidade para trabalhar na área da docência, peguei essa oportunidade e fui trabalhar como professora na zona rural, que é onde estou até hoje.

### **Estudando, trabalhando e lutando: o percurso da minha formação**

No ano de 2016 iniciei o curso de Pedagogia, por meio da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, no Programa de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR). Foi então que me deparei com várias teorias. Até então não tinha conhecimento algum acerca das metodologias e das tendências pedagógicas. Apreendi muito, diversas foram as contribuições para com a minha prática pedagógica.

Foram de muita valia essas contribuições, não posso esquecer as enormes contribuições deixadas pelos professores no decorrer do curso, uma vez que a partir de agora, tenho uma visão mais holística sobre a necessidade do conhecimento.

A minha realidade profissional vivenciada durante a graduação foi desesperadora, por não ter nas maiorias das vezes, recursos financeiros durante todo o processo do curso, as vezes chegava em casa e não tinha nem mesmo o que me alimentar e alimentar minha filha e meu neto, que nasceu no quinto período do curso, incluindo mais uma despesa na família, mas sou grata a Deus em primeiro lugar, e minhas vizinhas que muitas vezes alimentaram a mim e a minha família.

Também ressalto aqui que ainda durante o curso tive um grave acidente, fazendo assim perder quase todo um período, no primeiro estágio, foi uma grave queimadura em minha perna, me deixando impossibilitada de andar e participar das orientações do Estágio I. Trabalhei ainda durante o ano de 2019.

Como professora, já em 2020, que foi o ano da pandemia, fiquei desempregada, também não estudei e nem trabalhei na minha função de professora, mas para ajuda nas despesas de minha casa, tive que trabalhar

na agricultura. Já com um novo casamento tudo ficou mais leve para mim e junto com ele nós plantávamos e colhíamos a mandioca, fazíamos a farinha e vendíamos para os comerciantes da comunidade, era uma forma de ajudar no sustento da família.

Logo no início do curso de Pedagogia, em 2016, eu estava trabalhando como professora na zona rural, mais especificamente na comunidade Buriti, no igarapé Canamá, mas nos períodos de janeiro e fevereiro, às vezes até o mês de março, eu não recebia o salário.

Em 2017 eu continuava trabalhando como professora e mais uma vez atravessei do processo seletivo pela prefeitura, mas sempre na mesma comunidade. Já no ano de 2018 troquei de comunidade por motivo pessoais, fui até a secretaria, solicitei a minha transferência da comunidade Buriti para a comunidade Vila Martins, e a minha solicitação foi aceita, onde trabalhei do ano 2018 até 2019, já em 2020 continuei na mesma comunidade, mas não trabalhei na área da docência, por motivo da pandemia da covid-19.

No ano de 2021 voltei a trabalhar como professora, após ter participado novamente de um outro processo seletivo pela prefeitura, mas na mesma comunidade, Vila Martins.

Nem todos os períodos do curso eu estava recebendo, porque sempre trabalhei por contrato, e sempre que finalizava o período letivo o contrato era suspenso e todos os professores que trabalhavam através de contrato, ficam desempregados por um bom período de tempo.

Para nós que trabalhamos nas zonas rurais é ainda mais difícil, porque lá o ano letivo só retorna as atividades a partir do mês de maio, às vezes somente a partir do mês de junho.

A parti do dia 19 de dezembro já ficávamos sem receber, então, a partir desta data até maio, às vezes em junho ficamos desempregados. Já este ano, depois de ter ficado um ano desempregada, no mês de julho de 2021, voltei a ser contrata, após participar do processo seletivo no qual fui aprovada.

Comecei a exercer a docência no dia 22 de agosto de 2021, lecionei apenas um dia, por causa da falta da entrega dos materiais escolares. Teve este atraso e também já estava na data de retornar a cidade para participar da finalização do curso de Pedagogia, por isso não retornei. Durante toda a minha vida tenho trabalhado na área da docência e sempre foi pela prefeitura.

### **A pandemia de Covid-19**

Durante esta cruel e devastadora doença, não fique totalmente desempregada, porque eu estava recebendo o salário de merendeira, pois sou concursada pela prefeitura, mas não estou excedendo a função, porque estou há três anos afastada por motivo de saúde.

Não foi fácil manter a minha casa e minha família durante esses 18 meses de pandemia, mas sempre se encontra uma forma de continuar vivendo, principalmente quando vivemos sozinha, sendo responsável por toda a responsabilidade de uma casa, mas isso tudo que passei para chegar até aqui serviu para que eu

pudesse valorizar mais as oportunidades que a vida me oferece, para que assim, eu venha a crescer cada vez mais na vida profissional.

Esse período que fiquei sem exercer a docência me ajudou a buscar mais conhecimentos para o retorno das aulas com minhas crianças. No que diz respeito a turma de Pedagogia, não dá para dizer que recebi ajuda e nem ajudei.

No que diz respeito a questão financeira, passei a maior parte do período da pandemia na comunidade a qual trabalho como professora, mas cada vez que vinha a cidade quando tinha contato com alguém da turma, sempre recebia apoio de cada um deles.

Durante as disciplinas que aconteceram, recebi ajuda e procurei ajudar de alguma forma. Aqueles colegas que me procuram com dificuldade, sempre procurei ajudá-los, conforme o meu conhecimento.

A turma é muito unida, sempre que procuramos ajuda uns dos outros, todos estão dispostos a ajudar, para mim está sendo muito proveitoso trabalhar em parceria com os colegas, por que nesta fase final todos estavam com um só propósito: finalizar o curso. Por isso, todos estavam muito prestativos uns com os outros.

Apesar de todos termos tido algumas perdas durante todo o processo do curso, graças a Deus estamos todos vivos e com saúde, como a vida não é só de alegrias, temos que continuar vivendo e lutando para alcançar vitórias no final de tudo.

Ainda há muito chão para percorrer e muitas vitórias para conquistar nesta vida de angústias e tristezas que o nosso mundo está passando, mas não cabe a nós desanimar, tudo vai passar só temos que acreditar.

Durante todo o curso, tiveram alguns momentos difíceis na minha vida, mas nada comparado ao surgimento da pandemia da covid-19, começando por não ter a continuação do curso presencial e o adiamento do termo do curso.

Isso para mim não foi tão impactante, mas, talvez alguns colegas serão prejudicados em concluir o curso, por terem dificuldades na compressão das explicações via WhatsApp. Para mim não foi tão difícil continuar o curso via o WhatsApp, foi até gratificante, porque consegui me concentrar melhor em casa, porque sou uma pessoa que em meio a muito barulho, não consigo me concentrar, então no silêncio da minha casa, facilitou o entendimento de cada explicação a qual era transmitida a mim, através do WhatsApp.

O curso ocorreu no momento em que se discutia em inúmeros países o uso da vacina contra o coronavírus. Todos procuram buscar entender que a vacina seria a solução para cura esta doença que veio para tirar toda a tranquilidade do mundo, fazendo assim com que ficássemos todos imobilizados, sem poder fazer tudo aquilo que fazíamos com toda a liberdade, ficando prisioneiro em nossos próprios lares.

### **Considerações Finais**

Ao concluirmos o curso de Pedagogia e a construção deste memorial, percebo a natureza de sua relevância. A construção deste texto me levou não só acreditar mais em mim, mas também a valorizar o meu

trabalho docente e a importância da formação continuada, que vai me proporcionar melhorar os meus estudos, os quais são sempre enriquecedores e inovadores de minha ação docente.

De acordo com tudo que foi citado neste memorial, pode-se concluir que apesar das dificuldades encontradas e por mais complicadas que seja a vida, é necessário que haja um bom desempenho na aprendizagem docente.

Este trabalho foi realizado de forma pensada e organizada, vale lembrar ao coletivo de professores que a troca de experiência, a diversidade e a heterogeneidade trazem riqueza para todos, pois um trabalho dessa ordem engrandeceu-nos e serviu-nos para refletir sobre o nosso papel como educadores.

Tenho certeza da minha importância na construção da educação dentro da instituição onde estou inserida, as experiências vivenciadas no decorrer deste curso, servirão como suporte para reflexões e melhoria na minha prática pedagógica.

Cabe a mim e a cada profissional, despertar suas inquietações e buscar através de uma reflexão crítica melhorar a sua prática enquanto sujeitos ativos do processo educativo, assim como através das possibilidades de construção da aprendizagem de seus alunos, a partir das mudanças concretas na prática pedagógica.

O docente como sujeito de sua própria formação pode construir um legado de informação e levar para toda a sua vida como profissional da educação, desse modo, é possível que o professor torne-se um agente capaz de gerir o seu próprio fazer, capaz de criar, pois ele possui uma capacidade enorme para ser aprofundada na perspectiva da dinamicidade constante e persistente que envolve a formação docente.

## **CAPÍTULO 36**

### **A IMPORTÂNCIA DO CURSO DE PEDAGOGIA PARA A TRANSFORMAÇÃO DA MINHA VIDA**

Radifran Ferreira Lima

Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### **Introdução**

Este memorial apresenta o fim de um ciclo acadêmico, contextualizando experiências que tive ao longo da minha vida, também as que o curso de Pedagogia me proporcionou durante minha vida acadêmica.

Falar da minha trajetória de vida é muito significativo, uma vez que me faz refletir sobre todo meu percurso antes e durante minha formação, resgatando na minha memória os acontecimentos que marcaram de maneira positiva e negativa minha vida. Por ser de família pobre, jamais imaginei estar me formando, ainda mais sendo numa universidade pública.

Pedagogia é um curso que abre vários leques de oportunidades, foi um enorme prazer fazer parte da família PARFOR-UEA, pois esse curso é para professores, fui presenteado e sou muito grato por isso.

#### **Meu caminho até a escola**

Nasci na cidade de Carauari-AM, em 30/09/1983, tenho um filho chamado Deivid Renan da Silva Lima, meus pais são: Radimir Lira de Lima e Paula Eucilene Ferreira Lima, são naturais de Carauari-AM, os mesmos trabalhavam na agricultura família. Nós éramos 8 irmãos, sendo dois irmãos falecidos, os nomes deles eram: Maria do Perpetuo Socorro Ferreira Lima e Damião Ferreira lima, hoje somos 6 irmãos vivos, cujos nomes são: Radir Ferreira Lima, Radilane Ferreira Lima, Cosmo Ferreira Lima, Raquely Ferreira Lima e Radilton Ferreira Lima.

Iniciei meus estudos na creche Maria Rosília, com 5 anos de idade fiz muitas amizades, quando eu era criança gostava muito de brincar no balanço da escola, eu e os meus colegas arengávamos muito por este balanço. Estudei apenas por dois anos nessa creche, que foi onde comecei a ter as minhas primeiras coordenações motoras, como pegar no lápis, pintar e até mesmo conhecer as letras do alfabeto e os números de 0 a 10.

Quando iniciei os meus estudos no ensino fundamental I, foi muito difícil para mim, pois os meus pais não tinham condições financeiras para comprar roupas e materiais escolares, eu gostaria muito de estudar junto com meus irmãos. Quando eu ia para a escola, ia com uma blusa azul e com uma bermuda que a minha madrinha tinha me dado de presente, mas quando comecei a estudar a roupa que eu tinha ganhado já estava velha, por que fazia 1 ano que minha madrinha tinha me dado de presente.

Eu não tinha vergonha de ir com ela e quando eu não ia com essa roupa, quem ia era meu irmão e eu ia com a dele, às vezes alguns colegas ficavam zoando das nossas caras por causa desse motivo, por isso às vezes o meu irmão voltava da escola chorando, cheguei até a brigar com uns dos meus colegas por este motivo, não dentro da sala de aula, mas sim na hora do recreio, que levou a diretora Nadir Pires a me dar dois dias de suspensão, para mim e para o garoto com quem eu tinha brigado. Mas, apesar de tudo isso ter acontecido, na escola onde eu estudei o ensino fundamental I, não faltavam materiais didáticos para os professores e nem merenda para os alunos, as merendeiras eram bem zelosas com as merendas da escola. Iniciei na escola com 7 anos de idade, na escola Francisca Alves de Souza.

O que eu gostava muito de merendar era risoto, que era arroz com charque, mas a escola tinha seu cardápio da merenda que era sopa de feijão com arroz e charque, risoto, que era arroz frito com charque, leite com bolacha, arroz doce e suco com bolacha.

O nome da minha primeira professora do ensino fundamental I era Carla e a primeira série iniciei no ano 1992, porém aprendi muito com essa professora, mas eu não colaborava muito com ela, pois eu era um pouco peralta, gostava muito de mexer com os meus colegas na hora da lição, mas no decorrer do ano comecei a me dedicar mais nos meus estudos, pois nesta escola fiz outras amizades e conheci colegas mais peraltas do que eu, aprendi muito com a minha professora na disciplina de português, por que ela era muita segura nos seus conteúdos dentro de sala de aula, com ela aprendi como juntar as letras, como se lia as junções e como formar as palavras, pois a mesma ensinava de forma onde os alunos não tinham dificuldades de aprender os seus conteúdos, graças a Deus passei de ano com boas notas, mesmo sendo como eu era.

Comecei meu segundo ano na mesma escola, com a professora Maria Luísa, a partir daí comecei a ter um pouco de dificuldade na disciplina de matemática, devido eu ser peralta, eu não pegava as explicações necessárias que a professora passava em cima do conteúdo da disciplina, por isso me complicava muito na hora de responder as atividades de matemática, pegava muito carão da professora nas horas das explicações, porque nessas horas eu estava conversando ou mexendo com alguém, mas com muito esforço consegui aprender um pouco de matemática e consegui passar de ano com a minha média 7.0, graças a Deus.

A terceira série estudei com a professora Auzirene que foi uma professora muito rígida nas suas disciplinas, mas a mesma era muito segura nos seus conteúdos, com esta professora passei a me comportar mais dentro de sala de aula, até por que ela não gostava muito que seus alunos conversassem muito dentro de sala, e devido ela ser rígida, fez com que eu passasse a me interessar mais pela a disciplina, inclusive

matemática, que eu era péssimo. Uma vez deixei a sala inteira sem recreio devido à tabuada, uns dos meus colegas só faltaram me engolir devido eu ter errado a tabuada do sete, mas outros ficaram rindo da minha cara e nós acabamos sem recreio.

Foi nesse ano que conheci um garoto chamado Francisco, construímos uma amizade como se fossemos dois irmãos, mas essa amizade durou apenas 6 meses, até porque uma doença o levou a falecer e fiquei muito triste, eu soube do seu falecimento pela professora, ela me viu passando em frente de sua casa e me chamou perguntou se eu não iria visitar o corpo do meu amigo que tinha falecido, eu perguntei a ela que amigo era, ela me perguntou se eu ainda não está sabendo que tinha sido meu amigo Francisco e pediu que eu fosse visitar o corpo dele logo, porque ele tinha falecido de uma doença contagiosa que foi de hepatite e que já estava virando cirrose. Nesta mesma hora fui diretamente à casa de seu pai, mas quando eu cheguei, vi seu pai na janela chorando, quando ele me viu, disse: seu amigo agora está com Deus. Eu não consegui ver seu corpo porque ele já tinha sido enterrado devido à doença que era muito contagiosa. Apesar da perda do meu amigo, consegui superar tudo que tinha acontecido. Mas no decorrer do ano fiz novas amizades com outros garotos, eles passaram a me convidar para jogar bola com os garotos da 4ª série B, nós éramos da 4ª série A.

Na 6ª série estudei com muitos professores bons, foi onde comecei a me desenvolver mais na disciplina de matemática, juntamente com o professor Eliezer, o mesmo era bastante seguro nas suas explicações e passava várias formas de explicações da sua disciplina, para que seus alunos pudessem aprender de forma adequada.

Na 7ª série estudei com alguns professores diferentes, mas eram professores bem seguros nas suas disciplinas, também foi um ano de muito aproveitamento nos meus estudos.

Na 8ª série estudei com os mesmos professores que lecionaram a 7ª série, foi muito bom, até porque eu já sabia as formas que eles trabalhavam nas suas disciplinas.

A escola GM3 proporcionava muitas brincadeiras para os alunos, mas o que nós alunos mais gostávamos era dos torneios de futebol de salão e de vôlei com as outras escolas, porque eram nestes torneios que os alunos se juntavam para torcer pela sua escola.

Concluí meu ensino médio no ano de 2002 pelo EJA, na escola Francisco Alves de Souza, onde já tinha estudado o ensino fundamental I, foi nesta escola que fiz muitas amizades durante a minha infância. Concluí os estudos pelo EJA, foi muito proveitoso, pois foram anos que desenvolvi muito na minha aprendizagem e que serviu para a minha vida profissional.

Dentro deste âmbito escolar, nós alunos tínhamos uma boa refeição durante o recreio, pois as merendeiras eram muitas profissionais nos seus trabalhos, elas que faziam as merendas dos alunos e serviam, ainda perguntavam se queríamos repetir, estas merendas ajudavam muito os alunos que ali estudavam.

## Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR

Ao chegar ao município de Itamarati, no ano de 2008, para visitar o meu irmão que aqui mora até hoje, fiz vários amigos, conheci 2 que eram vereadores, outros trabalhavam como ajudantes de pedreiros, carpinteiros e uns trabalhavam como garis.

Cheguei à cidade de Itamarati no dia 25 de setembro, com 6 meses a vice-prefeita da cidade perguntou se eu já tinha concluído o ensino médio, respondi que sim, a mesma perguntou se eu queria lecionar na Zona Rural, respondi que sim, mas eu disse para ela que eu não tinha nenhuma experiência como professor, ela respondeu da seguinte forma: não é nenhum bicho de sete cabeças, disse que para ela era fácil, porque a mesma era professora e ela me chamou para ir até a casa dela, quando chegamos lá ela me trouxe um caderno de planos de aula e me explicou como eu poderia trabalhar dentro de sala de aula. Mas, apesar de tudo isso nós tivemos que fazer uma redação com a professora Áurea que era secretária de educação, e a primeira dama da cidade ao mesmo tempo.

Consegui passar nessa seleção, com 4 dias mandaram ir deixar os professores nas comunidades, eu fui porque queria conseguir um emprego. A comunidade que eu fui lotado demorava dois dias para chegar, eram dois dias de viagem de subida de barco, com 1 dia de viagem de volta à cidade, a comunidade se chama Praia Alta, lá tive o primeiro ano de trabalho, ou seja, era a minha primeira experiência de como trabalhar com criança e adolescente dentro de sala de aula.

Os meus colegas de trabalho eram: Machione Lopes e Elias da Silva. Ao entrar pela primeira vez dentro de uma sala de aula, com uma turma multisseriada para ensinar crianças e adolescente, eu disse para mim mesmo que não conseguiria ensinar nada, porque me deparei com crianças de 6 a 9 anos, e adolescentes de 12 a 16 anos de idade. A minha primeira aula foi com uma roda de conversa, onde ajeitei as cadeiras ao redor da sala e começamos a conversar, fui fazendo perguntas sobre o que eles mais gostavam de fazer.

Nesta turma havia 24 alunos que no decorrer da semana deixei bastante à vontade dentro de sala de aula, mas sempre passando os conteúdos de acordo com a idade de cada um deles. Para que eu pudesse fazer isso, eu passava os conteúdos primeiro para os maiores, enquanto deixava as crianças desenhando, os maiores faziam as lições que estava no quadro. Sempre fui uma pessoa que gostava muito de observar, por isso os deixei bastante à vontade para que eu pudesse observar cada um deles, para ver quem eram os enxeridos, os comportados, os que tinham mais dificuldades e os que tinham menos dificuldades.

No primeiro domingo que eu estava na comunidade, uma senhora chamada Betânia me chamou e disse: “professor eu nunca vi nenhum dos professores que passaram por aqui manter esses alunos dentro da sala e até o final da aula, pois, quando chega o final do ano, cinco a oito alunos terminam o ano letivo”. Eu disse a ela que observasse as minhas aulas e quando chegasse ao final do ano ela me falasse sobre as minhas aulas durante o ano.



O ano foi passando e eu encontrando muitas dificuldades dentro de sala de aula, principalmente com as crianças, algumas tinham dificuldade de reconhecer as letras. Comecei a trabalhar com as crianças através de brincadeiras, fiz todas as letras do alfabeto numa folha de cartolina, ao acabar, recortei todas elas e preguei todas num pedaço de papelão, repeti seis letras de cada uma. Ao acabar de fazer todo este processo, peguei outra folha e coloquei todas as letras dentro dela, depois coloquei o da brincadeira na caixa: Caça letras e Caça palavras. Fiz o nome desta brincadeira assim, porque tanto as crianças, quanto os adolescentes poderiam brincar. No dia seguinte cheguei à escola bem cedo e arrumei as cadeiras ao redor da sala, alguns alunos chegaram nesta hora, e um deles perguntou: professor hoje nós vamos brincar de quê? Pedi a ele que esperasse os outros que eu iria explicar a brincadeira.

Quando todos chegaram, dividi eles em três grupos de oito pessoas e comecei a explicar como iria ser a brincadeira, começaria com as crianças procurando as letras para formar as palavras que estavam no quadro, os maiores iriam indicar onde as letras iriam ficar no quadro para poder formar palavras. Expliquei que a brincadeira teria regras, que não pode passar mais do que trinta segundos para cada grupo, mas antes de começar a brincadeira, pedi licença a eles e saí para comprar um quilo de bombom para distribuir no final da aula, mas resolvi que cada grupo que acertasse as palavras iria ganhar cinco bombons por cada participante.

Quando comecei as brincadeiras, fiz os sorteios dos grupos e através desta brincadeira consegui conquistar uns dos meus objetivos, que era deixar aquelas crianças conhecendo todas as letras do alfabeto, sabendo as junções e sabendo ler mais do que eles já sabiam, respeitando os pontos e as vírgulas.

Quando o ano letivo acabou, os supervisores chegaram à comunidade no dia 18 de dezembro de 2019, recebendo as documentações dos alunos do ano letivo, ao entregar as documentações pedi que eles me trouxessem à cidade, porque eu estava querendo viajar para a cidade de Carauari, para visitar meus pais, eles aceitaram e me trouxeram a cidade, me despedir dos alunos e dos moradores da comunidade, foi quando a senhora Betânia pegou no meu ombro e me parabenizou com abraços, dizendo: você foi o primeiro professor que manteve os alunos dentro da sala de aula no horário normal, você também manteve todos eles até o final do ano letivo na escola.

A estrutura da escola da comunidade era um pouco boa, mas só que ela era pequena com uma sala de aula de cinco metros de comprimento por cinco e oitenta de largura, com um quarto de dois metros de comprimento por 5,80 metros de largura, com uma varanda de um metro de largura no comprimento da escola.

A estrutura do trapiche da comunidade era muito precária, as peças estavam se quebrando, as tábuas podres e a maioria dos barrotes também estavam podres, praticamente o trapiche da comunidade não prestava.

Em 2010 trabalhei na comunidade Conceição do Raimundo, junto com meu colega Josimar Alves da Silva. Foi um dos lugares em que trabalhei que a estrutura da escola era muito boa, o nome da é escola Coronel

Nilo Pinheiro, ela tinha duas salas de aula grandes, um quarto e uma varanda na frente. Nesta comunidade não tinha trapiche para os moradores andarem, mas no decorrer do ano foi construído um trapiche com dois metros de largura e trezentos e cinquenta metros de comprimento para os moradores da comunidade. Os moradores de lá eram mais prestativos com os professores e sempre todos participavam das reuniões da escola e procuravam saber sobre os comportamentos dos seus filhos.

A comunidade era bem zelada pelos moradores, para a chegada do dia oito de dezembro, onde todos comemoravam a padroeira da comunidade que é a Imaculada Conceição, o senhor Antônio Pedro que é o líder da comunidade, sempre festejava, dando comida e comemorando com festas para os visitantes, mas antes de tudo isso, tem o torneio de futebol com prêmios em dinheiro. Logo depois do torneio, às seis horas da tarde, acontece a missa de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, acontecendo batizados e até mesmo casamentos.

Trabalhei de 2011 até 2018, na comunidade Quiriru I, onde trabalhavam alguns professores comigo, que eram Ivanilde Alves, José Evandro Alves, Raimunda Nonata Alves, Gean Bernadino, José Marcos, Antônio Valdinei, Maria Antônia Barroso, Maria do Perpeto Socorro, Marco Martins, Aldilei, Vangilene e Raimundo Nonato. Nesta comunidade me deparei com realidades diferentes das outras, nela havia muito mais casas que nas outras, mas todas estavam danificadas. Trabalhei na escola Major Maia que estava com quatro anos que tinha sido feita, nela havia duas salas de aula, um quarto e uma varanda, a mesma ainda estava em boas condições.

As pessoas que habitavam lá eram bem prestativas com os professores, mas são rígidas com a permanência dos professores na comunidade. Na escola Major Maia lecionei para alunos que estudavam em turmas multisseriadas, mas foram anos muito proveitosos nas minhas disciplinas, consegui ensinar muitas crianças e adolescentes, lá havia alunos peraltas e bem comportados, mas alguns deles gostavam de participar das aulas.

Nos meus primeiros anos de trabalho fiz alguns cursos com os professores que trabalhavam na secretaria de educação, onde ambos já tinham feito alguns cursos por Manaus, que era a formação continuada de professores, os mesmos tentavam passar um pouco dos seus conhecimentos para nós. Fiz também um curso que foi A Escola da Terra que foi muito proveitoso, mas apenas eram dois dias de aula, a professora se deslocava de Manaus para Itamarati, o curso foi promovido pela Universidade Federal do Amazonas- UFAM.

### **Trabalhando, estudando e lutando: o percurso da minha formação**

Eu já tinha ouvido a palavra PARFOR, mas não tinha conhecimento do que ela significava, esta formação em Pedagogia me levou a ter conhecimento sobre essa palavra, estar cursando esta formação foi por minha vontade própria, pois foi a primeira oportunidade que eu estive e foi através da secretaria de

educação que se chama professora Aurea, a mesma pediu que eu não perdesse essa oportunidade e poderia ser única, pois a prioridade eram os professores que estavam dentro de sala de aula na zona rural do município.

As minhas primeiras impressões nas primeiras disciplinas foram um pouco assustadoras, até por que quando falamos em faculdade tudo em nossas mentes ficava com uma impressão de que iria ser difícil, seja qual fosse a disciplina, mas, com os professores que vem, nos traz mais segurança para que nós levássemos adiante a nossa força de estudar em qualquer disciplina.

Nos primeiros seminários tive muitas dificuldades para apresentar os conteúdos que eram abordados em cima das disciplinas, pois o nervosismo batia e nas horas das explicações quase nada saia, eu mesmo tinha bastante dificuldade para compreender os textos, porque todos eles falavam sobre teóricos, mas quando veio o quarto professor já estava bastante avançado em relação aos conteúdos e com isso fui me desenvolvendo nos seminários e até mesmo nas minhas provas finais.

No período da faculdade as coisas se tornavam muito difíceis para quem estava fazendo a faculdade, principalmente nesses períodos de janeiro a março, em termos de salários, por que nosso contrato cai no final do ano letivo.

Com esta faculdade muitas pessoas começaram a me ver como um professor realmente, não que eu não fosse, mas a valorização que nós tínhamos como professor não era muita. A faculdade me fez abrir minha mente em todas as minhas dificuldades em relação aos meus trabalhos, seja na vida profissional ou na vida pessoal, com esta faculdade eu aprendi a elaborar um bom trabalho dentro da minha escola.

Muitas disciplinas me marcaram, no entanto a que eu mais me identifiquei foi psicologia do desenvolvimento, a disciplina História da Criança e Jovens e Adultos, também me identifiquei na disciplina de Geografia com o Professor José Camilo.

Uma das principais lições que estive foi com o professor José Camilo, que era um bom professor, foi que aprendi a dar uma boa aula sem material didático, porque para um bom professor nada se torna difícil, esta foi a lição que eu aprendi e vou levar para o resto de minha vida.

Sempre gostei de trabalhar como docente, pois a docência é uma área que sempre me identifiquei, o curso de Pedagogia me proporcionou essa oportunidade, porém pensei muito em desistir, mas com a força de Deus, familiares e colegas, estou concluindo o curso que me proporcionou conhecimentos que posso levar adiante na minha vida pessoal e profissional.

A minha vida em relação ao PARFOR fez com que hoje eu ficasse mais seguro nas disciplinas que leciono, pois este curso me trouxe mais segurança para que eu pudesse trabalhar dentro de sala de aula juntos com meus alunos, fez com que eu refletisse sobre o mundo da educação e o meu papel.

Durante esses quase 5 anos de graduação passei por muitas dificuldades com o desemprego que assolava a minha vida. Atuo na zona rural e as aulas demoram muito para começar, sendo assim só começo a receber salário quando estamos no interior.

Durante este período eu trabalhei numa única comunidade, na verdade durante todo esse, percurso trabalhei na comunidade Quiriru, um povo acolhedor de muita bondade. Durante este período juntamente com meus colegas de turma da faculdade, confeccionamos algumas máscaras para serem doadas às pessoas mais carentes do município, conseguimos recursos com, vereadores, prefeito, empresários, professores e fizemos em torno de 400 máscaras e doamos.

### **A pandemia de Covid-19**

O primeiro caso de covid-19 no município de Itamarati, foi no dia 25 de Março de 2020, semanas depois que a doença foi detectada no município, um senhor de aproximadamente 75 anos de idade faleceu. A partir daí o prefeito da cidade começou a tomar providências, fechando o aeroporto da cidade e o porto das embarcações, para que barcos de outras cidades não ancorassem no porto fluvial de Itamarati. A secretaria de saúde adotou as medidas de prevenção para a população de Itamarati, como lavar as mãos com água e sabão, álcool em gel, distanciamento e principalmente, o uso de máscara.

No decorrer do ano de 2020, a covid-19 se espalhou no município, levou 8 pessoas a óbito, mas com as medidas tomadas pela a secretaria de saúde, junto com sua equipe médica e agentes de saúde, com o apoio da prefeitura do município, as medidas que foram tomadas controlou a expansão do vírus no município, hoje mais de 80% da população já foi vacinada.

Durante a pandemia passei por vários desafios, um deles foi a falta de emprego. No início do ano 2020 devido a pandemia, o prefeito da cidade não havia contratado os professores da zona rural, do município. Mas no decorrer do ano, o prefeito resolveu levantar o contrato dos professores da zona rural, faltando alguns meses para o final do ano. Foi um grande alívio para nós professores contratados da zona rural, pois conseguimos pagar algumas contas que estavam atrasadas.

No início do ano de 2021, passei por mais desafios como as péssimas condições financeiras, mas graças a Deus fui abençoado, por ele ter colocado na minha vida uma irmã de bom coração, que me ajudou muito quando eu estava desempregado, pagando contas de luz e água, foi uma enorme ajuda. Em 22 de março de 2021 veio minha separação com minha ex-mulher. Dois dias depois da minha separação, veio a perda do meu cunhado para a covid-19, ele era casado com minha irmã que também vinha se recuperando da covid-19, junto com as suas filhas, com a força de Deus elas se recuperaram bem. Com a força de Deus, também estou conseguindo vencer todos os obstáculos que a vida me proporcionou.

Minha vida acadêmica durante a pandemia foi muito conturbada, muitos professores ficaram parados devido à doença. No ano de 2020 foi muito difícil, porque tinha o período da faculdade onde as aulas iriam ser não presenciais. O mais difícil foi à falta dos professores para nos orientarem com os nossos trabalhos.

Com as aulas online foi um pouco difícil, entretanto, no decorrer dos estudos comecei a me acostumar com as aulas não presenciais. A pandemia fez com que nós acadêmicos perdêssemos muitas coisas boas devido à falta de professores para nos orientar sobre os nossos estágios, relatórios e outras aulas que eles tinham em mente para passar para nós acadêmicos do PARFOR. Todavia, com a ajuda dos meus pais e dos meus colegas, consegui vencer todos os obstáculos vivenciados durante o curso.

### **Considerações Finais**

A construção do memorial levou a conclusão do curso de Pedagogia cursado pelo PARFOR UEA, visando a ampliação dos meus conhecimentos e a minha valorização como profissional no meio da educação.

Os conhecimentos adquiridos através das disciplinas durante o curso me proporcionaram novas práticas de ensino. O curso abriu as portas para que eu pudesse relatar sobre minha história de vida, sobre minha infância, adolescência, e minha vida profissional e pessoal. O curso trouxe muitas mudanças na minha vida como professor, com a prática pedagógica pude adquirir um leque de conhecimentos para que eu possa sempre me aperfeiçoar na minha vida como profissional.

Com o curso aprendi muito sobre a educação, como me posicionar dentro de uma sala de aula com crianças, pois os mesmos nos fazem refletir o quanto eles são importantes para nós professores.



## CAPÍTULO 37

### MEMÓRIAS EDUCACIONAIS DA MINHA VIDA

Raimunda Nonata Alves

Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### **Introdução**

O presente texto é um recorte do meu memorial de fim de curso em Pedagogia. Muitos desafios foram encontrados ao decorrer do mesmo, um de grande referência foi o desemprego, com o qual todos os cursistas se depararam, outro era a falta de recursos didáticos, a universidade não disponibilizava apostilas impressas e isso dificultava na hora de estudar os textos.

#### **Meu caminho até a escola**

Meu nome é Raimunda Nonata Alves da Silva, tenho 30 anos, sou filha de Antônio Valdenir Pereira da Silva e de dona Deuzuite Meton Alves, tenho três irmãos Josimar Alves da Silva ele tem 32 anos, Gelzimar Alves da Silva 25 anos, e o Gilmar Alves da Silva tem 23 anos.

Minhas primeiras lembranças são com a minha mãe que me ensinou tudo o que eu sei, como por exemplo, cozinhar, lavar roupa, arrumar a casa, a cuidar dos meus irmãos mais novos, praticamente o que eu sei hoje em dia, foi através da minha mãe. E com as brincadeiras que eu gostava de brincar nas ruas, porque a minha infância não era só trabalho, mas também tinha bastante brincadeira, brincava com as minhas amigas que moravam do lado da minha casa, já que nós quando viemos morar na cidade não tínhamos casa e moramos em várias casas antes do papai fazer a nossa. Eu fiz várias amizades pelo local que passamos.

Minha infância escolar comecei no ano de 1993, na alfabetização, com a professora Mardí, na escola Santos Dumont. Eu tinha bastante preguiça de estudar, meus primeiros anos foram muito difíceis, porque eu morava na comunidade Xeruã, bem longe da cidade, nesse tempo não tinha escola nas comunidades, por isso meus pais resolveram vir morar na cidade, para que seus filhos pudessem estudar e terem uma educação que eles não tiveram e a oportunidade de estudar, mas queria que seus filhos tivessem a oportunidade de estudar.

Quando eu fui para a escola pela primeira vez foi com minha mãe, ela quem me levava todo o santo dia pela parte da manhã e quando já estava na hora de sair, ela deixava tudo que estava fazendo e ia me pegar. Na escola eu tinha uma grande segurança de ir e vir com a minha mãe, porque eu tinha um pouco de medo

da escola por ser um lugar que eu não conhecia e de repente eu me vi ali, num lugar grande e novo, cheio de desafios, com professores que eu nunca tinha visto.

Fique com a professora Mardí até a alfabetização, foram três grandes anos bons, era só mais fazendo desenho, ABC. Eu tinha poucos colegas, por um motivo que eu não gostava de conversar, era tímida, já na primeira série foi com uma professora que eu não consigo me lembrar dela, eu só prestava para dormir em sala, porque foi uma mudança total de turma, não tinha mais nenhuma das coleguinhas da outra turma, me sentia como no começo, outras pessoas, então era tudo novo.

Eu dormia muito em sala, não fazia as tarefas, a professora começou a chamar a mamãe na escola para fazer reclamações sobre o meu comportamento, eu não estava prestando atenção na sala, só prestava para dormir, quando chegava em casa, minha mãe me colocava de castigo, mas eu continuava do mesmo jeito, fiquei reprovada no final do ano.

No outro ano mudou a professora, ela conversava com a turma, logo percebeu que eu não gostava de conversar, ela ficou me observando durante uns dias, daí ela me coloca para sentar em uma das cadeiras da frente e sempre pedia que eu ajudasse a fazer qualquer coisa, como pegar os cadernos dos colegas a entregar de volta, depois que ela passava a tarefa, isso tudo era para que eu não ficasse parada.

Foi quando eu comecei a me interessar pelas aulas, comecei a fazer amizade com os colegas e quando cheguei ao final do ano eu tinha aprendido um pouco e até que enfim passei de ano, daí para frente, graças a Deus, nunca mais fiquei reprovada em nenhuma série.

As professoras que mais me marcaram foram as professoras Mardí, Creusa e Rosilene, foram professoras que eu nunca esqueço, na segunda série a professora Creusa foi uma boa professora, ela quase todo o dia fazia aulas diferente com brincadeiras na aula que chamava bastante atenção da turma toda, eu comecei a querer ser professora através dela.

No ano seguinte foi com a professora Rosilene, ela também era bem legal uma ótima professora, gostei muito de estudar, com ela aprendi muito, principalmente na leitura, porque ela nos dava bastante texto para nós lermos em casa e na escola.

Quando eu chegava em casa com os textos ou tarefas meus pais sempre perguntavam: filha você tem tarefa para casa? Eu falava: tenho pai! Ele dizia: vamos almoçar depois você vai fazer. A gente ia almoçar, quando terminávamos de comer ele ia se deitar e me colocava para sentar perto dele, para que ele pudesse ouvir à minha leitura, quando eu não lia, não saía daquele canto ficava até ele acordar e mesmo assim tinha que ter feito todas as tarefas e ler em voz alta para ele, quando eu trazia trabalho para fazer em casa meus pais não deixavam eu ir fazer nada enquanto não terminasse de fazer o meu trabalho da escola, sempre em primeiro lugar de tudo para eles estava meu estudo.

Durante minha infância tive vários colegas que ficaram bastante tempo em vida, tinha colegas como Daiane e Maria que iam para minha casa depois da aula, eu ia para casa delas também, quando a mamãe



deixava a gente fazia várias coisas juntas, brincava, estudava e aquela amiga bem íntima, que até dormia na minha casa para quando o dia amanhecesse a gente pudesse ir juntas para à escola. Minha infância foi boa, não tenho muito o que reclamar não, só que aquela época era muito ruim de água na casa que morávamos, tínhamos que carregar água da Cosama.

A Cosama ficava um pouco distante da minha casa, naquele tempo não tinha água encanada para todas as casas, por isso que tínhamos que carregar água, quando chegávamos lá era pôr fila porque já estava cheio de gente para pegar água também. E era bem longe, tinha uma subida bem grande que eu meu irmão Josimar, o mais velho, tínhamos que carregar águas quase todos os dias, quando a gente chegava da escola, já cansados e ainda tínhamos que carregar água para a mamãe.

Era bem cansativo porque éramos crianças. Minha escola era um lugar que eu me sentia bem à vontade porque era quando eu estava com todos os meus colegas e professores. Minha família sempre me deu uma força grande para que nunca deixasse a escola, sempre quando eu não queria ir para escola meu pai me obrigava a ir sempre, mesmo quando eu estava com preguiça.

Minha família sempre foi bem presente na escola, às vezes gostava de ir de surpresa, quando eu menos esperava ela chegava para ver como eu estava me comportando dentro da sala, e, em casa meu pai Antônio Valdenir não sabia escrever, mas sabia ler um pouco, minha mãe Deuzuite já sabia escrever um pouco e ler também, mas não era muito.

Meus pais sempre me ajudavam a fazerem as tarefas de casa, eles foram sempre muito presentes em minha vida escolar. Naquele tempo era bem difícil de trabalho na cidade, meus pais não tinham emprego e faziam bicos quando eram chamados, para poder comprar a alimentação para que nós não fôssemos para a escola com fome, mas às vezes nós não tínhamos o que comer, minha mãe inventava o que fosse para podermos ir para a escola, eu sabia que na hora do intervalo ia ter merenda, sempre levava um vaso para merendar, eu nunca comia tudo, sempre deixava um pouco de merenda dentro do vaso para os meus irmãos Gelzimar e Gilmar, que ainda não estavam estudando.

Os materiais de aulas eram meus pais que compravam, porque quase sempre a escola não tinha e quando tinha era sempre muito pouco, com muita dificuldade, meus pais nunca deixaram faltar meus materiais escolares, como meu caderno, lápis, borracha, o essencial para que todos os dias eu pudesse ir para a escola, os meus matérias eu levava dentro de um saco de bolacha porque eu não tinha bolsa e nem meus pais tinham condições para comprar, mas eu ia sempre feliz, porque eu colocava meu caderno, lápis e borracha dentro de um saco e não perdia em viagem.

Minhas roupas eram poucas, tinha duas melhores para poder estudar porque meus pais sem trabalho, era bem difícil comprar roupas novas para a gente estudar, mas eu nunca reclamava porque eu via que eles faziam sempre o possível para dar o melhor para nós, quando ele conseguia um bico melhor, comprava roupas e calçados para nós e para ele e a mamãe também.

Meus pais às vezes deixavam de comprar as coisas para eles para comprar para mim e meus irmãos, nós somos quatro irmãos, sendo três homens e só eu de mulher, então eram quatro que eles tinham que vestir e calçar para poder estudar na escola. As matérias que eu mais gostava eram Português, História, Educação Física, Artes são as matérias que mais gosto de estudar. Na escola Estadual Santos Dumont, tinha banheiro feminino e masculino, uma cozinha, salas, um pátio que brincávamos na hora do intervalo, era uma escola com estrutura física bem bonita, eu sempre gostei de estudar naquela escola.

A escola estadual Francidene Soares Barroso era uma escola de dois pisos, quando eu comecei as minhas aulas nessa escola, eu estudava na parte de baixo, mas eu queria mesmo era estudar na parte de cima porque tínhamos que subir uma escada, naquele tempo todos queriam estudar nessa escola, a estrutura dessa escola não era diferente da outra que eu já tinha estudado, porque todas as duas eram escola estadual, ela tinha banheiro, sala, cozinha, salas dos professores, diretoria e etc.

Engravidei do meu namorado quando estava no nono ano, já estava terminando o ano letivo, foi um choque para meus pais que pensavam num futuro melhor para mim, no ano seguinte quando começou o ano letivo, eu estava no primeiro ano e grávida, as coisas ficaram mais difíceis, porque eu comecei a ter preguiça e ficava com muito sono durante as aulas, quando foi em maio, ganhei meu filho no dia 06 de maio de 2006.

Edson é o nome do meu filho, eu sofria muito antes de ganhar ele, passei uma semana sem poder dormir sentindo dor, eu ia para a escola, mas logo pedia para sair porque eu não tinha como ganhar ele normal, por esse motivo eu não fui mais para a escola, já que pela parte da tarde era muito quente eu não podia andar na terra quente ainda, resolvi parar por um ano.

Após eu ganhar meu filho, fiquei um ano sem estudar por motivo como meu parto foi Cesário eu não podia pegar quentura e nem andar pegando poeira, da minha casa para a escola, pois a escola era distante e tinha subida e teria que levar meu filho todos os dias para escola também, porque ele só mamava, seria muito difícil de dá conta dos trabalhos de aulas e cuidar dele, por esse motivo eu mesma decidi ficar um ano afastada da escola.

Meus pais e meu, agora ex-esposo, não queriam que eu ficasse sem estudar, pois me apoiaram na minha decisão, mas com uma condição, que no outro ano letivo eu teria que voltar para escola de novo, para terminar os meus estudos eu aceitei, assim eu fiz, no ano seguinte renovei minha matrícula e voltei a estudar, quando minha mãe podia ela ficava com meu filho para que eu fosse para a escola, quando não dava para ela ficar, eu deixava na creche Santa Luzia.

Já que ele estava um pouco maior, já andava um pouco e sentava, ele já podia ficar na creche, o pai dele também às vezes ficava com ele, mas era pouco porque ele trabalhava e tinha que sustentar eu e meu filho. Passei por muitas coisas difíceis, mas isso nunca foi motivo para que eu desistisse do que eu queria que era terminar o ensino médio.

Antes de isso acontecer, quando eu ainda morava na casa dos meus pais, o negócio de dinheiro ainda não era fácil, quando tínhamos que comprar livros para estudar, porque na escola não tinha o livro de História e Geografia, o professor Cosmo que mandava pedir e nós alunos(as) que tínhamos que pagar, meu pai não tinha dinheiro e era eu e meu irmão mais velho Josimar que estávamos na mesma série, mas meu pai sempre dava um jeito, pegava emprestado com alguém e comprava pelo menos um livro, usava eu e meu irmão em salas diferentes, quando eu estava precisando eu ia pegar na sala dele, já que o professor era o mesmo, nós dois dividíamos o livro para poder acompanhar as alunas, mas isso nunca foi motivo de briga entre nós dois.

### **Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR**

No ano de 2010 a pessoa com quem eu era casada chegou em casa e me perguntou se eu queria trabalhar como professora na zona rural e eu respondi: é claro que eu quero. Ele me falou que ainda tinha uma vaga para zona rural. Perguntei como ele estava sabendo e ele falou que a vice-prefeita foi lá na serraria perguntar se eu queria ir dar aula na zona rural, eu falei que não queria ir não.

Eu fui com meu pai falar com a secretaria e ela me mandou no outro dia fazer um treinamento com a professora Clemilsa, eu fiz o treinamento, graças a Deus passei, ela me deu o emprego, só que as aulas já tinham começado na zona rural, todos os professores já estavam em sua comunidade, só tinha uma vaga para a comunidade Boa Vista.

Os supervisores iam deixar as merendas na outra semana, ela mandou eu me arrumar que eu iria com eles, passou a semana, eles me mandaram embarcar as minhas coisas que no outro dia cinco horas da tarde o barco sairia do porto da cidade rumo à comunidade, fomos só eu e meu filho, que nesse tempo tinha quatro anos de idade.

Eu nunca tinha ficado longe dele, quando anoiteceu eu chorei e achei ruim, mas fui assim mesmo, o supervisor me levou para conhecer a comunidade da área de baixo, todas da beradeira até chegar à comunidade bonita que tinha vários moradores, era bem grande, e tinha muitos carapanãs à noite e piuns durante o dia.

Passamos uns dois dias viajando para chegar à comunidade que eu ia ficar, chegamos lá à noite, foi avisado ao chefe da comunidade que teria uma reunião para entregar a merenda e apresentar a nova professora para comunidade, assim foi feito à reunião, chegaram os moradores e outras duas professoras que já estavam na comunidade, ocorreu tudo bem durante a reunião.

Fui bem recebida na comunidade, todos os moradores vieram me cumprimentar, na primeira noite na comunidade ficamos na casa de uma das professoras, no outro dia eu fui morar no quatinho da escola, porque eu não queria morar na casa dos outros. Eu queria o meu canto para ficar sozinha com meu filho, depois que eu fiquei já bem arrumada por lá, os supervisores vieram para a cidade.

Eu nunca tinha ficado longe da minha família muito menos da minha mãe e de meu pai, chorei muito com saudade de todos. Essa comunidade era boa, as pessoas me ajudavam muito, por ser o meu primeiro ano eu tinha muitas dificuldades na escola, como a minha turma era do 6º ao 9º ano, eram todos jovens, eu pedi muito a ajuda das minhas colegas de trabalho, por elas estarem muito tempo na área da educação.

Meu primeiro ano foi muito de experiência, já que não tinha energia nas comunidades, mas nesse mesmo ano chegou à comunidade de Igarapé o projeto de energia “Luz para Todos”, os homens da comunidade tiveram de roçar uma estrada para a energia chegar até as comunidades, porém a energia só chegou mesmo no outro ano, eu já não estava nesta comunidade.

Lá era muito ruim de comida no verão, já que o Igarapé ficava quase seco, até para passar no Igarapé era ruim, só se fosse de canoa pequena, porque barco grande não entrava lá no verão, a seca do Igarapé era muito grande, aí ficava ruim de peixes, os moradores tinham que pescar no rio que ficava longe da comunidade, era quase duas horas de motor pequeno e de canoa.

No outro ano letivo, me colocaram para outro Igarapé, o Quiriru I, nessa comunidade passei três anos, era bom, me dei com todos da comunidade, agora nessa comunidade tinha muitas crianças, eu dava aula da primeira série até o quinto ano em sistema multisseriado, com alunos de faixa etária bem diferente, nessa comunidade não era diferente da outra, porque eu lecionava com mais quatro novos professores, Evandro Alves, Ivanilde Alves, Radifran Ferreira e Antônio Valdinei de Almeida, nessa comunidade no começo, não tinha casa para os professores morarem, eu dava aula no Quiriru I na beira de um lago e morava no Quiriru II, no verão ele também secava muito.

Tinha bastantes pedras dentro do Igarapé e ficava mais difícil ainda o transporte, todo santo dia, de segunda a sexta eu ia por terra por um caminho que tinha de uma comunidade à outra, esse caminho era por dentro da mata, ia só eu e Deus todos os dias de manhã, eu saía às seis horas da manhã para que as sete eu já tivesse chegando à outra comunidade, eu fazia essa viagem duas vezes durante o dia, para ir e voltar.

Até que chegou um dia que eu já vinha da comunidade meio dia, tinha uma cobra bem grande no meio do caminho que eu passava, eu fiquei com tanto medo que eu arroteie ela correndo e gritando, os pessoais da outra comunidade vieram ver o que estava acontecendo comigo, como que eu não consegui falar, chorando e me tremendo toda, quando passou mais, eu falei e eles foram atrás dela, mas ela não estava mais lá.

Depois disso eu fiquei com bastante medo de ir para lá por terra de novo, foi quando o supervisor veio na comunidade visitar os professores eu falei o que tinha acontecido comigo, eles não acreditaram que eu ia todos os dias por aquele caminho, eu os chamei, fui mostrar o canto que ela estava, depois que eles andaram o caminho todinho me falaram assim, “professora a senhora é uma guerreira por fazer essa viagem todo santo dia, a partir de hoje a senhora pode arrumar as suas coisas que nós vamos arrumar um canto para colocar a senhora e seu filho”.

No quarto da escola tinha um professor morando, o Radifran Ferreira, ele saiu e foi morar na casa de um morador, já que ele era solteiro nessa época e eu tinha já meu filho, então fui morar neste quarto. Um dia aconteceu que deu um tempo bem forte na comunidade que acabou com quase toda comunidade, a escola ficou quase toda descoberta, nós professores viemos falar com o prefeito para reformar as casas e a escola, e, pedimos para ele fazer uma casa para todos os professores, graças a Deus que ele fez, depois que a casa já estava pronta fomos morar lá, era uma casa grande com quatro quartos, uma sala, um corredor e uma cozinha, os quartos eram bem grandes e confortáveis para morar, nessa comunidade já tinha energia para todos, eu levei uma cama com colchão, um ventilador e uma televisão.

Lá eu fiquei bem, quando eu não estava dando aula, eu estava assistindo televisão com meu filho, minha relação com meus alunos era ótima, até hoje me dou bem com todos, tanto faz com os pais, como com as crianças e jovens. Nessa mesma escola, Major Maia, tinha um aluno brilhante que eu dei aula para ele dois anos no ensino fundamental, hoje ele está lecionando como professor, fico muito feliz por ter ajudado ele com um pouco de conhecimento. Fui madrinha de uma criança na comunidade Quiriru I, hoje em dia tenho uma ótima relação com ele.

Depois que o ano letivo terminou eu voltei para cidade, para junto da minha família para minha casa, fiz uma viagem para cidade de Carauari, fiquei só duas semanas em Carauari e retornei para a minha cidade e para minha casa, quando o ano letivo chegou de novo, nós professores tínhamos que fazer um treinamento com as pessoas da secretaria que eram chamados de pedagogos, mas nunca fizeram um curso de Pedagogia.

Depois começava tudo de novo, fui para a comunidade Quiriru II, na escola José Gregório de Azevedo Maia, nessa comunidade a escola era uma casa, não tinha banheiro para as crianças usarem e merenda só ia uma vez por ano, eu morava no quarto e dava aula na sala para as crianças e adolescente, todos juntos numa turma de alunos do pré-escolar ao nono ano, na turma multisseriada.

Não era fácil atender a todos, porque no mesmo estante que tinha que pegar na mão de crianças para ensinar a pegar um lápis, eu tinha que fazer o trabalho no quadro de giz para os maiores, nessa comunidade era só eu de professora, mas com ajuda de Deus eu consegui fazer um bom trabalho nessa escola, lá também não foi diferente das outras comunidades, amei todos de lá, quando era sábado ou domingo que as mães de família estavam na casa de farinha raspando mandioca, eu sempre ia ajudar elas com isso.

Logo fiz amizade com todas, já que a comunidade não era muito grande, mas lá era bom de comida, nunca faltou comida para mim e nem para meu filho, nessa comunidade moravam os parentes do meu ex-esposo, por isso ele mandava de um tudo de comer, a água do igarapé é bem pretinha e bem gelada, quando está na friagem tem as pessoas para cair dentro do igarapé, eu sempre jogava bola com eles na comunidade, ajudava quase sempre todos, só nessa comunidade passei dois anos. Só saí de lá porque a comunidade acabou e eles vieram morar na cidade de Itamarati, pois o chefe da comunidade era o pai dos moradores e por motivo de doença ele veio morar na cidade, com isso todos os seus filhos vieram também.

Já na comunidade Canta Galo na escola Bom Pastor, eu estou lecionando há três anos, lá nessa comunidade que eu lecionei até o ano passado e pelo jeito vou voltar pra lá de novo, é uma comunidade grande, tem água para casa do poço, tem até rua, são lugares de gente amiga, fiz bastante amizade com todos, tem uma igreja Assembleia de Deus, tem um pastor nessa comunidade e todos moradores respeitam ele, tem um igarapé que fica para traz da comunidade que gasta mais de meia hora para chegar ao igarapé, mas vale a pena, a água é bem fria e bem pretinha, também os moradores sempre limpam os arredores para a gente poder atar a rede de uma árvore para a outra, lá tem uma paisagem muito bonita, que faz a gente se sentir no paraíso.

Quando chegava sábado ou domingo sempre eu ia para lá com as senhoras da comunidade, levávamos comida e rede, passávamos o dia todo comendo, tomando banho e embalando na rede, isso era uma maravilha no meu final de semana.

A escola de lá está bem velha, a madeira está quase podre, não tem ventilador e nem banheiro, eu leciono dois horários, pela manhã no pré e primeiro ano, já á tarde leciono para uma turma do sexto ao nono ano, também em turma de multisseriado, é uma turma boa de trabalhar, eu lecionei para três alunos de lá, que estão fazendo o primeiro ano do ensino médio na cidade, isso é uma alegria muito grande para nós professores, pois vemos os frutos do nosso trabalho.

Na comunidade Canta Galo eu trabalhei com mais colegas como, Frank, Elias, Aldiley, Ismael e Edilton, todos nós nos dávamos muito bem, éramos uma família, só que cada professor tinha sua casa, mas esse ano que eu estava lá e depois que as aulas terminaram, o barranco já quebrou muito e levou duas casas que eram dos professores, esse ano letivo vai ser bem difícil para alguns professores, por motivo de canto para ficar.

Nós professores, no final do ano letivo, como somos contratados, o nosso contrato cai no final do ano. Durante o ano é bom, porque o salário não atrasa, é sempre em dia, apesar de ser pouco, é melhor que não ter nem um. Agradeço por esse pouco, mas nós como professores da zona rural e de turma multisseriada, não somos reconhecidos em nosso município.

Nessa jornada de trabalho eu fiz curso de Informática Básica e um da Escola da Terra, que era pela a Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Esse curso foi feito em 2016 e até hoje estamos esperando receber o certificado, fiz também um curso de culinária pelo CETAM, também um curso do PNAIC, que formava professores para alfabetizar crianças na idade certa, eu passei três anos estudando, sempre antes de ir para a comunidade nós fazíamos um estudo com a Cimaria, que era responsável por esse curso na nossa cidade, ela e outros monitores, era uma ajuda bem grande para nós professores, que só tínhamos o ensino médio, esse curso fazia com que aprendêssemos cada vez mais, já que o nosso conhecimento não era tanto assim, esses cursos fizeram com que nós professores nos interessássemos pelo o nosso trabalho, já que nesse trabalho tem pessoas que necessitam de nossa ajuda para ser alguém.

**Estudando, trabalhando e lutando: o percurso da minha formação**

Eu não sabia o que era PARFOR, a nossa secretária naquele tempo era a primeira dama do município, foi através dela que hoje estou nessa faculdade, ela sempre dizia que ia trazer uma faculdade para os professores da zona rural, mas só entraria aqueles que estivessem na zona rural, os da sede do município não entrariam, eu passei seis anos ouvindo isso, todos os anos antes de começar o ano letivo ela fazia a reunião e falava a mesma coisa, que vinha uma faculdade para os professores da zona rural, eu ficava sempre na esperança.

Todos os anos quando eu queria ficar trabalhando na cidade, a secretária sempre ela me falava dessa faculdade, que era para os professores da zona rural, e eu acabava indo de novo por mais um ano. Até que um dia ela fez uma nova reunião e falou que já tinha conseguido a nossa faculdade e era de Pedagogia, para formar novos pedagogos na cidade, já que aqui só tinha uma pessoa formada em Pedagogia, era a professora Clemilsa, nós ficamos muito felizes, no próximo ano iríamos começar as aulas, ela deu prioridade para os professores da zona rural, como ela tinha prometido. Todo mundo ficava falando que essa faculdade nunca iria chegar em nossa cidade, que estávamos acreditando em promessa.

Até que em 2016 no segundo semestre, no dia 27 de junho, nossas aulas começaram, foi uma felicidade só, todos nós professores viemos da comunidade para estudar pela primeira vez, com uma animação grande. Os primeiros dias de aulas estávamos todos animados, porque no período de junho todos nós estávamos trabalhando e tínhamos como tirar as impressões, agora no período de janeiro ficava bem difícil para tirar as impressões, já que nós estamos sem trabalhar e sem dinheiro nesses meses, porque sem as apostilas, como vamos poder acompanhar os conteúdos das disciplinas, estudar para a prova final que é da matéria todinha?

Nas primeiras semanas, como não estávamos acostumados a estudar tanto, foi bem difícil as disciplinas no primeiro período, ficar das sete da manhã até meio dia e das duas as cinco da tarde foi um avanço grande. As primeiras provas eram bem difíceis e os conteúdos das disciplinas que a gente nunca imaginava que existiam. A primeira disciplina foi show, com o professor Rosinaldo em Informática Básica, eu não sabia nada de computação, ele nos ensinou tantas coisas, se dedicou ao máximo para que pudéssemos aprender.

No final de todas as disciplinas nós fazíamos uma comemoração, era maravilhoso, todos alegres por terem passado por mais uma disciplina, com novos conhecimentos e uma perspectiva de vida melhor para o futuro. No seminário eu tinha bastante dificuldade para falar sobre o assunto, quando eu ia para frente explicar um trabalho ficava logo nervosa, as mãos suavam muito, dava logo um calor no corpo, eu levava sempre uma folha do trabalho na hora da explicação, mas com o passar do tempo eu fiquei mais confiante e fui perdendo o nervoso, já que toda semana tínhamos que fazer um seminário. Todos os seminários foram excelentes, porque nos ensinavam muitas coisas, como preparar nossos materiais didáticos, eu levei todos e apliquei em minha sala de aula, foram muito proveitosos todos os nossos seminários.

Já passaram tantas disciplinas boas nesses longos períodos, que vou levar para o resto da minha vida, como também professores que vão ficar para sempre marcado em minha docente, como referência para tudo que for fazer daqui para frente. Meus colegas de trabalho da comunidade começaram a me respeitar mais, depois que eu entrei no PARFOR. Começaram a pedir explicação sobre tal assunto que eles não sabiam, até a minha pessoa mesmo mudou para melhor.

Com o tempo as aulas ficaram mais interessantes, eu comecei a dar aulas bem diferentes das de quando eu tinha começado, levei mais brincadeiras para minha turma, mas sempre explicando o significado daquelas brincadeiras e para que elas servissem, minhas aulas ficaram mais proveitosas para a turma, aprendi outros métodos de ensinar durante todos esses percursos que eu enfrentei até chegar aqui onde estou hoje, foi bastante difícil.

Nesse período da graduação do curso de Pedagogia, eu trabalhei na comunidade Canta Galo durante esse período todo, não mudei de escola, continuei na mesma, sendo um período muito difícil, pois quando era no período de vir para a sede do município era em uma época ruim do verão, pois a comunidade ficava um pouco longe do município, nós nos deslocávamos de lá e os alunos ficavam certo período sem aula.

No ano de 2016 trabalhei na comunidade Canta Galo, fui chamada pela prefeitura, não teve seletivo. Em 2017 trabalhei na mesma comunidade, mas entrei através do processo seletivo do município. Em 2018 trabalhei na mesma comunidade, mas não foi através do seletivo. Em 2019 continuei na mesma comunidade, entrei através do processo seletivo. Em todos esses anos trabalhei apenas entre os meses de abril a dezembro.

Em 2020, devido a pandemia, o seletivo foi apenas para os meses de setembro até dezembro, passei mas não trabalhei, devido a pandemia, mas recebi os 4 meses. Em 2021 eu fiz o seletivo para trabalhar na sede e passei, iniciei no mês de março e trabalhei também em abril, mas o contrato caiu e foi feito um novo seletivo. Passei e voltei a trabalhar em julho até dezembro.

### **A pandemia de Covid-19**

No ano de 2020, nós professores não fomos para o interior dar aulas por conta da covid-19, foi um ano parado para a educação, sendo assim, foi um ano muito difícil para nós profissionais mantermos a nossa família, porque ficamos sem trabalhar, muitos de nós se não fosse o Bolsa Família e nossos pais, teríamos passado fome, eu e meu filho tivemos que morar por uns tempos na casa de meus pais, por conta do desemprego e por meus pais ter pegado covid-19, tive que cuidar deles por certo tempo.

Foi um tempo de muita dificuldade na minha vida, quando já estava perto do final do ano, o prefeito fez um seletivo para os professores, eu fiz, passei e comecei a receber, foi aí que as coisas começaram a melhorar e eu comecei a ajudar também as pessoas que me ajudaram, nós ficamos na cidade só ganhando por que não teve aula no interior.



Eu nunca pensei que haveria no mundo uma doença como essa covid-19, que faria o mundo parar. Foi um período muito difícil para nós acadêmicos que estávamos cursando o curso de Pedagogia, tivemos que parar o nosso curso por quase um ano, tanto na nossa cidade como em todos os lugares que estavam cursando outros cursos.

A coordenação local tirava um pouco das nossas dúvidas, mas não todas, porque nem ela mesma sabia as questões que nós tínhamos, mas sempre a coordenação local estava pronta para nos ajudar, colocava no grupo as mensagens que a coordenação geral passava para que pudéssemos sempre estar por dentro de tudo que eles resolviam em termo do nosso curso de Pedagogia.

Durante esse tempo de pandemia que passamos isolados das pessoas, optei pela leitura em casa, já que tínhamos que ficar isolados em casa, foi um tempo de muita angústia por não podermos nem nos encontrar com os nossos colegas, tínhamos que conversar somente por celular, para que não houvesse contato pessoalmente, na cidade foi dado lockdown para não abrir nada, somente as lojas que vendessem alimentos para que pudéssemos comprar algo para podermos sobreviver.

### **Considerações Finais**

Com esse trabalho pude perceber de maneira clara, a real importância de ter cursado Pedagogia pelo PARFOR-UEA, mesmo com a modalidade de ensino em aulas concentradas, percebe-se o quanto o curso é rico em conhecimentos, o que nos prepara profissionalmente para o mercado de trabalho.

Ao concluir o curso, percebo uma grande mudança em minhas práticas pedagógica, hoje consigo elaborar de maneira mais simples e objetiva meus planos e projetos de ensino.

Durante o curso deparei-me com muitos pontos marcantes, porém um que foi marcante e satisfatório foi escrever sobre mim em um memorial, revivi muitas lembranças e foi emocionalmente essa experiência.

As primeiras mudanças em minha vida como cursista foi em minhas práticas docentes, tudo foi se transformando e ficando mais fácil, as dificuldades de lidar com as crianças se tornaram mais fáceis e mais satisfatórias com relação ao ensino e a aprendizagem dos mesmos.

Hoje, com a conclusão do curso, me sinto realizada, percebo que não poderia ter feito escolha melhor ao optar pela Pedagogia. Com essa conquista as expectativas se ampliam, assim como concluir esse curso, posso continuar buscando novas realizações, concluir uma pós-graduação e ampliar minhas oportunidades no mercado de trabalho.



## **CAPÍTULO 38**

### **EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA**

Raimundo Nildo Dias do Nascimento

Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### **Introdução**

O presente texto tem como objetivo mostrar um pouco da minha trajetória acadêmica, destacando as dificuldades e conquistas que se passaram por minha de vida. Estarei aqui contando um pouco de minha história para que todos os leitores desde memorial conheçam um pouco das diferentes realidades que encontrei durante a minha infância, adolescência e fase adulta. Com isso, é um orgulho muito grande para mim poder contar e expor todos os momentos que vivi durante minha história de vida.

O texto aborda fatos que marcaram minha vida pessoal e profissional, destacando meu percurso acadêmico. Durante todas essas diferentes etapas da minha vida, posso afirmar que cada uma delas me ajudaram a ser um indivíduo melhor, já que esses momentos me proporcionaram inúmeras experiências que foram fundamentais no meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Esse breve texto foi construído com muita emoção, ele relata fatos que ocorreram durante minha história de vida, atualmente me sinto muito feliz em estar concluindo o curso em PEDAGOGIA, pois é a realização de mais um sonho.

#### **Meu caminho até a escola**

Tenho trinta e três anos, nasci em 24 de maio de 1985, em uma comunidade rural às margens direita do rio Juruá, na comunidade Vista Alegre. Sou filho de Francisca do Nascimento Ribeiro, dona de casa e de Astrogildo Barbosa Dias, que era agricultor e seringueiro. Meus irmãos são: Maria Antônia Dias do Nascimento, Maria Meire Dias do Nascimento, Maria Silvia Dias do Nascimento, Maria Vanilda Dias do Nascimento, Maria Vanuza Dias do Nascimento, Raimundo Antônio Dias do Nascimento e Raimundo Aumiris Dias do Nascimento.

Segundo meus pais eu era recém-nascido, tinha apenas dois anos de idade, quando meus pais vieram do interior rural para Itamarati, que há pouco tempo tinha sido titulada a município. O primeiro prefeito, o Senhor Raimundo Pereira Lisboa e seu vice-prefeito, o senhor Antônio Dantas, foram as pessoas que construíram os primeiros prédios públicos no município, órgãos como Câmara, posto de saúde, mercado, uma creche e uma escola.

Meu pai conta que o prefeito sempre fazia visitas no interior e em uma destas visitas o prefeito, juntamente com a primeira dama, dona Djanira convidou os meus pais para virem morar em Itamarati, pois nossa família era bastante grande. Ele falou que os meus pais tinham que nos colocar para estudar.

Meus pais, fizeram a mudança para a cidade que tinha apenas algumas ruas, como a rua Treze de Maio, rua Tupã Supé, Ponto Seguro e outras de terra batida, eu ainda me lembro de muitas coisas como os caminhões da prefeitura que eu pensava que andavam sozinhos.

Tinha apenas uma loja que era a do senhor Pedro Wilson. Lembro-me de algumas casas de que eram feitas de madeiras roliças e cobertas com palhas e de nossa rua, que também era de terra batida e ficava no final da cidade, a Rua Sebastião Nogueira que hoje fica no centro da cidade.

Minha mãe ao chegar do interior, passou em um concurso público e ela era quem comprava nossas roupas, calçados e os materiais escolares, pois nem todas às vezes a escola fornecia. Meu pai era seringueiro e não tinha mais mercado para eles, então o mesmo passou a beber demais e com isso gerava bastante conflito entre meu pai e minha mãe, ele era bastante bravo às vezes colocava todos nós para correr, com isso atrapalhava meu rendimento na escola.

Aos sete anos de idade foi quando iniciei a minha escolarização, na escola municipal Padre Guilherme Burmange. A escola não tinha muito o que oferecer em aspectos físicos, era muito pequena, as salas muito apertadas e não tinha nenhum tipo de conforto, mas mesmo assim, eu gostava bastante das orações que a professora fazia todos os dias, os cantos e musiquinhas, as tarefas para a casa.

Todos os dias ia para a escola, eu e minhas duas irmãs, Vanilda e Vanuza, junto com mais dois amigos, nossos vizinhos, Raimundo Nonato Viana Siqueira e seu irmão Josué Viana Siqueira que eram meus colegas na escola e nas diversões do dia. Estudei apenas um ano nesta escola, o ano seguinte fui para a Escola Santos Dumont, lá era um pouco maior, mais confortável, tinha ventiladores e tinha também material escolar, merenda.

O professor da segunda série eu não lembro o nome verdadeiro, mas eu o chamava de professor Ripa, pois era assim que o chamavam na cidade, este ano não fui aprovado, hoje sei que foi por motivo familiar. No ano seguinte foi diferente, estudei e conseguir ser aprovado, continuei na mesma escola, agora na terceira série o meu professor era de Eirunepé, professor tradicional, nas sextas feira tinha tabuada e quem não acertasse o colega dava bolo no outro. Também estudei com esse professor a 3ª e a 4ª series.

Na 5ª série fui para outra escola, a Francidene Soares Barroso, a primeira escola estadual do município, a escola nova era muito boa, agente estudava com cinco professores, foi um ano muito proveitoso.

Mas o município não tinha estrutura para a conclusão do ensino médio e os meus irmãos precisavam concluído o ensino médio, aí meus pais resolveram ir para a cidade vizinha, uma cidade dez vezes maior do que a que eu vivi todos o meu processo educativo até aquele momento. Fomos à outra cidade e lá era outra realidade, fui estudar a 6ª série na escola estadual GM 3, era a escola padrão da época, fui estudar na sala

mais terrível, os professores não davam mole não e eu naquele ano não conseguir passar de série, havia muito atrito entre professores e alunos, aquilo era bastante estranho para mim.

No outro ano fui me adaptando e conseguindo o nível do padrão que a escola queria. E continuava estudando na escola GM3, que tinha muito conforto, como ar-condicionado, merenda de primeira, ginásio, refeitório, biblioteca, parquinho e estacionamento, era uma escola com normas e regras, mas só formava até a oitava série, eu mais uma vez teria que mudar de escola.

Como antes não me interessava os estudos, tomei a decisão de me dedicar a uma profissão que eu já estava praticando ao logo do tempo. Eu por ser jovem, tinha os namoros, os agito da cidade e estava adaptado ao movimento, no momento eu nem lembrava da escola, a profissão me trouxe de volta para minha terra Itamarati e me levou por outras cidades como, a capital Manaus.

Em 2011, quando resolvi concluir o ensino médio voltei a estudar na Escola Estadual Francidene Soares Barroso a escola já tinha outra estrutura, tinha refeitório, estacionamento, os professores já tinham formação, tive alguns professores bastante legais e bons como o professor Francisco Cosmo, professor Weliton, e professora Clemilsa, professor Sergio, professor, Hélio Franca, foram estes os meus formadores no programa EJA, educação de jovens e adultos. Eu já tinha tentado outras vezes concluir o ensino médio, mas, antes de finalizar o ano letivo, eu desistia, tinha feito isto diversas vezes por não saber realmente o valor que tem o estudo.

O tempo foi passado e eu fui percebendo a necessidade de estudar, pois já estava mais maduro e queria concluir o ensino médio.

E eu era de família humilde e o tempo pedia que eu trabalhasse, eu fazia diversas coisas para poder me manter e para ajudar meus pais. Gostava muito de viajar para as cidades de Carauari, Juruá e depois voltava para Itamarati, por ser uma cidade bastante tranquila e que não representa nem um tipo de risco para mim. Foi aqui me casei pela primeira vez, aos vinte e dois anos, nós tivemos dois filhos, Murilo e Carlos Eduardo.

Finalizei o ensino médio em 2013, já estava como outro pensamento que era de tirar umas férias do trabalho que já estava bastante estressante, todo este tempo que eu não estava estudando, estava trabalhando em uma movelaria. E eu queria dar um tempo e não sabia o que fazer.

### **Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR**

Minhas atuações antes de me tornar professor foram diversas, trabalhei muitos anos como marceneiro, mais antes de me torna um profissional sofri bastante, fui carregador de regidos tinha que dá conta de deixa a marcenaria sempre organizada, mais não foi por muito tempo.

Logo me tornei um torneador, e logo após comecei a fazer moveis e com esta profissão trabalhei por vários lugares. E aprendi dentro da movelaria várias outras profissões, como a pintura, reciclagem, medidas, níveis, carpintaria.

Fui funcionário de uma impressa ETAM, com a função de carpinteiro marceneiro, trabalhado na construção do ponto de nossa cidade, e do ponto da cidade vizinha com a mesma função. Trabalhei na capital do Amazonas, na Marina do Davi, trabalhando com móveis de lancha em uma movelaria flutuante. E também na Móveis Regional, na Avenida São Jorge. Até que chegou um momento que decidi estudar e concluir meus estudos.

Tinha alguns colegas professores que trabalhava na secretaria de educação. Colegas como: Adenildo, que era o coordenador rural; Raimundo Antônio Dias do Nascimento, que era um de meus irmãos, que também tinha lecionado no interior e até hoje faz parte da equipe pedagógica do município; e a professora Clemilsa que era a pedagoga na e também foi minha professora de português na época de ensino médio. Com isso, meu percurso na docência se inicia através dessas pessoas.

Após finalizar meu ensino médio em 2013, O coordenador da secretaria me informou que estava faltando pessoas para preencher as vagas de professor, para algumas comunidades; então despertou em mim uma grande curiosidade.

Já estava casado novamente com uma professora e estávamos construindo nossa casa e tinha o filhinho pequeno, com apenas um ano de idade. Eu resolvi ocupar uma das vagas sem pensar nos obstáculos, não podia levar a minha esposa, pois ela trabalhava na cidade e o meu filho era muito novo, então foi apenas eu e o Senhor Deus.

Então falei com secretaria de educação a senhora Auria Maria Ester que logo mandou me encaixar em umas das vagas que estavam disponíveis, mas antes de ir para a comunidade, tinha que participar de treinamento básico de noção de como conduz uma aula.

### **Trabalhando, estudando e lutando: o percurso da minha formação**

Comecei a lecionar nas comunidades ribeirinhas. Com o passar do tempo tive o conhecimento sobre o PARFOR. Portanto, consegui entrar na faculdade de PEDAGOGIA e hoje me sinto muito orgulho de minha própria pessoa por estar concluindo um curso dessa grandeza.

Na verdade eu não sabia em qual curso nós estávamos matriculados. Eu entrei no curso de PEDAGOGIA através do meu trabalho como professor, o prefeito do município nesta época juntamente com a secretaria de educação que se chama: Aurea Ester Marques, tinham uma meta que era formar todos os professores da zona rural com nível superior e com o passar do tempo o curso chegou a nossa cidade.

As inscrições foram feitas pelas pessoas da secretaria de educação, nós levamos apenas os documentos necessários. Não fui eu quem escolheu me matricular, foi a oportunidade que surgiu e como é muito difícil ir pra capital, permaneci aqui na cidade.

A secretaria de educação priorizou os professores da zona rural e quem não fosse da área rural não poderia entrar. Mas de qualquer forma houve seleção sim. E após muitos dias saiu à lista de quem tinha conseguido e qual seria o curso, com isso, fiquei muito feliz por ter conseguido entrar.

Quando iniciou o PARFOR, nas primeiras disciplinas eu era muito envergonhado, não sabia o que me esperava. Ao chegar à sala vendo o professor, o nervosismo aumentava mais ainda. O professor pediu para que a gente se apresentasse, eu parecia que ia desmaiar, mas consegui, as primeiras disciplinas foram legais, mas era só teoria que se ouvia e nada de pratica, os professores eram legais, extrovertidos, mas que às vezes fugiam um pouco da ementa e ao ministrar a aula não explicavam todo o conteúdo e isso em outras matérias me fez falta. Nosso primeiro professor foi de informática básica professor Rosinaldo que nos explicou um pouco sobre informática. No primeiro período se não me engano vieram sete ou foram oito professores.

Meu primeiro seminário foi muito ruim para mim, pois eu sempre fui tímido em meio a muitas pessoas. Quando fui apresentar lá na frente, a minha voz parecia que não ia sair, sempre levando o papel para quando fosse ler. Todos da sala riam do papel tremendo por conta do nervosismo, quando veio o terceiro professor ele não deixava levar papel no seminário e nós tínhamos a mania de dividir parte do trabalho para estudar, nos sempre tínhamos nosso grupo, mas que também ao longo do período mudou um pouco. Já consigo me expressar sem papel nas mãos e minha postura melhorou bastante.

Eu tinha muita dificuldade em relação à compreensão dos textos da apostila, pois não domino muito bem a interpretação, muitos professores na primeira leitura já queriam que a gente explicasse o que eu tinha entendido, certo que tinha textos que era de fácil compreensão, já outros só se o dicionário tivesse do lado. Sem contar cansaço, pois não era fácil ficar quatro horas pela manhã e quatro à tarde estudando durante toda semana, até aos sábados, não é nada fácil. Sem falar que era durante o mês todo, às vezes chegava em casa exausto, parecia que tinha passado o dia todo trabalhando, não tinha tempo nem para meus filhos e esposa.

Em relação às provas de avaliação, sempre procurava manter a concentração e com objetivo de alcançar um dez, eu não busco somente a média para passar e sim uma nota que demonstre meu esforço e meu aprendizado em relação ao assunto. Muitos falam que nota não define o seu aprendizado. Eu acho diferente, se eu consigo uma boa nota na prova sobre aquele determinado assunto, é porque minha aprendizagem foi boa.

Hoje sei que sou outra pessoa, depois que me tornei um aluno PARFOR, o curso tem me tornado um ser melhor e mais completo, conhecedor de outro mundo, o mundo educacional, do qual fui envolvido rapidamente a um contexto social que não era minha realidade.

Durante este tempo de acompanhamento do PARFOR, nota-se uma grande mudança com relação as minhas aulas. Passei a observar mais o meu aluno antes de passar qualquer tipo de avaliação, para que eu não venha o reprimir.

Com relação as minhas aulas, procurei conhecer meu aluno antes de aplicar qualquer conteúdo, procurei adequar os conteúdos de acordo com suas realidades, incentivei os mesmos a tomarem gosto pela leitura através das histórias, músicas, contos, poesias e jogos lúdicos. Comecei a ensinar através de jogos, brincadeiras, alfabeto móvel, brinquedos de sucata, enfim, tudo que eu vi e que aprendi levei para a sala de aulas e hoje noto o quanto mudou, pois ao trabalhar assim as crianças aprendem de maneira significativa e aprendem brincando.

O brincar é essencial na aprendizagem da criança, pois, desenvolve seu raciocínio de maneira significativa. Durante o curso muitas disciplinas me marcaram como: Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento. Me marcou por que pude conhecer a criança que tinha dificuldades na aprendizagem, porque pude conhecer um pouco do autismo e me proporcionou alertar minha vizinha a respeito de sua filha autista, a mãe não acreditava que ela era autista, me levou a querer conhecer sobre este universo que tanto necessita de atenção e inclusão em meio à sociedade. Todas as matérias relacionadas ao ensino nos anos iniciais eu gostei e aproveitei bastante cada momento, pois era para mudar a minha prática.

Outra matéria que me marcou foi Criança, Sociedade e Cultura, pela matéria em si e também pela a professora que se colocava no lugar de ser humano, mostrando que o menor é um cidadão de direitos. A matéria de Antropologia que me ensinou a respeitar as diferenças culturais de cada um. Enfim todas contribuíram e ainda irão contribuir para a minha vida profissional e cotidiana.

Não posso deixar de lembrar do mestre Camilo, que nos ensinou a fazer maquete apenas com papelão, sem usar cola, tudo encaixado, com ele aprendi os tipos de solo, o que é um sistema, paisagem, ele nos ensinou o que é Geografia.

Se eu tivesse o poder de mudar alguma coisa no curso de Pedagogia, seria apenas a carga horaria, pois são bastante informações para pouco tempo de aula, pois assim, os conteúdos seriam mais estudados e nós obteríamos mais informações, também que adaptassem as disciplinas conforme a nossa realidade, no caso teríamos que ter uma disciplina que trabalhasse o multisseriado e nos ensinasse a criar planos que abrangessem todo o conjunto educacional.

Neste momento estou descobrindo minhas falhas com um educador e meus acertos, tudo isso devo à todos os professores que ministraram as aulas durante o curso, agradeço a meu DEUS e a equipe do PARFOR por este acúmulo de conhecimento que me proporcionaram, ser professor é magnífico, é gratificante.

No que se refere ao meu trabalho, no ano de 2016 eu trabalhei como professor na Comunidade São José, no Igarapé Canamã, à 4hs de viagem de Itamarati, da sede. Em 2017 continuei na mesma comunidade.



Em 2018 trabalhei na sede, como secretário do EJA, no turno noturno na Escola Magide Teixeira de Paula. Em 2019 retornei para a Comunidade São José, como professor, na Escola São José.

Em 2020 fui lotado na Comunidade Boa Vista, mas, devido a pandemia, não cheguei a trabalhar, pois o prefeito de Itamarati proibiu que qualquer pessoa entrasse nas comunidades para preservar a vida dos moradores.

Em 2021 estou trabalhei como artífice, pela secretaria municipal de educação, trabalho com material permanente, montagem de materiais e também com materiais pedagógicos.

Ao longo dessa jornada acadêmica surgiram vários momentos de incertezas na qual a minha própria pessoa duvidou se eu iria chegar até o final do curso, uma das minhas maiores dificuldades, era o período de Janeiro a Março, pois nosso contrato pela a prefeitura se encerrava e minha família ficava sem nenhuma renda para se manter, com isso eu passava o dia todo estudando e não tinha como trabalhar e estudar.

Resolvi abrir meu próprio negócio, comecei a investir em uma construtora de móveis. Então, abri mão da faculdade, não queria mais estudar, na época a professora que se encontrava no município, a Fátima Dantas, foi até a minha residência e me convenceu a voltar aos estudos.

Portanto, foram dias muito difíceis. Eu tinha algumas dificuldades para acompanhar o ritmo das aulas, afinal, eram muito corridas, tudo muito intenso. Não é fácil passar o dia todo sentado em uma cadeira, em alguns momentos pensei que não iria aguentar chegar até o final, mas com o passar do tempo fui me adaptando e hoje estou me formando em Licenciatura em Pedagogia, pela melhor universidade do Amazonas, a UEA.

### **A pandemia de Covid-19**

Durante o período de pandemia eu não estava atuando como professor, com isso, passei por alguns momentos complicados, pois tinha que trabalhar em plena pandemia para conseguir o sustendo de casa, eu tenho uma pequena movelaria e trabalho com restauração de móveis, foi com esse trabalho que consegui me manter por alguns meses durante a Pandemia.

Nesse período a dificuldade foi enorme, houve um processo seletivo de professores, então resolvi fazer, acabei passando para professore do interior, mas por motivo do vírus a secretaria de educação optou por não mandar os professores para o interior por motivo de proteger o povo ribeirinho da COVID-19. No entanto, as coisas foram melhorando, com o dinheiro mensal não tinha tanta preocupação em trabalhar na movelaria, o seletivo valia por 6 meses e durante este período procurei seguir as orientações da secretaria da saúde com o objetivo de proteger a mim e a minha família da COVID-19.

Durante a pandemia recebemos a notícia que as aulas da universidade iriam parar, então causou certa apreensão na turma, já que ficamos alguns dias sem receber notícias de quando as aulas retornariam, com isso, fomos informados que a UEA iria retomar o curso, e graças a DEUS, no período de Janeiro de 2021, com

aulas online, voltamos a estudar, mas com esse modelo de aulas as dificuldades eram muitas, já que tivemos que estudar em casa através do celular.

Cada disciplina tinha um grupo de WhatsApp, então as aulas funcionavam dessa forma, os professores mandavam as apostilhas, as atividades, tiravam nossas dúvidas pelo grupo de WhatsApp. E assim toda a turma podia interagir e realizar seus trabalhos. Durante a quarentena procurei estudar, pois queria manter minha mente ocupada, com isso, selecionei algumas apostilhas que foram trabalhadas durante o curso.

### **Considerações Finais**

A faculdade de PEDAGOGIA contribuiu diretamente na minha vida, foi através deste curso que pude me tornar um homem melhor, mais preparado para enfrentar esse mundo tão cheio de desafios. Cursar uma faculdade em PEADAGOGIA requer muita dedicação e compromisso, já que o curso tem duração de 4 anos, durante esse longo período surgiram muitos desafios e o estudante precisa ser forte para superá-los.

Chego ao final deste memorial com muita gratidão e orgulho por esses momentos tão especiais que vivi durante o curso, daqui pra frente vai haver uma mudança de papéis, de um simples universitário em Pedagogia, para um professor de nível superior. Agradeço a Deus por ter caminhado comigo ao longo dessa jornada acadêmica, agora estou pronto para exercer meu trabalho da melhor forma possível, sempre com muito empenho e dedicação, pois os sonhos existem para serem realizados e hoje estou dando um passo muito importante na minha caminhada como profissional da educação.

## CAPÍTULO 39

### MINHA VIDA, A EDUCAÇÃO E O CURSO DE PEDAGOGIA

Rosilene de Aguiar Lima

Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### Introdução

O presente texto é resultado do meu percurso educacional, desde o início de minha vida escolar até os dias de hoje, chegando a minha graduação, traçando um panorama contextual, relatando minhas vivências, desafios, incertezas e lutas até a conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia.

#### Meu caminho até a escola

Nasci no dia 13 de julho de 1986, na cidade de Manacapuru-AM. Sou filha de Daniel Ferreira Lima e de dona Alaíde Lira de Aguiar. Tenho 14 irmãos que são eles, Tiago de Aguiar Lima, Alberdon de Aguiar Lima, Marlene de Aguiar Lima, Alisson de Aguiar Lima, Arnaldo de Aguiar Lima, Artêmio de Aguiar Lima, Samuel de Aguiar Lima, Elias de Aguiar Lima, Daniel Ferreira Lima Filho, Joabs de Aguiar Lima (falecido), Arthur de Aguiar Lima, Noadia de Aguiar Lima, Elden de Aguiar Lima e Marcia de Aguiar Lima. Tenho 3 filhos, são eles: Joabs, Rêndrio e Kesia Hailla, todos de pais diferentes.

Depois, com apenas 2 meses de nascida meus pais foram embora para o município de Carauari, nós moramos lá por apenas 3 meses e de novo meus pais foram embora dessa vez para o estado do Acre cidade de Feijó, lá moramos por 6 anos, nesse tempo, aconteceram muitas coisas, passamos muitas dificuldades, por exemplo, meu pai foi mordido por uma cobra cascavel, ele saiu para a mata para caçar comida e foi surpreendido por esse animal que o picou, ele passou 6 meses no hospital e nós não podíamos visitar ele. Minha mãe cuidava de nós com todo carinho do mundo.

Depois que meu pai se recuperou ele resolveu ir embora de Feijó, fez uma enorme canoa vendeu tudo que tinha construído, como umas poucas cabeças de gado que tínhamos e botou toda família dentro da canoa e saímos de rio abaixo. Mas na verdade o que fez meus pais saírem de Feijó foi a fome.

Meus pais resolveram migrar para o Amazonas dia 10 Junho de 1993 por causa da fome que eles e nós passávamos lá em Feijó, por isso saímos de lá de canoa e no remo, pois não havia motor nesta época. Saímos de Feijó em busca de uma vida melhor, principalmente em busca de alimento. Minha mãe já grávida de minha

irmã caçula ficou doente por causa da longa viagem e mesmo por que já estava prestes de dá a luz a minha irmã. Foi quando depois de vários dias de viagem chegamos a uma comunidade chamada Cúbio, que fica localizada a margem direita do Rio Juruá, no Município de Itamarati-AM.

Foi nesta comunidade que dei meus primeiros passos para a escola. Mas antes meus pais me ensinaram uma educação, ou seja, uma lição familiar que sempre tínhamos que ser honestos com as outras pessoas, jamais enganar as outras pessoas, nem roubar nada de ninguém, principalmente sua confiança.

Na escola estudei pouco, pois nos primeiros dias de aula, briguei com minha colega por causa de um punhado de farinha, pois na escola não tinha merenda e quando chegava na hora do intervalo eu já estava morrendo de fome, ela deu para todos, mas não quis me dar, aí eu fiquei chateada, por esse motivo levei a pior fui expulsa e ela ficou, aí nunca mais pisei nesta escola, além de não ter merenda, que na verdade era o que me chamava a atenção na escola.

Em 1994 viemos embora para Itamarati, o meu pai encontrou um homem que o chamou para morar em uma comunidade chamada Boa Vista, que fica localizada dentro de um igarapé chamado Canamã, localizado a margem esquerda do Rio Juruá. Este homem disse para o papai que lá neste igarapé a gente pegava Matrinchá com folha fisgada no anzol. Mas, na verdade, era tudo mentira ele só queria que meu pai fosse trabalhar para ele de graça, então continuamos a passar fome, pois era muito ruim de pegar peixe e matar caça. Mas nesta comunidade passamos pouco tempo, teve outro homem que chamou meu pai para trabalhar para ele.

Na comunidade Boa Vista eu também estudei poucos dias com uma professore, mas também nunca aprendi nada ela, eu tinha que saber fazer meu nome, mas como eu ia fazer se eu nunca tinha visto aquelas letras na minha frente? Então saímos da comunidade Boa Vista e formos morar em outra comunidade chamada Buriti, que fica localizada no mesmo igarapé Canamã. Nesta comunidade era muito bom: bom de pescar, caçar, plantar e entre outras coisas, e aos meus 7 anos de idade, aprendi a ler e a escrever com a dona Lôra, esposa do seu José Farias. Ela foi meu anjo da guarda, pois ela me ensinou a ler e a escrever, eu não tinha muitos amigos, meus amigos eram meus irmãos, mas tenho um irmão seu nome é Elias ele é e sempre será meu melhor amigo.

Dona Lôra nos ensinava em sua casa, pois não tinha escola, as outras escolas eram e são até hoje feitas de madeira, mas a da Dona Lôra era especial, lá não havia cadeiras, não havia quadro negro, giz, só tinha lápis, caderno e um imenso amor que ela sentia por nós, e eu ficava à vontade, acho mesmo que por esse motivo eu aprendi a ler e a escrever em três meses de estudo.

Na comunidade Buriti, tinha seus pontos bons, mas também tinha seus pontos ruins: os pontos bons eram a pesca, a caça e etc., e os pontos ruins eram: as doenças, como malária, hepatite e entre outras, foi nesta comunidade que tive a experiência de pegar malária pela primeira vez na minha vida.

Depois que eu e meus irmãos pegamos malária meu pai resolveu sair desta comunidade e viemos morar bem próximo do município. Este local é o Sacado do município de Itamarati, lá era muito bom, não tinha estudo, mas também ninguém passava fome, mas nesta comunidade só morava nossa família. Morramos lá por 3 anos, neste período de tempo não estudava, só ajudava minha mãe com os trabalhos domésticos e na roça, o trabalho que eu mais gostava era de pasturar arroz para os pássaros não comer, pois era o arroz que mais tarde iam servir de alimento para a nossa família. Eu passava o dia inteiro gritando, batendo em lata, pedaços velhos de alumínio, depois veio uma grande cheia e perdemos toda a roça que tínhamos plantado. Minha mãe ficou tão decepcionada que resolveu migrar novamente, mas dessa vez para a cidade de Itamarati, pois ela queria que todos os seus filhos estudassem e aprendessem a ler e a escrever corretamente e, mais a frente tivessem um futuro brilhante.

No final de 1997 minha mãe veio de vez para Itamarati, pois ela já estava cansada de viver como nômade, pois já estava cansada de não ter um lugar próprio e morar longe de tudo e de todos, por isso queria um lugar fixo. Quando chegamos a Itamarati fomos morar na Rua Grande Circular, em uma casa que meu pai tinha improvisado, lá era muito bom, quando findou o ano minha mãe matriculou todos nós, mas antes eu ia com meu irmão assistir aula, o professor era muito bom, mas eu não gostava porque ele só me mandava fazer o a, e, i, o, u. O nome do Professor é Eli do seu Anacleto. Mas eu queria mesmo era tirar do quadro, fazer ditado, ler texto, mas ele não confiava em mim, por esse motivo ele só me mandava fazer o a, e, i, o, u.

Minhas lembranças educacionais foram em casa, já com 7 anos de idade, com minha mãe e meus irmãos, eles me ensinaram a brincar, inventar vários tipos de brincadeiras, por exemplo: brincar de pular corda, taco, de casinha e entre outras, mas a que eu mais gostava era de brincar de casinha, só que meus pais nunca tiveram condições de comprar uma boneca para mim, eu juntava vidro de leite de rosa no lixo e inventava uma boneca linda de cabelos loiros e longos e juntava também no lixo: lata de conserva seca, pratinho descartável, copo descartável, lata de sardinha, colher garfo e faca descartável.

Em 1998 foi quando cursei minha primeira série do Ensino Fundamental na Escola Estadual Santos Dumont, eu estudava no horário matutino com a Professora Sandra, pois neste tempo não havia materiais nas cidades e quando havia meus pais não tinha condições para comprar, pois minha mochila escolar era um saco de açúcar ou uma sacola, meu caderno era várias folha de papel almaço, minha mãe cortava ao meio e costurava para poder dar mais folha para eu passar um bom tempo escrevendo nele, meu lápis era cortado ao meio, pois nós éramos muitos irmãos e não tínhamos dinheiro suficiente para comprar um para cada e tínhamos que passar um bom período com esse lápis, pois se chegássemos com a ponta do lápis quebrada minha mãe me batia, minha mãe nos ensinou a ter responsabilidade desde pequeno por isso tínhamos que ter cuidado com nosso material escolar.

Em certos dias eu ia descalça para a escola, mas a professora me mandava voltar, porque não podia entrar na escola descalça, minha professora não entendia que meu pai não tinha condições para comprar

calçados para 14 filhos, eu tentava explicar para a professora mas ela não se importava. Certos dias eu chorava porque eu queria ficar na escola descalça, mas ela não deixava, na verdade eu queria ficar na escola por causa da merenda, pois como eu passava fome em casa, eu tinha a certeza da refeição da escola, tanto comia na escola como trazia para casa, para minha mãe e meu irmão casula.

Quando chegou ao final do ano passei de série da 1ª para a 2ª série, foi uma alegria muito grande para mim e minha mãe, eu jurei para ela que nunca iria ficar reprovada e nem de recuperação, só que quando eu chegava em casa muitos dias não havia almoço, eu como criança ia jogar linha para pegar mande para mim e meus irmãos que todos os dias iam para o roçado cuidar da roça, quando eles chegavam de tarde já tinha a janta para eles comerem antes de ir para a escola, pois eles estudavam no horário noturno.

Eu também sempre tirava tempo para estuar os livros que eu ganhava na escola, eu lia todas as cópias que tinha no livro de Português. Meu irmão Arnaldo mangava muito de mim porque eu só lia gaguejando, soletrando, eu tinha muita dificuldade, mas com o passar do tempo fui melhorando, mas, para eu melhorar minha leitura meu pai comprou uns folhetos que são literaturas de cordel que tem muitas rimas.

As merendas que eram servidas na escola eram: arroz doce, sopa, suco com bolacha, mingau de aveia e muitas vezes só o suco. Mas a merenda que eu mais gostava era sopa. A primeira escola que eu estudei que teve merenda foi o Santos Dumont que é aqui em Itamarati, eu gosto desta escola até hoje, porque em casa muitas vezes não havia comida e eu passava o dia inteiro sem comer nada, uma vez tive até um desmaio de fome.

Eu estudei em Itamarati dos 12 anos de idade até os 21 anos, mas neste intervalo de tempo desisti 3 vezes, na 4ª série desisti por falta de interesse meu mesmo, no ano seguinte estudei a 4ª série inteira, no ano seguinte comecei a estudar na 5ª série, eu tinha 16 anos, foi quando casei pela primeira vez e logo em seguida engravidei do meu primeiro filho, eu tinha 16 anos. Terminei a 5ª série no ano seguinte, em 2004, tive bebê em março de 2004, eu já estava na 6ª série, foi quando precisei desistir novamente, pois não tinha quem cuidasse do meu filho, minha mãe trabalhava muito na roça e não podia me ajudar, eu não tinha dinheiro para pagar alguém para ficar com ele, a avó paterna também não podia ajudar, pois ela trabalhava o dia inteiro na roça e não tinha tempo.

Depois de passar os anos de 2004 e 2005 sem estudar, continuei novamente, desta vez no EJA (educação de jovens e adultos), pois era o único meio de estudar novamente, pois o EJA era somente à noite e eu tinha como estudar, meu filho já tinha 2 anos de idade.

Eu tinha me separado do pai de meu filho, aí não ia ter ninguém para me perturbar, ficar falando besteira, tendo ciúmes bobos, pois o que eu mais queria mesmo era terminar. No ano de 2006 quando comecei a estudar novamente conheci outra pessoa eu estava fazendo a 5ª e a 6ª série pelo EJA, e novamente engravidei do meu segundo filho, terminei o ano bem, quando chegou 2007 comecei a estudar na 7ª e 8ª

séries, em setembro de 2007 eu já tinha 21 anos, foi quando tive meu filho, o ano já estava terminando, mas desta vez não desisti, o pai dele e minha cunhada me ajudaram bastante.

Conclui o ensino fundamental. Foi quando fui embora para Carauari, já tinha terminado o ensino fundamental e entrei no ensino médio. Então conclui o ensino fundamental em 2007, foram muitas lutas para eu terminar, mas com meu esforço terminei, só que ainda não era o fim da jornada, pois ainda tinha o ensino médio.

Cheguei a Carauari em março de 2008, fui à escola fazer minha matrícula, contei minha situação para o diretor e ele aceitou, a situação era a seguinte, como eu estava chegando de outra cidade e o ano letivo já tinha começado perguntei se eles poderiam dá uma vaga para eu estudar, ele respondeu que tinha vaga, mas, somente no turno matutino, pois no turno vespertino e noturno já estava tudo completas as vagas.

Em 2008 eu já tinha 22 anos, foi quando entrei no ensino médio. No ensino médio não tive muitos problemas, na verdade não tive problema nenhum, pois todos os professores eram formados em suas áreas específicas isso facilita o entendimento do aluno. Cada professor era formado como, por exemplo, o professor de Biologia era formado em Biologia, o de Química era formado em Química, o de Matemática era formado em Matemática e etc.

Eu acredito que o professor formado, além ter o conhecimento, também tem o domínio do conteúdo, por esse motivo não tive nenhum conflito no ensino médio. Eu era estranha em terras estranhas e não queria envergonhar minha família, não queria dar desgosto para minha mãe, por esse motivo sempre procurei andar na linha, pois a minha mãe dizia que o cachorro que muito anda cria sarna para si ou para o dono.

Eu estudei o 1º e 2º anos, mas quando cheguei no 3º ano, novamente tive que desistir por motivo que arrumei um emprego em Urucu e eu passava 14 dias estudando e 14 não, e isso mexeu muito comigo, eu não conseguia conciliar estudo na escola estadual Carauari, como trabalhava preferi ficar com o trabalho. Eu precisava comprar uma casa para mim e meus filhos morarmos, preferi no momento ficar com o emprego.

Em 2011, sai do emprego e continuei a estudar dessa vez conclui o estudo na Escola Estadual Carauari, pelo o tecnológico, os professores eram diretamente de Manaus só que pela televisão, mas foi muito bom, os professores também todos formados, tinham completamente o domínio do conteúdo, isso fazia com que todos da classe compreendessem melhor o conteúdo.

### **Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR**

Trabalhei de muitas coisas antes do ser professora, fui empregada doméstica, vendedora, babá, auxiliar de serviços gerais, lavadeira, secretaria, operadora de rádio, cozinheira e agricultora. Trabalhei como empregada doméstica aos meus 14 anos de idade, foi pela primeira vez, mas como todo o trabalhador é digno do seu salário, essa mulher não me pagou, então eu saí desse emprego. Pela segunda vez trabalhei em outra

casa de família, estudava de tarde e trabalhava de manhã, mas pela segunda vez minha patroa não me pagou, então peguei e saí.

Fui trabalhar como vendedora nas minhas férias de final de ano, com um homem que vinha vender roupa em Itamarati, mas como esse homem é de fora, ele não podia ficar muito tempo em Itamarati, por isso como vendedora com esse homem foram 2 meses, ele sim me pagava direitinho, neste emprego ele me servia até almoço e me deu um relógio e uma muda de roupa.

Quando fui trabalhar de babá, em Manaus, capital, eram dois trabalhos em um, pois cuidava de uma criança e fazia as coisas na casa, mas quando tinha tempo livre aproveitava para fazer um bico de manicure para ter um dinheiro extra, batia de casa em casa perguntado quem queria fazer ou ajeitar as suas unhas.

Em 2009 trabalhei como auxiliar de serviços gerais, mas na verdade, auxiliar de serviços gerais era só na carteira, pois trabalhava mesmo na cozinha da base, como saladeira (fazia salada), trabalhava 11 horas por dia, entrava 5h da manhã e saia 17h, mas neste intervalo de tempo havia o horário do almoço que era das 13h às 14h, que era só para almoçar e depois voltava, mas fazia salada para três locais que era a base, o Polo Arara e PGN, lá eu fazia salada para mais de mil pessoas e quando saia do trabalho ainda tinha tempo para estudar, estudava só aula de reforço, fazia cursos de informática, mas nunca recebi nenhum certificado.

Em Carauari em 2011, como sai do Urucu e precisava estudar para concluir o ensino médio, trabalhei como lavadeira em um hotel que se chama Toca do Coelho, mas passei apenas 21 dias. Quando terminei o ensino médio em 2011, viajei de férias para Manaus e lá trabalhei como secretária e operadora de rádio. Como estava em Manaus e não tinha condições para pagar minha passagem, a única forma que tinha era trabalhar de cozinheira e como já tinha um pouco de experiência com esse ramo, decidi vir cozinhando no barco até Itamarati para poder pagar as passagens até o destino.

Entre todos esses trabalhos, o que eu mais gostei e gosto até hoje é de trabalhar na agricultura, a agricultura para mim é uma fonte de alimentação saudável, sem agrotóxico, sem comer produtos enlatados como, milho, feijoada, conserva, sardinha e entre outras, porque você criando e plantado, você não come produtos industrializados.

No ano de 2013 foi minha primeira experiência como professora, não foi nada agradável, pois, só a distância da minha família, chegar na comunidade sem conhecer ninguém, ter que começar tudo de novo é quase você ter que se mudar de um local para o outro, eu acho que é a mesma coisa, só a distância de 36 horas de viagem para chegar na comunidade, isso é ter muita vontade de ganhar dinheiro, porque em outros casos outras pessoas não aceitariam não.

Na verdade, depois de muito pensar, eu não entrei para a profissão de professora com apenas o ensino médio para maltratar meus alunos, como fui maltratada na infância pela minha professora. No início eu queria ser ruim para meus alunos, mas depois percebi que eles não tinham culpa do que ela fazia comigo, eu era apenas uma criança e ela queria matar o meu psicológico, só que ela não conseguiu.



Na 5ª série tive muitos professores, como o Antônio Líbano de Língua Portuguesa, na escola Magide Teixeira de Paula, como o professor de Matemática Ênio Jorge de Ciências Naturais (falecido), o professor Cosmo era de Geografia e História, a professora Clemilsa era de Artes e Educação Física. Esses professores, com os seus atos de verdadeiros educadores, sem perceber tiraram da minha mente aquela ideia ruim que eu tinha sobre os professores, pois para mim todos os professores eram maus, mas na verdade era só a mau amada daquela professora que era ruim, eles diziam que só através da educação o ser humano se tornaria um indivíduo melhor para a educação.

A primeira comunidade que eu trabalhei no ano de 2013, se chamava Soriano III, que fica localizado a margem esquerda do Rio Juruá, próximo a uma comunidade chamada Aurora, no encontro do município de Itamarati com Eirunepé, por isso a distância de 36 horas para chegar na comunidade.

O nome da escola é José Sampaio, nesta comunidade também tive experiências boas, como conhecer gente nova, aprendi a pegar timão de motor rabeta, que até então eu não sabia, pescava peixe liso para secar para vender para tirar o dinheiro da despesa.

Ensinar crianças a ler e a escrever é muito gratificante para qualquer professor. A estrutura da escola era boa, apesar de ser feita de madeira, eu me dava muito bem com todas as pessoas da comunidade e também tive um ótimo relacionamento com o supervisor, ou seja, não tive nenhum problema com o mesmo, no final do período letivo engravidei do meu terceiro filho nascido vivo.

Em 2014 trabalhei em outra comunidade chamada Valteburi, que fica localizada a margem direita do Rio Juruá e é conhecida como a maior Reserva de quelônios da nossa região, que fica bem próximo de outra comunidade chamada Canta Galo, o nome da Escola desta comunidade é Nossa Senhora de Nazaré, nesta comunidade tive experiências muito boas, os moradores eram muitos gentis e amáveis, nesta comunidade não tive a obrigação de passar fome pois os moradores de lá são muito acolhedores, pois se fossem pescar e pegassem peixe eles dividiam comigo e como eu já estava no 5º mês de gestação, não tinha condições de jogar linha para pegar peixe.

Nos anos de 2015 e 2016, trabalhei em outra comunidade chamada São Braz, nesta comunidade a estrutura da escola também era muito boa, apesar de ser construída de madeira. Na comunidade São Braz tive muitas experiências, foi nesta comunidade que fui pela primeira vez em uma festa no interior, o povo desta comunidade comemora o dia 29 de junho, que é dia de São Pedro, pois o mesmo é o padroeiro da comunidade.

Nesta comunidade passei muita fome pois os moradores não dividiam o alimento, eles são pessoas muito boas, mas eles têm esse defeito, acho que eles têm até razão, pois lá é muito ruim de procurar comida, a alimentação lá é muito escassa. A comunidade São Braz fica localizada a margem direita do Rio Juruá, próxima a outra comunidade chamada de Conceição do Raimundo, o nome da escola da comunidade São Braz chama-se Nossa Senhora do Perpetuo Socorro. Lá tive uma experiência também muito boa, tive o prazer de

lecionar para crianças do 4º ano que não sabiam ler e eu consegui fazer com que eles aprendessem a ler, isso para mim foi muito gratificante, lá também tive a oportunidade de trabalhar com o professor Leonardo e a professora Antônia Rosane, nunca tive problemas com eles, graças a Deus.

Fiquei sabendo do Parfor pela professora Aurea Maria que em 2013 era a secretária da SEMED, ou seja, a secretária de educação no município de Itamarati-AM. Quando eles falaram que vinha uma faculdade eu fiquei muito feliz, pois iria fazer um curso superior e só assim eu poderia dar um orgulho para meu pai e minha mãe. Eu também iria melhorar meus trabalhos docentes como uma boa profissional. Não foi preciso fazer vestibular, como nos trabalhávamos na zona rural entramos automaticamente a professora Rozilene e o professor Urbaldo passaram noites acordados para realizarem todas as matrículas e eu fui uma das beneficiadas do programa.

Eu estava na comunidade trabalhando quando o aviso saiu na rádio para todos os professores da zona rural comparecerem na cidade, pois o curso de Pedagogia iria começar. O curso começou dia 25 de junho de 2016, no primeiro dia de aula me deu um nervoso tão grande por ser um curso superior. Eu realmente estava saindo de vez do ensino médio e dessa vez sem volta.

Confesso que me deu muito medo, pois eu iria sair de minha zona de conforto e a partir daquele momento eu não seria mais a mesma Rosilene. Teria de abrir mão de certas coisas para estudar, mas, principalmente, teria que dar menos atenção para minha família. Quando comecei minha filha tinha apenas 1 ano de idade e tinha mais um problema, ela é asmática, como estudar e cuidar de uma criança doente? Ainda bem que o segundo professor que se chama Francisco Máximo, de Interpretação de Texto, sempre deixava eu ir em casa dar uma olhada nela, dar remédio e colocar remédio no inalador para seu irmão fazer nela.

O que me chamou mais a atenção foram as disciplinas que eram tão apressadas, isso que eu não entendia bem, pois os professores diziam que aquelas disciplinas eram para serem estudadas em 6 meses e fazíamos elas em apenas uma semana. Os conteúdos sempre diferentes uns dos outros, as provas tão difíceis e agora os seminários que tínhamos que explicar o conteúdo para os colegas e professores e eles precisavam entender bem todo o conteúdo. Uma coisa é você das aulas para crianças outra coisa é você dar aula para professores como você.

### **Estudando, trabalhando e lutando: o percurso da minha formação**

Depois que comecei estudar na faculdade de pedagogia minha mente abriu para novos horizontes foi quando comecei a observar melhor meus alunos, comecei a valorizar suas vivências, sua cultura, seus conhecimentos. Sair do quadro negro, do giz, que antes eu só passava tarefa, tarefa e mais tarefa eu via que eles ficavam cansados, mas como eu ainda não tinha esse entendimento não percebia que tudo aquilo era cansativo para eles. Foi quando comecei a brincar mais com eles, prestar atenção nos seus movimentos sensoriais, suas capacidades de se movimentar e etc.

Também comecei a dar mais valor aos cartazes que eu mesma produzia, mas só colocava exposto na parede da sala e nem ligava. Agora não faço os cartazes, todos os dias os incentivo a fazer as leituras e leio junto com eles, também aprendi a alfabetizar através de frases que antes eu ensinava sílaba por sílaba e nisso eu perdia muito tempo, hoje tenho certeza que não sou mais a mesma do início do curso.

Todas as disciplinas foram maravilhosas todas enriquecedoras para meu conhecimento, abrangeram minha mente de conhecimento, mas tem três que não vou esquecer nunca que são: Psicologia, Antropologia e Geografia. Na Psicologia descobri que as crianças têm suas diferentes fases de desenvolvimento e também quando ela pode ter dislexia, essa matéria estudei com a professora Sirlene Xavier. Na de Antropologia, que descobri que em uma mesma casa existem diferentes tipos de cultura, quem ministrou essa matéria foi a professora Fernanda Quintino e teve também Geografia, com o professor Camilo, foi onde descobri que meu inverno na verdade é verão e meu verão é inverno.

Todos os professores que passaram na minha vida me deixaram uma lição que é a seguinte: o verdadeiro educador nunca para, ele está sempre em busca de novos conhecimentos, ou seja, temos que ser sempre professor pesquisador.

Quando começou a graduação eu estava trabalhando, em 2016, eu trabalhava na comunidade São Braz, foi um ano político de eleições municipais.

No ano de 2017 fiquei sem trabalhar, mesmo eu cursando o curso de Pedagogia, eles me tiraram para colocar professores com apenas o ensino médio, onde a lei que está na Constituição no inciso único, parágrafo 1º, Art.11 da CF diz que nenhum professor pode estar em sala de aula sem nenhuma formação. Nesse ano que passei sem trabalhar, foi tão difícil estudar sem nenhum dinheiro para compra material. Como 2016 tinha sido um ano político, não teve fez seletivo, e como não sou concursada, voltei a trabalhar na agricultura plantando feijão, plantando milho, plantando mandioca para com isso tirar o sustento de minha família.

Em 2018 voltei a trabalhar como professora, a prefeitura realizou o seletivo, fiz passei e entrei, a comunidade que eu trabalhei chama-se Monte Carvalho e fica localiza a margem esquerda do Rio Juruá. Nessa comunidade foi bom trabalhar, lá ensinei aluno a ler e a escrever. A comunidade onde eu morava é muito boa pois é da minha sogra, lá eu criava galinha, porco, etc. Esses animais serviam de alimentos para mim quando eu estava dando aulas.

Minhas melhores lembranças são de ter ensinados crianças a lerem a escreverem e sempre deixar moradores com saudades de mim nas comunidades. Em uma comunidade tenho uma lembrança muito ruim, que é na comunidade São Braz, um aluno levou uma faca para dentro da sala de aula, no momento tive muito medo, mas superei, com dificuldades. Esse episódio vai ficar marcado para sempre em minha memória.

Em 2019 continuei trabalhando como professora na sala de aula com turma do 6º ao 9º ano na comunidade São Sebastião. Em 2020 não trabalhei, pois foi quando chegou ao nosso município a pandemia, o prefeito fechou todas as escolas. Fui trabalhar novamente na agricultura. Em outubro de 2020 o prefeito fez

um seletivo, mas não fiz, eu estava na comunidade e não fiquei sabendo que o mesmo ia acontecer, pois não foi divulgado.

Em 2021 também não trabalhei em sala de aula como professora, mas recebi, pois estava de licença maternidade, o prefeito fez o seletivo em fevereiro de 2021, fiz e passei, tive minha filha em junho de 2021 e as aulas só começaram em 24 de agosto.

### **A pandemia de Covid-19**

Durante a pandemia, não trabalhei como professora, meus filhos não estudaram, pois quando ela chegou ao nosso município, o prefeito fechou as escolas, tanto da zona urbana, como da área rural, por esse motivo fiquei desempregada sem ganhar um centavo. Por esse motivo tive que ir trabalhar na agricultura, para não passar fome e para não faltar o sustento de minha família.

Eu me senti muito triste, ficar sem dinheiro no momento que está sendo difícil para toda a população, não é um momento fácil, principalmente quando não se sabe quando isso vai acabar. Trabalhar na agricultura não é nada fácil, mas era a única solução que tinha para mim e mesmo porque lá nós estávamos menos vulneráveis ao vírus, longe de tudo e de todos.

Durante a pandemia minha vida acadêmica foi apenas online, não tinha como me juntar com os outros colegas em sala de aula, pois não eram permitidas aglomerações e por esse motivo fizemos o penúltimo e o último período do curso em casa, foi muito difícil sem poder compartilhar conhecimentos com os demais colegas, pois nos comunicávamos por WhatsApp, porque não poderíamos ter contato com os professores orientadores e nem nos juntar com os outros colegas de turma.

Em nenhum momento me encontrei com outros colegas de curso para debater algum conteúdo. Durante a pandemia li um livro de Henri Wallon, pois eu estou me preparando para um concurso público, li algumas apostilas do curso de Pedagogia, e estou lendo também uma apostila que a professora Fernanda me enviou, que fala sobre como passar no concurso público. As minhas expectativas futuras com o concurso é que através dele, venham a se abrir portas para melhoria de empregos.

### **Considerações finais**

Foi muito importante ter cursado pedagogia pelo PARFOR-UEA, durante todo esse processo de descobertas e aprendizagem, foi de enorme importância para minha formação acadêmica, construção não só profissional, como também pessoal, pois me possibilitou refletir sobre a importância do papel do professor no processo de mediação do conhecimento e ainda mais, me fez reconhecer que o aluno é o sujeito ativo no processo de ensino aprendizagem, fez também mudar minhas práticas pedagógicas.

Quando iniciou o curso eu não tinha ainda bem noção como ensinar ou o que ensinar, com o passar dos períodos, foram abrindo novos horizontes, cada período que passava adquiria mais conhecimento, tanto na minha vida profissional como na minha vida pessoal.

Apreendi ter mais paciência com meus filhos, com meus alunos em sala de aula, não foi uma tarefa fácil, mais pouco a pouco fui adquirindo melhores conhecimentos.

Hoje com o término do curso me sinto uma profissional mais competente, em chegar numa sala de aula com muitas ideias e poder compartilhar conhecimento com meus alunos, utilizar o saber empírico com o saber científico.

Chegando ao final do memorial, fico na expectativa de ter conseguido trabalhar a questão da memória. Descrever um texto sobre sua vida não é um ponto positivo principalmente quando outras pessoas vão ficar sabendo de quase tudo que passou na sua vida pessoal, mas tem um ponto positivo, que posso desabafar nas entrelinhas deste texto.

Durante o curso tive muitas mudanças na minha vida, mas a principal foi me reeducar no tom de voz, pois eu só falava os gritos, como tratar meus filhos, pois eu era muito ignorante com eles, deixei de gritar dentro de casa, na escola, mudei também minha didática com meus alunos, deixei de utilizar somente o livro didático e passei a explorar a natureza com os conhecimentos locais deles.

Hoje tenho cada vez mais certeza que fiz a escolha certa em começar e concluir o curso. Não vou negar que me passou várias vezes pela cabeça em jogar tudo para o alto e desistir do curso, principalmente quando chegava em casa a hora do almoço e não ter o que comer com minha filha, mais eu parava e pensava que só através dos estudos que poderia dar uma vida melhor para ela, principalmente agora que tenho outra filha com apenas três meses de vida, agora bem que não desisto mesmo e vou continuar estudando, para que elas não passem necessidade que já passei.

Tenho muitas expectativas para meu futuro profissional mais as principais são concluir uma pós-graduação, fazer uma especialização e continuar sempre na docência atuando em sala de aula.



## CAPÍTULO 40

### HUHANIM IWATIKOK NIM AKANARUTOM (A VIDA EDUCACIONAL DE UM KANAMARI)

Ton Antônio Alexandre Kanamari  
Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### Atohokihi (Introdução)<sup>2</sup>

ITÊYAM TOIKOTÛHINHAM UDÛNINHAM KUTSOTATAM (TCC) TATAM TEKODUMAHINHAM, TÊKOKI MAPIRABA PROFETHO NOWÂ ESCOLA OHAH. TÊYAM TOIKOTÛHINHAM HIKIMAHI AUTSÛRÛNEM WAKANARÔ TTEKONHA TTUKUNA KANAMARI ANHAM KONE UBAWANHAM, TU-ANEM HUWENEM NUHÛKINEM TÛANEM DUKATSÃO MUNICIPIO ITAMARATI AMAZONAS WÂ BAKAHAM NHAMÂH ABAKAHAM-NEM TSOTSIAU.

*Este trabalho de conclusão de curso (TCC) tem o intuito de entender o papel do professor na escola, este trabalho mostrará a vida docente de um indígena Kanamari pois somos bilíngües, sendo uma contribuição para a educação do município de Itamarati-Amazonas, no rio Xeruã, para melhorar na transformação social.*

AHUWINEM TO- ITÛHINHAM ITO-ANINHAM UTÊKOKITÛNAM ATSAH TÛKUNAI-NÛ KANAMARI, TU-ANEM IBAK TÊKÊ NEMKANAHAM NHAM IWATÊKONEM ITSONEM OPARARA NHAMAH ATSAH TUKUNAH I NAMAHA.

*A persistência do trabalho mostra a falta de conhecimento do meu povo Kanamari, e, no entanto, resolvi me aprofundar mais para poder entender o conhecimento de mundo e esclarecer para o meu povo.*

ITÊYAM AGRADUAÇÃO WÔ-HIKIMAM WARO ATSAH ETNIA ADEI HOKINHAMA MANATÊ TARABAYO DAH AM-NHAMA BAK NEMKA NAHAM ATSAH WIDA AMAH TUKUNA WATEKONHAM AUDYA SÃO JOÃO TSIRUWAM AUPÛNAKINHA NHAM WÔNÊ BANHAMA PIKAM-HINEM ATSAH IKONÎ UTAH WIDA ÛSAH TUKUNAI KANAMARI.

*Foi com a graduação que descobri o valor da minha etnia e resolvi falar no presente trabalho que vai abordar muito sobre minha vida pessoal e profissional, na aldeia São João no rio Xeruã, no médio Juruá, para melhor entender minha atuação e a vida do povo Kanamari.*

---

<sup>2</sup> Esse texto, como todos os outros que compõe esse livro é um recorte do Memorial apresentado como trabalho de fim de curso pela turma de Pedagogia do município de Itamarati-AM, cursado pela Universidade do Estado do Amazonas. O autor principal é indígena, da etnia Kanamari, domina a Língua Portuguesa, mas fez questão de escrever na sua língua materna, mas precisou da ajuda de colegas da turma que entendem a sua língua para poder escrever o texto da melhor forma nas duas línguas. Desse modo, algumas partes dele são escritos em Kanamari com tradução para o português, escrito pelo autor principal do artigo. Algumas partes estão apenas em português, tendo em vista a dificuldade que o autor principal enfrentou para digitação sem computador e em período pandêmico.

BÛNHAM BANHAMAH HIKIKIHI ITÏYAM TARABAYO IKOTÛNHAM WANAHÍ TÊKINHAMA  
ITÊYAMUEÂNEKANAHAM-NHAM O TANEPAINHAM OHÛRÛKINHAM DAMUWARA PIYA AUDEYA NAKIYAM  
TSATSIAU HUMANA TATAM TU-ANEM UBAH TONUKE BAH BAHTÊKI-NHAMAH PARAPITSÓH OTUKUNA.

*Fazendo por bem salientar que este trabalho servirá de divulgação das necessidades, dos sonhos e desafios enfrentados pelo homem da maloca, social e humana, tendo como suporte a valorização do professor indígena.*

#### **Atsadam mapirabakuru udam anim (Meu caminho até a escola)**

IWADÊH TON ANTONIO ALEXANDRE KANAMARI, ETNA TUKUNA, WARA NO DIA 19 DE JUNHO DE 1975,  
ANEMNEM ADBÔH OPATSIM NEM SEIS ANOS NEM Û DOSE ANOS INAKIH BAK NENKANAHAM DJANEM  
PERENPEREM- NEM URIK TOM, KUDI- NEM, WANAKI, Û HUMARAPAH HAKOM BÛHÛHNEM, ANEMNEM  
WAUTÛH ESCOLA NEM PUROPETSOH Û IMTSINAHEK NHAM.

*Meu nome é Ton Antônio Alexandre Kanamari, etnia Kanamari, nasci no dia 19 de junho de 1975, quando eu era criança de seis a dose anos, gostava muito de brincar pular corda, tomar banho no rio Xeruã e brincava de casinha, nessa época não tinha escolas e nem professor para nos ensinar.*

TÛANEM ADÛH ITODADUHDUWAM ATSAH PAMAH, NAKATÛH, DOM MAMNEM, Û IKÔTÛH NEM,  
BAUNEM TOM ANEM NHAMAH ADÛH WATEKOH TSOH WABONEM, Û WARAPIKOM UWANEM.

*Minha mãe, Tairo IracirKanamari, teve 10 filhos que se chamam Kawaha, Home, Wadih, Boho, Kadjoho, Noki, Waikaro, Iwa, Aro e eu, Ton, meu pai é Pima Agripino Kanamari, então eu só acompanhava meu pai, na caça, pesca e trabalhava no roçado, eu aprendi somente a plantar e coletar frutas.*

ANEM 2002 ATSAH TUKUNAHEH BUANTEH NHAM YUBAK TSAWA ANEM TSOWANAHITEKINEM TEREI  
ANOS, ANEMOBAWA ATSAHOPATSIMHEH WAIKARO KANAMARI, ARO KANAMARI. ANEM PADJANEM  
ITSAARO KUNAMAH HEPATITE DEREM ANEM PADJANEM SEI DIAS NEM NHAMAH MINHURIH WADJAH  
AGOSTO, ANEMNEM 2004 Û 2009 ATSAH NIMAH, WATSOÛH TEKIH IPIYAIHINÛH.

*Em 2002 formei minha primeira família, com minha primeira esposa e passamos três anos, ela teve dois filhos: Waikaro Kanamari e Aro Kanamari. No dia seguinte a mulher adoeceu com sintoma de hepatite, depois de sete dias ela faleceu, no mês de agosto, em 2004. Até 2009 minha mãe criou meus filhos.*

ANEMNEM 2009 ATSAH NIMAH MINHURIH CANSE DEREM AWAK KADJODAKOHOMHÛHNEM DEREM,  
ANEM PADJANEM ATSAH OPATSIMHEHI AWAK TSUTSÔH NHAMAH WATSURÔH TEKIH KUTÛDAH, ATSAH  
MINHOH, ANEM PADJANEM 9 WADJAH ADÛH APADJANEM, APADJNEMADÛH ADÛHAM KUTÛDAH Û  
YÛHBATSAWA NAKATÛH ANEM 2006 TÊH MANATÊH TRÊSPIYAH OPÛH, IKÊH ITSAROH OPÛH, ANEMNEM 13  
Û 15 ANOS, ANEMNEM HIWÊ TÔH UNEM ADÛHTSOH. AWAHPRODUÇÃO NAWAH VALOR. ATSAH PAMAH  
NAUWÊNDE A TROKO WARAKATÛH, ANEM TÛANEM TSAH TEMPO NEM OPATSIMNEM Û ESTUDANEM UBAH



TÊKUDUMAHINHAM TSUKIDAH NABAK IWANA ALDEIA NAKIH AWAH PAMAH NHAMAH NHAM HAK ENSINAH NHAM APIYAH KANAMARI.

*Ainda em 2009 a mãe dos meus filhos faleceu de câncer no útero e depois meus filhos passaram a ser criado pela minha mãe, depois de 9 meses solteiro, casei com outra esposa, vivo até hoje com minha segunda esposa, temos três meninos e uma menina. A partir de 13 aos 15 anos, já tirava leite de sova e seringa para sobreviver. O valor da produção meu pai vendia a troco de mercadoria, era assim no meu tempo de infância e estudava na educação informal, eu aprendia com os mais velhos na aldeia, que era o ensinamento de pai para filho kanamari.*

ANEM 2001 ANEMNEM [SAUDE Û TUKUNA] ANHAM ANO 2002 ADÔH ANTUTÊKOKI. ANEM NHAMAH IHKOMITSA TRABALHAR NEM AUDÊYA NAKI NEMBÂK TÛANEM PROFESSOR [PORUPETSOH] ANHAM ANO TOU CURSO[KOTSOH] AUDÊYA MORADA NOVA TSIRUWÂH NAKIK, MUNICÍPIO ITAMARATI. ATSAH WIDA ABATÛNEM ODJOU IWANAHÊHTÊKINEM, ANEM HOWÊH MANÛHÔH ANTÛNEM ADÔH TSÔRÔTÛNEM TSOPIRINEM, ANEMPADJANEM WANAHINEM ATSIWIDADE HOWINEM ADAKHÔIKINHAM ATSAWIDA TSÔRÔNEM, TÛANEM OHÊKIYAM ANEMNEM ATSAH WIDA NAIWADIH.

*Em 2001 fui agente indígena de saúde, ao final do ano 2002 eu desisti. Mas, porém, comecei a trabalhar atuando como professor na aldeia, no mesmo ano teve outro curso na aldeia Morada Nova, no Rio Xeruã, no município de Itamarati-AM. Minha vida foi cheia de reviravoltas, foi muito árdua, pois foi uma infância muito sofrida, depois de ter passado por várias fases de atividades na vida pessoal, fui crescendo e me adaptado com várias barreiras que surgiram durante a vida.*

ATSAH ABAKHAM- NHAM, YOWÔH – NEM, DAKAM-NHAM, ATSAH PAMAH NAMÂH-AM-AM-HAM WAKTÊKONHAM-TOM TANÊYÔNHAM, KATSA NHAM, DOM MAM-NHAM, BAUNEM MAM-NHAM, ADÔH DAK-AMNEM IHTSONEM-NAH ATSAH PAMAHNAMAH WARAPIKOM TOHOKIKIHI AHIKIMAM-NEM, ANHAM APÛHTÔNHAM Û APÛNHAM. HANÊYAM HABÂK TAM- BÂK-NEM, HÊMIDIH, TA-ANHAM-TOM ADÔH APIRINDÊ-NEM, TA-ANHAM IWANÂH ABANEM AWÂHTÊKOH-NEM IWANAHITÊKIH NHAMAH ATSAH IWAHTÊKONEM Û TUKUNAINÛH NAMAH KANAMARI, MAWÔNEM-TSÔKÔTÛH-NHAMAH MAWÂH TA-ANHAM, KUTURA, HAK-ANTUNAKIYAM, ATSOWÂK TUKUNAHI KANAMARI.

*Minhas melhores lembranças foram com os meus pais que me ensinaram muito nos conhecimentos empíricos, na caça na pesca na roça, quando eu iria para floresta mas meu pai ele mostrava quais as frutas que eu poderia comer. Quais as folhas que seria para remédio, com isso eu fui aprendendo com os mesmos, foram momentos maravilhoso de aprendizados, esses conhecimentos passo para meu filho, sempre presando o conhecimento do povo Kanamari, para não perder os valores e costumes, da cultura de nosso povo Kanamari.*

IHTÔHOKI-NEM BAKTÊH, NHOHINTÛH TÛANEM IWAK INTSINAH- HÛTÛK FUNDAMENTAL NEM INTSINO MÉDIO, ANEM Û KUTSO, OPÔNÛH NHAMAH IHTÔWATÊKO-NEM TÊK-MANATÊH AKADEMIKA ANEM IHTÔHOKINEM NHAKTÛH ATSAH IWATÊKO-NEM TUDIAHNHAM IHTÔTSORÔTÛ-NHAM ANEM PADJANEM Û

DIA TÛH NHAMAH HOWINEM WAUDIH [CIMI] CONSELHO MISSIONÁRIO INDIGENISTA, DAK-ADIH AUDÊYA PATÛDJIH APOHMA HAK INTSINANEM LER, ESCREVER, ADÔH IHÊK ANEMNEM AHÔWENEM WATÊKOTÊKINEM NUHU TAMA [TAMAKORI].

*Não fiz o ensino fundamental e nem o médio, porém, fiz alguns cursos que me ajudaram até hoje na acadêmica, mas, contarei aqui um pouco dos meus conhecimentos aprendidos durante minha infância. Um certo dia na aldeia chegou uma caravana do Conselho Missionário Indigenista (CIMI), que veio para aldeia para formar uma turma para ensinar ler e escrever, eu fiz parte da turma e fui selecionado, graças a Deus.*

#### **Ikotah nim adoh wamam nhama Parfor (Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR)**

ADÔH PROFESSOR NHAMAH ÎWANAHITÊH- KINEM WATÊKOH APIRIDÊH-NHAMAH ATÔH MOTSAH- ANHAM TRÊS ANOS ATÔH HAWANANHAM WÔTÛKATÛH NHAMAH IKIK CIMI, NAKONÊHÎK ADÔH, ANEM YOWÔTÛH ANEM NHAMAH WATÊKOK NEMBATÛH KIYONEM ADÔH-AM TÛAM KATÛH MAKOHÊI TATAM- TÊH IDAHÔDJI HIANTOU YOWÔNHAM-TSO, ATSAH PROFESSÃO ANTUTÊKOKI NHAMH ADÔH ATSAH TUKUNAHINÛH NAMAH IHIUDA NHAMH-NÛH, ANEM HIANTÛHÎNA-NHOHITÛH TÔANKATÛH IHÊNA IHAWANENA Û ANO HOWI AM WANAHINEM ANEM ADÔH APIRENDE YOHDADI NEM KANHAM KOTÛH, ATOIKI-NHAM-TOM Û AKIRA-TOM, ANHM IWATÊKONEM INÛHÛNEM TSARA Û AURA NAKIH, ATÔH MOTSAH AM-NHAM TRÊS ANOS TÛAM IWATÊKONEM ATSAH PAMA NAMAH AM NHAMTONA O KINÛH IMAH-AM.

*Para me tornar professor passei por um percurso de ensino e aprendizagem durante três anos, no final dos três anos fui indicado por um membro do CIMI, eu não queria não pois achei que não estava preparado mas eles insistiram foi aí que veio a escolha da minha profissão e percebi que meu povo estava precisando de mim para que eu pudesse ajudá-los, foi algo bem difícil mas consegui vencer, a cada ano que se passava eu ia aprendendo mais, na prática e na teoria, foi com os conhecimentos adquiridos na sala de aula durante os três anos e com o conhecimento que meu pai me ensinou, consegui lecionar.*

TÛANKATÛH TÛANEM ADÔH PROFESSOR TÊH MANATÊH, ÎTÊKOHTÛH TSAHIYANA-NEM DIAS TOM NAH HÊKIYAM IHTÔWATÊKO-NHAM, INAKIBA ANEMWA, TÛAM NEM DEREM YOWÔ ADÔH WATÊKOKAHAM NHAMAH, TA-ANHAM ESCOLHA WABATÊKI TÊH MANATÊH ITSINA Û APIRIDENEM ATSAH TUKUNAI KANAMARI, ALDEIA SÃO JOÃO XERUÃ OWAH, WÔNÊ NAKIYAM.

*Sendo assim, estou professor até hoje, não sei quando vou parar, mas cada dia que se passa eu vou aprendendo e gosto mais ainda, por isso pretendo aperfeiçoar mais ainda, foi uma escolha que me fez bem e hoje estou ensinado e aprendendo com meu povo Kanamari, na aldeia São João no Rio Xeruã no médio Juruá.*

PROJETO PIRAYAWARA TSOHPKAM ANEMNEM 1999 ANEM WAUTÛH, TSOHPKAM ANEMNEM HIKIYANEM TÊYAM ANO 2000, ANEMNEM CURSO HIKIYAM. TÛAM ÛNEM ADÛH WATÊKOH NHAMAH. ANEM PADJAH NEM NHAMAH WAUDIH ALDEIA AUDEYAH SÃO JOSÉ, NAKI PROJETO PIRAYAWARA, ODJAM ATÛH WADÊKONEM MAPIKARÔK ANHAM CURSO KUTSO POHMATSÃO FORMAÇÃO MAGISTÉRIO TUKUNAI NAMA

WÔNEH WARAHÍ NAMA HIKIYAMDIH WADJAH JANEIRO NEM, ANO 2000 ANEMNEM ADÛH 25 ANOSATSAH IDADE.

*O projeto PIRAYAWARA existia desde 1999, mas ainda não acontecia, só existia, quando iniciou-se foi no ano 2000, a partir daí o curso aconteceu. Assim que eu aprendia. Ao passar dos tempos chegou na aldeia São José o projeto PIRAYAWARA, que significa a lenda do boto, que era o curso de formação do magistério indígenas do médio Juruá e foi realizado no começo do mês de janeiro do ano de 2000 na época eu tinha 25 anos de idade.*

KUTSO NATÔHPATSO TÛNHAM.WAHTEKONEMTÛH ÛNEM ANEM, TSÔH TÛANEM ATSOWAMAH WAHTÊKONEMTÛH TUKUNA HINÛH KARIWA IHKOTÛNHAM, EDUKATSÃO TOM NHAM,TÛANEM SECRETARIA TSOHTÊKOTÛH NEM COODERNADOR ANHAM NEM PREFEITO, ADÊH TSOH HÛKINEMBÛH NHOHINTÛH, ANEM DEREM TSOWAH TONÛHKI HOHTÛH.TSOH TANUBAK ATSOWA TUKUNAHÍ KANAMARI,BAKATÛNA UBAKTUNUKINEM HONHIK, OHKONPARA NHAMA WÛYAI AMAH TRÊS MOTOR HABITA ADÊH TSOBIK NHAMAH WÔNEH PÊHKINAH ANEM TSOH HENATÛH NEM TSDADE HONHIK HAWÂH TÛANKATÛH NHAMAH DAK AM WAKTÊNWANA TRÊS BOKA WANA TÊWAUNA WAKIPÛH NAKI DAUDÛHAM NHAMAH DANWANA AMOTSA ANEM 15 ORA TONAH WAUNA NHAMAH TUKUMÃ.

*Durante o curso não foi fácil. Foi muito difícil porque nós não conhecíamos o pessoal que trabalhava na educação, como a secretaria, nem coordenador e nem prefeito, nós não tínhamos contato, por isso que não tinha apoio. Graças aos nossos povos kanamari que são muito unidos e nos ajudaram comprar nosso inflamável para viajamos três dias de motor rabeta, subindo o rio Juruá, antes de chegar na cidade o inflamável acabou e tivemos que ir pelo igarapé Três Boca até chega a cabeceira e pegamos o caminho que durou 15 horas a pé para podermos chegar até o tucumã.*

WAUNAH ADÊH ADÊYA FLECHEIRA NAKIH OPAM NAWÂH BACO NAKINÂ ADÊI WAUNAH MUNICÍPIO EIRUNEPÉ, TATAMTÊH KAKTÛH DAK AM EIRU WANAH TATAM WAUNAH AUDÊYA SÃO JOSÉ, Û DIYA NEM KUTSO MAGISTÉRIO TUKUNAI, ADÛH WAKANARÔH TÊKOTÛK, TÛAMKATÛH NHAMAH PROFESSOR PAK ANHAM ANO TOU 2014.

*Chegando na aldeia Flecheira pegamos o barco da OPAM chegamos no município de Eirunepé, a partir daí pegamos o barco da SEMED e viajamos para dentro o EIRU até chegar na aldeia São José, no outro dia iniciou-se o curso de magistério indígenas e eu era analfabeto, mesmo assim eu me tornei um professor e me formei no ano de 2014.*

ADÔH ITÔH ANKIRA PIKAM ODJAM PARFOR, ANEM ITAIKOBÀK NEMTSAH ADÔH APIRINDER NEMKANAHAM NHAMAH, MAWATÊKONEM TEÓRICO, CIETIFICO, TÛAM NEMDEREM ITAIKOBÀK, ANEM PADJAH NEM ITAIKOBÁH MUTSAH AM-NHAM TEMPO WAUDIHI AKOPIMAHI-NHAM KUTSO PEDAGOGIA, ANEM ADÔH ITANÛBÀK NEMKANAHAM, NUBAK TÛ-KUTÛDA ADÔH ANTUNUBANEM KANAHAM FACULDADE

ANEM TATAMHAM IDAPAKADIIH ATSAH FAMÍLIA, DA-ADIIH TSIDADE PATÔDJIIH NHAMAH ATOTAKAUNHAM Û MOTSAH AM NHA.

*Sempre eu ouvia falar sobre o Parfor, mas sempre esperava para aprender mais no conhecimento teórico, científico, era isso que eu esperava. Depois de ter esperando um bom tempo veio a confirmação do curso de Pedagogia, mas eu fiquei meio feliz e meio triste pois eu tinha ingressado em uma faculdade e tinha que deixar minha família para poder ir para a cidade para estudar, durante os períodos.*

ATSAH TUKUNAI MA APOYA ANEM TATAMTÊH HIAMTÛH-OWÔH KUTSA NHAMAH.ANEM PADJA-NEM ATSAH TSITUATSÃO WATÊKONEM TÔHAM, ADÔH OTÊKOKITÛH, ANEM ADÔH NEMBAH HI-ANTOU OWÔ, WÍKAM SECRETARIO NAMAH, ADÔH IKOTÛH NHAMAH, AYSAH TUKUNAI NAWÔHAM ADÔH IBAUTSÀH BÔU NHAMAHOPARA OPARA-NEM ANHAM ESCOLA DEMOCRÁTICA, DA-ADJI AM ESCOLA NEMBATÊH ODOUNEI ÎKOTÛH ATSAH TUKUNAI MATÊKOTÛ Û WATÊKONHAM, TATAMTÊH YOWÔH DANWARAHA, TÛANEM NOUBA-NEMKANAHAM KUTSO TOM.

*Minha família me apoiou e daí decidi cursar, mas quando me deparei com a situação era mais difícil do que eu imaginava, mas decidi fazer, falei para o secretario que eu iria participar, pois o meu povo precisava de mim para ajudá-lo em seu dia a dia, pois uma escola democrática é uma escola que todos os envolvidos participam e meu povo não tinha os conhecimentos, foi aí que eu decidi ir em frente, porém estou bem lisonjeado com o curso.*

ANHAM OPÔNAKI KUTSO MAGISTÉRIO TATAM CAPACITAÇÃO AIS OTUKUNA HINÛH SAÚDE, ADÔH ITÔH IKOTÔH ÔNENEM ATAKAUNEM 15 DIAS, ANEM MABATÔNÛH Û DISTRITO NAKONÊTOM OBAWÂ KUTSO AIS, IKIK BÛNEM AUDÊYA FLECHEIRA NAKI BOATÊYAM ONEM BÛNEM MUNICÍPIO EIRUNEPÉ NAKI AM 2001, ANHAM ANO NEMBATÊH TATAMHAM ANHAMOKINÛH AUDÊYA NAKI MORADA NOVA XERUÃ OWAK, MUNICÍPIO ITAMARATI-AM 25 MARÇO 2011, ANEMNEM TATAM TREINAMENTO PNAIC MUNICÍPIO ITAMARATI AM 2013 TATAMHAM OKINÛH TREINAMENTO ATUWABÛNHAM ANHAM ANO NEMBATÊH AMAMHAM.

*Entre os cursos que já fiz, teve o de magistério, teve capacitação AIS, agente indígena de saúde, eu ainda participei durante 15 dias, era apoiado ou promovido pelo distrito, dois cursos AIS, um aconteceu nas aldeias Flecheira, o primeiro que aconteceu no município de Eirunepé em 2001, no mesmo ano teve outros na aldeia Morada Nova, Rio Xeruã, município de Itamarati. Em 25 de março de 2011 também teve treinamento do PNAIC no município de Itamarati e em 2013 teve quatro treinamentos continuado que aconteceram todos no mesmo ano.*

ANEM TÛANEM TATAM Û TA-ANHAM KAPATSITATSÃO, CMI COSELLHO NAMAH KONÊAM, ANHAM OPÔNAKI TUKUNAI, Û IGREJA LUTERANA BRASIL NAKI, TAKAU KIMDI DIAS CONTEÚDO NÔHÛNEM ODJAM TOM MATEMÁTICA, CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO FÍSICA, ANEMNEM ITÊYAM KUTSO DAUHÍKIYAM DINEM MUNICÍPIO CARAUARI TAITAM. OPAM ADÊIH AHIUDAK AMAHOKIKI NHAMTOM OPERAÇÃO NA AMAZONA

NANTIVA ANEM MINISTRANTE ITSARO ONEM ANEM AWADÊK ROSA, ANHAMTSOWABAK TUNÛKIYAM ATSOWÂK DIREITO TOM, ANHAM ITSARO WANAKI AYOK NEMKANAHAM, FUNAI.

*E também teve oportunidade de capacitação através do CIMI, conselho entre índios e Igreja Luterana do Brasil, durou quinze dias dando o conteúdo sobre matemática, ciências, educação física, artes. Este curso foi promovido pelo município de Carauari e a OPAM, nos ajudaram muito na orientação da operação na Amazônia nativa e a ministrante era mulher e se chamava Rosa, ela lutava pelos nossos direitos, era uma mulher muito resolvida, era melhor que a FUNAI.*

CIMI CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. ITÊYAM ONEM ADÊH WAHIYODAK KUTSO TOM ATSOWÂK EDUKATSÃO TÊH MANATÊH, ATSOWÂK PAHTSIRO TRABAYOH TOM, ANHAM-HIK TRABAYAH ANHAM TOM-NÂK LEIS À LDB, ANEM ÎTÔHOKIK ATSAH WIDA ANHODADINHAM, ADÔH ÎTÊKOHTÛH LEIS AM-AM-HAM NEM, IMTÔDATÛH, TÛAM NEM DEREM TUKUNAHÍ NAH DIKIRIMINAHAM. ANEMNEM ANAK VEREADOR NAWÂ HAK TOU ÎTÊH MUNICÍPIO ITAMARATI, YOKONÊYOH TSINKO RITO DIESEL ATSAH NIMAH MAKONI-TOM TÛAM NEM AWÀ ELEITORA NEM DEREM, ANEM NHAMAH VOTO AUKÔNEYOH, ADÔH WÎYOKAM TITO WARATÛH ADÔH ANTÊNEM VOTA NHAMAH ANHAMHÔM, NHAMAH ADÔH ATODÊYOH, AKOMHÔNEM-HI NHAMAH ADÔH, ANEM DEREM NHAMAH ADÔH ATSAH NENWÛH-TÊH, DIESEL [HONHI] AKIMHI -TÊKIK ANEM NHAMAH TSAYÎ ÎKAUYOKDADIH ADÔH, TÛAM ONEM ATSAH TSOPIRIMENTO ANEM.

*O CIMI, conselho indigenista missionário, esse foi um dos cursos que nos ajudou na nossa educação e até hoje somos parceiros de trabalho, eles trabalham em cima das leis e a LDB, pois vou citar um acontecimento na minha vida, eu não tenho conhecimento sobre as leis, porque nunca tinha estudado e com isso as pessoas ficavam me discriminando. Uma vez fui à casa de um vereador aqui do município de Itamarati pedir cinco litros de diesel com ordem de minha mãe, porque ela era eleitora dele e ele deu e aproveitou a oportunidade e pediu meu voto, eu disse para ele que não votava, pois não tinha título de eleitor, ele ficou uma fera pensava que eu estava mentindo e por isso ele quase me bateu e pegou o diesel de volta e saiu chorando, era assim meu sofrimento.*

ANEM PADJANEM Û CANDIDATO O SENHOR MESTRINHO ÎTOHOKIKIHI NHAMAH AMÀ ATSAH TSITUWATSÃO ATSAH WÎYAIH NHAMAH ADÔH IMTUDAH MUNICÍPIO EIRUNEPÉ, ANEM NHAMAH ANHAM NAKUNÊH AIMAM ADÔH, ANHAM ÛKÔNEH AIMAH-NHAM ÎKATÛH. TSONAKITUH – NHAM, OHAK ADÊH DJAHYANÀ-NANEM, HAK PADJAH TOÛH PARENTE ETNIA KURÛ, ÔWADJAH OBAWÀK AMUTSAH-ANEM BÛAMTÊYAM ETAPA KUTSO MAGISTÉRIO INDÍGENA, Û INOTÛH-NHAM KUTSO, AUDÊYA MAMURÉ AM 2001, TATAM-TÊH Û TSOPIRIMENTO TSOH WANAHÍ-TÊHKIHI NEM HOWÊH, WAPAM TSAWAMÎNÊH HÔTÛH NEM DEREM, ADAK ANDINHAM TSAWAMÎNÊH PAHAHADIIH BARAHAI, TAKARA, PAHAHA-NEM ENERGIA WAUTÛH NEM DEREM, ATÔKIMANHAM, IKIK SEMANA.

*Depois fui com outro candidato e comecei a contar minha situação da viagem, que eu ia estudar lá no município de Eirunepé, e logo ele me atendeu com boa atenção e também contei o que passou comigo para*

*ele, e ele teve muito respeito comigo. A logística de hospedagens era difícil, nós ficávamos na casa desocupada dos parentes da etnia Colina durante dois meses, durante a primeira etapa do curso magistério indígena. O próximo curso foi na aldeia Mamoré, em 2001, aí que foi outros sofrimentos, passamos muita fome, o alimento que foi para nos alimentar apodreceu, carne, frango, tudo estragado por causa da falta de energia que durou uma semana.*

ATSAHINÛH YODJAWÔ-NHAM WADAHÛH KONTSEWA, ANEM NHAMAH TAKAU TRÊS DIAS ANEM HAWÂK, ANEMPADJA-NEM TAWAK-MIM BIKOM TSOH-Û, TÛAMKIMAH KIMAH NHAMAH HOWÎH ARUNO KUTSO TOM POKINANEM, OBAWA KANAMARI, IKIK DENI, OBAWA MADIJA. U KUTSO TEREI IKOTÛH, AUDÊYA PIAU AM 2002.U QUARTO KUTSO HÎKIYAM KARIWA NAWAH COMUNIDADE MOURÃO AM 2003.U QUINTO KUTSO HÎKIYAM COMUNIDADE MOURÃO AM 2004, U ANO ITOM MUDAH MUNICÍPIO EIRUNEPÉ, NAKIK NHAMAH KUTSO, YAMAH BAKAHAM, Û BANEM- KANAHAM TÛAMNEM-DEREM TATAM A POIO SECRETARIA ODJAM PREFEITO MUNICIPIO ANHAM ADÊH WAHIUDÂK AUPAKAH ATSOWÂK TSONAKITÛH-NHAM POUSADA ADÊH TSODAHÛH-MAM NHAMAH ATSOWÂK KUTSO, ANEM ÛKINÛH NHAMAH BAPOKIYAM- NANEM MATAK ÔTÊKUKITÛNEM.

*Meus colegas tinham levado conserva, mas durou três dias e acabou, depois tivemos que tomar chibé de farinha de mandioca, era o jeito, por esse motivo muitos dos alunos do curso desistiram, dois Kanamari, um Deni, dois Kulina. O terceiro curso aconteceu na aldeia Píau em 2002. O quarto curso aconteceu na comunidade Mourão do não índio, em 2003. O quinto curso aconteceu na mesma comunidade Mourão, em 2004, e no ano seguinte mudou para o município de Eirunepé, onde foi realizado os cursos e para mim melhorou muito porque teve o apoio da secretaria, justamente com o prefeito do município que ajudavam a pagar nossa hospedagem na pousada, para nós podermos continuar nosso curso e infelizmente os outros meus colegas não conseguiram concluir por causa das dificuldades e desistiram.*

ANEMNEM 2005, 2010, 2013, TAITAM DA-ANDIH KUTSO WANAHIDH IKIK ANO, WAUTÛH-NEM KUTSO Û ANO TOU NHAMAH TATAM, ANEM DAK AMYODADIH TÛAM NEMDEREM VEBAS MUNICÍPIO NAU PAKAK TÛNEM DEREM KUTSO NO ANO AM 2014 TSODONÊ KUTSO GRAÇA A DEUS PROFESSOR, INA FRAN, CLOVE, RAIMUNDO, FRAK, TSSILA, ELISANDRA TSOBÛHÛH ATSOWÂK MUNICÍPIO EIRUNEPÉ-AM, U TÛANEM TSOHAWANÎNA KUTSO, TSOWANAHITÊKI-NEM Û HAK AIKOTÔH TÊKINEM, ANEM PREFEITO WAUPAKAK TSOTOIKOTÛH-NEM, ANHAM ÉPOCA ADÊH ETNIA KANAMARI, MMADIJA, DENI PANEM ANEMNEM MATÊKÔKÔH AUTSÔRÔHÛ-NEM MUNICIPAIS, TÛANEM DIREITO WARANHAM TSIDADANIA BRASILEIRA.

*Durante 2005, 2010, 2013 vinha fazendo o curso, passava um ano sem curso e no ano seguinte era realizado, mas sempre vinha acontecendo por causa das verbas, o município não vinha pagando o curso. No ano de 2014 concluímos os cursos e graças a DEUS e aos professores, InaFran, Clove, Raimundo, Frank, Tassila e Elisandra, fizemos nossa formatura no município de Eirunepé – AM, após o término dos cursos, passamos a morar em uma casa alugada, mas era o prefeito que pagava o aluguel, nessa época nós da etnia kanamari,*

*kulina e deni já éramos reconhecidos pelas entidades municipais como povos de direitos na cidadania Brasileira.*

ANHAM ÎNO TÛNHAM ANO ADÊH BAKATÛNHAM WOTA PREFEITO NAMAH NEMBATÊIH ANHAMHOM NHAMAH ADÊH TSOWÔ- NHAM TOM, ABATONÛH ANHAM HORA TOU ADÊH TA-ANHAM OWÔ-NEM DAUAM WÏYAI BÔH, NHAMAH TÔ AUPAKAK PATSAI AVIÃO, BARCO Û LANCHA ANEM ÎTOHOKI GERENCIA DO ESTADO AMAZONAS E SEDUC Û TUKUNAHÎ ÎTOHOKI-NEM AWADÊH ALVA ROSA DA ETNIA TUCANA MANAUS WARA. MANATÊH ADÔH Î AKARADETSI DEUS ANHAM NEMBATÊI ADÔH WAHIUDANHAM ANHAM ÎWANAHITÊKI-NHAM ATSAH WÎDA TUKUNA ITÔH WATÊKONHAM KUTSO NATÔH- TAKAUNHAM.

*No próximo ano de eleição nós votamos para o mesmo prefeito que ajudou na hora que precisamos, por isso nós ajudamos ele e quando queríamos viajar ele pagava passagens de avião, de barco, lancha e também a gerencia do estado do Amazonas e a SEDUC, e o pessoal do qual estou citando o nome, a Alva Rosa da etnia TUCANO, de Manaus. Hoje eu agradeço a DEUS e a todos que me ajudaram em minha trajetória de vida pessoal e profissional durante os cursos.*

O DJAM ADÔH WADAHÛ TRABALHAR EDUCAÇÃO TOM PIRIMEIRO OU NAKIBAKINEM ATSAH TUKUNAI NAKATÛH ANEM NHAMAH ADÔH MATÊKOMAM REUNIÃO TOM,ADÔH IKOMITSAH TRABALHAR NEM ANHAM ANO 2002, ANEMNEM ATSAH PIRIMEIRO ANO TRABALHAR NEM AUDÊYA FLEXAL NAKI XERUÃ,ESCOLA HÔTÛH ONEM ANEMNEM TSOH HAK NAKI MORAHIAM ATSAH PIRIMEIRO MOTSAH ANHAM TRÊS ANOS TÛAMTÊH 38 ALUNOS NEM ITÊKONEM PLANEJA AURA HANEM AWA ASSUNTO IPATSAH NHAMAH ATSAH ALUNOS.ANEM YOWÔTÛMAM YOHINTÛH, ANEM IDONÊ ATSAH CADERNO KUTSO TOM NHAM,MAGISTÉRIO TUKUNAI,AURA MANHAMAH. AM TRABALHAR TSOKONÊTOM KANAMARI INTSINA AHOKAU, CONSOANTES ANEM PADJANEM KARIWA NA KONITOM, TÛAM ADÔH WÎRANEN WATÊKOTÛNAHAM KATÛH ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA TSÒ ATSAH IWATÊKONEM KUTSO TOM NHAM GRAÇAS A DEUS.

*O que me levou a trabalhar na educação primeiro foi a união do meu povo que me escolheram em uma reunião, eu comecei a trabalhar no ano 2002, foi meu primeiro ano de trabalho na aldeia Flexal, no Rio Xeruã que não tinha escola, era em uma casa de morada a minha primeira turma. Durante três anos trabalhei com uma turma de 38 alunos que foi dividido com meu colega de trabalho, tive muitas dificuldades, eu não sabia planejar aula, qual assunto passar para meus alunos. Mas não desisti, peguei meus cadernos dos cursos de magistério indígenas para poder dar as minhas aulas e comecei a trabalhar, começando na minha língua materna, o Kanamari, ensinando as vogais e consoantes e depois na língua portuguesa e assim fui me virando, porque não tinha nenhuma orientação pedagógica, só minha experiência dos cursos, graças a DEUS.*

ANEM PADJANEM PIKIDJAHÎ RIWURO, DAHÛDIH NHAMAH HIWIHTA ANHAM TONÂK ALFABETIZAR ATSAH ARUNO ADÔH ANTUTÊKOKI NEMKANAHAM TEORIA TOM, ANEM ITÊKOTÔH NAHAMTÊH PRATICA ANEM PADJA-NEM NHAMAH TSORUYODADE ATSAH IWATÊKONEM ADÔH INTUDANEM FACULDADE TOM AM 2016. TATANTÊH DAK-AMDIH IHKOMITSA-NEM ÎNAKIBAK WATÊKONHAM FACULDADE PROFESSORES NAWÂ

TEÓRICOS, SEMINÁRIOS, PROVAS, TEXTOS, ATIVIDADE, INTEGRADORES ANEM ATSAH PRÁTICA MUDAH U ITSINAHINHAM IKOMETSAH TRABALHAR JOGOS, BRINCADEIRAS, DINÂMICAS E GRUPOS, ANEMBATÊI KOMETSAH TSAKANANEM PRÁTICA ITOWÎ ATSAH ARUNO WATÊKO-NEM KANAHANEM AM 3 ANOS AUDÊYA FLEXAL AM 2005 IRUTA TRABALHAR AUDÊYA SÃO JOÃO RIO XERUÃ WATEM KURABI ANEM ESCOLA WAUTÔH, HAK TOU ONEM ADÔH TRABALHA ATSAH HAK TOU, ITSAH ARO, ANHAM WABATONÔH AMTOU ANEMBAK NEMKANAHAM OKAMTOHÔTÔH NEMDEREM TRABALHAR, Ô ANO OBAWAH ATSAH IDJAH DA-AM ADÔH IDAHÔMAM WÂ, TRABALHAR-NEM TÎYAM HAK TOU ATUTAKAU SEIS ANOS.

*Depois fui pesquisando em livros, revistas, tentando trazer algo que pudesse alfabetizar meus alunos, eu tinha muitas ideias na teoria, mas não sabia fazer na prática e depois fui aprimorando meus conhecimentos quando eu fui estudar na faculdade, em 2016. E daí adiante comecei a gostar, com base nos conhecimentos adquiridos na faculdade com os professores, teóricos, seminários, provas, textos e atividades integradores, fui mudando minha prática de ensino e comecei a trabalhar jogos, brincadeiras, dinâmicas e grupos e tudo começou a mudar na prática, vi que meus alunos estavam aprendendo cada vez mais. Após 3 anos na aldeia Flexal, em 2005 fui lotado para trabalhar na aldeia São João, no Rio Xeruçã, no igarapé Curabi que também não tinha escola e trabalhei na casa de meu irmão, Aro, foi muito difícil, fiquei muito preocupado por não ter um local adequado para trabalhar, após dois anos, meu irmão se mudou e eu continuei trabalhando nessa mesma casa que durou seis anos.*

EM 2011 ANEMNEM BO-AMTÊYAM ESCOLA MUNICIPAL BAPÔ AUDÊYA SÃO JOÃO, ESCOLA MUNICIPAL INDÍGENA CURABI, BAKATÔNA TUKUNAI NUBAWÂ AUDÊYA WARA ANEM NHAMAH OHIM WARAPIKOM-TOM, WAKA, MAUNA-AM, KUMA-MEM, TSOU, MAKONA, BARA, DOMYAMAH, YOWÔNEM DANEM BAKAHAM TRABALHO, ANEM PROFESSOR, ABATÊKIK HAK-AMTUBATÊKIH NHAMAH ANEM TATAMHAM HOWÎ TUKUNA NATÔK IKOTÔH-NHAM, YAMAH Ô BAKAHAM-NEM WAUTÔTSÒ TSÒ PROFESSOR, ANHAM NEMBÂK WAHÎ AKIRIYA AWA WATÊKONEM, AUHÎ MAPIRABAK TOM, AWATÊKO-NHAM TEORIA DOS POVOS, APIRINDÊ NHAMAH ATSAH COMUNIDADE TSANEMHAM AIS, AGENTE INDÍGENA DE SAÚDE EM 2001, A YANHAM ANO HAWANANEM ADÔH TSAI TSÒ, ATSAH ÁREA TÛNEM DEREM ANHAM TRABALHO.

*Em 2011 aconteceu a construção da primeira escola municipal na aldeia São João, Escola Municipal Indígena Curabi e todo o povo da aldeia ficou muito animado e fizeram até ritual das frutas, com abacaxi, cana, ingá, pupunha e cará, com caça e peixe. Na minha lembrança o melhor trabalho é o de professor, porque leva a gente a ser educador e tem várias profissões, mas para mim não tem melhor do que professor, porque eles mesmos criam o conhecimento, pesquisando em cada teoria dos povos e aprendendo. Na minha comunidade já fui um AIS, agente indígena de saúde, em 2001, no final do ano eu desisti, porque não era a minha área de trabalho.*

ATSAH YOWÔNEM DAK NHAM WABANEM TÛNHAM, TRABALHOS IHÎNEM ANHAM MÃO DE OBRA ANHAM ITSONEM NAKIKIHI NHAM, HIWÎ TONHAM, DJORAKONTÔ- NHAM ABIDAK BÛHÛ-NHAM, ANEM



PADJANEM OMAM MADEIRA, TSIRAHINHAM. ANEMNEM TSIRAHÍ TROKAHÍ NHAMAH O WÊNDEHI NHAMAH MAMDERIRO NAMAH, BAKTÛH ONEM TA-ANHAM ANEM Û ARUNO ADÔH TATAM INO A TSAH EXPERIÊNCIA, ATSAH PIRIMEIRO 20 ALUNOS KANAMARI, ANEMNEM HUWÎ ITSITSIHÍ HOKI NEM HOWÎTÛH KARIWA KONÎTOM, TSOH TUKUNA KUNÎTOM, TSARARIO NHAMTÛH, 250,00 REAIS, VÍNCULO DE TRABALHO TÛANEM TSÒH CONTRATADO, NEM A EFETIVO, TSÒH OBAWA MÊS A HITSIBIHI-NEM Û O BAWA TSAHIYAM-NEM.

*Nas minhas lembranças dos piores trabalhos que eu achei era trabalho de mão de obra, que era andar no mato tirando leite de solva e leite de seringa para fazer látex e depois fui tirando madeira. Quando foi tirado para vender para o madeireiro, isto era ruim. Os alunos que eu tive ao longo da minha experiência, foram primeiro 20 alunos kanamari, eram muito tímidos, falavam pouco em português, só falavam na língua materna. Os valores do salário era bem pouco, 250,00 reais, vínculo de trabalho era só contratado, nunca fui efetivo, recebia dois meses e dois meses ficava dentro.*

ADÔH TON ITSI NEM KANAHAM, BIYAM, IKONÎ TÎKOTÛH KARIWA ANEMNEM TÛANEM MANOKONÊ ANHAM WATOAMTUNEM, ANEM ATSAH TSITUWATSÃO, INAKI WAUNENTÛH-NHAM ANHAM SALÁRIO NHAM-TÛH NEMKANAHAM OTSAM TUKUNA KONPARA NEM NHAMTÛH TÛANEM, TSAMADA, AHINEBANEM, Û OTSAM HINÛH, ETC. ADÔH IWÔMANA 09 KUTSO Û ETAPAS OWÎKINÛH TREINAMENTO, TÛANEM PANEM DA-ADIH ANÛHÔKI ENSINAMENTO MAGISTÉRIO TUKUNAI NAMAH.

*Eu Ton era muito tímido e nervoso, eu não entendia quase nada e também não sabia falar em português, ou seja, só na língua e isso era engraçado, mas era a minha situação. A situação que eu não gostava era o salário muito pouco para a gente comprar as coisas, por exemplo, roupas, perfumes, e outras coisas, etc. Eu fiz 09 cursos ou etapas e além de outros treinamentos, também já venho aplicando no ensino do magistério indígena.*

**Papiu kanaru mama, ikotah darahaki, am atsadam anim iwatikok nim (Estudando, trabalhando e lutando: o percurso da minha formação)**

ATSAH PRIMEIRAS IMPRESSÕES, ATSAH ADÔH YOWÔ NEM KANAHAM WATÊKOK NEM KANAHAM NHAMAH, PANEM ONEM ITÊKOK, ANEM DEREM PARFOR ANHAM WADIMAM NEMKANAHAM ANEM AWÔRÔMAMDIH IKIDAMEM, OHÔRAM. TÛAMTÊNEM ADÔH PONTO HÔNEM MÉDIA Û OBSERVAÇÕES Û NA P1, P2, SEMINÁRIOS, TOM INTEGRADORAS, TOM, DIA TOM-NAH ADÔH ÎKOMPANHAM YOH DADIH KONITSIMENTO Û EXPERIÊNCIA, WARANHAM.

*Nas primeiras impressões eu ficava muito curioso para conhecer muito mais do que eu já sabia, então o Parfor me alertou bastante e abriu a minha memória. Sempre eu tirava ponto na média e nas observações e na P1, P2, nos seminários, nas integradoras, cada dia eu venho acompanhando o conhecimento ou experiência.*

ADÊI SEMINÁRIOS, ADÔH PIRINDE RINEM ITÊKODUMAM-NEM TORIA TOM-NAH AKANARO NAWARAHÎK. ADÔH INAKI HUWÎ WATÊKONEM TÛNHAM TA-ANHAM CONTEÚDOS ANEM PADJANEM

NHAMAH YODONÊ IKATÔH MIYORA. ATSAH FAMIYAH DJAHIAM AUYA NAKI DJAHIAM, HAK KOIDANEM Û OPATSIHI KUIDA, ADÔH NHAMAH ESTUDANEM. AURA NATÔTAKAUNHAM TUKUNAKOMPARA-NHAM KOMETSIYO, DJAHIAM KUTSO-TOM ANEM PADJANEM TUKUNA NA OPAKHI KOMTA, TTRABAYA KOMETSAH- NEM, PADJAH-NEM.

*Nos seminários eu aprendi lendo e observando na teoria dos autores. Eu tive muita dificuldade sobre conteúdos e depois consegui associar melhor. A família ficava na aldeia, cuidando da casa e dos filhos e eu sempre estudando. Durante as aulas a gente fica comprando no comercio para ficar no curso, a gente paga a conta depois quando começava a trabalhar.*

TAKAUNHAM A GRADUAÇÃO ADÔH TARABAYA AUDÊYA SÃO JOÃO, ANEM PADJANEM KOMTINUO TARABAYA-NEM, TÛANEM TSOPARARA -MAMNEM TATAM-TÊH ADÔH DA-AMDIH PROPESSOR, TSÔ TARABAYA ATSAH AUDEYA NAKI SÃO JOÃO. ANHAM PERÍODO WAUTÛH NEM AURA HITSIBI-TÔK ANEM NHAMAH BAUNEM TOM IKOTÔK, ANEM ATSAH OPATSIHINÛH YOBATSAWA, WABO WAKAH, MAKNA, [IAME]BARI, TAWÂ, ADÊI WAPÛH Û FARINHA BÛ, AM DOM MAM, KATSAH, DOM-BÔ WAPÛH, ITÊYAM TUKUNA NAWÂ KUTURA KANAMARI. ANEM PREFEITO NA HÛMAM KOMTRATO KIMHINA Û TARABAYA-NEM TÛANEM PROFESSOR ATSAH AUDÊYA KANAMARI.

*Durante a graduação eu trabalhei na aldeia São João, na qual continuo trabalhando, para ser mais claro, desde que me tornei professor só trabalhei em minha aldeia, a São João. No período que não tem aula não recebo, aí vou para o roçado mais os meus meninos e a mulher, plantar abacaxi, cará, inhame, banana e macaxeira para nós comer e fazer farinha, vou pescar e caçar. Assar peixe, carne e comer, essa é a cultura do povo kanamari. Aí quando o prefeito levanta o contrato, volto a trabalhar como professor na minha aldeia kanamari.*

### **A Pandemia de Covid-19**

TSOH HITSIBENEM ATÔ-AMKIRA PIKAM-HINHAM WIRO[VÍRUS]ANHAM DAK-AMDINEM PAIS NAKI ATSOVA TUKUNAI HIYAH NEMBATÊI,WAUDITÔH ORUWA TSOH MAM ITÊYAM VÍRUS,WADI-TÔH ORUWA ÎTÊH,TÛAM NEM DEREM TSÛRÛ MUNDO ITSONEM NHANEN ANEM TA-ANHAM INTERESSANTE TÛANEM ADÊI HIKIYAM- DITÛHATSAH ADEIA NAKIYAM ANEM NHAMAH HIYA-NEMKANAHAM HÛWÎNEM HÔKI DA-AKDIH TÛNHAMAH TÛNHAMAH TSIDADE, NHAMAH KONAMAH TÛHAM NHAMAH ANEM HUWÎTÛHAM ANTECEDÊNCIA O AMAZONAS PANEM DA-NHODADE IKIK CAOS DE INFECTADOS ANEM DEREM PANEM WADIH ATSOVA CIDADE NAKI,ANEM DUWADITÛH PANEM WAUDI, NEM TSÒH PENSANEM ÎTÊH ATSOVA AMIGOS HUWÎNEM PEHDE NEM.

*Ao receber a notícia do vírus que vinha se alastrando no país, nosso povo ficou bastante com medo, pensávamos que esse vírus não ia chegar até aqui, devido o mundo ser tão grande, mas foi algo bem interessante, pois não tínhamos presenciado algo desse tipo. Minha aldeia ficou com bastante medo e decidi*

*não ir para a cidade, com mais um pouco de antecedência o Amazonas já estava vivenciando um caos de infectados e logo mais chegou em nossa cidade, foi algo do tipo bem rápido, pois quando pensamos que não, já estávamos vivendo uma constante perdas de amigos.*

LOQUE DAW, ANHAM CRIADO UM DECRETO TÛANEM A HIMTSIBE- TÛH NHAMAH AVIÕES NAKI TOTÊKITÛH-NHAMAH TSIDADE ITAMARATI-AMAZONAS, TATAM-TÊH KANA ADÊI ODIWAWAHI-TÊH TSOH ATÔH TAKAUNHAM KOWAHI OBAWA ANOS, DA-AM NHOHIMTÛH TSIDADE TATAM-TÊH ADÊI ODIWAWAHI WATEM WANA TSOWANAHI-TÊKI NHAMAH TEMPO MUTSAH-AM NHAMAH.

*Ao perceber o tamanho da situação, o prefeito resolveu colocar anúncios nas rádios locais que o povo das aldeias e de todos os outros lugares não fossem para a cidade, pois a cidade estava de loque daw. Foi criado um decreto para não receber embarcações e nem aviões na cidade de Itamarati-Amazonas, foi aí que ficamos isolados durante quase dois anos, sem poder ir a cidade, com isso vivemos na maloca isolados por muito tempo.*

DA-ANDINHAM IWATÊKANEM HAWINEM BAKTÛANEM HAWINEM WANÛHÔ IMTUDA ANEM INTERNET WABANEMTÛ ANEM ANHAM TÛAM-NEM AWÔU WIDA PARA PITSIANAU NHAMAH ANTOU OWWÂU KARAIWARA DA-AM, DAM WARA, WA-ANTOU ADERIKINHAM.

*Foi um momento que me levou a ficar desempregado durante muito tempo, não sei como descrever tantas dificuldades, mas só sei que estou concluindo esse curso com bastante conhecimento.*

ITÊYAM IWATÊKANEM HAWINEM BAK TÛANEM DEREM AWÂ-ANEM ANEMBA ITÊYAM BAPONEM MUDANTSA NHAMA MUNDO TSOTSIAU TSAMAMTSAMAM TSABA MUDA AWA DIRITSÃO, ANEM TSA IDONÊ IWATÊKANEM ANEM IDAHÔ ATSA WIDA TUKUNA AMAH PARAPITSIONAU ANHAM TÛANEM ANTAU APOSTSAMBAM NEMKANAHAM ATSÁH ITOBATÊKAKINHAM ATSÛRÛNHAM.

*Durante a pandemia quase não trabalhei, pois fiquei isolado durante quase um ano na aldeia Kanamari com medo da covid-19, pois se um contraísse a doença, nosso povo poderá desaparecer e não ficar nenhum, pois morreríamos todos, foi um momento de grande aprendizado para mim e meu povo Kananamari.*

ANHAM DA-AMDINHAM EXPERIENCE HAWINEMBAK, TÛNHEM HIWINEM, NHAMTÛ IMTUDANEM INTERNETI TONÂ WABANEMTÛ NEMKANAHAM FÁCIL TU, ANHEM ANHAM TA-ANHAM NEMWONEM AWÂ WIDA PROPOCIONAL HÁ –NAMTÛ OWO Û KARARI WARA ADAUHÛNHAM DIFICULDADI WATÊ KONEMTÛ-NHAM.

*Foi uma experiência muito boa, porém muito árdua, estudar por meio de internet não é muito fácil, mas para quem quer ser alguém na vida profissional tem que ter bastante coragem para enfrentar as dificuldades.*

ITÊYAM IWATÊKANEM ANDINEM HOWINEM BAK TÛANEM TSOWÔ NEM KANAHAM MUDANTSA MÂ TSATSIAU ADÊI TSABÛ NHAM A ANHAM TÂNEM TSÓ IGANHANEM I WATÊKONEM TA ANHAM IUANÃ IDAÛ

ATSA WIDA NAKI IWATÊKOKONEM, ANHAM KATÛ YOPUTSAHAM ANEM PEDJANEM ATSAH ITABANK TÊKOKINHAM AUTSÛRÛNEM.

*Essa experiência foi muito boa, pois precisamos estar prontos para as mudanças que o mundo social nos emite e nos faz mudar de direção, mas só ganhei conhecimentos e com isso vou levar para minha vida pessoal e profissional, com isso enriqueceu mais ainda minha prática na docência.*

#### **Iwamanim nahikdji akikom (Considerações Finais)**

Î CONCLUI ITÊYAM KUTSO PEDAGOGIA, PANEM ÎTÊKOK ANHAM BANEMKANAHAM ATSAH WIDA AMAH PROFISSIONAL, Û TSOTSIAU AM PANEMHAM BAK-NEMKANAHAM ADÔH KUTSANEM PEDAGOGIA ANHAM PARFOR-UEA, ATOTAKAUNEM NEMBATÊI ITÊYAM PROCESSO O HIKIYAM-NEM, APERINDEYAM, ANHAM ÎYAM INONHAM BANEMKANAHAYAM ATSAH YAMAH FORMAÇÃO AKADEMIKA, TARABAYA MAKATÛH O DJAPA KANAMARI ANEMNEM BUANTÊYAM O KUTSO ADÔH ITÊKOTÛH TATAMHAM-HAM ANEMWÂ NA-AMTAM TA-AM NHAM FACULDADE ANENEM NEMHÔ, PREMEIRAS DISCIPLINAS ADÔH ITÊKOTÔH NEMKANAHAM DIFICULDADES DJAHYANA ITÊKÔK NHAMAH O KONTEUDO, TÛANEM ANEMNEM HUWÎNEM WAHTÊKONEMTÛH YAH MAH HI INTENDEH, TÛANEM DEREM ADÔH TA-ANHAM DIFICULDADEPORTUGUES TOM.ANHAM O WANAHINEM ANHAM PERÍODOS ANEMNEM IHÎNHODADI-TSO ANHAM KARIWA NOKOKUNÊ, ANEMNEM PERÍODO ANHAM WANAHY YODADI-NHAM, A OWÔ-NHAM NEMKANAHAM TSOWATÊKONHAM APERINDÊ NEMKANAHAM TSOWATÊKONEM, TSÒH PIYAI Û ARUNO, AMTÛNEM TAREFA FÁCIL, ANEM HOWITÛH Û HUWITÛ ANEM Û ODUNEM TSOWATÊKONEM.

*Ao concluir este curso de Pedagogia pude perceber o quanto ele é importante para minha vida profissional e social. Foi muito importante ter cursado Pedagogia pelo PARFOR-UEA, durante todo esse processo de descobertas e aprendizagem foi de enorme importância para minha formação acadêmica trabalhar com o povo Kanamari. Quando iniciou o curso eu não tinha ainda bem noção como era uma faculdade, nas primeiras disciplinas eu tive muitas dificuldades para entender os conteúdos, pois era muito complicado para mim entender, porque eu tinha dificuldade no português. Com o passar dos períodos fui me associando com a linguagem, a cada período que passava adquiria mais conhecimento. Aprendi a ter mais paciência com filhos e alunos, não foi uma tarefa fácil, mas pouco a pouco fui adquirindo conhecimentos.*

MANATÊ TA-ANHAM HAWANA KUTSO TOM ADÔH ITSIMTSIH IWATÊKONEM KANAHANHAM, KANAHAM BAPONÂ, DA-AM WAUNA NHAMAH TSARA O AURA, ANHAM HUWI Ô MÂ-AHINHAMAH ANEM KOMPATSIRIYAH KONITSIMENTO ANHAM ATSAH TUKUNA ODJAPA ARUNO, MANATÊ POTSIO IMOAM IWATÊKONEM EMPÍRICO ANHAM AWATÊKONEM CIENTIFICO KONTSIKIDO TARABAYAH TA-ANHAM KANAHANAM TSABEDORIA TAKAUNHAM KUTSO TATAM HUWIH MUDANTAH ATSAH WIDA KANAHAM ABAWÂNEM TÛANEM ADÔH AWÂTÊKONEMBÛH, BOANTÊNEM TSÒ ITÊKONEM TUKUNA KANAMARI KONÊ, MANATÊ, TATAM HAM KADA WEI NEMKANAHAM ANEMBAK ESCOLHEHÊ TSITAH Û KOMITSAHI O CONCLUIR

KUTSO.AMTÛH ITOHÔKI AWANAHINEM IKATÛH KOMHÔTÛH ADÔH, IKINAKI PINTSANEM POKINANEM-WÔ ONEM ADÔTSÒ KUTSO TOM, TÛANEM WAUDINEM HAK TOU, DJAHYADI-NEM ITOWÎ KOMIDAHÔTÛ-NEM ANEMDEREM WAPÔU NHAMAH ATSAH OPTSIMHI, ANEM AMTOU DJAHI ADÔH KOTÛHDA PIMTSANEM, ANEM TSÒANHAMTONDI HAH IMTUDANEM DEREM, NHAMAH ATSAH WIDA BAWÂ MAMAH TATAMHÂ NEMKANAHAM ITAIKOBANHAM ATSAH YAMAH FUTURO BANHAM.

*Hoje com o término do curso me sinto um profissional mais competente para chegar numa sala de aula com muitas ideias e poder compartilhar conhecimento com meu povo e alunos, hoje posso utilizar o saber empírico com o saber científico, conseguido trabalhar a questão com mais sabedoria. Durante o curso tive muitas mudanças na minha vida, mas as principais foram me reeducar, pois só entedia bem a língua kanamari, hoje, tenho cada vez mais certeza que fiz a escolha certa em começar e concluir o curso. Não vou negar que me passou várias vezes pela cabeça em jogar tudo para o alto e desistir do curso, principalmente quando chegava em casa na hora do almoço e não tinha o que comer com minha filha, mais eu parava e pensava que só através dos estudos que poderia dar uma vida melhor para ela. Tenho muitas expectativas para meu futuro profissional.*



## CAPÍTULO 41

### DIAS DE LUTA, DIAS DE VITÓRIAS: MINHA VIDA E A EDUCAÇÃO

Valneri Lima de São Bento

Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### Introdução

O presente memorial tem como objetivo expor a minha formação escolar e as experiências que vivi e obtive durante toda a minha trajetória de docente, também relato o momento que ingressei no curso de Pedagogia, abordando os mais diversos aspectos que tomam parte do Processo Educativo.

#### Meu caminho até a escola

Nasci no dia 06/03/1987, no seringal Walterburi às 10h da manhã, sou filho de Francisco Amâncio de São Bento e de Sebastiana Gomes de Lima. Meu pai tem 58 anos e minha mãe tem 54 anos, os dois são analfabetos. Nunca tiveram oportunidade de estudar, somos uma família de 12 pessoas ao todo, todos são pobres, não tinha condições financeiras, era muito difícil a nossa situação, leu sou o único que está cursando uma graduação e o outro irmão é professor só com o ensino médio.

Aprendi a fazer várias coisas que meu pai ensinava em casa, como por exemplo: pescar, flechar, fazer remo, plantar roça, tecer palha de ubim e de caraná, que era com essa palha que nossa casa era coberta. Aí veio a escola para o seringal Walterburi, na época era muito difícil o acesso à escola, meus pais trabalhavam muito na roça, pesca, agricultura e na borracha para nós sobrevivermos, por conta da dificuldade apenas meu irmão mais velho estudava, era muito complicado na época, nós que morávamos no seringal quase não tínhamos acesso à escola.

Alguns anos se passaram e foi melhorando lentamente, teve a construção dessa escola, que tinha por nome Nossa Senhora de Nazaré, onde iniciei a minha trajetória de estudante com a minha primeira professora, Maria Aldenir de Souza Sales, ela só tinha a quarta-série na época, eu tinha 7 anos e fui direto para a primeira série do ensino fundamental, era uma professora muito boa, ensinava com amor, tratava todos os alunos muito bem e nunca vinha com raiva para sala de aula.

Eram bem divertidas as brincadeiras, as horas passavam muito rápido na sala de aula, todos os alunos gostavam de brincar. Era multisseriado a sala, eu e minha colega numa série, e outros nas outras séries, mas

a professora fazia um plano que atendia todos os alunos e não deixava ninguém de fora. Quando a professora passava tarefa no caderno, para eu cobrir as vogais, eu não conseguia, aí ela pegava na minha mão e me ajudava a fazer, depois de algumas tentativas eu consegui fazer sozinho, de vez em quando ela passava na cadeira de cada um, olhando como estavam os seus desempenhos na tarefa.

Logo aprendi a fazer as vogais, aí passei para o alfabeto, não demorou muito e eu aprendi todas as letras dos alfabetos de A a Z, depois formei as junções com as vogais, comecei a formar as sílabas com as letras do alfabeto, depois dessas sílabas formei palavras, depois das palavras formei as frases, foi um momento muito especial na minha vida, cada dia que passava eu ia gostando cada vez mais de estar na escola.

A professora ensinava com amor, estava sempre presente aos alunos, e sua dedicação era incontestável para os aprendizados das crianças e adultos sempre iam para escola com meus irmãos, todos eram meus colegas, e estavam sempre nos ajudando quando tinha dificuldade em alguma tarefa de casa. Nós éramos sempre unidos em sala de aula, apesar da sala ser pequena, não tinha livros, quase não tinha merenda na escola, era muito difícil a permanência na escola por causa das péssimas condições que a escola oferecia para os alunos, mas, mesmo assim a professora estava ali sempre nos incentivando e orientando que nós não podíamos desistir porque um dia nós íamos conseguir.

Com pouco material escolar disponível, a professora ensinava com os conteúdos da nossa realidade, um exemplo: a gente aprendia a contar, somar, multiplicar, dividir, subtrair na matemática com goiaba, caroço de mulubu, caroço de milho, enfim, era tudo muito legal, nós aprendíamos brincando no terreiro da escola, como não tinha merenda na escola nós íamos jogar bola na hora do intervalo, até a hora de entrar. Como não tinha merenda na escola, muitas vezes em casa também não tinha, aí ficávamos sem comer.

Nossos pais sempre se preocupavam com a nossa educação escolar, sempre me incentivou para ir até a escola, nos dando toda liberdade para estudar, às vezes nós íamos para a roça ou a pesca com eles, mas quando chegava na hora da escola, nós já estávamos em casa para estudar, mas quando eu ia para roça ou qualquer outro lugar, levava o meu caderno comigo para eu estudar as tarefas de casa nas horas vagas.

Levava meu caderno para aonde eu ia, para escrever tudo que eu via no caminho, anotava os nomes dos pássaros, das borboletas, dos botos, calangos e peixes. A professora gostava de fazer pergunta sobre os animais e eu sempre respondi as questões em sala de aula, sempre fui muito esperto na escola, lia bastante e gosto muito de poesia.

A minha bolsa de carregar o material para escola era um saco de açúcar, era dentro desse saquinho que eu levava o meu caderno para escola. Era muito difícil eu ia para a escola descalço, não tinha farda escolar e ia sempre com a mesma roupa para escola, às vezes rasgada e remendada também, mas isso não impedia de eu ir para escola todos os dias muito feliz.

O material escolar era muito pouco, nós recebíamos um caderno e um lápis e muitas vezes tinha que



dividir o lápis no meio, para não ver o irmão e o colega sem fazer tarefa. Essa rotina era constante em nossa vida, muitas vezes os colegas não vinham para escola com vergonha e não tinha comido nada, e por causa de suas roupas, quando a mãe lavava e não enxugava, ele não vinha para aula porque não tinha outra muda de roupa e comigo não era diferente, muitas vezes no tempo da cheia do rio, que a água inundava tudo, era um risco muito grande até chegar à escola, vinha para escola com a água no meio das pernas, vendo a hora de pisar em cima de uma arraia ou ser picado por um inseto, algumas vezes a gente pisava em algum buraco, se molhava todo e o caderno também, mas colocávamos primeiro o caderno para enxugar no sol.

Lembro-me também que na hora do recreio, que era o intervalo, nós, os alunos corríamos para irmos juntar buriti e tirar goiaba para merendarmos juntos, com a professora na sala.

Eu gostava de todas as disciplinas, mas me identificava mesmo era com a disciplina de português, matemática e ciências, mas eu me esforçava nas outras disciplinas, era difícil porque era apenas um livro para todos os alunos. Às vezes a professora fazia as questões para nós respondermos olhando e tirando do livro, nossa! Era muito difícil, mas a gente enfrentava e estava lá na escola todos os dias.

A professora passava os conteúdos de acordo com a nossa realidade, era coisa do nosso conhecimento, que estava presente em nosso dia a dia. Quando a professora passava trabalho para casa, a gente fazia os trabalhos ou as tarefas à luz de lamparina, ou às vezes com a lanterna, porque não tinha luz durante a noite, era uma vida cruel, mas em nenhum momento a gente desistiu ou pensava em desistir, até porque nós não tínhamos condições, a gente ficava pensando como ia ser quando concluísse a quarta série no seringal, a gente ficava se perguntando como ia dar continuidade nos estudos, porque na época só era até a quarta série.

Por isso que estudei como ouvinte por 3 anos e durante esse tempo aprendi muito mais, porque a professora me mandava fazer a chamada da turma, ajudava os alunos a fazer a tarefa e explicava o assunto que ela mandava, eu copiava na lousa e explicava como era para fazer. Aí eu fui gostando da ideia de que ser professor era legal, comecei a pensar: quando eu concluir os meus estudos eu vou ser professor. Gostava do jeito que ela ensinava, talvez seja isso que me fez ser professor, com muito orgulho.

Quando concluí a quarta série e logo depois repeti 3 anos como ouvinte, a professora me chamou na casa dela e me perguntou se eu queria estudar na cidade, eu falei que eu queria, mas como que eu ia para cidade se não tinha casa para eu estudar, ela me falou: “Você não pode ficar aqui você tem que estudar você é muito inteligente, você não pode ficar parado”. Só que eu pensava em deixar meus pais, meus irmãos e meus colegas, enfim eram muitas coisas que faziam com que eu não quisesse ir para cidade estudar, mas eu queria muito continuar meus estudos e não baixei a cabeça, não olhei para as dificuldades, tinha 3 mudas de roupa, não tinha sapato, não tinha bolsa, não tinha quase nada, mas tinha saúde e coragem e passei a ver aquela dificuldade como uma oportunidade única na minha vida.

Aí eu vim para cidade morar na casa da professora para estudar, mas antes de vir foi muito difícil

para mim, eu tinha dezessete anos na época, tive que deixar a família, eu não tinha costume de sair de casa e ainda deixar uma garota que eu gostava muito e amava também, mas era necessário fazer isso porque eu queria e era meu sonho concluir o ensino médio e fazer uma faculdade um dia (quem sabe se era possível?).

Aí me matriculei na escola Estadual Santos Dumont e fui estudar a noite pelo EJA: educação de jovens e adultos. Era uma turma de 40 alunos, me tornei amigo de todos, só que eu trabalhava muito o dia todo lá no ramal, nós íamos andando, eram 3 horas a pé porque não tinha transporte e por conta disso, nunca cheguei na hora certa na escola, sempre chegava atrasado e muitas vezes não jantava em casa, porque não dava tempo, aí eu ia com fome para escola.

A minha primeira professora na cidade foi a Fátima Pinheiro, era uma professora muito boa e carinhosa, também ensinava com amor a língua portuguesa, brincávamos bastante na escola e a turma aprendia muito. Era uma aula significativa e muito proveitosa. Tinha outros professores também, mas a turma de 40 alunos, terminou só com 23.

### **Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR**

Minha atuação profissional antes do PARFOR foram diversas, trabalhei como pescador, agricultor, diarista e só em 2013 que passei a atuar como professor. Fui lotado na comunidade São Sebastião, na Escola Municipal São Sebastião.

No ano seguinte, 2014, fui lotado para lecionar na comunidade do Raimundo, na Escola Municipal Nilo Pinheiro, era uma escola com duas salas bem grandes, uma varanda, 1 quarto com armário para por a merenda, 1 uma pia, 2 banheiros. Tinha bastante livro, ou melhor, material didático, para uso dos alunos. As janelas da escola eram teladas, tinha computadores, mas, não eram usados, era uma turma com 20 alunos, na verdade duas turmas. Nessa comunidade tinha mais dois colegas, que era o Machione e a Ivanete, me ajudaram bastante, e nós trabalhamos unidos, eu e Machione ficamos com a turma do Pré ao 5º Ano. A gente trabalhava junto na mesma turma.

Quando cheguei à comunidade, não foi diferente da outra, eu não conhecia ninguém, mas o colega já conhecia, foi mais fácil para mim, fiquei hospedado na escola por que a casa do professor era muito pequena, não tinha espaço, fui à casa do chefe da comunidade, ele me recebeu muito bem e falou que eu estava em casa e não me preocupasse com nada. Logo fiz amizade com todo mundo, eram pessoas muito acolhedoras e maravilhosas, que nós apoiavam, eram trabalhadoras e estavam sempre nos apoiando e incentivando os filhos para ir para escola.

Na comunidade a gente é um pouco de tudo, é o professor, merendeiro, o prefeito, o médico, o dentista, o agente de saúde, enfim tudo isso e muito mais. Foram dois anos de muita dedicação ao trabalho, graças a Deus que os alunos escreviam seus nomes completos, sabiam ler, já estavam produzindo seus textos,

formavam palavras corretamente, enfim fiquei muito feliz de poder ajudar aquelas crianças, a organizar o que elas já tinham em mente, era muito gratificante para nós, professores, receber um elogio dos pais dos alunos.

Quando chegou o ano seguinte que era o ano de 2016, fui trabalhar no igarapé Conamã, era na última comunidade do igarapé, não era fácil para chegar a essa comunidade, da cidade para lá eram 6 horas de viagem, é muito difícil até chegar a esse lugar, era uma escola pequena, uma sala de aula, só um quarto pequeno da merenda, as tábuas com as pontas tudo podre e não tinha material escolar, não tinha caderno, lápis, só que já estavam construindo uma escola, mais organizada para o ensino.

A comunidade se chamava São José e tinha 15 casas com as duas escolas, eram duas turmas multisseriadas, uma turma com 18 alunos e outra com 10. Eram pessoas muito boas e acolhedoras e apoiavam a gente em tudo, cada turma com a sua dinâmica de aprender, uma turma muito boa, não gostavam de faltar, gostavam mais de brincar e eu o meu colega elaborávamos planos com bastantes jogos, de matemática, de português, ciências, artes, e as demais disciplinas, como a história, nós pedíamos que eles contassem a história de suas vidas, dos amiguinhos, todos se sentiam a vontade e começavam a interagir com a turma, um contando a história do outro e todos aprendiam juntos, brincando. Era muito legal essa dinâmica, todos contavam de acordo com o seu conhecimento, de acordo com a sua visão de mundo. As crianças respeitavam muito o professor, com o respeito entre ambos as partes se tornava mais forte o sentimento de afeto com as crianças daquele lugar. Passei um ano nesse lugar.

### **Estudando, trabalhando e lutando: o percurso da minha formação**

Não tive muita oportunidade de fazer muitos cursos, fiz dois de informática, mas só terminei 1, o Linux básico, aprendi bastante com esse curso. Fiz um curso no programa Escola da Terra, mas não recebi o certificado, fiz o programa do PNAIC, não recebi o certificado também porque não estava aqui no dia da entrega e voltou.

Eu não sabia do curso de Pedagogia, fiquei sabendo através de informações de colegas e era um sonho um dia entrar em uma graduação, entrei porque tive alguém para me ajudar, a secretária de educação que nos priorizou por estarmos na zona rural, no processo foi prioridade para os professores que estavam na comunidade lecionando, não teve prova, ela apenas selecionou os professores da zona rural e isso foi muito gratificante para nós.

Não tinha ideia de como eram as regras, era tudo novo para mim, fiquei com aquela expectativa, será que vai ser bom? Ou será que vai ser ruim? Estava muito ansioso para conhecer o Parfor no município de Itamarati. Logo no início foi difícil a compreensão dos conteúdos, mas, acredito que o porquê da ansiedade, a gente criava barreira onde não tinha, por isso, ficava complicado assimilar o conhecimento dos

conteúdos das disciplinas. Mas, na prova final a gente mostrava que tinha entendido sim os conteúdos.

Às vezes a gente deixava dinheiro para aquele determinado período do curso, por que não recebíamos no início do ano, quando o contrato caia, aí quando o dinheiro acabava a gente passa fome, porque eu, muitas vezes, ia sem comer para a escola, às vezes era porque não tinha comida e outras era porque não dava tempo de fazer, muitas vezes eu ia comer na casa de um colega porque não dava tempo ir em casa fazer a comida para comer.

Minha vida é muito boa, porque sou só eu e meu filho, nós já sabemos o que tem que fazer todo dia, ele é o meu herói, já não precisa mais eu chamar ele, é ele quem me chama. Então nossa relação familiar é muito boa, ele me apoia bastante, meus pais também.

Com o curso mudei a minha prática de ensino, mudei meu comportamento, meus trabalhos foram melhores a cada dia na minha escola e no Parfor. Todas as disciplinas foram muito importantes, aprendi com cada uma, cada uma tinha uma proposta de ensino, mas com o mesmo objetivo que é através da educação nós nos tornamos pessoas melhores e bem preparada para a vida escolar e profissional, mas a disciplina que eu mais me identifiquei foi a Psicologia do Desenvolvimento, foi muito marcante para mim.

O que mais me marcou foi quando a minha primeira professora falou que tinha que estudar, você não pode ficar sem estudar e não desista, se você quer conquistar algo, vá em frente que você vence. Por isso que nunca desisto dos meus sonhos, pode dar errado o plano, mas o objetivo não. Acredito que deveriam trazer mais cursos para o município para formar mais professores.

Pensando no curso, eu mudaria algumas coisas no Parfor, como por exemplo, as horas de aulas para os alunos deveriam ser acrescentadas, essa apostila que vem digital deveria ser impressa, no ponto do aluno utilizar, devido a dificuldade que existe em alguns municípios, pois, muitos desses estudantes quando chega ao final do ano o contrato cai, e por conta disso, muitos alunos do curso se prejudicam porque não podem e nem tem dinheiro para imprimir ou xerocar o material. Um exemplo é aqui na cidade de Itamarati, uma cópia custava 50 centavos (em 2017), uma apostila de 150 páginas é R\$75,00 (em 2017), não dá, e por conta disso somos prejudicados.

Também deveriam mandar merenda para todos os municípios e mandar fazer um polo da universidade, organizando todos os materiais para os alunos poderem pesquisar e ter um conhecimento melhor no período de suas aulas. Aqui em Itamarati a nossa turma de Pedagogia ficou por um tempo igual cachorros, um dia íamos para um canto, outro dia para outro e isso nos prejudicou bastante, mas a nossa coordenadora era e é o nosso anjo da guarda, sempre nos ajudou para não ficarmos sem aulas nesse vai e vem.

Durante esses quase cinco anos de graduação, no ano de 2016 trabalhei como professor na comunidade São José no Igarapé Canamã. Em 2017 trabalhei na Comunidade Walterburi, em 2018 não trabalhei como professor, trabalhei pela prefeitura, na mesma comunidade Walterburi, área da reserva, ou

seja, no meio ambiente. Em 2019 voltei a trabalhar como professor na mesma comunidade. Em 2020 fiz o seletivo e passei, mas não foi possível trabalhar por conta da pandemia, e em 2021 fiz novamente o seletivo e passei, estou trabalhando na comunidade Walterburi.

Portanto, nesse período sempre estive na ativa e sem dúvidas, a minha prática de ensino foi outra, me adaptei melhor no ambiente escolar, com a comunidade, com minha família, enfim, sou uma pessoa totalmente diferenciada do que quando iniciei minha carreira como docente, aprendi que cada indivíduo tem seu tempo de aprender.

### **A pandemia de Covid-19**

Durante os últimos meses tivemos momentos bem desafiadores, foram momentos que tivemos que parar e pensar como ia ser a nossa vida naquele momento, eu pensava no sustento da família, porque a maior parte desse tempo ficamos desempregados, sem ganhar nada, mas durante esse período ganhamos o auxílio do governo federal, trabalhei na agricultura, (banana e roça) a pesca também, para não deixar faltar o alimento da família.

No ano de 2020, em maio teve um seletivo pela prefeitura, consegui passar e os meus colegas também, esse seletivo foi por quatro meses. Não fomos para a Zona Rural por conta do aumento da pandemia. Para ser mais desafiador fui afetado por essa doença da covid-19, também meu sogro, minha sogra, minha esposa e meu filho com 7 meses de vida, só livrou o Acas dessa família. Graças a Deus que todos ficamos bem e estou aqui para continuar a vida em busca de um futuro melhor para a minha família, tanto profissional, como social.

Sobre a nossa turma, a gente se manteve unido, um ajudando o outro com uma palavra de incentivo, procurando saber como estava o colega, a turma foi bem solidaria para os demais e seguimos todas as recomendações da saúde, mantendo o distanciamento social.

No que diz respeito ao curso, sem dúvidas fomos prejudicados, porque estávamos num ritmo e quando veio a pandemia, que passamos esses tempos parados, não foi legal, mas por outro lado, tivemos tempo para ficar com a família. Com isso, tivemos que exercer outra profissão (como a agricultura e a pesca) enquanto as coisas voltavam ao normal.

Nesse período a coordenação local e a coordenação geral foram excelentes, sempre nos informando do que estava acontecendo e quando estávamos com dúvidas tiravam elas. Eram muito transparentes em suas informações, inclusive ganhei um celular que a coordenação mandou, facilitou bastante na hora de fazer os meus trabalhos e tirar minhas dúvidas.

Enfim, li algumas apostilas e pesquisei bastante sobre os assuntos que estudamos no início de nossa formação. Hoje sou uma pessoa totalmente diferente do que quando comecei, percebi que a educação é o melhor caminho para mudar pessoas, mas, pessoas que realmente queiram mudar.

A turma continuou unida e continua, aprendi bastante com meus colegas, aprendendo juntos somos mais fortes, sozinhos não chegaremos a lugar nenhum. Portanto, é importante cuidar uns dos outros, respeitar as diferenças culturais e sociais e nos adaptar as novas realidades que estamos vivendo, seja na vida, na saúde, na política, na economia, enfim, nos preparar para transformar pessoas para viver numa sociedade mais acolhedora e digna, porque estamos vivendo num mundo em que as pessoas, não respeitam o outro, não se importam e que não temos nem o direito de nos expressar algumas vezes.

### **Considerações Finais**

Chegando ao fim deste memorial do curso de Pedagogia fiquei com a expectativa de ter conseguido trabalhar bem com a questão da memória, pois já dizia um professor: falar de quem ainda está vivo é muito difícil! Eu completaria dizendo: é mais difícil ainda escrever sobre nós mesmos.

Fiquei muito feliz com a conclusão deste memorial, pois pude rever alguns pontos de minha caminhada ao longo do início de carreira como professor e pude ver que muitas de minhas angustias foram superadas e as restantes, com certeza, com a experiência que estou adquirindo logo serão coisa do passado.

Hoje vejo que o que aprendi na faculdade foi de muita importância para a minha prática. Pois, se não fosse os professores nos indicando o caminho que deveríamos seguir, e nos mostrando novas teorias e práticas pedagógicas para que pudéssemos escolher, com certeza no momento de entrar em sala de aula iríamos apenas reproduzir aquilo que nos foi ensinado. Este curso de Pedagogia me fez acreditar e também valorizar o trabalho docente e a importância da formação continuada e tudo que ela propicia ao profissional da educação diversos assuntos, que são enriquecedores de saberes e aprendizagens na ação docente. A troca de experiência, a diversidade e a heterogeneidade trazem riqueza para todos.

O objetivo maior dessa formação é me unir com pais, estudantes e a sociedade, para que repensemos nossos papéis e nossas atitudes enquanto ser humano, porém com ela demonstramos o compromisso com a educação que queremos para o futuro, pois, sozinhos não mudamos o mundo, mas juntos, unidos com toda a comunidade escolar, podemos transformar pessoas e as pessoas mudarem o mundo.

Este memorial me deu a oportunidade de rever minhas atitudes o que eu fiz, o que eu deixei de fazer e o que eu poderia ter feito, me deu a oportunidade de concertar os meus erros, o que aprende vou levar para a vida, porque, mas tenho muito que aprender, pois esse processo educacional estará sempre em transformação.

## CAPÍTULO 42

### UNATUA ZAMABUKHU UNARU HIBAMUTHAPE (EDUCAÇÃO E MUDANÇA PARA TODOS OS PARENTES)

Vamuna Minu Deni

Fernanda Pinto de Aragão Quintino

#### Damazade (Introdução)<sup>3</sup>

ARU IBUREI PHUNARU VAPIHADE UNINI VAPIHA ATHIKADE AKHIHA HASHITA APHUNENI MADHIHA KANANI SIHURA ENENI ZURUZVARA UZABAHIKANA ITAMARATI AMAZONAS, VATIKANADE KUTANI KHARADE BAVIDE UKHA KHITUKADE.

*Este texto tem por objetivo abordar um assunto muito interessante o qual relatará o memorial acadêmico de um índio do afluente Xeruã, no médio Juruá, no município de Itamarati Amazonas, apresentando os pontos fortes e fracos de minha vida pessoal e docente.*

MADIHA KHI TUKANADE MADIHA KHARAVEHE KHARADE KUSU NAVATUTIVEHINA IBUREI KHINADE IBUREI KHINADE E DENIKHA AKARIHA TATIDEKHA AMUSHIDE EDENIKHA, MADIHA DENI VAMUNA MINU DENI ZUTUDE NATHUMENADE.

*No decorrer do assunto é feito uma abordagem do geral da docência nas aldeias e durante o curso na formação acadêmica. O trabalho aborda uma biografia do índio Vamuna Minu Deni e também tem comentários da vida estudantil do mesmo e seu percurso até à docência.*

PAPEU UZA VEHINA DEIRANI ARI TUKHANI NAVATUDE VAHIDE TUKHITADE KHARAEHE PARFUR UEA TUKHANI NAVATUDE ZUTUDE NARUA MITHAPI RARI VA' ATUNADE SARA DE AURA ZURUVAHA EPENIKHA.

*Também faz uma viagem na atualidade docente antes do curso de formação Parfor UEA e durante a formação. E em seguida é conectado sobre as dificuldades enfrentadas interno e externo da sala de aula durante a pandemia na aldeia Morada Nova, no rio Xeruã, no médio Juruá.*

---

<sup>3</sup> Esse texto, como todos os outros que compõe esse livro é um recorte do Memorial apresentado como trabalho de fim de curso pela a turma de Pedagogia do município de Itamarati-AM, cursado pela Universidade do Estado do Amazonas, contudo, o autor principal é indígena, da etnia Deni e não domina a Língua Portuguesa, precisando da ajuda de colegas de turma que aprenderam a se comunicar com ele e com outros colegas da etnia durante os 5 anos de curso. Desse modo, algumas partes deles são escritos em português, mediado pelo entendimento desses colegas (Mário Jorge Lima da Silva e Melquezedeqe Lima da Silva), com a escrita em Deni, feita pelo autor principal do artigo, outras estão apenas em português, tendo em vista a dificuldade que o autor principal enfrentou para digitação sem computador e em período pandêmico.

### **Havi nani bakhutunaru papel hanuhanu zamarini (Meu caminho até a escola)**

EDENIKHA KHARANAHA HANUHANU ZAMARINI UVA VAMUNA MINU DENI UPUHARU VADA 05/06/1968, PASHU KAVANADEZA SIRUHA UZABAHIKANA, ITAMARATI AMAZONAS, MAHI ZUMEZAMANI UKHABI KUNINE MINU DENI MAVAHARU MINU DENI PUHARI 5 KANAMARI, KAVARIVI MINU DENI, ZAVARINI MINU DENI, SHAKERAVI MINU DENI, SIKITARIVI MINU DENI, LIVITU MINU DENI, ZAMARINI MINU DENI, BUNENI AHI UHARIA UVIBUVA MADIHA DENI.

*Eu me chamo Vamuna Minu Deni, nascido em 05/06/1968, no afluyente do rio Xeruã, município de Itamarati-Amazonas, às dez horas da manhã, sou filho de Kunine Minu Deni e Mavaharu Minu Deni. Tenho 5 filhos: Kavarivi Minu Deni, Zavani Minu Deni, Shake Ravi Minu Deni, Shiktarivi Minu Deni e Livituvi Minu Deni, hábito na floresta, venho de uma família de indígena do povo Deni.*

VAHANU UKHAVADA VANADE BUTHURU, SHERIDE, MAVAHARU VAVAINADE UZA NATHUDE KANAMARI KATHUMADE ARI VANADE MAHI PHUPHU NAHA ZUME ABAZIKU SHIVE SHIE NADE AKUNA KANAHA UVATIKHARU NANIARINI KATHUMADE, NARUA SHIBADE NAVATURADE ARIKHA AKUNANARUHI, HIKA VASIZA U, UHARI IVAHARI MEZA MEZA SIPARI IDI INARUPATARAHUZA.

*Com dez anos de idade eu passei a morar em um afluyente, chamado Buturu. Ajudei meu pai Kunine a fazer nossa casa, nós índio chamamos de UZA, Maloca ou casa, nunca sonhava em estudar, pensei que só fosse aprender com minha família, meu pai me ensinou a andar na floresta, ele me orientava durante o dia pelo sol, que nós chamamos de MAHI, pelo vento e a noite pela lua ou relâmpago, porque quando eu ia caçar, eu precisava de uma direção para me orientar.*

NARUA ATINI, IMEDE BANI IMANI ABA AVA BUNU PASHU KABAMADE AVA RESI DAKERADE AVA RESI DAKERADE IVAHARI VEHINI, UVIBUVA BUVA MAHUNAVI UVA, A NARUA TAKHAMI, TARI PATARAHUZA, UNAVATURARU IMATA, KAHIVI IMAHI IMATA NANIARINI VATITA ARIKHA PATARAHU UKHABI KEMEZA.

*Foi muito difícil para a nossa família porque nós não tínhamos roças, as vezes nós só comíamos com bananas verdes ou com patoá, plantas que serviam de alimentos, esses eram o acompanhamento da carne e do peixe, meu pai extraia da floresta sorva e látex da seringueiras, uma árvore que dá leite, esses leite que ele colhia ele trocava pelos alimentos, farinha, açúcar e outros alimentos para levar para o patrão, mas nós não sabia falar português direito, nem pesar e nem contar, com isso nosso patrão enganava meu pai.*

UKHABI PAGANIRARI KUTA AKUNA NARUHI PATARAHU KEMEZARI MADIHA KARIA HIRARI ZAMAMITHANARI SHERIARI, UKHBI MITHANARI ARIKHA TUTAPUTU UKHABI MITHANAHI ARIKHA, SHABU NAHRU PHIRARU SAPAA PHIRARU UZAZA.

*Meu pai nunca pagava a conta porque patrão enganava indígenas, os brancos nos escravizava, meu pai nunca comprava roupa para nós porque não dava, com o tempo eu fui ajudando meu pai e nós comprava mesca, na época chamado desse nome, meu irmão costurava nossas roupas e nossos vasilhames, minha mãe*



*lavava com areia, porque não tinha Bombril e nem sabão. Nossa casa era de paxiuba, palha e de varas, nossa casa não tinha paredes, só teto e alicerce. Esse foi o meu primeiro aprendizado, com meus ancestrais.*

ADIRA BUBIZA AVABUPANIZA PENI'A UKHUZAHU UVA AMUSHIDE MUTHA PUNI AKUZARI UVA, UKHADE UKABIMANI ZAMA BUPANI IPAMARU ANARU UBEZARU RUKAUNADE ABA ZEDI UNADE UNAVATUDE IZAPISHERI UZA UKHABI UKANAVATIRARI DHIKA DIKA ABA KABIBA MUZA. HUVE HUVER PHEE TUKIRARIA ANAVATURARU UVA SHEVHARU UZAZA KHIZAVA HAVA PUNI TEMERARU UNIA DATU HIZA KARIVA ARISHEHIDE ARIKHABI ARI SHEHIDE.

*Morávamos no meio da floresta Amazônica, minha primeira lembrança educacional era quando eu andava com meu pai na floresta, com ele aprendi a pescar, caçar e construir artesanato. Meu pai me ensinou a fazer pão, arco, flecha, cola, vassoura, abano, tudo que aprendi foi com meus ancestrais na aldeia. No início sofremos muito porque não tinha contato com os não indígenas.*

AHANU PAMARI INAVATUNARU IBUREI (CIMI) KARIVA TAIVUAA KUSHU UNINI HESIKA BIRIHARU UVA UNAVATURARU UHANUDE THATHA UNARUKARIVA EBENU UVA KHISAVARU UKUNEIDE UNAVATURARU IMAUNAUE UNAVATURARU IMA UNADE PARUS ZAMA BUPANIZAMUTA UNARUKHARU IVIBURA DENI EBENU TUTEHIMARI.

*Em 2002 fiz um curso promovido pelo Conselho Indigenista Missionário – CIMI, o curso chamava Pyrayawara, eu era muito tímido e não sabia nada do português, eu comecei com muita vergonha e não sabia falar nada porque tinha morado toda vida na floresta, mas com o passar do tempo eu e mais outros parentes começamos a perder a timidez, aos poucos fui perdendo a vergonha e fui aprendendo a língua portuguesa, foi aí que eu tive o primeiro contato com a língua do branco.*

### **Nihapunia akunanithe ibureia PARFOR (Trabalho e sobrevivência antes do PARFOR)**

NUKHUNIKHA NAVATUARU UDATHU UVATIKHARU PROESSORES, BAKHUNARI CIMI UHARIA AMUSHIDE HIKANI PUNIDENI MEDE HANUAHU KHARADE VAHANU PAMAHA UHARIHA NAPHUHARI NAVATUARI NAVATUARI ARU PUNUDENI NIZA NIHAPUAARU ARU TAPA PUNIARADE, CIMI, CONSELHO MISSIONARI MADIHA IHADE HIKHANADE NARUA PROPEESHO HIDE UVIBUVA MADIHA KHITARIDE ARI UKHAZAMA SHE ARI UKHAZAMA SHEHIDE UVIBUVA MADIHA NAVATUDE ARIKHA IMA SHEIHADE MANAKUNI KHA NARUA AKUHI ARU ZEPEHIRADE AHU, UNADE ARU ZAMA AMUSHINI UNAVATU PUNI.

*Percebi que na minha aldeia precisava de professores, com a chegada do CIMI foi algo maravilhoso, pois foi feita uma turma para estudar durante três anos, aí fui selecionado para fazer parte dessa turma, depois de ter passado por essa etapa o próprio CIMI, Conselho Missionário Indígena, já me deixou atuando como professor, escolhi essa profissão para ajudar meus parentes indígenas a conservar a cultura, os costumes e os valores.*

NARUA AKUNANARUHI EKHANIA ZEPEI HIRADE VAHUNADE AMHUSIDE KHIZAAHADE KHIZAAHADE SIBADE HÁ PINA MITHADE VAHA IDATHU MORADA NOVA ECOARA MUNICIPALAU MADIHADENI MAHAHI DENI PUADENI TUTIDE ENENIKHA NIHAPUNI NAVAHANI TEMEHERU HAHANARI TAMAKU HUPHATUNADE AURA NIHADE TUKHIRARIA VIHIE VAPIRARI NATTHUMENADE.

*Porém, como estava desempregado, agarrei essa oportunidade e comecei a trabalhar nas séries iniciais, na base de vinte e um anos na Aldeia Morada Nova, na Escola Municipal Indígena Marahi Deni, com a turma de primeiro ao quinto ano. No início foi muito difícil, mas graças a Deus, com o decorrer das aulas foi dando tudo certo, antes de começar o ano letivo tínhamos treinamento para podermos dar uma aula de qualidade, o treinamento acontecia na Aldeia Igarapé Bororó, o treinamento acontecia no máximo durante um mês, começava com a língua materna e depois finalizava com a Língua Portuguesa, sendo assim, facilitava mais na prática docente.*

NIHAPUNI HE, EUNARU VIHIEUKANARU PROPRUTHSO IDIARI VANAUNARI TIA WAITE SÃS CIMI IBURARI EDUCASÃU TUKHANI AI SIBADE UMITHA PHIRARU AKUNANARUHI MIHINARU PHUHARU HANUDE PHIHARU AESCOARA PHUHARU UZA KAHIDE KAHIRARIDE UVADARU UKHA UPANADI, ZUHAMA UKHADAU KARIVIR NIHAPUNI PHIRARU MEREDA PHIRARU ESCOARA AURA PUNI DANARU THATHAZA BUPANI AVA UZA PINANIHA KHARI KUSHARU PHATUHARI TUKHIRARIA PUNI ATIKHARI.

*No início não acreditei que um podia ser professor, recebi o convite pelo senhor Walter do CIMI para trabalhar na educação, mas senti muita dificuldade porque nunca tinha estudado em nenhuma escola, tinha uma casa pequena e morava com minha esposa Zuhama e meu filho Kavarivi, na época não tinha merenda, não tinha escola, as aulas eram dadas ao ar livre, debaixo das árvores e em casas desocupadas, quando chovia molhava tudo, era preciso parar as aulas e continuar em outro dia.*

SHERI'ARI UVIBUVA DENI KAIZAVAHARI IBURARI KHAKHI METARI NIZA'A DEPE TAPHARI CUKHU HENIKA BIRIHARU. VANANU 2001 KHIZAVANAHARU UKHA BUREI TUKHARU PURUPISU SHEIDETUHARI UKHA ABUNI DENI BAKHU INARU ISHEHI'ARU IBUREI TTEMEHERINAVA UVANIZA UVA DIVATANABUTENARU KARINA EBENU TATIDE UVA NATHURE UKHANADE UEBENU ZUTUDE A KARIVA EBENU IVIBURARU VAHANU SIBARI 17 TATIDE NIHAPUDE UVA NIHA PHIRARU UVA KHINAKAHA PHIRARU UKHA IBUREI TUPUNI NATHUME UKHANADE UVA UNAVATUARU PU'U PIUHARI IMA BEZADE PUA UBURARI TUKHANI AMUSHINI PURUPSI TUAHI KENEZEI'ARI PU'A SHEHIMITARI UBUVA.

*Com ajuda dos meus colegas Deni, comecei a trabalhar na docência, depois de ter feito o curso Pyrayawara. Em 2001 iniciei minha carreira profissional com ajuda dos meus colegas Deni consegui desempenhar meu trabalho, mas foi muito difícil porque eu não dominava a Língua Portuguesa, primeiro eu ensinava a língua materna depois a Língua Portuguesa. Trabalhei durante 17 anos, antes de entrar no Parfor eu não tinha noção de como ministrar minhas aulas, mas ensinava como eu sabia, como tinha aprendido, era*

*um trabalho árduo, mas eu gosto muito porque é um sonho para mim ser professor e fico muito feliz de poder ajudar meus parentes.*

ISHIKUARUA BUNITEHI PE BIHA KAAZU SIPARAI AMAHA ZAVIDA HIMEKA ABA SHAMI HAVA BANI ENANARU ASHIKUARA BUDINITEHI BUHASHA HANUHANU PHANI HANUHANU IMANI PAPEU KAHANA IRUBENI AMUSHIARU SHEHI'AARU TATIDE CIMI ARI SHEHIPUARI PAPEEU NUKHAUNI ABANURINI SHE'ARU IHIVEDENI.

*Minha alimentação escolar era cará, mamão, banana, açaí, pupunha, macaxeira, abacaba, abacaxi, patoá, carne e peixe, o CIMI doava os materiais escolares: borracha, caneta, lápis, caderno, papel, régua, foi muito bom a ajuda do CIMI, porque eles ensinavam a fé religiosa, com o apoio do CIMI eu e minha família nos mudamos para outra aldeia, a Morada Nova, com medo de doenças, mas foi melhor para gente porque os parentes cuidavam de nós.*

NIZA KARIA UVA TAKHARI NARUA NAVATUTIVEHINA KUSU PIRAYAUARA MUNECIPEO, EIRUNEPE ALDEIA MAMORI KUSO KHARADE NOVENTA DIAS UNAATUARU IMABUTE KARIVA IMARI MATEMÁTICA NIZA DIAUNARU UDATHU. EM 2001, SECRETARIA EDUCAÇÃO UVA KUTARATAUNARU NARUA UVIBURARU SERIE NIHARU NATHUME UKANARU BUDIKHA PUNIDENI VAPPIHARU SIBADE NAVATURADE KANAVATUDE NAVATUDE MEKETU SHEDE.

*Depois o KAHIVA branco me levou para fazer o curso PIRAYAUARA, no município de Eirunepé, na aldeia Mamohe, o curso durou noventa dias, lá eu aprendi História, Português, Matemática, depois eu voltei para a aldeia. Em 2001 a secretária de educação me contratou para trabalhar nas séries iniciais do ensino fundamental com uma turma multisseriada, foi muito difícil ensinar, eu não sabia planejar minhas aulas e me expressar, eu ficava muito nervoso, mas consegui.*

NANIARINI KUSHU TUKHARU KHIZAVAHARU AMUSHINIZA ARIKHA UZABAHIKAVA NIHIRARI E IMANIRARU E ARU PHAKUDE PUNI NINUKHUHA ZATI UKHANI NAPHIRARU ANAPHIRARU IMANEZEI ZUTUDE PHUHARU ZUTUDE PHUHARU NAVATU DE ARUDEIHI NANIARINI TUKHARU NIHARU TUKHARU NAVATUDE ARUDEIHI NANIARINI TUKHARU NIHARU TUKHARU VAHIMASHA SIBARU TAKHARADE NIHABUTE NIHIRARRI'ARI ANAPHIRARI NARUZA PEZA SIDADE PENI'A E TUNUKAVI HINITUHARI NARIZA ENERI TATIDE HE' ENARI EDI ARU MUNISIPU AVABUNU HAHIZARU KEKEZEIARU ARU HINANAMUTHA DATUNARI TAMAKU.

*Foram anos para poder acreditar que realmente o curso iria iniciar, pois em nosso município nunca tinha se falado em faculdade, era algo novo, porém uma realização de um sonho, o secretário nos falava dessa faculdade, mas, não acreditávamos muito, pois em nosso município é um lugar difícil e com isso pensávamos negativos. Depois de ter a confirmação de que realmente iria acontecer foi um momento muito gratificante, quase ninguém da turma acreditava e com isso a cidade inteira se manifestou devido ser a primeira turma de Pedagogia do município de Itamarati, ficamos congratulados com esse presente dado por Deus.*

TUKARUBEDE ADA TUKHANI NAVATUDE E DUCAÇÃO UHARIA EDUCAÇÃO NIHANI TUKHA TAVATI DAMUTUNA PUNI MINATI PHIRARU MEDICO NARUA UVA KUDEUHIZA KIZAUNIZA ZUPHINAHE BATUNEHE

UHARIA ZAMAKUMA UVAZA TAMANARI HASI UNARU UKHA UZA ZUPHINEHE IDIAHI NUKHU, ABANANURI UKHABI KHININEUKHAMI AMI ABI KHINAVAHA DE BUNUNI AVA, APHANI NAVATUDE ARAMEZA UVAHA SHITUNARI HIKHARI.

*A partir daí foi que conheci a educação, uma situação que jámais vou esquecer era porquê não tinha médico e quando eu ficava doente, o PAJÉ baixava uma seção para me curar, eu era referência na minha aldeia, o PAJÉ tirava o espírito. Meu pai (KUNINÉ) e minha mãe (AMI, ABI) procurava na floresta ervas medicinais para fazer remédio, ele me curava do sarampo, catapora, malária e os parentes morriam e eu ficava morrendo de medo.*

EM 2016, NIHANI KUSU PEDAGOGIA UVATIZEIARU NARUA KUDEHENADU INDÍGENA UVA MATITANARI KUSU ARIKHA KUDEHANADU IBURARI SECRETARIA EDUKASAU IMANAHI NANIZA UZAZAPUNI KANAVATUARU KUSU, TATIDE PERUDU UVAPI UKUMARU EKHEUKATHUMA AKUNANARUHI PHUHURU AKARIHA KHITUKANADE SIDADE HIKHA UKHA, AMUNEHE UKHA, AMUNEHE UKHA UPANANI EHEVE UKHA DAU UHINARI KUSU TATIDE UVAPI UKUMARU EKHE UKATHUMA NARU AKUNANARUHI PHUHARU AKARI KHI, TATIDEKHA UVAPI UKUMARU EKHE UKATHUMA NARU AKUNANARUHI PHUHARU AKARI KHI, IKANARUHI SIDADIZA HIKANA RI UKHA, AMUNEHE UKHA UPANADE EHEVE UKHADAU UHINARU UHINARU UHINANARI ANANARI UVAKHIUKANARI NARUA SIDADIZA TUVINI UKHARU ZATI KHIUKANADE NIHAPUNI MEHEKUNI.

*Em 2016 iniciei o curso de Pedagogia, fiquei muito feliz porque o coordenador indígena me matriculou no curso, nosso coordenador trabalha na secretaria de educação e me avisou, eu estava na aldeia e ele me informou do curso. No primeiro período eu fiquei muito triste porque tinha que vim para cidade e deixar minha AMUNEHE, ou seja, minha mulher, meus filhos chorando, mesmo assim eu vim para a cidade em busca de novos conhecimentos. Ao iniciar a disciplina de informática básica eu não sabia nada de como lhe dar com a situação. Eu encontrei dois kahiva que me ajudou muito, ou seja, dois colegas não índios.*

MELQUEZEDEQUE MARUZUAZI UVIMARI VAUNADE MELK MARUZUAZI VAPIHARU UVATIZEIDE AKUNANARUHI UKHA NAVATUARI UVIMARI UNI, ENANIZA'A UVA PHUHARU NIHARU NIHARU, NAVATUARI TUKHANI UVIMARI, UNI, I ENANIZA, A UVA PHUHARU NIHARU KARIVA IMARI ZAPISHE TUKHANI UVATIKHADE IMABUGTE BRASIL AKUNANARUHI VATIVATINADE, ISHIAVANIKHA DATUNADEE VAPIHARU TATIDE TUHAPUI AKUNANARUHI ENANIZA, A VIHIEKANARU USHEHIDE UVIBUA.

*O Melquezededeque e o Mário Jorge, que na minha língua eu chamo MELK, e MAHUZUAZI ajudavam. Eu me sentia muito feliz porque minha realidade e minha língua era outra e agora eu ia ter a oportunidade de aprender mais na língua portuguesa. A matéria que eu mais gostei foi a de História do Brasil, porque foi aí que pude contar minha história, durante o curso aprendi bastante com os seminários e com as atividades integradoras, foi muito proveitoso para mim porque eu agora posso ajudar meus parentes.*

UVATIZEIRU PARFOR HAHANADE KURIVI UKHA MEKETUNAMI SHADE KHARAVEHE ENANIZA, A NIHABBUTE HIKHANI KUSO AHI NARUA UKHA MEKETUSHEDE KHARAVEHE ENANIZ, ANIHABUTE HIKANI KUSU

AHI VAPIRARU UVATIZEIDE AKUNANARUHI AMUSHIDE VAPIHARU UKHA MEKETU SHEDE SARA DE AURA NIZA KUSU NAVATURI UHARIA VAPIHADE IMA KARIVA IMARI NARUA SHEHIARI, NATHUME KANADE UKHA ZAMAZA VIHIEKANADE VIHIEKANADE KARIVA IMARI SHEHIDE.

*Eu estou muito feliz com o Parfor, graças a Deus que esse curso veio para me aperfeiçoar na minha prática docente, agora quase no final do curso eu estou muito feliz porque eu melhorei muito minha prática em sala de aula. Eu depois do curso pretendo fazer uma pós-graduação em Língua Portuguesa, para me ajudar a ensinar na minha aldeia e poder comunicar com meus parentes e pretendo continuar na docência.*

UVA ENAUNARU EDENI TATIDE PAPHUKHA INAVATURARU UKHA NIHANIAMASHI'ARU MADIHA PU 'A NINUKHUHA NIHABUTE PHIRARU ARUZAMA NUKHUNI IHINI IBURARU MADIHA IBUVAKHAZAMA MAHANU NIHARI UVUHARINARI IMA TUKHAMARU MITADE TUKHARU AKUNEPERE NIHADE'A AKHUNANIHI ZAPISHERINI'A VIHIEKANARU TUKHANNI UVA UKHARU NANI UZA DE IMUTHA.

*Nessa fase da minha carreira docente eu ensinava quase sem noção, pois no decorrer de alguns anos tive algumas formações continuadas, foi aonde tive como elemento norteado, mas eu ia para aldeia e só voltava depois de alguns meses, aí eu ficava isolado sem alguém da secretaria de educação me orientando, sem apoio eu fazia o que eu podia e tinha aprendido, as vezes acabavam os materiais, aí eu usava o que meu pai me ensinou, usava os elementos da floresta.*

DANARU AKU TUKHIRARIA E UKHA PUKHA PUNI APIRADE SIBADE NUKHU IHINE NAPHUHADE NATHUME KANADE NUKHUTUHADE NATHUME KANADE NUKHUTUHADE NAVATUDE TUKHANI HIBANAMUTHA NIHARI UNI, INANI NATHUME UKANANAVA NIHARI PEKHINA KANAVATUZADE ARU VAHUNADE PUNIARIDE PEDAGOGIA.

Porém, com tudo isso, minha atuação era precária, sem muito conhecimento e sem apoio eu ensinava de acordo com que eu sabia, mas hoje percebo que era muito diferente do que eu ensinava, mas foram momentos de muitos aprendizados, que me possibilitaram estar cursando uma faculdade em Pedagogia.

**Estuda unaro, uviburaru, zamatuvini, temeherivana tuvini ukharu (Estudando, trabalhando e lutando: o percurso da minha formação)**

UKHA IMA UNARU PAPEU TUKHAHARU PAPHEU TUKHARU UA AMUSHIARU SHIANI SHIVHANI TUKHA ANI ANARU AKARIHA OS ABANVA TUKHARI KHITUKANARI NUKAU UVA UNARU UNAVATU TIVEHINA NARU A PAFU A UVA A UKHA IBUREI ENANI THUKHI TUVI NARUZA TUVAMISHI TUVI TUVI TUKHA DE SIBARU HÁ' U THUKHAHARU INAVATUIVEHINA NARUA TAKITUVI NARU A UKHA MADI HADENI NAVEARI AKUNANIZAH IHANUTIVEHINA HI INATUDE TUKHANI PEZA IVIBURARITUVI NARUA PENAITUVI KHAHONARU KHANUDE HANUNI AKHARIHA UVAZA IMANADE UKHANAHA IMAEDENI A TUNUKHU IHINI NUKUIHINE VAHIRARU NAVATURARI NATTHUME KHANADE TI'A TIPUVESHE TIKHA IBUREI TI'A ARADE TIA TIKHANA VATUDE UVARADE ISHICOARAZA.

*Com o Parfor fui me aperfeiçoando cada vez mais, de acordo com que os módulos iam acontecendo, eu ia aprendendo e com o Parfor minha atuação mudou para melhor, foram várias descobertas de aprendizagem para levar para meu povo Deni. Porém, quanto mais estudávamos, aprendíamos mais ainda, com isso veio o estágio e foi no estágio que me entendi enquanto professor, pois conheci de perto uma instituição de ensino e seu corpo e sua maneira de ensino, pois minha atuação é somente no multisseriado. Segundo Vygotsky, o desenvolvimento cognitivo do aluno se dá por meio de relações sociais, ou seja de sua interação com outros indivíduos.*

NIHARU HANUDE IBANAMUTHA TATIDE UHARI' ARUNANIZA TEMEHE IBUREI IMADENI TUVI' ARI KHUSU ENANI UKHA IBUREI ENANI NARU NATHUME UNANADE TUKHARU SIBARU NUKHUVIHINE ATIKHARI ADASIBASIBA TUKHARU KUSHU HIRARINAA HAVINI IMITHARU TUKHANI EBENAVA SHIDE.

*Portanto, no estágio presenciei a turma de uma só série, com isso, facilita o trabalho do docente, porém, o curso mudou minha maneira de atuação em sala de aula, pois foram muitos conhecimentos adquiridos durante o decorrer do curso, sendo uma performance mais intelectual.*

UKHIZIMADE PAPHU KHAHUNARU AKUNANIHI SHIVAHADE A TUKHANI ENANIZA'A A MUSHINIZA NIHARU MEPETUSHETUVI NIHANI AMUTUVI NANRUA A TI' AZUPIKATUVI EPEZA KHITUKANAPUARI, NEINARARU IMAKERADE IMAEDENI.

*Entretanto, o Parfor veio como uma luz, clareando mais os conhecimentos que eu já tinha na prática, somando com a teoria, com isso os conhecimentos e aperfeiçoamento se entrelaçam com a docência.*

VAPI, IHADE SALA AURA AMUSHIDE MADIHA TUKHIRARIA E HIKHA TUPUNI, HE, E NAVATUDE INUKHUIHINI ZAMA NARUA TIMANARI UHARIA PUKHAZAMA NUKHUIHINE NANI KHAKHAHUNADE NARUA MADIHA, DENI NARUA UKHA UVUBUVA AKIZEDE TUKHANI NIHANATU ZAMA PUNIMA AMUSHIDE.

*Esses períodos de curso foram só de descobertas e de aprendizados para podemos usar em sala de aula e na vida pessoal, com tudo isso vou poder deixar meu povo bem informado dos conhecimentos de mundo.*

VIHIE AHI PEKHINA NANIARANI UAMUSHIDE MADIHA PHUHARU UVAMUSHIDE DENI NARUA UKHA UVIBUVA TUKHANI NIHANARU ZAMAVA, ADE 21 VAHANU KHARAVEHE IBURARI EDUCAAO NATHUME U KANARI IVIMARI, MADIHA PHURARU UVA AMUSHIDE MESARI.

*Porém foram uma bagagem de conhecimentos que irei transmitir para meu povo Deni e para minha família e vou poder interagir, mas ainda com o mundo social, para tanto, veio em um momento certo da minha vida pessoal, pois já tenho 53 anos de vida, 21 anos de docente trabalhando com a educação, ensinando língua materna e língua do branco.*

KATHUMADE AKARIHA KHATU MADE THATHAZA TUKHANI KUSU VAPHIHADE SIBADE UNUKHU IHINI NAVATUDE TAPHABUTE TUKHANI PHUHARU MEKETUSHADE UKHA MÉTODO TUKHANI UNAVATUARU UKHANA VATUTEHINA UNAVATUDE HUPATU NAVI KUSU TUKHANI KAVARIZADE IHANUDE KHIUKANANI UMITHANI PROETHSHO TUVIHI UATIPAHIA UHARIA NAVATUDE NATHUUMEKA NADE NAVATUDE.

*Percebo que hoje atuo de maneira mais eficaz, pois durante o curso adquiri muito conhecimento que me fizeram aperfeiçoar mais ainda na prática, meus métodos são mais fáceis de ensino e aprendizagem, pois, no decorrer do curso, durante os seminários e nos estágios consegui entender a função do professor e de cada membro de uma instituição de ensino e aprendizagem.*

#### **A madukuramarini covid-19 (A pandemia covid-19)**

MADUKUMARINI COVIDI 19 KUDETUHARU VIDENIMASHARU BANI ADAVA TUKAVIHINI GEOGRÁFICA DANARU VADIZANARU MADIHADENI ADAVA TAKHAMITARI PUNIRIDE TUKAZUVANNIKHA EZANIHANI VIHIE PUNI PUTAHARU MADUKUMAHINI HIKANI VAHANU 2019, AKHARIHA TAKHARI 500 MILZE USHIAVANI ZUTUDE AVA, APHANI PUNI NEHIRARU UNINI COVIDI 19 O PUNIMUTHA IMEZIMERIDE VIHIE ARIKHA MUNICIPI TUTA BITEARU VATINITUVI NIHITUVI VIHIE TUKHIRARIA IVINI VAPIHARI IVIBUVA DENI KUDE TUHARU VAPIURARU IZAMARIZA MUNICIPIO.

*A pandemia de COVID-19 é causada por vírus de animais e que se alastra rapidamente pela expansão geográfica e pode contaminar milhares de pessoas rapidamente e levar a óbito. Ultimamente estamos vivendo um período de grande pandemia que surgiu no final do ano de 2019 e que já levou mais de 500 mil vidas a óbito, segundo a medicina ela surgiu na China e tem por nome covid-19. O poder executivo de nosso município tomou a decisão de realizar um decreto e isolou todos os habitantes de nosso município.*

Nosso povo da aldeia Deni ficou durante muito tempo nas aldeias e não recebíamos ninguém, pois não queríamos colocar nosso povo em risco, pois se alguém fosse contaminado corríamos o risco de perder nosso povo e nossa língua seria escassa, sumiria do mapa. A FUNAI e o CIMI em parceria com OMS, depois de terem descobertos as vacinas, enviaram um helicóptero para nos vacinarmos, foi um renascimento graças a Deus (*trecho sem escrita em Deni*).

TEMEHERADE HIKANIKHA TUTAPHIZEARI NAVATUZA VAPIHARU NIHARU ZEPEHIRADE DIVAUTUVI IBUREI 2021 NIHAPUARA UVIBUVA DENI TUKHIRARIA DENI ARU THATHAZA TUTA PHIZEDE ANADEI TUKHANI, PHIRARU TUKHANI ARU NIHADE AKUNANAHUHI ENENI KHARADE IBUREI VATINIRARI.

*Não foi fácil nos últimos meses, pois passamos fome sem sexta básica. Não poderíamos vim na cidade e nem os brancos poderiam ir na aldeia vender, fiquei desempregado e só voltei a trabalhar em 2021, resumindo, fiquei desempregados muito tempo, com isso passamos fome eu e minha família e todo povo Deni, dessa maneira passamos necessidades, mas vencemos.*

TUKHANI APANHI KHATUHARI EHEVE MUTAPIRARU ZUMEZAMANI AMHUSHIDE NUKHUTIHA EHEVE KA APANI PRUPRETISHO PIRARU COVIDI 19 AVIA PINA ADATHU NARUA, VA, ATUNADE NINUKHUHA UNI, ITHATHAZA IBUDIHINI, UVI BUVA DENI PAMADE E SIBADE, TAMI TAMI TUKHANI.

*Durante esse período tive que usar novos meios de trabalho, pois, não contava mais com o salário de professor, a covid-19 fez parar as aulas presenciais e nas aldeias também parou, aí tive que me submeter a outra maneira de viver e alimentar minha família, mas aos poucos fui me adaptando com as mudanças.*

NARUA DEI ZATIHANUARI TUKHANI MADUKUMANI ENENI CELULAR ARIKHA ITUVIDE UNI, I ZAMAIADESHEHADE UNI, I ZAMA TUHADE AKHARIHA COID 19 KHAKHA HUNAHU UNAVATUNI, SIBARU E VATINARI UHARIA ABUNI AZANIHARI, KUTANI SHEHIDE ARIDENI PAMADE IVIBUVA KAHIVA ZAMANAVATUARI, HIDEIHIA NARUA IHANUARU ARIPAPIHADE SHEHIDE SIBARU, HIDEIHIA NARUAN IHANUARU ARIPAPIHADE SHEHIDE, ZAMAHINI IBUREI ABUNI UZA PUNIKHA IMAVAT, INARU.

*Foi algo novo estudar durante a pandemia por meio de celular, nosso costume é outro, mas tive que me adaptar com as mudanças que a covid-19 trouxe, aprendi muito e com isso descobrir que alguns colegas estavam dispostos a me ajudar. Nós indígenas e dois parentes brancos organizamos um grupo para estudar, as coordenações nos ajudaram bastante.*

NARUA VATI, NARU KUTANI KUSU E NARU NAVATUDE ARIKHA MEHEKUNI EDENIKHA KUSU NAPHIRARU IMAINARU NIZA IVIMARI NAVATURADE NARUA MIHARU INAVATUNI VAPIHARU ENANARU HIDETUKHIRADE INUKHU IHINI. NARUA HIBANANUTHA IBUREI MEKETUSHEDE NATHUME UKANARU TUTABURU, NIHAMITADE EDENIKHA NARUA AMUSHIDE NATHUME KANADE UVIBUVA DENI ARU THATHAZA MITHADE; UKHA MEKETUSHADE PE' ENITUHADE ARU VIHIE TUVAMUSHIDE VADA VADA HIBANAMUTHA UVATI PAHIA TUKHANI ZAMAKATHU MARI.

*Em um local de trabalho de um colega e na residência dele, nos reuníamos para discutir as apostilas do curso e assim realizamos nossas atividades educacionais do curso, se não fosse ele, não faríamos, pois, a língua portuguesa é difícil, porém estamos aprendendo muito e assim somando conhecimentos.*

### **Nanibakhu Utuvi (Considerações Finais)**

Considero fundamental a importância dos vários aspectos que circundam e compõe um trabalho acadêmico, pois são vários fatores que contribuíram para que eu pudesse concluí-lo, para tanto, o contato direto com a educação é imprescindível, principalmente quando se trata de um memorial.

São vários elementos que fizeram parte do trabalho acadêmico, foram várias as fases que passei durante vários aspectos dos estudos, são questões que pertencem ao mundo exterior e interior, muitos são subjetivos, mas outros aspectos não, para tanto foram uma bagagem de conhecimentos que circularam durante o processo de ensino e aprendizagem (essa seção não teve a escrita deni).



## POSFÁCIO

Francisco Cosmo da Silva Domingos<sup>1</sup>

### **Nota sobre os alunos da primeira turma de Pedagogia de Itamarati**

Convivo com os alunos da primeira turma de Pedagogia de Itamarati, desde os seus anos iniciais na educação básica. Fui professor da maioria deles do 6º ano ao Ensino Médio fui, os acompanho durante esta longa caminhada até se tornarem acadêmicos da UEA, curso que foi oferecido para eles porque já eram professores e a maioria atuava na zona rural do município.

Acompanhei suas trajetórias de vida enquanto alunos, cidadãos e como professores leigos na zona rural do município. Em alguns casos, fui parceiro e incentivador para que alguns conseguissem ingressar na carreira docente, vendo de perto tudo que passaram de dificuldades para exercer suas atividades enquanto professores de turmas multisseriadas nas comunidades rurais do município.

Eu os instruí a continuar atuando na zona rural, pois era a oportunidade que eles teriam para conseguir ingressar no curso de Pedagogia, já havia um tempo que se falava que os chamados “professores leigos” teriam a oportunidade de fazerem um curso superior no próprio município, como aconteceu de fato, e as oportunidades de permanecerem em seus empregos seriam bem maiores, como também aconteceu, pois mais de 80% desses professores hoje continuam exercendo a docentes em Itamarati.

Incentivei muitos deles para que fossem persistentes quando em algum momento, quiseram desistir de trabalhar na zona rural e conciliar o trabalho com os estudos, pois não sobrava tempo para diversão ou férias, mas eu sempre mostrava para eles que era uma oportunidade que talvez fosse única em nossa cidade, e principalmente, única na vida profissional deles.

Acompanhei desde o primeiro dia em que ingressaram como estudantes no curso, vi as lutas que travaram para poder conciliar o trabalho como professores na zona rural, com as aulas e atividades que tinham como alunos da UEA. Foi uma batalha muito grande, até desgastante para a maioria, muitos deixando a família na sede do município para enfrentar as adversidades nas comunidades rurais. E nas suas “férias”,

---

<sup>1</sup> O professor Francisco Cosmo da Silva Domingos é licenciado em História pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Atualmente é Gerente Acadêmico do Centro de Educação Tecnológica do Amazonas (CETAM) em Itamarati e professor no ensino médio na Secretaria de Estado de Educação e Desporto do Amazonas (SEDUC-AM).

se empenhavam em suas atividades acadêmicas, na maioria das vezes, sem apoio nenhum.

Fiz o que pude para ajudá-los em suas atividades acadêmicas, me colocando à disposição deles, sempre que possível, para auxiliá-los com as pesquisas na internet, com digitação de trabalhos, e principalmente, em impressões de textos e trabalhos, de forma incansável. Em alguns momentos fiquei aborrecido com eles, mas via as dificuldades econômica da maioria que não tinham condições de pagar por impressões, e acabava por colocar o CETAM a disposição dos mesmos. Digo o CETAM porque foi nas dependências dele que os alunos estudaram, mas quem contribuía para impressão de suas atividades e pesquisas sempre fui eu, que durante esses anos de estudo forneci a tinta e o papel para realizarem as impressões. Algumas vezes recebi ajuda de alguns colaboradores na doação de papel ofício, foram várias resmas durante o período de atividades do curso, e isso tudo foi muito importante para que eles se tornassem professores graduados.

Alguns ficaram no meio do caminho, foram poucos, mas não foi por falta de estímulo dos próprios colegas e dos professores. Eu mesmo incentivei muitos a não desistirem, principalmente quando eles eram afetados no âmbito econômico, social e familiar, fato que ocorreu inúmeras vezes nesses 4 a 5 anos de curso.

Vi o crescimento intelectual e moral de todos eles no dia-a-dia. Vi suas dificuldades e o que faziam para superá-las. Foram anos de sacrifícios, de muitas noites sem dormir ou de dormir pensando em suas atividades escolares. Como donos ou donas de casa, dormiam pensando no que deveriam fazer para resolver essas dificuldades. Muitos se separaram dos seus cônjuges, mas venceram todas as adversidades que surgiram no meio do caminho. Foram verdadeiros guerreiros, heróis de suas próprias adversidades, mas, o mais importante é que concluíram com êxito. Me deram muito trabalho, mas foi gratificante esses quase 5 anos de convivência com todos eles e também os seus professores. Parabêniso a todos por terem conseguido chegar ao final do curso e se formar, com destaque os nossos irmãos, os parentes indígenas, que também concluíram com êxito, superando ainda mais dificuldades e barreiras.

## **SOBRE OS AUTORES**

**Antônia Rosane Viana de Paula** - Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como professora na Secretaria de Educação do município de Itamarati-AM.

**Antônio Carlos da Silva dos Santos** - Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Especialista em Educação Infantil e Anos Iniciais pela UNIASSELVI. Atua como professor na Secretaria de Educação do município de Itamarati-AM.

**Antônio Francisco de Oliveira do Nascimento** - Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como supervisor escolar na Secretaria de Educação do município de Itamarati-AM.

**Antônio Raimundo Melo dos Santos** - Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como professor na Secretaria de Educação do município de Itamarati-AM.

**Antônio Rosalino Barros** - Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Especialista em Educação Infantil e Anos Iniciais pela Uniasselvi. Atua como professor do ensino básico.

**Antônio Valdinei Mendes de Almeida** - Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA.

**Apunuene Jane Conceição de Freitas** - Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como professor na Secretaria de Educação do município de Itamarati-AM.

**Bahavi Hava Deni** - Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como professor indígena na Secretaria de Educação do município de Itamarati-AM.

**Cleidiane da Silva Costa** - Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como professora na Secretaria de Educação do município de Itamarati-AM.

**Elcirley da Silva Martins** - Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como professor na Secretaria de Educação do município de Itamarati-AM.

**Elisberto Lima de Araújo** - Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como professor na Secretaria de Educação do município de Itamarati-AM.

**Erenilda Xavier da Silva** - Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como professora do ensino básico em Itamarati-AM.

**Fernanda Pinto de Aragão Quintino** - Licenciada e Bacharel em História pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, Licenciada em Pedagogia pela UniBr. Possui Especialização em Ensino de História do Brasil e da Paraíba (FIP), Especialização em Educação para os Direitos Humanos (UFPB), Especialização em Educação para as Relações Étnico-raciais (UFCG), Especialização em Gestão Educacional: Direção,

Coordenação e Supervisão (IBF-PÓS), Mestrado em Desenvolvimento Regional pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Atua como formadora de professores pela Secretaria de Estado de Educação e Desporto do Amazonas (SEDUC-AM).

**Frank da Silva Albuquerque** - Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como apoio de gestão escolar na Secretaria de Educação do município de Itamarati-AM.

**Ivanete Silva da Silva** - Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como professora na Secretaria de Educação do município de Itamarati-AM.

**Jeamerson Bernardino de Araújo** - Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como professor na Secretaria de Educação do município de Itamarati-AM.

**Jhennifer Viana Siqueira** - Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como professora na Secretaria de Educação do município de Itamarati-AM.

**José Evandro Alves da Silva** - Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como professor do ensino básico.

**José Marcos da Silva Sales** - Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como professor na Secretaria de Educação do município de Itamarati-AM.

**Jozimar Alves da Silva** - Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como professor na Secretaria de Educação do município de Itamarati-AM.

**Leciene Mota Vidal Rodrigues** - Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como professora na Secretaria de Educação do município de Itamarati-AM.

**Leonardo Pereira de Melo** - Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como professor na Secretaria de Educação do município de Itamarati-AM.

**Machione Lopes da Silva** - Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como professor na Secretaria de Educação do município de Itamarati-AM.

**Mahiza Kuniva Deni** - Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como professor indígena na Secretaria de Educação do município de Itamarati-AM.

**Marcelo Alves Ferreira** - Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como professor na Secretaria de Educação do município de Itamarati-AM.

**Maria Antônia Lima Barroso** - Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como professora na Secretaria de Educação do município de Itamarati-AM.

**Maria Antônia da Silva de Castro** - Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como professora na Secretaria de Educação do município de Itamarati-AM.

**Maria da Conceição da Silva Oliveira** - Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como professora na Secretaria de Educação do município de Itamarati-AM.

**Maria das Dores Lima de Brito** - Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como apoio pedagógico na Secretaria de Educação do município de Itamarati-AM.

**Maria do Perpétuo Socorro de Lima Maia** - Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como professora na Secretaria de Educação do município de Itamarati-AM.

**Maria Ozenilda Farias Monteiro** - Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como gestora na Secretaria de Educação do município de Itamarati-AM.

**Mário Jorge Lima da Silva** - Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como coordenador escolar indígena na Secretaria de Educação do município de Itamarati-AM.

**Melquezedeuque Lima da Silva** - Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como professor na Secretaria de Educação do município de Itamarati-AM.

**Moisés Gomes de Souza** - Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como professor na Secretaria de Educação do município de Itamarati-AM.

**Onilda da Silva e Silva** - Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como professora na Secretaria de Educação do município de Itamarati-AM.

**Quézia Belarmina da Silva** - Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como professora na Secretaria de Educação do município de Itamarati-AM.

**Radifran Ferreira Lima** - Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como professor na Secretaria de Educação do município de Itamarati-AM.

**Raimunda Nonata Alves da Silva** - Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como professora na Secretaria de Educação do município de Itamarati-AM.

**Raimundo Nildo Dias do Nascimento** - Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como professor na Secretaria de Educação do município de Itamarati-AM.

**Rosilene de Aguiar Lima** - Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como professora no município de Itamarati-AM.

**Ton Antônio Alexandre Kanamari** - Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como professor indígena na Secretaria de Educação do município de Itamarati-AM.

**Valneri Lima de São Bento** - Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como professor na Secretaria de Educação do município de Itamarati-AM.

**Vamuna Minu Deni** - Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Atua como professor indígena na Secretaria de Educação do município de Itamarati-AM.

## **SOBRE AS ORGANIZADORAS**

**Fernanda Pinto de Aragão Quintino** - Licenciada e bacharel em História (UFCG) e licenciada em Pedagogia (UniBr). É especialista em História do Brasil e da Paraíba (FIP-PB), em Educação para as relações étnico-raciais (UFCG), em Educação em Direitos Humanos (UFPB) e em Gestão Educacional: Direção, Coordenação e Supervisão (IBF-PÓS), sendo também mestre em Desenvolvimento Regional (UEPB) e doutoranda em Educação (UFAM). Integra o grupo de pesquisa *Gênero, Trabalho e Educação*, que funciona na UFAM. É parecerista em diversos periódicos nacionais e tem concentrado as suas pesquisas e publicações nas seguintes temáticas: Políticas Públicas de Formação de Professores, Educação do Campo, História da Educação no Amazonas e Memórias Docentes. É servidora da Secretaria de Estado de Educação e Desporto do Amazonas (SEDUC/AM), atuando na formação de professores, também como professora colaboradora da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

**Arminda Rachel Botelho Mourão** - cursou o mestrado em Educação pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e doutorado em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Atualmente é professora Titular da Universidade Federal do Amazonas. Tem experiência na área de Educação e Trabalho, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação do Campo, Políticas Educacionais Referentes ao Ensino Superior, Ensino Técnico e Tecnológico. Coordenou o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas. Exerceu a função de Pró-Reitora de Assuntos Comunitários. Foi diretora da Faculdade de Educação (2006 a 2014). Foi Presidente da Associação de Professores do Estado do Amazonas e da Associação dos Servidores da Universidade do Amazonas. Coordenou o Programa de Pós-Graduação em Educação/FACED/UFAM nos períodos de 2005-2007 e 2014 a 2018. É líder do grupo de pesquisa *Gênero, Trabalho e Educação*, que funciona na UFAM.





Esse livro retrata as memórias educacionais de 42 professores da rede básica da educação pública do município de Itamarati, município do interior do Amazonas. Os autores fazem parte da primeira turma do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da cidade, que foi realizado pela Universidade do Estado do Amazonas- UEA, através do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR, entre os anos de 2016 e 2021. A vida no interior do Amazonas, seja em comunidades ribeirinhas, comunidades indígenas ou em pequenos municípios, é repleta de desafios estruturais, econômicos e sociais. O desejo de aprender a ler e escrever, de frequentar uma escola e de terminar o ensino básico (aspiração da maioria dos pais que deposita na educação formal o sonho da melhoria de vida), se mistura com a frustração da falta de escolas e professores nas comunidades mais afastadas da sede do município.

A merenda que muitas vezes é a única refeição do dia para os alunos, não chega em todas as escolas, que por sua vez, tem a estrutura precária. Soma-se a isso a formação dos professores que é pouca ou inexistente, e mesmo assim, eles não desistiram de tentar, de buscar a educação onde e como podiam. Essas crianças cresceram e se tornaram professores das zonas rurais do município, mesmo sem formação superior. Contudo, na primeira chance que tiveram, contrariando todas as estatísticas e discursos depreciativos que sofreram, se matricularam no curso superior e se formaram em serviço, trabalhando e estudando, mesmo ficando meses sem salário, no período em que o contrato não era renovado (caía), eles não desistiram. As experiências do trabalho docente, as dificuldades, os desafios, bem como as situações inusitadas que esses professores viveram (e ainda vivem) são aqui retratadas de forma simples e direta, nunca esquecendo o quanto as articulações políticas determinam os rumos do emprego público no Amazonas, principalmente para os professores que não são funcionários públicos efetivos. Escrito por professores que realizaram a formação inicial já no exercício do trabalho docente, este livro é uma viagem ao mundo amazônico, a infância ribeirinha, as lembranças escolares amazonenses, e, principalmente, as memórias da formação universitária de professores que foram atravessados por uma pandemia e concluíram o curso- que iniciou de forma presencial-, virtualmente, em 2021, devido aos impedimentos relativos aos cuidados com a saúde pública no estado.

ISBN 978-655376044-8



9

786553

760448

